A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3683 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 1 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Boa, 71 | Preço, 5 centavos

OS REIS DA BELGICA

Chegaram hoje no couraçado brazileiro «S. Paulo» Suas Magestades os Reis da Belgica.

Bemvindos sejam tão illustres hospedes.

Portugal honra-se e orgulha-se de receber no seu territorio quem tão brilhantes provas deu de coragem civica, valentia pessoal, abnegação e desinteresse, salvando a Europa occidental do fero jugo alemão.

E' historia de hoje, vivida por todos nós n'uma anciedade mortal.

Pareceria ainda um mau sonho se não fossem as fundas perturbações que esse atroz episodio da Historia marcou na vida de todos os Estados n'elle envolvidos e que infelizmente perdurarão por muito tempo ainda.

Na memoria de todos estão por certo aquelles sobresaltados dias de julho e principios de agosto de 1914 em que as más noticias desabavam, umas apoz outras, sobre a Europa consternada, trazendo-lhe a doloroza certeza de que o temeroso conflito era inevitavel. Já se moviam na Alemanha espessas massas de homens de ferro em direcção á França e a muitos restava ainda a esperança de que esta as deteria defronte das suas linhas de fortificação.

Mas eis que ao brado impudente do chanceler alemão de que os tratados são miseros farrapos de papel, aquelas massas, em vez de se dirigirem para a fronteira da França, onde sabiam que lhes seria oposta uma resistencia energica, tomaram o caminho da Belgica, pequeno paiz cuja neutralisação havia sido assegurada pelo tratado de 1839, assinado pelas grandes potencias europeias entre as quais figuravam a Prussia, que assim faltava cinicamente á fé jurada.

Perante tão monstruoso impudor que excitou a indignação de todo o mundo, a perda da França parecia certa, pois que, confiada no respeito dos compromissos internacionais solenemente jurados, decurara a defeza d'aquele lado do seu territorio.

Foi então que o mundo assistiu maravilhado á mais nobre atitude que podia assumir um povo, sacrificando-se inteiramente pela causa da justiça e do direito.

A Belgica, paiz minusculo no tamanho, mas grande, enorme, na alma, na fé patriotica e no culto da honra, levantou-se, como um só homem, a opôr uma barreira, fraca mas corajosa, ao avanço temeroso do colosso germanico. Perder-se-ha tudo, mas salvar-se-ha a honra, exclamaram todos em uisono com o seu valoroso Rei, que logo desembainhou a espada para se colocar á frente do seu pequeno, mas denodado exercito, certo de que atraz de si deixava um só partido — o da Patria.

E foi isso que salvou a França que salvou a Europa ocidental do jugo alemão. Essa fragil barreira deu tempo a que o exercito francez executasse uma conversão de frente para se opôr ao invasor e a que desembarcasse o exercito inglez.

Podia a Belgica ter limitado a sua acção a um simples protesto platonico contra a violação do tratado que lhe garantia a neutralisação, por demais justificado pela evidente e enorme desproporção de forças para se opôr ao invasor. Não o entendeu, porém, assim e honra lhe seja. Preferiu ao comodismo da passividade, desculpavel pela sua fraqueza, a acção energica e decidida, em defeza da sua honra, embora com sacrificio da propria existencia.

E o Rei Alberto não hesitou um momento sequer, apezar de muito bem saber que arriscava a corôa no perigoso lance.

Seguiu-se para esse heroico representante do povo belga um doloroso e aspero calvario de quatro anos, durante os quais nem umasó vez desfaleceu o seu animo valoroso, experimentado por todas as desditas e agruras, com o territorio do seu paiz reduzido a uma nesga de alguns quilometros.

Em toda a parte aparecia animando os seus soldados com a sua nunca desmentida coragem moral e fé inabalavel na victoria final.

A seu lado erguia-se a figura tranquila e bondosa de sua esposa, a excelsa rainha Isabel da Belgica, alemã de nascimento, neta do nosso infante D. Miguel e belga pelo coração. Os transes aflitivos por que passou essa ilustre senhora podem avalial-os todas as mulheres, todas as mães.

Dedicou-se de alma e coração ao tratamento dos feridos. A sua presença dos hospitais de sangue representava para os pobres mutilados um alivio dos seus sofrimentos, tão grande era o carinho com que a egregia senhora os tratava, tão direitas ao coração iam as sua palavras de consolação e promessa de melhores dias. E nunca nem um só momento, descançou a ilustre Rainha na sua cruzada de dedicação, abnegação e caridade.

Tais são os hospedes que hoje tivemos a dita de receber.

O que ahi fica, a larguissimos traços é bastante para justificar o orgulho e o desvanecimento do povo portuguez por tão honrosa visita.

Exemplos como os que deram o povo belga e os seus Reis são dos que ficam na Historia como um padrão glorioso do elevado culto da Honra colectiva.

Bemvindos a terras de Portugal o Rei soldado e sua excelsa Esposa.

A chegada dos Reis a Lisboa

Estava anunciado que o couraçado «S. Paulo» devia entrar no Tejo ás 8,30, mas só pelas 10,15 se ouviram as salvas de ordenança dadas pela torre de Belem. Era o magestoso barco de guerra brazileiro que avançava rio acima, em direcção ao Terreiro do Paço.

Logo de manhã cedo, a cidade começou a animar-se, vendo-se todos os edificios do Estado embandeirados, o mesmo sucedendo em inumeras casas particulares, algumas das quaes ostentavam colgaduras e bandeiras de varias nacionalidades pendentes das janelas.

A maioria do povo convergia para o Terreiro do Paço, onde a esse tempo já a policia, sob as ordens dos capitães srs. Rodrigues, comissario adjunto, e Tribolet comissario da divisão, se via em embaraços para conter a multidão.

Em frente ao Caes das Colunas erguia-se o elegante pavilhão que serviu quando do estada em Lisboa do sr. dr. Epitacio Pessoa, então presidente eleito do Brazil. O pavilhão, que sofreu modificações com as cores da gloriosa Belgica e pavilhões da mesma nação, estava artisticamente decorado com plantas de estufa e enorme profusão de exquisitos e lindos crysantemos.

Uma grande «carpete» cobria o sobrado, do qual deslisava para as escadarias, atravessando a rua até ao Caes do desembarque uma larga passadeira de veludo «grenat» assente sobre areia vermelha espalhada em profusão.

Rodeando a tribuna, viam-se mastros com bandeiras de varias nações que punham uma nota festiva no vasto Terreiro do Paço.

A primeira pessoa a chegar foi o sr. ministro da justiça, seguindo-se-lhe os srs. Antonio Mantas, Constancio de Oliveira, general Correia Barreto, inumeros senadores e deputados, tenente coronel sr. Mario de Campos, dr. José de Abreu, vereação da Camara Municipal, cujo estandarte era empunhado pelo sr. Carlos Simões Torres, comandante da guarda republicana general sr. Pedroso de Lima, com os seus ajudantes, generaes srs. Norton de Matos e Bernardo Faria, director do Colegio Militar; governador Civil com o seu secretario; general sr. Gomes da Costa, que apresentava o peito cheio de condecorações; oficialidade das guardas republicana e fiscal, comissario geral da policia e demais oficialidade da corporação, dr. Reis Junior, director da policia de investigação, e chefes das 4 secções; major Marreiros, director da policia de segurança do Estado com o seu ajudante sr. Vargilio Pinhão delegações das varias secções dos bombeiros voluntarios, e da Cruz Vermelha com o capitão sr. Dornelas, generaes srs. Garcia Rosa, do, Prestes Salgueiro, dr. Lambertini Pinto, nosso ministro em Berlim; coronel sr. Aguas, etc., etc.

O cardeal patriarca, que se fazia acompanhar do sr. Arcebispo de Mytelene e do seu secretario, chegou ao Terreiro do Paço em automovel, tendo depois aguardar para a tribuna a chegada do Rei soldado, sendo n'essa ocasião rodeado pelo sr. presidente do ministerio e membros do governo que ao tempo se encontravam já no local. Tambem compareceu o almirante sr. Canto e Castro, ex-presidente da republica, tendo chegado pelas 11,20 o sr. ministro da guerra que viera a pé, do seu ministerio, acompanhado do general sr. Tamagnini d'Abreu e d'outros oficiaes generaes directores geraes das varias repartições e de um luzido estado maior. O sr. ministro da marinha veiu a pé da sua secretaria, acompanhado de alguns almirantes e oficiaes superiores da armada.

A esse tempo já a força da marinha do comando do 1.º tenente sr. Fortée Rebelo, com banda e bandeira, se havia postado á direita da tribuna. A' esquerda formavam os mutilados da guerra, tendo á sua frente o capitão de infantaria sr. Reis Ferreira, e uma força do batalhão de sapadores de Caminho de Ferro, com banda e bandeira, ostentando todas as praças a «fourragése» da Torre Espada.

Pelos escadarias do Caes das Colunas abrindo alas formavam os alunos da Escola Naval sob o comando de um 1.º tenente, as deputações das Cruzes Vermelha e Branca, estudantes das escolas superiores, de capa e batina, e um grupo de escoteiros. Estas forças, á chegada dos ministros fizeram a continencia do estilo, tendo as bandas executado a hino da «Maria da Fonte».

A colonia belga estava tambem largamente representada não só por gentis e formosissimas senhoras, como ainda por bastantes subditos de Alberto I, os quaes na sua maioria envergavam as fardas de simples soldados e em cujos peitos reluziam as cruzes de guerra.

O desembarque dos soberanos

Na praça do Comercio tudo estava a postos para receber o rei heroe, sua esposa a Rainha Isabel, e seu filho o principe Leopoldo, duque de Brabante.

O chefe Aleixo, da esquadra da Camara, com o seu pessoal e algumas praças de cavalaria da G. N. R. procura arrumar a multidão que se junta nas muralhas da praça.

A's 10.30 o «S. Paulo», embandeirado em arco surge do lado de lá do Tejo, junto de Cacilhas. Os barcos a vapor surtos no Tejo fazem soar largo tempo as suas sereias, ostentando nos mastros os signaes de «bem vindos», emquanto os navios de guerra salvam com 21 tiros, embandeirando em arco, e a marinhagem nas vergas dá os «hurrahs» do estylo.

O «S. Paulo», escoltado pelos «destroyers» «Douro» e «Guadiana», vagarosamente vae subindo o rio, rodeado de um som numero de pequenas embarcações embandeiradas, entre as quaes se vêem bastantes guigas dos Clubs Sportivos, fundeando por fim em frente ao Caes das Colunas.

Do Arsenal da marinha saem então ao encontro do barco de guerra brazileira duas vedetas, conduzindo o sr. Mello Barreto, ministro dos estrangeiros; os ministros da Belgica; o encarregado dos negocios do Brazil sr. dr. Belford Ramos, dr. Costa Cabral, chefe do protocolo do ministerio dos estrangeiros, o capitão de mar e guerra sr. Adriano Teixeira Sarmento Saavedra, e coronel sr. Fernado Augusto Freiria, oficiaes postos ás ordens do soberano da Belgica.

Os cumprimentos não foram demorados, pois que ás 11,45 o «S. Paulo» salvava com 211 tiros. Eram os soberanos Belgas que com o principe herdeiro, membros da cometiva e demais entidades que tenham ido a bordo, cumprimental-os abancaram vara o vaso de guerra e se dirigem para o Caes das Colunas. As duas vedetas singraram rapidamente o Tejo, rodeadas de embarcações, todas embandeiradas.

Cinco minutos depois chegava á Praça do Comercio o sr. Presidente da Republica, que se fazia acompanhar de sua esposa.

O cortejo presidencial era organisado pela seguinte forma: guarda avançada constituida por um esquadrão da G. N. R., carruagem á «Daumont» em que tomam logar o capitão tenente sr. Carvalho Crato e coronel sr. Mardel Ferreira, oficiaes postos ás ordens do chefe do Estado e dr. João Rocha, secretario particular do sr. dr.Antonio José de Almeida.

Na segunda carruagem tambem á «Daumont» tomavam logar o sr. presidente da Republica que dava a direita a sua esposa, tendo á sua frente o capitão tenente sr. Jayme Athias, secretario geral da Presidencia. A' estribeira da carruagem cavalgava o comandante da força seguindo-se depois a guarda de honra, formada por um esquadrão de cavalaria da G. N. R.

O chefe do Estado e esposa que se apeiavam exactamente na ocasião em que as vedetas atracavam ao caes, desce as escadarias acompanhados dos membros do governo cardeal patriarca e demais elementos oficiaes, indo todos ao encontro dos soberanos belgas, com os quais trocam efusivos cumprimentos. O sr. presidente da Republica, dando o braço a sua inabestade a Rainha da Belgica, dirige-se para o pavilhão, seguindo o rei dos Belgas, que dá o braço a esposa do chefe do Estado Portuguez. Seguem-se-lhes as comitivas e todo o elemento oficial, que forma um lusidissimo cortejo.

As forças apresentam armas, as bandas de musica executam o hino da Belgica e o vivas e as palmas estrugem, expontaneas, de todos os lados.

O rei soldado, acompanhado do sr. Presidente da Republica, ah detina por momentos a tribuna afim de passar revista á força de marinha e depois aos mutilados da guerra e aos sapadores dos Caminhos de Ferro. Em frente das respectivas bandeiras, o rei Alberto faz uma rasgada continencia, apertando depois efusivamente a mão ao bravo mutilado capitão sr. Reis Ferreira, que se encontra áfrente dos bravos que ficaram inutilisados na Grande Guerra.

Novamente no pavilhão, o sr. dr. Antonio José de Almeida faz a apresentação do chefe do governo e dos seus ministros e de todas as pessoas presentes. O rei Alberto, que tem uma expressão franca leal, aperta rigorosamente a mão do general sr. Norton de Matos, com quem troca um sorriso amavel.

Por fim adeanta-se o sr. Ignacio Estrela, presidente da Camara Municipal, que lê um discurso em francez, dando as boas vindas de saudações aos nossos illustres hospedes. Recorda a acção do Rei soldado na grande guerra, e manifesta a admiração, o respeito e o carinho com que os portuguezes acabam de receber os soberanos da Belgica, essa valorosa nação que tem um rei heroe e para o qual vão os carinhos dos portuguezes aliados.

O Rei Alberto, que atentamente escuta as saudações que lhe são dirigidas, responde seguidamente, agradecendo as boas palavras do representante da cidade de Lisboa e saudando os aliados portuguezes, afirmando a sua sympatia por um povo que egualmente se bateu pela causa da Justiça, da Razão e do Direito.

A organisação do cortejo—Uma marcha triunfal — Palmas, vivas e flôres

Organisa-se o cortejo a caminho do Palacio da Ajuda. Rompeu a marcha pelas 12,10 um terno de clarins da G. N. R. e um esquadrão que forma a guarda avançada.

No primeiro «laudau» tomam logar tres oficiaes belgas com o capitão tenente sr. Carvalho Crato; no segundo «laudau», outros oficiaes da comitiva belga, com o coronel sr. Mardel Ferreira; carruagem á «Daumont» conduzindo um dignitario belga, o sr. Jayme Athias secretario geral da Presidencia , e os oficiaes portuguezes postos ás ordens do soberano belga; carruagem á «Grand Daumont», tirada a duas parelhas conduzindo a Rainha Isabel da Belgica, a esposa do sr. Presidente da Republica e uma senhora da comitiva dos nossos illustres hospedes, quinta e ultima carruagem á «Grand Daumont», conduzindo Sua Magestade o Rei dos belgas o sr. Presidente da Republica e o Principe Leopoldo.

A' estribeira da carruagem cavalgava o comandante da guarda de honra constituida por dois esquadrões da G. N. R. com bandeiras.

Os estudantes e alguns populares rodeam as carruagens do Rei e da Rainha, levantando constantes vivas e agitando as capas negras, dando nota de entusiasmo e de alegria ás manifestações a que o povo se associa com entusiasmo.

O cortejo uma vez na rua Augusta foi saudado com frenesi pela multidão, que a custo se enfileira pelos passeios. Das janelas apinhadas, as senhoras acenavam com os lenços enquanto os homens davam palmas e levantavam vivas.

Esse entusiasmo, que se notou logo ao principio da rua Augusta estendeu-se breve trecho a toda a parte, podendo bem afirmar-se que os soberanos da Belgica foram alvos de uma das mais carinhosas manifestações de simpatia a que temos assistido.

No Rocio o povo, n'um verdadeiro delirio, chegou a romper por vezes os cordões da policia para se acercar das carruagens e saudar os nossos hospedes. O Rei, comovido, sorria e com carinho retribuia acenando com a mão direita ou fazendo a continencia, para a direita e para a esquerda. O sr. presidente da Republica mostrava-se satisfeitissimo com as manifestações populares. E foi assim, entre constantes vivas, palmas e flores que a cada momento caiam da janelas, que o cortejo entrou a passo na Avenida onde a multidão se comprimia. Ali o entusiasmo, antes aqueceu ainda mais, notando-se por vezes um verdadeiro delirio na multidão.

Foi uma apoteose triunfal que os soberanos da nação heroica tiveram hoje nas ruas da cidade de Lisboa e essas manifestações se estenderam até ao Palacio da Ajuda, n'um entusiasmo louco, que demonstrou como o nosso povo reconhece quanto é digno de respeito, estima e simpatia todo aquele que se sacrifica pela sua Patria.

A recepção no palacio da Ajuda

Muito antes da hora marcada para a recepção, já no largo fronteiro ao palacio da Ajuda se via bastante povo e o regimento de Infanteria n.º 1 com a respectiva banda.

Entretanto iam chegando, entre outras pessoas, os srs:

Ministro de Inglaterra, sua esposa e secretario, ministro de Italia e secretarios, Nuncio Apostolico e seus secretarios, ministro da França e seu secretario, Baronne de Ravignan, adido militar hespanhol e esposa, Cardeal Patriarca, ministro da America, esposa e encarregado dos negocios da America, e secretarios, ministro dos estrangeiros e esposa, ministros da instrução, comercio, interior, guerra, finanças, Carlos Alexandre Batalha de Vasconcelos, Monsenhor Carlos Rego, Henrique Drennond Casle, Abel Jardim, Alexandre Seixas, H. J. Balene, José Maria Abrahmes, Henrique Pereira Taveira, Policarpo de Sousa Salgado, Antonio da Costa Pinheiro, Henrique Melo Barreto, Armando Porfirio Rodrigues, Aurelio Rodrigues, Fernando Freitas Teixeira, Antonio Cabreira, Faria de Magalhães, Artur José da Silva Pereira, José Cordovil, Artur Nascimento Nunes, Rui Cordovil, Charles Lepierre, José Vitoriano Magalhães, general Joaquim José Machado, e colonia belga, etc. etc.

Cerca das 13 horas chega o cortejo, pela mesma ordem da saida do Terreiro do Paço.

Todos os convidados que nas salas dos archeiros e do «porteiro de cana» aguardavam a chegada dirigiram-se ao atrio a recebor os reis belgas e o sr. Presidente da Republica e sua esposa.

Em seguida, dando o sr. Presidente da Republica o braço á Rainha Izabel e o Rei Alberto á esposa do sr. Presidente da Republica, seguidos de todos os presentes, ingressaram na antiga sala de espera, onde so fundo estão sobre um estrado forrado de veludo vermelho duas cadeiras de talha doirada.

Dando-se começo á receção, o sr. Presidente do ministerio lê uma saudação em nome do governo, e o sr. Correia Barreto, presidente do Senado lê outra pelo Parlamento, agradecendo o rei Alberto em poucas palavras.

Segue-se as apresentações das pessoas presentes, após o que, com o cerimonial da entrada, saem o sr. presidente da Republica e sua esposa.

Suas Magestades voltam á mesma sala, onde dão recepção á colonia belga, sendo as senhoras apresentadas á rainha pelo sr. ministro da Belgica.

Terminada a recepção, pela sr. Carlos de Vasconcelos em nome da Cruzada de Nuno Alvares Pereira, foi lida uma mensagem ao rei nomeando a Rainha Presidente honoraria das Damas da mesma Cruzada sendo-lhe tambem oferecido um lindo bouquet com largas fitas e dedicatoria a letras de oiro.

Pelo sr. Antonio Cabreira tambem foi lida uma mensagem em que era nomeado o rei Alberto o presidente honorario da Academia de Sciencias de Portugal.

Finda a cerimonia, seguiram os reis, principes e seu sequito para o palacio de Belem onde se ia realisar o almoço intimo.

No palacio de Belem

Aqui é feita a guarda de honra pela Guarda Nacional Republicana com a sua grande banda, que estava no Pateo das Bicas e uma força de lanceiros.

A' porta do palacio aguardava sua magestades o sr. Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo, dirigindo-se todos para uma das salas onde após alguns momentos de descanço se dirigiram á antiga sala de jantar onde foi servido o almoço intimo, ao qual assistiram, alem do Rei Alberto, Rainha Isabel, Principe Leopoldo, Presidente da Republica e sua esposa o governo, almirante Leote do Rego, dr. Bernardino Machado, comandante e oficiaes do cruzador «S. Paulo», oficiaes do sequito de suas magestades, oficiaes as ordens do sr. Presidente da Republica e do Rei Alberto e pessoal superior da Presidencia da Republica.

Durante o almoço, no terraço a banda da guarda Republicana deu um concerto.

(*Vêr continuação na Ultima Hora*)

Ordem publica

Foi hoje largamente interrogado na policia de segurança do Estado Antonio Fernandes, pescador, de 19 anos, residente em Peniche, onde trabalhava num cercoe que tem estado incomunicavel n'uma esquadra, por suspeito de ser o auctor do lançamento de uma bomba n'uma quinta em Palma de Cima, em consequencia de pouco depois d'ella ter rebentado haver aparecido no hospital do Rego a receber curativo, por ter uma das mãos esfaceladas.

O Fernando nega a acusação que lhe é feita, alegando que passava na ocasião com o fim de seguir para casa de uma familia na estrada das Larangeiras, 44, honde se encontra hospedado.

Continua incomunicavel, não tendo sido ainda interrogado, o operario Joaquim Francisco, que está entregue á policia de segurança do Estado acusado de ser o auctor da morte da sentinela do Museu das Janelas Verdes, por ocasião do movimento revolucionario de 27 de Abril.

Carlos de Sousa, carroceiro, sem residencia, foi preso por andar nas imediações da abegoaria municipal, na Avenida dos Defensores de Chaves, incitando os operarios que ali trabalham a aderir á grève.

AS GRÈVES

Operarios do municipio

Está solucionado o conflito no Matadouro

Está solucionada a grêve do pessoal operario dos Matadouros, tendo-se hoje apresentado á inspecção cerca de 60 operarios e os encarregados das respectivas oficinas.

O restante pessoal operario apresenta-se amanhã, em virtude de ter sido atendida parte das suas reclamações, tendo sido incansavel na solução do conflito o sr. vereador do pelouro, matadouro e inspecção.

O pessoal que não se apresentou, conservou-se durante o dia nas proximidades do edificio.

No fim de 24 dias de greve voltou hoje a tocar a sineta do edificio.

Para consumo dos talhos municipaes e particulares foram ainda hoje abatidas no Matadouro, por praças do 1.º grupo da Administração Militar, 56 rezes bovinas adultas, 427 carneiros e 10 suinos.

CROQUIS . . . DE VIAGEM

NA BOA PAZ

I — *Lisboa-Madrid*

São 3 horas. Parto.

Pesam-me já as duas malotas onde vão os meus haveres e encadernações lanificias — como diria José Maria, o unico fardado, de Lisboa—e mais me pesa ainda, na consciencia, o compromisso que tomei de escrever.

Escrever o que?

As minhas ferias de jornalista, sonhadas, ambicionadas, votando ao ostracismo absoluto a pena e a tinta, egualando-me bonacheironamente a meu irmão analfabeto; as minhas ferias de ripanso, em que só os olhos vissem e tudo mais dormisse, sentem-se já comprometidas por este pesadelo atroz:

Que hei-de escrever?

Vou ver o que todos já viram; já os arabes avançaram ha mais de mil anos por estas regiões onde a minha miopez civilisada do seculo XX vae, agora, passar, e mais alem de Poitiers iriam na sua viligiatura, se Charles Martel não os obriga a retroceder como um motivo imprevisto ou um empata prazeres de raro quilate. E, daí até hoje, não ha alminha de ver a Deus com tres pataces que não tenha ido até Paris ou pelo menos a Madrid.

Que hei de eu dizer pois do que todos já viram? As narrativas de viagem, impressões ou croquis, teem de ter sempre um cunho de originalidade para não se repetirem, a não ser que versem sobre paizes ainda meios virgens da exploração literaria; de resto para os paizes á mão de semear, como esta Europa ocidental, agora na paz... de Versailles, tudo vem no «Baedeker» ou nos variados «Guides», por uns tantos francos e sem palavras inuteis. Os «guias» trazem tudo. O ultimo que li, curioso por sinal intitulava-se «L'art de voyager en Italie» e tinha o cuidado de baralhar Rabelais e Goethe para o que o autor, um monsieur Maurel, chama «la recherche biographique» e «l'etude litteraire», onde Ruskin estabelece as controversias, ajuntando ainda a figura de Stendhal para a «Analyse psychologique». Não terá o meu leitor—vá que eu tome as minhas notas, — tão eruditos companheiros de viagem, pois, para ir a uma «novilhada» em Madrid ou subir á «Tour Eifel», e trocar impressões, bastaria o... conselheiro Acacio ou o bom sr. Praxedes da R. de S. João dos Bemcasados.

....

E entretanto o tempo passa. Santarem nem mereceu um olhar aos ditosos que saboreiam a vertiginosa... velocidade do «rapido de Madrid.»

Os campos não me atrevo a olhalos; todos os conhecemos, o não serão eles que irei descrever.

E volta-me a ideia de que tenho de escrever... Mas se o publico é feito de mil diversos sêres cada qual com seu desejo independente, sua visão das coisas; se a cada um interessa o que a outro é banal, que hei-de eu contar? Eu sei, M.lle Z, que o curioso e o belo da minha cronica seria abordar exclusivamente os produtos dessa «foire aux vanités» que é Paris, contar as modas, narrar uma semi-picante anedota de viagem ou das praias.

Para a burguezita futil, os preços, uma resenha da vida «lá de fóra» valeria mais que as impressões recebidas ante um Zuloaga ou um Sorolla. Para este o teatro, para aquele a politica, mas para nenhum satisfaria esse desejo unico de viajar, mixto de curiosidade e de satisfação propria que sempre se assolapa dentro do espirito daquele que vae para fora das suas fronteiras e se encontra naufrago entre os homens de outras e diversas linguas.

Somos oito no «cubiculo-compartimento» que nos vae servir de casa durante uma noite inteira. Ninguem olha a paizagem, tão certo é que na nossa terra somos mais estrangeiros que noutros paizes. Amanhã olharemos ávidamente campinas talvez sem a beleza nem a frescura destes verdes luxuriantes que se estendem de Tancos a Constança e a Abrantes. A tarde vae tombando e prestar-se-hia a meia-luz em que tudo se vae envolvendo, para uma «reverie» poetica, se o monstro no seu estremecer matraqueado de aço sobre aço não quebrasse os elos de qualquer cogitação profunda.

Janta-se, a ração meticulosa e sabiamente calculada pela gente do wagon-restaurant. Portugal começa a diluir-se; é quasi o fim do mundo para um lisboeta; passam terras que nem uma linha conseguem dos jornaes de grande circulação—salvo em caso horrivel de crime—e a paizagem vae embrutecendo tambem, como a distanciar-se da civilisação e da beleza.

Marvão não tarda, nas primeiras horas da noite—a hora dos teatros, do bulicio—aqui, já altas e negras horas da noite. Preparo os meus papeis, um salvo-conduto que me fez mobilisar quatro amigos, trez desconhecidos, um deputado e —aqui em segredo—até um ministro.

Mas,—ó decepção — ninguem me pede, ninguem quer saber do bilhetinho raro, dificil de obter nos pinhaes burocraticos da Lisboa providente e patriotica. Não se pode sair sem «salvo-conduto só se pode sair com 15 tostões em papel ou o equivalente em libras esterlinas», me gritaram lá e para conseguir não ser «catrafilado» na fronteira por mil olhos astutos que vigiam, andei eu a crear dividas de favores e a insuflar importancia a varios cavalheiros que ignoram que, a 50 quilometros de Campolide, Lisboa não se vê nem mesmo por uma lei que seja... um canudo. E para quê? Sahi de Portugal sem que ninguem me perguntasse quantos anos tinha, ou quantos contos levava... E, talvez a essa hora, o ditoso funcionario que fornece os salvo-condutos dormisse tranquilo e satisfeito pela missão delicada e utilissima que está prestando á sua mãe-patria.

Minutos depois é Valencia. As maletas são vistas por fóra, porque «los guardias» confiam bem na minha cara. Eles sabem bem que nada temos para levar, e, se levassemos qualquer coisa, melhor era para eles.

Desentorpeço as pernas passeando na gare iluminada a luz electrica, e fazendo a minha estreia nas pesetas, adquirindo alguns volumes hespanhoes.

Porque, e todos sabem, como em todas as estações de todos os paizes, as mais modestas, lá encontrei uma livrariasita recheada como muitos estabelecimentos no genero das nossas cidades não o são. Mas, deixemo nos de banalidades, são poucos minutos de demora; o bicho resfolegado, cheia a pança de agua, segue pela terra hespanhola. De noite, como o outro que diz, todas as terras são iguaes.

Ageito-me para dormir, mas um meu conterraneo discute o ministerio Granjo com o revisôr. E ecôa a sua voz por toda a carruagem, impossibilitando-me de dormitar. E as viagens são assim: uma maçada, a impertinencia dos outros, o perigo iminente, as grosserias dos moços, o inferno.

Para quê, sim, para que se viaja? Para ter desilusões sómente. Sem ter saído do recanto solitario e propicio do meu pequeno escritorio, povoado de livros, eu tenho feito as melhores e mais belas viagens. Viaja-se no tempo e no espaço. Vivo em Roma, passeio no «forum», assisto ás construções ciclopicas dos tempos egipcios e tambem conheço com um detalhe de flagrante observação os costumes do "boulevard,, ou a côr dos uniformes da Alemanha. Os museus, sem gorgetas nem bilhetes de entrada, sem o perigo de ouvir as baboseiras dos «new riches» que os visitam, alinham com notas e comentarios na minha estante. Sei onde trabalha agora M.me Sinone e qual a peça que está em scena no Palacio Municipal do Rio. Viajo com Taine pela «Italia» com Ibanez pelo Oriente, sem despachar bagagem nem ter de visar passaportes. Os monumentos são todos eguaes, as cidades todas parecidas; só os homens me interessam, as suas paixões, os seus vicios, os seus erros e os seus carátores. A «Côte d'Azur» vive em postaes e o cine leva ao mais infimo burgo toda a civilisação americana, alem de ajudar tambem já a reconstituir o passado.

A fantazia, o pensamento humano... Quanta desilusão evitam os que não viajam, quanta cancei[illegible] poupada para ver banalidades...

E assim pensando, apesar do meu compatriota ainda ás 3 da manhã ter assunto para se manter em discussão politica, invade-me o sôno e a primeira noite passa... sem impressões, sem encantos, nem «croquis» possives de viagem.

Armando Ferreira.

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

A todas as pessoas que teem feito o enormissimo favor de me mandar numeros de «A Capital» com cartas minhas agradeço, de toda a minha alma, tão grande auxilio, como agradeço, com o não menor reconhecimento, as palavras carinhosas de que algumas remessas veem acompanhadas e que muito suavizam o meu penar.

Precisando, porém, de muitas colecções e tendo algumas incompletas, seria um valioso obséquio mandarem-me mesmo numeros soltos.

Podem esses jornaes ser remettidos para o escritorio do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, Rua de S. Miguel, 38, 1.º Porto; e gratissima lhes ficarei.

Maria Adelaide

OS FILHOS PRODIGOS...

Tornam ou não á Casa de Garrett?

«—Irei á Procuradoria Geral da Republica», diz Carlos Santos
«—Mas que hei de eu fazer?», acrescenta Pato Moniz
«—Não volto», conclue Joaquim Costa

E todos eles, como qualquer simples funcionario, teem uma preocupação — a vida cara...

—V. Ex.ª dá licença?

E, como quer que uma resposta amavel me fosse dada, entrei no camarim do actor Carlos Santos, no teatro da Trindade.

—Queira esperar um momento,— diz-me o artista do dentro,—e, entretanto, uma rapida vista de olhos pela minuscula saleta do seu camarim, revela-me, no meio de uma grande simplicidade, uma alegre e interessante nota de bom gosto.

Entre Molière e Racine, em duas preciosas gravuras coloridas, ha um retrato e uma caricatura o pae de Carlos Santos, assinada por Bordalo, do velho actor Santos, grande figura na scena portugueza de outros tempos, outros retratos, uma das ilustrações de Leal da Camara para a «Velhice do Padre Eterno».

E, de repente, envergando um vistoso «kimono», Carlos Santos aparece.

—Desejava saber se volta ou não ao teatro Nacional...

—Não volto. Em primeiro logar porque, tendo firmando um contrato, aliás durante o periodo da licença que me foi concedida, não posso de forma nenhuma desrespeitá-lo. Nem o Estado, em nome duma pretendida moralidade, pode obrigar-me a faltar aos meus compromissos. Seria absurdo.

«Depois, deixe-me dizer-lhe, com o que actualmente se paga a um societario do teatro Nacional, não é possivel viver-se. A vida está como toda a gente sabe...

—Infelizmente—atalhemos.

—E eu não posso trocar os honorarios que lá me dariam pelos que actualmente recebo...

«De resto não me tenho esquecido de pagar pontualmente a minha quota da Sociedade Artistica e é forçoso concordar em que seria triste perder os melhores anos da minha vida, deixando de representar num teatro onde tenho os meus interesses salvaguardados para o trocar por outro onde me darão 150 magros escudos e uma reforma que deve andar por 120...

A talho de foice vem depois o Teatro Nacional e o artista acrescenta:

—Nenhum diploma como o que Antonio Enes publicou.

«Hoje está tudo modificado, tudo alterado, e até a propria administração, que deveria ser confiada a um dos artistas societarios, é exercida por estranhos.

«Convençam-se disto: um Teatro do Estado, como um museu ou uma biblioteca, não pode ter um fim lucrativo. Serve para manter o culto da lingua, para desenvolver o teatro nacional. O caso da Comedia Franceza é tipico. O governo francez teve que aumentar, ultimamente, a sua dotação porque, de outro modo, seria impossivel conservar lá os seus artistas.

«Ha artistas noutros teatros que devem estar no Nacional?

Pois muito bem; dê-se-lhes o que lá fora podem ganhar...

—De maneira que não vae de novo para o Nacional...

—Eu vou mas é para a Procuradoria Geral da Republica...

E um aperto de mão pôz termo á palestra de alguns minutos que o artista amavelmente nos concedeu.

Pouco depois, Pato Moniz, outro dos societarios, actualmente tambem no teatro da Trindade, emquanto se transforma no perigoso Briand da «Boneca Misteriosa» a uma pergunta semelhante, responde:

—Mas que hei de eu fazer?..

—Nesse caso...

—Comigo, acrescenta, teem-se dado casos curiosos. Já houve uma licença por mim solicitada que se perdeu.

«Tendo-me sido concedida uma outra para poder representar no Brazil, entendeu-se que não servia para poder representar no Trindade, como se não fosse aqui que eu tenha de ensaiar para poder encarregar-me dos meus papeis no reportorio. Ele é triste, é, mas que hei de eu fazer? Sim, que remedio...

«Perderei os meus interesses, passarei a ganhar muito menos, o que, nos tempos que vão correndo, não é indiferente, e ver-me-hei neste dilema: ou comer, ou vestir-me, que se o que se ganha se gasta na comida não chega para fato, e vice-versa...

«Volto ao Nacional, volto, mas terei que vestir-me com o que tenho. Nada de coisas novas...

Quizeram ainda ouvir o actor Joaquim Costa, actualmente no Avenida.

Lá o fomos encontrar preparando-se para a scena.

—Qual a sua atitude perante um regresso forçado ao teatro Nacional?

—A minha atitude? Mas é muito simples. Eu não posso faltar aos meus contratos...

«De resto, tendo figurado ainda este ano no elenco do Nacional requeri em tempo ao sr. ...

E depois de um esforço, como a memoria lhe não guarde o nome dum ministro que já lá vae, acrescenta:

—Emfim, a qualquer dos srs. ultimos ministros, que me considerava desligado do elenco.

—E o requerimento?

—O requerimento foi deferido.

—Logo...

—Logicamente nem sequer deve ser considerado societario.

«Note que, com os meus cincoenta anos de actor, mesmo pelas contas oficiaes, eu tenho trinta e cinco anos de teatro Nacional...

«E não volto, não volto porque a vida está cara, não posso descurar os meus interesses e não tenho tempo a perder se quizer deixar alguma coisa aos meus. Vou fazer setenta anos...

Lá em cima representava-se o primeiro acto da «Malvalouca»; sahi.

E aqui tem, o leitor, em meia duzia de palavras, meia virgula menos virgula, mais ponto menos ponto, o que, tres dos actores em cujo regresso ao Nacional ultimamente se falou, houveram por bem dizer.

Nem Carlos Santos nem Joaquim Costa.

Quanto a Pato Moniz, «é ele de entro os tres o unico que vae»...

J. T.

Theatros e Cinemas

MEDALHÕES

Alvaro Lima

Já pensaram os leitores o que seria do teatro portuguez se uma meia duzia de creaturas desinteressadas mas dispostas a entravar as manigancias dos exploradores teatraes não tem mantido a sua parede de clamores?

Porque—sim—é no falar verdade, alto, claro e desassombrado no jornal que Alvaro Lima, um desses desinteressados paladinos da dramaturgia nacional tem demonstrado o seu amor não só ao bom nome desta forma de literatura como á vida e ao bem estar dos artistas.

Durante muitos mezes, anos, foi o critico da Capital e hoje quando vae ocupar certamente um brilhante logar na Noite, deixa nesta casa amigos certos provados por uma camaradagem leal e uma homogeneidade de vistas absoluta.

Seria uma ingratidão neste logar onde tantas homenagens Alvaro Lima prestou, que não figurasse pela sua figura no teatro. E, dessa divida justa nas achando quites, mais uma vez repetimos que apezar de convertidos em colegas, continuaremos a ter dentro e fóra da sua acção teatral, a mesma amizade e estima que até aqui temos tido.

A. F.

NOTA DO DIA

A "tournée,, celebre e "A Capital,,

Vae já em 10 dias ou mais que os jornaes e a cuscuvilhice teatral andam fervendo em pouca agua, sobre a vinda subita de Eduardo Brazão, e mais alguns artistas da já celebre tournée do Teatro Nacional ao Brazil. Boatos, fantazias, brados energicos, algumas notas oficiosas do ministerio teatral... perdão... da administração do teatro Nacional, algumas entrevistas mal esboçadas e tres postaes abelhudos pedindo a nossa opinião.

Realmente foi a *Capital* quem mais se destacou na pugna porque ao Brazil se não enviasse, num momento tão melindroso como o actual, com o caracter de missão oficial, ou *tournée* do teatro portuguez, uma companhia pobre, miseravelmente vestida, com segundas figuras arrestando-se para papeis principaes... etc., etc. Se tinha razão ou não nessa campanha, iniciada pelo acto ainda não esquecido contra Erico Braga, ainda não é tempo de precisar, categoricamente. As noticias que tem vindo não são provas suficientes para *A Capital* se basear nelas imprudentemente.

E' verdade que já lemos num ou mais extratos de jornaes brazileiros palavras de vehemente protesto contra os scenarios, montagens etc., mas temos tambem por outro lado, fresquinhas as palavras do sr. Luiz Galhardo, uma autoridade insuspeita neste pleito... que ainda hoje do alto dum jornal da manhã nos garante que a «imprensa e o publico do Rio de Janeiro foram unanimes em classificar como verdadeiros espectaculos de *élite* os que esse nucleo artistico ali realizou, merecendo especiaes referencias, não só os excelentes conjuntos, como, principalmente, a forma por que as peças foram postas em scena.

De forma que, *A Capital* aguarda a chegada de Eduardo Brazão para saber o que se passou realmente com a celebre «tournée», não querendo emitir opiniões antecipadas, mas não equivalendo o silencio, menos interesse ou conluiu com as partes... criminosas, caso as haja.

Rira bien...

Noticiario

A peça em ensaios no *Trindade*, que substituirá em breve *A boneca misteriosa* é *As duas causas* em que Angela Pinto tem um dos seus mais celebres desempenhos.

—No *Politeama* estão em ensaios *Le Lys* e *Coração cego*, estreia de Martinez Sierra.

—Faz hoje anos João Bastos, um dos *azes* dos nossos comediografos. Os nossos parabens efusivos.

—Deve realisar-se na proxima semana a primeira representação no *Nacional* da celebre peça de Ojornson, *Leocadia*, sendo a figura feminina desempenhada por Amelia Rey Colaço.

—Efectua-se hoje no Coliseu, ás 21 horas, o anunciado sarau ginastico e sportivo, organisado pelo ginasta e professor sr. Levy Jenochio e por este dedicado os poveiros, aos aos quaes reservou todo o palco, onde foram armadas cadeiras em anfiteatro. O sr. dr. Nuno Simões abrirá o festival, proferindo uma saudação aos poveiros.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Malvalouca».
Politeama, ás 21, «Grande Amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Quem alvitra? Quem reclama?

Serviço de notariado que deixa a desejar

Escreve-nos o nosso correspondente de Tavira:

Chamamos a atenção de quem compete para a forma como é feito nesta comarca o serviço de notariado. O notario, que é ao mesmo tempo director duma companhia de pesca de Atum, pouco ou nenhum tempo dedica ao serviço e o ajudante tem pouco expediente e menos vontade de trabalhar, de forma que o publico para conseguir obter qualquer documento dos mais simples se vê na dura necessidade de perder tres, quatro e ás vezes cinco dias para conseguir obtê-lo o que provoca justas e geraes reclamações. Por esses motivos tem já derivado para as comarcas proximas uma grande parte dos serviços de notariado, o que acarreta prejuizos aos interessados.

Urge, pois, que o sr. ministro ponha cobro a este estado de coisas creando qui outro logar de notario, pois o rendimento chega bem para dois funcionarios e assim se daria uma completa satisfação aos povos deste concelho.

Ecos & Noticias

BANQUETE DE HOMENAGEM

Ao antigo jornalista, Manuel Fructuoso Agostinho, foi hontem oferecido um banquete por varios amigos, no Restaurant Abadia, tendo usado da palavra alem do homenageado, os srs. Francisco Pereira de Faria, Henrique Silva, Sebastião Laranjeira e Luiz Pereira.

DOENTES

Acha-se doente de cama o sr. Henrique Melo Botelho de Andrade.

NOVIDADE LITERARIA

"Os que se divertem,,
Por LUZIA
(A Comedia da Vida)

A' venda em todas as livrarias e no deposito Casa «Arte e Ménage», R. Garrett, 71, 1.º

MUSICA

Sociedade Concertos de Lisboa

No proximo sabado realisa-se a inauguração da presente epoca com a apresentação dos artistas M.elle Lydie Demirgian, violinista, 1.º premio do Conservatorio de Paris e premio de honra, solista dos concertos Lamoureux, e o pianista André Salomon, solista dos concertos Pasdeloux.

Os concertos realisam-se, como na epoca passada, no teatro de S. Carlos.

Musica de Camara

A direcção da sociedade Nacional de Musica de Camara e o seu director artistico, o distincto artista sr. Julio Carmona, trabalham activamente na organisação dos programas da 2.ª serie de concertos que em breve vae ser anunciada.

O rasto do Gavião

Surpreendente pelicula em 15 series

E' hoje finalmente que se realisa a exibição da primeira serie desta colossal fita de aventuras, diferente de todas as mais que neste genero se tem exibido em Lisboa, e que está destinado ao maior dos sucessos.

O primeiro episodio, intitulado «A evasão», que os frequentadores do Salão Central vão ter ocasião de apreciar, compõe-se de dois actos cheios de interesse, com scenas deveras emocionantes, estando o seu desempenho a cargo da ilustre actriz Grace Darmond e do notavel actor King Baggot.

O Salão Central é hoje pequeno para conter todas as pessoas que desejam decerto de assistir á estreia do Rasto do Gavião.

ULTIMA HORA

A visita do rei da Belgica

A visita no hipodromo

Anunciada para as 15 horas, só pelas 17,45 os soberanos belgas e o principe Leopoldo, acompanhados do sr. presidente da Republica e sua esposa, dignitarios do serviço e oficiaes ás ordens, deram entrada no hipodromo de Belem.

Ali se encontravam formados, em parada, a marinha, os grupos de metralhadoras da 1.ª divisão, companhias de saude, administração militar, infantaria 1 na maxima força, os sapadores do caminho de ferro, tres batalhões de infantaria da G. N. R., dois grupos de esquadrões da mesma guarda, baterias de artilharia, companhia mixta de telegrafistas de trens e uma companhia de metralhadoras.

Todas estas forças formavam á largura do hipodromo, costas ao Tejo e frente ás tribunas, que se erguem ao cimo do vasto campo. A meio estava a tribuna destinada aos soberanos e ao chefe do Estado Portuguez, que era ladeada pelos do corpo diplomatico, que compareceu «au grand complet», e dos deputados e senadores, oficialidade de terra e mar, colonia belga e inumeras senhoras.

Os chefes de Estado das duas nações passaram revista ás tropas, dando entrada pela porta junto da carreira de tiro, sendo acompanhados pelo comandante da divisão ministro da guerra e um luzido estado maior.

Procedeu depois o sr. presidente da Republica á imposição das insignias da grã-cruz da Torre e Espada no peito do monarcha belga, havendo n'essa ocasião delirantes ovações.

Essas insignias foram as que a camara municipal de Santarem ofereceu ha pouco á de Lisboa.

Tres aeroplanos fizeram evoluções sobre o campo, tendo um deles tido monado pelo capitão sr. Antonio Maia atcoinhado ao pretender fazer uma «aterrisage», ficando o aviador ligeiramente ferido na testa.

A rainha da Belgica fica hoje no palacio da Ajuda com seu filho o principe Leopoldo, devendo seguir amanhã viagem a bordo do «S. Paulo».

Saudações diversas

Os corpos organisadores do Dispensario da freguezia das Mercês, enviaram para bordo do «S. Paulo» um telegrama de saudação ao Rei dos belgas, dando-lhe as boas vindas e ás 20 horas vão á estação do Rocio oferecer a Sua Magestade a Rainha Isabel um artistico ramo de orisantimos, sendo encarregado desta missão o sr. Lopes Bispo.

Uma scena de tiros

Na rua Nova da Trindade

Na rua Nova da Trindade, pelas 18 horas, deu-se uma scena de tiros, que, felizmente, não causou vitimas.

O sargento cadete Antonio de Carvalho entremeteu-se com um rapaz que passou o que deu logar a que o sr. Diniz Rocha, agente do ministerio da agricultura, da rua Marca Pia, A. J. M. lhe observasse a sua incorrecção, do que ele não gostou, respondendo-lhe que lhe dava um tiro, envolvendo-se os dois em desordem. O sargento avançou, sobre o Rocha, de pistola em punho, disparando alguns tiros ao mesmo tempo que outros individuos ao presenciarem a scena começando tambem a disparar as suas pistolas.

O Rocha foi receber, a uma farmacia curativo do um ferimento na cabeça.

O sargento Carvalho foi conduzido por um alferes da Guarda Republicana para o Governo Civil.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, multas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso-Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1676.

Caminhos de Ferro Portuguezes
AVISO

A partir do dia 25 do corrente está aberta a inscrição para admissão de pessoal de comboios, nos termos seguintes:

Condutores, ordenado minimo, 60$00; subvenção, 45$00. Total, 111$00.

Guarda-freios, ordenado minimo, 45$00; subvenção, 45$00. Total, 90$00.

Alem destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de percurso e deslocações em harmonia com os respectivos regulamentos e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar em Lisboa, na inspecção do pessoal de trens, em Santa Apolonia. Em Entroncamento, na sede da Inspecção principal da exploração e em Coimbra, na sede da Inspecção principal da exploração.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta dirigida ao engenheiro em chefe da exploração, na estação de Santa Apolonia.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.
O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Caminhos de Ferro Portuguezes
AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas: ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Alem destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3684 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 2 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O bem da nação

Novamente se fala em crise ministerial, pela falta do apoio parlamentar ao gabinete actual, e se semelhantes boatos já não despertam surpreza em ninguem, de tal forma tomaram um aspecto cronico, não é menos certo que cada vez se torna mais aguda a gravidade duma situação que, caracterisando se pela instabilidade governamental, necessariamente se caracterisa tambem pela falta de resolução de problemas instantes da vida nacional.

Nós não quebramos lanças pela manutenção deste ou aquele governo, mas o que entendemos é que se não pode dispensar um governo, e não supomos que possa considerar-se governado um paiz onde os ministerios teem uma existencia mais fugaz, do que as classicas horas de Molherbf.

Vejamos. Como se constituiu o gabinete a que preside o sr. Granjo. Constituiu-se com o apoio e a representação dos trez mais importantes grupos parlamentares. Significava na realidade, uma concentração dos partidos, a que já faltava o concurso de elementos politicos escassamente representados no parlamento. Dir-se-hia que este governo poderia contar com um solido apoio parlamentar para a resolução das questões mais graves que assoberbam a sociedade portugueza. A sua maioria havia ser esmagadora. Pois bem! A verdade é que o gabinete Granjo não só nunca teve uma desafogada maioria parlamentar como está neste momento ameaçado de ficar em minoria. Esta é a situação do actual governo, como de resto já foi a dos governos anteriores.

E' esta situação conveniente ao paiz? Só um louco responderia afirmativamente. A obra a fazer é de reconstrução paciente, ponderada, e realisada com um espirito de solidariedade que não só lhe confira a grandeza material, mas tambem a grandeza moral. Para ela ser eficaz, necessario se torna que um mesmo pensamento desinteressado e leal anime os elementos que a efectivem e a ela presidem. Não pode estar sujeita nem a desconfianças, nem á rivalidades, nem a equivocos. Se algumas vezes se tornar preciso insuflar num apelo ao patriotismo de todos a força dum ideal elevado, agora mais do que nunca esse patriotismo se impõe e esse ideal deve nortear consciencias e corações.

Seriamos todos injustos se não atentassemos nas condições em que o governo actual tem dirigido os negocios publicos. Governos seus antecessores, tiveram auctorisações larguissimas. Ao gabinete Granjo não só não foram concedidas essas auctorisações, exceptuando a votação de duodecimos, o que na nossa administração é já vulgar, como de facto se tem encontrado peado em todas as medidas que seria forçoso tomar para regularisar a situação do paiz. Ele é encarado quasi como um reu que se senta nas bancadas ministeriaes. E' esse o sistema que se dizia constituir uma praxe parlamentar em face dos governos da Republica de resto, do parlamento sairam. Não pode ser! Quer este governo, quer outro, ascenda ás cadeiras do poder, é necessario que o parlamento se capacite de que é preciso colaborar com ele, dar-lhe a força sem a qual nenhum governo pode caminhar em parte alguma, e sobretudo numa sociedade tão anarquisada como a nossa.

Não teremos nós, porventura, a noção da gravissima crise que atravessamos? Considerar-nos-hemos inteiramente alheiados do concerto das nações, onde cada vez se nota uma interdependencia em tudo quanto ás mais momentosas questões politicas, financeiras, economicas e sociaes se refira? Pode-se reputar até certo ponto quimerico o funcionamento da Sociedades das Nações, porventura destinada a emperrar n'uma especie de vasta burocracia internacional. Mas o espirito que presidiu a essa grande resolução dos aliados já exerce a mais larga influencia em todos os paizes. Não ha fronteiras que evitem o exame do que se passa em cada Estado e ao exame internacional não raro sucedem pressões que são tanto menos faceis de vencer quanto mais imponderaveis se manifestam, traduzindo um estado de opinião geral e dominante. Foi assim que ainda ha pouco uma das mais poderosas nações do mundo, a Inglaterra, depois de ter chegado a reconhecer os «soviets» da Russia, teve de renunciar a essa politica, contra a qual reagiam os interesses de todos os Estados regularmente organisados.

Quando um paiz, como o nosso, se encontra em face de dificuldades tão alarmantes como as que resultam das circunstancias internas, seria evidente cegueira pensar que o não ameaçam perigos externos que duma melindrosa intervenção sempre resultam. E' preciso que o parlamento da Republica tenha sempre em vista, acima de tudo, aquillo que de mais grave ameaça o paiz e a Republica. O parlamento não ignora que o nosso «deficit» mensal já está em 18.000 contos. Esta é que é a realidade temerosa e insofismavel,—não supomos que seja derrubando todos os dias governos que ela se poderá atenuar porque precisamente entendemos, ao contrario, que dessa instabilidade ministerial ela deriva sobretudo. Temos um «deficit» de 18.000 contos mensaes, e conhecidos os nossos recursos e disponibilidades quem é que se exime a visionar, num futuro breve, o espirito terrivel da bancarrota? A bancarrota é o descredito do paiz, é possivelmente a ruina da nacionalidade. Não nos resignamos a acreditar que essa eventualidade angustiosa não comova todos os portuguezes.

Nos dias mais agitados da Revolução Franceza, quando as paixões surgiam de todos os lados, e os partidos se degladiavam patenteando os mais profundos rancores, uma tregua se estabeleceu em determinada ocasião, e um pensamento comum, uma expontanea vibração colectiva, uniu, em face da provisão duma catastrofe identica, os pareceres desavindos num parlamento que parecia uma fornalha. Foi quando Mirabeau proferiu o seu discurso sobre a bancarrota ameaçadora e proxima, talvez o seu melhor discurso porque nenhum acento de paixão menos nobre, nenhuma inspiração que o puro amor da patria não determinam, na sua palavra eloquente poderia deixar qualquer eco. O formidavel orador apontou á assembleia o espectro da bancarrota, visão de vergonha e de ruina afundando a patria e com ela a liberdade nascente que a cercava duma aureola ainda mais bela do que todas as suas passadas glorias. E o parlamento vibrou com a mesma emoção profunda, as medidas necessarias para que a nação não fosse parar á bancarrota votaram-se. Onde ha ahi um patriota e um republicano que não deseje que o parlamento da Republica Portugueza se prestigie e se engrandeça, saindo do ambito da esteril lucta das facções para o campo das mais urgentes e proficuas resoluções nacionaes.

A propaganda bolchevista em Inglaterra

Um homem misterioso—As cartas duma sufragista

Diz de Londres o correspondente especial do «Matin»:

A actividade dos bolchevistas na Inglaterra não afrouxou com as recentes revelações a respeito do «Daily Herald» e da venda das joias da corôa russa.

A liberdade extraordinaria que se deu aos indesejaveis que o sr. Lloyd George recebeu como embaixadores foi bem aproveitada por esses mesmos individuos que se haviam comprometido obster-se dme toda a qualquer propaganda e a consagrar todos os seus instantes ao famoso reatamento das relações comerciaes.

Foi preso um individuo que compareceu depois perante o tribunal de Bow-Street. Recusou-se a fornecer a menor indicação sobre a sua identidade. Apenas a policia de segurança lhe deitou a mão, viu que esse homem era portador de cartas provenientes de miss Sylvia Pankhurst, a famosa sufragista, convertida agora ao bolchevismo, cartas dirigidas a Lénine e a Zinovieff. Uma das que eram enviadas ao dictador de Moscou declara que: «A Inglaterra caminha rapidamente para a revolução, embora nós nos encontremos ainda bem longe dela».

E miss Pankhurst lastima que o auxilio prometido pela 3.ª Internacional ao «Dreadnought» (jornal comunista) lhe não fosse entregue, e pede fundos porque se encontra «carregada de dividas de honra, algumas das quaes me podem prejudicar muito».

«Espero-diz ela-seis mezes de prisão. Pensei em fazer a greve da fome, mas receio que a eficacia dessa arma esteja agora arruinada, porque o governo deixa morrer os irlandezes grevistas da fome. A 3.ª Internacional prometeu ajudar-me quando da minha viagem a Moscou, mas vejo que nada me enviam. Não é agradavel ir para uma prisão nestas condições.

O destino é muito injusto. E' preciso que a luta seja muito viva para alguns, de muitas dificuldades, emquanto outros lucram com o movimento, dando pouca compensação!

Os membros do meu partido dispersaram-me os comicios em Lansburg porque eu recomendava o emprego de metodos praticos.

Os comunistas, desgraçadamente, não são tão numerosos e tão ousados que se possam sublevar. No «Dreadnought» ainda tentei prégar uma atitude mais activa e tê-la-hia discutido hoje mesmo com o meu conselho de execução se não tivesse ido presa

Esta semana, os nossos camaradas do sul de Gales pediram 600 exemplares suplementares do «Dreadnought». Recebi o papel do «Daily Herald».

Já, porem, não tenho papel, para a semana proxima».

Uma outra carta dirigida a Lénine é assinada por dois nomes: Mac Alpine e Conolly. Uma outra carta é dirigida a «Petit Pierro (3.ª Internacional).—Moscou». Esta ultima é em cifra.

A policia poude averiguar que o homem misterioso se dirigia a Hull no momento em que os agentes da segurança lhe ofereceram domicilio á custa do governo britanico. Acabava ele de sair de casa do ex-coronel Malone, membro do Parlamento britanico. Este ultimo tinha-lhe feito entrega dum livro para os dirigentes de Moscou, de que é autor e cujo titulo é «A tolice do Parlamento».

O preso vae ser novamente presente aos juizes dentro em poucos dias.

A missão Kassine, por outro lado faz inserir desde algum tempo em certos orgãos da imprensa londrina um anuncio convidando as pessoas que desejem mandar dinheiro para a Russia a dirigir-se á agencia «Arcos».

Ora o nome dessa agencia é formado com as iniciaes da «All Russian Cooperatives Society», firma adoptada por Kassine a pretexto-sempre—do reatamento das relações comerciaes.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Outro filho do papá

Temos mais um filho do pae Nascimento a depôr, e, como eu desejo, depois de tornar conhecidos os varios depoimentos das principaes testemunhas de acusação, dar um dôce ao leitor que fôr capaz de me dizer como eu fui encontrada, quando me prenderam, sem recorrer á unica versão verdadeira, que é a minha, não deixarei de chamar a sua atenção para uns pontos do depoimento do sr. Angelo Pereira Alva do Nascimento, empregado telegrafo-postal e tambem chauffeur.

Foi o sr. Angelo procurado e um seu irmão, ...«ambos chauffeurs, por um individuo que conhece pelo nome de João Coelho e que é irmão de uma senhora de nome D. Maria Adelaide que, segundo o dito Coelho o disse, estivera internada no hospital Conde de Ferreira e daqui fugira, que lhe rogou, bem como a seu irmão que o acompanhassem, guiando um automovel que pertencia a um amigo do dito Coelho, para irem em busca da tal D. Maria e de uns individuos que na fuga tinham acompanhado a mesma senhora»...

Como o leitor vê, este já não conta as cousas como o irmão. E', porém, quem mais se aproxima da verdade, em alguns pontos do seu depoimento.

Descreve as diligencias feitas até chegarem á Pala...«onde se dirigiram a um estabelecimento de comidas e bebidas, pertencente a um individuo, cujo nome o depoente ignora, mas que é conhecido pelo Troquinha e este informou-os de que, efectivamente, em certa noite ali chegaram a tal senhora que procuravam, acompanhada de dois individuos, acomodando-se debaixo do alpendre de sua casa, sucedendo até que o mesmo Troquinha ao regressar, de noite, para sua casa, ali viu tres vultos e, desconfiando deles, estivera até para lhes atirar a fogo; mas, entrando em explicações, soube que os individuos que estavam debaixo do alpendre tencionavam seguir para o Roção...»

Isto tudo se passou, pouco mais ou menos assim como já contei ao leitor, sómente acampamos ao abrigo do telheiro por termos, inutilmente, tentado acordar alguem da casa que nos abrisse a porta.

Depois o sr. Angelo, o sr. Angelo Alva descreve o que fizeram até chegar a Rezende e diz:... «Em Rezende hospedaram-se no hotel da Maxima e aí falaram com o pae do depoente Antonio Maximo (os filhos não se envergonham do pae, este é que, naturalmente, por se envergonhar que os filhos sejam chaufeurs, nas horas vagas, não confessou a paternidade) escrivão de direito (o direito deste tambem se faz ideia como será!) resolvendo seguir para o Roção, afim de encontrarem a tal sr.ª D. Maria...»

Depois diz o chaufeur-policia...«Que chegaram ao Roção ao escurecer, calcula o depoente seriam vinte (20) horas e meia para as vinte e uma (21), sendo, no emtanto, certo que ainda se via alguma coisa; resolvendo então assaltar a casa onde estavam a tal senhora e os individuos que a acompanhavam, casa que lhes havia sido indicada por um homem que haviam encontrado na serra e que o depoente não conhece...»

Nêste ponto o sr. Angelo não diz a verdade, pois que ele deve saber muito bem que aquele homem era o tal Joaquim Telhado, segundo o pae dele, Angelo, declarou; ora, sendo o Telhado o dono da taberna onde pernoitamos, conhecia-o muito bem, quando depôz.

Mais adiante no seu depoimento e no ponto que mais nos interessa declara que:... «perguntaram á mulher do Alberto pela senhora que procuravem, declarando a mesma mulher que não tinha senhora alguma em casa; mas como os primeiros (Arnaldo e Nascimento) insistissem, afirmando que a tinham visto passar (foi na ocasião em que eu ia esconder-me numa das lojas, como contei no «Doida não!» e veja o leitor se os outros falaram nisso) e que fariam fogo no caso de ela não aparecer ou lha não apresentar; a referida senhora apareceu, saindo do meio de um molho de palha (vá notando, leitor, quantos «cárceres-privados» eu tive) e dizendo: estou aqui, mas não quero ir para o pé de meu marido; roubaram-me a felicidade (veja, leitor, que o Diabo não é tão feio como o pintam: afinal este homem veiu com a verdade, desmentir os outros, porque a verdade é que foi eu quem me apresentei). Que o depoente e seus companheiros haviam resolvido retroceder e irem todos ficar á Gralheira, (como o sr. dr. Alfredo da Cunha deve orgulhar-se de me ter arranjado tão ilustres companheiros de viagem!) nesse mesmo dia dia é como quem queria dizer noite), mas o povo que ali se tinha juntado começou a dizer que chovia muito (o sol que os outros viram, desfez-se em agua!) e que se, se metessem ao caminho se perderiam na serra, motivo por que resolveram, então, a pernoitar em casa de um sujeito (disto nunca o Telhado tinha apanhado) que o depoente não conhece, (que o não conhecesse antes, podia ser, mas depois de lá ter ficado, já o conhecia) onde comeram, ficando no primeiro andar e não se recorda se por baixo havia alguma taberna»...

O sr. Angelo, naturalmente, imaginou-se no Palace Hotel do Roção! Não sabe se por baixo havia alguma taberna! Faz lembrar a historia do homem que estava montado no burro e andava á procura dele, por não o ver!

O sr, Angelo conta ainda que partimos para Rezende, sem dizer como fomos até ali; fala da partida desta terra, em automovel, das pessoas que viajaram n'ele e acrescenta... «Chegados ao Porto, o automovel parou na Praça da Liberdade e aqui sairam todos, á excepção d'ele depoente e seu irmão, do agente Arnaldo e da sr.ª D. Maria, pois que, estes seguiram, no automovel, até ao hospital do Conde de Ferreira onde entregaram novamente a mesma senhora...»

Refere-se depois á medica que me acompanhou a pedido do pae d'ele Angelo e que ainda é sua parenta... «e que, na mesma ocasião, foi feito, ao marido da D. Sara, convite para vir no automovel para a mulher não vir só com as outras pessoas»... Sim, porque a sr.ª D. Sára, felizmente para ela, não era mulher do sr. dr. Alfredo da Cunha, pois, se fosse, não eram precisas essas atenções!...

Termina o sr. Angelo, dizendo que:... «não conhecia o dr. Alfredo Carneiro da Cunha, nem directa nem indirectamente, e só depois de ter vindo, para o hospital Conde de Ferreira, a mencionada D. Maria é que, então, o depoente travou relações com o queixoso»... e declara que o João Coelho não acompanhou a diligencia.

Pois foi pena; teria sido completo o quadro!

Emfim, o sr. Angelo não pode dizer-se que fosse dos que faltaram á verdade. Devemos, portanto, confiar que com o andar do tempo, se ele se tornar a ver envolvido em algum caso analogo ao meu, seja mais verdadeiro ainda.

Maria Adelaide

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

II — Madrid «a vol d'oiseau»

Entre campos desolados, planicies castanhas, aridas e escaldantes, monotonas para os olhos ávidos do viajante, divisa-se, manhã alta, Madrid. Os quintaes infaliveis das casas suburbanas, as traseiras de predios dos que vão prolongando a cidade para fóra dos seus limites, fazem alvoroçar os caminhantes, e, todos se aprestam a largar o comboio. «Las Delicias» não demora, uma estação banal quasi ou tanto imunda como uma das nossas «gares». A «malta» dos corretores de hoteis, dos cocheiros, dos moços, num assalto irreverente, bestealisa ainda mais a recepção. Como não tenciono dormir aqui, não tenho hotel de antemão previsto; e fugindo aos automoveis do «Palace», ou do «Regina», tomo um «coche» para me levar a um qualquer. Fixamos ideias sobre o «Londres» e concertamo-nos em duas pesetas e meia pela corrida. Mal nos pômos em marcha, um «guardia» manda parar a carrimpana:

—Que és esto? inquiri.

Mas o caso é simples e pouco honroso para a probidade acolhedora dos madrilenos. O sr. guarda deseja saber por quanto ajustei o carro, não vá ter sido vitima dalguma exploração. Louvo a corporação pelo seu zelo e finalmente sinto girar o trem por montes e vales, buracos e pedregulhos, que ficam envoltos em poeira logo que o carro passa. A minha perspicacia facilmente descobre que é do «metro» que se trata. Em poucos minutos estamos no Prado, em poucos minutos mais na Puerta del Sol.

Ablações feitas, almoço. E eis a minha primeira impressão: o estomago, não a retina ou o cerebro, dá os primeiros sinaes de assombro e alegria com a viagem: um banquete: vitela, e ovos, e pão branco como o alvo pão de outros tempos; tão perdularia gente que para sobremeza me trazem um prato de bôlos de ovos. Em Espanha, pelo menos come-se. E é isto que satisfatoriamente anóto no meu «carnet» de reporter.

Duma travessia rapida galgo a curta distancia que me separa do Museu do Prado. Confesso que é com um respeito de crente que entro no templo da arte. Noto gente do povo, em profusão, talvez por ser domingo, visitando um museu de pintura, e melhor ou peor, interessando-se por Velaquez, por Murillo e por Goya; e este espectaculo faz-me olhar com mais simpatia o povo visinho. Pela minha parte não tenho tempo de sobra para demorar o olhar em todas as obras aqui armazenadas. Procuro naturalmente Goya cuja Maja desnuda e outras telas me confirmam impossibilidade do grande discipulo de Rembrant e Hogarth de interpretar a beatitude e a pureza celestial.

Em compensação a beleza religiosa reina no ambiente, na graça, na transparencia que rodeiam as virgens de Murillo, e os seus meninos tuxados. A sala de Velasquez, inaugurada ha poucos anos, é a mais concorrida. Ali figuram todas as mais conhecidas obras do mestre, os varios Filipes, os varios infantes e principes, mas principalmente as «Meninas, las Hilanderas, los Borrachos...»

Saio do museu agora em busca da vida, da côr, do som, e para ver a cidade, tomo um trem desses infinitos carros leves a um cavalo de costelas á vista que á força do «baterem» ao domingo para a «Praça de Toros,» uma vez lá ficam de olhos tapados. O tijolo abunda, como o leitor sabe, e tirando as construções modernas, enormes e brancas, que se ostentam galhardamente nas cercanias da «Puerta del Sol, Madrid não vale a pena visitar. «O Banco de España», o Palace Hotel, a casa dos correios, um passeio pela incompleta Gran Via, a massa pesada do Palacio Real e ahi temos o «coche» de volta á calle d'Alcalá, o formigueiro unico da capital visinha. O passeio custou 10 pesetas e dá-me tempo para vir assistir a uma debandada para «los toros.» Os «tranvias» partem apinhados, os coches galopam, tudo pejado de muitos «caballeros» em trajes paisanos, e nada de «mantillas», nada de «peintes» caracteristicos, nada de «hermozas niñas» que os portuguezitos sonham lá nos bancos da «Brazileira». De ante mão a novilhada me repugna, mas que hei-de fazer nesta «Puerta del Sol», ou na «Plaza Canellejas» desertas de gente e de interesse?

E a inevitavel corrida surge a meus olhos. Por um «duro» adquiro um tendido sombra. La dentro, no coliseu sanguinareo não ha um lugar; mas, tambem não ha uma nota alegre na massa parda que enche a praça. Parece que a feição caracteristica dos povos se vae perdendo com a civilisação estampada nos figurinos do «Primtemps» que de Paris chegam todos os mezes.

A corrida vós a sabeis: o costume. «Caballos... más caballos», um «novillo que recebe sete estocadas, que espirra sangue, sem se ir abaixo das pernas, uma crueza que não se pode dizer selvagem para não ofender os dignos povos das Africas ou das Indias.

Como todo o bom portuguez retiro antes do fim da função e ante os olhares inquisitoriaes dos influidos moços que palmeiam os «quites» e outras belezas da arte.

Que lhes preste.

Dou um giro pelas avenidas, vou até ao passeio da Castelhana e ao fim dalgumas voltas sinto-me em «Quatro Caminhos». Pareceria mal não descer ao «metro». Mas é um domingo, hoje, e a multidão que se condensa vinda de qualquer arredor é imensa. Ouve-se musicas; restaurants baratos, iluminados a luz electrica vomitam massas populares; vendedores ambulantes de «azucarillos», e doces pouco apeteciveis são centros de um formigueiro pardo e boliçoso. Maria vae com as outras e faço bicha para descer aos subterraneos de Afonso XIII. O «metro» é um luxo de Madrid, cidade pequena mas com grandes ares de importancia. Descarrega o trafego mas não compensa o dispendio de capitaes na obra empreendida. O azulejo branco como revestimento, a pouca profundidade, o «novo» ainda dos carros não tornam pesada a viagem por baixo do chão o que não sucede noutros «metropolitanos» ao que ouço contar. Minutos depois estamos na infalivel «Puerta del Sol» agora iluminada por reclames luminosos nas esquinas, nos topos dos predios. O movimento recrudesceu; grupos de raparigas passam—a nota mais hespanhola do dia—com uns veus pretos tombando do penteado alto e negro, e ostentando um moreno um tanto caiado e vincado nas olheiras, para realçar as belezas. Mas, fóra a corrida para os «cines», para os «teatros», sem caracter, fóra a passeata por este centro luminoso, Madrid não me interessa mais, apesar do seu esforço para ser uma cidade moderna. Por toda a parte, no «metro» ou no edificio grandioso, se vê a placa: «Inaugurado por S. Magestades Catolicas, etc. etc.» como num desejo de progresso, numa ancia de imprimir o nome e a figura dos reis ás obras de arte, aos monumentos que embelezam a cidade.

Sente-se dinheiro por toda a parte, e, este nadar em pesetas assusta-me. Cada peseta é um dinheirão portuguez e, uma peseta é banal na vida miuda d'aqui.

Desejoso de me subtrair ao depenar da bolsa, vou á «comida» do hotel, 7 pesetas bem merecidas e sigo para a gare do «Norte» a tomar lugar no rapido para Irun. Um «chulo» que é corretor, deseja amavelmente reservar-me, ele, o importante, um compartimento que... vae vago. Dispenso-lhe os serviços e dou-lhe 5 pesetas, o melhor de 4 mil e quinhentos, que o velhaco olha desdenhosamente.

E agora fico a cogitar. A vida está cara? Está barata? Creio que barata. Para nós carissima mas disso não tem eles culpa. E como o comboio pontualmente com 20 minutos de atrazo parte, sem que mais ninguem entre para o vagon, refastelo-me em tres logares para dormir sobre uma «almohada» que custa duas pesetas...

Madrid uma banalidade... Palavrinha, confrades meus, não vale a pena virmos cá deixar os nossos esmaecidos cobres...

Armando Ferreira.

Officiaes milicianos

Desgraçados! Não ha mal que lhes não aconteça, não ha arbitrariedade que lhes não caia em casa.

Em se abrindo no ministerio da guerra a torneira das circulares e das portarias é contar que os milicianos serão atingidos pelo jacto das injustiças.

Aqui ha tempos foi uma circular que com toda a semcerimonia modificou as condições legalmente estatuidas para a permanencia dos milicianos no exercito e agora é uma portaria que lhes vem modificar as condições de promoções, colocando-os em tão vexatorias circunstancias que só lhes restará o caminho da porta.

Está acontecendo entre nós com os milicianos o que n'outros tempos sucedeu em Italia com os officiaes garibaldinos. Aproveitaram-lhes o esforço para a realisação da unidade da Italia e depois fizeram tudo quanto puderam para os pôr na rua.

Muitos anos depois ainda apontavam velhos e encanecidos oficiaes em situação de reforma com o epiteto que pretendiam tornar depreciativo, de garibaldino.

E' o que se está fazendo entre nós. Os milicianos bateram-se nas primeiras linhas da frente, muitos deles foram citados, outros condecorados com a cruz de guerra e outras distinções e agora não ha manejo que não se ponha em pratica para os pôr a andar.

Estabelece a portaria que os milicianos que quizerem ser promovidos ao posto imediato, deverão requerer e no caso de ser deferido o requerimento, e aqui é que está o gato, será a promoção referida á data desse deferimento.

E, entretanto, os oficiaes do efectivo que passaram como aerolitos na escola de guerra, frequentando os cursos relampagos, mais modernos que os milicianos, irão sendo promovidos e passando á direita deles

Os "poveiros" em Lisboa

Os poveiros, que continuam a permanecer em Lisboa, devem seguir para o norte amanhã. Está dependente a sua partida da organisação de um comboio que os deve conduzir.

Os poveiros assistiram hontem ao espectaculo no Coliseu e a comissão organisadora da manifestação que lhes foi feita á chegada espera conseguir das empresas teatraes alguns bilhetes para assistirem aos espectaculos de hoje.

A mesma comissão recebeu um telegrama da Federação Academica do Porto pedindo que lhes seja comunicada a chegada dos poveiros áquela cidade, onde lhes está preparada uma manifestação.

Os 400 poveiros que estão prestes a chegar talvez não venham por Lisboa, pois é quasi certo que o vapor «Garona» se dirigirá diretamente a Leixões.

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

A todas as pessoas que teem feito o enormissimo favor de me mandar numeros de «A Capital» com cartas minhas agradeço, de toda a minha alma, tão grande auxilio, como agradeço, com o não menor reconhecimento, as palavras carinhosas de que algumas remessas veem acompanhadas e que muito suavizam o meu penar.

Precisando, porém, de muitas colecções e tendo algumas incompletas, seria um valioso obséquio mandarem-me mesmo numeros soltos.

Podem esses jornaes ser remetidos para o escritorio do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, Rua de S. Miguel, 38, 1.º Porto; e gratissima lhes ficarei.

Maria Adelaide

Na administração d'este jornal compram-se os numeros d'«A Capital» de 19 e 20 de julho de 1920

Os catolicos e a Republica

Uma das notas mais caracteristicas das festas em honra dos Reis da Belgica foi a comparencia, a todas as cerimonias realisadas, do sr. Cardeal Patriarca e do vigario geral do patriarcado, sr. arcebispo de Mitilene. A maneira como esses principes da Egreja romana e os mais categorisados homens do regimen republicano se mantiveram sempre em cortez e talvez amistosa conversação, prova que a reconciliação entre a Republica e a religião catolica não é dificil de realisar, desde que nas suas relações mutuas haja a tolerancia e o respeito que muito naturalmente se impõe a pessoas civilisadas.

Assentando-se em que para se ser bom republicano não é indispensavel ter inscrição no Registo civil ou no Livre pensamento, todos os catolicos, mesmo os mais fervorosos, podem sem desdouro ingressar nas fileiras da Republica.

E' esta a boa doutrina que infelizmente muitos republicanos não compreendem.

A Constituição da Republica diz que o Estado seja. Domina-os essa religião e neutro tem uma significação muito diversa de adversario que é o que os extremistas pretendem que o Estado seja. Domina-os essa pretenção e, todavia, se reflectissem um pouco, deveriam concluir facilmente que em materia de crenças que são do dominio exclusivo da consciencia individual, não ha maneira de exercer influencia senão pela convicção, pela apostolisação.

Felizmente que, segundo se pode depreender da atitude correcta e digna dos sequazes da religião catolica, com especialidade dos que n'ela ocupam os mais elevados graus hierarquicos, se vão apagando cada vez mais as divergencias que, por vezes até agora se teem suscitado entre o Estado e a Egreja.

Oxalá se progrida n'esse caminho de conciliação sincera para bem da religião e da Republica.

Partido Liberal

Está sendo organisado no Seixal o Centro Republicano Liberal Seixalense.

Sindicancia

O juiz sr. dr. Guilherme Coelho, sindicante aos actos do conservador do Arquivo da Torre de Tombo sr. Eduardo Castro e Almeida, escolheu para seu secretario o funcionario do ministerio da instrução sr. Joaquim Tenreiro Sarzedas.

Malas postais

Amanhã são expedidas malas postaes, pelo vapor «Lima», para a Madeira e Manaus, e pelo Araguaya» para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e Africa oriental, via Madeira. A ultima tiragem da caixa geral é, respectivamente, ás 9 e ás 12 horas.

Os integralistas

A fabula da rã e do boi

O integralismo lusitano, pondo os seus olhos invejosos na assombrosa manifestação que os republicanos organisaram na Rocha do Conde de Obito por ocasião da visita do Presidente Loubet, imaginaram, com uma inconsciencia lamentavel de proporções, imitar, em favor do ideal monarquico por que anceiam em convulsões de histerismo politico, a grande manifestação de força que então deram os republicanos de Lisboa aclamando a Republica na pessoa do Presidente da Republica Franceza.

Propuzeram-se fazer o mesmo em favor da monarquia na pessoa do Rei Alberto da Belgica, mas, como a rã da fabula, não lhes deu a pele para atingir o tamanho do boi, e o resultado foi desentranharem-se todas as energias integralistas n'um bafo tão apagado, tão leve, que mais parecia o sopro d'um agonisante. Cinco meninos cuja idade devia aflorar por aquela em que cada qual começa a tomar posse de si mesmo e a incorrer na inteira responsabilidade dos seus actos, postados ontem junto da tribuna real, no hipodromo de Belem, soltaram, quando a noite começava a cobrir com o seu manto as redondezas e a ocultar as fisionomias dos circunstantes, cinco esganiçados gritos que foram ouvidos a cinco metros de distancia:

«Viva a monarquia!»

E ficaram muito satisfeitos da proeza, como se tivessem praticado algum feito digno de Nun'Alvares. As suas fisionomias enlivideceram, porém, ao ouvirem os comentarios d'alguns espectadores mais proximos que entre risos chocarreiros exclamaram:

«Estão a pedir poucas!»

Sumiram-se então prudentemente na escuridão da noite

Theatros e Cinemas

NOTA DO DIA

Uma peça imoral por uma companhia moral

Dentre as companhias que merecem a nossa simpatia por um honesto viver á parte da intrigalhada, e por um desejo sempre acertado do nos dar bom theatro, regista-se a empreza Maria Matos-Mendonça de Carvalho agora explorando o Avenida.

Iniciada a sua epoca com a «adoravel peça dos irmãos Quintero» «Malvalouca», previa-se uma epoca brilhante, e a «Capital» girandolou a abertura do Avenida com a frase «vaí começar o teatro «a serio». Mas porque exactamente a empreza tem responsabilidades, porque nos interessa a sua boa orientação na desorientação geral, temos de lhe apontar em publico um crime, um crime de lesa-arte.

Busquemos a entrevista que «A Capital» teve com «Maria Matos», quando num dever que é não só de reportagem mas de interesse e cortezia, lhe foi pedir noticias do seu reportorio. Relembremos:

—«Durante a epoca de inverno, representarei, alem das peças já mencionadas, um original de Chagas Roquete e outro de Lorjó Tavares, delicadamente sentimental, genuinamente portuguez, gela acção, pelo dialogo e pelos caracteres, que se intitula: «Segredo de confissão». Uma linda peça adaptada por João Soler, com o titulo «O principe João Maria». A adoravel peça de Sabatino Lopes: «O terceiro marido». A espirituosissima comedia de Pierre Wolf, o recente e grande exito de Paris: «Le bonheur de ma femme». E como remate a este soberbo «bouquet», interpretarei as duas mais belas peças Nicodemi: «A inimiga» e a «Sombra».

—Ouvi dizer que tem ainda novos projectos?

—E' verdade. Vou inaugurar uma série de matinées que consagro inteiramente ás creanças e constituirão deliciosos espectaculos. Como mãe, adoro as creancinhas; por isso porei o maior carinho em proporcionar-lhes algumas sãs distracções. Neste proposito, oferecer-lhes-ei uma linda festa que se chamará «A festa da boneca» e por creanças, ensaiadas por mim, uma adoravel peciinha de D. João da Camara, o que constituirá um verdadeiro acontecimento.

Bravo! Bravo! Eis palavras de saber.

Bravo! Bravo! Eis as palavras de satisfação que a todos nós, desejosos exactamente de ver o nosso publico contemplado com lindas, adoraveis, espirituosissimas, belas peças, acorreram após tão delicado «menú».

Mas... a 2.ª peça anunciada, que amanhã sobe á scena, não é nem linda, nem adoravel, nem bela, e apenas é espirituosa pela imoralidade que encerra. Não figurava no repertorio, porquê? Não vae no carnaval, porquê? Porque escolhe a empreza moral e bem intencionada uma peça de «Palais Royal», livre como todas as peças de Feydeau ou Hennequin, e a antepõe ao espirito de Wolf?

Quer saber o leitor o que é a peça «Et moi je te dis que lo ta fait l'oeil?» Não vale a pena. Dir-lhe-hei que o 2.º acto mete a competente cama ao fundo, numa «garçonnerie», onde uma madame que engana o marido pretende meter á força um pobre diabo, afim de ser constatado o seu adulterio pelo «comissario da policia». A madame despe-se, obriga o «amigo do seu amigo» a despir-se e mete-se com ele na cama.

Nós nunca fomos «moralões». Já vimos nos palcos portuguezes e por boas companhias peças bregeiras, frescas, livres, o diabo. No carnaval, por exemplo. Por emprezas que não teem responsabilidades de arte. Por gente que tem as costas largas. Agora a companhia Maria Matos, Mendonça de Carvalho! E com um tão lindo programa no principio da epoca.

Vamos, senhores, tenham juizo. Confessemos que isto não está certo. E, se alguem erra, não me parece que sejamos nós: «dar pancada numa peça sem... ter subido á scena!»

Mas se nós garantimos desde já o sucesso. O que nos espanta é quem a põe em scena... Quem havia de dizer...

A. P.

A questão dos societarios do Nacional

O comissario do governo junto do Teatro Nacional Almeida Garrett propoz superiormente a demissão do actor secretario Pato Moniz, por este artista estar trabalhando n'outro teatro sem autorisação do mesmo comissario e do administrador da sociedade. O sr. ministro da instrução mandou que fosse lavrada a respectiva portaria, caso o actor Pato Moniz não se apresentasse imediatamente no Teatro Nacional. Os actores Joaquim Costa, Carlos Santos e Antonio Pinheiro não foram mandados apresentar, ao contrario do que se disse, porque não pertencem á sociedade artistica concessionaria do Teatro Nacional.

Não é as «Duas Causas» como por lapso hontem «A Capital» disse, mas sim «A primeira causa» a peça em ensaios no Trindade.

Noticiario

—O actor José Alves da Cunha, que já está restabelecido, reaparece no Gymnasio, representando o principal papel de «La Griffe», peça de Henry Bernstein, ali em ensaios.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Malvalouca».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Vida Sportiva

As provas do jornal «Os Sports»

Continuam abertas as inscrições por toda esta semana

A suspensão forçada que o jornal «Os Sports» teve de sofrer no passado domingo, em virtude de necessitar de instalar a sua tipografia nas oficinas de «A Capital», não vem em coisa alguma atrazar ou modificar a orientação das provas de camions, automoveis motociclistas, side-cars e bicicletas que se vão efectuar em datas que oportunamente serão fixadas, continuando abertas as inscrições por toda esta semana. Na séde U. V. P. encontram-se boletins de inscrição para as corridas ciclistas e de motos. Para a prova de camions a inscrição é feita na redacção de «Os Sports» assim como para a prova automobilista, cujo regulamento publicaremos na quinta feira proxima.

* * *

No domingo, como tinhamos noticiado, o nosso colega A. de Campos Junior, e os srs. Alberto Lamarão, Armando Santos e Salazar Diniz fizeram num automovel «La Licorne», cedido pela firma Armando Santos Ld.ª, o percurso das provas Lisboa-Cintra-Cascaes-Lisboa, marcando-se controles e outros signaes na estrada, a fim de que a organisação de todas as provas corra o melhor possivel.

Concertos Blanch

E' a maior e mais concorrida assinatura que se tem feito no teatro São Luiz a que está aberta para a proxima serie de concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo «maestro» Pedro Blanch, estando os principaes logares assinados pelas familias da sociedade elegante, que deram ponto de reunião nas tardes dos domingos nos concertos Blanch. A assinatura encerra-se n'um dos proximos dias, de sorte que quem quizer assegurar um bom e apetecido logar tem de se apressar.

Quem alvitra? Quem reclama?

Militares do C. E. P. incapazes de todo o serviço

Sr. director d'«A Capital».—Por intermedio de cartas publicadas nos jornaes, foram socorridos pelo Estado alguns militares do C. E. P., que, a braços com a doença e a miseria estendiam já a mão á caridade publica. A totalidade, porém, continua na mesma situação.

Agora que o governo, com tão justificada razão, vae melhorar sensivelmente e na medida do possivel os ordenados dos funcionarios publicos, não seria justo que o parlamento concedesse pensões aos que se incapacitaram em campanha, na Grande Guerra, em defeza da Patria e da Republica?

Bastaria que, quando se discutisse a proposta dos oficiaes milicianos, se tornasse extensiva a todos os militares julgados incapazes,—independentemente de quaesquer notas—a letra do decreto do regulamento de campanha, que, em tais casos, preceitua a reforma extraordinaria; por que, tendo sido julgados incapazes em campanha, todas as suas doenças, como facilmente se depreende, foram, se não contraidas, pelo menos agravadas na mesma, o que está em harmonia com o citado decreto.

Aj fica o alvitre e pela sua publicação muito grato lhe fica.—«Um grupo de oficiaes milicianos do C. E. P., incapazes de todo o serviço».

Ao sr. ministro das finanças

Escrevem-nos:

«Ha oito, anos, em 1912, o então escrivão das execuções fiscaes sr. Antonio Manuel dos Reis foi acusado de ter cometido algumas irregularidades no exercicio das suas funções. Instaurou-se-lhe uma sindicancia, em resultado da qual foi aposentado compulsivamente do serviço de fazenda.

Não se conformou esse funcionario com semelhante resolução e d'ela recorreu. O conselho disciplinar do ministerio das finanças, a quem subiu o recurso, pronunciou-se contra a aposentação que tinha sido imposta dizendo que era um castigo que ele não merecia, pois que nada absolutamente se provára contra ele, e que, atendendo á sua avançada idade, continuasse na situação de aposentado, mas com todas as garantias, que a legislação cria aos funcionarios da sua categoria e colocação.

Esse parecer foi referendado pelo sr. Souza Junior.

Parecer egual foi dado pelos srs. Manuel Maria Augusto da Silva Bruschy, Manuel dos Santos e Francisco Pinto da Cunha Leal.

Pois, apezar d'isso, até hoje ao sr. Reis não foi dada a melhoria de aposentação. Não será um acto de justiça que o sr. ministro das finanças praticará mandando cumprir essa deliberação?»

Camion incendiado

A proposito da noticia que na nossa secção «Ultima Hora» demos no sabado passado, recebemos da conceituada firma Pereira de Carvalho, Limitada, a seguinte carta:

Lisboa, 1 de Novembro de 1920.—Sr. Director de «A Capital».—Lisboa.—Tendo «A Capital» de 30 do p. p. a proposito dum incendio, havido num camion da casa Vaquinhas, Limitada mencionado que o mesmo fora extincto pelos bombeiros, vimos declarar a V. que tal não se deu, e que foi um empregado da casa Borges & Irmão, munido dum extinctor «Imperator» que a mesma casa emprega para defeza dos seus escritorios, e do qual nós somos unicos representantes para Portugal e Colonias, quem extinguiu, rápidamente, o referido incendio.

Pela publicação desta, que pedimos, nos consideramos imensamente gratos.

Subscrevemo-nos de v. etc.—Pereira de Carvalho.

EM VIAGEM

Novas do «Peninsular»

Foi hoje recebido em Lisboa um radiograma vindo de Teneriffe, de bordo do vapor «Peninsular», dizendo que os passageiros seguem bem e cumprimentam as suas familias e os seus amigos.

A falta de pão

Acentuou-se hoje, em toda a cidade, a falta de pão, tendo sido apenas fabricados 10:893 Kilos do 1.ª qualidade e 207:611 do de 2.ª

Recaptura d'um preso evadido

O agente Daniel Martins, da 3.ª secção, prendeu hoje na rua de S. Paulo o conhecido gatuno Antonio da Silva o «Papagaio», que ha dias se evadiu da cadeia de Cintra, onde estava aguardando julgamento por um furto de pratas praticado em casa do importante capitalista sr. Eduardo dos Santos Moreira, de quem era creado.

O «Papagaio» tinha já planeado a evasão de diversos presos da mesma cadeia.

TOURADAS

Algés.—Realisa-se no domingo o ultimo espectaculo taurino da epoca. E' a festa do Antonio Proto, que, como tal, terá a parte principal do espectaculo que vae ser da constante gargalhada.

Em conformidade com o § 5.º do art. 8.º dos estatutos desta Companhia, resolveu o seu Conselho de Administração fazer uma chamada de 10 % do capital nominal das acções não liberadas. Os srs. accionistas deverão entrar com as respectivas importancias de 5$00 por cada acção, até ao dia 10 de Dezembro do corrente ano.

Lisboa, 2 de Novembro de 1920.
Pela Companhia de Seguros «A Lusitana»
O Director
Fernando Brederode.

Uma industria em grave situação

Informam os jornaes que reuniram os representantes das fabricas de tecelagem de linho e juta para elaborarem uma representação, que brevemente será entregue ao Parlamento, na qual se protesta contra o decreto 6965 que concede aos Syndicatos Agricolas a liberdade de direitos para os sacos taras de adubos importados pelos Syndicatos o que prejudica consideravelmente aquela industria.

Ao que nos consta n'essa reunião, que foi muito concorrida, manteve-se acalorada discussão verberando-se o governo que, no interregno parlamentar, foi fazer uma concessão beneficiando determinadas colectividades em detrimento de outras quando dentro da actual legislação podia, segundo a opinião dos que assistiram á reunião, conceder essa protecção sem prejudicar interesses vitaes da industria de linho e juta, agravando assim a situação economica e social do paiz.

A industria de linho e juta encontra-se portanto numa grave crise que é necessario acudir sem demora.

Ultima Hora

Os Reis da Belgica

A rainha passou o dia em Lisboa

Dissemos hontem na nosso secção das «ultimas noticias» que sua magestade a Rainha da Belgica e seu filho o Principe Leopoldo passaram ainda o dia de hoje em Lisboa, ficando de visita no palacio da Ajuda.

Eram essas as intensões da Rainha Isabel que afinal se modificaram á ultima hora, pois sua magestade recolheu a bordo hontem pelas 20 horas, ficando no entanto mais num dia em Lisboa, conforme haviamos noticiado.

O «S. Paulo» esteve hoje todo o dia rodeado le fragatas que transportavam carvão para bordo d'aquele barco de guerra, devendo o combustivel ser descarregado para os paioes até ao anoitecer.

O couraçado brasileiro deve esta noite ou manhã de manhã levantar ferro e proseguir na sua viagem para Ostende.

Cerca das 10 horas da manhã a Rainha Isabel, com seu filho o principe Leopoldo, acompanhados pela sr.ª Condessa Caraman Chimay e pelo sr. Leopoldo Moreira comandante do «S. Paulo» numa vedeta do bordo dirigiram-se ao Arsenal de Marinha, onde a sua saida passou quasi que despercebida.

A pé, encaminharam-se para as ruas da baixa onde passearam durante pouco tempo, dirigindo-se depois em automovel ao templo dos Jeronimos, permanecendo ali durante algum tempo a admirar o monumento.

Pouco depois dirigiram-se novamente ao Arsenal, onde se meteram n'uma vedeta e recolheram a bordo do cruzador.

Seguidamente foi servido o almoço, ao qual assistiu o encarregado dos negocios do Brazil, sr. Belford Ramos.

A rainha da Belgica, seu filho e mais alguns dignitarios, após o almoço, foram dar um passeio, numa vedeta, Tejo acima.

O combeio em que o rei Alberto seguia fez a viagem sem o menor contratempo.

Em virtude do rei dos belgas ir a socegar, o que foi comunicado telegráficamente quando passou em Coimbra não se realisou ali a projectada manifestação. A' estação de Santa Apolonia, ás 14,30 chegou um combóio sim que trouxe os srs. Raul Esteves, comandante dos Sapadores de Caminhos de Ferro, e director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, e o capitão sr. Serpa Pimentel e seus ajudantes, que acompanharam o soberano belga até á Pampilhosa.

Hontem, quando rainha recolheu ao «S. Paulo», foi enviado para bordo, pela Agencia Telegrafica Americana, um radiograma.

"Je suis frappé..."

Foi a frase que Alberto 1.º proferiu ao sair de Lisboa

A'queles que tiveram a sorte no Cães das Colunas, assistir ao desembarque dos soberanos da Belgica não lhes teria passado despercebida a forma rigida verdadeiramente militar como o rei soldado se apresentou.

No rosto do soberano não se notou por momentos a menor contração, em face das manifestações de que estava sendo alvo. Uma vez na tribuna o nosso ilustre hospede teve ocasião de receber as saudações do general sr. Norton de Matos, com quem trocou rapidas palavras e mesmo sucedendo com o sr. Cardeal Patriarca, o podemos garantir que a comparencia do chefe da diocese lisbonense á recepção na Praça do Comercio calou no animo do soberano...

E' que, ao que parece, Alberto I recebeu certas informações que estavam em completo contraste com o que se estava passando e ele tinha ocasião de ver, com os seus proprios olhos...

Viu o Rei Soldado a cidade no mais absoluto socego, viu o povo render-lhe as mais sinceras provas de simpatia e de carinho e viu por fim que a multidão ordeira o recebia de braços abertos.

E essas manifestações que se prolongaram durante as horas que o nosso hospede esteve em Lisboa acabaram por o encantar.

A' hora da partida, na estação do Rocio o Rei já não tinha aquele feitio militar e um pouco rispido. Estava alegre, comunicativo e sem se importar já com o protocollo, atravessou por entre a multidão e foi passar uma rapida revista ás tropas...

A politica portugueza parece que lhe despertou uma certa curiosidade pois que sobre o assunto, ao que nos conta travou rapidas impressões com o nosso presidente da Republica. Mas o Rei viu, afinal, que os portuguezes não são tão maus como ás vezes se diz e tanto que ao trocar impressões com o nosso chefe de Estado confessou:

—Je suis frappé!...

Ordem publica

Na direcção da policia da Segurança do Estado houve hoje durante o dia uma extraordinaria azafama, tendo o respectivo director major sr. Marreiros procedido ao exame dos documentos preciosos que ultimamente foram apreendidos aos integralistas numa casa da rua Borges Carneiro.

Por todos esses documentos se conseguiu facilmente verificar de uma alta venda, denominada «Carbonaria branca» cuja organisação é em tudo identica á carbonaria republicana que trabalhou para a implantação do actual regimen no nosso paiz.

O director da Segurança do Estado ordenou importantes diligencias na provincia que muita luz devem fazer sobre os manejos dos integralistas, que com afan estavam para porem em Portugal o seu rei D. Nuno I.

—Hoje foram presos e entregues á policia de Segurança do Estado o fotografo Casimiro da Cruz, da calçada de Santo Amaro, 23, acusado de não se ter descoberto á passagem da bandeira do batalhão n.º 2 da Guarda Republicana, José Augusto da Fonseca Barbosa, tambem fotografo, rua Morais Soares, M. L. L., 1.º por no Largo do Comões dar vivas á monarquia e ao dr. Sidonio Pais, e por tentar agredir o guarda 1635, quando este o conduzia para a esquadra.

Daniel Severino, padeiro da rua 24 de Julho, pateo da Farinha, 32 1.º e Joaquim Antonio Pereira, trabalhador, do Casal Ventoso de Baixo, Vila Pereira.

São ambos conhecidos como agitadores perigosos e bombistas pelo que teem já sofrido varias prisões, tendo-se tornado suspeitos no Rocio, á passagem do cortejo dos reis da Belgica.

Foram restituidos á liberdade Alvaro Rocha Morgado e Antonio da Silva Ribeiro, presos ha dias á porta do Café Martinho, acusados de darem vivas á monarquia o que se apurou não ser verdade.

Por ordem do sr. ministro do interior, vão ser expulsos de Portugal, por 3 anos os hespanhoes Antonio Ferreira Teixeira e Dominguez Gomez, que se encontram na cadeia do Limoeiro e que ha dias foram presos pelo agente Pereira dos Santos, no Terreiro do Paço, por suspeita de serem perigosos á sociedade.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Parecia que tudo estaria hoje regularisado, mas em virtude de ainda não terem sido, pelo Conselho de Administração, dadas ordens para a nova inscripção, nenhuma foi feita, o que deve começar amanhã.

Nas estações de Campolide e Santa Apolonia apresentou-se quasi todo o pessoal das oficinas para trabalhar, mas em virtude do que dizemos todos se retiraram sem fazer qualquer objeção.

Tambem compareceram muitos maquinistas, com os quaes se passou o mesmo.

A todo o pessoal que se apresentou para se inscrever foi dito que eram considerados como empregados novos.

No Sul e Sueste

A gréve do pessoal ferro-viario do Sul e Sueste mantem-se com pequenas alterações.

Ao que parece, mais algum pessoal se apresentou já no Barreiro.

O vapor «Vitoria» foi retirado do serviço, para sofrer reparações na maquina.

Para Setubal foram enviados pela Manutenção Militar 10.000 pães a pedido do respectivo administrador do conselho, sr. tenente Roby.

A força da guarda republicana que sob o comando de um capitão tem estado a fazer serviço no Barreiro é amanhã rendida por outra da mesma guarda sob o comando de um oficial da mesma patente.

Operarios do Municipio

Ficaram hoje definitivamente solucionada a gréve do pessoal operarios dos matadouros, tendo-se apresentado á hora regulamentar todo o pessoal.

Para o consumo dos talhos particulares foram hoje abatidas 71 reses bovinas adultas, e 369 carneiros e 63 suinos, pelo pessoal do estabelecimento, tendo regressado já aos quarteis as praças que fizeram serviço durante os 24 dias de greve.

As outras serviços continuam mantendo-se tudo no mesmo pé, quer dizer, a intrangigencias de parte a parte manteem-se.

Emigração para o Brasil

O *Diario do Governo* publicou hoje um decreto proibindo a emigração para o Brasil.

Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 1.—O governo autorisou a venda em leilão do vapor «Colombo», ancorado no porto do Rio Grande do Sul. O leilão realisar-se-ha simultaneamente nas cidades do Rio Grande, Porto Alegre, Pelotas, Buenos Aires e Montevideu.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 1.—O dr. Victor Pauchet foi eleito socio correspondente da Academia de Medicina de Paris.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 1.—A camara ratificou a nomeação de Raul Fernandes, representante do Brazil na conferencia internacional financeira de Bruxelas, para a conferencia internacional de propriedade industrial e comissão de reparações.—(Americana).

CUITO, 1.—O engenheiro holandês Brookel apresentou um relatorio sobre os jazigos de petroleo recentemente descobertos, assegurando que são d'uma grande riqueza em quantidade e qualidade.

O conselho do Estado do Equador estuda as propostas dos capitalistas americanos que se propõem arrendar esses jazigos pelo espaço de 99 anos.—(Americana).

LIMA, 1.—O ministro da justiça do Peru e o ministro da Bolivia, ficaram ilesos do incidente do automovel que deixou algumas pessoas gravemente feridas.—(Americana).

BOGOTA', 1.—Antonio Alves foi nomeado consul geral do Colombia em Paris.—(Americana).

Novos combates entre os «vermelhos» e as tropas de Wrangel

PARIS, 1.—O comunicado de 27 de Outubro anuncia que se travaram combates favoraveis para as forças do general Wrangel na frente de Dnieper, onde os bolchevistas se encarniçam em passar o rio. O comunicado do dia 26 diz que se travaram combates porfiados em todas as frentes contra os vermelhos, os quais desencadearam uma nova ofensiva.—(Havas).

Visitando os mortos

PARIS, 1.—Uma consideravel multidão visitou hoje os cemiterios de Paris, sendo depositos muitos ramos de flores nas covas e nos jazigos dos soldados que morreram pela França. As entradas nos cemiterios parisienses foram em numero de 2.540.000—(Havas).

O governo polaco aprova um plebiscito

PARIS, 1.—A imprensa franceza diz que o conselho de ministros polaco aprovou a proposta da Liga das Nações para se efectuar um plebiscito entre as populações dos territorios, objecto do conflito entre a Polonia e a Lituania.—(Havas).

Os funerais do rei Alexandre

ATENAS, 1.—Os funerais do rei Alexandre realisaram-se solenemente na sexta feira; conforme dissemos, no meio de uma afluencia consideravel. O almirante Dumesnil, que tinha chegado a bordo do cruzador couraçado «Waldeck Rousseau», depoz no prestito funebre uma esplendida corôa em nome da marinha franceza. O ministro de França, que no funeral representava o sr. Millerand, depoz igualmente uma corôa. No acto tambem tomou parte um destacamento de marinheiros franceses.—(Havas).

O funeral do lord mayor de Cork

LONDRES, 1.—O funeral de Mac Swiney, lord mayor de Cork, realisou-se no meio de enorme concurso de povo, não se tendo produzido qualquer incidente.—(Havas).

A «entente» militar franco-belga

PARIS, 1.—Os documentos trocados entre os governos francês e belga relativamente ás medidas militares destinadas a prevenir uma nova agressão da parte da Alemanha contra a França e a Belgica constituem o assunto duma comunicação ao conselho da Sociedade das Nações em conformidade com o que dispõe o artigo 18 do pacto.—(Havas).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3685 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 3 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Integralistas e reacionarios

Nas ultimas vinte e quatro horas, dois factos ocorreram que não podem passar sem reparo pela sua significação. Melhor lhes chamariamos duas atitudes, e como essas atitudes implicam com os proprios interesses da sociedade portugueza, que requer ordem, pacificação, tranquilidade, n'uma palavra, tudo o que pode assegurar-lhe uma normalidade de vida tanto mais almejada quanto ha muito estamos d'ela privados, evidente se torna que é preciso não deixar passar nenhuma ocasião de desprezar mal entendidos ou de opôr á má fé a linguagem serena e forte do direito e da rasão.

No Porto, segundo rezam os telegramas, efectuava-se hontem uma manifestação destinada a ir ordeiramente comunicar ao chefe do distrito, para que este o transmitisse ao governo, o protesto de determinados elementos republicanos contra o projecto da amnistia. Somos absolutamente insuspeitos, dizendo que essa manifestação devia ser respeitada porque não temos poupado as nossas censuras a tudo quanto de forma irregular se tem feito contra a apresentação d'esse projecto. Entendemos que tanto direito ha para aplaudir como para repelir a idéa da amnistia, desde que se não saia dos limites da lei e da ordem.

Ora quando essa manifestação passava por um determinado ponto do seu percurso, sobre o cortejo foi arremessada uma porção de manifestos integralistas, escritos na linguagem grosseira e subversiva que é a caracteristica da propaganda dos adeptos do pequeno D. Nuno. Evidentemente, tratava-se d'uma provocação, e a haver excesso na maneira como os republicanos d'ela se desagravaram, não é menos certo que ninguem, de espirito imparcial e sereno, deixaria de reprovar um gesto que só podia ter resultados deploraveis e contraproducentes.

E' curioso como o chamado grupo integralista parece empenhar-se em criar situações que obstem á concessão da amnistia. Sabe-se o que projectavam com a visita dos reis da Belgica; vêmo-los agora explicar senão justificar um redobramento de violencia nos protestos dos republicanos que sofreram os vexames e selvagerias da Traulitania. Dir-se-hia que eles não querem que feche a chaga aberta, o que só se pode esperar de inspirações calmas do patriotismo vencendo os naturaes resentimentos humanos. E' que, na realidade, a amnistia trazia comsigo, presumivelmente, uma pacificação que eles, como pescadores de aguas turvas, não querem, porque só assim poderão ter esperanças para as suas manobras revolucionarias.

E' preciso saber que os integralistas representam hoje uma facção, irredutivelmente incompatibilisada com o grosso das forças monarquicas que obedece a D. Manuel, e, como o soberano destronado, se mantem fiel aos principios da monarquia constitucional. Os integralistas, sem nenhuma atenção pela propria sensibilidade nacional, escolheram um rei estrangeiro, repudiando o rei portuguez, e ainda por cima um descendente daquele D. Miguel, que creou toda uma politica de despotismo estupido e malvado, se politica se pode chamar-se-lhe, originando uma guerra civil cuja recordação ainda persiste em toda a população portugueza.

Ao mesmo tempo que o facto a que aludimos se passava no Porto, estava-se compondo nas oficinas da folha catolica, «A Epoca,» e hoje nela apareceu publicado, um artigo do seu diretor, não menos inspirado no espirito de contrariar a ampla pacificação de que o paiz necessita. Como o sr. cardeal patriarca tivesse concorrido ás cerimonias oficiaes da visita dos reis belgas, conversando com os representantes do governo, e fazendo-se representar no almoço oferecido pelo sr. Presidente da Republica ao rei Alberto e sua esposa, a «Epoca» procura tirar a esse acto, que não podia ser impensado, nem praticado com segunda intenção, todo o carater que ela deve necessariamente ter de mais um passo para um caminho de conciliação. Não nega a «Epoca» que a lei da separação foi limada nas suas asperezas, mas só para vêr nisso um acto particular, quando ela foi sancionada, e continua a ser sancionada, pelo Estado republicano. E' mais uma vez a pretensão revelada de eternisar o conflito na sociedade portugueza, em virtude de paixões que não desarmam nem perante os mais sagrados interesses da patria.

Os republicanos que defendem a amnistia são movidos pelo intuito de favorecer a patria com o inicio duma nova era em que os esforços de todos os portuguezes lealmente se conjuguem. Atitudes como a dos integralistas e a da «Epoca» só podem dificultar a sua acção. Pensa-se em realisar uma obra de abnegação, que não é outra coisa o esquecimento de factos que tanto pungiram o justamente indignaram a consciencia republicana. Faz-se um sacrificio pela patria, para que ela tenha paz e socego, e monarquicos e reacionarios respondem procurando evitar a todo o custo essa era que dará fim ás suas especulações politicas. O paiz que atente no que se passa, e que veja quem deve ser sobretudo responsabilisado pelo conflito cronico cujas consequencias sofremos.

A LEI 1040

Ainda mexe o monstro! Ainda mexe para praticar todas estas atrocidades; efeito retro activo, castigar pela segunda vez o mesmo delito, punir sem investigar de circunstancias atenuantes ou até derimentos que não faltaria quem as podesse alegar, criar a leva da fome para contrapor á leva da morte do dezembrismo, etc.

O que de modo algum se póde admitir é o castigo em massa, como o aplica a monstruosa lei, quando a sciencia estabelece na legislação penal, cada vez com mais meticulosidade, a destrinça minuciosa das circunstancias dos delitos para melhor se poder aferir dos diferentes graus de responsabilidade.

Seiscentos oficiais e sergentos punidos, atingidos na sua situação social, na sua vida de familia, por uma tão imoral lei, é coisa que em nenhum paiz civilisado se póde admitir. E o ministerio que com tão grande inconsciencia das responsabilidades do momento que vamos atravessando, a aplica, vêr-se-ia embaraçadissimo para justificar a necessidade de a cumprir e a justiça das suas disposições. Oficiaes ha que foram ou hão-de ser atingidos, pois já se apontam aqueles que nos negros gabinetes do ministerio foram sem remissão condenados, emquanto outros escaparam ás furias vingativas da lei monstro, porque tiveram a feliz inspiração de se cobrirem a tempo com o escudo de uma eficaz protecção d'algum trunfo ou d'um grupo politico.

E isso representa uma imoralidade inadmissivel.

Falsificadores e mixordeiros

Foram hoje julgados Manuel Lourenço, com salchicharia na rua de S. Paulo, 178, por fabricar com carne picada chouriço improprio para consumo publico, e Afonso Gonçalves Martins, com mercearia na rua do Vale de Santo Antonio, 33, por vender banha avariada, sendo ambos absolvidos, por falta de provas.

União dos Adueiros de Portugal

Encontra-se definitivamente instalado na rua de S. João dos Bemcasados, 68, rez-do-chão o grupo n.º 21, onde se acha aberta a inscrição de socios auxiliares e efectivos (adueiros).

Pescadores para o Brazil

Foi publicado no «Diario do Governo» um decreto em virtude do qual fica proibida a emigração de pescadores portuguezes para o Brazil.

Além de ser dificil a sua execução, visto nada mais facil que cada qual apresentar-se como tendo uma profissão que na verdade não é a sua, esse decreto impedirá a emigração para o Brazil de qualquer individuo que, sendo na realidade pescador, pretenda partir para as terras de Santa Cruz com o fim de exercer lá qualquer outra profissão, Isso são, todavia, os menores inconvenientes. O peor é ter o aspecto duma represalia que nada justifica. A legislação brazileira estabeleceu que os barcos empregados na pesca nas aguas territoriaes do Brazil deveriam ter, pelo menos, metade da tripulação brazileira. A inspectoria da pesca aconselhou, então, os nossos compatriotos a angariarem a matricula de brazileiros para os seus barcos no numero marcado pela lei. Ora isso é que, ao que parece, os nossos compatriotas não puderam conseguir, não sabemos porquê. De resto, os nossos compatriotas poveiros não se encontraram desamparados de apoio dos proprios brazileiros, pois que até no parlamento algumas vozes, e das mais eloquentes, se levantaram em seu favor.

E', pois, de toda a conveniencia que se não avolume um incidente que no fundo proveiu dum direito incontestabilissimo dos poderes publicos brazileiros legislaram o que melhor lhes pareceu ácerca do exercicio da pesca nas suas aguas territoriaes, direito que nós proprios nos reservamos ciosamente.

Uma intervenção do nosso governo, a tempo e horas, teria talvez evitado a agudeza do incidente, visto que nas regiões governativas do Brazil, onde felizmente não chegam as estultas aspirações nativistas, só ha boa vontade para com Portugal. De resto, para evitar a desnacionalisação portugueza, como se diz nos considerandos do decreto, melhor fôra decretar dum modo geral que qualquer cidadão portuguez não perde essa qualidade, nem mesmo quando se naturalise cidadão estrangeiro. E' novo este ponto de vista na nossa legislação, mas tem precedentes na legislação de alguns paizes.

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

As provas de "Os Sports,,

Realisar-se-hão até ao dia 25, continuando abertas as inscrições— Uma importante oferta da Companhia da Borracha—Os inscritos

Embora viesse atrazar um pouco a realisação das provas, a suspensão forçada do jornal «Os Sports» por alguns numeros, em virtude daquele bi-semanario estar a organisar a sua tipografia, não tem perdido o interesse já manifestado e os inscritos são em grande numero. As provas dividem-se: como temos dito de camions de automoveis, motocicletas, side-cars e bicicletas, todas no percurso de Lisboa-Cintra-Cascaes-Lisboa devendo efectuar-se até ao dia 25 do corrente visto que «Os Sports» conta reaparecer na proxima semana.

As inscrições continuam abertas na redacção de «Os Sports» e na sede da U. V. P. Em todas as provas já ha inscritos, prevendo-se um grande exito, tanto pelo lado sportivo como comercial, interessando altamente os representantes das diversas marcas.

* * *

A direcção de «Os Sports» tomou conhecimento de uma importante oferta feita pela Companhia da Borracha, que, desejando auxiliar a propagando do automobilismo e ciclismo, pôs á disposição daquele jornal 12 camaras d'ar e 12 pneus para bicicletas, cuja fabricação é feita nas suas importantes oficinas, e ainda algumas camaras d'ar e pneus para motos e automoveis. São mais premios com que aquele jornal conta para as provas, a juntar áqueles a que já nos temos referido.

* * *

Parece que algumas casas comerciaes tambem oferecem varios premios além dos representantes da gazolina Schel e Auto-gazo cederem para os carros e motos do juri esta essencia. A empreza do Stadium tambem colabora nas provas oferecendo o premio de 100 escudos ao primeiro motociclista que faça o percurso, isto além dos premios do jornal «Os Sports», organisador das provas.

Os inscritos

«Camions»—Marca «Arbenz» de Vasco Jardim, dois na 3.ª e 4.ª categoria.

—Marcas «Lacre» e «Vinot-Deguingand» da Empreza de Explorações Comerciaes e Industriaes L.da na 2.ª e 3.ª categoria.

—Marca «La Licorne» de Armando Santos L.da na 3.ª categoria.

«Motocicletas—Carlos Fernandes (Reading Standard), Fernando dos Santos Pinto (A. B. C.) e José Martins (individual).

Para as provas ciclistas tambem na séde da U. V. P. ha já bastantes inscritos e para a prova automobilista as inscrições deverão abrir na quinta ou sexta feira proxima.

* * *

Todos os esclarecimentos podem ser pedidos na redacção do jornal «Os Sports» ao redactor principal, A. de Campos Junior, rua do Norte, 5, 1.º.

Pobres de "A Capital"

O donativo de 100$00 que a conceituada casa Pinto & Sotto Mayor nos enviou, para os nossos protegidos, comemorando assim a visita de sua magestade o rei Alberta I, foi distribuida em esmolas de 2$00 pelos seguintes pobres:

Palmira Fernandes, t. da Espera, 47; Conceição Matos, t. da Espera, 43, 4.º; Emilia d'Almeida, r. Diario de Noticias, 54, 1.º, D.; Elvira Gonçalves, t. Fieis de Deus, 19; Maria Rosalia, t. Bela Vista, 20, r|c.; Gloria Carneiro, t. Bela Vista, 20; Conceição Cruz, r. Diario Noticias, 135; Jaime Gonçalves, r. Crucifixo; Clarinda Costa, r. Luz Soriano, 19; Mariana da Silva, r. S. João dos Bemcasados, 79, 1.º; Mercês Franco, r. do Norte, 14, 4.º; Maria Emilia de Sousa, t. da Espera, 56; Maria de Jesus, pateo do Tijolo, 11, 1.º, E.; Maria Esther, r. S. João da Mata, 14, 4.º; Julia da Conceição, r. dos Industriaes, 7; Rosa de Jesus, avenida Gomes Pereira; Joaquim Pinheiro, t. de S. Mamede, 46, 4.º; Maria Augusta e Maria José, r. das Salgadeiras, 20, 3.º; Ana Nogueira, pateo Victoria; Maria Nabals, r. das Barracas; Luiz Pereira, r. Douradoures, 208, 5.º; Maria do Nascimento Leitão, r. do Possolo, 32, 1.º, D.; Isabel Ferreira, r. da Barroca, 129, 3.º; Dicia da Conceição, t. Espera, 57, loja; Matilde Leiria, t. Fieis de Deus, 23; Maria do Nascimento, r. Salgadeiras, 40; Guilhermina Gomes, r. do Ranjal, 50, loja; Isabel Cunha, r. das Amoreiras, pateo Biagi; Maria Ludovina, r. do Arco Carvalhão, 206; Rita Rodrigues, r. Rato, 27, 4.º, E.; Aurora Lopes, Casal Ventoso, 4; Laurinda Cruz, r. Crucifixo; Julia Maira, t. André Valente, 34, loja; Ana Lemos, praça das Amoreiras, 31; Alda da Conceição, t. Fabrica dos Pentes, 2; Agueda do Espirito Santo, Alto S. Francisco, pateo, 15; Adelaide Augusta, r. do Norte, 62, 2.º; Palmira Augusta, r. do Diario de Noticias, 120, r|c.; Silvana Henriques, r. da Moeda, 15; Augusta da Silva, calçada das Lages, 25; Rosaria de Jesus, r. do Loreto, 55; Candida Santos, t. Portugueza, 64, 3.º; Maria Augusta Pereira, r. do Norte, 56, loja; Elisa Nunes, r. do Norte, 56, 2.º; Maria Coelho, r. Luz Soriano; Rosaria Jesus, t. do Poço, 17; Adelaide Almeida, r. Damasceno Monteiro, 40, loja; Estefania Ferreira, r. N. Loureiro, 37, 3.º, D. e Maria Augusta, r. das Taipas.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

A rir se dizem as verdades

Pode, talvez, parecer-lhe, leitor, um pouco estranho que eu leve para a brincadeira alguns comentarios que tenho feito aos vários depoimentos de que lhe tenho falado; mas, ou havia de discuti-los muito a sério e então teria que dizer cousas muitissimo fortes, ou fazer o que tenho feito.

Evidentemente que o meu caro leitor não duvida da minha justa indignação ao ler esses depoimentos, por detraz dos quais vejo brilhar a «recomendação muito especial» do sr. dr. Alfredo da Cunha; tão pouco põe em duvida que a minha vontade fosse despejar todo o meu desprêso sôbre esses homens que não hesitaram em sacrificar vidas, falseando a verdade; isso, porem, incomodava-me, incomodava-o a si, leitor, e só quem se não incomodava eram eles. Alem de que lhes não cabe a maior culpa. O verdadeiro responsavel é o sr. dr. Alfredo da Cunha; mas esse já se não incomoda com o que lhe digam. Contanto o que não tenha que me dar dinheiro, podem dizer-lhe o que quizer. Em vista disso levo o caso a rir, porque, ás vezes, uma gargalhada dada a tempo, vale mais do que uma palavra a sério e a rir ficam ditas as verdades.

Continuando a apresentação dos comparsas que teem entrado neste drama, trago hoje á sua presença mais um —Joaquim Rodrigues Telhado—testemunha de acusação no processo crime.

Citarei dos seus depoimentos os pontos que quero tocar e ir lhes hei fazendo os comentarios.

O Telhado disse na policia em 12 de Março...

...Que no dia 26 (regulou-se pela folhinha do Arnaldo) do mez findo (Fevereiro de 1919) assistiu, aliás, estando no Roção ouviu dizer que estavam ali agentes da policia, para prender Alberto Cardoso e Manuel Lopes Cardoso assim como uma senhora que estava em casa do Alberto e que os dois para ali tinham levado»...

O homem oculta que foi ele o principal figurante na tratantada e diz:...

...«Aproximando-se da casa do Alberto para presencear de perto o que ia passar-se (queria gosar a sua lin da obra) viu, de facto, os dois detidos e uma senhora desconhecida que nunca tinha visto apesar de ser visinho (vizinho é modo de dizer!) do Alberto Cardoso, em casa de quem essa senhora estava. E' facto que uns dias antes de se efectuar essa diligencia, constou-lhe que o Manuel Cardoso tinha escondida, em casa do Alberto, uma rapariga que para ali tinha levado; mas constou-lhe que alguem a viu dentro duma janela em ocasião que o Manuel Cardoso não estava no Roção...»

O homem quere dar a entender que, estando o Manuel em casa, eu não tinha liberdade de chegar á janela. Mas, emfim, um «carcere» sem grades na janela e esta sem ser fechada á chave, não era um «carcere» muito seguro, nem era mesmo tão privado como o do Conde de Ferreira.

Noutro depoimento que no mesmo dia 12 o Telhado fez no Tribunal (o processo andava nesse tempo a dois carrinhos), entre outras cousas, (já temos a taberna que o sr. Angelo Alva não viu) e que a diligencia policial tinha chegado ali ao escurecer (este não viu o sol) e que começaram (este não viu o sol) e que começar i logo os trabalhos o que dera nas vistas á gente da povoação. Que os agentes de policia, a mencionada senhora e os arguidos foram pernoitar em sua casa (casa é como quem diz taberna).

...«Que depois da chegada do Manuel Lopes Cardoso ao Roção, rosnára-se (!) realmente, que ella tinha trazido uma rapariga, que a tinha escondida em casa do Alberto Cardoso onde de facto foi encontrada pela policia; mas a verdade é que nunca ninguem no lugar poz a vista em tal senhora, nem ela apareceu dentro ou fora de casa (aqui o Telhado esqueceu-se que já tinha dito que me haviam visto por dentro duma janela) sendo voz publica que ela estava em carcere privado»...

Cortem-me a cabeça, se no Roção alguem sabia o que era semelhante cousa! E hoje mesmo a ideia que devem formar dum carcere-privado é tão exacta que, com certeza, ninguem naquela aldeia torna a querer hospedes em casa.

O mais interessante, porem, vai o leitor ver. O Telhado acrecenta que eu fui encontrada escondida entre uma parede e umas tabuas. Nesta altura do depoimento lê-se:

...E mais não disse: confirma e assina»... mas havia-lhe esquecido ainda alguma cousa e por isso continuou:...

...«Finalmente disse que não foi nenhum dos arguidos, mas sim a policia, que tirou da casa onde se achava enclausurada a referida senhora. E mais não disse, confirmou e assina»...

Ora como pode ser que o leitor não saiba, como eu não sabia aqui ha um tempo atraz, que a pena do carcere-privado pode ser muito elevada, quando se mostre que a pessoa que sujeitou outra a essa prisão, lhe não deu voluntariamente a liberdade, era preciso mais aquele «acrescente» para o Manuel e o Alberto não terem fiança.

Foi tudo muito bem preparadinho e... «feito pelo seguro».

O que, no entanto, repugna á ver os processos que foram usados, a falsidade com que se dizem todas essas cousas e a negligencia dos Tribunais, deixando-as passar sem o mais leve reparo e até sancionando-as. Porque estas contradições que eu lhe apontei, leitor, qualquer as nota, mesmo sem ser jurisconsulto.

Podem dizer-me que levaria muito tempo a ler tudo isso e que os juizes teem mais que fazer. Mas creio que, mesmo que outro motivo não houvesse, motivo importantissimo e que leva o juiz á sua cadeia—fazer justiça—valia bem a pena o sacrificio de algumas horas dessa leitura, para não sacrificar anos de vida dum homem que, pelo exame desses depoimentos, tantas contradições eles conteem, se vê bem que está inocente do crime de que o acusam.

No peito dum juiz, debaixo da sua toga, precisa, antes de tudo, bater o coração dum homem justo e imparcial, para que esse coração possa ser o coração dum juiz.

Maria Adelaide

T. M. E.

Voltamos ao assunto da trapalhada maxima efectiva que representa a administração dos T. M. E. Ela é tão baralhada, tão confusa, tão fechada a olhos indiscretos que a propria comissão de sindicancia se declarou incompetente para poder continuar a exercer a sua missão, emquanto o conselho de administração não fôr suspenso.

Que barafunda!

Não houve maneira, no dizer do sr. major Branquinho, de esclarecer a administração da frota mercante do Estado, durante os primeiros oito mezes da exploração, e desde então até hoje todos os ministros do comercio teem sido concordes em que aquela administração tem corrido sem trelho nem trabelho.

Não se sabe, nem ninguem que o possa fazer se quer dar ao incomodo de informar o publico do destino do dinheiro dos seguros dos navios perdidos que n'uma administração bem ordenada constituira um fundo de reparação de navios e aquisição de outros novos.

Não se pode admitir que esses navios não tenham sido seguros, porque isso representaria o cumulo do desleixo absolutamente inconcebivel em quem se abalança a qualquer administração.

Por isso, pergunta-se se em dinheiro existe um fundo destinado a reparações e aquisição ou se tambem se sumiu na voragem insaciavel dos T. M. E.

E pelo que diz respeito á Furness necessario seria saber-se se ela tem pago o aluguer dos barcos, quantos entregou, quantos faltam ainda entregar e se entregou ou há de entregar ainda o dinheiro dos seguros dos que se perderam emquanto estiveram a seu serviço.

A Nação precisa de saber tudo isto claramente, sem nenhuma especie de sofismas. Entrou a guerra por se ter apoderado da frota mercante alemã fundeada nos seus portos, isso obrigou-a a sacrificios quasi incomportaveis e não se póde admitir que a unica compensação que lhe ficou seja assim estragada, desperdiçada, arruinada, inutilisada.

O episodio da barca «Flores» hoje contado no «Seculo» é elucidativo da incuria que tem presidido aos serviços maritimos mercantes do Estado.

Essa barca está ha nove mezes abandonada em Cardiff, depois de ter estado ao serviço da França e de nos ter sido restituida.

Desloca 3.800 toneladas e poderia ter prestado inestimaveis serviços na transporte de mercadorias que se não deteriorassem com a demora da viagem, que são muitas e importantes.

Rainha da Belgica

Saiu hoje de manhã o cruzador brazileiro «S. Paulo, levando a seu bordo a rainha Izabel da Belgica e seu filho o principe Leopoldo.

O novo presidente dos Estados-Unidos

NOVA-YORK, 3.—Foi eleito presidente da Republica o sr. Harding. — (*Havas*).

Na administração d'este jornal compram-se os numeros d'«A Capital» de 19 e 20 de julho de 1920.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

III — *S. Sebastian, a aristocratica...*

O mesmo já não digo de S. Sebastian. A concha formosa, que no fundo do Golfo de Biscaia faz «pendant» com Biarritz, é pela sua beleza natural e pelos aformozeamentos do homemo uma verdadeira maravilha. O mar tem para nós, gente do litoral, uma atracção muito especial, e, agora contemplando o azul d'esta bolsa d'agua estreitada na bôca, mais me persiste a ideia de que o aborrecimento de madrid, é devido á falta do aroma iodado do mar ou mesmo da frescura que se presente d'um rio, perto. Não desfazendo no manzanares que muita competencia pode ter com... o caneiro de Alcantara.

Dormido até para cima de Palencia, venho encontrar perto de Burgos as primeiras terras com vegetação, as elevações primarias dos Cantabricos.

Em Burgos pode o leitor apear-se e tomar uma tigelada quente d'uma agua côr de castanha que parece café e só é saborosa quando tem algumas baratas no fundo. Os terrenos modificam pouco a pouco a sua fizionomia; a paisagem toma interesse, e nota-se bem que saimos da mezetta central da Peninsula para entrar na região batida dos ventos maritimos. Miranda é um entroncamento respeitavel e, lá para o norte, a linha, serpenteando a meia encosta de montes todos cobertos de verdura fresca, ainda orvalhada, é um encanto. Ao fundo vales que despertam, casaes brancos, ribeiros em perpetua caminhada, scenarios luxuriantes. Os tuneis sucedem-se atravessando de lado a lado a cordilheira. Passada Tolosa, a planicie volta agora uma estreita facha que rescende a oceano: é a costa que está perto.

Surgem então as fabricas papeleiras aproveitando a hulha branca, e que me explicam a profusão de livros, jornaes, revistas que inundam a Hespanha.

O pequeno rio que vae seguindo junto á linha e alimenta esta industria patente, vizivel, indicativa de riqueza e recursos desagua em S. Sebastian dividindo a cidade, e é galgado na «ensanche» por 3 pontes, uma das quaes—Ponte Maria Cristina—mesmo em frente á estação tem nos extremos dois pares de pilares em cantaria, dignos dum olhar demorado do viajante.

O meu hotel, que recomendo gratuitamente, é o «Suisse» na calle Guateria, central e arejado. Almoço servido por raparigas bem postas, de negro e aventaes e toucas brancas que mais se me afiguram francezas pelo tic «coquette» da vestimenta. O pão, santo Deus, é a minha tentação; continua a ser alvo, saboroso, esplendido, e depois de ter imprudentemente deteriorado algumas pesetas num vinho branco impossivel de se entender com o meu estomago, acho-me pronto para ver a terra.

S. Sebastian é a cidade-praia. Não tem vilas, nem chalets, nem verdura. E' uma cidade moderna, cortada de ruas largas que edificios ricos, bem arquitectados ladeiam. Montras carissimas, luxos aristocraticos, a proximidade da batota... E subito, quando se sae do «boulevard», ou da magnifica Avenida da Liberdade, abrange se todo o semiciclo soberbo onde as lonas brancas das barracas de banhos e dos toldos são como uma feira de gente, uma quermesse moderna de gente e animação desusada. E' uma situação esplendida a desta bahia, defendida do mar pelos montes Urgul com o seu castelo e «Igueldo» com o seu casino, e ao meio do mar como cortina defensiva a ilha de Santa Clara.

A praia chama-se «la concha» e metendo-se a gente num trem seguindo rente á agua por uma avenida bem cuidada, que passa em tunel sob o palacio do rei Affonso e indo parar ao funicular do monte Igueldo, não se faz tolice alguma.

O funicular custa umas «perras» e grimpa-se até ao cimo onde se instala um belo casino, anexo ao qual existe um torreão cuja vista e deslumbrante.

Merece a pena o passeio e a chávada que se toma sobre o terraço, vendo a golpe de aguia o recorte caprichoso da costa.

Não tenho porém tempo para ali permanecer muito, em calmaria podre nos engodos dum concurso de beleza com fins filantropicos que o casino anuncia para a tarde; o pano verde lá está, dando corda a toda esta vida de prazeres e alegrias. Volto pelo funicular, ingreme mas já de si interessante porque nos intervalos dos rails tem até plantadas pequenas flores que de longe fazem um vistão.

Por detraz da cidade, virado para a bahia fica o rio, e os palacetes da aristocracia, jardinados em frente que constituem os «Passeos» da Republica Argentina e outros, são dignos duma visita de passagem para o «Rompeolas» e o Passeo do Principe das Asturias, aberto junto ao mar na encosta do monte Urgul. Uns madurros pescam perpetuamente e interminavelmente á cana.

O «Gran Casino» e a «Iglesia del Buen Pastor» são os polos principaes da terra. Entre os dois se balança esta gente, endinheirada e religiosa que pela manhã coloca no cofre das almas umas pesetas, fazendo o signal da cruz e á noite coloca mais algumas em plenos ou mesmo em cruzetas. O Gran Casino em frente ao monumento do Centenario é já grandioso e á noite, iluminado, exhalando sons de musicas varias atrae para o abismo os... que ainda caem. A «tenue» não é obrigatoria, porque o hespanhol não é de cerimonias.

Mesmo, porque aqui muito em segredo direi que a aristocracia de S. Sebastian é um pouco gorda e com muitos «niños» que fazem as mamãs perder a linha com facilidade. Disfrutam se pela manhã na «concha», ou mesmo no casino, onde não jogam preferindo os espectaculos no teatro. Como de Madri, a Hespanha quer fazer uma Paris, como S. Sebastian quer ofuscar a visinha Biarritz. Mas, quando uma «pécora» franceza—e não são poucas—passa atrevida no seu decote ou nas suas «gambias» ao leo pelo casino, vá de sussurros sob os leques lantejoulados de boa decencia hespanhola.

Pela manhã, á hora do banho, aquela gente põe-se mais á vontade; e os banhos não tem o aguçado picante das praias elegantes francezas. E' curioso, cheira a suor.

Antes de partir não deixo de visitar a catedral, «Buen Pastor», cujo exterior é mais belo do que o interior; deixa-me menores impressões do que um chocolate á hespanhola, com deliciosos pães com manteiga, compota e palitos de la reine que tomo prestes a regressar ao comboio que me vae levar a Irun. Ainda pensei em ir de electrico, porque os ha, até á fronteira, em duas classes e um fourgon para cestos de hortaliças, peixes, etc. e que formam pequenos comboios que atravessam S. Sebastian.

A linha faz uma curva apertada dentro da cidade, passa na infalivel «praça de touros», e, dirige-se paralelamente á costa, para a fronteira. Estamos no sopé ocidental dos Pirineus, dentro em pouco em Irun.

Ainda aqui a demora é curta. As bagagens nem se abrem, e, ao fim de meia hora, divisam-se os primeiros fardamentos «bleus».

Estamos em França. Hendaya chega.

O meu primeiro instinto é dar balanço aos 2 dias de Espanha e calculo aproximadamente em dois centos de pesetas, fóra os comboios, o que «nuestros hermanos», apesar de minha fuga precipitada me conseguiram apanhar.

*

Hendaya estação, com a «douane», as madames que inquerem mecanicamente. Pas de tabac, cigarres, cigarrettes... não diz nada que a vinte minutos dali se encontre outra Henday encantadora, «Hendaya-plage», chic e já com o «cachet» elegante do parisianismo «en vaccances». Mas, o tempo, 4 horas de intervalo para o rapido de Paris, é escasso pois os passaportes demoraram a vistorar e o almoço consumiu uma hora.

Desilusão: o pão enegreceu; sente-se já que aqui, apesar de estarmos nos confins da França, se sofreu a guerra.

No comboio, agora sulcando uma região agricola que lembra muitas das nossas paisagens, vão portuguezes que ámanhã se perderão no mundo de almas de Paris. Um indica:

—Aqui foi onde o Bernardino Machado esteve.

E' verdade... o Bernardino, a politica, o Portugal afastado já, longiquo, que nada recorda senão a nossa saudade por estas terras fóra.

O comboio corre, rapido entre duas estações consecutivas...

—Ali foi onde o rei de Espanha veiu passar a lua de mel.

E' um bosque poetico, com dois soberbos lagos, ao lado esquerdo da via ferrea. E, não tarda a pequena estação de «La Negrene».

Apeio-me. Mudo de comboio, para um mais pequeno que me vae levar a Biarritz. E dentro de meia hora, a «Biarrrrritz» que Tomé dos Anjos, meu ex-sapateiro, hoje meu senhorio, achou «uma beleza», acha-se sob os meus pés de viajante apressado e ávido de sensações.—**Armando Ferreira.**

Operarios dos Bairros Sociaes

Recebemos a seguinte nota oficiosa:

Vendo-se o conselho de administração da construção dos Bairros Sociaes inhibido de fazer o pagamento das férias ao seu pessoal no sabado proximo passado, por não ter recebido a horas competentes a verba para tal fim destinada, sucedeu que meia duzia de discolos, mal intencionados, promoveram não só uma scena de indisciplina e falta de respeito que é devido ao conselho, mas assaltaram ainda alguns estabelecimentos visinhos do Bairro Social do Arco do Cego.

A contrastar com tão insolito procedimento, é digna dos mais alevantados louvores a forma correcta, ordeira e disciplinada como se comportou todo o pessoal serventuario do Conselho.

Todos os que prevaricaram foram imediatamente despedidos, mantendo-se assim a disciplina que é necessario manter-se n'uma obra como a dos Bairros Sociais, onde actualmente trabalham aproximadamente dois mil homens

Theatros e Cinemas

Noticiario

Chegou do norte e Espanha a actriz Elisa Santos, que se salientou ultimamente no Eden-Teatro de Lisboa.

—Estão no Algarve trabalhando os artistas do Apolo, Artur d'Almeida e Silva Sanches.

—O actor Ferreira da Silva fará a sua festa artistica com «l'Emigré», de Paul Bourget.

Reclames

—A revista do Apolo, os famosos «Risos e Flores», que tanta gente tem levado a'quele teatro, remoçou agora com a acquisição feita pela empreza dos impagaveis comicos João Silva e Arthur Rodrigues, os quaes desempenham novos e interessantes numeros, havendo todos os dias novos atractivos.

O «Grande Amor» está sendo a peça da moda que todas as noites leva ao Politeama colossaes enchentes. Repete-se hoje.

Concertos Blanch

O caso do dia o assumpto obrigado de todas as conversas nos salões, aos chás da Garrett, no mundo elegante e artistico, é os belos concertos da Orquestra Synfonnica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch e que ainda este mez se inauguram no teatro São Luiz. A assignatura é enorme, e a maior que se têm realisado, porque todos querem assegurar logar para as elegantes e artisticas tardes dos domingos no São Luiz, e os que ainda o não fizeram teem de se apressar porque depois d'amanhã encerra-se a assignatura.

Salão Central

O rasto do gavião

O primeiro episodio desta esplendorosa pelicula, intitulado «A fuga», que na sua primeira apresentação obteve um ruidoso exito, repete-se no espectaculo desta noite, acompanhado do segundo que se estreou na «matinée» de hoje e que tem por titulo «Super-homem».

Só o distinto actor King Bagott e a famosa atriz Grace Darmond, se haviam já evidenciado dois artistas de grande valor com o trabalho colossal dum e doutro na estreia de hoje ficam considerados os primeiros de todo o mundo. Será pequeno o Central para receber os seus numerosos habituês.

Politeama Telef. C. 1.028

Companhia AURA ABRANCHES

De que faz parte a grande actriz **Adelina Abranches**

22.ª representação

O Grande Amor

Encenação de *Araujo Pereira*

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Defensores da Republica 10 de Janeiro.—Em 25 de outubro realisou-se neste Centro a annunciada assemblea geral, sendo eleita a nova direcção quasi na totalidade, e sendo aprovado o novo regulamento externo do Centro.

No proximo domingo, 7, ás 21 horas, começam as festas, havendo baile e recita e uma importante tombola.

THEATRO SÃO LUIZ

Direcção artistica de **Armando de Vasconcellos**

HOJE — Grande successo

A festejada opereta em 3 actos

Duqueza do Bal Tabarin

Protagonista **Auzenda de Oliveira**

Brilhante desempenho de Aldina de Sousa, Sofia Santos, Louzalira Pereira, Filomena Casado, Armando Vasconcellos, Fernando Pereira, Carlos Vianna, Sebastião Ribeiro, Antonio Paiva, etc.

Deslumbrante encenação de ARMANDO DE VASCONCELOS

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Foi pedida em casamento pelo sr. Pedro Ramos de Paiva, chefe de Secção do Instituto de Seguros Sociaes, para o sr. João de Deus Silva Pinheiro, 2.º oficiall do mesmo Instituto a sr.ª D. Maria Margarida Eloisa da Silva Henriques, filha da sr.ª D. Clotilde Eloisa da Silva Henriques (falecida) e do sr. Francisco Maria Henriques, tenente-coronel de engenharia e Director do Instituto Industrial de Lisboa.

SALÃO CENTRAL

HOJE-Soirée ás 20 horas-HOJE

ESTREIA

O SUPER-HOMEM

2.º episodio do film

O Rasto do Gavião

soberba interpretação dos artistas **King Bagott e Grace Darmond.**

No programa:

Princeza Bagdad, 7 actos—interpretação da notavel artista *Hesperia.*

Teatro Nacional

Telef. C.-2049

HOJE

RECITA DA MODA

EXITO ENTUSIASTICO

A CASTRO

De *Antonio Ferreira*, adap. á scena moderna, de *Julio Dantas*. A primeira e a mais bela tragedia d'amor escrita em portuguez sobre a paixão e morte de INEZ DE CASTRO.

Notavel creação de **AMELIA REY COLAÇO** na protagonista.

Outros papeis de destaque por *Lucinda do Carmo, Robles Monteiro e Clemente Pinto*.

Grandes aparato

EM ENSAIOS: **LEONARDA**, drama norueguez, de *Bjornstjerne Bjornson*, trad. de *Francisco Lage e João Correia d'Oliveira*.

NOVIDADE LITERARIA

"Os que se divertem,,

Por LUZIA

(A Comedia da Vida)

A' venda em todas as livrarias e no deposito Casa «Arte e Ménage», R. do Alecrim, 77-1.º

Tristezas não pagam dividas!

Lisboa, de polo a polo,
Gente de todas as côres,
Até meninas de colo,
Principes, reis e pastores...
—Vae hoje tudo ao apolo
Gozar os Risos e Flores.

Novos papeis por **João Silva e Arthur Rodrigues**

Grande exito de gargalhada

6.ª feira—Recita de **Alberto Reis.**

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».

Nacional, ás 21,15, «A Castro».

Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».

Avenida, ás 21,15, «Malvalouca».

Politeama, ás 21, «Grande amor».

Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».

Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

No vasto hemiciclo da sala dos Deputados apenas se viam uns 15 legisladores, que tantos foram os que responderam á primeira chamada ás 14,35, quando o sr. Mesquita de Carvalho assume a presidencia. Do governo compareceu em primeiro logar e bastante cedo o sr. dr. Antonio Granjo, seguindo-se-lhe mais tarde os restantes membros do ministerio.

Enquanto se lê a acta e o expediente fazem-se profecias a sorte do governo. Uns afirmam que o ministerio se não aguenta mais que dois dias devido á questão da amnistia. Outros são de opinião contraria, pois afirmam que, tendo o governo feito questão aberta da sua proposta de lei, não ha motivo algum para abandonar as cadeiras do poder, visto ter entregue o caso ao parlamento a quem compete resolver o assumpto.

No que a maioria está concorde é em que haverá recomposição ministerial devido á saida do sr. ministro das finanças, que não houve forma de demoverem do seu intento.

Ao que nos consta será substituido pelo deputado sr. dr. Lelo Portela.

O governo assim recomposto, sem duvida que ficará mais fortalecido, aguentando-se portanto mais algum tempo embora os que não desejam a amnistia queiram vêl-o por terra.

No entanto o sr. dr. Lelo Portela desmente o boato, dizendo ser a unica pessoa que não tem conhecimento da escolha do seu nome para sobraçar qualquer pasta.

Voltando á amnistia, diremos que se anuncia um combate sem treguas ao projecto governamental e tanto assim que apareceram hoje no parlamento bastantes deputados que ha muitos dias ali não eram vistos.

Os populares chamaram todos os seus reforços, que acudiram ao chamamento, comparecendo na sua totalidade, tendo sido tambem notada a presença dos deputados democraticos pelo Porto que ha dias não iam á camara.

Entretanto, tendo-se verificado estarem na sala 32 legisladores, entra-se o antes da ordem.

O sr. Antonio Mantas insta pela preferencia dos mutilados da guerra nos empregos publicos, recordando que a lei que assim dispõe está sendo mal interpretada. Manda para a meza um projecto de lei n.º 1.040, essas regalias, perguntando depois que uso se tem feito da lei n.º 1.040, á sombra da qual se teem cometido injustiças demitindo-se do exercito oficiaes reconhecidamente republicanos.

O sr. presidente do ministerio não pode desde já dizer se os erros atribuidos á execussão da lei sobre mutilados podem ser remediados mas quanto ás injustiças com a lei 1040 só podem ser evitadas por um diploma legal.

O sr. ministro da guerra, que acaba de entrar, declara que vae mandar fazer uma tabela para a colocação dos mutilados. Quanto á lei 1040, diz que ela se tem plicado sob o criterio que com ela mais se ajusta, sendo verdade que algumas das suas disposições são em demasia severas, devendo mesmo sofrer uma revisão, especialmente em atenção a alguns requerimentos em que se fazem reclamações contra penas de demissão impostas.

O sr. Antonio Mantas faz ainda outras considerações sobre os mesmos assunto.

O sr. Orlando Marçal volta a interessar-se pela situação dos oficiaes milicianos, que considera victimas das maiores deprimencias e vexames, visto não ter ainda o Parlamento regulado a sua posição. Trata depois dos interesses da sua região, para a qual solicita urgentes melhoramentos.

O sr. presidente do ministerio lembra que ao parlamento é que incumbe resolver sobre a situação dos oficiaes milicianos, visto que na camara se encontra pendente um projecto de lei nesse sentido. Concorda que essa situação não é a que deveria ser, mas o governo tem o desejo de que ela seja legalisada.

O sr. ministro da guerra reforça as declarações do chefe do governo, dando outros esclarecimentos.

Dez minutos antes das 16, entra-se na ordem do dia, com a discussão da proposta autorisando exames de admissão ás escolas primarias superiores.

O sr. ministro de instrução apoia esse trabalho do seu antecessor, dizendo mesmo que, por desejo seu, se teriam efectuado este ano exames de 2.º grau.

Fala depois sobre o assunto o sr. Alves dos Santos, votando-se em seguida a proposta sem mais reparos.

Com dispensa do regimento, por já ter parecer das comissões, aprecia-se a proposta de lei fazendo passar em transporte para 1921 algumas despezas feitas com a guerra.

Entra-se depressa na ordem do dia e aqueles que julgavam ver ainda tratado qualquer caso de sensação ficram completamente desiludidos.

Reata-se o debate sobre as declarações do sr. ministro das finanças ácerca os contractos do trigo e do carvão. O sr. presidente do ministerio, rodeado por toda a camara e ainda pelos senadores que ao tempo já tinham terminado os seus trabalhos na outra casa do parlamento, fez varias considerações sobre os contractos que devide quanto á operação financeira e quanto á comercial, abordando aquela em primeiro logar.

Segundo a ordem do discurso de ha dias do sr. Cunha Leal, sr. Antonio Granjo frisa os pontos mais importantes das clausulas V e VI do respectivo contrato, nas quaes se fundamenta o compromisso.

Os srs. Cunha Leal e Julio Martins fazem algumas observações, a que o orador vai respondendo, afirmando que para a aquisição dos trigos se emitirão os necessarios bilhetes de tesouro, sendo certo que até agora os pagamentos só teem feito em ouro, com a respectiva drenagem deste. Convem, diz, que o governo deve sempre contar com uma reserva desse metal. Assim, o governo, recebendo 4.000:000 de libras e, pelo referido contrato, dispendendo 2 milhões, ficaria com uma reserva que não será desafogada, mas que não deixará para outro governo a situação agravada.

No Senado

Feita a chamada, verifica-se a presença de 22 senadores. Completo o «governo», aprova-se a acta e toma-se conhecimento do expediente.

Seguidamente aprova-se, sem discussão, a lei dividindo em tres as freguesias de Sobreira Formosa.

O sr. Pereira Osorio clasifica de leviana a forma por que o sr. comandante da 6.ª divisão ordenou uma mobilisação que seriamente alarmou o povo do norte. Disse-se que essa mobilisação visava a socorrer a cidade do Porto que se encontrava insurrecionada. Afigura-se-lhe o assunto grave.

O sr. ministro da guerra responde que o procedimento do comandante da 6.ª divisão foi tudo consequencia das ordens que lhe transmitiu, visto saber que qualquer coisa se perparava no norte.

O sr. Pereira Osorio dá-se por satisfeito pelas considerações apresentadas, folgando por se não terem produzido quaesquer motins que alterassem a ordem publica.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Novamente hoje se apresentou muito pessoal, que não retomou o trabalho em virtude de intransigencias de parte a parte, pois dir o pessoal que não tendo imposto condições, tambem não assina os contractos que lhe são presentes pela companhia, mas que está não está na intenção de dispensar.

Consta que a Companhia está na disposição de respeitar aos empregados antigos, e bem comportados os direitos por eles adquiridos nas Caixas de Reformas.

Não está, portanto, liquidado o momentoso assunto.

No Sul e Sueste

A afluencia de passageiros obrigou a mais duma viagem o vapor «Europa».

Para o Barreiro seguiram hoje duas forças da guarda republicana, sob o comando dos capitães srs. Betencourt e Salgado, respectivamente com 120 e 118 praças, que foram para aquela vila render as que ali estavam.

Da Manutenção Militar foram enviados para Setubal 10.000 pães.

Infanticidio involuntario?

Foi presa Lucinda Tavares, a pedido de sua patroa D. Maria Ramires Gonçalves da Silveira, moradora na rua Neves da Piedade, J S R, 3.º, a qual declarou na esquadra de Bemfica que estando a presa ao seu serviço como creada e tendo uma filha de 50 dias, de nome Mariana Tavares, esta tinha aparecido morta na cama, tendo ela ouvido de noite chorar a creança. Supõe que a mãe, a dormir, a tivesse entalado, dando-lhe assim a morte, embora involuntariamente.

Verificou o obito o sub-delegado de saude sr. dr. Jorge Rivoti, que mandou remover o cadaver para a morgue, afim de ser autopsiado.

Ordem publica

O sr. director da Segurança do Estado voltou hoje ao seu gabinete, onde durante o dia esteve ultimando os processos respeitantes a 19 presos, que tantos são os individuos que ainda se encontram dispersos por varias esquadras e pelos calabouços do Governo Civil.

Hoje ainda devem ficar ultimados todos os processos, com excepção do «complot» integralista cujas investigações proseguem com a maior actividade.

A maioria dos presos devem ser hoje á noite restituidos á liberdade e os restantes remetidos aos tribunaes competentes. Os 5 principaes implicados no «complot» intergralista tem fornecido á policia elementos preciosos que habituam as autoridades a dar uma machadada na conspiração revolucionaria a favor de D. Muno I. Hoje foi entregue á policia de Segurança do Estado, Augusto Mendes de Paula, da rua dos Anjos, 78, 2.º, detido pelo guarda 597 da esquadra da Mouraria, por suspeito de estar envolvido num «complot» para derrubar o regimen. O Mendes Paulo, que fez parte da corporação policial onde teve o n.º 1855, foi naturalmente expulso por se ter ausentado durante 15 dias sem licença.

Foi restituido á liberdade o fotografo José Augusto da Fonseca Barbosa detido no Rocio ter levantado vivas á monarquia, tentando ainda abredir o guarda civico 1635, o que teve de se defender com o terçado, deixando-o ferido na cabeça com uma cutilada.

Dr. Lambertini Pinto

O almoço em sua honra

No Avenida Palace, realisou se hoje um almoço oferecido ao sr. dr. Lambertini Pinto pela Associação Comercial de Lisboa, ao qual assistiram os srs. Albert Macieira, Carlos Jesus, Moisés Amzalak, Lisboa de Lima, Mario de Carvalho, dr. Gonçalves Teixeira, Manuel Joaquim Botica, C. Augusto Rego, Carlos Pinto Pereira, Alvaro de Lacerda, Raul Monteiro Guimarães, Pompeu Justino dos Reis, Manuel Rui dos Santos, Carlos Queiroz, dr. Oliveira Soares, José Maria Alvares e Manuel da Costa Lima.

Ao «toast», os srs. José Maria Alvares, Lisboa Lima, Raul Guimarães, Costa Lima, Mario de Carvalho e dr. Gonçalves Teixeira referiram-se ao homenageado em cativantes palavras, tendo o paiz tudo a esperar da boa vontade e inteligencia do nosso ministro em Berlim.

O sr. Lambertini Pinto agradece a todos as palavras que lhe dirigiram e refere-se ás suas intenções no desempenho do logar que vae ocupar.

Por fim, foi redigido o seguinte telegrama que foi enviado ao sr. ministro dos estrangeiros: «A Associação Comercial de Lisboa, e demais representantes das forças productoras da nação reunidos a seu convite em um almoço de homenagem ao Ex.mo sr. dr. Lambertini Pinto, congratulam-se pela nomeação do mesmo sr. como ministro de Portugal em Berlim e felicitam o governo da Republica e v. ex.ª muito especialmente por essa nomeação—(a)—«Albert Macieira».

Dr. Brito Camacho

A sua posse de alto comissario

Perante numerosissima assistencia de coloniaes, funcionalismo das colonias, amigos politicos e particulares, presidente do ministerio e quasi todos os membros do governo, assumiu hoje o cargo de alto comissario na provincia de Moçambique o sr. dr. Brito Camacho. Houve discursos, entre os quaes o do chefe do governo pondo em destaque as altas qualidades do sr. dr. Brito Camacho. Este apresentou em largos traços o que será a sua obra de administração da provincia de Moçambique; o que fará a bem da higiene fisica e moral da nossa grande possessão da Africa Oriental; o estabelecimento da rêde de comunicações em toda a colonia, da difusão da instrução, etc., referindo-se ainda á vantagem do entendimento entre as provincias de Moçambique e Angola.

O sr. Norton de Matos, que falou tambem, aludiu á necessidade desse entendimento prometido pelo sr. Brito Camacho que reputa de alto interesse para a obra de ressurgimento do vasto dominio de Portugal em Africa.

Capitão Viriato de Lacerda

Realisou-se hoje, pelas 14 horas, o funeral do heroico capitão Viriato de Lacerda, morto em combate com os alemães em Africa.

O prestito funebre saiu do Arsenal da Marinha, sendo os restos mortaes encerrados n'uma pequena urna de mogno conduzido d'um armão da Guarda Republicana puxado a tres parelhas, tendo sido depostas uma coroa dos seus camaradas de campanha e grande numero de ramos de flôres naturaes, entre eles, da viuva e filhos do desditoso oficial.

No Arsenal de Marinha, organisou-se um turno composto dos srs. Machado Santos, capitão Maia, representando o general Gil, capitão Vieira, por parte do ministro da Guerra, D. Bernardo Mesquita, general Vitorino Cesar, tenente-coronel Alexandre Garcia, representando o general Mendonça e Matos, coronel Artur Guimarães e major Oliveira Simões, por parte do general comandante da Guarda Republicana.

Abria o cortejo funebre um esquadrão de cavalaria da Guarda Republicana, seguindo deputações da guarda fiscal, sapadores dos caminhos de ferro e praças da Guarda Republicana.

Operario morto

No quartel das Janelas Verdes, pelas 10 horas de hoje, devido á imprevidencia do encarregado da obra, abateu o tecto duma pequena casa ali em construcção, tendo ficado morto o operario João Dias e ferido um outro de nome Zacarias da Silva.

NA ASIA MENOR

Os franco-atiradores de Mustapha Kemal

A creação d'um conselho asiatico

Do correspondente do «Excelsior» em Angora:

«E' dificil obter na Europa e até mesmo em Constantinopla noticias concretas a respeito de Angola. Uma grande muralha separa a Asia Menor de Mustapha Kemal do resto do mundo. Do que ali se passa ninguem suspeita, mas sabe-se que o fogo lavra.

Depois da ultima ofensiva grega, os Kemalistas trataram de organisar novos corpos de exercito. Uma nova frente de residencia se estabeleceu e constituiram-se grupos de franco-atiradores para levar a bom fim uma guerra de surpreza.

Toda a retaguarda das linhas helenicas, compreendendo todos os territorios ocupados antes da ofensiva grega, foi dividido em districtos, pelo estado-maior de Angora, districtos cujos limites se conservam secretos e que se encontram numerados em mapas especiaes que são entregues aos chefes dos bandos.

Os bandos kemalistas, ou «tchetés», são quasi todos montados e compõem-se de cincoenta cavaleiros e uma metralhadora. Todos os homens estão armados até aos dentes e munidos de granadas de mão; conhecem admiravelmente o terreno onde operam.

Esses bandos são formados em Kutaia, Biledjik, Eski-Cheir, Aftoun, Kara Hissar e Denizli. Feitas as suas provisões, abandonam as suas bases pela altura da noute e atravessam sem serem descobertos, a frente grega.

Os «tchetés» passam por caminhos inacessiveis ás tropas de ocupação.

Como o seu fardamento e barretinas são de côr escura, os kemalistas ocultam-se facilmente. Chegados aos districtos designados, os «chetés» dividem-se geralmente em dois ou tres grupos e comunicam entre si por meio de sinaes nocturnos.

Acampam ou alojam-se a maior parte das vezes sem que o exercito grego o saiba, nas aldeias turcas afastadas, onde chegam de madrugada, para d'ali só sairem de noute.

Ao cair a escuridão, os «tchetés» levam a efeito incursões repentinas em campos isolados, postos helenicos semeados pelo paiz. Os comboios e as pontes são visados de preferencia.

O ataque dura apenas alguns instantes, o tempo preciso para semear a desordem no adversario surpreendido, o que faz descer o moral das tropas de ocupação.

Quando os «tchetés» se encontram falhos de recursos e teem dificuldades em se abastecer reunem-se para novamente atravessarem o «front» e veem buscar abastecimentos ás linhas turcas.

Depois da ultima ofensiva helenica, tendo o «front» duplicado em extensão, acha-se mais fraco e é formado apenas por uma linha continua de trincheiras. Por esse motivo o vae-vem atravez das linhas gregas torna-se atravez das linhas gregas torna-se relativamente facil. Actualmente, 350 «tchetés» operam continuamente entre o «front» e Smyrna.

Os nacionalistas turcos trabalham para ganhar tempo fazendo uma guerra de guerrilhas, a fim de poderem organisar corpos de exercito regulares para uma resistencia mais energica.

O primeiro congresso asiatico de Baku foi um sucesso para Mustapha Kemal, que insistiu junto dos delegados turcos sobre a necessidade de crear movimentos nacionalistas na Asia com a ajuda dos «soviets». A distribuição de armamento e munições a centralisação do comando e a séde permanente de um conselho asiatico, foram, alem disso resolvidos nesse congresso.

Numa palavra, o trabalho de Mustapha Kemal resume-se nisto: organisar na Anatolia uma guerra de franco-atiradores constituindo ao mesmo tempo forças regulares; ganhar tempo e fazer causa comum com todos os arabes e os povos da Asia.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Amanhã, quinta-feira, 4, ás 12 horas, no armazem de leilões, proceder-se-ha á venda das seguintes mercadorias que faziam parte da carga dos vapores ex-alemães: 800 sacos de café do origem brazileira, 600 de cacau, tapetes orientaes, tinta para escrever Stephens, objectos para escritorio, albuns para selos, chavenas e pires, tecido de veludo para estofo, vestidos para senhora e creança, leques, capsulas, fulminantes, macaco para elevação de pesos, artigos para armeiro, machados, plombagina, uma maquina despolpadeira, laminas para serras mecanicas, bicos para candieiros de acetilene e caroço de pecego.

Sexta-feira, 5, serão vendidas mercadorias demoradas e arrestadas que constam de: caixas de charutos, 600 kgr. de tabaco picado, frascos de cocaina, tecidos de lã e algodão, peles em cabelo e curtidas e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 1 de Novembro de 1920.

O escrivão

Alfredo Marcelino de Almeida

Ministerio da Agricultura

Direcção Geral do Comercio Agricola

Concessão do Es'ado para a industria da extracção de assucar da Beterraba.

Nos termos dos artigos 3.º e 4.º do Decreto com força de Lei n.º 5783 de 10 de Maio de 1919, publicado no Suplemento n.º 16 ao Diario do Governo n.º 98—1.ª serie daquela data, novamente publicado no Diario do Governo n.º 106—1.ª serie de 2 de Junho de 1919 e rectificado no Diario do Governo n.os 109 e 114—1.ª serie respectivamente de 7 e 16 de Junho do mesmo ano, se faz publico que durante o prazo de noventa dias, a contar da publicação deste anuncio no Diario do Governo, se acha aberto o concurso a que se refere o citado artigo 4.º, devendo os concorrentes enviar os seus requerimentos e mais documentos, em envolope fechado, á Direcção Geral do Comercio Agricola, Terreiro do Trigo—Lisboa.

Direcção Geral do Comercio Agricola, em 3 de Novembro de 1920.

O director geral Joaquim Gomes de Sousa Belford

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3686 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 4 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

As palavras e os factos

Na discussão parlamentar, como um deputado se referisse inexactamente a uma disposição de determinado projecto, o ministro que o estava justificando, depois de por várias vezes ter demonstrado essa inexactidão, acabou por exclamar: «E' mentira». Imediatamente do grupo a que o deputado aludido pertence rompem clamorosos gritos.

Brada-se que a sessão não continuará sem o ministro explicar a sua frase; reclama-se a aplicação do regimento que, pelo visto não permite que se chame mentira ao que é realmente uma mentira, e como tal plenamente demonstrada. E o debate interrompe-se de facto, perante este incidente de natureza vulgar, porque a todo o momento estão surgindo semelhantes, até que o ministro consegue arranjar uma maneira de dizer que efectivamente reputara uma mentira, mas não proferindo essa palavra que teve o dom de melindrar não só o deputado com quem o incidente se travou mas parece que a assembléa em peso.

Nós somos dos que não compreendem que só as palavras levantem reparos, que só elas sejam consideradas pomos de discordia, que só elas melindrem e ofendam, quando não melindra nem ofende a constatação do facto que elas delinem. Para quem não esteja exclusivamente ocupado com a preocupação de que só certas expressões é que são graves e irritantes, ha de certamente causar extranheza o facto de se não poder dizer uma mentira é uma mentira. Não é termo que possa ser considerado entre os de significação obscena. Ha a verdade e ha a mentira, e tanto uma como outra d'estas palavras se encontra nos livros mais correctos e figuram no estilo mais elevado. Só no parlamento é que se não póde dizer que uma mentira é uma mentira, muito embora se designe depois por outra forma que venha a significar o mesmo, ainda que sem a mesma precisa propriedade.

Eis ahi uma d'essas convenções que não nos parece tenham contribuido muito para a educação e progresso dos povos. Constantemente estamos relembrando os nossos avós, citando o seu patriotismo e as suas virtudes, apontando-os como exemplos á geração decadente que compromete os destinos da Patria e ninguem ignora que eles chamavam as coisas pelo seu nome. Não se nos afigura que isso tivesse feito mal nenhum. Pelo contrario: se havia mais virtudes é porque o vicio e o crime se sentiam flagelados pelos termos que os caracterisavam. Não se transigia, entre outras coisas, com a mentira e a propria rudeza da linguagem era apanagio da verdade.

Agora servimo-nos de toda a especie de circumloquios para designar factos que antigamente tinham um nome, insofismavel, autentico que os queimava como um ferro em braza, e de tantas contemplações usamos para não sairmos das normas d'uma especial cortezia que não raro póde ser um dos spectos de cumplicidade ou de transigencia, que nem se sente a parcela de censura que n'esses complicados jogos de frases se póde conter. Todavia—para que negal-o—isso não revela e talvez antes favoreça, o desenvolvimento d'uma corrupção e d'um abastardamento dos caracteres, um prazer morbido do escandalo e da agitação tumultuaria, esteril, que são as caracteristicas das sociedades enfermas sob o ponto de vista de verdadeira moral.

Porque se chama mentira ao que se verifica ser uma mentira, o parlamento portuguez sobresaltou-se muito mais do que com o especiaculo que ante os seus olhos deve estar sempre presente da proxima ruina do paiz, devida em grande parte á incapacidade ou alheamento do poder legislativo pela resolução dos mais graves problemas nacionaes.

Sem resolver a questão da palavra «mentira» é que os parlamentares não saíam d'ali. Era assim que se procedia em Bisancio, quando os ultimos reflexos d'uma grande civilisação iam apagar-se.

Instrução

Universidade livre

No domingo, pelas 21 horas, realisa-se na séde da Universidade Livre, Praça Luiz de Camões, 46, 2.º, a sessão solene para inaugurar o novo ano lectivo.

Ao acto assiste o chefe do Estado, sr. dr. Antonio José de Almeida, estando convidados os srs. dr. Julio Dantas, ministro da instrução, reitor da Universidade de Lisboa, e os directores das varias faculdades, academia, etc

Ensino secundario

Palestras com o ministro da instrução, sr. dr. Julio Dantas

Dissemos ha dias, logo após a posse do novo ministro de instrução, que é preciso quanto antes tratar-se da fiscalisação do ensino. Sempre que se encontram dois professores de instrução secundaria e a sua palestra versa sobre a marcha do ensino, estão sempre de acordo, que a reforma actual de instrucção secundaria é uma tremenda calamidade, de execução impossivel.

Não foi preciso termos ido á Alemanha ver funcionar o delicado mecanismo do ensino em classe para se ter uma tal impressão. Basta possuir-se a intuição natural e ter a compreensão do que se pode exigir da capacidade do cerebro humano.

A reforma que foi introduzida em Portugal em 1895, com o maior entusiasmo, por um dos mais ilustres pedagogos, que entre nós tem existido, não podia deixar de constituir um tremendo fracasso, porque não foi acompanhado de uma serie de medidas, que permitissem estabelecer uma transição metodica, que educassem os mestres, que lhes indicassem o caminho a seguir. O ensino em classe era completamente desconhecido entre nós.

Ainda mesmo hoje, apezar de terem já decorrido cerca de 25 anos, desde a data em que o sr. Jaime Moniz, animado das melhores intenções, pensou de fazer do sr. João Franco um salvador do paiz, pelo resurgimento da instrução publica, são poucos os executores que seguem á risca as prescrições aconselhadas para a marcha do ensino em classe. Ora, para se implantar n'um paiz uma reforma que exigia uma alta preparação nos seus executores, era preciso antes de tudo cuidar em dotar as bolsas de estudo com os recursos suficientes, para serem enviados aos estrangeiros muitos professores. Alem disso o recrutamento e a selecção dos reitores deveria obedecer rigorosamente á formula alemã «primus inter pares».

Mas, seja qual fôr a reforma de instrução que se ponha em vigor, não pode ela produzir resultados proficuos, sem que tenha a orientar os seus executores, mestres muito selecionados, o que gosem de prestigio entre os seus colegas.

E entre nós, o que se tem feito? Que fiscalisação existe no ensino? Não nos referimos á fiscalisação sob o ponto de vista da honestidade no cumprimento do dever profissional; mas sim á garantia da unidade de metodos, ao equilibrio que se deve manter na marcha tão suave que deve impelir-se ao progresso duma classe, na qual os alunos estão sobrecarregados com castelos de cartas. E a que criterio obedece a elaboração dos programas? Qual é a creatura, que existe entre nós, que não se sente revoltada contra a esmagadora soma de materia exigida nos programas? Como é que a um aluno se pode exigir em qualquer das classes de exame o conhecimento exacto do que se torna humanamente impossivel armazenar no cerebro? E quando os programas são esplanados por professores, que ainda os dificultam mais, por terem a mania de mostrar profundos conhecimentos scientificos? E o professor com toda a autonomia, pedagogicamente, absolutamente livre dentro da sua aula, sem ter quem lhe peça a responsabilidade pela sua conduta, que pode ser condenavel e nociva, passando por vezes lições a dedo, sem querer lembrar-se, ou ainda sorrindo desdenhosamente, quando ouve dizer que a aula é por excelencia o lugar de estudo, vae muitas vezes perturbando a marcha duma classe, na qual os alunos não teem meio de satisfazer as exigencias dos mestres.

Basta que um professor exija sem orientação, sem compreender as responsabilidades em que incorre quando não esteja integrado no metodo do ensino em classe, a que deve obedecer cegamente, para que todo o esforço dos colegas seja sacrificado e perdido.

E dá-se por ahi casos tão extraordinarios, ocorrem monstruosidades tão inconcebiveis, que, se o ministro da instrução os quizer ver documentados e delles tomar conhecimento, pode ter a certeza de que empregará todos os meios para que esta calamitosa reforma de instrução seja completamente modificada. Ha pouco tempo houve uma tentativa de alteração á reforma de 1905. Mas tudo ficou na mesmo. E assim sucedeu com os programas, que na sua vastidão ainda foram talvez ampliados. E continuam os alunos a ser vitimas de indigestões de materia dada por atacado; vamos proseguir na mesma condenavel marcha do ensino, sem possibilidade de se adaptar em um meio sem condições. Daqui a alguns dias, vamos ver novos livros a que o professor tem de se subordinar, sem ter o direito de proporcionar aos seus alunos as lições que melhor satisfaçam e corrijam os deficientes dos programas, em alguns pontos e suprimam o que é descabido.

Mas esta palestra já vae longa. Creia o sr. ministro da instrução, que é com motivos de sobejo que deve cuidar em atender aos seguintes pontos capitaes de ensino secundario: dotar as bolsas de estudo com os maximos recursos, para enviar muitos professores ao estrangeiro; garantir a fiscalisação do ensino; dar um grande corte nos programas, deixando ficar apenas o que se considere absolutamente indispensavel como bases preparatorias para as escolas superiores.

J. Correia dos Santos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

A verdade é como o azeite...

Prosigamos, leitor, na nossa tarefa de pôr a claro o que tem estado escuro até agora.

Vamos analizar juntos mais outros depoimentos e tenha paciencia de me ajudar nesta empreitada.

Hoje chega a vez á testemunha de acusação Manuel da Cal, residente no Roção e que se dizia amigo do Manuel. E' dos tais amigos á Tartufo.

Diz ele no seu depoimento feito na policia em 12 de Março de 1919...

...«Que em principios do mez de Fevereiro findo constou no Roção que em casa do Alberto Cardoso estava uma rapariga que para ali tinha sido levada por Manuel Lopes Cardoso e ali ocultava. Isto não passava de vozes, porque toda a gente do lugar estranha á casa do Alberto dizia que ainda a não tinha visto. Assim foram passando os dias, começando a correr com mais insistencia o dito, até que no dia vinte e seis do mesmo mez (cá temos mais um que se regulou pela folhinha do Arnaldo) apareceram no Roção uns individuos que se dizia ser agentes de policia e que iam prender essa rapariga»... Isto é pouco mais ou menos o mesmo que disse o Telhado, a lição era a mesma...

Do depoimento que ele fez no Tribunal em 12 de Março (1919) vou salientar os pontos que desejo mostrar ao leitor. Diz ele que conhece o Manuel desde criança; que este aos 14 anos foi para Lisboa e que tendo voltado ao Roção ha cousa de dois mezes saiu dali em companhia do Alberto Cardoso, voltando os dois pouco depois á aldeia...» e aqui começou a dizer-se á boca pequena que eles tinham trazido comsigo uma rapariga que tinham escondida em casa do Alberto Cardoso; mas o que é facto é que ninguem conseguiu ver tal rapariga, nem ela saiu á rua vez nenhuma»...

Como está vendo, leitor, este é tão verdadeiro como o outro no que acabou de declarar. A seguir acrescenta que estando... «fez hontem quinze dias»... a cear em sua casa, apareceu um criado do Telhado, pedindo que deixasse ir a mulher fazer um jantar para umas pessoas que tinham chegado do Porto. Cheio de curiosidade dirigiu-se a taberna onde passou a noite, conversando com os policias, ficando a saber que eles tinham encontrado... «a tal senhora, que era mulher casada dentro da casa do Alberto Cardoso entre um tapamento de madeira, uma parede, uns molhos de colmo, sendo os policias quem a tiraram dali. Que não ha ninguem no lugar que tivesse visto a tal senhora antes de chegar a policia e sendo voz geral que ela estava em «carcere-privado»...

O «refrain» é o mesmo sempre, com umas ligeirissimas variantes, como o leitor observa. A titulo de curiosidade porém, vou fazer-lhe ler uns trechos do depoimento da mulher desta testemunha e o leitor fará a comparação, que é muito curiosa, do que ela disse com o que disse o marido... «A depoente não conhecia a pessoa que se dizia raptada pelo Manuel, nunca a viu fora da casa do Alberto, só uma vez, de passagem, a viu numa janela, por dentro dos vidros (vá tomando nota, leitor,) não tendo percebido, porque apenas a viu de relance, se era nova ou velha, bonita ou feia. Dizia-se, tambem, no lugar onde a depoente habita que ninguem tinha conseguido vê-la (refere-se a mim, já sabemos) na rua e algumas pessoas que diziam tê-la visto, afirmavam que só tinham, de facto, visto a tal rapariga ou senhora dentro das porteiras da casa do Alberto»...

Conta depois que foi chamada á taberna, que ela classifica de hotel, para fazer comida e que ali estavam o Manuel, eu e outros individuos dos quais ouviu dizer que dois eram «chauffeurs», outros dois policias do Porto e um outro de Rezende e se chamava Máximo.

...«A este Máximo ouviu dizer que os agentes de policia do Porto tinham ido encontrar a tal senhora em casa do Alberto Matança (ou Alberto Cardoso) entre um taboado e uns colmeiros de palha»...

Instada (segundo já sei, é a forma juridica de dizer que passou outro advogado a fazer-lhe as preguntas) pelo advogado de defeza sr. dr. Pio Cerdeira, que muito generosamente tem prestado o seu auxilio, nesta questão, disse:

...«Que foram muitas as pessoas que lhe contaram ter visto no quinteiro da casa do arguido Alberto Matança a senhora a que se referiu no seu depoimento e que uma dessas pessoas, uma sobrinha da depoente, de nome Justina de 12 a 13 anos lhe contou até que uma vez tinha visto, no referido quinteiro, a referida senhora deitar água nas mãos da mulher do Alberto Cardoso (foi num dia em que ela esteve amassando pão). A janela aonde, como já referiu, a depoente viu aquela senhora, está á altura do solo pouco mais do que a altura dum homem e, no entender da depoente, seria facil aquela senhora saltar dela para a rua. E' certo que a referida senhora não, saia para fora da casa e quinteiro a que já se referiu, mas no entender da depoente não o fazia, porque o tempo ia mau e as ruas do Roção estavam muito cheias de lama e não porque os donos da casa onde ela estava a impedissem de sair. E' parecer da depoente que se aquela senhora tivesse querido fugir da casa em que estava no Roção, facilmente o poderia ter feito. Na ocasião em que a diligencia policial foi ao Roção, aquela senhora andava publica—com o que a depoente quer significar que ela se não escondia de ninguem—Nunca nenhuma das pessoas que lhe disseram ter visto a mesma senhora, em casa do arguido Alberto Cardoso, lhe disse ter-lhes a mesma senhora dito ou dar-lhes a entender que estava forçada na mesma casa. E' convicção da depoente e esta convicção baseia-a no facto da referida senhora se não esconder das pessoas que iam á casa em que estava, que a quando da diligencia policial a mesma senhora não foi escondida por quaisquer pessoas, mas se escondeu voluntariamente. E mais não disse»...

O que esta mulher—Laura da Cal—contou será confirmado pelas testemunhas de defesa, quando foram chamadas a depôr.

A invenção do «carcere-privado» fez estar na cadeia durante uns poucos de mezes o Alberto, faz continuar ainda preso o Manuel, mas esses homens, ha de vir a reconhecer-se, que foram acusados falsamente, ficando mais honrados do que eram, se é possivel; ao passo que aqueles que os acusaram perderão o crédito.

Maria Adelaide

Ainda a morte do lord mayor de Cork

Procedeu-se no dia 27 do mez passado a um inquerito sobre a morte de Terence Mac Swiney na prisão de Brixton, com a assistencia dum juri especial.

A scena mais impressionante d'esse inquerito foi a aparição da esposa de Mac Swiney, sob o seu veu de viuva, e a energia com que respondeu ás perguntas do «coroner».

Quando este lhe perguntou qual era a profissão de seu marido, respondeu:—Voluntario irlandez.

—Mas não se pode chamar a isso uma profissão—observou o «coroner».

—Quaes eram as suas ocupações?

—Ha longos anos que não fazia senão trabalhar pelo seu paiz, a Irlanda—respondeu altivamente srs. Mac Swiney.—Pode chamar-lhe «voluntario irlandez». A Inglaterra tem o seu exercito proprio, nós temos o nosso, e meu marido fazia parte dele.

Como lhe perguntassem se o lord mayor desejava morrer mrs. Mac Swiney respondeu que não e que só tinha feito a greve da fome para protestar contra a sua prisão, que foi efectuada com violação das leis da Republica irlandeza.

Finalmente, depois de ter deliberado durante em quarto de hora, o juri leu o «vereditum», seguinte:

«O falecido sucumbiu a uma rutura de aneurisma, a uma dilatação do coração e a um delirio agudo resultante do escorbuto, em virtude do esgotamento de energias devido á sua recusa prolongada de tomar quaesquer alimentos».

Sobre o ataude do lord-mayor lia-se a seguinte inscripção:

«Terence Mac Swiney general de brigada, comandante da 1.ª brigada de Cork. Exercito republicano irlandez; lord-mayor de Cork; membro di Dail Eireann, em Cork. Assassinado pelos estrangeiros na prisão de Boxton Londres (Inglaterra) a 25 d'outubro de 1920, no 4.º ano da Republica irlandeza, na edade de 40 anos. Que Deus tenha piedade da sua alma!

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

A todas as pessoas que teem feito o enormissimo favor de me mandar numeros de «A Capital» com cartas minhas agradeço, de toda a minha alma, tão grande auxilio, como agradeço, com o não menor reconhecimento, as palavras carinhosas de que algumas remessas veem acompanhadas e que muito suavizam o meu penar.

Precisando, porém, de muitas colecções e tendo algumas incompletas, seria um valioso obséquio mandarem-me mesmo numeros soltos.

Podem esses jornaes ser remettidos para o escritorio do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, Rua de S. Miguel, 38, 1.º Porto, e gratissima lhes ficarei.

Maria Adelaide

A AMNISTIA

Este acto absolutamente necessario para a dignificação da Republica e pacificação da sociedade portugueza tem infelizmente sido contrariado por elementos republicanos extremistas que são muito poucos em numero, mas muito buliçosos, pelos integralistas que tanto teem feito para comprometer a amnistia que até parece n'eles um objectivo tenazmente prosseguido, e agora pela «Epoca» que não pôde fugir á tentação de tirar á comparencia do sr. Cardeal Patriaca e do vigario capitular nas cerimonias oficiaes, em honra dos Reis da Belgica, qualquer significado de proposito de boa harmonia e entendimento com o regimen.

Esquecendo que Roma e Pavia se não fizeram n'um só dia, deseja «A Epoca» que á Egreja seja assinado dentro do regimen republicano um logar de destaque. A tanto nunca se chegará por certo, mas um bom entendimento entre a Egreja e o Estado republicano, util para ambos, nenhuma razão vemos para que não venha a efectivar-se, desde que as relações entre uma e outro não sejam azedadas pelos amigos dos diabos.

Mas perguntará «A Epoca» em que é que a sua atitude em assuntos exclusivamente religiosos pode prejudicar a amnistia?

N'isto simplesmente. Do mau humor manifestado pela «Epoca» a proposito da significação que nós pretendemos atribuir, e com toda a razão, á comparencia nas cerimonias oficiais, em honra dos Reis da Belgica, dos principes da Egreja, acima mencionados, ressumou tão claramente o odio ao regimen que «A Epoca» se mostrou monarquica e catolica, mas muito mais monarquica que catolica. E isso, evidentemente, não pode deixar de prejudicar os efeitos da brilhante campanha que nas suas colunas tem vindo proseguindo em favor da amnistia.

A LEI 1040

Ora até que emfim! O sr. ministro da guerra dissertou acerca do monstro e reconheceu lealmente que este manifestara instintos malfazejos. Declarou que contra as demissões ordenadas na «Ordem do Exercito» em que se cevou o monstro, havia reclamações que tinham se ser atendidas por uma consciencioSa reforma da lei referida.

Mas, então, o que ha a fazer é anular quanto antes as determinações da «Ordem do Exercito» em que o monstro expandiu as suas furias, apresentar uma proposta de substituição da imoralissima lei n.º 1040 por outra mais consentanea com o espirito da justiça e equidade; por outra em que as responsabilidades sejam minuciosamente destrinçadas e o rigor da lei caia sómente sobre aqueles que na realidade praticaram qualquer acto hostil contra o regimen e que assim faltaram ao unico compromisso que a Republica exigiu aos oficiaes do exercito.

E ainda se deve distiguir as circunstancias em que esses actos foram praticados, se com inteira espontaniedade e integro conhecimento das responsabilidades em que incorriam, se levados por uma compreensão severa e justa da disciplina militar, recaindo n'este caso toda a responsabilidade nos chefes das unidades.

E' preciso que a lei a publicar em substituição da monstruosidade 1040 não venha introduzir no exercito o virus perniciosissimo á disciplina de se julgar cada qual no direito de discutir para onde vai e a que vai a unidade de que faz parte, quando lhe chegar qualquer ordem, e isto com o justificado fundamento de que mais tarde será castigado, sem contemplações, por não ter desobedecido, no caso da unidade se envolver em qualquer movimento hostil ao regimen.

Assente-se em que uma lei com objectivos identicos aos que se pretendiam alcançar com a monstruosidade 1040, precisa de ser sensata e maduramente pensada e não póde ser votada «á la diable» como foi aquela que o sr. ministro da guerra reconhece agora lealmente precisar de reforma. E em vista d'essa declaração ficou o sr. ministro moralmente obrigado a anular as determinações da Ordem do Exercito que atingiram tantos oficiaes e sargentos.

Malas postais

Pelo vapor «Bolama» são amanhã expedidas malas postais para Cabo Verde e Guiné, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

IV — No paraizo Biarritz

Uma advertencia ao leitor: eu tenho que ir para Londres, por isso não me posso demorar por estas terras onde passo, dignas talvez de melhores literaturas do que os meus «croquis» e de narrativas mais longas. Quem não quizer acompanhar-me na singeleza dos meus traços largos, feitos para os que ainda não foram «lá fóra» ou para os que querem recordar, que se apeie: eu sigo e comigo os fieis 4 leitores, modestos de desejos literarios e de coloridos muito de dar nas vistas.

Apeie-se e com sorte porque o deixo em Biarritz.

*

Ante uma profusão de hoteis riquissimos, magestosos, enormes palacios ás dezenas que estão cheios a ponto de não haver um lugar—estamos em plena «saison»—não hesito: vou para uma pensão que me inculcaram e cujo nome do portuguez confrade é chave magica para me abrir um alojamento junto ao telhado.

Que me permita o leitor a apresentação desta pensão tipo, ou modelo da afabilidade e do conchego intimo da França. A pensão de M.me Fournay é uma habitação em «chalet» moderno, independente, ajardinado á frente. M.me Fournay tem uma linha de nobreza que atrae e impõe respeito. Cabelos brancos, talhe direito, sorriso franco e amavel. Tem duas filhas, uma que se encarrega da contabilidade da casa, outra que a ajuda nos labores culinarios: tipos de raparigas francezas, louras, olhos claros, sorrindo com facilidade e graciosas nas toilettes «decolletés», nas saias muito curtas. Só meia duzia de hospedes, senhoras da sociedade, meninas cujas familias ficaram em Paris, e um portuguez amigo da casa que ali vem de visita... A' mesa, grande das familias trava-se loquio facil, e Portugal é conhecido por aquela boa gente que não me crê, escanhoado e sorridente, um habitante desse paiz de não mal apregoados feitos. A comida é caseira, iniciada pelo melão—a fruta da epoca—mesmo antes da sopa o que me comove um pouco. O café vem tomar-se na sala, arrumada com um conforto de «nossa casa» que consóla nestas terras estranhas. E o hotel, meus amigos, é tão frio, é tão aspero para todos! M.me Fournay conhece os portuguezes já; passaram-lhe bastantes por lá, durante a guerra e, á parte o exoticismo da lingua — é curioso, acho a nossa lingua tão facil que a falo melhor que qualquer outra — olha nos como bons aliados e... arruinados da guerra (pensão «tout compris» 30 francos).

Desde a «gare» envidraçada, que me lembra uma grande estufa até á pensão, diferenceio perfeitamente Biarritz de S. Sebastian. Aqui não ha cidade. E' a praia de verão, e, a vila não tem mais para ver do que a Praça da «Liberté», com o «Credit Lyonnais» para os cheques aos milionarios, os magasins Bonheur, as variadissimas lojas de luxo e cafés grandiosos. O resto são ruas estreitas onde se encontra a pequena vila que de inverno ali fica de guarda aos grandes edificios e aos casinos até ao verão seguinte. O genero de construção fóra os grandes hoteis, que são ás dezenas, é o de pequenas «vilas», com os seus jardins o que faz que ao dar-se um passeio pela Biarritz terrestre se ande como num belo jardim. Mas a vida, a sobreexcitante vida de Biarritz, debruça-se sobre o mar.

*

E' aqui uma tacha longa que nos faz lembrar os nossos Estoris, tão mal aproveitadinhos, santo Deus dos ignorantes. A meio, sobre um passeio que acompanha a praia, o Casino Municipal, construção baixa mas rica e sumtuosa; do lado esquerdo o grande casino Bellevue, enorme, magestoso; no outro topo da praia, rodeado de relva que lembra um parque inglez, o Grande Hotel, o hotel dos reis, dos imperadores, dos grandes milionarios. Em frente ao Municipal a todo o comprimento da «Grande Plage», num passeio em pedra, fazem a sua «course» da ½ tarde as elegancias da França. Centenas de cadeiras alugaveis a 50 ou 25 centimos conforme o conforto, enchem-se de «madames» e «messieurs» que vestem carissimo. As musicas tocam no casino e aquele mundanismo onde tudo se mistura na mesma pintura de labios e de decotes escandalosos, de damas com bengalas e de bocas femininas ostentando «cigarrettes» fracas, a ponto de não se distinguir a «jeune fille» da «garce», passeia, passeia, passeia até que o sol se afunde de todo sobre o mar em frente. Depois, é a correria para os hoteis, para as pensões, para as vilas, a engulir o jantar e a mudar de toilette para a noite.

*

Aproveito, emquanto os estabelecimentos não fecham para ir fazer compras. Porque, devo confessar eu tive a espertalhona idéa de reservar as minhas acquisições para o estrangeiro. Ha talvez seis mezes que quando necessitava qualquer coisa avaramente guardava os escudos exclamando: «compro lá fora!»

As montras assustam-me porém, e eu vejo-me obrigado a comprar uma camisa para o «smoking»; mas qual! «80 francos», «70 francos» dizem os papelinhos brancos das camisas. E com o franco a cruzado acho Biarritz de mais. Amavelmente uma caixeira, elucida que estamos quasi no fim da «saison» e por isso tiveram grande «rabais». Desisto e como a noite está de luar, meto-me num «fiacre», uma equipagem que vagueia depois lentamente pela «côte basque» até ao farol, olho o farolo palpitante na noite, no extremo duma rocha que se estende pelo mar dentro. Embora de noite, com o auxilio dum cocheiro loquaz, que me garante ter sido «poilu» e ter visto baterem-se os portuguezes, motivo porque lhe faz uma redução no preço, vou admirando os palacetes que se estendem ao cimo das «falaises» que formam a costa para o norte...

—O da condessa X... O do principe de Monaco... o do velho rei Leopoldo da Belgica... o daquele titular que se arruinou «lá bas» no bacarat.

E tudo respira luxo, vertigem de encantamento, a vertigem que faz as felicidades ilusorias e as mizerias ricas. Porque, é curioso, e neste meio de sedução, que muitos maridos perdem as damas, sendo afinal o unico jogo que não se joga em casino algum.

*

São perto de 11 horas e voltamos. O panorama é estonteante, os braseiros luminosos junto á praia, reflectem claridade para o ceu e a calma da noite traz ruidos de muzicas.

Ah! Lisboeta amigo, creia bem no que eu lhe digo: se tem tempo, se ama o luxo, as mulheres, se quer ver o prazer, a doideira do jogo e ao mesmo tempo conhecer a excitação que o mar ocasiona nos nervos dos seres humanos, faça as malas e venha até Biarritz, ao «Legina» ou ao «Carlton». Mas, traga pelo menos 80 contos e... camisas.

Armando Ferreira.

Os «poveiros»

seguiram esta manhã para o Porto

Em carruagens atreladas ao combois das 9,40, que saiu hoje de manhã da estação do Rocio em direcção ao Porto, seguiram os 250 «poveiros» que ha dias se encontravam em Lisboa.

Foram acompanhados pelos srs. alferes Gomes dos Santos, Fernando Mayer Garção e José Rodrigues Nogueira, alunos da faculdade de Direito e directores do Nucleo do Resurgimento Nacional.

Na estação estavam algumas pessoas que á partida do comboio fizeram uma manifestação aos «poveiros», que hoje ficam no Porto, onde lhes foram preparados alojamentos.

Amanhã de manhã seguem em comboio especial para a Povoa de Varzim.

Os poveiros, á saida, mostraram-se satisfeitos pela forma como em Lisboa tinham sido tratados.

O Nucleo do Resurgimento Nacional abriu uma subscrição em favor dos «poveiros», devendo todos os donativos ser entregues na rua Palmira, 4.

Ordem publica

Foi entregue á policia de segurança do Estado Manuel Rodrigues da Cunha, pedreiro, morador na rua de S. Felix, 67, que foi preso pelo guarda 1525, na rua de S. Francisco Borja, por ali ter puxado por um revolver com 5 cargas para Manuel dos Santos Torres e Antonio Pinto Gomes, soldados da companhia de Equipagens, que andavam ao serviço da limpeza da cidade.

Foram postos em liberdade, ás 4 da manhã por ordem verbal do sr. presidente do ministerio, os srs. Simão Laboreiro e Horacio Silva, director e editor do jornal o «Tempo», motivo porque na policia da Segurança do Estado cessaram as investigações referentes á parte politica que havia motivado taes prisões.

Tambem foram soltos Anibal Maria Borges, Eduardo Vaz, Armando dos Santos, Carlos Rodrigues, acusados de fazerem propaganda bolchevista, o que se não provou por falta de testemunhas.

A' cadeia do Limoeiro recolheu hoje, ficando ali á ordem do comando da 1.ª divisão Joaquim Francisco, implicado nos «Comités» secretos bolchevistas de que é principal dirigente o director da «Bandeira Vermelha» Manuel Ribeiro.

Para o tribunal da Boa-Hora seguiu Carlos de Sousa acusado de instigar á greve, tendo sido solto José Fernandes Junior.

Theatros e Cinemas

NOTA DO DIA

Um teatro que desaparece e outro que se constroe

Apesar de todos os brados, de todos os protestos, talqualmente como sucedeu com o Rocio, que está ao que parece em nova semana de retalhos, o teatro da Trindade vai acabar.

Já no dia 1 o animatografo, o salão, e o bufete passaram a outro dono, e no proximo mez de maio, o velho edificio de tão gloriosas tradições terá o mesmo destino.

A *A. C. T. T.* pelas 14 e meia horas de domingo no teatro Apolo realisa uma assembleia geral para tratar do assunto da venda, depois de já publicamente ter atirado á cara de Carlos Borges e de Tereza Taveira, os 30 e 40 contos que receberam de luvas...

A nós parece-nos o caso liquidado, desde que se chegou a uma certa altura. Somos pelos que lamentamos a perda dum teatro numa epoca em que temos mais companhias que palcos, embora isso seja talvez uma vantagem para o publico.

Lamentamos a perda do teatro, lamentamos a perda de qualquer teatro; mas não entoamos chôros pela tradição e pelo passado. Respeitamos todas as tradições, mas achamo-las optimamente num «museu de teatro» que junto ao Scala de Milão constitue um dos mais curiosos exemplos de homenagem ao Passado.

Não é o Palha, nem Taveira, nem as operetas e magicas do Trindade que hoje amarelecem nas folhas da «Carteira do artista» de Sousa Bastos, que interessam á vida da cidade.

Palavra, neste caso vale mais uma central telefonica moderna, explendidamente situada, ou uma grande casa de correios, ou outro qualquer edificio que denóte progresso e civilisação. O teatro é que faz falta, mas para isso tambem ha remedio.

O teatro da Trindade vae ser demolido mas em seu lugar já se está construindo um outro, podemos garantir aos nossos leitores.

Onde?

Isso é segredo ainda. Na avenida ou no largo do Picadeiro, certamente que é na baixa em ponto central, para não ter o desastroso fim do teatro Moderno.

Em maio, quando a companhia largar o velho teatro inugurará um novo —e são ouvidos novos votos—a cidade ficará mais bem servida. Porque, confessêmos, nós que choramos as pedrinhas das calçadas, esperamos a a volta de D. Sebastião, somos ainda sidonistas, ou batemo-nos pela tradição dum teatro, reconhecemos por ventura em alguns dos teatros existentes, condições de segurança, de higiene, de boa acustica de ventilação... de tudo?

Pois fique-se o espectador com esta: Em maio quando o «Trindade» cerrar as suas portas, aqui perto, onde você, mal adivinha, surgir-lhe-ha outro teatro e... um teatro guindado ás alturas por quem tem para o caso arte, amor e grande dedicação.

A. F.

Concertos Blanch

Depois de ámanhã, sabado, encerra-se definitivamente a assinatura para a proxima serie dos concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que começam no teatro São Luiz nos meiados do corrente mez. A assinatura é enorme e muitas familias da sociedade estão assinando camarotes de 2.ª ordem por não haver já outros de 1.ª nem frizas, de sorte que as tardes dos domingos dos concertos Blanch alem de serem eminentemente artisticos, constituem pontos de requintada elegancia. Os concertos revestem este ano extraordinario brilhantismo, a orchestra está aumentada, conta novos elementos de valor e nos programas figuram sempre obras novas em 1.ª audição.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Malvalouca».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores)

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A sessão hoje abriu com 29 deputados, sendo a presidencia ocupada pelo sr. Mesquita de Carvalho.

Lida a acta passa-se ao expediente em que figura um protesto dos republicanos do Porto contra a amnistia aos presos e exilados politicos.

O sr. Antonio Francisco Pereira envia para a mesa um projecto de lei, para o qual requer urgencia e dispensa do regimento, elevando a pensão dos reformados da Imprensa Nacional.

O sr. Ladislau Batalha reclama providencias para o que se está passando com o azeite, sobre o qual está incidindo uma exploração ignobil. Chama ainda a atenção do governo para a vertiginosa subida de preços de todos os generos de primeira necessidade. Considera o caso do azeite uma importante questão nacional e submete-a ao mais especial cuidado de quem tem as suas responsabilidades da alimentação publica. Um dos pontos culminantes do problema está —diz—na decrescencia da produção, agravada com a exportação da azeitona, devendo, por isso, obrigar o manifesto do respectivo fructo e seu oleo. Termina apresentando um projecto, para que requer urgencia, proibindo a exportação de azeitona.

O sr. ministro do interior transmitirá ao sr. presidente do ministerio e ministro da agricultura as considerações que acaba de ouvir. Requer depois a imediata discussão da sua proposta que reforça com 50 contos a verba de ogual quantia destinada ao pagamento da divida do Estado por fornecimento de alimentação aos presos por ordem das autoridades administrativas.

Dispensadas todas as formalidades, é votada a proposta.

Votado tambem o requerimento do sr. Antonio Francisco Pereira, aprova-se o respectivo projecto, aprovando-se igualmente a urgencia requerida pelo sr. Ladislau Batalha.

O mais curioso é que todas estas votações teem sido feitas sem numero e sem ter sido aprovada a acta por falta de numero!

O sr. Augusto Dias da Silva repara no caso, mas a coisa passa.

Substituido o sr. Mesquita de Carvalho na presidencia pelo sr. Nunes Loureiro, o sr. Augusto Dias da Silva pergunta se ha numero.

O sr. presidente responde que sim e que, segundo o regimento, a acta só se aprova ao entrar-se na ordem do dia.

A inovação faz rir os mais bom humorados, emquanto se espera que, realmente, haja suficiente assistencia.

O sr. ministro das colonias, respondendo a uma reclamação feita hontem pelo sr. Orlando Marçal, em nome de republicanos de S. Tomé, contra a nomeação do actual governador da quela provincia, mostra alguns documentos e relata factos justificativos da legitimidade dessa nomeação. Diz que emquanto gerir os negocios da sua pasta timbrará em acatar e fazer acatar as leis e os interesses da Republica.

Aprovada a acta, é dada a palavra ao sr. presidente do ministerio, que começa por acentuar que as convenções com os Bancos de Portugal e Ultramarino ainda não estão assinadas, podendo, por consequencia, esclarecer-se quaisquer duvidas que na discussão porventura se tenham suscitado.

(Não apoiados da bancada popular).

E não faz sentido que havendo boa fé se reincida num ataque sistematico ao governo.

Passa a analisar o contracto sob o seu aspecto comercial, afirmando que todas as precauções foram tomadas.

No Senado

O sr. Alfredo Portugal requer urgencia e dispensa do regimento para a imediata discussão da proposta de lei abrindo um credito de 500 contos para as despezas feitas pelo Tribunal de Haia. A proposta é aprovada na generalidade e na especialidade, com a dispensa da ultima redacção.

O sr. Raimundo Mira pede a atenção do sr. Paes Gomes para o facto dos pescadores espanhoes, bem perto do norte, andarem exercendo a sua profissão, servindo-se, durante a noite, de dinamite. O sr. ministro da marinha diz que ouviu o orador com toda a atenção e vae tomar providencias.

O sr. Alvares Cabral deseja que sejam abatidas as sobretaxas de $20 sobre o azeite de baleia, e de 120$00 sobre o wolframio a fim de facilitar a sua exportação. O sr. ministro das finanças promete estudar o assunto.

A proxima sessão é na segunda-feira.

PELO TELEGRAFO

Os impostos no Uruguay

MONTEVIDEU, 3.—O presidente dirigiu uma mensagem ao conselho da administração pedindo para que sejam elevados a 200 °|o os impostos de importação, afim de se resolver a situação financeira.—«Americana».

Raid aereo Nova-York—Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 3.—O aviador Raul Santos, propõe-se fazer o «raid» aereo Nova-York— Rio de Janeiro. —«Americana».

Maria Luiza Guilherme de Souza Falcão

FALECEU

Confortada com os Santos Sacramentos da Egreja

R. I. P.

Maria Amelia Falcão Costa, seu marido, filha, cunhado e sobrinhos, Emilia Vidal Dias, seus filhos, irmãs e sobrinhos, cumprem o doloroso dever de participar aos seus parentes e pessoas das suas relações, o falecimento de sua muito querida irmã, cunhada e tia, cujo funeral se realisará ámanhã 5 do corrente, pelas 17 horas, saindo da sua residencia rua Rodrigo da Fonseca 10, I.º, para a estação do Rocio.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente está aberta a inscrição para admissão de pessoal de comboios, nos termos seguintes:

Condutores, ordenado minimo, 66$00 subvenção, 45$00. Total, 111$00.

Guarda-freios, ordenado minimo, 45$00 subvenção, 45$00. Total, 90$00.

Alem destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de percurso e deslocações em harmonia com os respectivos regulamentos e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar: em Lisboa, na Inspecção do pessoal de trens, em Santa Apolonia. Em Entroncamento, na sede da Inspecção principal da exploração e em Coimbra, na sede da Inspecção principal da exploração.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta dirigida ao engenheiro em chefe da exploração, na estação de Santa Apolonia.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3687 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 5 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

Recordando

A composição do Conselho Disciplinar do Exercito que deve julgar da capacidade moral de varios oficiaes presta-se a interessantes comentarios. Para os justificar bastaria dizer que dela fez parte, com outros generaes, que realmente demonstraram uma orientação altamente patriotica na questão da guerra, o sr. Teofilo da Trindade, que foi ministro na situação pimentista.

Nada se perde em recordar o que foi essa situação, e como ela inhabilitou para a apreciação de atitudes perante a guerra pessoas como o sr. Teofilo Trindade, a quem o sr. Pimenta de Castro entregou a pasta dos Estrangeiros, e que a recebeu dizendo que o fazia sómente para obedecer a um chefe, visto que era monarquico!

O chamado movimento das espadas foi a segunda tentativa de caracter grave que se fez para contrariar a nossa intervenção na guerra. O primeiro foi a sublevação de Mafra, de caracter absoluta e declaradamente monarquico, que veio para a rua aos gritos de «Abaixo a Guerra!» O seu rapido fracasso inspirou aos adversarios da guerra uma outra tactica. Aproveitaram um incidente de importancia minima, ocorrido numa terra da provincia com um oficial, e empregaram uma resistencia passiva contra o governo que tratava de preparar a nossa intervenção nos campos da batalha. Essa resistencia consistiu em entregarem as suas espadas. Foi assim que se engendrou a ditadura Pimenta de Castro, que o presidente da Republica, o falecido dr. Manuel de Arriaga, não supondo na sua lealdade que fosse possivel uma traição, lhe prestou a cobrir com a sua auctoridade.

Pimenta de Castro era confessadamente germanofilo, e assim o reconheceu de maneira bem iniludivel num folheto que publicou pouco antes da sua morte, quando se encontrava em Hespanha, após a distituição do seu governo. E entre aqueles que de forma alguma mostraram dissentir das ideias do seu chefe, conta-se necessariamente o sr. Teofilo da Trindade, que, na pasta dos Estrangeiros, não praticou nenhum acto que se pudesse considerar aliadofilo.

Para acabar com essa politica, para que Portugal honrasse os seus compromissos, para que entrassemos no unico caminho honroso e logico que deviamos seguir, é que se fez principalmente a revolução do 14 de maio. Já então se verificava que a maior das causas que provocavam em certos elementos do exercito um manifesto retraimento em face da guerra, era o medo de nela participar. A questão moral do exercito estava posta, e para honra da nossa oficialidade reconheceu-se mais tarde que eram só uma pequena minoria os fracos que pareciam não ter nunca contado com a contingencia duma guerra ao alistarem-se nas fileiras do exercito.

Assim se remediou, á custa do sangue portuguez vertido numa pugna civil, o mal que causara ao brio patriotico e á disciplina do exercito a ditadura Pimenta de Castro de que foi cumplice um dos actuaes membros do Conselho Disciplinar do Exercito, que tem de julgar do valor moral de varios oficiaes, isto quando a monstruosa lei 1040 está dando em resultado a separação iniqua, revoltante e absurda de muitos elementos que provaram ter a consciencia da missão militar e das qualidades de intrepidez que necessariamente teem de ser o apanagio dos que a sabem exercer com honra para a sua farda e com prestigio para o paiz.

Não são certamente estas incongruencias de molde a justificar resoluções que sobre serem violentas são inoportunas. Não faz sentido que numa se premeie o que noutros se castiga, e muito menos que sejam objecto de punição procedimentos mais honrosos do que os do julgador! Por esta forma, chega-se a uma verdadeira inversão de todos os principios, e da propria moral. Como podemos nós deixar de protestar contra situações que permitem anomalias desta natureza?

A opinião publica o que requer é o equilibrio e a logica. Estamos fartos de questões que não fazem senão eternisar o conflito que existe na sociedade portugueza, e em que na realidade não é a Republica a atingida, mas sim a pessima politica que por vezes em nome dela se pratica.

Victima do trabalho

No Bairro Social do Arco do Cego abateu hoje uma barreira, ficando morto um servente, cuja identidade se desconhece, tendo sido o cadaver removido para a Morgue.

Ficaram feridos dois outros operarios mas sem gravidade.

Os societarios do Nacional

Estando em pleno funcionamento a epoca regular do Teatro Nacional, o sr. ministro da instrução mandou que regressassem até ao fim do corrente mês, todos os artistas societarios que se encontram no Brasil. Aqueles que não se apresentarem no referido prazo ou não provarem a impossibilidade material de o fazer, serão considerados, para todos os efeitos, na situação de licença ilegitima.

A visita do principe de Monaco

Milhares de pessoas assistem ao desfile do cortejo do nosso ilustre hospede

Sua alteza o principe Alberto I de Monaco é desde hontem á tarde hospede de Portugal, tendo embarcado pelas 14,30 no couraçado, «Vasco da Gama», que fôra propositadamente recebel-o a Lagos. O principe, que anda em estudos oceanograficos a bordo do hiate real hespanhol «Giralda», veiu para Lisboa no nosso couraçado o qual fundeou em frente ao Terreiro do Paço pelas 12,30. Logo que o «Vasco da Gama» passou em frente á Torre de Belem, foi saudado pelas fortalezas com uma salva de 21 tiros, repetindo-se identicas manifestações por parte dos navios de guerra surtos no Tejo quando o couraçado fundeou.

A esse tempo já a vasta praça do Comercio se encontrava literalmente apinhada de povo, que era contido por cordões de policia, varios chefes e cabos, sob as ordens do comissario de divisão sr. Ferreira. A guarda de honra constituida por uma força de marinha do comando de um 1.º tenente, com banda, foi postar-se do a direita ao pavilhão que serviu á recepção dos reis da Belgica, e estendendo-se os marinheiros em duas filas pelas escadarias do Caes das Colunas.

O pavilhão sofreu modificações, pois que as côres belgas desapareceram, sendo substituidas por bandeiras de Monaco, com as côres vermelha e branca.

Um esquadrão de cavalaria da guarda Republicana que devia acompanhar o Principe ao palacio de Belem foi postar-se á esquerda do pavilhão, aguardando a organisação do cortejo.

Eram 13,20 quando o «Vasco da Gama» salvou anunciando que sua Alteza havia desembarcado.

De facto, momentos depois, uma vedeta da Defeza Naval singrava em direcção ao Caes das Colunas, comboiada pelo vapor «Popular» da policia maritima, e atracava ás escadarias, onde o principe, apesar dos seus 72 anos, saltou ligeiramente. Vinha acompanhado pelos almirantes sr. Julio Gallis, major general da mada, Augusto Neuparth, director geral da 4.ª repartição do ministerio da marinha, respectivos ajudantes e alguns membros da sua comitiva.

Mal pôz os pés em terra, o principe A blrereucbeo fePoEnoarsá,ás. cipe Alberto recebeu os cumprimentos do sr. Jayme Athias, secretario geral da Presidencia; Melo Barreto, ministro dos estrangeiros; coronel Alves Pedrosa, ministro do interior e seu chefe do gabinete capitão sr. Paula Pacheco; Mr. Guilhon, encarregado de Negocios da Espanha; dr. Julio Dantas, ministro da instrução; dr. Costa Cabral, chefe do protocolo do ministerio dos estrangeiros; Ribeiro dos Santos, do gabinete do sr. ministro da justiça, engenheiro Roldan y Pego e alguns oficiaes do exercito.

O principe, acompanhado das pessoas que o aguardavam, dirigiu-se em seguida para o pavilhão, recebendo então a continencia da guarda de honra emquanto a banda dos marinheiros executava o hino de Monaco e os clarins da cavalaria da guarda faziam ouvir a marcha de continencia.

Passados minutos, organisou-se o cortejo, rompendo a marcha a guarda avançada da guarda republicana, seguindo-se-lhe a primeira carruagem tirada a duas parelhas, conduzindo pessoas da comitiva do principe e o ajudante do almirante Neuparth, segunda carruagem tambem com tres individuos da comitiva do principe, e o comandante do hiate «Giralda» que, tendo acompanhado o «Vasco da Gama» a Lisboa, foi fundear tambem em frente ao Terreiro do Paço; terceira e ultima carruagem, conduzindo o principe Alberto, o secretario geral da Presidencia sr. Jayme Athias e o almirante Neuparth.

Fechava o cortejo um esquadrão de cavalaria da G. N. R. cuj comandante cavalgava á estribeira da carruagem.

O cortejo tomou pela praça do Comercio lados sul e oeste, rua do Ouro Rocio, ruas do Carmo, Garrett, Alecrim, Aterro, Santos, Janelas Verdes, Pampulha, Calvario, Santo Amaro, Junqueira e Belem.

Milhares de pessoas assistiram ao desfile, descobrindo-se o povo respeitosamente á passagem do principe que, sorridente, acenava com a cabeça, retribuindo os cumprimentos do povo.

Dois hydroaviões acompanharam o «Vasco da Gama» desde a barra até ao ancoradouro, fazendo depois varias evoluções em frente á praça do Comercio, que despertaram o mais vivo interesse, principalmente quando um d'eles, o n.º 8, fez varias vezes «amarissagens», proximo do caes.

O serviço de policia foi bem feito e de forma a merecer elogios. O «Vasco da Gama» foi comboiado desde o mar alto pelo «destroyer» «Guadiana», o qual ainda depois, no rio, fez varias evoluções.

O almoço em Belem

A's 14,20 chegou o cortejo ao palacio de Belem.

Sua alteza o principe de Monaco demorou-se algum tempo conversando com sr. Presidente da Republica, apoz o que se deu começo ao almoço, ao qual assistiram os srs.: dr. Bernardino Machado, almirante Canto e Castro, general Correia Barreto Melo Barreto, dr. Antonio Granjo, dr. Julio Dantas, Paes Gomes e a comitiva de sua alteza.

Pelo sr. Presidente da Republica foi lido um discurso de saudação ao que respondeu o nosso ilustre hospede.

Findo o almoço, com mesmo cerimonial e percurso, dirigiu-se o principe de Monaco para bordo do cruzador «Vasco da Gama».

T. M. E.

Foi distribuido o parecer das comissões da camara dos deputados relativo ao destino a dar á frota mercante do Estado.

Sem entrarmos agora no exame do referido parecer, diremos de passagem que opina por que os navios sejam entregues á administração de uma ou duas companhias.

São ainda quarenta os navios que a compõem dos quais vinte estão ao serviço dos T. M. E. e vinte ao serviço de Inglaterra, vinte e tres foram afundados pelo inimigo e sete perderam-se por desastre.

A tonelagem total d'essa importante frota do Estado é de 155:329 toneladas. A tonelagem apreendida montava, porém, a 242:914 toneladas representando, portanto, os navios perdidos a elevada cifra de 87:585.

Pergunta-se agora, Onde pára o dinheiro correspondente ao seguro d'esta tonelagem perdida? Constitue um fundo especial para novas aquisições e reparações, ou perdeu-se na voragem insondavel da administração dos T. M. E?

Ha dias que fazemos inutilmente tal pergunta e se d'esta vez ainda não obtivemos resposta, ficamos no direito de concluir uma de duas pontas do dilema cada qual a peor: ou os navios não estavam seguros o que representa o cumulo do desleixo, da incuria e da incapacidade, ou os navios estavam seguros e o dinheiro sumiu-se na voragem d'uma administração que se revela insaciavel. Isto quanto aos navios que estavam ao serviço dos T. M. E.

Quanto aos que se encontram ao serviço da Inglaterra tivemos que tirar as mesmas conclusões a que acima chegamos no que diz respeito aos navios perdidos e pelo que toca aos existentes ocorre perguntar quando se resolve afinal essa Furness a restituir-nos os navios. O praso da restituição previsto no contrato já lá vae ha que tempos, mas os navios continuam a drenar o ouro dos seus fretes para os cofres da afortunada companhia.

E isso não póde permitir-se por mais tempo, porque nós temos absoluta necessidade dos navios para podermos fazer os transportes maritimos para as nossas colonias africanas para nos garantirmos contra os «rings» que por ventura contra nós concluiem os nossos amigos inglezes e para ligar por regulares a frequentes carreiras as duas grandes provincias ultramarinas, como reclamaram os dois altos comissarios no acto da posse do sr. Brito Camacho.

Encetem-se, pois, desde já as diligencias necessarias para que nos sejam restituidos os navios que são muito nossos.

O sr. Afonso Costa que em Paris desempenha o papel de representante perpetuo do nosso paiz e dirigente supremo das legações de Paris, Londres, Berlim, etc., é quem deve encarregar-se das negociações, tanto mais que tem para isso especial autoridade, porque foi ele quem negociou o contrato com a Furness

POLITICA

A sessão parlamentar de hoje decorreu sem interesse de maior, votando-se a principio pouca animação na Camara dos Deputados, o mesmo sucedendo na sala dos Passos perdidos, onde era completa a ausencia de politicos. Do governo tambem poucos ministros apareceram: apenas os da guerra, colonias e trabalho. Os restantes tinham ido assistir ao almoço no palacio de Belem, em honra do principe de Monaco.

Só depois das 16 horas a sala dos Passos Perdidos se anima e, como de costume, ventila-se a questão politica.

No partido liberal, as reuniões teem-se sucedido nos ultimos dias e, ao que consta, trabalha-se activamente para a organisação do congresso partidario.

O projecto de amnistia parece que só entrará em discussão na proxima 3.ª ou 4.ª feira. A comissão geral, que deu já o seu parecer, foi, ao que se diz, de opinião que se deve fazer a revisão dos processos, sendo concedida a liberdade condicional aos que se encontram presos.

Aos homisiados politicos não será permitido regressar ao paiz senão depois de revistos os processos que lhes dizem respeito.

N'esse sentido será oportunamente apresentada uma proposta no parlamento.

O planalto de Benguela celeiro da metropole

A absoluta necessidade de prolongar o caminho de ferro, se queremos evitar o «deficit» cerealifero

Na sessão da Camara dos Deputados de 3 do corrente, afirmou o sr. presidente do ministerio com a maior intensidade o seguinte: «ou aumentamos a produção de trigo, tanto na metropole como nas colonias ou não ha salvação possivel».

Declarou mais que o governo contava com a grande produtividade do planalto de Benguela, tendo a esperança que, dentro dum ano ou dois, o maximo, o nosso «dificit» de trigo diminua enormemente ou desapareça totalmente.

Assim devia ser, se ao C. F. B. não tivessem sido cerceados os meios de continuar a linha férrea até Belmonte, pelo menos.

Em 30 de junho de 1918 foi assinado pelo governo de então um decreto que revogou a lei de 23 de junho de 1913 sobre a emissão de obrigações e pelo qual se entendeu dever coarctar o proseguimento da construção da linha férrea, o que se conseguiu.

Depois de varias solicitações da interessada e das inumeras reclamações das forças vivas de Angola, conseguiu-se, passados 2 anos, a revogação do Decreto de 30 de junho, pela lei n.º 1.011 de 18 de julho ultimo.

Mas as consequencias daquele acto foram bem funestas para a economia do Paiz e d'ahi o ter-se de realisar um emprestimo de 5 milhões de libras esterlinas para a compra de trigo.

Assim, se tal decreto não tivesse existido, logo que foi assinado o armisticio, o C. F. B. poderia ter emitido as suas obrigações a um preço rasoavel, a fim de obter o capital necessario para o proseguimento da linha férrea além do K. 520 (Chinguar) e adquirir o preciso material circulante que em fins de 1918 e no decurso de 1919 se poderia ter comprado em razoaveis condições de preço.

Ainda no principio do actual ano a situação financeira mundial teria permitido fazer-se uma emissão de obrigações, contratando-se em seguida a compra do material para o avanço da linha férrea e fornecimento de locomotivas e vagons para a sua melhor exploração.

Mas presentemente, com o cambio a 9 3/8 (libra a 31$50), não se poderá efectivar tal objectivo porque todas as operações de grande vulto para a aquisição de materiaes de construção e fomento são dificultadas por esta crise terrivel que vamos atravessando.

Assim, a promulgação do Decreto de 1918 e a demora na sua revogação obstaram a que o C. F. B. tivesse já atingido Belmonte, pelo menos, e que se dotassem os 630 quilometros de via férrea até ali, com o suficiente material circulante para drenar para o Lobito milhares de toneladas de subsistencias que tanto viriam atenuar a actual crise no continente como egualmente em S. Tomé e em Cabo Verde.

O desenvolvimento da cultura de milho, trigo, feijão, batata, etc., ter-se-ia intensificado nestes dois anos no planalto de Benguela, evitando-se assim a drenagem do ouro para no estrangeiro se comprarem os generos que em Angola, provincia portuguesa, se poderiam obter contra escudos e estes portanto não se achariam tão desvalorisados e consequentemente a carestia pavorosa da vida, resultante deste estado de cousas.

Infelizmente a lição dos factos de nada aproveitou aos que tem por dever legislar e d'ahi a promulgação de leis, muitas vezes contraditorias e opostas aos interesses do Paiz e cujas consequencias, os seus promotores não lhe medindo o alcance, dão como resultado o caso de que vimos tratando, que promulgado um decreto intempestivamente e não revogado em tempo oportuno, representou para o Paiz um encargo de 150.000 contos, só para a compra do trigo!

Como se procurarão pois, efectivar as palavras do sr. presidente do ministerio, preferidas na Camara dos Deputados dadas as dificuldades da hora presente, em que o C. F. B. não encontra oportunidade para lançar nos mercados estrangeiros as suas obrigações, devido á crise mundial e que em Portugal isso se torna impossivel pela baixa extrema do cambio?

Apesar destas dificuldades, é absolutamente indispensavel que o governo encontre o meio legal de levar o C. F. B. até Belmonte, auxiliando-o na aquisição do material preciso, de que resultarão vantagens imediatas, diminuindo ou acabando por completo a necessidade inadiavel de recorrer ao estrangeiro para a acquisição de cereaes.

Como se vê, este esforço é o naturalmente indicado, porquanto, se o ouro não fôr utilisado na compra do material preciso, que é uma despesa de resultados imediatos é permanentes, feita por uma só vez, terá que ser dispendido na compra de cereaes, que é uma despesa periodica, sem que as colonias ou o Paiz aproveitem desse enorme sacrificio.

Ivo Ferreira

A administração de Moçambique

Advogamos sempre aqui a necessidade de se escolher para o melindroso cargo de alto comissario da provincia de Moçambique um colonial exprimentado que tivesse exercido as funções de governador geral e que ao mesmo tempo fosse altamente categorisado na politica da metropole para se poder sobrepôr ás impertinencias do Terreiro do Paço. Dada porém a recusa dos que em muito pequeno numero se encontravam n'aquelas condições, impunha-se a escolha d'uma pessoa culta, habituada a tratar de questões de administração publica e de reconhecido valor intrinseco. A escolha do sr. Brito Camacho não foi, pois, desacertada, embora ele tenha até hoje representado na politica portugueza um valor mais negativo que proveitoso, parecendo, todavia, ser um d'aqueles temperamentos que só entregues a si mesmos sem peias, se desempenham em obras de real utilidade.

A maneira como no acto da sua posse abordou, embora perfunctoriamente, nem o momento era azado para mais largas explanações, o problema da administração de Moçambique, dá esperanças de que vamos emfim ter n'aquela provincia quem cure a sério dos seus mais vitais interesses.

O sr. Brito Camacho encarou o problema pelo principio. O indigena é para ele o elemento indispensavel á prosperidade da colonia, entendendo que «nenhuns interesses valem o superior interesse de conservar habil para o trabalho o indigena». E bastaria a exposição d'esta verdade que infelizmente tem escapado a tantos coloniaes, para revelar o superior merecimento do sr. Brito Camacho que logo a entreviu, mal abordou pela leitura os assuntos de administração colonial. Propõe-se, pois, o sr. Brito Camacho a inaugurar uma politica sanitaria que será a base de todos os emprehendimentos futuros.

E' evidente que impossivel se torna emprehender qualquer coisa de util com uma população devastada pela doença e pelos vicios e sabe-se que a raça preta é depauperada pelo impaludismo adquirido desde a infancia, pelas disenterias amibianas e outras doenças, assim como pelo vicio da embriaguez. Propõe-se egualmente a completar esta cruzada higienica por uma acção educativa pratica e util que do indigena faça um bom trabalhador, dando, portanto, na instrução do indigena o logar primacial á escola de artes e oficios.

Vamos ter emfim em Moçambique que olhe a valer, para as melhorar, pelas condições de vida do indigena, praticando não humanitarismo, como muito bem disse o sr. Brito Camacho, mas «um acto de inteligencia na exploração da terra africana».

Vai, portanto, acabar essa especie de escravatura oficial que em Moçambique se pratica em beneficio da industria mineira transvaliana e a contento dos humanitaristas inglezes que nem sequer ainda se lembraram de apodar de «escravo» o ouro do Rand.

E essa é a primeira dificuldade que o sr. Brito Camacho vai topar no seu caminho.

Renova ou não renova a convenção com o Transwal?

Eis a questão que ha de dar-lhe agua pela barba.

A provincia não pode continuar a viver do transito do comercio alheio que é sempre uma condição precaria de existencia.

Tem que viver dos seus proprios recursos e para isso precisa do indigena. Não póde nem deve, portanto, cede-lo aos outros.

O caminho de ferro de Lourenço Marques não precisa da convenção para viver.

O nosso ponto fraco está principalmente nos transportes maritimos, se não soubermos fazer um uso racional da frota mercante do Estado.

O «ring» contra nós feito pelas companhias de navegação era o que mais prejudicava o porto de Lourenço Marques. Mas vai longa esta nota.

Voltaremos ao assunto em outro dia.

PELO TELEGRAFO

Regressando á Europa

RIO DE JANEIRO, 4.—No «Lutetia» seguiram Machi, Delarizza e Huguenet.—(Americana).

O dr. Fidelino de Figueiredo

RIO DE JANEIRO, 4.—O dr. Fidelino de Figueiredo está satisfeitissimo. As suas conferencias teem obtido grande exito, reproduzindo-as os jornaes.—(Americana).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 4.—Cotações do café, 11$900; cambio sobre Londres, 12 7/16 e 12 1/2; valor do escudo portuguez 880 reis.—(Americana).

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

V — *Adão e Eva do seculo XX*

Manhãsinha cêdo (o cêdo de Biarritz é pelas 11 horas) desço á praia onde vou ver os banhos. E' a hora, na Praia grande, de mais animação... aquatica. Um grande grupo de sereias e sereios bem delineados nas formas pelos fatos justos, chafurdam com agua até ás canelas.

O que ali vai de grita e de risota. Como bom portuguezinho, dilato as narinas, molho os sapatos, mas avanço até perto. Vê-se tudo —sem malicia. E' curiosa a moral desta gente. Casados e solteiros, novos e velhos, formas apolineas e curvas em decadencia tudo anda ao léo. As carnes sobresaem indecorosa e explendorosamente sobre os «maillots» de banho, muito em cima por baixo e baixos por cima. Maridos, noivos, amantes toda a população de Adões e Evas do seculo XX, lavam ali superficialmente os seus pecados da noite; e, depois, vem estiraçar-se na areia, eles e elas, coleando languidamente numa preguiça luxuriosa que é interessante observar cá do alto. Ha formas ainda despontantes de garôtas mal desabrochadas que dois e tres «dandys» em trajes tambem muito menores assediam. Para ali ficam até ás tantas, em que cada qual recolhe ao seu hotel. E, muitas, meus amigos, intimamente soberanas das suas formas esveltas, atravessam nesses «maillots» ondeantes, toda a vila, apenas sobre os hombros uma capa de seda, ou um habito branco em que se fingem embrulhar.

Mas, mais «chic» ainda é, a cinco minutos da «grande plage», a pequena praia de «Port-vieux». Um semicirculo de curta abertura com uma galeria a todo o comprimento onde estão os estabelecimentos de banhos. Aqui a mesma fauna digno do canto IX dos Lusiadas, de molho até ás 5 da tarde, nadando, boiando, rebolando-se na areia brilhante. O espectaculo é sempre o mesmo, e a não ser para eles, que encantos especiaes podem encontrar, nestes banhos que rescendem a amôr, sensualidade e pouca vergonha, não ha variantes para quem de paletot e palhinhas os disfruta cá do alto. Por isso prefiro ir ter com o meu «poilu» que é cocheiro—agora, na bôa paz...

—«Nous allons faire le tour du Bois de Boulogne».

—«Oui, monsiu».

Recomendo ao leitor este passeio, talvez um pouco caro, mas lindo relativamente á paisagem. Dois trens com «inglezes» e «kodaks» seguem o mesmo trajecto. O caminho é coberto por arvores frondosas, e desce em zig-zag apertado até ao lago que avistamos do comboio. Dê um passeio nos barquitos que ali se alugam, ou suba depois a outra encosta até reaparecer cá no alto, perto de S. Jean de Luz avançando até á costa que depois segue do alto das escarpadas penedias aprumo sobre o mar, dominando um panorama soberbo, para o sul fechado pelo outro lado do angulo que forma o golfo da Gasconha onde se recostam os Cantabricos para o norte prolongando-se a perder de vista.

Neste «bosque» passou a sua lua de mel o rei de Espanha, e vinha fazer o seu namôro quando estava noivo.

Quasi perto do Biarritz avançando sobre o mar num rochedo «o rochedo da Virgem». Uma «passerelle» curta estabelece o contacto com a costa e no rochedo abre-se um tunel por onde se passa até ao extremo da rocha. A «Virgem» que para os pescadores tem a sua historia está lá em cima, rodeada dum gradeamento banal. Vendedeiras de bolos, postaes, e o mar roncando, escavando, cobrindo a rocha de fios de escuma que na queda para o mar lembra uma baba prateada. Assim se passa um dia encantador e o resto da tarde passo-o na visita aos casinos. O «Bellevue» cheio de pinturas claras com assuntos olimpicos, onde, á hora que passo, uma «jazz-band»—a primeira que ouço—tange em instrumentos de selvageria moderna um «fox trot» diabolico. Os pares, rapasinhos e mademoiselles, cingem-se com decencia; mas a dança, palavrinha, na sua elegancia ritmica de passos modernos é um belo exemplar de frenesi puxavante á sensualidade. Na esplanada, uma orquestra de 100 maestros,—diz o programa — dá um concerto. No restaurante um sexteto... Na sala decorada a branco e ouro do fundo tinem as fichas e giram os cavalinhos da sorte; um belo e confortavel salão de leitura uma «salle à manger» fulscante de cristaes e espelhos.

No «Municipal», á hora em que o visito canta-se em matinée o «Fausto», e, não sei porquê eu lembro-me do «Seculo»... e da sua campanha contra o jogo.

Mas o jogo afinal é isto, é Nice, é Monte Carlo, é Deauvile, é Ostende, é Schivenuingen com as suas belezas naturaes aproveitadas e o dinheiro dos tolos espalhado por hoteis, pensões, trens, por todos um pouco. Só os fracos se arruinam tanto peor para eles; os fracos eliminam-se e o mundo só necessita de fortes, de inteligentes, de...

Vá de filosofar, e visitemos o casino, inferior ao Bellevue, se bem que grandioso tambem.

Meto-me então num «tranvia electrico» que por meio franco, ida e volta, me vae levar a Bayonna.

Havia recebido varias indicações sobre Bayonna; uns que a achavam uma cidadesinha muito interessante, outros que a desdenhavam. E vou confirmar com os olhos e lunetas que possuo para serviço proprio.

São 3 quartos de hora de caminho entre arvoredo e belas vilas. Pelo percurso varias localidades de menor importancia, cujo unico caracteristico é, as formosas quintas que as rodeiam.

Desembarca-se em Bayonna ao pé do caes, numa grande praça. Tomo um trem, rodas de madeira, que resoam terrivelmente no pavimento mal cuidado da cidade. Esta anotação para quem já saiu de Portugal é desnecessaria; mas ela é preciosa para os que não sabem que quer em S. Sebastian, quer em Biarritz, os trens tem todos rodas de borracha e os pavimentos são tão bem cuidados quanto as nossas estradas estão impossiveis... incomensuravel!

O cocheiro, um bom velhote, tipo do velho cocheiro parisiense, para aqui desterrado, leva-me á «Catedral», que visito embora sem interesse. Devo confessar que as egrejas pequenas raramente me despertam alvoroço, salvo em casos excepcionaes; é sempre a mesma nave, mais elegantes os fustes destas colunas, menos rozacea para aqui, mais rendilhado nos pulpitos para ali, a mesma soturna expressão das casas onde falta a alegria da vida e da verdade. Passo ao claustro,... para quê, meu Deus, se lá tenho o de Alcobaça, o dos Jeronimos, que tanta beleza me dizem. Dali seguimos, tortuosas ruas, estreitas e velhas, ao castelo, á caserna, atravessamos as pontes e vimos até á grande praça, depois de visitar a estatua dum bispo de cruz alçada, mediocre na linha mas bem situado e que agora tem em companhia 3 canhões esverdeados, sobre as rodas dos quaes a garotada vae vertendo o seu desprezo liquido.

A «Opera»—porque Bayona tem Opera—é um edificio de boa aparencia, na praça principal, sobre a qual deitam os grandes cafés da cidade.

Não ha mais nada para ver, nem tenho tempo para perder com a velha cidade. Faço o trajecto de volta, nos taes electricos de duas classes, até Biarritz.

Aqui ainda, na praia se estendem como lagartos do pecado ao sol, homens e mulheres em fato de banho. E, como aquele espectaculo ha de perpetuar-se assim, hoje, amanhã e sempre, emquanto houver homens e mulheres, quer sejam reis ou bolchevistas, imperadores ou tiranos, fazemos um largo cumprimento á vila prazer e abalamos para «La Negresse» em busca do comboio que nos lance em Paris.

Armando Ferreira.

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

A todas as pessoas que teem feito o enormissimo favor de me mandar numeros de «A Capital» com cartas minhas agradeço, de toda a minha alma, tão grande auxilio, como agradeço, com o não menor reconhecimento, as palavras carinhosas de que algumas remessas veem acompanhadas e que muito suavizam o meu penar.

Precisando, porém, de muitas colecções e tendo algumas incompletas, seria um valioso obséquio mandarem-me mesmo numeros soltos.

Podem esses jornaes ser remetidos para o escritorio do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, Rua de S. Miguel, 38, 1.º Porto, e gratissima lhes ficarei.

Maria Adelaide

Conferencias

Na séde da Société Amicale Franco-Portugaise, rua do Seculo, 50, realisa amanhã, ás 21 horas, o sr. Antonio Ferro uma conferencia sobre o tema «Collette—Collette Wily—Collette», acêrca da ilustre escritora franceza Collette.

Malas postais

Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor «Mormugão» para os Açores e New-York, e pelo «Bolama» para Cabo Verde e Guiné, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

Teatro Avenida — *«O amigo do seu amigo», peça em 3 actos de Hennequin e Weber, trad. de André Brun* : : : : : : : :

Peça

A espirituosissima comedia que no Palais Royal ha mezes é aplaudida fez o seu sucesso pelo seu genero livre e pela terra onde se representou. Consta de tres actos como todos sabem: o primeiro de preparação; o segundo de maximo interesse e o terceiro de desenlace. O maximo interesse, aquele que mais sublinhado é por gargalhadas corresponde exactamente á parte mais fresca e vive, pode dizer-se, dessa mesma frescura.

Em Portugal por causa de qualquer fenomeno psiquico ainda os espiritos não estão bem afeitos á moralidade ou imoralidade franceza de forma que foi necessario bolir no 2.º acto da peça. D'ahi, resultou que foi exactamente este acto aquele que esfriou a plateia, chegando mesmo a impacientar pela delonga de certas scenas.

Ora das duas uma. Este genero de peças ou se levam tal qual são, ou não se levam. Aproveitar só o engraçado, numa ancia de ter grande sucesso e impedir outros actores ou actrizes capazes de se despirem em scena, é ir mal orientado. Na altura culminante da comedia, Maria Matos devia rapidamente, nervosamente, despir-se e meter-se na cama, com a sua vitima pseudo-cumplice.

Ora' sabem os senhores o que se passou hontem no Avenida. A sr.ª D. Maria Matos que é, felizmente para ela e para todos nós, uma pessoa honesta, sae pela e. b. e vae ao camarim mudar de meias, calçar sapatos de baile, amarelos, e vestir uma «toilette» de «soirée». E apesar da sua bôa vontade, como não é Fregoli, são 5 minutos de espera matando a graça subita, a explosão de riso que ha no «Palais Royal», e dando cabo tambem da peça que passa a ser ridicula, pois não é de vestido de baile e de colarinhos de goma que... os autores imaginaram que se constatavam adulterios.

Repetimos: a ideia de tirar as escabrosidades á peça é detestavel. Pois se a peça é assim era leva-la tal qual é, ou não a levar. Sem desprimor diremos que Auzenda de Oliveira, Angela Pinto, quantas outras actrizes, fariam a peça rigorosamente. Mas... imoralidade á parte, é deste teatro que não serve para nada. Comedias ha tantas no teatro francez, no teatro inglez, hespanhol e italiano sem recorrer a esta perpetua porqueira dos maridos e dos amantes, que chega a ser crime agarrar vorazmente peças deste genero.

O publico ri... Dirá a empreza; mas não é assim; tambem o publico ri com os «palhaços» e não é teatro; e actores bons, actores que nos podem dar algumas manifestações de arte, de literatura, qualquer coisa que tenha interesse, não podem andar a perder o seu tempo, só com o fito de ter bôas receitas, em peças imoraes, absolutamente ôcas e desmoralisantes.

Tradução

E' inegavel que um dos grandes valores da peça em scena é a tradução ter mantido não só todas as bôas pilherias e filosofias do original, ou dando um equivalente explendido e alegre na nossa linguagem, quer mesmo introduzindo uma ou outra piada a proposito, como André Brun as sabe dizer. O trabalho é explendido, e não é a amizade pessoal que nos coage a empregar o justo adjectivo.

E a prova é que protestamos contra a introdução maliciosa, dum *infelizmente louca* — muitissimo a proposito na peça — mas infeliz na ideia, pois nunca devemos esquecer que é quasi miseravel e porco fazer espirito com as desgraças alheias, embora vindas a publico.

Desempenho

Maria Matos—«place aux dames» —é uma boa e simpatica mãe de familia, que é incapaz de trair alguem, de cheirar a pecado, de ser, em resumo, M.me Lambrusgue. A sua vivacidade é ainda fragil, a sua caraterisação é horrorosa, com o cabelo pegado aos olhos, não tendo, apezar dos vestidos caros que traz, nem elegancia nem tic parisiense. O seu temperamento, bem sabe, não dá nada para a imoralidade, e... «et moi je te dis...» Fora o erro principal de se ter vestido do que não é, conduziu o papel conforme poude e fe-lo o melhor que soube.

Hortense Luz declamou irrisoriamente muito espremida as primeiras falas do seu papel, mas em toda a restante interpretação teve ingenuidade e graça natural, acertando.

Regina Montenegro, com uma certa linha aproveitavel, e Bemviada, Dina e Antonia sem grandes desmanchos. Já a Miss Poulson, que só tem que dizer «Yess», o diz sem sinceridade nenhuma; vai muito melhor nos dois ultimos actos.

Joaquim Costa, novo «Boubaroche» faz o papel de marido enganado mas filosoficamente de acordo, com a sua bonhomia e a sua calma de actor sabido. Se o papel nada tem de extraordinario para as suas forças, merece contudo apontar a forma discreta e segura como é conduzido.

As honras da noite foram para Joaquim Almada. E muito bem. Renato Ploumanach é o grande centro de atrações da peça e Almada conseguiu fazer rir com vontade a plateia em peso. Mas, se me é permitida uma objecção, direi que no primeiro acto o seu papel vem todo errado. Aparece-nos uma especie de pateta, ao mesmo tempo que nos lembra uma creatura efeminada, tão explorado em revistas. Afinal, o papel é o de um bretão. A peça baseia-se na fidelidade dos bretões. Ora para nós a fidelidade e o caracter dos bretões tem a mesma influencia que em Paris falar da... tagarelice dos algarvios. Ficam todos na mesma, sem perceber bem do que se trata.

O actor que em Paris fazia o comico papel de Renato não era ridiculo, nem efeminado, nem tinha sorizos alvares. Era sobrio, recto, pondonorôso e da sua linha e dos seus principios rectos é que surgia o comico inexcedivel do personagem. Mas para nós, que somos boas pessoas, o papel tal como Joaquim Almada o desempenha chega, e até podemos acrescentar que tem expressões ditas com muita graça. Só o que ele tem de inventar durante aquela interminavel scena do 2.º acto em que fica sosinho...

Em bom papel, temos tambem Gil Ferreira. Saudei-o no «Az» como um novo elemento de valor e ainda aqui se reconhece que tem folego. Começa a repetir-se na maneira de lançar certas frazes e apartes que agradaram ao publico no Ginasio, mas é de prever que se não se deixar embair com os reclames e com a gloria facil das primeiras palavras, ocupará um logar bom nos nossos comicos. Mas necessita não abusar. Marchar calmo e firme.

Mendonça de Carvalho é... Mendonça de Carvalho. (Vide critica da «Menina do Chocolate» em 1916)

Reinaldo de Azevedo muito fraco no seu comissario e os demais não desmerecendo.

Scenarios, enscenação

Scenarios pobres mas aceados. Enscenação bôa. O publico aplaude e vai ser um grande sucesso. Parabens.

Armando Ferreira

Teatro São Luiz — *«Reprise» da opereta em 3 actos «Duqueza do Bal Tabarin»* : : :

Pertenço ao resumido numero dos que se insurgem e protestam, sempre que uma recita de assignatura é preenchida por qualquer peça já vista. Pelos preços que, presentemente, o publico paga em teatro, acrescido ainda de 20 0/0 nas primeiras representações, não ha direito, pelo menos n'essas recitas, de lhe apresentar remontagens, a não ser em casos excecionaes. E, porque quero, como tal, considerar a «reprise», agora feita da «Duqueza do Bal Tabarin» tendo em atenção, a sua bôa «mise-en-scene» um desempenho agradavel e especialmente a esperança fundamentada de ver, dentro em pouco, surgir uma nova actriz cantora, de que o teatro musicado tanto carece, passemos em claro um assunto que só nos poderia merecer referencias desagradaveis para nos ocuparmos tão sómente do desempenho que, presentemente, teve a peça.

Pormenorisaremos, apenas, o trabalho das substituições havidas, visto que, dos antigos interpretes, já oportunamente a critica se ocupou, quando da primitiva representação.

Trez substituições teve, agora, a peça, feitas, respectivamente, por Carlos Vianna, Sofia Santos e Aldina de Sousa, esta ultima n'uma transição brusca da revista para este genero de teatro.

Agradou-nos o trabalho de Carlos Vianna sem os exageros e ridiculos que, na primitiva lhe emprestou o seu colega Matias d'Almeida. O mesmo diremos de Sofia Santos que, tendo sido d'uma grande filicidade na exteriorisação da personagem no terceiro acto, não cuidou d'esse detalhe no primeiro, dando-nos uma figura absolutamente ridicula, em logar do typo exotico que a peça requer.

Falta-nos falar da sr.ª Aldina de Sousa que se apresentou em scena com uma certa desenvoltura vestindo com propriedade a personagem e possuidora d'uma voz que se poderá classificar de muito bôa, após um estudo aturado que necessita fazer. As grandes ovações que lhe foram tributadas por parte de um publico já habituado a distinguir o bom do mau, deve-as a sr. Aldin de Sousa, ter em consideração e que elas lhe sirvam de incentivo na nova carreira que se propoz seguir, n'um genero bem diferente e com bem maiores responsabilidades do que a simples rabula» de revista.

Marcou, n'esta peça o seu logar o que é já é muito. Se lhe disserem porem, que chegou a vencer, mentem-lhe e bom será que fuja dos taes «amigos do diabo» que, com o constante emprego da lisonja, só prejudiciaes lhe poderão ser. Informam-nos que é descipula de M.me Pench. embora ha muito pouco tempo e cremos que assim seja, pelas dificiencias que se lhe notam. Não falando já nos defeitos de representação aliáz naturaes n'uma artista que, no genero, tem que ser considerada como principiante, a sua voz, não estando ainda convenientemente encostada resente-se nos graves e nos agudos quando estes sofrem uma transição busca na partitura.

Em escala a nota sae-lhe clara, bem trimbrada e vae até no «sol», do seu estudo da sua força de vontade e dos sabios sonselhos da sua professora, ha que esperar um complemento de educação musical que faça da sr.ª Aldina de Sousa uma actriz canetora como é licito esperar dos seus recursos naturaes a que não é indiferente a sua figura interessante.

Outro estudo, finalmente a que se deve dedicar é ao da sua fisionomia de forma a torna-la maleavel em scena. A sua expressão é por vezes dura e, caso curioso, quando, em geral, canta os motivos aos quaes é necessario emprestar sentimento.

E aqui fica a minha opinião sobre o que penso do valor da sr.ª Aldina de Sousa, convicto de que, n'um futuro muito proximo esses pequeninos nadas desaparecerão e lhe poderei fazer, então, um elogio incondicional.

Alvaro Lima

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A' hora regimental encontram-se na sala apenas quatro deputados: os srs. Mesquita de Carvalho, independente; Cunha Leal, popular; Mariano Martins e Sá Pereira, democraticos. E assim se fica por algum tempo, até que chegam os srs. Antonio Maria da Silva, José Monteiro e, depois, mais alguns legisladores.

A's 14,45 considera-se aberta a sessão.

Feita a leitura da acta e da correspondencia, espera-se que haja numero para se iniciarem os trabalhos.

Estão 41 membros da camara.

O sr. presidente, referindo-se á estranhesa que alguns jornaes mostraram pela forma como na vespera decorreram os trabalhos anteriores á ordem do dia, expressa o desejo de que uma rectificação seja feita no sentido de tornar publico que as votações duma proposta e dum projecto de lei foram feitas com numero legal.

O sr. Vasco de Vasconcelos recorda que os primeiros reparos á forma como as referidas votações se fiseram não partiram da imprensa.

O sr. Antonio Mantas exteriorisa o seu desgosto pela critica que a imprensa ás vezes faz aos trabalhos parlamentares. A proposito diz haver toda a conveniencia em que os srs. deputados se conservem nos seus logares durante a sessão a fim de se imprimir ordem e metodo aos trabalhos.

O sr. Ladislau Batalha requer alguns esclarecimentos estatisticos sobre cultivo de azeitona e producão de azeite.

O sr. Antonio Mantas requer que se discuta com brevidade a proposta do sr. ministro da guerra que dá algumas garantias aos militares inutilisados na guerra.

O sr. Orlando Marçal trata novamente da questão do governador de S. Thomé, dizendo que o ministro a não soube resolver.

O sr. ministro das colonias responde com o relato de factos dos quais tira conclusões opostas ao mode de ver do sr. Orlando Marçal.

O sr. ministro da guerra requer imediata discussão duma proposta sobre ajudas de custo referentes a uns meses que não foram incluidos no duodecimo das finanças. Em contra-prova; votam-se todas as dispensas, aprovando-se tambem a proposta, depois do sr. Costa Junior declarar a minoria socialista não conceder mais dinheiro ao ministerio da guerra.

Aprovada a acta o sr. presidente propõe um voto de saudação ao principe de Monaco.

Associam-se os srs.: Jaime de Sousa, Alvaro de Castro, Antonio Maria da Silva, Vasco de Vasconcelos, Pacheco de Amorim e Eduardo de Souza, pelos varios lados da camara, e o sr. ministro da justiça pelo governo.

Na ordem do dia, o sr. ministro das finanças, reatando o discurso interrompido hontem ácerca dos contratos dos trigos e do carvão, afirma que o governo aceitará qualquer proposta de fornecimento, repetindo que um dos seus pontos de vista é a aquisição do trigo pela Moagem, visto ser ela a entidade com as devidas condições tecnicas.

Voltando a falar na emissão dos bilhetes de tesouro, mais uma vez salienta que eles não vencerão juros.

Acerca do carvão, o sr. Inocencio Camacho presta tambem algumas explicações, dizendo que no respectivo contracto houve o cuidado de não se tomarem compromissos de que pudes se resultar qualquer contra-pezo para o futuro.

Ordem publica

Foram soltos hoje de madrugada Henrique de Paiva Duarte Simões e Antonio Duarte, que haviam sido presos por suspeitos de fazerem parte dos nucleos secretos integralistas o que se não averiguou por falta de provas testemunhaes. Nos calabouços do governo civil continuam presos para as respectivas investigações que estão sendo feitas em Santarem onde foram presos, João dos Santos, Duque Silvio Cruz e José Matias Grilo acusados de bolchevistas.

Ao comando da 1.ª divisão militar, por ser desertor do batalhão de telegrafistas de campanha onde tinha o n.º 608 da 4.ª companhia é entregue amanhã Antonio Ferreira, que ficou sem uma das mãos e suspeito de ser o autor do lançamento de uma bomba em Palma de Cima.

O polaco Burner, preso ha dias em Beja por suspeito, e os estrangeiros Kramener e Kuban detidos pela policia maritima por pretenderem embarcar sem documentos aguardam as informações da policia internacional para depois lhe ser dado o devido destino.

Actualmente a policia de Segurança do Estado só tem para investigações 10 presos.

Os milicianos

Alcunhou-os hontem o sr. presidente do ministerio de «intrusos». Por mais inverosimil que isso pareça na boca do sr. Antonio Granjo, exalferes miliciano voluntario e denodado combatente da primeira linha na frente, é a verdade. O sr. presidente do ministerio que estava firmando os seus creditos de homem de Estado com brilhante defeza dos contratos feitos pelo sr. ministro das finanças, dstrambelhou de repente ao tratar dum seriissimo assunto que deveria ser objecto dum ponderadissimo exame.

«Intrusos?!» Sim, intrusos na primeira linha da frente onde só se deveriam encontrar os oficiaes do efectivo e onde os milicianos, como por exemplo, o sr. presidente do ministerio se bateram heroicamente pela Patria.

Nessa altura ninguem os apodou de intrusos, antes lhe aceitaram gulosamente os relevantes serviços que verdade deveriam ter sido prestados pelos oficiais do efectivo.

Agora que passou a tormenta, rua, que são intrusos.

Por mais moderação que se queira usar nos comentarios aos factos ocorrentes na politica portugueza, ocasiões ha em que é impossivel vencer a irritação causada pela semcerimonia com que se tratam as questões mais importantes de interesse publico.

Ainda se nesta questão dos milicianos houvesse para com todos o mesmo procedimento; a mesma justiça, vá lá. Mas a verdade é que o filho do sr. Afonso Costa é oficial miliciano e está em Paris, adido á delegação portugueza, frequentando qualquer escola franceza, subsidiado pelo ministerio da guerra. A verdade é ainda que aquele senhor tem como secretario, ajudante ou coisa que o valha, um oficial miliciano chamado Nordeste que foi noutro dia condecorado com a Estrela Brilhante de Zanzibar talvez por não haver já na Europa condecorações para lhe pendurar no peito constelado.

Estão se a vêr os serviços que prestou ao negro sultão.

E' apezar de todas as condecorações que ornamentam o peito d'estes dois milicianos, acolitos do sr. Afonso Costa, não se sabe bem em que logar frente arriscaram a vida pela Patria.

Mas por que razão hão de vir uns para a rua e utrs hão de cntinuar em Paris a despender o dinheiro da nação?

MUSICA

Sociedade de Concertos de Lisboa

O primeiro concerto desta epoca, anunciado para amanhã, fica transferido para segunda-feira, ás 21 1|2 horas, realisando-se o segundo concerto na quarta-feira, 10 do corrente. O programa do 1.º concerto é o seguinte: 2.ª Sonata (piano e violino), de Schumann; Preludio, 2 Estudos e Berceuse de Chopin, para piano, por mr. André Salomon; Largo expressivo de Pugnani, Chanson Louis XIII et Pavane, de Couperin, Menuetto de Beethoven, e Preludios Allegro de Pugnani, para violino, por M.elle Lydie Demergian; 2.ª Sonata (piano e violino) de Brahms.

Festas associativas

Juventude Socialista (Nucleo central.—Para comemorar o seu primeiro aniversario realisa-se amanhã uma essão solene, em que deverão usar da palavra diversos oradores do movimento operario e socialista.

No domingo efectuar-se-ha um sarau dramatico para o qual os poucos bilhetes que restam se encontram á venda na séde, R. Bemformoso, 150,

AOS COLONIAES

O Centro Colonial convida a Comissão eleita na reunião de 20 de Outubro passado e bem assim todos os interessados que se lhe queiram agregar a comparecerem junto do gabinete do sr. Ministro das Colonias, no sabado 6 do corrente, ás seis horas da tarde.

Concertos Blanch

E' amanhã, sabado, que se encerra definitivamente a assinatura para a proxima serie dos concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, o primeiro dos quaes se realisa no meiado do corrente mez no teatro São Luiz. Quem quizer pois assegurar o logar tem de oproveitar hoje e amanhã, pois a assignatura é enorme. Vão ser extraordinarios acontecimentos artisticos os concertos Blanch, ponto de reunião elegante de toda a sociedade.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Malvalouca».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
GINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

N'um impresso avulso subscrito: "O Partido Republicano Popular" pretende-se fazer a analise do contracto que as nossas casas efectuaram com o Governo Portuguez para assegurar o fornecimento dos trigos exoticos necessarios ao abastecimento do Paiz até á proxima colheita.

As considerações e os calculos que esse impresso contém são baseadas em hipoteses absolutamente fantasiosas e falsas como facilmente verificará quem se der ao trabalho de o estudar com serenidade, bôa fé e competencia.

Lisboa, 4 de Novembro de 1920.

Napoles & C.ª

José Henriques Totta & C.ª

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3688 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 6 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O governo e os seus projectos

De tudo incriminamos os governos' mas a verdade é que, se em parte são merecidas as censuras que frequentemente se lhes dirigem, não é menos certo que a mais simples noção da justiça manda que se considerem as circunstancias em que usualmente esses governos teem de operar.

Quem poderá impedir-se de o reconhecer? Os partidos, na eterna intriga em que vivem, não dão ao governo um apoio solido; as classes mais interessadas no resurgimento da nação, no aumento da sua riqueza, na intensificação do seu trabalho, não lhes prestam, na realidade, nenhuma especie de auxilio, e o proprio parlamento, cuja missão é com eles colaborar, embora fiscalisando escrupulosamente o seu acto, em vez dessa obra de colaboração asfixiam-os por meio duma oposição sistematica que tanto se revela atacando como impedindo a realisação dos seus projectos.

Quer na ordem dos interesses materiaes, quer na esfera dos principios politicos, o parlamento forma aos governos uma barreira perante a qual eles acabam por desistir dos seus propositos. Com essa renuncia forçada, chega-se ao espectaculo a que estamos assistindo ha anos: nenhum governo faz nada, nenhum governo tem uma permanencia no poder que lhe permita levar a cabo um plano de administração publica, nenhum governo consegue eximir-se a um descredito que pesa sobretudo sobre os elementos que os compõem, eliminando-se assim esperanças de garantias e competencias que sobre eles se tinham firmado.

E' necessario reagir contra estes habitos. E'. E em parte alguma mais do que no parlamento, o mais importante dos poderes do Estado, aquele sobre que pesam maiores responsabilidades nos destinos nacionaes.

O gabinete Granjo parece tel-o compreendido, e daí a sua insistencia em que os seus projectos sejam devidamente apreciados. Entende o governo, e entende bem, a nosso vêr, que o parlamento tem o direito, ou mais ainda o dever de examinar atenta e conscienciosamente esses projectos, mas que não tem o direito de os rejeitar sistematicamente duma maneira precipitada que demonstra mais a existencia duma paixão do que a força dum raciocinio. E' esta a boa doutrina, e que bom seria que ficasse constituindo uma praxe.

Como o grego que diria ao seu general, que não queria ouvir-lhe a opinião: «Fere, mas escuta!» assim tambem o governo pode e deve dizer ao parlamento: «Regeita as minhas propostas, mas estuda-as, discute-as convenientemente, porque eu não me convencerei de que elas, são ineficazes ou prejudiciaes simplesmente porque elas são acolhidas com alguns berros!»

Estão pendentes do exame parlamentar alguns projectos governamentaes do mais elevado alcance. Referem-se uns ás necessidades mais instantes da sociedade portugueza, para se garantir a sua existencia, e outro ha que tende á sua pacificação, que é a vida do espirito, sendo por isso mesmo o penhor do desenvolvimento material que o paiz necessita. Pois bem! Tanto num caso como noutro, ainda o governo não apresentara ás camaras os respectivos projectos e já se erguia um clamor frenetico de repulsão, afirmando-se em altas vozes que o governo cairia com eles.

Não pode ser assim, nem deve ser assim. Não basta gritar, não basta crear ambientes mais ou menos artificiaes de repulsa.

E' preciso que serenamente, com razões, com argumentos, com provas, com factos, se demonstre cabalmente que os projectos governamentaes correspondem a erros ou faltas graves a que o parlamento não deve dar a sua sanção. Vencer por qualquer meio, vencer por vencer é uma violencia. O que é preciso e convencer, não se convencer aos berros, nem recorrendo a pressões injustificaveis.

O sr. Antonio Granjo deixa passar as tempestades, e quando elas passam os adversarios das suas ideias e da sua orientação ficam muito surprehendidos de o verem no mesmo logar. E' que na realidade nada o atingiu; nada o fez mover do ponto em que estava, visto que nenhuma observação valiosa, que nenhuma critica justa lhe demonstrou que claudicara.

Afigura-se-nos que esta atitude representa uma conquista de verdadeira importancia politica. Os congressos da Republica não podem nem devem cair com a mesma facilidade com que cahiram os governos da monarquia. Esses não tinham nenhuma base segura, nem perante os principios da democracia nem perante a consciencia publica. Por isso bastava para os derrubar uma taboa de bater bifes, soando com fragor contra as tampas das diversas carteiras de S. Bento. O gabinete Granjo é um governo republicano. Pode cair, ou porque reconheça que realmente errou, ou porque uma votação regular lhe indique que perdeu a confiança do parlamento. Mas tem o direito, tem mesmo o dever, de reclamar que se discutam lealmente as medidas que apresenta ao parlamento do seu paiz, e considera muito bem, a nosso ver, pois seria uma fraqueza roçando pela ignominia abandonar o seu logar ás primeiras vozearias de meia duzia de adversarios acintosos e exaltados.

Ordem publica

Foi entregue á policia de segurança do Estado João Antonio Batista, vendedor ambulante morador na rua das Farinhas, 24 2.º, que foi preso no Poço do Borratem, por ali andar dando vivas á Monarquia e morras á Republica.

CARTAS DA ITALIA

A ancia de ser rico—A acumulação nas cidades—Escaramuças—A cantora Tagide Tavares—Uma orquestra maravilhosa

VENEZA, 28/10/920.—Ha justamente um mez que desembarcámos em Genova, e até hoje ainda não nos foi possivel sequer traçar algumas linhas sobre as impressões recebidas na Italia, depois de 8 anos de ausencia.

A nefasta guerra que convulsionou o mundo incitou e desenvolveu o germen da ambição desmedida que que se encontra em todos os paizes.

Todos querem ser ricos em 24 horas, todos aspiram a vôos fantasticos, delineando castelos no ar, projectos maravilhosos: as aspirações sucedem-se e vive-se freneticamente, n'uma ancia de prazer assustadora! Ondas humanas que tranquilas viviam n'um recanto de aldeia, devido a combinações mais ou menos licitas, abandonaram os seus lares e hoje ricas, invadem os grandes centros, gastando doidamente em viagens, pagando dudo pelos mais extravagantes preços, sem vacilações, almejando egualar aqueles que antes admiravam com respeito.

A aglomeração que se vê nas cidades é espantosa; hoteis repletos, notando-se um movimento que antigamente só se dava em ocasiões excepcionaes, como exposições etc.

A desvalorisação do dinheiro d:b?A concorre para a invasão dos outros; assim a Italia está minada de suissos, francezes, hespanhois, argentinos, que tudo arrebanham, e até pelos russos, que fogem ao cáos e á carestia da vida do seu paiz.

De quando em quando algumas escaramuças como a que prezenceámos em Bolonha (foco do anarquismo), mas estas teem na Italia um cunho especial: fazem-se ao som de hynos entoados por frescas e belas vozes de rapazes imberbes que percorrem as ruas cantando coros de soberbo efeito.

Como em tudo se revela a indole d'este povo!

Ora são os «fascistas» (nacionalistas) que em altas vozes vibram pela defesa da patria; ora os «encarnados», respondendo aos antagonistas com marchas revolucionarias!

As gréves são de poucas horas, em signal de protesto por este ou aquele motivo, ás quaes muitos adherem sem conhecer mesmo a razão d'elas; depois... tudo retoma pacificamente o seu caminho como se nada fosse!

E' a vida — é a Paz!

A forma como nos receberam, em Milão, não podia ser mais cativante: e o interesse e insistencia em ouvir a Tagide Tavares fez com que 6 dias depois da nossa chegada assignasse um vantajoso contracto para cantar no primeiro teatro de Veneza—A Fenice,—onde debutará na parte de Siglinda da opera Walkiria; assim a minha opera predilecta, com a qual percorri o mundo inteiro, que cantei nos mais exigentes e grandes palcos da Italia, batisará e irá pôr em foco mais uma artista portugueza cuja vocação e estudo manterão bem alto o nosso prestigio.

Tagide entregou-se ao estudo da opera wagneriana com um fervor e uma tenacidade que teem despertado a admiração e a simpatia de quantos a rodeiam.

A inauguração da temporada de inverno—na Fenice—far-se-ha sob a regencia do celebre maestro Guarnieri, que, sendo para Portugal um nome desconhecido, é aqui, depois do incomparavel Toscanini, considerado hoje o primeiro regente.

Em Lisboa foi o veneravel Mancinelli quem guiou os primeiros passos «decisivos» de Tagide, na arte; aqui, Guarnieri a lançará no caminho glorioso que ha de percorrer.

Um dos momentos mais encantadores e inolvidaveis que passámos em Milão foi o de assistir ao primeiro dos tres grandes concertos orchestraes dados pelo maestro Toscanini. Este vae realisar uma «tournée» pela America do Norte e Londres com a sua orchestra, constituida por ele, com elementos seguros, meticulosamente escolhidos em toda a Italia, 98 professores que são 78 solistas não podiam deixar de ser um conjunto perfeito, como tecnica, como fusão unidade nos varios naipes, impecaveis na profundidade de concepção, de vigor, de brio. E' uma maravilha ouvir essa soberba falange, ensaiada por Arturo Toscanini com um criterio que é privilegio seu guiada pela magistral batuta do mais sublime dos maestros, não só da Italia como do mundo inteiro!

A perfeição, a pureza e fusão eram ates que adquiria um caracter sobrenatural.

Abria o concerto a V synphonia de Beethoven, uma das mais lindas e vastas das nove musas como são chamadas; a contrastar com a sublime elevação d'esta a «Ballada delle gnomidi», composição de um joven italiano, Ottorino Respighi, que classificaram de «bolchevista» musical!

Manfredini, compositor italiano (1688) definindo bem a sua epoca; Debussy com a sua «Iberia» deliciou e «pour la bonne bouche» Wagner atravez do peludio e morte de Isolda.

Terminou no meio do mais delirante entusiasmo a maravilhosa audição.

O que será a «tournée» de Toscanini pela America é bem facil de prever, um sucesso triunfal, e para o consagrar bastaria a V synphonia de Beethoven, que Toscanini esculpiu em bronze.

Quem teve a fortuna de ouvir tal execução jamais a esquecerá.

Maria Judice

A administração de Moçambique

Lemos hoje no «Seculo» que o sr. Brito Camacho está na disposição de acolher favoravelmente e dispensar todo o auxilio á instalação de agricultores na provincia de Moçambique. Muito bem fará o ilustre alto comissario, lembrando-se porém de que poucas são infelizmente as regiões que em Moçambique se prestam por emquanto, á aclimatação do branco.

Essas regiões limitam-se aos montes Libombos, proximos de Lourenço Marques, á serra de Morrumbala no Zambezia, aos montes de Angoche e aos picos de Namuli.

Ha ainda a região de Spungabera e a serra da Gorongosa, mas estas em territorio da Companhia de Moçambique que separa aquela provincia em duas partes. Os brancos só poderão, portanto, na maioria dos casos ser contratados para dirigir, e não para efectuar, trabalhos de agricultura, e nem para uma, nem para outra coisa, servem evidentemente os povoeiros regressados agora do Brazil que esses só para lavrar o fundo do mar com as suas redes se encontrarão habilitados.

Prometeu o sr. Brito Camacho no acto da sua posse todo o apoio, todos os auxilios, todas as protecções de que carecerem os agricultores para tirarem maiores lucros das suas iniciativas, dos seus capitais e do seu trabalho. Acrescentou e muito bem, que Moçambique deve começar a ensaiar a sua actividade na industria, deixando de ser, como todos os povos primitivos, exclusivamente agricultor. E' n'este simples anunciado d'um objectivo a proseguir poz o sr. Brito Camacho o dedo n'um problema vital para o progresso e nacionalisação da provincia que vai governar.

E' sabido que os algodões não teem conseguirão nunca, atento o complea concorrencia dos algodões inglezes da India. Não teem conseguido, nem conseguirão nunca, atento e complexo regimen paulal que ali vigora e a extrema barateza da mão d'obra indiana.

Só um meio ha de ensaiar para bater a industria ingleza n'aquela nossa florescente provincia — fiar e tecer lá mesmo o algodão lá produzido.

E', portanto, necessario fomentar poderosamente a cultura do algodão e dar por alguns anos o exclusivo da exploração da industria algodoeira, exclusivo que plenamente se justifica por se tratar d'uma nova industria a introduzir e de preparar e educar [illegible] pessoal indispensavel. Esse exclusivo deverá, porém ser concedido [illegible], para evitar especulações aventureiras, a uma ou mais empresas, companhias ou sociedades por quotas em que sejam interessados os industriais algodoeiros da metropole e que, ao mesmo tempo, explorem a cultura do algodão.

Só assim poderemos bater os algodões inglezes, com a vantagem de nacionalisar uma industria que pelo enorme consumo dos seus productos, está destinada a ser a mais importante das industrias manufactureiras d'aquela provincia.

Vai já, porém, muito longa esta nota. Voltaremos ao assunto em outro dia.

A visita do principe de Monaco

Realisou-se hoje a bordo do «Aviso 5 d'Outubro», um almoço intimo, após o qual o principe de Monaco se dirigiu a visitar o vapor «Açor».

Terminada essa visita, dirigiu-se para o Vale de Zebro, onde era aguardado por oficiaes superiores da armada, que para ali tinham ido no rebocador «Azinheira», que, com representantes da imprensa, saiu do Arsenal ás 12,30.

O principe de Monaco e as pessoas presentes percorreram toda a Escola sendo depois, n'uma das suas dependencias, oferecido um delicado «lunch», durante o qual se fez ouvir um sexteto.

Terminado o passeio e visita, que deixou a todos muito bem impressionados, retirou o principe, que recolheu a bordo do «Vasco da Gama».

A Sociedade de Sciencias Naturaes convida todos os socios que não recebam convite especial a estar amanhã, ás 10,30, no Aquario Vasco da Gama, a fim de prestarem a devida homenagem ao principe de Monaco.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Nem todos mentem

Oiçamos hoje, leitor, amigo, o que disse o sr. Alvaro Pinto Leite que foi, como sua esposa, médica, meu companheiro de viagem, de Rezende ao Porto, em 26 de Fevereiro de 1919. Este senhor, indicado pelo sr. dr. Alfredo da Cunha como testemunha de acusação, promete pela sua honra dizer a verdade e disse-a, respeitando o seu nome.

...«Aos autos disse: que haverá um ano, pouco mais ou menos (este depoimento foi feito em 12 de Maio de 1920) em dia e mez que o depoente agora não pode precisar, passaram em frente da sua casa várias pessoas, umas a pé e outras a cavalo o que chamou a atenção do depoente. Como entre essas pessoas viessem algumas suas conhecidas, tais como, Antonio Pereira Nascimento e Silva, Alfredo Pereira Alva, chauffeur e seu irmão de nome Angelo, desceu ao caminho e com elas conversou ou antes falou com o Nascimento e só então, por este, soube da qualidade da diligencia que tinham ido ao Roção e que iam em direcção a Rezende, devendo seguir daqui em automovel para o Porto. O depoente tendo necessidade de vir nessa ocasião a esta cidade, preguntou se poderia obter no automovel um lugar; e, como lhe tivesse respondido afirmativamente, voltando a casa, preparou-se e seguiu com sua esposa para Rezende. Aqui chegados, como em vez de um tivessem conseguido dois logares, seguiram para o Porto, em automovel, ele depoente, sua esposa, o chauffeur, o irmão deste, Angelo, o Nascimento e uma senhora, esposa do dr. Alfredo da Cunha e um agente da policia, cujo nome ignora, tendo seguido no comboio um outro agente de policia com os mais individuos que tinham capturado.

Durante o trajecto em automovel até ao Porto aquela esposa do dr. Alfredo da Cunha poucas palavras proferiu e na viagem nada se deu de extraordinario.

No Porto, onde chegaram já de noite, o depoente e sua esposa apearam-se na Praça da Liberdade e as demais pessoas seguiram para o Governo Civil, mas tendo sabido mais tarde que tinham tomado a direcção do hospital do Conde de Ferreira onde aquela senhora ficou internada.

Instado disse mais que depois de sairem da vila de Rezende a esposa do dr. Alfredo da Cunha dirigiu-se ao referido Nascimento, dizendo-lhe que no hotel em Rezende tinham louvado as qualidades policiais dele e que ela lhe agradecia o não lhe ter permitido, como aliás lhe prometera que ela fosse a um notário, afim de passar uma procuração como lhe pedira, mas que já sabia a franqueza com que se falava a uma pessoa presa e ela não passava duma presa vulgar; não sabe o depoente se esta falta tinha sido propositada ou por simples descuido. O depoente nada conversou com a esposa do dr. Alfredo da Cunha, não só porque ele, depoente, vinha enjoado, mas tambem porque ela quasi sempre veiu a dormitar. E mais não disse»...

Como o leitor está vendo o sr. Nascimento quiz fazer de cuidadoso, quando disse que tinha pedido á médica para me acompanhar até ao Porto, mas quanto ele faltou á verdade já nós sabiamos sem ser preciso este depoimento vir no-lo confirmar.

Ha no final das declarações do sr. Alvaro Pinto Leite uma ligeira confusão devida, certamente, a ter passado um ano sobre os acontecimentos a que aludiu, mas é cousa sem importancia.

Diz o sr. Pinto Leite que eu me dirigi ao sr. Nascimento, falando-lhe nas referencias que ouvira fazer ás suas «qualidades policiais», mas quem encetou a conversa foi o «detective», perguntando-me se eu passara a procuração. Em seguida foi que eu após uma troca de palavras e, vendo como ele pretendia enganar-me mais uma vez, falei no que ouvira dizer áqueles que hoje sei serem seus filhos, dizendo-lhe então que já sabia como se mentia a uma pessoa presa.

Dormitar, tambem, não dormitei tanto quanto o sr. Pinto Leite imaginou; mas aqui, se houve confusão deste senhor, a culpa não foi dele, foi minha que vim muito tempo com os olhos fechados.

Quem não tem manha, morre no ar como uma aranha, dizem, e eu tinha á minha frente um manhoso máximo; até no nome.

Maria Adelaide

Os milicianos

O ministerio da guerra continua a implicar com os oficiais milicianos, dando-lhes por todos os meios a perceber que são ali demais.

Chamaram-nos ás fileiras do exercito, perturbando-lhes toda a sua vida privada, a alguns mesmo cortando cerce a carreira que iam seguindo na vida civil e agora, passada a ocasião de receber os serviços por eles prestados, alguns dos quais foram julgados revelantes e nessa conformidade premiados com as destinções do costume, toca a mandal-os para a rua. E' peregrina esta maneira de agradecer serviços.

Os oficiais milicianos só poderão ser promovidos ao posto imediato depois da promoção do oficial do efectivo imediatamente á sua esquerda. Realisada esta, os oficiais milicianos querendo ser promovidos, terão de requerer fundando-se naquele facto e a sua promoção será datada do dia em que fôr publicado o decreto que a fizer.

Quer dizer, entre a promoção do oficial que está imediatamente á esquerda dum determinado oficial miliciano e a promoção deste que só póde ser requerida fundando-se na promoção daquele, medeiará um intervalo de tempo suficientemente grande para se efectuar a promoção dum ou dois cursos de oficiais aerolitos que todos passarão á direira do desgraçado miliciano.

E' isto justo? E' isto decente? E' isto moral?

A lei que se pretende aplicar é anterior á guerra e resultava a situação de tres ou quatro individuos com a tineta militar que se conservavam no exercito com o titulo de milicianos. O caso agora é, porém, muito outro. Trata-se de oficiais que, sem previa consulta, o Estado foi arrancar ás suas ocupações habituais para os lançar na voragem da guerra onde quasi todos, senão todos, se portaram de maneira digna, honrando o nosso paiz.

Não ha o direito de os pôr á margem como fardo pesado e incomodo. E' dever do Estado, é obrigação do exercito aguentar com eles que lhe enobreceram as tradições.

Na administração d'este jornal compram-se os numeros d'«A Capital» de 19 e 20 de julho de 1920.

Pelo Telegrafo

RIO DE JANEIRO, 5.—O distincto escritor Fidelino de Figueiredo faz hoje, no Gabinete Portuguez de Leitura, uma conferencia sobre o teatro em Portugal.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 5.—Cotação do café, 12$000; cambio sobre Londres, 12 5|16 e 12 3|8; valor do escudo português 874.—(Americana).

Curso de hidrologia

Foi prorrogado até 15 do corrente o prazo para a matricula no curso de hidrologia do Instituto de Hidrologia.

Inspectores escolares

Parece que as provas do concurso para inspectores escolares começarão em principios de dezembro proximo, de forma a ser aproveitado tanto quanto possivel o periodo das ferias do Natal que vai de 24 de dezembro a 7 de janeiro.

Conferencia

O sr. dr. Alvaro de Castro conferenciou hoje demoradamente com o sr. ministro da guerra.

Instrução militar preparatoria

Sociedade n.º 5—Devem comparecer amanhã, pelas 9 horas, no regimento de sapadores mineiros todos os alistados d'esta corporação, sob pena de procedimento legal contra os que não cumprirem esta determinação.

Os alistados dos cursos anteriores devem iniciar o exercicio já devidamente armados e equipados, e os alunos corneteiros far-se-hão acompanhar dos seus instrumentos afim de comparecerem em formatura ao acto da posse do director da instrução, nomeado por determinação da Inspeção de Infantaria da 1.ª Divisão do Exercito.

Instrução

Ateneu Comercial de Lisboa

Realisa-se amanhã, ás 14 horas, a sessão solene de abertura das aulas do ano-lectivo de 1920-1921 e distribuição de premios e diplomas aos alunos laureados do ano anterior. Para assistir a essa sessão foi convidado o sr. presidente da Republica.

A' noite, ás 21 horas, ha baile abrilhantado por um sexteto.

Morto n'um forno de cal

O carroceiro José Saraiva, morador na rua Tomaz d'Anunciação, «vila» Boritez, 11, caiu dentro d'um forno de cal que ha na mesma «vila», ficando completamente carbonisado.

O cadaver foi removido para a Morgue.

AOS SABADOS

A semana literaria

A «rentré». Livros velhos, que nunca envelhecem, em edições novas do ministerio da... R. Garrett.
Algumas reflexões sobre outras varias reflexões.
O novo livro de Alfredo Pimenta, e o seu Camilo enxertado.

Rosas de todo o ano e 1023, por *Julio Dantas*—Ed. *Portugal-Brazil*—Lisboa-Rio de Janeiro

E' escusada a apresentação das duas encantadoras peças em 1 acto de Julio Dantas, perdão, de S. Ex.ª o sr. ministro da instrução.

«Rosas de todo o ano» que teve a rarissima honra de ser traduzida e andar lá por fóra dando um pouco de lustre ao nosso Portugal literario, nada perdeu do encantamento e do perfume que exalaram na sua aparição. Apesar dos maus tratos de todos os clubs terroristas onde se representa e um ou outro mau trato lirico, é ainda e sempre uma peçasinha de agrado certo.

O «1023», tem a sua vida mais lenta mas marcha tambem, como tudo que é assinado por Julio Dantas. E as novas edições, elegantes e bem apresentadas, formam o digno «encadrement» para as obras.

Sombras de principes, por *Alfredo Pimenta*—Ed. *Portugalia Lim.*—Lisboa-Rio de Janeiro

Na sua prosa bem burilada—permita-se-me o chavão — Alfredo Pimenta apresenta-nos em traços rapidos mas impressos, alguns dos novos Principes das letras. Traços rapidos, dizemos embora com a concizão suficiente para deliniar um perfil. Nota-se um fraguejo no «Camillo» do livro. Porquê? Não se tratará dum enxerto para os camilianistas?

Na «ante-camara» vale o livro. E' cheio de frases e de uma filosofia que só por si bastaria para pôr em relevo a forma pessoal de escrever de Alfredo Pimenta, se o seu nome não fosse já bem conhecido de todos; dos sinceros porque o admiram, dos «snobs» porque o ridicularisam sem o compreenderem.

A correspondencia duma estação de cura, por *João do Rio*.—Ed. *Portugal-Brazil*.—Rio de Janeiro-Lisboa

Um dos primeiros livros de João do Rio que lemos foi esta bem humorada «Correspondencia duma estação de Cura» em que o explendido poder observador de Paulo Barreto se manifesta em cada pagina. Epistolar romance em que as figuras são ao mesmo tempo retratos e caricaturas e a prosa é sempre elegante e refinada. As edições esgotam-se e a actual feita por uma casa de Lisboa vem auxiliar a difusão do interessante livro entre nós, o que até aqui era... um impossivel. O livro brazileiro é um impossivel para o lisboeta.

A mulher e os espelhos, por *João do Rio*—Ed. *Portugal-Brazil*—Lisboa-Rio de Janeiro

Outra reedição, esta dum dos mais recentes livros de João do Rio, o que vem provar o seu sucesso. Não podemos senão repetir o que dissemos precisamente faz hoje um ano neste local:

«Com a sua prosa clara e vibrante, com um dialogo perfeito, com ironia, scintilação, bondade e espiritualisação difundida por todo o livro, João do Rio fez dos seus contos um todo egual que de pagina a pagina mantem interesse e curiosidade. Não amenisa só; faz pensar, faz meditar porque ha pequenas tragedias em cada punhado de paginas, ha coisas cultas e profundas nas almas que João do Rio observou e reproduziu no seu livro.»

E como então, diremos em resumo um livro encantador e que continua a ser encantador.

A verdade nua, por *Carlos Malheiro Dias*. 2.ª edição revista — Liv. *Portugal-Brazil*

O livro é o mesmo e o cronista aqui presente é o mesmo. Relanceando a vista sobre o novo volume oferecido encontram-se as mesmas razões que fizeram escrever: O livro é assim. Cronicas, cronicas superiores, sem snobismo de citações estranhas, nem extrangeiras caracolices de termos «rafinées». A ideia que preside a todas as cronicas é elegante sempre e sempre com superior concepção. Ha em todo o volume o justo equilibrio entre a observação e a filosofia do autor.»

Eu o disse e não me arrependo. Pelo contrario, até reincido. Se o livro vale...

Reflexões em prosa e verso de Sartori. — Ed. do autor

.........e só do autor podia ser a edição porque ninguem se atrevia a pôr na rua esta coleção de folhetos em prosa e verso, com composições ás dezenas de que já aqui temos 5 opusculos.

Onde o autor quer chegar não sabemos. Quer distrair se, e para isso faz versos v. g.

> Homem! Peixe! Ave! Fera!
> Cada um em seu Karma... impele-nos
> a Mão
> que os Destinos dirige ... adoremo-la
> ou não!

e em prosa (v. g.)

«Falei já na minha concepção de uma outra Triade de Infinitos estes de ordem ideal, porque áquela já descrita chamo eu real por ide facto Materia e Vida são realidade e quanto ao Espirito tornar-se-ha ela talvez cedo manifesta, (quem sabe se as premissas para isso não estão já nas diversas radiações descobertas).»

As «reflexões» continuam ... para mal dos nossos pecados.

Armando Ferreira.

Registo de entradas

O ultimo senhor de S. Geão, Vicente Amosa.

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

A todas as pessoas que teem feito o enormissimo favor de me mandar numeros de «A Capital» com cartas minhas agradeço, de toda a minha alma, tão grande auxilio, como agradeço, com o não menor reconhecimento, as palavras carinhosas de que algumas remessas veem acompanhadas e que muito suavizam o meu penar.

Precisando, porém, de muitas colecções e tendo algumas incompletas, seria um valioso obséquio mandarem-me mesmo numeros soltos.

Podem esses jornaes ser remettidos para o escritorio do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, Rua de S. Miguel, 38, 1.º Porto, e gratissima lhes ficarei.

Maria Adelaide

AS GRÉVES

No Sul e Sueste

Apesar dos bem visiveis avisos, colocados na estação do Terreiro do Paço, em que é proibida a saida de qualquer quantidade de pão, todos os dias, pelo pessoal ali de serviço, são vendidas grandes quantidades.

O pão apreendido é vendido pelo preço de 40 centavos o quilo, embora algum seja de primeira, sendo as quantias resultantes da venda entregues ás pessoas que o transportavam, como egualmente lhes são entregues as taras.

Pela Manutenção Militar, foram hoje enviados para Setubal 10.000 pães para a população e 2.400 para a guarnição, e para o Barreiro 10.000.

Tanto o pão como alguns passageiros foram transportados no rebocador «Europa», que extraordinariamente foi mandado seguir viagem.

Para o Barreiro, seguiram duas forças de infanteria 1, uma para substituir a que ali está e outra para reforçar o serviço braçal daquela estação.

Para Tunis tambem seguiu uma força de sapadores de Caminhos de Ferro.

Operarios do Municipio

Parece que a gréve se agravou, pois que hoje deixaram de comparecer alguns operarios, principalmente no serviço dos jardins.

Theatros e Cinemas

NOTA DO DIA

Gostos... não se discutem

E' facil de constatar frequentemense que uma peça de grande sucesso aqui não obtem senão um acolhimento de benevolencia noutra terra. O exemplo é frequente mesmo entre nós, sucedendo vulgarmente que peças que aqui dão centenas de representações no Porto são pateadas e... vice-versa

Com as peças que importamos da estranja sucede tambem com frequencia o caso. Um grande triunfo de Paris cae entre nós com 6 recitas, e uma peça que é de duvidoso agrado atinge casas excepcionaes.

O motivo destas anomalias é facil de se compreender atendendo á moral, ao meio, aos costumes, ao caracter dos varios povos, até mesmo de cidade para cidade. A graça da maioria das caricaturas alemãs é incompreendida pela nossa forma de ver, como os inglezes riem a bandeiras despregadas de coisas e de comicos que entre nós seriam... corridos á batata.

Imagine pois o leitor como deve ser dificil para a nossa gente de teatro de arranjar reportorio, em geral quasi todo feito de fazenda alheia, sem ser escrito tendo em vista as nossas condições sociaes, psicologicas, etc., e apenas palpando as peças pelo numero de representações que dão lá fóra. Não será exagerado dizer que a maior parte das traduções se obtem por uma indicação dum jornal francez que acusa de 50 representações uma dada peça, ou por um amigo que ouviu dizer que «era muito bôa ou tinha muita piada». Resolve-se o caso com a exclamação:

—Escreve-se ao Pompée e manda-se vir.

As surprezas não se fazem esperar e ao publico é lançado o epiteto de incompreensivel.

Mas não é só mal nosso. Os dois ultimos grandes e retumbantes exemplos são os que passamos a dar aos nossos leitores.

Courteline, o autor celebre de tanta comedia com centenas de representações, a quem a França chama o mestre humorista, acaba de ser estrondosamente pateado e assobiado em Berlim. Vingança boche? Não. A Alemanha tem aplaudido o acolhe com agrado bastante o teatro francez. Mas «Le gendarme est saus pitié» e «Le comissaire est bon enfant», interpretados por um optimo comico alemão Max Palemberg receberam uma das mais solenes corridas que os teatros alemães tem registado.

E' verdade que Courteline entrevistado sobre o caso, repetiu sete vezes: «je m'en fiche»... «je men fiche...» Mas as peças foram retiradas em pouco.

O outro estrepitoso acontecimento passou-se em Italia com Tristan Bernard, outro mestre do humorismo francez. no «Olimpia» em Roma, a comedia em 3 actos «L'idea del signor Dumorel». Pois, meus caros leitores, só consegui ver acto e meio da tal ideia porque o publico, — parecia certo publico das nossas primeiras — não consentiu que a representação proseguisse. As exclamações ironicas, as piadas de «sol», e os «basta... basta» atroarem o teatro, a ponto de Armando Falconi — os lisboetas conhecem-no — vir, talvez á moda romana perguntar:

—Lasciateici finir l'atto e poi decidorete.

Mas qual... A confusão recrudesce, ha protestos, gritos, alvoroço e a noite termina por... monologos e canções.

A imprensa escrevia no dia seguinte: «ma é tempo che si ponga un freno a questo andazzo di dare novitá ad ogni costo, prendendo, specialmente nel mercato straniero tutta la merce, anche la piú avariata».

A mercadoria avariada era neste caso, uma comedia fartamente aplaudida de Tristan Bernard.

E com estas nos ficamos. Guarde no entanto o leitor a ultima frase que não traduzimos porque ela serve muito bem para usos caseiros.

A. F.

Noticiario

No Trindade a 2.ª recita de assinatura realisa-se com a peça hungara «Tufão» adaptada por José Sarmento.

—Tereza Leitão de Barros, a premiada do concurso d'«A Capital», tem no Nacional uma comedia intitulada «A inglesinha».

—Ainda esta epoca será representado no Politeama o grande sucesso francez «Les ailes brisées» de Wolf.

—Ester Leão traduziu a peça franceza «Une faible femme» sucesso do Teatro Femina de Paris.

— A «Griffe» subirá á scena no Ginasio no dia 15 do corrente.

O Cine Mundial de Outubro

Acaba de ser distribuido o ultimo numero desta interessante revista cinematografica, a unica que tem conseguido impôr-se. Alem de grande reportagem grafica da especialidade, insere entrevista com Lila Lei, uma novela de Blasco Ibanez, notas de viagem de Marguerite Courton, artigos sobre Suzana Grandais, Alice Tomaz, etc., e a costumada correspondencia de todo o mundo.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duquez do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Malvalouca».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Postos de soccorros nocturnos

Continuam prestando bons serviços estes postos, que durante a ultima semana efectuaram 12 visitas.

O posto do Beato está de novo encerrado, por falta de side-car.

ULTIMA HORA

Portugal e Alemanha

O novo ministro da Republica alemã faz entrega das suas credenciaes

No palacio de Belem realisou-se hoje de tarde a entrega solene das credenciaes do novo ministro da Alemanha em Lisboa ao sr. Presidente da Republica.

Eram 16,20 quando o ministro acompanhado do chefe do protocolo sr. Costa Cabral, chegou ao palacio de Belem n'uma carruagem do Estado, que era escoltado por esquadrões de cavalaria da guarda Republicana

Uma companhia de infantaria da mesma guarda prestou as honras da praxe emquanto a banda executava o hyno portuguez.

A' entrada do palacio, era o novo diplomata aguardado pelo sr. Luiz Barreto da Cruz e na sala das Bicas, onde as honras eram prestadas por 12 soldados de lanceiros, pelo secretario geral da presidencia, capitão tenente sr. Jayme Athias e os oficiaes postos ás ordens do sr. presidente da Republica o capitão tenente sr. Cralo e coronel sr. Mardel Ferreira.

Após os cumprimentos o sr. ministro da Alemanha dirigiu-se para sala dourada onde se encontrava o sr. presidente da Republica rodeado dos srs.: presidente do ministerio, ministro do interior, estrangeiros, guerra, trabalho, respectivos secretarios e ajudantes e dr. João Rocha, secretario particular do chefe do Estado.

O ministro alemão, depois de apresentado ao sr. presidente da Republica, leu o seguinte discurso, em francez:

«Senhor Presidente:—Tendo sido escolhido pelo sr. Presidente da Republica Alemã para representante do Imperio Alemão junto da Republica portugueza, tenho a honra de entregar a V. Ex.ª as cartas que me acreditam junto de V. Ex.ª na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

E' para o presidente da Republica alemã assunto da maior satisfação ver completamente restabelecidas as relações diplomaticas com um paiz com o qual a Alemanha manteve outrora as melhores relações e pela prosperidade da qual o povo alemão sempre formou os mais sinceros votos.

Como no espaço dos seculos aos quaes se refere a historia dos nossos dois paizes, os anos fataes da episodio, as paixões desses dias morrerão no mar da boa vontade que anima os governos na intenção de fazer participar os seus povos nos favores da paz, em toda a sua extenção.

Como de uma parte este resultado não pudesse ser obtido senão pelo restabelecimento de boas relações entre as duas Republicas, eu tenho por minha parte toda a boa vontade de estreitar essas relações no mais alto grau justificado pelos interesses comuns dos nossos dois paizes.

Tenho confiança e espero que V. Ex.ª me concederá a sua benevolencia e me prestará o seu valioso apoio para o bom cumprimento da honrosa missão que assim espero não me será dificil.»

O sr. presidente da Republica respondeu nos seguintes termos:

«Senhor ministro:—E'-me agradavel receber das vossas mãos as cartas que junto do Governo da Republica Portugueza vos acreditam como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Alemã. O restabelecimento das relações diplomaticas entre os nossos paizes prepara um periodo novo em que nos esforçaremos, como no passado, por tornar fecundos os trabalhos da paz, sendo este facto para mim como o é para o sr. presidente da Republica Alemã, motivo de justa satisfação.

A Republica Portugueza profundamente pacifica, inspirada nos altos sentimentos que animam as democracias deseja sanar as graves perturbações ocasionadas pelo conflicto mundial; ouvi por isso com prazer as seguranças que me daes de identicas intenções por parte do governo do imperio alemão.

As relações entre Portugal e a Alemanha recomeçarão assim a desenvolver-se no respeito mutuo dos direitos e no interesse comum das duas nações, com o desejo de uma leal colaboração na obra do resurgimento economico do Mundo.

Para o cumprimento da Vossa Alta Missão, podeis pois contar sr. ministro com a minha benevolencia e com o apoio do governo da Republica.»

Após alguns minutos de conversação o novo ministro da Alemanha retirava com o mesmo cerimonial. Eram 17,45 minutos.

NOTICIAS DA CAPITAL

Os desastres no trabalho

A' enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, recolheu David Ferreira, servente de pedreiro, morador na travessa do Convento de Jesus, que caiu n'uma obra pertencente á firma Grandela, ficando muito contuso pelo corpo.

Quem alvitra? Quem reclama?

A mizera situação dos empregados da Imprensa da Universidade

Assignada pelos srs. Adriano do Nascimento, secretario-revisor, Guilherme de Albuquerque, tesoureiro-fiel, e Fernando Sales, amanuense, foi dirigida ao sr. ministro da instrucção a seguinte carta:

«Empregados da secretaria da Imprensa da Universidade, confiados na justiça que lhes assiste, veem respeitosamente chamar a esclarecida atenção de V. Ex.ª para a situação aflitiva e até deprimente em que se encontram.

Estes funcionarios percebem o seguinte vencimento diario, ainda sujeito a descontos: secretario-revisor 1$88, tesoureiro-fiel 1$33, amanuense $66, revisor-ajudante $66. Teem recebido tambem como subvenção e ajuda de custo 1$50, diarios.

O pessoal da mesma imprensa que recebe por folha de ferias foi altimamente equiparado ao pessoal da Imprensa Nacional.

Assim, actualmente, um servente recebe diariamente 3$00 e 4$00 de subvenção, o alçador ou porteiro 3$70 e $40 de subvenção, os aprendizes recebem vencimentos que variam de $90 a 5$00 diarios e mais $30 de subvenção. Veja V. Ex.ª a situação deprimente que nós hoje temos em relação aos nossos subordinados. Debatemo-nos por assim dizer com a mizeria, porque hoje ninguem poderá viver com o vencimento que temos.

Apelamos para V. Ex.ª, confiados no espirito de justiça que o anima, e esperamos que V. Ex.ª procure melhorar a nossa situação, o que muito reconhecidamente agradecemos».

Principe de Galles

Um jornal da manhã de hoje noticia que sua Alteza o principe de Galles chegará no dia 17 do corrente a Lisboa a bordo de um «dreadaugh», que em nome do governo britanico vem saudar o governo portuguez.

Não se trata do principe de Galles, mas sim do filho segundo de Jorge V de Inglaterra, o principe Jorge, que faz parte da tripulação do referido barco de guerra.

Os concertos no Avenida

E' ámanhã, 7, que se inaugura no Avenida a brilhante série de concertos que o celebre sexteto Gounod ali vae dar sob a direcção do celebre artista Carlos Braga.

Ao primeiro concerto em que se executam as melhores obras classicas vão acorrer todos os amadores de musica.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa — Amanhã, ás 21 horas, ha recita com o drama «Suplicio d'uma mulher».

Centro Escolar dr. Afonso Costa — Amanhã, ás 21 horas, recita em favor do cofre escolar com o drama «O canalha» e as comedias «Os ciumes» e «O resuscitado».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Monte-pio do clero secular portuguez — Reune a assemblea geral no dia 10, ás 13 horas, para deliberar ácerca da cedencia da egreja, paramentos e alfaias, da Boa Hora em Setubal, á Irmandade de N. Senhora do Rosario erecta na mesma egreja; reclamação d'um subsidio pelo socio José Gomes Loureiro; reclamação de alguns socios com respeito ao aumento de quotas e subsidios a começar em janeiro de 1921; redução de legados pios e aumento da esmola das missas por alma dos socios, e eleição dos corpos gerentes do Monte-pio para o ano de 1921.

Victor Verol

FALECEU

Judith Lepi Verol Aboim Vila Lobos, seu marido Antonio Pedro de Brito Aboim Vila Lobos e filho, Emilia Olimpia Verol, Octaviano Augusto Verol, (ausente) Mariana dos Santos Verol, Carolina Verol Machado, Gertrudes Verol Lopes, suas sobrinhas e sobrinhos, participam o falecimento de seu querido pai, sogro, avo, irmão e tio e que o seu funeral se realisa amanhã pelas 12 horas saindo da R. da Palma 146-2.º para o seu jazigo no cemiterio Oriental.

Por disposição do falecido não deseja corôas nem flores.

Os negociantes-importadores de carvão entregaram ao sr. presidente do ministerio a seguinte representação:

Ex.mo sr. Presidente do Ministerio.

Os abaixo assinados, negociantes—importadores de carvão estabelecidos nas praças de Lisboa e Porto, tendo sido dolorosamente surpreendidos pela noticia da celebração e pela publicação na folha oficial, d'um contrato referente a fornecimento de carvão, celebrado em Londres, no dia 5 do corrente mez, entre o governo da digna Presidencia de v. ex.ª e a casa bancaria Napoles & Companhia, desta cidade, julga se no direito, que ao mesmo tempo consideram um indeclinavel dever, de, por este meio, se dirigirem respeitosamente a v. ex.ª pedindo e esperando a sua muito esclarecida atenção para as considerações que se seguem, e que aos sinatarios sugeriram a leitura e o estudo do aludido contracto.

Senhor Presidente:

Antes de mais, e para que a sua atitude não possa sofrer injustas e erradas interpretações, devem os sinatarios declarar que, dirigindo-se a v. ex.ª o fazem exclusivamente no duplo e honesto proposito de pugnarem pelo interesse do Estado e de defenderem os seus proprios e legitimos interesses, que consideram injustamente lesados, ou pelo menos gravemente ameaçados, com a execução do referido contracto.

Ha entre os sinatarios alguns que, como é notorio, ha muitas dezenas de anos, e ininterruptamente, veem exercendo o comercio de importação e venda de carvão de pedra estrangeiro, todos eles fazendo d'esse comercio a sua exclusiva ou principal ocupação, podendo assim invocar a seu favor, e sem receio de serem imodestos, a presumção de conhecerem o mister.

E é porque o conhecem, os signatarios, assim habilitados a apreciarem as clausulas que constituem o citado contracto, não duvidam afirmar a v. ex.ª que muito teria lucrado o Estado se, desejando garantir o abastecimento de carvão indispensavel á execução dos serviços por ele explorados, tivesse aberto um concurso publico para a adjudicação dêsse abastecimento a quem, com insofismaveis garantias se propuzessem fazê lo nas condições mais vantajosas para o mesmo Estado.

Os sinatarios não fazem esta afirmação de animo leve; pelo contrario, e na plena consciencia de todos os seus deveres, os sinatarios conhecedores como são do mercado e do negocio de carvão, estão absolutamente convencidos de que, se o Governo Portuguez abrir um concurso publico para o fornecimento de carvão de que necessitam os serviços explorados pelo Estado, recebera, para tal fornecimento, quer dos sinatarios, quer de outros negociantes de Lisboa, Porto e possivelmente do estrangeiro, propostas que, sendo muito mais vantajosas para o Estado quer sob o ponto de vista das garantias a este oferecidas, quer sob o ponto de vista dos encargos por ele assumidos terão, além d'isso, sobre o contracto de 5 de outubro, a grande vantagem de não parecerem, nem poderem constituir, uma ameaça desnecessaria e inadmissivel para os legitimos interesses dos outros negociantes.

A coberto de todos os riscos, dispensado do mais insignificante encargo financeiro, liberto de todas as responsabilidades quanto á qualidade e preço de carvão a fornecer, e ainda assegurado do auxilio oficial do Estado para a obtenção do carvão, não haveria certamente um unico negociante que não pudesse, a troco duma retribuição muito menor do que a estipulada no contracto de Londres, tomar sobre si, certo de que as cumpriria, as leves responsabilidades ora assumidas pela firma contractante.

Por outro lado, certo como é que por varios motivos, e principalmente por virtude da situação cambial portugueza, do emprego de lenhas e de oleos combustiveis, tem diminuido e cada vez mais diminuirá, a importação de carvão em Portugal, convencidos estão tambem os signatarios de que as 50.000 toneladas de carvão, que a aludida firma está auctorisada a fornecer ao Estado, constituirão, dentro de dois ou tres mezes, o maximo do consumo interno mensal de carvão estrangeiro em todo o paiz.

Nestas condições, aos sinatarios afigura-se evidente que uma de duas hipoteses vem a verificar-se:

a)—ou a acção—prevista no contracto—dos representantes do Governo Portuguez junto das auctoridades e Governo dos paizes exportadores, se faz sentir de forma que os signatarios e os outros seus colegas encontrem dificuldades, que podem chegar á impossibilidade de conseguirem fazer sair desses paizes o carvão que deles habitualmente importam, e nesse caso o contracto constituirá um verdadeiro monopolio estabelecido a favor da firma Napoles & Companhia, monopolio que, prejudicando injusta e gravemente os negociantes-importadores de carvão, assim impossibilitados de exercer o seu comercio, prejudicará tambem, grave e injustamente, os consumidores que se verão obrigados a comprar o carvão do contrato que lhes será vendido, ainda que o Estado não queira lucrar, por um preço muito superior áquele pelo qual lh'o venderiam os seus actuaes fornecedores; ou

b)—os signatarios e seus colegas conseguem, sem embargo do contrato de Londres, fazer livremente os seus fornecimentos, e nesse caso, contentando-se com um lucro muito inferior ao estipulado no art.º 6.º, ver-se-hão obrigados a concorrer com o Estado no mercado, oferecendo carvão por preço inferior áquele porque este o adquire, duma tal situação resultando fatalmente um grave e incalculavel prejuizo para o Governo que, ou ha de vender o seu carvão por preço consideravelmente inferior ao do custo, ou ha de ver a sua mercadoria preterida na concorrencia.

Taes são em resumo, e expostas com impecavel lealdade, as consequencias do contrato de Londres.

Ou monopolio, e nesse caso prejuizo para os consumidores e tambem imerecido e grave prejuizo para os signatarios e seus colegas, que teem o incontestavel direito de continuar a consagrar a sua atividade a um negocio que legitimamente exercem desde longa data, e para o qual possuem instalações proprias que representam valores importantissimos, ou então, o evidente prejuizo para o Estado, que, em condições de manifesta desegualdade, se verá obrigado a concorrer no mercado com os negociantes de carvão.

As afirmações que ficam feitas, e que são infelizmente insuscetiveis de contradição, animam os signatarios a virem pedir, como de facto pedem a v. ex.ª e ao Governo de sua digna Presidencia, que, principalmente no interesse do Estado, embora tambem cumulativamente para salvaguarda dos legitimos interesses dos signatarios e seus colegas, se dignem, se isso é possivel, anular desde já o aludido contrato de 5 do corrente mez, abrindo o Estado um concurso publico para o fornecimento regular de todo o carvão de que carecem os serviços que explora, concurso ao qual todos, incluindo a firma Napoles & Companhia podem concorrer em condições de egualdade, ou, pelo menos, exercer desde já e para o mesmo efeito, o direito que ao Governo confere o artigo 5.º do contrato.

Para concluirem, e no legitimo proposito de patentearem a absoluta verdade e a sinceridade, que aliás ninguem poderia pôr em duvida, do pedido que deixam formulado e das considerações que o precedem, os signatarios declaram que, se não considerassem o contrato de Londres muito precario e prejudicial para o Estado, tomariam solenemente para com v. ex.ª, e desde já, o compromisso de solidariamente aceitarem para com o Governo Portuguez, todas as obrigações assumidas, no mesmo contrato, pela firma Napoles & Companhia, ficando porém a retribuição fixada no art.º 6.º reduzida a 1/2 % (meio por cento) do preço cif. Lisboa ou Leixões.

Lisboa, 30 de Outubro de 1920.

Blacket, Magalhães & C.ª Ld.ª
E. Pinto Basto & C.ª
C. F. Norton.
James Rawes & C.ª.
Portuguese Corporation of Comerce.
Rau & Santos.
Romaris & Pistacchini, Ld.ª (Lisboa)
Wiese & C.ª.
Coverley Wall & Westray.
H. Kendall & C.º Ld.ª.
Pinto da Fonseca.
União Importadora, Ld.ª.
Blacket & Magalhães
Romariz & Pistacchini, Ld.ª. (Porto).
Guilherme Machado & C.ª.
G. da Cunha Ld.ª.
Garcia Fernandes & C.ª.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Segunda feira, 8, ás 13 horas, no terreno da Exploração do Porto de Lisboa, junto ao deposito do Arsenal da Marinha, em Alcantara, proceder-se-ha á venda, por conta e risco de quem pertencer, de 4:400 tonel. de carvão de pedra com avaria, carga do vapor americano «Suelco».

O carvão é vendido em lotes de 50 toneladas.

Alfandega de Lisboa, 1 de Novembro de 1920.

O Escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3689 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 7 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

A frota ex-alemã

A administração dos Transportes maritimos do Estado e o destino a dar á frota dos navios ex-alemães continuam a preocupar a opinião do paiz que n'eles vê um instrumento de riqueza que entende não devermos alienar.

Os jornaes da manhã de hoje registavam a informação de que haviam sido restituidos aos T. M. E., pelo governo inglez, os vapores «Faro» e «Nazaré», respectivamente de 444 e 992 toneladas e que a comissão de sindicancia aos actos do conselho de administração da marinha mercante nacional não se tinha ainda apresentado na séde dos T. M. E.

São dois factos muito diferentes um do outro considerados em si mesmos, mas que se ligam intimamente ao mesmo problema vital para a economia portugueza qual é o destino a dar á frota ex-alemã.

Esse problema não póde ser utilmente resolvido sem que venham a publico todos os erros e desperdicios do conselho de administração dos T. M. E., e sem que nos sejam entregues todos os navios que pelo contracto elaborado pelo sr. Afonso Costa foram cedidos por arrendamento á Furness. Tem custado a efectivar-se es'a restituição, apezar de ter passado ha muito o praso previsto no contracto. Isso tem avolumado rumores incriveis de venda, hipoteca ou arrendamento a longo praso d'uma parte importante da frota os quaes forneceram até ensejo a uma reunião magna dos oficiaes da marinha mercante ameaçados nos seus interesses pela grande redução que sofreriam nos seus empregos, se, na realidade, aqueles boatos viessem a confirmar-se.

Não. Os navios não se venderão nem se tornarão a alugar a estrangeiros. O paiz não o consentiria. Mas, sem duvida, que é necessario activar a restituição dos que estão ao serviço da «Furness», entregues contra vontade e em regimen de conta-gotas, como o prova a restituição dos dois pequenos chavecos «Faro» e «Nazaré» agora efectuada.

O sr. Afonso Costa que ha tempos desempenha no estrangeiro o papel de supremo representante do paiz e que demais a mais foi quem assinou o contracto com a citada companhia ingleza, está naturalmente indicado para as negociações relativas á restituição imediata de todos os navios da frota ex-alemã que andam lá por fóra ao serviço dos outros emquanto nós continuamos no regimen de ligações precarias das colonias entre si e entre estas e a metropole. Não é, porém, a restituição dos navios o unico objectivo de taes negociações. Elas devem versar tambem sobre a entrega integral dos premios dos seguros dos navios perdidos em serviço estranho ao paiz, e sob a administração da entidade arrendataria, e esses premios, logo que sejam entregues, deverão constituir um fundo especial para novas aquisições e reparações, juntando-se aos que deveriam ter sido recebidos pelos T. M. E. pelos navios que se perderam ao seu serviço, cujo destino se ignora, mas que ha de chegar a averiguar-se.

Uma pendencia

Da «Patulha»:

«Na «Monarchia», dyario yntegralysta que se publyca nesta cydade de Lysboa, phez ynseryr o señor Manoel Rephoyos de menezes (yntegralysta tambem pola ley e pola grey), certas apherencias desprymerosas a huma señora, Marya, do nome do seu baptysmo. A qual señora he mylytar na capthegorya de sifferes. Julgandose offendida a dyta señora, para salvaguardar a sua onra y o seu bryo, mandou ao offensor as suas testemuñas exigyndo claras explicaçoens ou huma reparaçaõ pelas armas. Ao qual peqydo respondeu o dyto señor Rephoyos desta seguynte maneyra que abayxo se vee:

«Em vysta do que me acabam de expoor, venho aphyrmar aa señora Dona Maria que «me encontro absolutamente como tendo sydo enganado nas ymphormaçoens» que me phornecerom. Naõ houve no meu proceder a mynyma maa fee, porque nem podya haver, «vysto como eu nem sequer conhecya a señora Dona Marya».

—Cujas estas cytadas satysfaçoens satysphyzeram a señora Dona Marya, não se tendo efectuado o encomptro polo dyto motyvo. Encomptro aliaas contraryo aos bons costumes, poys dos encomptros entre homem y mulher nasce o pecado, y do pecado nascem cryaturas assopradas por Belzebuth, as quays cryaturas, pryvadas da graça de Deus, e muyto mal provydas de syzo naõ servem senaõ para yntegralystas. Para melhor estabelecer a paz no mundo, aconselha-se aquy o señor Rephoyos a aprender gramatyca, e a señora Marya a aprender a pregar botoens, embora com prejuyzo do seu posto mylytar».

Ora eis um encontro em que, em vez de haver perigo de reduzir os contendores a um, havia perigo de os aumentar a tres.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Fala uma medica

Cabe hoje a vez á sr.ª D. Sára das Dores Loureiro, a médica que veiu no automóvel comigo de Rezende para o Porto, no dia 26 de Fevereiro de 1919.

Inutil é eu comentar este depoimento, pois que, sendo ele verdadeiro, como posso assegurár, na parte relativa ao que se passou comigo, não pode duvidar-se que o seja no mais que dele consta.

Aos autos disse: «que quanto ás referencias que lhe são feitas, declara que, talvez em fins de Fevereiro ou principios de Março de 1919, estava com seu marido Alvaro Pinto Leite, a uma janela da casa da sua residencia que fica proximo a Rezende. Em frente da sua casa passaram a cavalo Antonio Máximo Pereira do Nascimento Silva, Alfredo Pereira Alva e Angelo Pereira Alva, aquele chauffeur e este empregado dos correios e outras pessoas entre as quais uma senhora embrulhada numa capa de borracha, que depois soube ser a esposa do dr. Alfredo Carneiro da Cunha. O marido da depoente a quem causou estranheza o que viam disse-lhe que ia tratar de saber do que se tratava, ignorando a depoente se o seu marido, ao tempo teria já conhecimento da diligencia que aqueles individuos tinham ido fazer ao Roção, sendo certo que á depoente nada constava a tal respeito. Pouco depois regressou a casa o marido da depoente e foi então que esta soube por ele, resumidamente, o que se passava, acrescentando aquele seu marido que a diligencia seguia para o Porto, num automovel, e como ele e a depoente tivesse necessidade de vir a esta cidade nessa ocasião, informou-a de que tinha obtido lugar, no dito automovel, e que podia ser que, embora com dificuldade, se pudesse obter tambem lugar para a depoente. Por estas razões, a depoente e seu marido preparou-se e seguiu para a vila e dai tomaram a direcção do Porto. Que nesse automovel seguiram para o Porto a depoente, seu marido, o chauffeur Alfredo Pereira Alva, o irmão deste, de nome Angelo, o referido Nascimento, um agente de policia, de cujo nome se não recorda e a esposa do dr. Alfredo Carneiro da Cunha a quem ouviu chamar D. Maria; que até Lamego vieram tambem, por favor, dois rapazitos que iam para a escola, que aqui ficaram.

Durante o trajecto até ao Porto nada se passou de notavel ou que chamasse a atenção da depoente e chegados a esta cidade, a depoente e seu marido apearam-se na Praça da Liberdade, seguindo o seu destino, isto é, a depoente seguiu com seu marido e o Nascimento para o hotel Europa, onde foram jantar e os restantes companheiros seguiram no automovel para o hospital do Conde de Ferreira, onde foram levar aquela D. Maria.

Instada, disse mais que, durante a viagem, a sr.ª D. Maria não manifestava qualquer sinal de desequilibrio mental, conversando mesmo muito pouco tempo, e irritando-se á saida da vila com o referido Nascimento, porque este, havendo-lhe prometido, a ela D. Maria, que em Rezende a deixaria ir a um notario, afim de ela passar uma procuração, por fim o não consentiu, sendo as palavras aproximadamente textuais de D. Maria as seguintes: «Eu bem sei a sinceridade com que se fala a uma presa e eu não passo de uma presa vulgar».

A depoente mais tarde, em face de um relatorio que o referido Nascimento lhe apresentara, relatorio que era subscrito por alguns colegas da depoente, entre os quais, se bem se recorda, o dr. Egas Moniz e o dr. Sobral Cid, que versava sôbre o estado mental de D. Maria passou um atestado que mais ou menos dizia o seguinte: «Atesto que, lendo um relatorio a respeito do estado mental da senhora D. Maria Adelaide da Cunha, me parece que esta senhora sofre de histeria que se torna grave, por ser na época da menopanse». Que passou este atestado por ser instada pelo referido Nascimento e em face do crédito que lhe mereciam os médicos que firmaram esses relatorios, mas não por observação pessoal, pois essa não podia fazer-se numa simples viagem, tanto mais quanto é certo que a depoente vinha um pouco enjoada e a sr.ª D. Maria Adelaide se conservava em absoluto estado de mutismo, naturalmente, segundo a depoente prê, porque a todos julgava inimigos pelo facto de vir junta com as pessoas que procederam á captura dela, D. Maria Adelaide. E mais não disse, confirmou e assina».

Depois desta leitura, o meu caro leitor vê duas cousas: primeira, que o sr. Nascimento não só faltou á verdade no que afirmou nas suas declarações, como se prestou a ser mandatorio do sr. dr. Alfredo da Cunha, instando com a sr.ª D. Sára das Dôres Loureiro para que esta senhora passasse um atestado da «minha loucura». Não seria recompensando por isto o sr. Nascimento?

Segunda, que o dr. dr. Alfredo da Cunha usou com aquela senhora os mesmos processos de que usou com o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, por exemplo, apresentando-lhe o parecer dos três sábios, para conseguir atestados que nada podem atestar, com verdade.

A sr.ª D. Sára Loureiro foi, porem, mais prudente e não quiz sujeitar o seu nome á vergonha de assinar um atestado ao gôsto do sr. dr. Alfredo da Cunha.

O que o depoimento desta senhora nos revela, vem confirmar mais uma das muitas deslealdades do mesmo senhor que, de resto, já não é nova para nós. O que, porem, é estranho é que, tendo-se o sr. dr. Alfredo da Cunha aproveitado de tantos atestados que não atestam nada, desprezasse o desta senhora.

Maria Adelaide

A administração de Moçambique

Dois pontos houve, e de capital importancia, em que o sr. dr. Brito Camacho no discurso com que no acto da sua posse abordou perfunctoriamente a administração da colonia em que vai desempenhar o cargo de alto comissario. Um é a crescente desnacionalisação da provincia e outro é a sua defeza militar contra incursões aventurosas que só os cegos não considerarão como hipoteses de atender.

A desnacionalisação de Moçambique vem-se realisando de ha muito e é principalmente devido ás condições da sua situação geografica que lhe distribue o papel de porta de saida dos productos da Africa Central. Nada temos feito para a obtemperar, antes, pelo contrario, a termos apressado com a concessão, por exemplo, de direitos soberanos a companhias formadas na sua quasi totalidade com capitais estrangeiros e com «comités» dirigentes em cidades estrangeiras o que só em cerebros portuguezes poderia ter germinado e fortificado.

Além das companhias magestaticas outras ha ali tambem estrangeiras que quasi nada teem feito em beneficio da agricultura da colonia, alapardadas a chupar o mussôco o que apenas lhe dá o trabalho da cobrança.

Talvez nenhumas d'elas tenham cumprido integralmente os seus compromissos e algumas ha que até hoje teem vivido sómente da longanimidade dos poderes publicos da colonia e da metropole.

Vai o sr. Brito Camacho disposto a arcar com este problema das companhias desnacionalisantes que não cumprem aquilo a que se obrigaram?

Se não vai a isso disposto, melhor é lá não pôr os pés

Com este problema da desnacionalisação prende-se intimamente o das concessões de terrenos.

Não nos domina nenhuma fobia contra os estrangeiros, mas são tão melindrosas as condições de existencia da provincia de Moçambique, que, em face das cobiças mal refreadas dos seus visinhos que toda cautela é pouca para não agravar o mal.

Entendemos, porisso, que as concessões de terrenos a estrangeiros deverão ser cercadas de cautelas especiais e as concessões a nacionais feitas sob condição de nunca poderem ser doadas, hipotecadas vendidas ou deixadas em testamento a estrangeiros. A estes deverá ser mesmo limitada a area dos terrenos que poderão possuir na provincia e as companhias que de futuro venham a formar-se para explorações agricolas ou industriais não serão autorisadas a emitir papeis ao porta dor e deverão incluir nos seus estatutos a clausula de que os possuidores estrangeiros dos titulos d'essas companhias não terão voz, nem voto, nas assembleias gerais e não poderão ter representações nos conselhos de administração. Nada ha no nosso direito comercial que se oponha a esta clausula que representa uma elementar precaução contra a intromissão prejudical dos estrangeiros nos nossos negocios.

A defeza militar da provincia impõe-se urgentemente. Ninguem se iluda sobre as pretenções dos nossos visinhos na Africa Oriental. Uma incursão aventureira mais bem organisada que a que o celebre dr. Jameson realisou ha anos n Transwaal não é hipotese para desprezar e nada nos admira vêr d'um para o outro momento o sr. dr. Brito Camacho tranformado em chefe das forças de terra e mar operando na provincia. Já um outro jornalista, e dos mais insignes, predecessor do sr. Brito Camacho no alto comissariado, Antonio Enes, exerceu essas colonias funções nas operações contra o Gungunhana com brilho e fulgor.

O que é preciso é preparar a organisação militar da provincia em campanha.

A incursão alemã no territorio de Moçambique que foi talvez o mais brilhante dos episodios de toda a grande guerra, que fazia honra aos mais afamados genios militares, pode abrir-se em proficuas lições para o futuro e n'ela deve o sr. Brito Camacho inspirar-se para organisar a defeza eficaz do territorio da ...

NA RUSSIA DO SUL

A atitude dos cossacos na luta contra os bolchevistas

Os chefes estão em pleno acordo com o general Wrangel

O comandante d'Etchegoyen, correspondente do «Matin», tendo estado alguns dias entre os cossacos de Wrangel descreve as suas impressões do seguinte modo:

«Pude ainda apreciar a virtuosidade equestre dos cossacos e os seus exercicios de força que eles surpreendentemente executavam nos seus jogos: equilibrios vertiginosos sobre cavalos lançados a toda a brida, exercicios de voltigem impressionantes executados com o sabre afiado entre os dentes — o que não é de molde a facilitar os trabalhos...

Consegui facilmente conversar com os chefes e conhecer um pouco os pensamentos desses incomparaveis cavaleiros, cuja atitude permanece levemente enigmatica no grande conflito que vem ensanguentando a Russia.

Sabe-se, com efeito, que se uns abraçaram a causa dos voluntarios e se colocaram ao lado de Wrangel, outros se teem posto ao serviço dos «soviets» do Budienny; mas deve-se concordar que a maior parte se desinteressou duma luta de que não viam as vantagens nitidas, só pegando em armas quando viam em perigo as suas liberdades — ou pelas tropas de Trotzky ou pelos de Denikine — porque o cossaco é, acima de tudo, cioso da sua independencia. A monarquia do czar tinha compreendido muito bem que não podia ferir esses sentimentos, reconhecendo assizadamente todos os privilegios e costumes dos cossacos, de maneira que estes, garantidos por leis comuns, constituiam uma especie de Estado no Estado.

O seu regimen é essencialmente republicano; os cidadãos de cada «voysko» marca que subsiste em antigas organisações militares cossacas e que significa hoje exercito, Don, Kuban, Terek, Amour, etc., elegem o seu chefe e apenas o Nagarnoiaataman—chefe de todos os cossacos de Don a Abalkal, era nomeado pelo czar.

E' tipico notar que, principalmente nos ultimos anos, essa alta situação foi disputada varias vezes, principalmente no Don, por dignitarios militares de origem alemã. Não era isso um pequeno episodio da grande marcha para o Oriente?

Depois da revolução, o chefe geral é nomeado pelos atamans.

Cada aldeia é administrada, e muito severamente ao que me afirmam, por um conselho de alguns membros, mas cada cossaco tem o direito de fiscalisar os actos desses mandatarios —o que não deixa de fazer.

O seu estatuto social, ainda que muito antigo, aproxima-se das mais avançadas teorias modernas: efectivamente, a propriedade, a falar a verdade, só existe restrita aos produtos do solo. Cada um, logo que nasce, recebe uma parte de terreno que conserva e cultiva durante a vida, mas que por sua morte reverte para a comunidade: só o gado e as colheitas lhe pertencem.

O produto dessa terra reverte, pois, para o possuidor, que não pode tê-la inculta. E realmente aquele que não cultiva a sua propriedade—o que é muito raro, porque reina no paiz uma grande disciplina moral—é expulso da aldeia e das regiões cossacas.

Ha apenas uns trinta anos, o preguiçoso era simplesmente enviado para a Siberia, sem nenhuma forma de processo.

Com tal regimen não ha pobres e o parasita não existe.

Grandes fortunas podem arranjar-se por meio da creação remuneradora dos cavalos e dos carneiros.

A esse proposito cita-se a frase dum grande lavrador que tendo encontrado um homem que tratando a fundo de diversas questões que se prendiam com a da creação do gado acrescentou:

—Eu sei o que isso é e posso falar a tal respeito porque tenho vinte mil ovelhas...

— Desculpe-me que lhe diga, — respondeu amavelmente o cossaco a quem o lavrador se tinha dirigido,— mas eu tenho vinte mil cães para guardar as minhas ovelhas!...

Aos dezoito anos, o cossaco começa a receber instrução militar; aos vinte, parte para o seu regimento. Cavalo e fardamento ficam a seu cargo pois que o Estado só lhe fornece o sabre e a carabina.

Como todos capricham em possuir uma soberba montada, um fardamento suntuoso, uns arreios magnificos e um «kinjal» (longo punhal de cinto) ricamente adamascado, tudo isso lhes custa muito dinheiro. Mas quando, por acaso, o recruta não tem o dinheiro necessario para tudo isso, é a aldeia que contribue para essas despezas.

Eis em poucos traços as caracteristicas principaes dos cossacos.

* * *

E' preciso acrescentar que não representam, segundo os distritos, mais que 40, 50 ou 60 % da população total, porque muitos russos emigraram para essas regiões abastadas, onde não usufruem previlegios dos autochtones. Resulta dessa situação uma certa hostilidade entre os russos, invejosos dos previlegios e das riquezas dos cossacos, descontentes por pagarem impostos que não incidem sobre os outros exasperados por não tomarem parte nas partilhas dos terrenos, e os cossacos, que embora muito democratas entre si, se mostram mais aristocratas para com esses intrusos a quem chamam «inogorodny», o que significa «estranhos» ou, para melhor dizer, «provenientes duma outra localidade».

Estes russos formaram um elemento bolchevista no proprio centro dos paizes cossacos.

Todavia os dirigentes de Moscou não tentaram, assim como o não fizeram os czares, sujeitar pela força ás suas teorias, esses homens tão ciosos das suas liberdades; tem-se esforçado por lhes mostrar a analogia das suas doutrinas, por essa especie de comunismo da terra, e pela existencia dos seus conselhos das aldeias, tão semelhantes ao sovietismo. Mas quando pretenderam conceder os mesmos direitos aos «inogorodny» a sua propaganda não teve resultado.

Por outro lado, alguns atamans, impelidos por influencias alemãs, julgaram o momento oportuno para quebrar os ultimos élos que os uniam ao imperio russo e enveredaram claramente pelo caminho da independencia absoluta.

Essa tendencia separatista foi severamente reprimida pelo general Wrangel, que então comandava o exercito do Caucaso no tempo de Denikine, e por esse facto subsiste uma certa animosidade no coração desses atamans.

Deverá atribuir-se a esse rancor uma parte dos revezes nas tentativas feitas, até hoje, para alistar os cossacos sob a bandeira do governo do sul da Russia?

Assim o pretendem alguns, mas eu creio antes que a falta de acordo entre eles impediu que a grande massa dos cossacos se lançasse na guerra.

Deve reconhecer-se tambem que eles só dispõem de armamento n'uma proporção irrisoria.

Estão evidentemente, na maior parte, excitados contra os bolchevistas; mas contentam-se em defender o seu lar sem verem a necessidade de operações de grande envergadura contra o inimigo comum.

Devemos confessar que dos 150.000 ou 200.000 homens que poderiam ser postos em pé de guerra no Terek, no Don e no Kuban, apenas algumas dezenas de milhares se encontram em campanha.

O general Wrangel vê bem de quanto lhe poderiam valer esses admiraveis guerreiros e por essa razão tomou a iniciativa de convocar para Sebastopol os principaes chefes dos trez «voysko».

Acorreram em grande numero ao seu apêlo, fizeram com ele um acôrdo nos termos do qual o comandante em chefe tem plenos poderes na direcção da guerra e da politica externa, na administração das finanças e no «contrôle» dos caminhos de ferro. Por sua parte, o general Wrangel reconheceu já a plena autonomia dos cossacos em todas as outras questões.

Resultou de tudo isso que os atamans aclamaram o general em chefe e determinaram conceder-lhe todo o seu apoio.

E' um bom augurio.

Ter chefes é muito bom; mas é preciso atrair os soldados. E para isso, preciso é, primeiro que tudo, equipá-los, abastecê-los, vesti-los e armá-los.

Porque é muito bonito pedir a homens um esforço no qual podem sacrificar os seus bens, a familia, a liberdade e a vida, mas tambem é preciso fornecer-lhes os meios materiaes para o tentar.

Os crimes de aborto

A um dos calabouços do governo civil, recolheu Maria do Nascimento, acusada pelo 2.º sargento de infantaria 30, Joaquim Antonio Pereira, da rua de S. Cyro, 65, 2.º, de ter provocado um aborto, de combinação com a parteira Maria Augusta, da praça do Brazil, 37, 1.º

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

VI — Biarritz-Paris

Não ha lugar nos comboios para Paris durante 15 dias; é esta a boa noticia que me tem dado em Biarritz. Toda a elegancia depois de lavados os seus pecados de inverno está fazendo a sua «rentrée». Mas, o que eles não sabem é que eu pertenço á celebre corporação dos «portadores de passes» de Lisboa e portanto habituado a ir, apezar de tudo e contra tudo, até ao ponto que destinei de ante-mão, ainda que seja acocorado sob a mala dum revisor.

Por isso ponho-me em marcha e tomo ás tantas da noite o rapido de Paris. Tudo apinhado, gente pelos corredores. Mas, com a gazua de 20 francos á «controleuse» ela descose-se e garante-me que em Dax, na carruagem de primeira que vem de Paris deve haver lugares. Dax realmente está «en su sitio» e o almejado logar lá está, num compartimento que cheira estranhamente a qualquer coisa acidula.

Os senhores sabem o que é entrar num compartimento quasi ás escuras, quando todos se apropinguam para aproveitar a largueza dum lugar que não vai ocupado? E' se recebido como um inimigo, por pouco não nos chamam nomes. Piso amavelmente o visinho do lado, deixo cair uma mala sobre os joelhos do parceiro da frente, e depois de constatar que os meus amigos francezes ocuparam todas as rêdes sem cerimonia deposito no corredor os meus preciosos haveres.

Quando os olhos começam a ver na escuridão procedo á identificação dos companheiros. No canto esquerdo donde sae o odôr acre que empesta cebolificamente o cubiculo, um militar ou padre de pera esbranquiçada e botas altas que atira os pés para o meu lado. Em frente um garoto de 12 anos, enovelado como um gato, dorme. Do lado oposto, um casal de francezes, que se me afiguram novos-ricos, ele sem colarinho, ela, roncando de assobio desharmoniosamente. Vae a meu lado e por vezes piso-lhe os pés com mal disfarçada gana... mas sem resultado de melhor: a chaleira continua fervendo e silvando. A velocidade do «trem» é regular e as paragens curtas. Bordeux pelas primeiras horas do dia é anunciada, e depois na noite, Niort, Partenay e outras coisas que a minha geografia desconsidera. Com os meus botões refilto que o mundo é muito comprido e as noites muito longas... E, sem graça nenhuma, sem quebra de interesse, — só de vez em quando um dos companheiros vae lá fóra — assim perco a noite e ganho um dia para chegar cedo a Paris.

* * *

Aos primeiros alvores do dia toda a gente acorda menos eu. Menos eu, porque não dormira. O corropio para o toilete a dar uma demão nos cabelos é constante. Os corredores pejam-se e um creado anuncia «le petit dejeuner». O «sans façon» da manhã é interessante; nota-se já um pouco de familiaridade que dá a passagem duma noite em promiscua companhia.

No compartimento em que vou descubro agora que a madame ao meu lado é trintona e sofre de flatos; e com espanto vejo-a tambem puxar das botinas que toda a noite calquei sem resultado e enfia-las nos pés; M.me dormira descalça. Pela conversa trocada com o militar ou padre das botas altas e cheiro a alho, percebo que vem de Londres. E, o odor da carruagem deve ser certamente dos milagres colhidos, pois, segundo me ensinou Zola, os milagres só se realisam com... muita porcaria. O militar ou padre começa a tirar o galeão, depois uma especie de bata castanha, uma pseudo falda negra, uma camisola de lã dos Pirineus e lê então refastelado «La Croix» o jornal catolico. No comboio muitos religiosos, restos dalguma peregrinação e bastantes doentes.

O café que ilusoriamente julguei ir tomar, Deus o livre o meu pior inimigo de ter em frente de si. O vagon-restaurant enche-se e despeja-se por sete vezes, servido vertiginosa e grosseiramente por «mademoiseles» que nem dão tempo á gente para beber a droga. Os hespanhoes que vão em vilegiatura riem-se e troçam da pobre França, porque o pão é detestavel e o açucar ja vem dissolvido mas em tão fraca dóse que ninguem acredita na sua passagem pelo... café.

Pontes, rios, cidades, vilas, «gares», num estrepito de aços rolando e chocando-se passam rapidamente, na cavalgada para o sul. Aqui, ali, um nome conhecido; Chartres aparece, e, palavra, aquela gente toda e eu tambem, vae-se lembrando que daqui a duas horas se estará em Paris. Toda a região que desde madrugada tenho visto atravez o rectangulo escasso da janela que o menino á minha esquerda me legou, é essencialmente agricola, contrastando extraordinariamente com a impressão recebida ao atravessar a Hespanha, toda ela essencialmente... pedricola. A vegetação é clara, dum verde amarelecido, talvez pelas proximidades do outono. Mais umas horas, impacientes, quasi nervosas para a gente que viaja, e dentro em pouco os arredores lindos, frondosos, cheios de sombras e povoados de riachos dos arredores de Paris estão a vista. As casas suburbanas, as pequenas cidades das cercanias, Versailles, Montreuil, tuneis grandes e pequenos, matracas de agulhas que o trem passa fazendo resoar, placas giratorias de pequenos entroncamentos, cruzamento de outros comboios, e finalmente Austerlitz. E' o primeiro contacto com Paris. Depois, o leitor sabe penetra-se nas entranhas da cidade-luz e chega-se ao Quai d'Orsay.

Sob um dia triste enovoado, Paris patinha os pequenos farrapos de lama que as ruas asfaltadas produzem. Um taxi-cangalho automovel vermelho cuja unica vantagem é andar depressa e ser barato, leva-me ao Hotel Peyris—um modesto hotel que me haviam cinco mãos indicado.—

Mas não tenho quarto, ninguem tem quarto em Paris. Não ha lugares para ninguem nos hoteis. Só com uma recomendação ou um empenho especial se consegue «uma casa de banho» em estilo quarto provisorio. Mas dali é que já não arredo pé. Não ha quartos oh! Parece impossivel! E, á Madame, eu faço notar o meu espanto por não ter ligado importancia ás minhas cartas e telegramas...

Realmente a madame agora lembra-se de quem eu sou, e promete-me um lugar num outro pequeno hotel onde ela tem quartos alugados. E acrescenta «se tivesse logo dito quem era...»

Nesta altura fico eu quasi convencido que realmente escrevi á madame mas não quero pôr em cheque a amabilidade proverbial da gente franceza, o que para mais me custava neste momento, ficar na rua.

Por fim sou arrumado e numerado, e, depois de fazer as honras do almoço da madame, abalo para a rua, a colher as primeiras impressões.

Dou meia duzia de passos e ouço:

—Olha o A... F...

Um abraço, varias perguntas sobre Lisboa, sobre as revoluções,... o costume.

Palavra, amigos meus, não vale a pena vir de tão longe para ouvir isto como na baixa! Não ha forma de se descobrir um novo mundo onde se seja desconhecido no meio de desconhecidos. Larguei o importuno amigo e atundei-me em Paris: estava no «boulevard».

Armando Ferreira.

Os milicianos

Do nosso colega «Republica»:

«A proposito de um discurso ultimamente proferido na Camara, pelo ilustre presidente do ministerio, sr. dr. Antonio Granjo, tem-se feito correr, não sabemos com que malevolos ou reservados intuidos que sua ex.ª tinha apelidado os oficiais milicianos de intrusos.

Não ha, porem, acusação mais disparatada que essa.

Para quem conhece superficialmente que seja, o sr. dr. Antonio Granjo, sabê-lo-ha incapaz de tal incorrecção. Acresce, ainda que o ilustre republicano foi um dos mais distintos oficiais milicianos que nas trincheiras heroicas da Flandres se bateram.

Mas, pelo contrario, o que s. ex.ª proferiu foram palavras altamente elogiosas para esses oficiais e; se a situação destes não foi ainda regulamentada, em nada é o governo culpado.

Ha cerca de um ano, que está no Parlamento uma proposta de lei sobre o assunto, e, evidentemente, que não é o sr. dr. Antonio Granjo o causado do seu protelamento.

Assim é que está certo...»

Muito folgamos em registar estas declarações

"Doida, não!"

Começará «A Capital» a reproduzir, em breve, nos seus numeros de quatro paginas, as cartas, até então publicadas, da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Essas cartas serão numeradas.

Serão assim atendidos os numerosos pedidos que temos recebido, visto que alguns dos numeros em que vieram essas cartas se acham esgotados.

A todas as pessoas que teem feito o enormissimo favor de me mandar numeros de «A Capital» com cartas minhas agradeço, de toda a minha alma, tão grande auxilio, como agradeço, com o não menor reconhecimento, as palavras carinhosas de que algumas remessas veem acompanhadas e que muito suavizam o meu penar.

Precisando, porém, de muitas colecções e tendo algumas incompletas, seria um valioso obséquio mandarem-me mesmo numeros soltos.

Podem esses jornaes ser remetidos para o escritorio do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, Rua de S. Miguel, 38, 1.º Porto, e gratissima lhes ficarei.

Maria Adelaide

ULTIMA HORA

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Uma tendencia errada

Ha muitos anos que em Portugal alguem de melhor gosto tem protestado contra a nossa entrega confiada aos originaes francezes, que raramente nos dão mais alguma impressão de arte, de ideias ou de sentimentos senão aqueles que se podem encontrar em volta do adulterio ou da perversidade.

Os ultimos sucessos de Nicodemi, o aplauso dalgumas obras de autores modernos hespanhoes provam, que bem encaminhados andariamos se alastrassemos as nossas traduções a peças de autores sem ser francezes.

Basta dizer que em Portugal não se conhece nada de Show, nada ou quasi nada de Masterlusk, quasi nada de autores alemães, e pouquissimo da literatura dramatica escandinavia.

O teatro italiano, então, pelas suas condições de perfeita adaptabilidade á nossa indole devia merecer mais atenção das empresas, que é preciso vir um nome como Giacosa, ou d'Anunzio para o conhecerem, passando ao olvido tudo mais que no paiz da arte se encontra de... bom, mesmo de optimo.

De resto é o teatro italiano o que hoje mais divulgado está pelo mundo provando assim as suas condições de agrado. No presente ano a Sociedade de autores italiana tem os seguintes pedidos de tradução autorisados para o estrangeiro:

De Sabatino Lopez—o autor mais disputado—«Il brutto e le belle», «Il terzo marido» e «Hoiuppo» vão ser traduzidas para a Alemanha, Holanda, Austria, Suissa, America do Norte, Inglaterra, Russia e Espanha, tendo tambem os nossos visinhos adquirido a propriedade de «Mario e Maria Ninetta», «La nostra pelle» e «Bufera» do mesmo autor.

Tambem para Espanha a Italia enviou este ano «Addio Giovinezza!» de Caucasio e Oxilia, «Assunta Spina» e «Mese Mariano» de Salvatore di Giacomo «L'aria del contmente» e «San Gioranni decollato» de Martoglio; «Capitan Fracassa» de Signorini e Giorgieri-Contri, «Una capanna e él tuo cuore» e «Capelli bianchi» de Giuseppe Adami, «Caritá mondana» de Gianino Traversi. «Cuculo» e «Fiamme nell'ombra», «Il paese della fortuna», do Butti, «Il piccolo santo» e «Uno degli onesti» de Bracco. «Mia moglie si fidanzata» de Gino Bini «La prigioniera» de Oreste Poggio; «L'altalena» e «Il medico delle anime» del Veraldo. Estas 2 tambem adquiridas para a Alemanha, assim como «Butere» e «La pena d'oro» do Guglielmo Zorzi, «Papá Eccelenza» de Rosetta. Para a Escandinavia vae «D. Pietro Caruso» de Bracco. «Scampolo e l'Aigrette» de Niccodemi. Para a Holanda «La crisi» e «La porta chiusa» de Praga; «La cena delle beffe» de Sena Benelli. Para a Austria «La Buona figlinola» de Lopez. E para a França estão adquiridos «Il piu forte» e «Rosa a discrezione» do Giacosa alem de «Addio Giovinezza» e «Cena» dos autores já citados.

Um paiz cujo movimento teatral para o estrangeiro é desta natureza, é bem digno que se lancem para ele as atenções das empresas. E, que a obcessão do teatro francez passe, com os seus concubinatos legaes e as suas libertinagens disfarçadas de vida comum.

A. P.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «Os Lobos».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Uma Inconveniencia

Do «Mundo»:

«Ha defesas que comprometem. Que necessidade teriam os defensores do contrato para o fornecimento de carvão, de vir dizer, á falta de argumentos, que a comissão estabelecida de 5 0/0 não era exagerada, visto que os contratantes tinham grandes despezas a fazer em Inglaterra para obterem os «permis»? Pelas informações dos tais defensores, em Inglaterra tudo se vende, e os «controlers» do carvão, sem o mais leve rebuço!

Não podemos de modo algum admitir semelhantes informações. Pessoa que nos merece toda a confiança e que conhece em Londres os organismos ae que os negociadores de carvão se querem referir, garante-nos que tal corrupção não existe nem existiu, felizmente, em Inglaterra.

Mas ainda que assim não fosse, que falta de senso, que falta de tacto e que imprudencia. E se o governo inglez, justamente susceptibelizado, lhes criasse agora embaraços sérios na obtenção dos «permis»?

Não ha perigo de susceptibilidades por tão pouco. O unico perigo seria o da inveja se a tal comissão de 5 0/0 fosse na realidade muito grande.

Salão Central

O rasto do gavião

O publico acolheu com verdadeiro entusiasmo o segundo episodio daquela surpreendente pelicula. *Super-homem*, é, na realidade, uma nova e bela manifestação de arte. King Baggott, o seu protogonista, tem na parte a seu cargo, do detective, uma nova afirmação do seu talento. O publico assim o compreendeu, saindo satisfeito, não regateando os seus aplausos ao eximio artista americano e á empreza do Central por ter trazido ao seu écran *O rasto do Gavião*.

Amanhã estreia na matinée do seu terceiro episodio, com o titulo *Sombras Amarelas*.

Ateneu Comercial de Lisboa

A abertura de aulas do novo ano lectivo

Realisou-se hoje no Ateneu Comercial de Lisboa a sessão solene para inauguração dos trabalhos escolares e distribuição de premios aos alunos mais laureados do ano anterior.

O sr. presidente da Republica, que fôra convidado, não poude comparecer por se encontrar ligeiramente incomodado de saude o que fez participar á direcção do Ateneu Comercial. Por egual motivo não poude tambem comparecer o sr. ministro da instrução.

Presidiu á sessão, que foi aberta ás 15 horas, o sr. dr. Carneiro de Moura, que era secretariado pelos srs: Ramiro de Moura, da comissão de aulas do Ateneu e Alberto Julio Muát, presidente da direcção do Lisboa Ginasio Club.

Aberta a sessão, foi lido o expediente em que figuravam cartas, bilhetes, oficios e telegramas de saudação, findo o que usou da palavra o sr. Damasceno Nunes, antigo professor do Ateneu, que fez o elogio funebre do seu antigo colega sr. Tomaz de Aquino Nobre de Carvalho, cujo retrato, que se achava velado por uma bandeira, á direita da mesa, foi depois descerrado. Seguidamente usou da palavra o nosso presado camarada da imprensa sr. dr. José Pontes, que fez o elogio funebre do distinto nadador e «sportsman» sr. Francisco Marçal, cujo retrato foi tambem depois descerrado.

Em seguida procedeu-se á distribuição de premios a 36 alunos das varias disciplinas, constando esses premios de livros e da quantia de 20 escudos, oferta da Associação Comercial dos Lojistas e destinada ao aluno Antonio José Marques, o melhor classificado na aula de contabilidade.

Procedeu-se depois á entrega da Taça Francisco Marçal que o Ateneu instituiu á memoria do saudoso «sportman» e que coube ao Ginasio Club Portuguez por ocasião da prova de natação realisada em 4 de julho ultimo.

Por fim usou da palavra o sr. dr. Carneiro de Moura, muito aplaudido pela assistencia, que era selecta e numerosa.

As vastas salas do Ateneu encontravam-se decoradas com plantas e flores, bem como as escadarias do edificio, vendo-se a sala onde se realisou a sessão solene ornamentada com bandeiras de varias nações dispostas em trofeu.

Praticantes no Sul e Sueste

A abertura da escola de praticantes do serviço de estações dos caminhos de ferro do Sul e Sueste realisa-se no dia 17, funcionando no edificio da direcção, rua de S. Mamede, ao Caldas.

Os candidatos de numeros 1 a 48 devem comparecer pelas 12 horas do dia 16, para serem submetidos á inspeção da junta medica.

Incendios

Na escada do predio 98, da rua da Prata, deu-se hoje de manhã um cort-circuit, na portinhola de electricidade de que resultou grande panico no predio, por se supor que o caso tinha grande importancia.

Compareceram os bombeiros que prontamente procederam ao isolamento da corrente.

Proximo do meio dia, na antiga fabrica de moagens João Luiz de Souza, em Xabregas, declarou-se incendio na secção dos peneiros, em consequencia de ter ferido lume a chumaceira que acciona os mesmos peneiros.

Como a comunicação para os bombeiros, fosse de fogo grande, para o local avançou todo o material e pessoal disponivel, que felizmente não foi utilisado.

Os prejuizos são de pouca monta, devido aos prontos socorros do pessoal operario que se encontrava na fabrica.

Agredido a tiro

Joaquim Filipe Lino, do Cartaxo, foi ali agredido a tiro por um cigano. Conduzido para Lisboa, desembarcou hontem á noite, pelas 23 horas, na estação do Rocio sendo conduzido em maca ao hospital de S José, onde ficou em observação.

Prisão dum aliciador de greves

A um dos calabouços do governo civil recolheu Decio Trigo, alfaiate, da rua do Sol a Campolide, 48, 2.º, que andava a ameaçar varios individuos que regressavam do trabalho, aliciando-os á greve.

PELO TELEGRAFO

Uma resolução que dá aso a comentarios

BUENOS AIRES, 6—Tem sido muito comentado o facto do alcaide de Lapida ter mandado pôr a bandeira a meia haste pelo falecimento do lord mayor de Cork, tendo tambem enviado pezames, oficialmente, á Republica Irlandeza e á familia do falecido.—(*Americana*).

Eleição fraudulenta?

HAVANA, 6—Os «leaders» liberaes esperavam triunfar na eleição presidencial. Os coligados afirmam que houve fraudes e pedem que se proceda a nova eleição, fiscalisada pelos Estados Unidos — (*Americana*).

Cotações cambiaes e do café

RIO DE JANEIRO, 6 — Cotação do café, 12$000; cambio sobre Londres, 12 e 12 1/16; valor do escudo português, 834. — (*Americana*).

Principe de Monaco

Visita demoradamente o aquario Vasco da Gama

No programa de hoje, das visitas do principe de Monaco, aos estabelecimentos scientificos figurava um exame ao Aquario Vasco da Gama, em Algés.

Proximo das 11 horas chegou o principe, que se fazia acompanhar de varias pessoas da sua comitiva e do almirante sr, Neuparth. sendo aguardado á entrada pela comissão administrativa do aquario, composta dos srs. capitão de fragata Mendes Norton, dr. Celestino da Costa e Francisco Machado Vieira, direcção e socios da Sociedade Portugueza de Sciencias Naturaes e muitas outras pessoas.

O principe Alberto demorou-se largo tempo a examinar os exemplares expostos, mostrando-se satisfeito com a boa disposição e ordem em que encontrou tudo. Largo tempo esteve sua Alteza conversando com a direção do Aquario, retirando cerca do meio dia e sendo acompanhado até á porta por todas as pessoas presentes.

O principe dirigiu-se seguidamente para bordo do *Vasca da Gama*, onde se realisou um almoço intimo, a que assistiram os homens de sciencia que acompanham o ilustre visitante e o almirante sr. Nenparth.

A visita ao Jardim Zoologico

O principe, acompanhado do seu 1.º secretario e demais membros da comitiva, do almirante Neuparth e do oficial posto ás suas ordens pelo Governo Portuguez, visitou de tarde o jardim Zoologico e de Aclimação em Portugal, onde era aguardado por todos os directores, socios da Sociedade de Sciencias Naturaes etc. No parque era extraordinaria a afluencia de povo, tornando-se por vezes dificil romper pelas ruas. O serviço da policia era feito por 25 praças de infantaria da G. N. R. de grande uniforme. A banda do comando geral, da regencia do maestro Fão, executou varios trechos de concerto, tendo á chegada do principe executado o hino de Monaco e a Portugueza.

O banquete no Ministerio do Interior

Hoje á noite realisa-se no ministerio do Interior o banquete oferecido pelo governo a Alberto 1.º O banquete tem logar na antiga sala do conselho do estado, onde foi armada uma mesa em forma de U sendo 100 o numero de convites distribuidos. As escadarias do ministerio acham-se decoradas com plantas e flores, vendo-se a meio uma larga passadeira de veludo vermelho. A sala do jantar foi egualmente ornamentada, com avencas, dolgaduras de damasco e veludo formando sanfas e reposteiros, vendo-se sobre a mesa, magnificos crystaes e flores dispostas com bastante gosto.

O logar de honra é ocupado pelo principe que dá a direita ao presidente do senado, ministro da justiça, dr. Julio Richard, ministro da guerra, e das colonias, Mr. Tynarié, presidente do Supremo Tribunal da Justiça, comandante do «Giralda», dr. Brito Camacho, dr. Augusto de Vasconcelos, secretario geral da presidencia da Republica etc., e a esquerda aos srs.: ministro dos estrangeiros, 1.º, secretario do principe, ministro das finanças, professor Julet Thoulet, ministro da marinha, Mr. Ovon de Bereu, ministro do comercio, capitão da corveta «Bourée», almirante Neuparth, presidente do Supremo Tribunal Militar, governador civil de Lisboa, presidente do Supremo Tribunal administrativo etc.

«Vis-á-vis» ao principe fica o sr. presidente do ministerio que dá a direita ao presidente da Camara dos Deputados ministros da Instrucção, Trabalho, Colonias, consul geral de Monaco, presidente do Senado Municipal, procurador geral da Republica e a esquerda aos srs. ministro do interior, encarregado dos negocios de Hespanha, coronel dr. Afonso Chaves, comandante Azevedo Franco, presidente da Comissão Executiva da Camara, dr. José de Castro, Antonio Maria da Silva, dr. Alvaro de Castro, dr. Julio Martins, etc.

NOTICIAS DA CAPITAL

A série diaria

Foram presos: Belmiro Pedro Tabordo, pintor, de Palma de Baixo, 61, que furtou uma porção de passadeiras no valor de 60 escudos, que estava á porta do estabelecimento da rua da Betesga, 31; Antonio Gomes, descarregador, da rua de Vicente Borges, 29, 1.º, que furtou 20 sacas com fava no valor de 7d0 escudos, a Antonio Nunes Sobreiro, da rua de Campo de Ourique 20; Antonio Augusto Alves da Silva, creado de servir e Manuel Pereira, da rua ra Quintinha, 52, que furtaram varios objectos, vestuario e calçado, tudo no valor de 500 escudos, a Margarida Moraes G. de Melo, da rua do Quelhas 37 res do chão; Aurora dos Prazeres, conhecida gatuna de forasteiros da rua da amendoeira, 3 loja, que de combinação com a «Julia Mareca» outra gatuna de largo cadastro furtou a carteira com 210 escudos a José dos Santos Monteiro, residente em Leiria.

José Pereira, caixeiro da padaria da rua do Machadinho, 45, queixou-se contra 3 desconhecidos que de madrugada bateram á porta do estabelecimento, roubando-lhe depois 100 pães de 2.ª qualidade. Os larapios evadiam-se após a proeza tendo um d'eles deixando abandonado um bonet.

Pão abandonado

Na escada do predio n.º 28 da Praça da Alegria foi encontrada abandonada grande quantidade de pão, que a policia da referida esquadra vendeu depois ao publico rendendo a quantia de 42$20.

AS GRÉVES

Os ferro-viarios

Na estação do Rocio notou-se hoje um movimento extraordinario de passageiros não só para os comboios «tramways» como ainda para os de longo curso; tendo chegado e partido todos os trens á tabela.

Hoje de manhã ficaram reparadas pelo pessoal de via e obras as avarias causadas pelos actos de sabotage que os grevistas poseram hontem em pratica em Chelas.

A sabotagem foi feita em dois pontos ou seja na parte da linha que vae para Braço de Prata e na outra parte que segue para Santa Apolonia. Em ambos estes troços foram levantadas as eclises e desaparafusados os *rails*, o que por certo ocasionaria descarrilamentos de comboios, o que hontem se não deu por verdadeiro milagre.

Foi preso como suspeito de implicado no criminoso e repugnante gesto um antigo maquinista da Companhia Armenio da Silva, que foi despedido da C. P. quando da ultima greve e que actualmente se encontra ao serviço da Sociedade Estoril, exploradora da linha de Cascaes. O Armenio, conhecido como agitador perigoso, é um dos ferro-viarios que mais tem trabalhado para que o movimento não tenha sido solucionado.

Os serviços na C. P. continuam a fazer-se com a maior normalidade, faltando apenas apresentar-se os maquinistas e alguns agentes de trens. O restante pessoal está todo a trabalhar.

No Sul e Sueste nada mais se passou de anormal tendo tambem saido á tabela, do Terreiro do Paço para o Barreiro e vice-versa, todos os vapores com passageiros. Parte do correio para o Alemtejo e Algarve não poude seguir de tarde, por as malas, como já ultimamente tem sucedido, terem chegado tardissimo á estação do Terreiro do Paço.

O capitão de engenharia sr. Relvas que está dirigindo os serviços na estação do Sul e Sueste, ainda tentou remedear a situação enviando as malas no vapor «Europa», mas quando este barco chegou ao Barreiro já o comboio havia seguido ao seu destino, pelo que o correio de novo voltou para Lisboa.

Na altura do Lavradio foi hontem arremessada uma bomba contra o comboio que vinha de Setubal para o Barreiro. Não se registaram felizmente desastres pessoaes ou materiaes

Para Setubal seguiram hoje 15.000 pães para serem distribuidos pela população e 3 650 destinados á guarnição. Para o Barreiro seguiram a bordo do «Europa» 10.000 pães.

Hoje de manhã quando o vapor «Victoria» atracava ao «Atalaia» que estava amarrado á estação ficou entalado entre os dois barcos, o 2.º marinheiro n.º 4.189 da 3.ª brigada, em serviço no «Victoria» que ficou muito contuso no pé esquerdo. Foi conduzido em maca ao Arsenal da Marinha, sendo pensado no posto de socorros.

No Terreiro do Paço, venderam-se hoje 1.369 bilhetes na importancia de 5.043$19.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Manutenção Militar.—Foi publicado o relatorio do ano economico de 1918-1919, que vem demonstrar cabalmente o desenvolvimento atingido por essa magnifica instituição.

Os seus fins continuam a ser o fabrico e fornecimento ao exercito de pão, bolachas, massas alimentares, café, assucar, conservas, carnes frescas, salgadas e fumadas, cereaes, legumes e outros generos alimenticios, assim como forragens.

São inumeras as suas instalações, e constam de 11 fabricas, 17 depositos de generos, parque de gado, matadouro, talho, salchicharia, embalagem, lavandaria, tipografia e barbearia.

Tem oficinas de canastreiro, caixoteiro, serração, latoeiro, serralheiro e ferreiro, carpinteiro, correeiro e pedreiro, secção de reparação de automoveis, serviço de incendios, sala de armas, biblioteca etc.

As suas sucursaes são no Porto, Coimbra, Elvas, Bragança, Chaves, Tavira e Viana do Castelo, com depositos em Tancos, Evora e Guarda.

A Manutenção Militar consumiu neste ano civil 687:194$44 de trigo nacional, 1.309.208$43 de trigo exotico, 15:073$76 de milho continental, 274.942$32 de trigo colonial, 121.243$21 de centeio e 127:720$60 de fava. Os generos comprados para rancho nesse ano elevam-se a 11.990:05$37. A sua verba de carvão e lenha representa um total respectivo de 75:492$34 e 203:815$41,5.

A sua expansão é notoria dia a dia e esse estabelecimento é uma das melhores obras da Republica, merecendo os maiores elogios o sr. coronel L. de Vasconcelos Dias, actual director dessa instituição militar.

Revista Internacional de Dun.—Recebemos e agradecemos o numero d'esta revista, edição portugueza, relativo a outubro findo.

Camara de Comercio Portugueza em França.—Do boletim d'esta camara recebemos o numero 3. Devido ao seu desenvolvimento, a Camara de Comercio Portugueza mudou para a rua Caumartin, 12.

Revista do Conservatorio Nacional de Musica.—Está publicado o numero 1, trazendo variada e interessante colaboração, entre a qual, a distinguir, a intitulada «Factos do passado». Como se sabe, o director da Revista é o consagrado maestro compositor Viana da Mota.

Companhia do Caminho de Ferro de Benguela.—Relatorio e contas do ano civil de 1919. Recebemos o que se refere ao 16.º exercicio, que nos vem demonstrar o progresso feito nestes ultimos anos, e cujo ativo e passivo é de 27:244:644$132 de cuja importancia tem em Londres um saldo de 2:014:620$48,7 em libras esterlinas.

Os maiores acionistas desta companhia são o coronel sr. H. Mellis e Artur Stanley, que possuem 2:695:750 acções.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3698 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 8 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

As duas correntes

O aumento do custo da vida, originado pela escassez dos produtos e pela ganancia exagerada dos que os transacionam, vae já tomando proporções que justificam o maior alarme. Dir-se-hia que se caminha para o maior dos absurdos: o de supor que haja elasticidade possivel para os recursos das principaes vitimas deste estado de coisas, que são as da classe media, as quaes não teem visto aumentar esses recursos em proporção com os dos outras classes. Para a classe media, esse aumento pode ter ido, o maximo até ao triplo, emquanto que a vida encareceu mais de doz vezes.

A que é devido este crescendo vertiginoso que só não preocupa os que ostivessem atacados da maior cegueira, que é a inconsciencia? E' devido ao facto de se explorar muito e de se trabalhar pouco. Não vamos agora indagar a quem se pode imputar a responsabilidade originaria desta situação. Mas o certo é que se notam duas correntes na sociedade, duas correntes que na aparencia são antagonicas, mas que na realidade são convergentes. Uma é a dos capitalistas, quer se trate de comerciantes, industriaes ou agricultores, a outra é a do proletariado. A primeira resulta da vaga da ganancia; a segunda resulta da vaga da perguiça. Ambas levam ao mesmo resultado: o agravamento constante do custo da vida e o esmagamento da classe media que não pode, como os primeiros, elevar a todo o momento a importancia da produção do seu esforço nem reclamar a todo o instante o aumento do seu salario.

A classe a que se chamava antigamente remediada está em riscos de desaparecer. E' ela que hoje constitue os verdadeiros pobres. Esses estão na burocracia, no exercito, no professorado, nos pequenos empregos do comercio ou da industria, e em tantas outras profissões liberaes onde não é facil exercer pressão sobre o patronato para uma remuneração correspondente ao custo da existencia. Nem é facil imaginar que tragedias obscuras se desenrolam em lares onde sempre reinara uma mediania modesta, mas feliz!

Um dia, porém, chegará em que já não haja possibilidade de suportar uma situação semelhante que levará necessariamente ao suicidio ou á revolta.

E de quem é a culpa? Dos que exploram e dos que não trabalham. No fundo, o mesmo interesse os domina. Não se afirmou ha poucos dias, na imprensa, que em certa industria os patrões instigaram os seus operarios á greve? Para quê? Para satisfazerem as suas reclamações no valor de 5, e fazel-as pagar ao publico no valor de 50. Por sua vez, aquela parte do operariado que não mede as consequencias da situação creada tem interesse em que o patrão ganhe muito, explore muito, porque assim lhe dará salarios que lhe permitam não trabalhar senão dois ou tres dias na semana. E' d'ahi a escassez da produção, que é o que o patrão também quer, porque essa escassez lhe permite a fixação de preços fabulosos.

Estamos metidos numa engrenagem maldita, contra o regimen das tabelas, o conluio destes verdadeiros inimigos da sociedade. Para evitar os efeitos legislados do comercio livre, novamente o conluio. Não ha maneira de sair neste «gachis» senão com resoluções energicas e desquiliadas, já que o sentimento da solidariedade com o qual não ha laços sociaes, não consegue vencer o egoismo colectivo.

Em todo o caso, uma coisa é certa: é que isto ha de ter um fim. Não ha corda, por mais solida ou elastica, que não rebente um dia. Será então a catastrofe que a todos atingirá.

Por emquanto, uma classe geme e sofre. E' a classe media. Conta-se com a sua resignação, com a sua apatia. E' possivel que ela leve o seu sacrificio até morrer sem um gesto. Mas ainda nesse caso, a perdição á fatal porque deixará de existir um elemento de equilibrio, indispensavel nas sociedades bem organisadas. Na Russia, essa classe está votada á fome e á morte, e aqueles que a sacrificaram não são felizes, porque o aspecto da Russia é o dum inferno.

As provas de "Os Sports"

No dia 21 do corrente efectuam-se a corrida automobilista e a prova de camions

Está marcado para 21 do corrente o primeiro dia das provas do jornal «Os Sports» realisando-se a corrida de automoveis, cujo regulamento será publicado amanhã, e a prova de camions.

A inscripção para a corrida de automoveis abre na quarta feira e a de camions está aberta até ao dia 18 do corrente.

A firma Armando Santos Ld.ª, recebeu hoje telegrama dos fabricantes dos automoveis «Dobi» inscrevendo dois carros pilotados pelos sportsmen D. Julio Beltram e D. Mauricio Dalmau.

APÓS O TRATADO DE NEUILLY

Como o governo de Sofia combate o bolchevismo

As declarações do novo presidente do conselho bulgaro

O sr. Stamboulisky, presidente do conselho bulgaro, recebeu na legação bulgara em Paris o sr. Marcel Pays, redactor do «Excelsior», a quem fez saber o seguinte:

—Venho a França—disse ele—numa viagem de estudos politicos, economicos e financeiros. Venho aqui como amigo, como grande admirador do seu glorioso paiz e muito compenetrado da esperança de que a França, generosa, compreenderá que a Bulgaria nova, sinceramente democratica, definitivamente liberta dos homens nefastos que a conduziram á desgraça e á ruina firmemente resolvida a executar as clausulas do tratado de Neuilly e lealmente orientada para com a Entente, é digna das simpatias e do auxilio francez, indispensaveis para o seu ressurgimento.

«A Bulgaria sofreu muito material e moralmente com a guerra. O seu novo rei, respeitador da Constituição, reina, mas não governa. Somente a vontade do povo bulgaro dirige os destinos do paiz. E' impossivel confundir o governo bulgaro actual com o dos Radoslavff, Danileff, Guechoff e Malinoff. Seria injusto—e talvez indelicado—se não tivesse em conta ao nossa boa vontade em querer lançar no olvido um passado doloroso, de que não fomos os responsaveis, porque o nosso partido, sob o antigo regimen foi sempre contrario á intervenção junto dos imperios centraes.

«Somos partidarios sinceros duma reconciliação conforme com as nossas tradições historicas e com as nossas simpatias pela França pe quem a nossa «élite» actual segue sempre a cultura e o ideal.

«Queremos viver em paz e fraternidade com os nossos visinhos, especialmente com a Servia, á qual nos unem tantas afeições étnicas e historicas.

—Qual será a atitude da Bulgaria para com a Pequena Entente?

—A mesma da Grande Entente. Desconhecemos ainda os fins e tendencias dum grupo em via de formação. Se esses fins e essas tendencias são realmente praticas, se a França as aprova e as dirige, a Bulgaria ligar-se-ha a ela. Tenciono visitar em breve os diversos paizes da Pequena Entente para esclarecer o governo a esse respeito.

—Qual é, com exactidão a orientação da politica interna bulgara que foi considerada claramente revolucionaria?

—A Bulgaria, ferida, vencida, á qual empularam ricos territorios e a braços com terriveis dificuldades economicas, atravessou um periodo turbulento e suportou gravissimas gréves de ferroviarios, de mineiros, etc. A coalisão camponeza, fortemente organisada, derrubou definitivamente o comunismo e o bolchevismo que ameaçavam implantar-se na Bulgaria.

—Ainda temos bolchevista é certo, e, contrario seria para surpreender, com milhares e milhares de refugiados da Russia, da Dobrudya, da Tracia e de Tzarbord, que enxamearam o nosso territorio. Mas o bolchevismo não é um estado politico. E' um estado psicologico—fisico até —que resulta da miseria, do «chomage» e da produção descrescente.

«Combatemos o bolchevismo distribuindo as terras incultas por todos os trabalhadores agricolas, de forma a que cada um deles tem a sua casa e o seu terreno, descontentando assim todos a que auferem beneficios da guerra; perseguindo a especulação e limitando por meio de pezados impostos as fortunas estereis adquiridas ou conservadas em detrimento da colectividade.

«Disseram termos atingido a propriedade e que os nossas reformas sociaes eram assustadoras para os capitaes estrangeiros na Bulgaria. E' falso. A propriedade não tem pardarios mais convictos que os dirigentes bulgaros actuaes. Honrámos todos os nossos compromissos financeiros. Continuaremos assim.

Mas queremos que os capitaes sejam empregados em valorisar as nossas riquezas mineiras e agricolas, a nossa industria e o nosso comercio, e que não sirvam para especulação.

—E' verdade terem organisado colonias bolchevistas?

—Nenhuma experiencia social nos assusta. Se tivessemos possuido colonias alem mar, para lá teriamos mandado os nossos bolchevistas para ali organisrem o seu paraizo terreal.

Contentamo-nos em lhes fornecer terrenos, perto de Burgas, para eles ali secarem os pantanos e fazerem obra util se a pudessem fazer.

«O bolchevismo quer o trabalho obrigatorio. Nós nesse ultimo ponto comum que temos com as suas doutrinas. Cada cidadão bulgaro, todos os anos, deve consagrar um determinado numero de dias a trabalho de utilidade publica.

—Qual é o estado actual das finanças bulgaras?

—Atravessámos grandes dificuldades que ainda estão muito longe de estar aplanadas por causa do cambio. Todos os nossos esforços tendem a equilibrar os orçamentos e a desenvolver a nossa produção Somos devedores honestos. Queremos ser devedores solvaveis. Faremos o mais leal apêlo aos capitaes estrangeiros afim de valorisarmos as florestas, as minas, os campos agricolas, as plantações de tabaco, as quedas d'agua, os caminhos de ferro... Precisamos de maquinas agricolas, materiaes de transporte, utensilios mecanicos, adubos... e técnicos.

«A França poderia fornecer-nos tudo isso e nós enviar-lhes-hiamos os nossos trigos, o nosso tabaco, as nossas essencias, a nossa pasta para papel, etc.

—Entretanto falou-se num regimen bolchevista bulgaro...

PELO TELEGRAFO

Redução do serviço militar em França

PARIS, 7 — O conselho de ministros, que esta manhã reuniu no Eliseu sob a presidencia do sr. Millerand, ocupou-se do projecto relativo á reorganisação do exercito. Diz o «Petit Parisien» que os membros do governo chegaram a um acordo sobre o principio de que a nova lei militar e o respectivo projecto, que deve ser submetido á camara entre os dias 15 e 20 de novembro corrente, reduziu de 3 a 2 anos a duração do serviço militar.—(Havas).

A volta do ex-rei Constantino traria a guerra civil

ATENAS, 7—O sr. Venizelos, presidente do conselho da Grecia, começou já a sua «tournée» eleitoral, indo em primeiro lugar a Patras, feudo do sr. Gunaris. O sr. Venizelos pronunciou ali um grande discurso politico e a recepção que lhe fez a população permite augurar agora uma grande vitoria para o partido liberal, de que é chefe. O sr. Venizelos fez realçar no seu discurso que a volta do ex-rei Constantino seria o sinal de uma guerra civil e que o dever da Grecia era o de caminhar francamente na via que lhe foi aberta pelas ultimas conquistas.—(Havas).

O convenio entre a Polonia e Dantzig

PARIS, 7—A conferencia dos embaixadores examinou novamente no sabado o projecto do convenio entre a Polonia e a cidade livre de Dantzig. A conferencia aprovou as modificações que foram introduzidas no projecto pela comissão que anteriormente tinha sido nomeada para tal fim. A conferencia resolveu que o texto, assim modificado, deve ser assinado pelas duas partes antes do dia 15 de dezembro. Da discussão travada resulta a impressão que os delegados de Dantzig assinarão antes de expirar o prazo de voltarem para suas casas. —(Havas).

Os recontros entre os bolchevistas e as tropas de Wrangel

PARIS, 7 — Dizem de Sebastopol que em toda a frente de combate os exercitos do general Wrangel manteem com exito as suas novas posições, não obstante os ataques encarniçados das unidades comunistas, que operam na primeira linha do exercito vermelho. No sector de Perekop, ao norte desta cidade, os bolchevistas tentaram em vão continuar a ofensiva, desencadeando ataques. Num destes ataques tomaram parte regimentos de choque da circunscrição militar de Moscou e os regimentos comunistas de Petrogrado. Por uma série de contra-ataques as tropas da ala esquerda do exercito do general Wrangel libertaram a linha do caminho de ferro.—(Havas).

Politica externa

A crise britanica e a complicação irlandeza. Os ultimos aspectos do problema russo O Muj k e as revoluções. A seisão e reoimposição do socialismo mundial

Duas semanas, durante as quaes me não foi licito assomar a esta tribuna, bastaram para modificar os aspectos geraes da politica externa.

A imensa greve que estalara ameaçadora nas principaes estações mineiras da nevoenta Albion depressa declinou por acordo e cedencias reciprocas, graças á boa disposição do patronato, aliada aos bons oficios do governo inglez e até ao desejo operario presentes á Conferencia de to as já quasi insuperaveis dificuldades que comprometem a estabilidade e por ventura a integridade do Reino Unido.

Efectivamente ao seu agravamento financeiro evidenciado nos relatorios presentes á Conferencia de Bruxelas, junta-se a intensificação dos movimentos de revolta operaria a bandeira negro rubra de apoio á agitação separatista, e tambem, o que é muito mais grave, a guerra civil ateada na Irlanda onde o cadaver de Mac Swiney dorme vel Republica, ainda não reconhecida, mas já proclamada de facto, li vremente tremula nas varandas dos edificios do Dublin e sobre o feretro onde o cadaver de Mc Swiney dorme o seu ultimo sono.

A população irlandeza, muito mais numerosa nos Estados Unidos da America do Norte do que na ilha d'onde é originaria, dispondo da sua imensa influencia tanto no mundo do trabalho como no das finanças, procura por todos os meios resguir a intervenção americana que não estará muito longe de se fazer sentir oficialmente sob pretextos varios de humanitarismo com que os interesses mais inconfessaveis costumam ás vezes acobertar-se.

Nem por isso, porém, se poderá afirmar que as possiveis complicações com as ilhas do Nipon para a disputa da hegemonia do Pacifico arredarão a terivel hipotese d'essa complicadissima intervenção. A vitoria eleitoral de Harding contra Cox já foi um prenuncio favoravel á politica ingleza.

Arredada, porem, a hipotese altas viavel da America vir a envolver-se no conflito, ainda subsistirá egualmente o tremendo perigo de se desmanchar a unidade politica da Gran Bretanha, porquanto a questão irlandeza, exteriorisada sob o aspecto patriotico, mal disfarça seu «leit motiv» que é socialmente religioso, e como tal perigosissimo e porventura irredutivel em virtude do fanatismo que o acompanha.

Tambem o problema russo n'este momento desperta um interesse desusado, não tanto pelos incidentes sangrentos surpresas do conflito com a Polonia, ...nem pelos acasos da luta com as forças do general Wrangel em operação na Crimeia e na Ucrania do sul, já com poder ofensivo relativamente reduzido e incapaz de um triunfo decisivo, como pela influencia que deverá ter no futuro equilibrio politico, economico e financeiro a possivel derrota ou a vitoria definitiva do bolchevismo, que o mesmo é que a vitoria da Republica dos Soviets presidida por Lenine.

E' de notar que na Russia misteriosa, á primeira revolução, erradamente promovida e fomentada pelos aliados de então para impedir uma paz em separado, mas que só conduziu a uma inesperada ditadura do proletariado para a consolidação do regimen comunista, sucedeu-se um «travesti» de revolução sociocratica com que d'esta vez se estabeleceu uma ditadura sobre ou contra o proletariado.

Em verdade, o «mujik», vencedor na primeira, tornou-se o vencido na segunda, sendo de prever que d'esse grandioso movimento social que assombrou o mundo só venha a resultar praticamente a já operada socialisação das terras e a fragmentação já delineada, do grande Imperio de Ivan em estados de menor extensão, mas por isso mesmo muito mais abertos ao progresso.

Por ultimo, e em concomitancia, a perturbada orientação do proletariado mundial, determinada pelos exageros do Comenismo Slavo, veiu ameaçar de fragmentação os diversos Partidos Nacionaes. Se atentas pelo antagonismo de duas Internacionaes, a preexistente, preconisadora de metodos exageradamente conservadores, e a moderna, vulgarmente apelidada Internacional de Moscou, com as suas 21 clausulas que traduzem uma intransigencia e uma irredutibilidade pouco adaptaveis ao meio actual.

A conhecida e já aprovada proposta Grimm procura os termos de conciliação, apresentando já para 27 e 28 do corrente uma conferencia internacional em Berne, como preparação para um proximo Congresso que nos principios de 1921 centamente porá frente a todas as divergencias.

Evidentemente tudo prenuncia um periodo de pacificação que permita regularisar e deparar a situação economica e financeira do mundo.

Ladislau Batalha.

Pobres de "A Capital"

Do anonimo M. C. recebemos para os pobres nossos protegidos a quantia de 1$00.

Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos.

Diferenças...

Na Espanha tem havido nos ultimos dias, principalmente em Barcelona e Salamanca, forte agitação revolucionaria e disturbios varios. Se usassemos da mesma logica dos nossos visinhos espanhoes e dos monarquicos portuguezes, teriamos de concluir que a monarquia é um regimen de anarquia.

Mas nós usamos de processos diferentes.

POLITICA

Na Camara dos Deputados

Eram 14,25 quando o sr. Mesquita de Carvalho ocupou hoje a cadeira presidencial na Camara dos Deputados. Na sala 12 legisladores, que formam grupo e cavaqueiam com animação. Galerias desertas, o mesmo sucedendo na sala dos Passos Perdidos, onde se não vê nem viv'alma.

A breve trecho as campainhas retinam sonoramente chamando os legisladores que só tarde e a más horas, conforme a praxe portugueza, aparecem. Na chamada feita rapidamente gastam-se uns 10 minutos, ou seja o tempo suficiente para mencionar os nomes dos 12 deputados presentes. Espera-se, pois, conforme uso parlamentar, o tempo necessario para que haja numero, o que só se consegue ás 14,45, anunciando o presidente estarem presentes 35 deputados, pelo que se passa á leitura da acta.

Dos retardatarios fazem parte o sr. Antonio Maria da Silva, que mal aparece é logo rodeado pelos seus amigos deputados e senadores que se juntam em volta da sua carteira.

A certa altura entra radiante, sempre contente, e dispensando sorrisos para a direita e para a esquerda, assim como para a tribuna da imprensa, o deputado socialista sr. Costa Junior, que sobraça um verdadeiro montão de papelada. Vem satisfeito o dr. Costa Junior, porque, segundo diz, vae dar um cheque no presidente do ministerio. E o deputado socialista, depois de pôr em ordem na sua carteira a papelada que o acompanha, passa a ler uma carta da firma V. L. Riciardi, comissario de cereaes, com escritorio na rua da Prata, 34, 2.º, esquerdo, participando que em 9 de outubro ultimo apresentou nas repartições competentes duas propostas para fornecimento ao Estado de 60.000 toneladas de trigo, sobre as quaes não foi tomada qualquer decisão.

Em 4 do corrente ainda o signatario mandou entregar uma proposta para o fornecimento de trigo exotico, tendo o chefe do Governo marcado uma entrevista para o dia 5, que até hoje se não realisou por o chefe do Governo não ter podido receber o proponente.

Lê-se o expediente, entre o qual figura uma carta em que o sr. dr. Hermano de Medeiros chama a atenção da Camara para um esclarecimentos insertos num jornal da manhã de hoje, como que em resposta a uma entrevista que o jornal em questão hontem publicou com o mesmo deputado sobre os casos ocorridos no Hospital Escola de Santa Marta e que são do conhecimento publico.

Com 46 presenças, entra-se no «antes da ordem» ás 15. 20, sendo dada a palavra ao sr. Antonio Francisco Pereira, que se refere a varios casos passados em Lourenço Marques em fins de agosto e principios de setembro, insurgindo-se contra o facto de 15 operarios presos por causa da gréve ferro-viaria terem sido deportados pelo respectivo governador, sr. Sant'Ana Cabrital Protesta contra tal facto e pergunta se naquela provincia podia ter-se realisado uma eleição de deputado com as garantias suspensas, eleição que, segundo consta, decorreu irregularmente.

O sr. ministro das colonias declara que de pronto não pode responder com segurança aos casos apontados pelo orador. Apenas pode dizer que ao governador foram dadas ordens no sentido de conjurar uma gréve revolucionaria que tinha rebentado em Lourenço Marques. Não sabendo se o governador exagerou do seu mandato, cumpre-lhe esclarecer que ele, não tendo poderes para deportar, os tem para transferir funcionarios dentro da provincia. Quanto á eleição, a comissão de verificação de poderes se pronunciará sobre ela, sendo depois facultativo ao deputado reclamante o pronunciar-se tambem sobre a questão. Todavia, informar-se-ha no tocante aos castigos referidos.

O sr. Antonio Francisco Pereira diz que, por noticias particulares, sabe que houve deportação, acrescentando que o caracter revolucionario da gréve pouco durou.

O sr. ministro do comercio solicita que se discuta com a possivel brevidade o projecto de reforma dos serviços de exploração da frota mercante do Estado. Justificando o seu pedido, expõe algumas das razões pelas quais essa reforma se impõe com urgencia.

O sr. João Camoezas alude aos boatos correntes a proposito de fornecimentos aos T. M. E., e pede que sobre eles se faça toda a luz.

O sr. ministro do comercio mandou proceder ás necessarias investigações, afirmando que tem diligenciado sanear os serviços publicos a seu cargo. Acrescenta que já nomeou uma comissão de inquerito á administração dos T. M. E., que, assim o entende, deixa muito a desejar. Ainda expõe algumas dificuldades com que tem deparado para arranjar um juiz sindicante e ás outras explicações, dizendo que os boatos de irregularidades teem origem no facto de não estar a escrita em ordem.

A's 16,20, estando 69 deputados presentes, nota-se a acta e entra-se na ordem do dia, usando da palavra o sr. Cunha Leal sobre os contractos dos trigos e do carvão.

Principia por analisar os discursos proferidos pelos srs. presidente do ministerio e ministro das finanças, considerando-os de nenhuma valia.

Sob o ponto de vista financeiro, nota que a nossa situação é a de andarmos ás apalpadelas em procura de emprestimos externos.

Como um dos pontos essenciaes da questão apresentará este: Teria o governo autorisação para formular os contractos em debate? Mas em caso afirmativo essas negociações resultariam, a subsistir, grandes prejuizos para o Estado á medida que baixariam os cambios. Acrescenta que os governos facilmente se deixam iludibriar.

* *

Como esclarecimento á proposta Riciardi, informam-nos que era para o fornecimento de 50.000 toneladas de trigo e que esse negocio se dizia apoiado por entidades financeiras que oportunamente tornaria conhecidas.

Como quer que o governo respondesse aceitar a proposta, pediu o prazo de 30 dias para consultar essas entidades.

No Senado

A's 15,15 o sr. presidente declara aberta a sessão com 22 legisladores. Ocupam os seus «fauteuils» os srs. ministro das finanças, instrução, trabalho e colonias.

Aprova-se a acta e lê-se o expediente—tarefa em que são empregados os esforços dos secretarios srs. Paes de Almeida e Pereira Gil. Não ha numero, como de costume. O sr. Correia Barreto, com uma paciencia evangelica, espera uma longuissima hora—a anacronica meia hora regimental. Entretanto chega o sr. ministro da guerra. Conversa-se... São 16 horas. Entra no hemiciclo o sr. ministro do interior.

O sr. presidente apezar de estar fora das determinações do regimento, ainda acalenta esperanças de os trabalhos continuarem. Por fim, desanima e manda proceder á segunda chamada.

Finalmente verifica-se que ainda faltam 2 senadores para a sessão continuar. E, assim, o sr. Correia Barreto encerra a sessão, marcando a proxima para amanhã, á hora regimental.

Fé republicana

Não constitue a fé republicana apanagio de alguns privilegiados. Póde manifestar-se n'uns mais ardorosa, n'outros mais fria e tranquila, mas nem porisso deixam de ser uns e outros bons e sinceros republicanos. O modo de a manifestar depende do temperamento de cada um.

E', pois, um erro imaginar que as pessoas que se não embarcam connosco no mesmo entusiasmo que sentimos e alardeamos, não professem ideias republicanas.

O sr. governador civil não precisa de atestados civicos de sincero republicanismo. Tem a sua ainda curta, mas brilhante vida, já cheia de acções de dedicação pela Patria e pelo regimen que lhe dizem melhor que todos os atestados que lhe pudessem passar.

Nada, portanto, de equivocos que possam dar origem a maus propositos.

O sr. governador civil tem que desempenhar o seu cargo, o que lhe tem por vezes exigencias que podem não parecer duras, mas que é necessario satisfazer.

Para bem da Republica.

Caso esclarecido

O da mobilia que se dizia pertencer ao actor Augusto Rosa

Noticiou um jornal da manhã que a policia tinha apreendido uma rica mobilia e grande numero de espadas em casa do 1.º sargento da armada sr. Joaquim Pedrosa, na calçada de Sant'Ana. Dizia-se ainda que essa mobilia pertencia ao falecido actor Augusto Rosa.

Segundo as nossas informações, a mobilia e as espadas pertencem ao actor Almeida Cruz, actualmente no Brazil, o qual deixou seu fiel depositario o sr. Pedrosa, tendo a entrega sido feita perante os srs. Luiz Galhardo, alferes Bensabat e Rodrigues Laranjeira. Os dois ultimos estiveram prestando declarações no governo civil ao chefe Martinheira, averiguando-se assim não haver nada de misterioso no caso.

Trata-se de uma denuncia falsa feita á policia por uma visinha do primeiro andar onde reside o sr. Pedrosa, provando-se tambem que este é honestissimo e um devotado republicano.

A assinatura do armisticio

Na quinta-feira, dia em que se comemora o 50.º aniversario da proclamação da Republica e a assinatura do armisticio, haverá recepção na Legação de França, das 16 1|2 ás 18 1|2 horas.

Instrução secundaria

Se quizessemos dar-nos ao trabalho de anotar dia a dia todas as anomalias, todos os casos pitorescos, todas as provas de incapacidade na execução da organisação alemã que vigora nos institutos de instrução secundaria, e ha 25 anos estraga o cerebro das gerações sujeitas áquele doloroso torniquete, nunca se nos esgotaria o assunto, tão vasto é o campo onde poderiamos colher episodios picarescos que só por si bastariam para condenar toda a organisação de ensino adotada. Desde os programas oficiaes até aos processos usados pelos professores, inteiramente diferentes uns dos outros, porque obedecem apenas ao criterio pessoal de cada um deles, nada de util se aproveita n'aquela malfadada organisação, em torno da qual, todavia, se criaram interesses importantes que agora fazem parêde, opondo-se a que se bala n'aquele monstro de atrofia cerebral da juventude, sacrificando esta e o futuro da nação.

Já alguem reparou em que, desde que vigora esta organisação de ensino secundario, nunca mais correu fama da superior inteligencia revelada por um ou outro estudante nas escolas superiores, como antigamente sucedia, citando-se, por exemplo, Silva Cordeiro, Duarte Leite, João Arroyo, Carlos Valbom, Eduardo de Abreu, Cunha e Costa?

Agora os rapazes chegam ás universidades já cançados do violento esforço cerebral provocado por uma organisação de ensino secundario inadatavel ao nosso temperamento.

E se falassemos dos compendios adoptados seria um rosario infindavel de baboseiras com que os pobres rapazes atormentam o pobre cerebro esgotado. Um caso citado num dos ultimos dias por um jornal da tarde, basta, entre muitos, para servir de exemplo. O compendio de geografia de Raposo Botelho, edição de 1915, diz ácerca de Portugal estas coisas fantasticas: «Que a organização politica em Portugal é regulada pela carta constitucional; que a forma de governo é a monarquia constitucional e que é o rei quem nomeia os ministros; que ha duas camaras, uma dos pares do reino e outra dos deputados da nação; que ha em Lisboa um tribunal de contas; que ha juntas de paroquia; que a religião do Estado é a catolica, apostolica, romana; que ha ministerio da fazenda e repartição de fazenda, etc.».

Por aqui se pode avaliar como se ministra a instrução secundaria nos liceus do paiz. E se aquele compendio diz aquelas asneiras todas ácerca de Portugal, o que não dirá ácerca dos outros paizes?

Temos esperança, porém, de que o sr. dr. Julio Dantas dará remédio a tão fantasticos desassertos, se a politica lhe der tempo para produzir obra util.

A baixela Germain

Sempre que, desde o advento da Republica, tem servido em jantares de gala a celebre baixela Germain, não falta um admirador e cultor da Arte, zelador das riquezas artisticas nacionais a derramar sentidas lagrimas sobre o uso imoderado que se fez daquela baixela. Desta vez assim sucedeu apoz o uso que dela se fez no jantar em honra dos Reis da Belgica. De novo aparecea a pretenção antiga de recolher a u las preciosidades artisticas no Museu de Arte Nacional para nunca mais servirem e de novo apareceu a insinuação de que, sempre que tem servido depois de implantada a Republica, desaparecera uma ou outra peça valiosissima.

Concordando em que a riquissima e artistica baixela deve ser tratada com todo o carinho e cautelas, não vemos grande necessidade em encafuar no Museu de Arte Nacional para nunca mais servir. Que sejfaça dela moderado uso, que se reserve apenas, por exemplo, para os festins em honra de Chefes de Estado estrangeiros, plenamente de acordo, mas deixar de a usar, nunca mais a apresentar em qualquer banquete de grande honraria, isso é levar longe de mais o escrupulo artistico, em nome de hipoteses que, se se quizer, facil é evitar. Nada impede que todas as vezes que essa baixela servir, nem tantas elas são, seja contratada a sua limpeza com gente competente sob a vigilancia e responsabilidade de pessoas de confiança.

O artigo é do «Diario de Noticias» e facil é descobrir o seu autor.

O sr. dr. José de Figueiredo ha muito tempo que insiste pela entrada da referida baixela no Museu de Arte Nacional e mais duma vez tem lamentado os atropelos de que ela tem sido objecto.

Chamá o governo esse critico de Arte para que ele aponte todos os estragos, todos os roubos, que a baixela tem sofrido.

Mas não ha consideração que deve impedir que ela continue a servir, como acima dizemos, nos festins em honra de Chefes de Estado estrangeiros que nos deem a honra da sua visita.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

Como dissemos já, em dezembro será inaugurada a segunda temporada de opera lirica no teatro de S. Carlos. Além da notavel artista Catalã Barrientos, a empreza tem contratadas para a proxima opoca as duas brilhantes interpretes da «Norma», de Bellini, o soprano Anerighi e o meio soprano Anitria, hoje considerados lá fora como os melhores interpretes desta opera. A assinatura deve abrir no fim da proxima semana ou principio da seguinte, tendo preferencia em primeiro lugar os accionistas que foram assinantes, em segundo os novos accionistas e em terceiro os assinantes da epoca passada, que não sejam accionistas.

— Promete revestir extraordinario brilho a recita que no Apolo se realiza no dia 12 em festa dos pontos Jorge Ferreira e João dos Santos. Além da representação d'um quadro d'uma revista de grande sucesso, contam os promotores com o concurso da distinta actriz Adelina Fernandes, dos actores Erico Braga, João Silva e Luis Bravo, recentemente chegado do Brazil, e do cavaleiro tauromaquico Justiniano Gouveia, que obsequiosamente desempenhará um papel expressamente escrito para elle. Penha Coutinho escreveu versos para esta noite e por toda a companhia será cantado, pela 2.ª vez em Portugal, o hino do «Avoré», composição de Nascimento Fernandes, regido pelo autor.

Reclames

Numa das suas recitas de despedidas, ainda hoje se repete no Nacional a peça «Os lobos», que tão grande exito continua obtendo, atraindo farta concorrencia ao elegante teatro.

Sexta-feira proxima teremos, ali, a novidade da estreia da peça norueguesa «Leonarda», cujos ensaios vão bastantes adeantados, e que será apresentada com todo o brilhantismo que requer, preenchendo essa «première» a 2.ª recita d'assinatura.

— Os «Irmãos unidos», a graciosa peça do Ginasio, continua batendo, vitoriosamente, o «record» do exito. Ainda hontem, ao elegante teatro, deu uma nova enchente, e hoje, que se repete, voltará a suceder o mesmo, visto que não falta quem queira passar uma noite divertida.

— Todas as pessoas de fino gosto literario devem ir ao Politeama admirar o soberbo trabalho de Aura e Adelina Abranches na celebre peça «Grande amor», que hoje completa 27 representações.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «Os Lobos».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Cliá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Quem alvitra? Quem reclama?

Funcionario preso arbitrariamente

O sr. Marcolino Almeida Campos, 3.º oficial do ministerio da agricultura, quando ha dias se dirigia para a sua residencia, n'uma quinta dos Olivaes, encontrou uma carroça carregada de pão. Interrogou o carroceiro, o qual lhe respondeu desabridamente.

Invocando a sua qualidade, o sr. Campos disse-lhe que apreendia o pão, declarando então o carroceiro que o pão era para a guarda fiscal, o que se verificou ser verdade.

Mas um fiscal das subsistencias, o sr. José Braz Fontes, é que entendeu que devia mandar prender o sr. Campos e assim se fez, arbitrariamente, tendo de intervir o proprio ministro da agricultura para ele ser solto.

Eis a queixa que o funcionario vitima de tal arbitrariedade nos veiu fazer, pedindo para o caso providencias, pois que se não compreende que assim se possa proceder com quem estava, afinal, no exercicio das suas funções.

Ecos & Noticias

DIPLOMATAS

Pelo paquete «Samara», partiu para França, em gozo de licença, o tenente coronel sr. Bernard, adido militar junto da Legação daquele paiz.

ULTIMA HORA

Ordem publica

Foi preso Dario Gonçalves da Cunha Moreira, morador na rua Correia Teles, 14, por estar em companhia de outros individuos, que se despediram, na rua Ferreira Borges fazendo propaganda integralista e sidonista.

Na condução para o esquadra pôz-se em fuga refugiando-se na farmacia Pinheiro, na rua de Campo de Ourique, de onde tentou sair por uma das portas posteriores.

Recolheram á cadeia do Limoeiro Luiz Chaves, Norberto Guimarães e Sá Carneiro, que ficaram á disposição do comando da 1.ª divisão militar, acusados de serem os principaes dirigentes do «complot» integralista.

Pão escondido

Assalto a uma padaria

José Caldeira, caixeiro da padaria na rua dos Luziadas, 97, foi preso por ter escondido no sagúão 52 quilos de pão de segunda qualidade pão que foi vendido depois ao public.

Diversos individuos assaltaram a padaria da rua do Sol ao Rato, 61, d'onde levaram pão na importancia de 25 escudos.

Noticias da Capital

Proezas da gatunagem:—Foram presos: Manuel Luiz, sem residencia, por ter furtado ferramentas no valor de 70 escudos a Alfredo de Cavalhor, Vila Maria; Henrique Marques junior, Avenida 5 de Outubro M. L. B., por juntamente com outros individuos tentarem arrombar a porta do escriptorio de Comissões e de Francisco Pedro Feno, rua do Corpo Santo, 16, 2.º o que não conseguiram por terem sido pressentidos; Amelia Eufemia, sem residencia que foi apanhada em flagrante, na praça do Comercio a meter as mãos nas algibeiras dos transeuntes.

—Queixaram-se á policia: José Loureço Gonçalves, rua da Reguira, 15, 4.º, de que vivendo com Beatriz Vieira, beco do Medio, 4, 3.º e fortou durante a sua ausencia uma corrente e o malfeitor de ouro e no mez de outubro findo lhe levara de casa toda a mobilia no valor de 1.000 escudos; Antonio Esteves, rua Saraiva de Carvalho, 146, de que Eduardo dos Santos, vila Santos, 7, lhe subtrairam uma capa alemtejana no valor de 100 escudos; Elvira da Silva, rua Jasepha d'Obidos, 2, 3.º de que por meio de chave falsa se furtaram roupas e outros objectos no valor de 1.000 escudos; José Inacio, rua Saraiva Lima, de que pelo processo do «conto do vigario» foi burlado em 25 escudos e n'um relogio e corrente de prata; Francisco Dias Ferreira, Calçada dos Cesteiros, 11, 2.º de que na praça de D. Pedro lhe furtaram a corrente de ouro, um relogio d'aço e a carteira com 114 escudos; Antonio Fanja Brabosa, Poço do Borratem, 33, 2.º de que lhe subtrairam a carteira com 240 escudos.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Para evitar qualquer facto anormal, foi hoje reforçada a força que está na estação do Rocio.

A receber, compareceram na tesouraria da Companhia varios operarios.

O comboio do Porto chegou a Lisboa hoje ás 5 horas, portanto com um atrazo de 11 horas.

Ao quilometro 18,800 da Louzã a Oeste, foi hoje encontrada a cunha ali colocada hontem, no intuito de fazer descarrilar um comboio. A cunha, que é de aço, tem o peso de 3 quilos.

No Sul e Sueste

O serviço de passageiros e bagagens decorreu hoje sem nenhuma nota dizendante.

Apresentaram-se na estação do Barreiro os empregados José Gomes e Armando Gonçalves de Lima e na direcção José Leal Junior, mecanico principal dos telegrafos, que na ocasião da declaração da greve estava doente.

Acompanhados por uma escolta, vieram do Barreiro trez ferro-viarios que foram enviados pela direcção dos Caminhos de Ferro, onde lhes seria dado o devido destino.

Vieram tambem para Lisboa tres bombas encontradas junto da estação do Lavradio apoz o ultimo atentado que ali se deu, no sabado contra um comboio.

As praças da guarda republicana de serviço na linha, quando do atentado, ainda perseguiram um dos seus auctores mas não conseguiram prendel-o.

Para Setubal, pela manutenção militar, foram hoje enviados 20.000 pães para a população e 3.250 para a guarnição. Tambem para o Barreiro foram remetidos 10.000 para a população 300 para a força ali em serviço.

O principe de Monaco

Após o almoço realisado a bordo do cruzador *Vasco da Gama*, o principe de Monaco, acompanhado por varias pessoas embarcou no *Giralda*.

Acompanhado pelo cruzador até á barra, o *Giralda* saiu do Tejo ás 16,30.

Governador civil de Lisboa

Pelo sr. Governador Civil fomos informados que a noticia publicada num jornal da manhã, com referencia á proibição de qualquer reunião a realisar-se no Largo do Intendente não tem fundamento.

Não é tambem verdadeiro o sr. Leão Portela ter recebido algum emissario a pedir-lhe autorisação para se efectuar qualquer reunião, pois que aquele senhor, durante o dia de hontem e parte da noute não esteve no seu gabinete.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 7—Garcia Kohly, ministro de Cuba em Madrid, sofreu uma operação cirurgica, sendo o seu estado satisfatorio.—(Americana).

PORT-AU-PRINCE, 7. — Foi concluido com os Estados-Unidos um emprestimo de 15 milhões do dollars. — (Americana).

LIMA, 7 —Agravou-se o estado de Seans, ministro da Bolivia, vitima do acidente de automovel que noticiámos.—(Americana).

MONTEVIDEU, 7 — O paquete «Almanzorra» ancorou em Punta Brava, devido ao mau tempo. — (Americana).

MONTEVIDEU, 7 — As autoridades opozeram-se ao embarque de mil toneladas de combustiveis, — (Americana).

LA PAZ, 7—Renovou-se o atentado contra o jornal «El Diario, a pretexto de haver motivo de queixa contra os directores. Foram quebrados os vidros. A policia prendeu os energumenos.—(Americana).

SANTIAGO, 7—O Chile reconheceu o novo governo mexicano. — (Americana).

QUITO, 7—A camara do comercio de Guayaquil tomou medidas para facilitar a tarefa da missão que aqui vem proximamente. Prepara-lhe um soberbo acolhimento. — (Americana).

RIO DE JANEIRO, 7 —Morreu o barão Dr. Pedro Afonso. — (Americana).

SANTOS, 7 — Cotação do café: typo 4, 11$325 réis os 10 kilos; typo 7, 8$600 réis. Vendidas 36.000 sacas, sendo o stock de 2.145.566. — (Americana).

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente está aberta a inscrição para admissão de pessoal de comboios, nos termos seguintes:

Condutores, ordenado minimo, 66$00; subvenção, 45$00. Total, 111$00.

Guarda-freios, ordenado minimo, 45$00 subvenção, 45$00. Total, 90$00.

Alem destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de percurso e deslocações em harmonia com os respectivos regulamentos e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar: em Lisboa, na Inspecção do pessoal de trens, em Santa Apolonia. No Entroncamento, na sede da Inspecção principal da exploração e em Coimbra, na sede da Inspecção principal da exploração.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta dirigida ao engenheiro chefe da exploração, na estação de Santa Apolonia.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

NA CRIMÉA

Os exercitos vermelhos contra Wrangel

A nova ofensiva, após o armisticio com a Polonia

Eis como o correspondente especial do *Matin* em Sebastopol descreve a nova ofensiva que se desenha na Criméa:

«O armisticio assinado pelos polacos e a paz iminente que d'ai vae derivar—seja qual fôr a sua pouca ou muita duração—criam uma situação nova o arriscam-se a pôr em situação dificil as tropas do general Wrangel, se este não conseguir rapidamente compensar a defecção polaca com outro qualquer concurso.

Disse-se que as tropas bolchevistas talvez mostrem menos encarniçamento no combater os seus compatriotas que o inimigo polaco.

Seja! Mas para isso seria preciso que soubessem que mudaram de adversario; ora, a maior parte dos soldados vermelhos ignoram absolutamente não só o motivo, mas ainda contra quem se batem. Tomo por testemunha a surpreza geral dos feridos feitos prisioneiros e que dizem nas ambulancias:

—O que! toda a gente fala aqui o russo? Fomos prisioneiros na Alemanha e lá falava o russo. Mas aqui, quasi todos falam o russo, porque é que estamos prisioneiros?

Admitindo—o que eu concedo de bom grado—que a maior parte dos guerreiros sovieticos sejam duma qualidade bastante inferior, batem-se sem nenhum entusiasmo e estão desmoralisados pelos ultimos revezes sofridos no «front» polaco, assim como prova a ordem numero 89 recentemente encontrada num soldado bolchevista: «Em vista dos ultimos acontecimentos nos «fronts» os comandantes e comissarios do exercito vermelho dão prova dum grande cansaço e dum abatimento...» não devemos esquecer que a Russia é um inexgotavel reservatorio de homens, e que se o «mujik» vae para a linha de fogo sem convicção, os batalhões chinezes e celtas metem-nos em um quadro, encorajam-nos com as metralhadoras e castigam com um rigor implacavel, qualquer insubordinação ou fraqueza.

Esses batalhões celtas merecem especial menção, e o seu numero poderia fazer supor que a Setema inteira está ao serviço de Moscou.

Não é nada do que se julga: sob o nome de letões estão englobados todos os estrangeiros, alemães ou hungaros que, ou por interesse, mais são generosamente pagos ou por convicção, são irreductiveis inimigos da sociedade e servem a causa dos «soviets».

Esses batem-se com muita coragem e constituem a «élite» das tropas vermelhas.

Mas, precisamente por causa da sua disposição envolvente, esses batalhões são sempre bem disseminados.

Por outro lado, sabe-se perfeitamente que os bolchevistas, por ocasião da retirada no «front» polaco abandonaram importante material de guerra; mas tampem nos devemos lembrar que eles tomaram bastantes munições quando da sua ofensiva, o que compensa provavelmente o que perderam.

Alem disso, uma ativa propaganda de armas se anima incessantemente. Portanto, apezar da falta de meios de transportes, pode prever-se que daqui a algumas semanas as forças de que poderão dispôr os chefes bolchevistas, operando contra o exercito do sul da Russia, serão consideravelmente reforçadas em homens e em canhões.

Por umas informações de ultima hora, algumas unidades provenientes da Polonia foram já notadas no «front» Wrangel.

O que se lhe poderá opor?

A Ukrania parece querer continuar a luta, e anuncia a mobilisação de varias classes, que vão engrossar o pequeno exercito do general Pavlenko. O aldeão ukraniano Makno mantem a campanha com os seus partidarios, a N. E. de Ekaterinoslav, e anuncia que tomou canhões e prisioneiros. Mas tambem parece que esses pequenos bandos dalgumas centenas de homens, que se designam pelo nome generico de Makno, embora ele não comande realmente mais que dois ou tres, não teem ligação entre si e que não se coligam senão para «dar um golpe».

Devemos acreditar naqueles que só vêem nestes insurrectos uns gatunos vulgares que só atacam as cidades para as saquear?

Seja como fôr, por emquanto combatem os bolchevistas e já é alguma coisa.

Numa palavra, conhecem-se todos os esforços de Wrangel para arrastar os cossacos do Don, do Kuban, do Terek e de Astrakan.»

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00 subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de percurso, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3691 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 9 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

Mais uma crise?

Novamente correm boatos de iminente crise ministerial, — esses eternos boatos que na realidade tornaram cronica a velha crise da governação publica em Portugal.

Diz-se que o sr. ministro das finanças vae sahir do governo, e acrescenta-se que não se resolverá o caso com uma simples recomposição ministerial. Não! A crise do governo será total, e não só terá que ser resolvida no sentido das competencias, como no das combinações politicas que permitam o apoio duma maioria parlamentar.

Quer dizer: vamos mais uma vez assistir ao espectaculo, por tantos titulos deploravel d'uma crise arrastando-se por longos dias, indicando-se hoje o predominio duma corrente, apontando-se amanhã a doutra, nomeando-se hoje diversos futuros ministros como sendo aquelles que melhor poderão desempenhar os seus cargos para amanhã esses nomes serem substituidos por outros e assim sucessivamente, de forma que por fim, a solução da crise constitue quasi sempre uma surpresa ou uma decepção.

Cae agora o governo? Não nos parece dificil derrubar um governo e a prova está nessas dezenas de ministerios que desde o advento da Republica, como de resto já succedia na decadencia monarquica, teem perpassado diante dos nossos olhos não deixando nada feito, ou porque o não souberam fazer, ou porque não os deixaram fazer.

Porque a verdade é esta: ainda que os governos fossem compostos dos melhores estadistas do mundo, desde que se lhes não dá tempo para estudar as questões e resolvel-as, todos eles necessariamente haviam de dar a impressão de incompetencia e de esterilidade.

Deitar abaixo um governo é facil: o que é preciso é saber substituil-o convenientemente, e nós o que temos visto é que essas substituições são morosas e quasi sempre infelizes.

O gabinete Antonio Granjo pode cair hoje ou amanhã no parlamento, em virtude duma votação em que fique vencido por meia duzia de votos; mas é licito perguntar se na atual dispersão de forças politicas nas camaras se pode ter a certeza de que a resolução parlamentar corresponde ao sentimento do paiz.

O parlamento mostrará que não tem confiança no governo. Pode, porem, afirmar-se, com plena convicção, que o paiz tenha confiança no parlamento?

Dividem-se hoje muitos parlamentares por partidos pelos quaes não foram eleitos. Já depois de o parlamento funcionar formaram-se dois novos partidos: o Popular e o Reconstituinte. O partido que tinha a maioria encontra-se largamente mutilado. Desapareceram dois partidos que tinham importante representação no parlamento: o Unionista e o Evolucionista, que se fundiram sob a denominação comum de Liberal. Como foi consultado o eleitorado sobre estas modificações? De maneira alguma.

N'estas condições, chega-se á conclusão de que se ha uma crise governativa ha tambem uma crise parlamentar, e não é facil a ninguem saber até que ponto podem ser legitimas as resoluções tomadas em determinados assuntos de que dependem os destinos da nação.

Seja como fôr, uma situação se define, e essa situação é a da instabilidade ministerial cronica, essa instabilidade que é para o paiz a principal razão do seu desanimo e para o estrangeiro o principal motivo do nosso descredito.

Não somos só nós que sofremos sobresaltos e convulsões. Lá fóra esses sobresaltos e essas convulsões são ainda mais graves. Mas lá fóra ha governos. Não se muda de ministerios de oito em oito dias dando a impressão da anarquia no poder. Ha uma luta travada? A sociedade sabe que tem quem a defenda, o que não sucede onde não se veja nunca um governo empenhado n'uma ação que tinha a necessaria sequencia.

São estas observações que os boatos da crise nos sugerem. Não vemos n'eles senão sintomas cada vez mais graves da fraqueza e ilogismo que se não coadunam com as imperativas necessidades do momento.

Uma pendencia

Na noticia que ante-hontem transcrevemos da «Batalha», subordinada a este titulo, poderia alguem ver que tinhamos o intuito de menoscabar a reputação da sr.ª D. Maria Arade. Terminante e claramente nos apressamos a declarar que tal não foi, nem podia ser a nossa intenção, pois que muito prezamos essa distinta senhora.

E ficam assim cortadas cerce quaesquer suposições malevolas que a tal respeito se pudessem fazer.

Dr. Lambertini Pinto

A ocupar o seu posto de nosso ministro em Berlim, seguiu, acompanhado de sua esposa, o nosso querido amigo sr. dr. Lambertini Pinto, que teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida.

Ao ilustre diplomata os nossos agradecimentos e os desejos d'uma feliz viagem.

Mutilados da Guerra

Esclarecimentos indispensaveis

Meu presado amigo e sr. director d'«A Capital» — A proposito de duas cartas que recebi de dois mutilados, em que se fazem referencias a uns projectos de lei ultimamente publicados, certo de continuar a ter no seu jornal aquele acolhimento que sempre ahi encontrei, venho rogar a publicação de uns esclarecimentos que julgo convenientes.

No seu jornal, creio eu, o meu colega dr. Costa Ferreira publicou ha tempos qualquer artigo em que fala de acidentes de trabalho e mutilados. Não li, nem sei nada mais a tal respeito senão o que se pode depreender do que corre entre os mutilados.

Que as suas pensões seriam reguladas pela lei dos acidentes de trabalho!

Quem não conhece a historia do preto que foi mandado comprar unguento de basalicão e que para não se esquecer do nome o repetia todo o caminho?

Pois foi o que sucedeu.

Como ja disse, não li o artigo nem falei com o sr. dr. Costa Ferreira, mas o que ele dizia é que na Alemanha a questão das pensões aos mutilados da guerra não atingiu a legislação nova, porque lhes foi aplicado o disposto para os acidentes de trabalho. Consideram o desastre de guerra como um acidente de vida militar, e o ser militar uma profissão.

Mas isso foi lá na Alemanha, onde já quando rebentou a guerra havia 59 Institutos de Reeducação para os acidentes de trabalho.

Por isso a obra de reeducação dos mutilados de guerra não foi mais do que uma intensificação de serviço.

Nós regulámo-nos pelos aliados, fizemos alguma coisa de novo em materia legislativa e só resta que o parlamento considere questão urgente para ser discutido e votado o projecto que foi elaborado por uma comissão especial e apresentado pelo ministro sr. coronel João Aguas.

Abre-se o parlamento, fecha-se o parlamento, reabre-se o parlamento, mas a lei sobre pensões e reformas continua a não ser urgente e os mutilados que vivam com os 35 centavos diarios com que são reformados.

E a vida a encarecer...

Talvez que se espere ver até onde isto chega para então se estabelecer a pensão conveniente aos que tenham conseguido ainda viver.

O assunto da outra carta:

Andam aterrados os mutilados com a idéa de serem transferidos para o Hospital Militar da Estrela.

Sem que isto seja um reclame á maneira do Candeias, ao tratamento e vida que levam em Arroios, o certo é que aí deve andar má informação, pois o Instituto de Arroios, sendo destinado á reeducação dos mutilados de guerra, continua e continuará a sua função emquanto houver mutilados que precisem utilisá-lo. E' certo que segundo as resoluções votadas no congresso interaliado de Roma, em 1919, os Institutos e Escolas de Reeducação dos Mutilados de Guerra passam a servir para os sinistrados do trabalho.

Isto fez-se já e está-se fazendo em todas as nações aliadas. Mas o que não ocorreu a ninguem foi a idéa de despejar os mutilados de guerra para meter outros aleijados e estropeados. Aos mutilados de guerra que careçam de reeducação, trabalho de oficina, etc., continua com certeza, pelo menos assim o creio, o Ministerio da Guerra a garantir a sua reeducação, emquanto fôr necessaria.

E' essa a obra do Instituto e não me consta que se pense em crear outro estabelecimento oficial para tal fim nem transferi-los para qualquer outra parte.

O numero de mutilados em tratamento e reeducação tende evidentemente a diminuir, sendo por consequencia conveniente ir desde já aproveitando a organisação existente, para outros morbidos que tambem precisem, pois além de ser obra de toda a justiça é tambem medida de economia, pois nos hospitaes, Escolas e Institutos, ha umas despezas geraes que são identicas, quer seja pequeno ou grande o numero de internados, resultando por consequencia mais economia a estada de cada um, quanto maior fôr o seu numero.

Não deixarei de dizer que estou convencido que se alguma resolução foi tomada pelas entidades oficiaes sobre o destino a dar aos mutilados, o que ainda ignoro com certeza não se limitaram só a pensar em aliviar o Estado do encargo de os aguentar mas ao mesmo tempo se cuidou de lhes facilitar praticamente a colocação de modo a terem asseguradas condições de existencia.

E' certo que a humanidade é assim constituida, e que os homens são todos os mesmos; ha de facto a temer o esquecimento dos serviços prestados, o abandono das vitimas da guerra, mas ainda é cedo para taes receios.

Por agora ainda os mutilados da guerra fazem vibrar a sentimentalidade do nosso povo e eu, apezar de esgatanhado e mordido por alguns, aqui estou a dizer-lhes que não se deixem enganar por quem os pretendo explorar, não deem credito a intrigas porque desde o mais alto magistrado da Nação, ao mais insignificante dos portuguezes, a todos, os nossos mutilados de guerra só podem merecer o respeito e simpatia, e toda a gente por eles se interessará quanto possa, não sendo justas as suspeitas de indiferenças pela sua sorte. Pode haver um pouco de demora nas soluções desejadas, mas não representa isso má vontade nem esquecimento; é que entre nós anda-se devagarinho.

O paiz é já velhinho e metido em folias de rapaz novo, contendas e lutas, retezou-se, foi á guerra, fez o que poude, cumpriu o seu dever, mas ficou como se vê.

E agora se não o deixam repousar e o não ajudam...

Dr. Tovar de Lemos

(Director do Instituto de Arroios) para Reeducação dos Mutilados da Guerra.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Como as coisas se descobrem

Não pense, leitor, pelo que eu lhe disse dos varios agentes policiais, a quem o sr. dr. Alfredo da Cunha distribuiu papeis, mais ou menos importantes, neste drama, que só os policias e agentes de categoria mais ou menos aproximada á deles é que dizem umas cousas por outras; não. Esses são desculpaveis, afinal, porque, geralmente não teem ilustração; mas outras pessoas ha que, tendo cursos superiores e querendo fazer-se passar por espiritos cultos, não são mais verdadeiras.

Lembra-se o leitor de eu lhe ter pometido ha tempo que lhe reservava uma surpreza? Pois vai te-la.

Tenha paciencia; se tem aí perto o meu livro «Doida, não!», faça favor de o abrir na pag. 110. Encontrou-a?

Então, queira ler o atestado que passaram os medicos dr. Antonio Gonçalves de Azevedo e dr. José Augusto Pinto da Silva, dizem eles que para a minha entrada, em 28 de Novembro de 1918, no Conde de Ferreira e que está datado de 26 do mesmo mez. Leia-o com atenção, leitor.

Agora queira ler o outro atestado dos mesmos médicos que está a pag. 102 que tem a data de 3 de Dezembro.

Viu que estendal de doenças de familia os dois médicos fazem nesse atestado?

Ora, diga-me então, como se compreende que, se eles já tinham na primeira data, 26 de Novembro, elementos para tornarem o primeiro atestado mais completo, o não fizessem?

E, como se compreende, tambem, que, tendo o sr. dr. Alfredo da Cunha saido de Lisboa e minha procura «sem idéa nenhuma» de me meter no Conde de Ferraira, levasse comsigo a serie de elementos que eram precisos para a passagem do meu atestado de «loucura»?

Das duas uma: ou o sr. dr. Alfredo da Cunha, saiu com o propósito firme de me meter num hospital de doidos, ou arranjou elementos depois de me internar; e, se os arranjou depois do meu internamento, como se aceita que, estando ainda o sr. dr. Alfredo da Cunha no Porto, em 1 de Dezembro de 1918, como tenho a certeza de que estava, pois que foi ao Conde de Ferreira nesse mesmo dia, pode o segundo atestado, o mais explicito, ter sido passado em 3?

Admitindo, porém, que o sr. dr. Alfredo da Cunha tivesse partido no dia 1, á noute, do Porto para Lisboa, como podia estar de volta ao Porto no dia 3, com tantos elementos para ele se passar? Como é que num dia só, que apenas podia ter sido o dia 2 de Dezembro, esse senhor poude colher os documentos que lhe permitissem afirmar que, na minha familia, se deram os casos apontados, no dito atestado de 3 de Dezembro, dos srs. drs. Antonio Gonçalves de Azevedo e José Augusto Pinto da Silva?

Se afirmou, sem documentos á vista, portanto, na, possibilidade de enganar-se, os médicos Gonçalves de Azevedo e Pinto da Silva não deviam ter passado o atestado do modo porque o passaram.

Se, ao contrario o sr. dr. Alfredo da Cunha conseguiu esses documentos, não pode tê-los conseguido num dia só, pois era completamente impossivel; e, portanto, a data ou datas dos atestados dos srs. drs. Gonçalves de Azevedo e Pinto da Silva são falsas, como tenho a convicção.

Agora queira o leitor passar á pag. 104 do meu livro e dar atenção á leitura.

Num ponto do seu depoimento, diz o sr. dr. Antonio Gonçalves de Azevedo: «O dr. Balbino Rego aludiu á opinião de outro colega de Lisboa, falando num relatorio feito por um médico daquela cidade, que o depoente não se recorda agora quem era, parecendo-lhe que ele falou no dr. Curry Cabral. Não pode, tambem, recordar-se se leu o relatorio ou se apenas ouviu a leitura dele. Ignora se o médico de Lisboa, a quem o dr. Balbino Rego aludiu, era ou não o médico assistente de D. Maria Adelaide».

Sem falar na «falta de memoria» deste médico, que nem sei como o deixou aprender alguma cousa, sendo tão esquecido e que não sei, igualmente, como lhe permitiu fixar do dia 26 de Novembro ao dia 3 de Dezembro todas as doenças da minha familia, refere-se ele ao relatorio «que leu ou ouviu ler» e que não sabe «se era ou não» do meu médico assistente, concluindo-se que foi esse relatorio que lhe serviu de base á sua opinião, acerca do meu estado mental.

O sr. dr. Antonio Gonçalves de Azevedo não sabe se era meu médico assistente o autor do relatorio mas eu sei. O relatorio a que ele se refere é do sr. dr. José da Costa Nery, meu médico assistente e que, segundo vejo a pag. 58 do livro «Infeliz» tem a data de 8 de Dezembro de 1918.

Diga-me então, leitor amigo, como é que o sr. dr. Antonio Gonçalves de Azevedo ouviu ler em 26 de Novembro ou em 3 de Dezembro de 1918 um relatorio feito em 8 deste ultimo mez? Ouviu-o ler 12 ou 5 dias antes de ter sido escrito? E' um fenomeno muito estranho, muito estranho mesmo; não lhe parece? Pois aqui tem a surpreza prometida.

E, como é que desse relatorio o sr. dr. Gonçalves de Azevedo concluiu a minha «loucura» e o sr. dr. Alfredo da Cunha não faz figurar esse relatorio, como um documento convincente, no livro «Infeliz» Ele que foi buscar documentos antiquissimos?

E, depois, porque o não espalhou, mesmo a ocultas, quando espalhou o dos tres sabios, se dele se conclue a minha loucura?

Não; ou o sr. dr. Antonio Gonçalves de Azevedo ouviu ler mal, ou não leu bem esse relatorio, ou então se enganou; e isto é que é certo, quando datou os seus atestados e poz 26 de Novembro e 3 de Dezembro, em vez de 13, pois que em 13 ou mesmo depois disso, é que eles devem ter sido passados. Em 13 de Dezembro de 1918 é que eu vi o sr. dr. Alfredo da Cunha e meu filho sairem com o sr. dr. Bahia Junior do hospital do Conde de Ferreira, evidentemente para irem procurar medicos que atestassem a minha «loucura»; pois, segundo me disse o sr. dr. Magalhães Lemos, no dia 15 do mesmo mez e ano, foi o sr. dr. Bahia que se encarregou de encontrar os colegas que precisavam; e, até esse dia, os meus atestados «ainda não tinham entrado» no Conde de Ferreira, segundo o sr dr. Magalhães Lemos me afirmou e segundo alguem que muito bem o sabia, mo garantiu.

Portanto, leitor, confirma-se o que eu sempre disse ao meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas: entrei no Conde de Ferreira sem atestados e aqueles com que depois se quiz «legalizar» a minha «ilegalissima» hospitalização, são dupla ou triplicemente falsos.

São falsos, porque atestam uma loucura que nunca existiu.

São falsos, porque os médicos não só não me viram, como nem sequer estiveram no quarto, ao lado do meu, no hotel Sul-Americano, pela simples razão de que, a esse tempo, ainda não tinham sido procurados.

São falsos, porque teem datas falsissimas.

E, entre tantas falsidades, apenas se apura uma unica e grande verdade — é que eu sou vitima, da profunda miseria moral dos que tinham obrigação de ser moralmente elevados.

Maria Adelaide

O vapor "Bissau"

Passou quasi despercebida a viagem do vapor «Bissau,» rebocador ao serviço da Guiné, de 79 toneladas e 22 metros de comprimento, realisada com felicidade daquela provincia a Lisboa, onde veio concertar, sob o comando do capitão-tenente Marinho.

A viagem foi, como é facil de deduzir das minguadas proporções do barco, cheia de amarguras para quem teve que a dirigir e tambem para a tripulação. Nas alturas do Cabo Branco, o tempo não permitiu que o pequeno navio rompesse, vendo-se o comandante na necessidade de arribar a Dakar á espera de sota, que se lhe apresentou alguns dias depois e que, habilmente aproveitada, permitiu que o navio chegasse a Lisboa sem novidade.

Esta viagem é digna de figurar ao lado de muitas outras realisadas em identicas circunstancias e que enriquecem e enobrecem os anaes da marinha de guerra.

AUTENTICAS

Como os tempos mudam!

Como boa dona de casa ela gosta de ir pessoalmente ás compras. Começou como simples devaneio, mas como alguem a gabou, no seu desembaraço e intrepidez, aquilo passou a fazer parte dos seus meritos conscientes. Porém esta tarefa que de antes era peregrinação agradavel, logo de manhã cedo, está hoje transformada em barbara exprobação.

Dantes era um regalo entrar no talho.

«V. Ex.ª o que deseja? Temos ali vitela muito tenrinha... V. Ex.ª quer que lhe desósse esta pá de carneiro?»

Hoje:

«O que quer!... Disso já não ha!»

Depois o cortador, aborrecido por ter de fragmentar uma peça, põe-se a serrar todos os ossos da vianda. Ela intervem:

«Muito obrigado, mas não é preciso incomodar-se mais».

«Então como os ha de comer?...»

Aqueles «os» eram os ossos!

A' padaria já desistiu de ir. Aí a rasão é mais interessante; não é o animal do cortador que ela soube corrigir, meter na ordem, com toda a energia dos seus nervos de pessoa forte; é a chusma, é a multidão ainda por lavar que fedorenta e mal humorada a não larga.

Ainda ha pouco a ouvi queixar-se amargamente:

«Já não sei como hei de ir ao pão. Se vou de sapato branco: — sapato de verão em janeiro? é sinal de pouco dinheiro; é o dito, o rastilho, depois seguem os comentarios em voz baixa. Se levo os sapatos amarelos, como são aqueles que uso na quinta e estão, de facto, um pouco decadentes ouço invariavelmente: — olha para aquilo, parece que vem das berças; que chancas!

Ponho os meus sapatos de camurça ou calço-me de polimento e então é ouvir aquela gente que insulta — olha a gulosa, o pão é para os pobres, é para quem não tem outras comidas.

Talvez quizesse?... e empurram-me.

E todavia ninguem ali é pobre senão de espirito.

Todos teem em casa diarias superiores a 5 escudos; e ás vezes são varias pessoas da familia a ganhar.

Se em vez do zêlo administrativo e do seu gosto de lidar ela estivesse estendida na cama ou numa «chaise-longue», não faltaria chamarem-lhe mandraça ou coisa peor. Como trabalha e corre de manhã para a vida, não ha improperio com que lhe não acenem.

Positivamente, tive de meditar no caso e conclui que a vitima ou terá de ir descalça, ou nunca mais voltar á padaria.

Que galantaria de gente — está a nossa gentinha.

D. Thomaz de Noronha.

POLITICA

Aguarda-se a chegada da sr. dr. Domingos Pereira, ligando-se certa importancia ao regresso d'esse ilustre politico.

A dar-se qualquer recomposição ministerial, não, se fará sem ele ser ouvido.

O projecto de amnistia sofreu modificação, como já dissemos, de parte da comissão de legislação criminal da camara dos deputados, sendo rejeitado como inoportuna e pronunciando-se a comissão pela revisão dos processos.

Os que se pronunciaram pela revisão foram os deputados democraticos Antonio Dias, Maximiano de Faria, Custodio Paiva e Ferreira Vidal, assinando vencidos os deputados liberaes e reconstituintes sr. Francisco Cotrim da Silva Garcês, João Bacelar e Carlos Olavo.

As quedas d'agua e as marés

Refere um jornal que o governo vai nomear uma comissão para estudar o aproveitamento das quedas d'agua e dos carvões nacionaes para a produção e fornecimento de energia electrica ás industrias.

As quedas d'agua estão estudadas e reestudadas, existindo sobre cada uma d'elas montes de documentos e processos a que só falta que alguem se resolva a dar-lhes andamento.

O que é necessario estudar é a simplificação da legislação que lhes diz respeito que é tão embaraçosa, tão cheia de exigencias e tão eivada de formalidades que, quem pretender meter ombros á empreza da exploração de alguma d'elas, gastará toda a sua energia para vencer todos os obstaculos que se lhe deparam no caminho.

E' para ahi que se devem voltar os olhos misericordiosos dos poderes publicos cuja acção deve ser estimulante e não impeditiva.

No aproveitamento das fontes de energia electrica que beneficiará extraordinariamente o paiz pela redução enorme do consumo de carvão que não possuimos e que temos porisso, de comprar no estrangeiro, não deve esquecer o aproveitamento da força das marés oceanicas. Ao longo da nossa desenvolvida costa está á nossa disposição uma enorme força que até hoje tem sido absolutamente desprezada e que com pequenas e pouco dispendiosas installações nos logares convenientes, poderia fornecer-nos a energia electrica necessaria para muitos usos industriais e para iluminação.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

VII — *Primeiras e já velhas impressões de Paris*

Paris para o estrangeiro é o «boulevard». O «boulevard» é Paris; Paris vive na «rua». A rua encerra todos os encantos que faz da cidade coração da Europa, a grande Cosmopolis moderna. A rua é como que a nossa casa; entra-se para ela cedo, sae-se tarde. E tudo fervilha, trabalha, ama, diverte se, boceja, sorri, negoceia, pela rua, numa avalanche, ininterrupta de gente que enche os «boulevards» e lembra um grande formigueiro laborioso e satisfeito. Um dos caracteristicos da gente de Paris é o ar prazenteiro, risonho, á alegria dos rostos, as expressões naturaes de prazer de toda a gente. E' talvez esse o seu maior atractivo. Pelo meio dessa massa trabalhadora veem-se aos milhares os estrangeiros. Os inglezes e os japonezes dão o maior contingente; encontram-se por todos os cantos. De resto a qualquer hora do dia, nos museus, nos templos, de «Baedekers» em punho, contam-se dezenas de creaturas que estão a ver Paris.

Ao longo dos «boulevards» os cafés, os restaurants, com os seus tres renques de mezinhas, ostentam sempre de manhã á noite, gente que toma coisas. E, apesar da guerra ter demolido um pouco os velhos habitos da cidade-prazer, pode dizer-se que é aqui onde se faz mais a vida do café.

De resto a guerra não explica nenhum dos fenomenos do «aprés-guerre». Um tal sr. Doring, estatistico eminente da Dinamarca depois de tremendos calculos computou em 35 milhões de individuos, as vitimas da guerra; pois em seguida a terem sido enterrados 35 milhões de corpos, não ha hoje no mundo, quer seja Lisboa ou Paris, Londres ou Genéve um logar numa casa.

Nos jornaes leio anuncios fantasticos, dando milhares de francos a quem indicar uma casa para alugar; daqui o comercio lucrativo das habitações, a especulação, o diabo. M.me «Pipelet», a «concierge» ideal já não é a figura ridicula dos contos e «blagues» da literatura franceza; hoje, é uma individualidade que se tem em suma consideração, pois é ela que dá a primeira indicação dum habitante que se muda. Ha gente que vive em casa de parentes por emprestimo, noivos com o casamento adiado e ás velhas frases parisienses de «coucher sous les ponts» e «filer la cométe» vão-se tornando realidades da vida presente.

Hoteis só por empenho, eu disse já. Mas, peor ou melhor, toda a gente se vae apinhando na cidade, pejando os omnibus, andando em lotações de «caixa de sardinha» nos «metros», nos comboios das linhas suburbanas, nos omnibus...

Nesta primeira tarde que passo em Paris é da multidão que colho as primeiras impressões. Não ha logares em qualquer daqueles carros automoveis verdes, os omnibus, para entrar para os quaes, na paragem, ha um pequeno livrinho de bilhetes numerados. O omnibus pára, o condutor chama o numero mais baixo, verifica o «numero d'appel» e segue deixando no chão duas duzias de pacientes. O «metro», enche-se pelas coxias, comprime-se, como Deus meu, nunca um carro do Poço do Bispo ou da Graça, se viu encher.

A' tardinha ou de manhã, quando partem ou chegam pela gare de Luxembourg, ou de Vincennes «os» e «as» que moram nos adoraveis retiros da «ceinture» de Paris, é uma avalanche infinda de gente, grupos de empregados comerciaes, de dactilografas, de caixeiros, de trabalhadores de todas as escalas; e Paris devora todas aquelas legiões, amalgama tudo na sua vida extraordinaria de actividade e sedução.

*

Do «taxi» onde me meti, na primeira tarde que aqui passo e no qual percorri, como manda a boa praxe, a fita elegante dos Boulevards, até á E'toile, depois o Bois, muito lindo na tranquilidade dum dia de semana, outoniço e fresco; voltando por Auteil, Champs Elisées, a interminavel rua de Rivoli, a Bastilha, a Praça da Republica e fechando circuito pelas Portas de S. Martin e S. Denis; de taxi, repito, constato que tudo está nos seus lugares e Paris, a Paris que conheço como todos vós, sem nunca lá termos ido, está parecidissima. E' assim mesmo. A Opera assemelha-se mesmo a um postal; em seguida a Magdeleine não lhe faltando nenhuma das colunas corintias que sei de cór; o arco de Triumfo é exactamente o que vi no cinema no «film» do 14 de julho do ano passado e a Torre Eifel, o gigante de 4 patas de ferro a espreitar perpetuamente por cima de tudo...

Já que o dia é hoje de banalidade e reservo para o dia seguinte as visitas aos velhos conhecimentos dos museus, vou subir «la haut», ao cucuruto daqueles 300 metros que o Eiffel — o engenhocas que sobre o Douro lançou a ponte de caminho de ferro, — ali prantou para desafiar as nuvens. Para mais pode-se de novo subir até á ultima prateleira, o que, até ao ano passado, por causa da guerra e das moscas, estava proibido. Ha sempre muita gente nessa vilegiatura ascencional, talvez porque seja um dos grandes desejos da humanidade: subir.

Mune-se uma pessoa, numa das patas do bicho com os bilhetes para a subida e marinha-se por uma das pernas em varios elevadores. Durante a ascensão por causa do «treillis» das vigas, não se vê quasi nada para fóra. No primeiro andar, fazem-se reflexões comparativas com o elevador de Santa Justa e começa-se á ver Paris no seu encanto lindo de cidade panorama. Muda-se de elevador e volta-se a subir, agora mais na vertical; um dos condutores explica numa lenga-lenga fastidiosa os caracteristicos da Torre e estende a mão. Volta-se a mudar de embarcação e chega-se por fim ao topo. As exclamações são desnecessarias mas um «ah!» nesta altura vem a proposito. Paris, está lá em baixo, imensa, cinzenta, caracteristica nos seus telhados de ardozia, feita em blocos que se assemelham a irrisorias construções para creanças; o Sena é um riacho estreito com pequenas cascas de noz navegando, e, dum lado e outro, é a mesma enorme aglomeração de casaria, sobreelevando-se aqui, ali, a agulha erigada dum templo, ou uma cupula conhecida. O vento sibila por fora dos espessos vidros que nos protegem e que ha já 20 anos protegem os milhões de mortaes que lá acima subiram, olharam e se extasiaram como nós. Fuja o leitor das bugigangas, das silhuetas, dos retratos que lá em riba varios cavalheiros proporcionam como «souvenir». Custam alguns francos e vistos cá em baixo... não valem nada, nem graça têm.

Quando se volta ao chão ha a sensação da pequenez, e, para fugir á impressão pesada daquele monstro escarrapachado de pernas abertas num campo todo ajardinado, o «taxi» corre pelas margens do Sena até ir atravessar em frente ao Louvre, para a parte mais viva, mais parisiense de Paris.

Caiu a tarde; a iluminação — nada da cidade-luz que outr'ora era a primeira do mundo — acende-se; e em vez de ir a um «restaurant», sigo para o hotel. Tome notas o leitor se tem, como eu, pouco dinheiro: o Hotel Peyris, perto do Faubourg Montmartre que é como dis ao virar da esquina do Boulevard Montmartre, a dois passos do «Folies Bergeres», é um hotel recomendado para portuguezes; fala-se ali portugues e... brazileiro por todos os cantos. A M.me, gorda, grisalha, matronaça, tem sorrisos de condade e acquiescencia para todos; é um verdadeiro Joffre de saias, que se ouve, á hora das refeições comandando... na cosinha. Magdeleine, sua filha, ainda não teve tempo de engordar, cuidando dos hospedes e duma paixão que nutre por um hespanhol, que é habitante perpetuo do 15. Quer saber a diaria, leitor amigo, para deitar os calculos aos capitaes? 25 francos, cama e meza. E' baratissimo, decente, confortavel e tem a vantagem de estarmos todos entre gente conhecida. Certo que um grande hotel, um magnifico salão de jantar fazem parte das belezas duma viagem. Mas, aqui em Paris... Tem o inconveniente, dirá o leitor, de se ter de vir almoçar e jantar ao hotel. Mas só um parisiense batido pode descobrir os restaurants, que os ha, onde se come barato e... suculento. Não é o novato, o intruso nesta Babilonia febricitante que logo de entrada vae dar com o restaurant Taupias, na Rue Boissy d'Englas, onde comerá barato, ou descortinará os almoços a 4 francos e cincoenta do «Au bon book» na Rue Dancour, em Montmartre. E nos «restaurants» do centro come-se pouco e carissimo, e, francamente, não se vem a França para comer. Pelo contrario, o que sucede ás vezes é ser-se comido. De qualquer ponto, o mais excentrico, vale mais para a bolsa magra tomar o «metro», ou mesmo dar-se ao luxo do «taxi», que, tendo dobrado o preço, para me ser agradavel dias antes de eu chegar, ainda ao fim duma corrida de 20 minutos, custa 2 francos ou alguns centimos mais.

O «taxi», vós o sabeis de cór, é uma hidra encarnada que se estende a meio dos 30 metros, que os «boulevards» ostentam em largura. São explendidos de dia. A's horas do almoço ou do jantar, os «chauffeurs» não se comovem; encarapuçam a bandeirola do «taxi» e negam-se a todo o contracto; ao cair da tarde a mesma disposição hostil para com o freguez. A todo o convite, ao indicar dum ponto de destino, a féra de pêles grossas:

— «Nô».

E o leitor pode crêr que tem andar a pé porque não consegue um meio rapido de locomoção.

Jantei, nesta primeira tarde, a sopa e os dois pratos do regulamento francez que M.me Peirys, um pouco aquaticamente me fornece. O Bordeaux é o unico vinho toleravel assemelhando-se um pouco aos nossos vinhos de meza; mas, a respeito de cafés ou chás, abatemo-nos por completo, devido á dose microscopica de assucar que por toda a parte mal dão num papelinho minusculo. A dos

passos do hotel fica o «Folies Bergère», e em 4 minutos, e 26 francos estou á porta do grande centro de imoralidade franceza. O cartaz anuncia uma centena qualquer da «revue» «L'amour en folie» que parodia «L'ame en folie» de Curel.

Foi lá, meus amigos, que encontrei a mulher mais linda da França... e as pernas mais tortas do mundo.

Armando Ferreira.

A baixela Germain

Parece que vinga a idéa de mandar a baixela Germain para o Museu de Arte Nacional com o intuito de nunca mais servir o que, de resto, não impedirá que um dia em que se julgue necessario que ela sirva em qualquer banquete, lá se não mande buscar, de nada valendo então os protestos de todos criticos de Arte.

Que essa baixela seja reservada só para quando se queira dar um significado de grande honraria ao banquete, em que ela apareça, plenamente de acordo. Mas que ela nunca mais sirva, n'isso discordamos dos criticos de Arte.

O pretexto de que ela se estraga de cada vez que serve, não colhe, primeiro porque ela só servirá de anos a anos e segundo porque nada impede, como hontem dissemos, que nessas ocasiões se contrate gente competente para a sua limpeza sob as vistas de pessoas de confiança.

E transferi-a da casa forte onde até hoje tem estado em completa segurança para o museu não será correr um sério risco?

Quem nos diz que no museu ela estará com tanta e já tão provada segurança como no logar em que tem sido guardada?

Ainda a visita do rei Alberto

O comboio especial que conduziu o rei Alberto á fronteira franceza regressou hoje de Handaya, tendo vindo nele o oficial de engenharia, tenente sr. Ferreira Mendes, o alferes de infantaria, ao serviço dos caminhos de ferro, sr. Mendes Quesada, uma brigada de soldados e sargentos de engenharia de reserva que acompanharam o comboio, e o agente Custodio das Dôres, que por ordem do sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo, seguiu em serviço de vigilancia até França.

O rei, ao despedir-se dos nossos oficiaes, agradeceu-lhes o esplendido serviço prestado nas linhas portuguezas, «onde nem um minuto sequer» do atrazo houve.

A guerra civil na Irlanda

Luta sem quartel entre a policia e os «sinn-feiners»

As hostilidades continuam na Irlanda entre os sinn-feiners e a corporação policial.

Em Tralee, no condado de Kerry, tendo desaparecido dois policias, afixou-se na cidade um aviso dactilografado, no qual se ameaçava a Irlanda com represalias nunca vistas se os dois agentes em questão não fossem imediatamente postos em liberdade, marcando-se um prazo até ás 10 horas da manhã.

A' noite foram disparados tiros em varias ruas.

Um homem de 57 anos, pae de seis filhos, recolheu uma bala na cabeça e foi cair morto ao pé da porta de sua casa.

Uma senhora de idade avançada e um ancião ficaram tambem feridos.

Foram depois encontrados os dois corpos dos agentes que haviam desaparecido, crivados de balas, num campo perto da cidade de Tralee. Os habitantes, aterrados, fugiram em grande numero para os campos e os comerciantes fecharam os estabelecimentos.

De manhã fora morto um homem pelo bando de «Black and Tans» (policia auxiliar). Consta que o quartel de gendarmerie de Aromore, no condado de Waterford, foi assaltado e incendiado. Foi mandado imediatamente para o local um automovel com um oficial e dez soldados. De repente uma centena de homens rompeu fogo contra eles. Um soldado foi morto outro ferido e os restantes desarmados.

Em Belfast, oito sinn-feiners armados tentaram fazer ir pelos ares o Orange Hall Club de Kileen (Tyrone). Dois deles penetraram no edificio e quando estavam colocando bombas em varios pontos foram assaltados por um grupo de orangistas que fizeram fogo sobre eles. Ficaram feridos tres sinn-feiners; os outros cinco fugiram, levando um dos feridos.

Foram cortadas todas as linhas telefonicas e telegraficas entre Dublin, Thurles e Tempelore. Na cidade de Thurles declarou-se incendio em diversos pontos, não tendo ainda chegado a Dublin informações circunstanciadas sobre esse incendio que ameaça reduzir a cinzas a cidade.

VIDA SPORTIVA

As provas de "Os Sports"

Foi já fixada a data de 21 do corrente para a corrida automobilista e para a prova de camions no percurso Lisboa-Cintra-Cascaes-Lisboa que «Os Sports» vae organisar.

As inscrições para estas duas provas estão abertas até ao dia 18 do corrente.

O juri reunirá na redação de «Os Sports» no dia 14, pelas 21 horas. Foram convidados para esta reunião os srs. Leite Galvão, Heraldo Ribeiro, Mouton Osorio, Ernesto Zenoglio, Antonio de Freitas, José Rodrigues Estevão, Palma de Vilhena e Cirilo Miramon.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Faz-se ás 14,30 a chamada regimental, sob a presidencia do sr. Mesquita de Carvalho, respondendo muito poucos deputados.

Em seguida espera-se até aparecer numero suficiente para se considerar aberta a sessão.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros comunica os nomes dos representantes portuguezes á conferencia de Genebra sobre higiene colonial, que são os srs. Afonso Costa, Teixeira Gomes e Freire de Andrade.

Termina enviando para a mesa uma proposta de lei sobre uma convenção diplomatica.

O sr. ministro da justiça apresenta uma proposta estabelecendo um fundo permanente para gastos com a alimentação de presos.

O sr. Costa Junior, referindo-se á falta de carvão em Lisboa, diz que os fornecedores pretendem vendel-o em condições que aos carvoeiros não oferecem garantias e que constituem uma forma violenta de impor um monopolio, com ludibrio da lei que estabeleceu a liberdade do comercio. Acha—diz—que a comissão dos abastecimentos não desempenha o seu mandato com a necessaria percepção, desatendendo os interesses da classe media. A proposito, aponta a carestia de quasi todos os generos de primeira necessidade que o governo, segundo entende poderia arranjar destinando para ele algumas porções das farinhas de primeira e segunda. Alude tambem á falta de assucar, solicitando as providencias necessarias.

O sr. presidente do ministerio declara que o governo se dedica ao problema da carencia de generos, tendo, porem, luctado com as dificuldades originadas pela greve ferroviaria e que vae procurando remover. E tomando em consideração as observações do sr. Costa Junior tomará as medidas que puder, a fim de obviar á actual situação.

Particularmente sobre a questão do assucar, comunica que indeferiu um parecer em que o comissario dos abastecimentos fazia proibir temporariamente a importação desse genero, a pretexto de evitar a saida de ouro. Diz que o assucar em Portugal, especialmente o amarelo, se vende com relativa modicidade em certa abundancia.

O sr. Costa Junior diz ainda que os fornecedores de manteiga intimaram os respectivos vendedores de Lisboa a que não a vendam a menos de 78000, quando é certo que nas ilhas se vende a 185000.

O sr. presidente do ministerio esclarece que embora haja qualquer especulação, o agravamento do preço da manteiga em Lisboa obedece a uma necessaria compensação do regimen de venda nas ilhas.

O sr. ministro das finanças apresenta uma proposta de lei para a qual requer, aprovando-se imediatamente discussão, autorisando a verba de 2:000:000$000 para satisfazer os debitos do T. M. E. a estabelecimentos metalurgicos.

Na generalidade, o sr. João Camoesas declara que, em contrario ao seu habitual procedimento, fará todo o possivel obstrucionismo á proposta, enquanto não lhe parecer que são falsas as acusações que se fazem aos T. M. E. e que memoriam escandalos e imoralidades nos fornecimentos.

De facto, o orador fala demoradamente sobre o assunto.

Recomeça ao uso da palavra o sr. Lelo Portelo, em defeza do procedimento dos srs. ministros das finanças da agricultura, atribuindo a erros de interpretação algumas das afirmações produzidas por alguns oradores em desfavor dos contractos que o orador analisa por diversos aspectos, apontando-os como inteiramente incriveis.

No Senado

O sr. ministro dos estrangeiros diz que o governo acaba de escolher os nomes dos srs. Afonso Costa, Freire do Andrado e Teixeira Gomes para representarem Portugal no proximo Congresso das Nações a efectuar em Genebra.

O sr. Abel Hipolito requer urgencia e dispensa do regimento para a imediata discussão do projecto concedendo amnistia aos militares do C. E. P.

O sr. ministro da guerra egualmente requer todas as formalidades para a proposta de lei relativa a ajudas de custo de vida aos funcionarios do seu ministerio, em atrazo ha dois mezes.

O sr. Alvares Cabral ocupa-se das dificuldades havidas com a exportação de ananazes, o que muito prejudica as ilhas.

O sr. ministro dos estrangeiros responde que está estudando o assunto, por forma a intensificar a exportação daquele fruto para a Alemanha.

O sr. Alfredo de Portugal pede urgencia e dispensa do regimento para a proposta que autorisa a verba de 50 contos para a alimentação destinada aos presos indigentes á ordem das autoridades administrativas.

O sr. Bernardino Machado felicita o governo pela acertada escolha dos representantes de Portugal na Conferencia de Genebra.

O sr. Herculano Galhardo, em nome do P. R. P., congratula-se com o gesto do governo na feliz escolha que teve nas tres altas individualidades que vão representar Portugal no Congresso de Genebra.

A "tournée" do teatro Nacional ao Brazil

Amanhã chega a Lisboa o actor Eduardo Brazão—os principaes motivos do seu regresso—outras notas

Está anunciada para amanhã, pelas 7 horas, a chegada do grande actor Eduardo Brazão, que foi ao Brazil em «tournée» do teatro Nacional Almeida Garret.

Um grupo de amigos vae esperar o ilustre actor, apontando-se entre eles, Erico Braga, Alvaro Lima, José Alves da Cunha, Nascimento Fernandes, Antonio Guimarães e Armando Ferreira, além de varios jornalistas e homens de teatro.

E' enorme o interesse no meio teatral e jornalistico em ouvir Brazão, e saber d'ele quaes os motivos que o levaram a desligar-se da «tournée» do teatro Nacional.

Embora desviados um pouco do meio teatral, podemos dar hoje aos leitores de «A Capital» algumas noticias ineditas que devem em parte satisfazer a curiosidade de quantos querem ouvir o grande actor.

Vamos por partes:

Podemos garantir que o actor Brazão, quando da organisação da companhia do Nacional para a tournée ao Brazil, não concordou com essa organisação, e esteve para não fazer parte dela. Foi preciso que o emprezario apelasse para o seu patriotismo e para o facto de estarem trinta mil escudos já gastos... Brazão curvou-se e partiu...

A «tournee» não foi feliz e tres mezes depois o representante do emprezario Galhardo no Brazil, sr. João Loforte, declarou a Brazão que o contracto tinha que terminar. Ora como o actor Brazão tinha sido contractado por quatro mezes prorogaveis em periodos sucessivos, só havia uma resolução: Voltar á Patria. Era o caminho a seguir e foi na realidade o que Brazão tomou... Não houve para com Brazão atenções algumas porque o ilustre actor passou no teatro do Rio de Janeiro horas e horas consecutivas. Dias houve em que entrava ás 12 e ficava até ás 17, para voltar ás 19 horas. Tudo isto para quê? Para equilibrar o conjunto da companhia.

Diz-se que os prejuizos foram enormes mas, ao que parece, Brazão não vê impossibilidades do representante do emprezario sr. Galhardo no Brazil provar isto...

Foi por tudo isto e por mais coisas que amanhã os jornaes relatarão, que Brazão regressou cheio de dissabores e desgostos. O seu apelo junto do sr. ministro da instrução (porque o vae fazer) ha de dar-lhe energia para continuar a fazer-se ouvir num dos nossos teatros...

Mas quem tem que dar contas de tudo isto?

O emprezario sr. Galhardo fatalmente! Nem outro podia ser!

O grande actor Brazão antes de regressar a Portugal enviou ao consul de Portugal no Rio um protesto que não fugimos á tentação de o publicar:

«Exm.º sr. Santos Tavares, D. Consul de Portugal.—Peço a V. Ex. que com toda a justiça notifique ao Ministerio de Instrução que eu, Eduardo Brazão, fazendo parte do Theatro Nacional Almeida Garret, de Lisboa, fui lesado nos meus interesses, sendo intimado a suprimir um mez da minha temporada na «tournée» do Brazil, faltando-se-me assim ao que tinha sido combinado entre mim e o gerente do mencionado theatro.

Cumpre-me declarar que a empreza do Brazil, o Exm.º sr. José Loureiro, a quem sou devedor de muitas atenções, não é conivente com este indigno procedimento. Isto certifico com os direitos merecidos pela minha longa vida de trabalho e seriedade artistica. E lavrando o meu protesto, me assigno».

* * *

Como notas interessantes que os jornaes de manhã poderão completar, com a chegada do ilustre actor, podemos dar uma nota dos varios ordenados dos principaes figuras da «tournée» do teatro Nacional ao Rio de Janeiro.

O actor Eduardo Brazão recebeu durante cinco quinzenas a quantia de 48 contos 693 escudos.

A actriz Palmira Bastos recebeu 10 contos por mez o mais 200 escudos por recita, Ilda Stichine, 2.500.000; Henrique d'Albuquerque, 2.300.000; Rafael Marques, 2.000.000; Acacio Reis, 3.000.000.

O sr. João Loforte, representante no Rio do emprezario sr. Galhardo dirigiu, logo que teve conhecimento do protesto do actor Eduardo Brazão ao consul portuguez uma carta contra-ditando as afirmações do ilustre actor, mas que afinal em coisa alguma contradita.

E ahi tem o leitor, nestas rapidas linhas descoberto um pouco o misterio no regresso do actor Brazão a Portugal.

A. do Campos Junior.

A baixela Germain

A baixela Germain que serviu nos almoços efectuados no palacio de Belem em honra dos reis da Belgica e do principe do Monaco, deu já entrada no palacio das Necessidades, absolutamente intacta.

Falsificadores condenados

Responderam hoje no governo civil José Carreira, com leitaria na rua de Belem, 157, e Antonio Luiz, com mercearia na Avenida Duque d'Avila, ambos acusados de terem exposto á venda nos seus estabelecimentos manteiga falsificada. Foram condenados na fulta de 1.200 escudos cada um.

A administração de Angola

A provincia de Angola está destinada a constituir no futuro com a metropole um todo nacional, engrandecendo assim Portugal com a sua enormissima area e com as suas inesgotaveis riquezas.

Possuindo muitos milhares de quilometros quadrados onde a raça branca se adapta admiravelmente, o seu desenvolvimento é só questão de tempo e dinheiro. Para a fazer desentranhar-se nos seus valiosissimos productos, nem será necessario, como foi outr'ora no Brazil, ir buscar a algures a mão d'obra que ali falha um pouco. A maquina suprirá facilmente essa deficiencia, tanto mais que o terreno presta-se admiravelmente para a grande cultura.

Porisso se ouve agora muito falar no planalto de Angola como o natural celeiro da metropole. Não ha duvida que pode facil e perfeitamente desempenhar esse papel, desde que se não regateiem os meios necessarios ao prolongamento do caminho de ferro de Benguela. Permitimo-nos só observar que um paiz bem governado deve procurar bastar-se a si mesmo, tanto quanto possivel, de modo a não depender de ninguem, nem mesmo das suas colonias. Ora no capitulo cereais nós podemos perfeitamente levar, aqui na metropole, a producção até ao necessario ao consumo, porque dispomos de todos os elementos para isso exigidos, faltando apenas o trabalho para os pôr em acção.

Os productos agricolas de Angola dispensados pela metropole seriam então destinados á exportação. Angola será de facto um celeiro, não da metropole, mas dos paizes onde o deficit cerealifero não possa ser coberto.

Não precisa a administração de Angola dos mesmos cuidados que Moçambique no que diz respeito á nacionalisação. E' uma provincia genuinamente portugueza, um novo Brazil, de modo que a acção governativa pode dedicar-se desafogadamente á obra de fomento agricola. Uma bem estudada rede de canais de irrigação e a ligação do interior com o litoral por vias ferreas e fluviais é o que de mais imediatamente necessario se impõe.

As investigações sobre as riquezas do sub-solo, principalmente na que diz respeito ao carvão de pedra, deverão iniciar-se quanto antes, porque o pouco que se conhece, é prometedor de largos exitos.

A industria da pesca despertou já a atenção do Alto Comissario, em virtude do incidente dos poveiros vindos do Brazil. A fixação d'essas colonias de poveiros servirá de estimulo para outras, mas acauteleemo-nos dos insucessos, com os da colonia Sá da Bandeira e outros. O passado deve servir-nos de lição para o futuro.

A camara e a numenclatura das ruas

Publicam hoje alguns jornaes um edital da Camara Municipal de Lisboa, no qual é feita a alteração da numenclatura de algumas ruas.

Não é coisa que cause admiração, pois que na mudança de nomes de ruas é que mais se teem entretido as vereações nos ultimos tempos.

Mas o que causa estranheza é que essas resoluções sejam tomadas tanto á pressa que se não vejam os erros que conteem os documentos que lhes são presentes.

Vejamos: Na parte primeira do edital a que nos referimos dá-se a Rua Nova de S. Domingos como sendo o prolongamento da face do lado oriental da Praça da Figueira, n.ºs 28 a 52, quando a via publica atingida pela mudança de nome é a Rua Nova do Amparo.

Portanto, o edital, está mais que errado e agora o unico remedio é mandar fazer novos editaes.

Desta falta de cuidado resulta uma despeza que talvez desse para a compra de uma nova bandeira nacional, para substituir a que foi colocada ha dias no edificio da Camara, a qual estava completamente remendada, o que é deprimente para um edificio como o da Camara Municipal de Lisboa.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Os atrazos dos comboios foram hoje menos sensiveis.

A guarda na estação do Rocio continua reforçada.

A' tesouraria teem continuado a ir receber alguns operarios.

Para a estação do Rocio foi hoje conduzido o envolucro da bomba que foi hontem arremessada contra a estação de Vila Franca onde fez estragos insignificantes.

No Sul e Sueste

O vapor «Vitoria» que estava sofrendo reparações, já hoje fez algumas carreiras.

Para o Barreiro seguiu uma força de infantaria da Guarda Republicana.

Pela Manutenção Militar foi hoje enviado pão para ... a ... Setubal.

A falta de respeito ao chefe do Estado

Recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Tendo o jornal «A Monarquia» de 8 do corrente mez, em artigo de fundo, usado de termos antipatrioticos e ofensivos da dignidade de Sua Ex.ª o chefe do Estado e sua Ex.ma esposa, a proposito da visita de Suas Magestades os Reis da Belgica, a Policia de Segurança do Estado recebeu ordens terminantes do Governo para exercer uma rigorosa vigilancia, afim de que taes factos se não repitam, como convem ao decoro nacional e ao prestigio da Imprensa.

Lisboa e Direção da Policia de Segurança do Estado aos 9 de Novembro de 1920.—O director, Joaquim Marreiros».

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu o sr. Mario de Matos, filho do estimado comerciante sr. Alfredo de Matos. O extinto, que tinha completado este ano o curso dos liceus, deixa fundas saudades em todos os que o conheciam devido ás excelentes qualidades de que era dotado.

O funeral realisa-se amanhã, da rua Possidonio da Silva, 47, 1.º, para o cemiterio da Ajuda.

A' familia enlutada os nossos pesames.

Serviço telegrafico da tarde

ASSUNCION, 8.—No dia 11 será celebrada uma grande festa para comemorar o cincoentenario da promulgação da Constituição do Paraguay.—(Americana).

BUENOS AIRES, 8.—Morreu Eduardo Talero, poeta da lingua espanhola.—(Americana).

BUENOS AIRES, 8.—O maestro Strauss dará um concerto em beneficio dos pobres de Viena.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 8.—Chegou a esta capital o agente comercial romeno Popovici, encarregado de promover o intercambio entre os dois paizes e estudar a possibilidade de crear um grande mercado de café em Galatz, fazendo o trafico do Mar Negro.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 8.—O sr. Epitacio Pessoa sancionou o decreto de acquisição de edificios para as embaixadas e legações do Brazil, pedindo em cada exercicio um credito de mil contos.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 8.—Braga Mello foi nomeado consul no novo consulado creado em Swansea. Waldemar Mendes Almeida seguiu no «Belle Isle», para ir ocupar o seu posto no consulado do Brazil em Paris.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 8.—Foi aprovada a convenção sanitaria entre o Brazil o Uruguay e o Paraguay.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 8.—O Estado do Ceará celebrou a beatificação das irmãs de caridade martirisadas em Cambrai, oficiando o arcebispo.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 8.—O «Belle Isle» levou para a Europa 2.450 sacas de café.—(Americana).

SANTIAGO, 8.—Foi sentido um violento abalo sismico em Copiapo, provincia de Atacana, que durou dois minutos.—(Americana).

LIMA, 8.—Estão em greve os empregados do caminho de ferro central. O trafico entre Lima e Fallao faz-se com a maior dificuldade.—(Americana).

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21,15, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,15, «Os Lobos».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel relativa a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo Antonio, S. Lazaro, Tiburio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3692 — 11.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 10 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

Em torno do governo

Vae cahir o gabinete Granjo? O que é preciso saber, em primeiro logar, porque ele se não pode manter.

A resposta a esta interrogação é simples: o gabinete Granjo viu-se desprovido dum real apoio parlamentar e por fim até a sua honestidade foi posta em duvida.

Era um governo de conjunção de trez partidos. A certa altura, um desses partidos, e precisamente o que dispoz duma maior representação parlamentar, retraiu-lhe a sua colaboração, e declarou-se oposicionista.

Era um governo cuja missão consistia principalmente em resolver a questão financeira e a questão economica, sobretudo no ponto de vista das subsistencias. Pois bem! A este governo começou-se por cortar os braços, retirando-lhe as largas autorisações parlamentares que aos outros tinham sido dadas, não se lhe concedendo mais do que a aprovação dum misero duodecimo, por que era impossivel negar-lho tambem.

O governo apesar disso reage, luta. Procura garantir ao paiz meios de vida mais indispensaveis, como são o trigo de que se faz o pão, e o carvão sem o qual as industrias não podem sustentar-se nem o comercio e a agricultura desempenharem as suas funções. Levanta-se contra ele um côro de maldições, e a situação é tal que os ministros aparecem nas suas cadeiras apontados como facinoras sentados nos bancos dos reus.

Ainda assim o governo teima em viver. E' natural que o seu pensamento seja o de que a politica nacional tome taes aspectos que é preciso aceital-a assim, para que se possa continuar a fazer alguma coisa em bem do paiz. Com efeito, em Portugal um homem publico desiste de interferir na politica ou na administração publica logo que lhe chamem ladrão e ninguem chegará a dar o primeiro passo. Mas não ha maneira de resistir ao cerco, porque é um verdadeiro cerco o que se estabelece em torno dos governos desde o primeiro dia em que eles tomam conta do poder. Esse cerco de dia para dia se vae estreitando, e tão asfixiante se torna que não raro até dentro dos proprios governos os sitiantes teem adeptos ou cumplices.

Ligado de pés e mãos, diz-se a um governo que ande, e se ele consegue dar alguns passos, mesmo incertos e vagarosos, levanta-se contra ele um côro de imprecações, e apela-se para a morte pura e simples, a cuja inviabilidade em nenhum caso ele se pode furtar.

O que está sucedendo com o gabinete Granjo, votado ás feras na questão dos contractos, votado ás feras na questão da amnistia, já sucedeu a outros governos. Deve-se porém reconhecer que desta vez o ataque surdo ou declarado se tornou mais intenso e ruinoso. Vamos em progresso, um progresso de morte, que participa do assassinio e do suicidio.

E tudo para quê? Para que sejam ministros algumas creaturas que ainda o não foram ou que o querem tornar a ser, muito embora umas não deem garantias nenhumas de competencia e outras já as tenham dado da maior e mais insofismavel incompetencia.

Amanhã será a sua vez, porque os processos politicos são, de todos os lados, os mesmos ou sensivelmente os mesmos.

E ocorre perguntar: mas onde está uma inspiração de patriotismo puro? Onde está quem veja acima d'esta confusão, d'este conflito, d'este labirinto de paixões e d'este pelago de interesses, a imagem da Patria e da Republica?

Ninguem ignora a situação em que nos encontramos. E a é de tal ordem que uma das coisas que mais tem intrigado os inimigos do governo, e porventura até os seus amigos, é o facto de ainda não ter soado a hora da catastrofe final. Dir-se-hia que essa hora todos a querem apressar. Para quê? Tambem haverá quem julgue poder ser ministro, ter pasta, automovel, correio, e em geral o desdem ou a indiferença de toda a gente, quando já não existam Estado ou nacionalidade?

O espectaculo que se está desenrolando ante os nossos olhos é d'uma inconsciencia que espanta, d'um egoismo que irrita e d'uma vaidade que revolta.

A LEI 1040

O monstro é como Saturno, devora os proprios filhos. Lei feita pela Republica contra os seus adversarios vem afinal a victimar os proprios republicanos.

O caso é este:

O tenente Joaquim Vasco foi encarregado de instruir varios processos contra os monarquicos que estiveram em Monsanto. Foi depois colocado na Guarda Nacional Republicana e destacado para o comando da Covilhã.

Deve ser portanto um bom republicano, digno de confiança e d'ela merecedor. Assim parece, com efeito, mas o monstro embicou com ele e reformou-o.

Queram-na melhor?

O DIA 11 EM FRANÇA

A comemoração do cincoentenario da Republica

e a da assinatura do armisticio

Salvo qualquer modificação que o parlamento á ultima hora possa fazer-lhe, o programa das festas de amanhã em Paris é o seguinte:

Antes do desfile do cortejo, o coração de Gambetta, encerrado numa urna, será recebido em Jardies por quatro ministros representando o governo. Levado por um invalido de 1870 e escoltado por dois oficiaes inferiores dos que tomaram parte na ultima campanha, será transportado em automovel até á porta Maillot, onde será colocado sobre um carro. Ao mesmo tempo, o corpo do soldado desconhecido que vae ficar sob o Arco do Triunfo será levado por um destacamento de 24 oficiaes inferiores para cima do armão duma peça de 155.

As tropas que tomarem parte no desfile estarão formadas na avenida do Grande Exercito e no bosque de Bolonha.

O cortejo será organisado pela seguinte forma:

Mutilados e veteranos, alsacianos e lorenos e os coloniaes civis; o general Berdoulat, governador militar de Paris; general Lebouc, comandante da 10.ª divisão; bandeiras da Grande Guerra; general Taleque, comandante da artilharia do C. M. P. e estandartes da artilharia; general de Rascas e estandartes de cavalaria; outras bandeiras; carro de Gambetta; delegação de oficiaes inferiores de todas as armas; armão da peça de 155 transportando o corpo do soldado desconhecido; presidente da Republica e membros do governo; General Trouchaud, comandante da praça de Paris; general Laignelot, comandante do departamento do Sena; escolas Politecnica e de S. Ciro; guarda republicana; sapadores-bombeiros; infantaria colonial e senegaleza; aviação, engenharia, marinha, tropas da 6.ª divisão, comandadas pelo general Lebocq.

A artilharia será representada por 6 baterias de 75, 2 baterias de 155. Quatro esquadrões de cavalaria.

Conta-se, além disto, com 25 territoriaes com uniformes de 1914, que tomarão parte no desfile, figurando no agrupamento do governo militar de Paris.

O presidente da Republica, acompanhado pelos membros do governo que não tenham ido a Jardies, assim como representantes das duas Camaras, aguardará o cortejo no Arco do Triunfo. Tomará logar atraz do carro do soldado desconhecido, depois de ter deixado desfilar a primeira parte do cortejo. Uma salva de 101 tiros de canhão será dada nas margens do Sena (ponte Alexandre III) no momento em que os carros passem sob o monumento.

A frente do cortejo estará na Avenida do Grande Exercito, a 200 metros do Arco do Triunfo. A saida do cortejo terá logar ás nove horas, com o seguinte itinerario.

Passagem por sob o Arco do Triunfo, Campos Elisios, praça da Concordia, passando á esquerda por deante das estatuas de Lille e de Strasburgo, ponte da Concordia, boulevards Saint-Germain e Saint-Michel, rua Soufflot.

A frente do cortejo (antigos combatentes, alsacianos e lorenos, veteranos, coloniaes civis) deter-se-ha na praça da Concordia e deixará passar o resto do cortejo depois de ter desfilado em frente das estatuas de Lille e de Strasburgo.

Ao chegar o cortejo ao Panteon, uma parte das bandeiras entram nele pela porta principal e as outras enfileiram-se em volta do monumento. Os dois carros param defronte da porta, e o presidente da Republica, subindo os degraus, recebe o corpo do soldado desconhecido e a urna que encerra o coração de Gambetta.

Depois da cerimonia, as tropas desfilam pelo boulevard Saint-Michel até ao Observatorio, onde dispersarão.

Actor Eduardo Brazão

A bordo do «Arlanza» regressou hoje o ilustre actor Brazão, que desembarcou pelas 8 horas, tendo ido esperal-o grande numero de amigos e admiradores.

Os «poveiros»

A bordo do paquete «Arlanza» regressaram hoje do Brazil, de onde sairam a 27 de Outubro, mais 30 «poveiros», acompanhados de suas familias, os quaes se dirigiram para o governo civil a pedir ao chefe do districto alojamentos e passagens para a terra da sua naturalidade.

Os «poveiros» vão hoje ficar ao albergue noturno, e ámanhã seguem para a Povoa de Varzim, tendo as passagens já sido pedidas ao ministerio do interior, por intermedio do secretario do sr. governador civil, o tenente sr. Cabrita.

Falando com alguns, teem eles os mais rasgados elogios ao sr. Eugenio Tavares, nosso consul no Brazil, que nunca os abandonou até a bordo do vapor que os conduziu até Lisboa.

Dizem que foram bem tratados a bordo e lamentam a forma como tiveram de deixar o Brazil.

Dentro de dois dias devem chegar a Lisboa os restantes «poveiros», que deviam ter saido do Rio no dia 29.

AUTENTICAS

"A CASTRO"

deve ser lida

Eu penso que as obras de teatro, quando sejam produções de altos espiritos, devem antes ser lidas do que vistas nos palcos.

E dou a razão do meu pensamento. Dos efeitos scenicos, do talento prestado á sua interpretação carecem apenas as que só daí tiram condições precarias de vida transitoria.

Só as peças mediocres adquirem uma certa vitalidade no brilho dos interpretes, na felicidade da encenação. São as que precisam de palco, as que só contam com o relevo d'acção a dentro dos bastidores.

Acontece o contrario com os trabalhos de prestigio imurcheccivel, com as obras darte, que a interpretação raras vezes alcança. Estas não tendo que engrandecer-se na scena, só lá chegam para se arriscarem a ser mal tratadas.

Tenho bem na memoria um exemplo frizante. Foi em Veneza; haviam-me falado de Emmanuel como de tragico soberbo. Fui vê-lo no Hamlet. Para principe historico a sua figura bela e equilibrada, o lance firme do seu olhar, sem recortes nem desnivelamentos era pouco de contentar.

Comtudo nada vi que me desconcertasse os nervos, na linha geral da sua interpretação. Mas já o mesmo não posso dizer daquela rainha da Dinamarca que parecia uma cozinheira a enxotar um cão, sempre que no papel tinha de chamar pelo seu «Hamléto.» Bastou aquela figura desastrada, para eu maldizer a hora em que me decidira a ir estragar as imagens havidas pela leitura de Shakspeare.

A voz implicante, grosseira de uma actriz, a «gaucherie» de um plebeu que tenha de figurar de nobre, o trajar tantas vezes errado dos personagens, podem não comprometer obras de fancaria; ao publico que as aplaude, esses detalhes passam desperecebidos. A equacção mantem-se entre a platea e a scena. Com as verdadeiras obras d'arte o caso é inteiramente outro.

E' que nós, quando lemos somos levados a dar á interpretação o tipo mais perfeito segundo o nosso grau de idealidade. O nosso espirito fornece fórma, maneiras, então, aos personagens que a realidade dificilmente acompanharia.

Se entre a mão de Hamlet e aquela pedra arestosa da companhia de Emmanuel, pudesse ter havido qualquer semelhança, estou certo de que ninguem arriscaria um passo, quanto mais um crime, para a possuir. A inverosimilhança do atentado contra o velho Gonzaga, derivando daquela esposa que ninguem cubiçaria, sacrificou toda a possibilidade de eu tomar a sério, naquela noite, a obra prima do teatro germanico.

Ora porque assim penso, e porque é um facto que mesmo em volta das maiores estrelas teatraes se aglomeram estafermos de todos os tamanhos e jaezes, é que eu preferi a leitura d'«A Castro» á sua representação.

E, com efeito a obra é para ser lida. Quem conhecer «A Castro» do dr. Antonio Ferreira, deve compulsar a adaptação de Julio Dantas para se convencer de como é possivel ressuscitar ainda os velhos temas nacionaes. Um dia Teofilo Braga falou-me de outra «Castro», de Manoel de Figueiredo. O eminente professor considerava então engenhosa e original a explicação da furia real, arranjada pelo dramaturgo. Seria o direito dos netos legitimos em perigo, que poderia ter levado o avô, cioso, a tolerar a morte de D. Inez.

Manoel de Figueiredo, coitado, cuidára em justificar sentimentalmente a dura justiça dum rei. Mas afinal D. Afonso IV não fez senão o que lhe cabia, como chefe duma nacionalidade para a qual a absorpção era um constante fantasma.

A celula que perturba, que ameaça o equilibrio, a saude dum organismo, elimina-se; e das falas dos conselheiros do rei bem se deduz que por D. Inez ou por sua descendencia bem poderia chegar a intranquilidade ao reino.

Veneno, se o houve, se não foi um extremado zêlo patriotico que os animou,—só os conselheiros o segregaram.

A figura do rei sae ilesa da tragedia; não carece de justificação o seu gesto. E depois aquele Afonso IV que acode ao chamamento da filha, apartando-se de fundos resentimentos e socorrendo contra os mouros o genro que abominava, era lá capaz duma infamia.

A verdadeira e unica rasão é a rasão de Estado, e os autores bem o comprovam nos seus decasilabos admiraveis. E são os decasilabos brancos que me pareceram de inconfundivel beleza na tradução das «Metamorfoses» de Ovidio por Castilho e na D. Constança de Eugenio de Castro que reaparecem ali ao serviço de tão vivas paixões ressuscitadas.

O autor da «Ceia dos Cardeaes» conseguiu de facto reavivar os amores de Inês, ardua tarefa em terra e hora de tanto desamor. Aquele sonho triste, presentimento de morte, em lingua nenhuma o tópo com mais feliz expressão, mais iluminado de poesia. Krimilda tambem pressente em sonhos a morte de Sigfried, mas não banha em lagrimas a sua dôr.

Tambem não foi sómente na parte lirica do poema que as almas dos dois poetas se irmanaram; não foi apenas na argumentação que persuade ao crime que os dois doutores se confundiram; a actualisação da tragedia «A Castro», é toda ela uma obra da mais completa identificação. Tornada por mão de mestre fluida, clara, para os nossos dias, veiu mais uma vez assinalar que as obras de arte são eternas. Basta o sopro vivificante dum belo espirito para sairem dos arquivos e recomeçarem uma nova existencia.

Conheço as duas existencias de «A Castro», e o que posso garantir ao leitor, é que nunca a irei ver representar. Para mim aquelas figuras historicas quasi lendarias, tratadas com tanto carinho e elevação, aquela acção impressionante e forte, é das que não devem descer á ribalta.

O que lhe podem acrescentar os interpretes, se como tragedia classica nada lhe falta?

Por isso a saboreei dum folego sem a impertinencia das platéas nem a insuficiencia dalgum actor a destrambilhar-me as emoções.

D. Thomaz de Noronha.

PELO TELEGRAFO

A sucessão do rei Alexandre — Constantino quer não só o trono, mas a fortuna do filho

PARIS, 9.—No decurso da guerra o ex-rei Costantino suplicou ao quartel general alemão que atacasse os anglo-franceses e que atirasse com eles ao mar. Preparou o morticinio dos franco-britanicos em Atenas e não cessou um momento de procurar que a Grecia fosse incapaz de entrar na guerra e por conseguinte de agradar á Alemanha, á Bulgaria e á Turquia.—(Havas).

ATENAS, 9.—A questão da herança do rei Alexandre parece dever trazer complicações inesperadas, visto que o ex-rei Constantino parece opor-se a que Madame Manos recolha a herança do falecido rei.—(Havas).

ATENAS, 9.—O sr. Venizelos chegou a Corinto, onde teve uma recepção grandiosa. O discurso que ali pronunciou foi saudado aos gritos de «Abaixo Costantino».

O ex-rei Costantino sustenta a nulidade do casamento do defunto rei com Mademoiselle Manos e reivindica para si a sucessão de seu filho.—(Havas).

A ocupação dos Estreitos

LONDRES, 9.—O comando das tropas aliadas de ocupação dos Estreitos, durante o primeiro periodo, será exercido por um oficial general britanico, o general Harrington, o qual chegou na segunda feira, 8,30 a Costantinopla.—(Havas).

O general Nivelle na America

PARIS, 9.—O general Nivelle chegou já a Nova York. O secretario do comité da Mayflower deu-lhe as boas vindas, respondendo o general Nivelle, celebrando a parte tomada pelos generais americanos na grande guerra.—(Havas).

Felicitações ao sultão Mulley Youssef

PARIS, 9.—O presidente da Republica, sr. Millerand, telegrafou as suas felicitações ao sultão Mulley Youssef pelo sucesso das operações em Quezzan, que resoltou da cooperação das tropas francezas e cherifianas, cooperação que já anteriormente se tinha afirmado em tantos campos de batalha gloriosos.—(Havas).

A conferencia do Danubio

PARIS, 9.—A's 15 horas e 30 minutos de hontem reuniu a conferencia do Danubio, a qual continuou com a discussão do regimen a aplicar ao sector das Portas de Ferro e resolveu adiar a discussão para á proxima sessão, que deve ter logar no dia 10, quarta feira.—(Havas).

Os generaes Gourand e Janin

PARIS, 9.—O general Gourand, que tomou passagem a bordo do paquete «Lotus», deve chegar a Marselha na quarta feira de tarde.—(Havas).

PARIS, 9.—O general Janin, que exerceu o comando na Siberia, foi nomeado grande oficial da Legião de Honra.—(Havas).

O acordo militar franco-belga

PARIS, 9.—Segundo diz o «Petit Pariseen» o acordo militar franco belga foi registado pela Liga das Nações.—(Havas).

Negociações italo-iugo-slavas

ROMA, 9.—As negociações italo-iugo-slavas começam já em Santa Margheritta.—(Havas).

A crise ministerial belga

BRUXELAS, 9.—O rei dos belgas encarregou o sr. Carton de Wiart de organisar ministerio e este pediu para reflectir.—(Havas).

UMA DILIGENCIA IMPORTANTE

Os integralistas em fóco

A policia passa busca nos Terramotos e efectua varias prisões

A policia da esquadra dos Terramotos ha já dias tivera conhecimento de que elementos componentes de Monarquicos-integralistas se reuniam n'uma casa da rua Particular á Rua Maria Pia, letras J. A. P. residencia de Pedro da Silva, guarda da noite da fabrica Roma Leal e que foi guarda da Policia civica.

O Pedro da Silva, quando do movimento realista de Monsanto, fazia parte da corporação policial e estava destacado na esquadra dos Terramotos, a qual abandonou para se ir juntar aos revoltosos.

Preso em Monsanto pelas forças republicanas, foi internado no Lazareto com outros presos politicos, sendo mais tarde com outros correligionarios enviado para Angra do Heroismo, onde esteve 8 mezes. Depois foi presente a julgamento mas conseguiu ser absolvido, continuando a trabalhar, não pela causa de D. Manuel mas sim pela de D. Nuno 1.º, para o que foi aliciado pelos jovens integralistas.

De acordo com o seu inseparavel amigo e correligionario Manuel Gonçalves Pereira, que se faz passar por dentista e que reside na mesma rua 2. 1.º, direito, combinaram ceder as suas casas para n'elas se realisarem reuniões de adeptos de D. Nuno, os quaes afirmavam que tinham em mira fundar uma escola intitulada «Monarquia-Integralista de Santa Isabel».

O chefe Alexandre Alves, da esquadra dos Terramotos, que dia a dia ia sendo informado de taes reuniões secretas, não ha muito tempo suspeitou de um automovel mysterioso que uma vez por outra aparecia na area da referida esquadra e que constantemente modificava a «carrosserie».

Esse carro nunca aparecia com numero e umas vezes trazia «carrosserie» de verga, outras de madeira, conduzindo sempre dois individuos e outras tantas senhoras um dos primeiros de 40 anos pouco mais ou menos, que trajava de negro e usava oculos.

Esse auto começou a ser vigiado, vindo, por fim a descobrir-se que os seus passageiros se dirigiam para casa do Gonçalves Pereira ou para a do Pedro da Silva.

O caso chegou a tornar-se publico ha dias, devido á inconfidencia de um «reporter» e o tal automovel desapareceu como que por encanto, prejudicando bastante as diligencias que se estavam fazendo.

O chefe Alexandre Alves, receando que tudo se frustrasse, devido ás noticias que então apareceram, resolveu, d'acordo com o comissario geral e director da policia de Segurança do Estado, fazer uma busca rigorosa ás residencias acima apontadas, as quaes se realisaram hoje de manhã.

Para isso concentraram ás 5 horas na esquadra dos Terramotos 50 guardas das esquadras do Rato, Estrela e Alcantara, os quaes, acompanhados por 12 agentes da Segurança do Estado fizeram pelas 5,40 um cerco em forma ás duas casas sendo tambem cercadas as residencias de Jacintho Preto Chagas, empregado de escritorio, da rua João Crisostomo 123, A; Carlos Batalho (cigano), vendedor ambulante de fazendas, da rua Particular á rua Maria Pia, 5; Antonio Alves Saudinha, oficial de sapateiro, da travessa de Cima dos Quarteis, 8, loja, Augusto Fialho, policia reformado, da rua Maria Pia, 107, 1.º esquerdo.

Pelas 7 horas foram passadas buscas a todas estas casas, tendo sido apreendidos documentos de grande importancia bem como fotografias de D. Duarte, outras de D. Manuel, bem como uma pistola e dois carregadores para espingardas.

Toda a papelada a que a policia liga grande importancia foi levada para o governo civil, tendo sido presos os individuos acima referidos, sendo entregues para averiguações á policia de Segurança do Estado.

O Augusto Fialho, que, como acima deixamos dito, é policia reformado, esteve tambem em tempos na esquadra dos Terramotos e fez parte dos que seguiram para Monsanto a combater contra a Republica. Quando do ataque pelas forças republicanas á Serra, ficou ferido tendo recolhido ao hospital de S. José onde permaneceu algum tempo.

O Antonio Alves Saudinha foi militar ha muitos anos, alistando-se depois na corporação policial e ao ser implantada a Republica emigrou para a Galiza e uma vez ali alistou-se nas hostes de Paiva Couceiro de quem foi impedido, fazendo parte do grupo incursor em 1911. Desbaratadas as hostes monarquicas pelos republicanos, o Saudinha fugiu com um outro para o Brazil, donde regressou quando da situação dezembrista, sendo de novo reintegrado na policia pelo capitão Lobo Pimentel.

Por ocasião da revolta de Monsanto abandonou a esquadra e foi juntar-se aos revoltosos, sendo preso e enviado para Angra juntamente com o Pedro da Silva e outros.

Julgado mais tarde e absolvido, voltou a manifestar-se pela Monarquia e agora com mais enthusiasmo e ardôr pelos integralistas.

As duas senhoras que eram vistas no auto mysterioso foram tambem presas, tendo recolhido incomunicaveis a diferentes esquadras.

Uma d'essas senhoras andou antehontem pelo governo civil pedindo que fosse restituido á liberdade Dario da Cruz Moreira, que tinha sido detido na rua de Campo de Ourique, onde estava com outros fazendo propaganda integralista

A policia tambem passou busca á casa de um barbeiro de nome Monteiro, da rua de Campo de Ourique, 88, sendo ali apreendidos documentos e encontrada a quantia de 40 escudos em prata e cobre.

O Monteiro não foi preso, por se encontrar doente.

Pelas diligencias até agora efectuadas parece averiguado que as taes os presos estão mais ou menos implicados no «complot» integralista descoberto ha dias n'uma casa da rua Borges Carneiro, 5, 2.º, de que resoltou serem presos e enviados á cadeia do Limoeiro os srs. Luiz Chaves, ex-alferes; Sá Carneiro e Norberto Guimarães.

Tambem se diz que as taes senhoras que se encontram presas eram as portadoras do dinheiro para os conspiradores, tendo distribuido grandes quantias.

As diligencias policiais proseguem com a maior actividade.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

VIII — *A mulher mais linda e as pernas mais mal feitas da França : !*

No teatro francez, como de resto pela vida nacional, o *pourboire* é uma instituição velha; mas como já de ante mão afirmei que não vim descobrir um novo mundo, não tenho de descrever senão coisas já lidas e sediças. Entra-se e paga-se á bengaleira; uma arrumadora vem indicar o logar e exige tacitamente o seu franco; o programa, mais um franco e assim sucessivamente. A revista no *Folies Bergères* é como todas as suas antecessoras, um motivo galante para atrair no farejo de pouca-vergonha os vermelhaços inglezes e americanos que visitam Paris; ao mesmo tempo, é motivo para ostentação de mulheres esbeltas, especialistas ou nos colos, ou nas costas, ou nas pernas bem feitas. Abuso irreverente do *bleu* nos olhos, dando ideia de grandes palpebras azuladas de papagaios humanos, e dos carmins e pós de arroz, de fórma que é dificil adivinhar se os rostos são belos ou não. Todos sabem que as revistas não tem sequencia alguma: esta tem 30 quadros, alternando um de comedia com outro de fantasia; cada quadro comporta 3 ou 4 personagens e é entrecortado por grandes bailados pelas *Sunshine Tiller's Girls* que se dizem de Londres e New-York. Realmente o ensaio que denotam é qualquer coisa filha da disciplina e da ordem. Os quadros da revista têm por titulos *A crise das meias de seda*, ou o *Concurso das costas nuas*, os *Jogos num circo romano*, *La danse du ventre*, a *Biskra*, *L'eventail brisé*, etc., servindo de pretexto para um desfile de corpos meios nús, em figurinos extravagantes e guarda-roupa luxuoso. A malicia, o *double-sens*... que só tem um sentido, e faria desabar entre nós toda a moralidade, pois mete uma cama, a eterna cama das bregeirices francezas, está nos quadros *L'amour a la ferme*, e *Un souper a l'abbaye de Thelême*. Mas, áparte toda esta fascinação a luz electrica, é realmente belo o espectaculo, pela decoração, pela riqueza, pela luz, estonteando as cabeças fracas. A meio do espectaculo um quadro de reclame curioso: *la plus belle femme de France*. Ha um certo sussurro na sala, como se nos preparassemos para algum acontecimento. E, ao fim, surge num encadrement scenografico Agnés Souret, o *grande prix* do concurso de Beleza da França. E' realmente bela a Mam'zelle sendo muito aplaudida... por ter sido dada á luz com aquele palminho de cara. As senhoras dizem que... «sim... não é feia, numa rivalidade curiosa; e intimamente, tambem nós perguntamos a nós proprios como se estabelece assim arbitrariamente um titulo de tão graves responsabilidades: «a mulher mais linda da França». Numa *corbeille* percorre, suspensa dum arame, o espaço entre o palco e os camarotes de frente, e não faz mais do que sorrir. A caranguejola que anda no ar leva-me a pensar nas nossas revistas tão mal tratadas por esses bandidos dos criticos—não desfazendo em mim proprio. Pois ha la nestes teatros outra coisa que não seja dinheiro e imoralidade? Onde estão os prodigios fantasticos que os carpinteiros modestos e pigmeus dos nossos pequenos palcos conseguem, fazendo com recursos fraquissimos mutações de scenas assombrosas e efeitos de luz magistraes? Onde está a imaginação que exigimos nas nossas revistas, o fio sequente de ideias, e originalidade? Só se fôr nestas pernas tortas,—que digo?—tortissimas, dançando uma dança frenética, futurista, que denota bem a epoca em que vivemos. Ia apostar que são as pernas mais tortas do mundo, visto que, não havendo por cá *maillots*, é quasi impossivel a gente enganar-se.

A ausencia de «maillot» já se não dá no Marigny», onde fui ver outra revista. Na plateia os mesmos estrangeiros, alguns raros parisienses e mais ninguem. Porque, estou em crêr, o parisiense não vae a estes espectaculos feitos para o pobre do estrangeiro. Encontrei-os, sim, rindo no *Palais Royal*, no *Femina*, onde comedias mais ou menos livres amenisam a existencia.

Sem ter estado antes da guerra em Paris, vejo no entanto claramente que as noites duma iluminação escassa já não têm aquele encanto de divertimentos dos outros tempos. A' meia noite, é raro o *cabaret* que tem luz lá dentro e rarissima a rua onde um piano, uma orquestra, os berros dum *jeune homme gris* quebrem o silencio escuro da noite. Vae-se aos *dancings*, aos cafés chics, ao *Maxim's*, á *Sherezade*, mas recolhe-se cêdo. Dança-se, fuma-se, faz-se barulho nos instrumentos exoticos dos *jazz-bands* veem-se perversidades selvagens com requintes de mundanismo civilisado, os automoveis circulam como misterios rozeos, o *champagne* salta, mas em menor escala, e Paris talvez cançada dalguns anos e seculos de pandega e deboche vae recolhendo cêdo e trabalhando afincadamente.

O *cine*, com todas as peliculas americanas, os seus herois do *far-west* do pano branco, perturbando a efeminidade parisiense, os espiritos afeitos á aventura das *midinettes*, contribuiu largamente para crear novos polos de atracção, uma atracção que leva a deitar cêdo e ser mais moral... Os *cines* de Paris, ás dezenas, alimentando dia e noite, tem sempre publico, como uma pobretona *Magic City* ou no Boulevard des Italiens, o *Pathé-salon* de musica. E' incrivel que haja tanta gente, dia e noite, escutando trechos de musica por dois auscultadores reunidos a um gramofone invizivel uma casa com varias dezenas de mezas e um catalogo; o amador escolhe os trechos que deseja, forma o numero correspondente ao do catalogo, no aparelho, e logo, 3 minutos depois, das 17 mil musicas que a caixa comporta, a escolhida resôa aos nossos ouvidos automaticamente por 30 centimos.

Mas ha uma desilusão grande para os que imaginem ir encontrar em Paris a cidade capital do prazer, dentro da Paris que os estrangeiros buscam ha outra Paris, uma cidade confortavel, toda feita em lar, feita *menage*, boa dona de casa, curiosa nos seus detalhes da vida familiar. E' a Paris dos parisienses, a que se encontra á tarde recolhendo á casa nos *metros* e pela manhã farejando o *bon marché*, em redor dos *Halls*.

Amanhã passaremos por lá, se o leitor quiser e gostar.

Armando Ferreira.

A AMNISTIA

Deu acomissão de legislação penal da camara dos deputados sobre a proposta ministerial de amnistia, um parecer substituindo-a por um projecto de lei em que é concedida a liberdade condicional e a revisão dos processos. Pelo que diz respeito á revisão dos processos, o modo de vêr da comissão não póde ser adoptado pela Camara, porque isso equivaleria a reconhecer que a justiça da Republica não julga com seriedade. A tanto não chegaram os proprios condenados que não recorreram da sentença que os condenou, como a lei lhes facultava. Ora se eles não recorreram então da sentença, como quer a comissão da Camara dos Deputados que requeiram agora a revisão dos processos? E não a requerendo eles, muito menos o ministerio publico, a não ser que o governo lho ordene. Dar-se-hia assim este caso picaresco de os condenados se acharem bem julgados e bem condenados, visto que nãore correram das sentenças, e o governo a querer por força que eles tenham sido mal julgados e mal condenados.

Reflete-se no parecer da comissão da Camara dos Deputados, como num espelho, o nosso modo de ser em muitas das manifestações da nossa vida publica — faz-se um contrato, não se cumpre o contrato; da se uma sentença, não se cumpre a sentença — uma falta de respeito por todos os compromissos e por todos os poderes que muito prejudica o bom conceito em que todos nós desejariamos ser tidos.

No ponto a que chegaram as coisas, uma só ha a fazer — discutir a proposta ministerial de amnistia — e resolver o parlamento no exercicio da sua soberania se é oportuna ou não a concessão. O governo seguirá depois o caminho que as circunstancias lhe ditarem. Mas nada de enveredar por atalhos, quando teem diante dos olhos a estrada direita.

Remessas abandonadas

No dia 24 do corrente e seguintes, na estação de Santa Apolonia proceder-se-ha á venda, em hasta publica, de todas as remessas incursas nos prazos e dos volumes não reclamados. Os consignatarios podem ainda retira-los, no caso de pagarem o debito á Companhia até á vespera do leilão.

VIDA SPORTIVA

As provas de 'Os Sports'

Regulamento da prova de automoveis

A inscrição está aberta para concorrentes individuaes e representantes de marcas

1.º—O bi-semanario «Os Sports» organisa e fará disputar em data previamente marcada e anunciada uma corrida de automoveis nas condições do presente regulamento, no percurso Bemfica (partida) Contra—Cascaes—Cruz Quebrada (chegada).

2.º—O jury da corrida será organisado por «Os Sports»; e estabelecerá controles conhecidos e secretos nos locaes onde o julgue necessario, ficando do antemão estabelecido um controlo em Cascaes com paragem obrigatoria, onde os concorrentes terão de assinar o boletim de passagem.

3.º—Aos concorrentes serão fornecidos graficos do percurso, onde estarão indicados os controles conhecidos.

4.º—Os «controleurs» tem por missão fiscalisar a passagem dos concorrentes e dar-lhes as indicações que lhes forem por estes pedidas.

5.º A inscrição terá de ser feita em oficio dirigido a «Os Sports» e poderá ser individual ou de representantes de marcas, podendo os concorrentes serem amadores ou profissionaes. As taxas de inscrição são de 25 escudos por carro para individual e 50 escudos por carro para representantes de marcas. Cada concorrente designará no oficio de inscrição um seu delegado que será agregado ao jury. As taxas das inscrições só serão devolvidas se a corrida se não puder efectuar, por qualquer motivo de força maior.

6.º—As casas representantes de automoveis podem inscrever em cada categoria um numero ilimitado de carros.

7.º—Os concorrentes serão divididos pelas seguintes categorias, conforme a força dos carros.

—1.ª até 15 H. P.
—2.ª de 15 a 35 H. P.
—3.ª acima de 35 H. P.

A força dos carros terá de ser indicada nos oficios de inscrição e será comprovada por catalogos e mais documentos. Os automoveis poderão levar ou não carrosserie.

8.º—Em cada categoria a classificação far-se-ha pelo menor tempo gasto no percurso.

9.º—O jury fará uma verificação de consumo para os concorrentes representantes das marcas que o desejarem, sendo para isso necessario que lhe sejam fornecidos por aqueles todos os elementos precisos, que virão exarados no oficio de inscrição.

10.º—As partidas serão dadas com os intervalos de tempo que o jury determinar.

11.º—Quando nos passagens do nivel as cancelas estiverem fechadas, o tempo que o concorrente estiver parado será descontado no seu tempo total do percurso. Para este efeito, em cada passagem de nivel haverá um ou mais cronometristas.

12.º—Cada carro poderá transportar durante a corrida as pessoas que o concorrente entender, as quaes terão de nele se conservar durante todo o percurso.

13.º—Os concorrentes terão de estar prontos no local da partida 45 minutos antes da hora da primeira largada, que será oportunamente anunciada aos concorrentes. A ordem de largada será tirada á sorte pelo jury com a devida antecedencia.

14.º—Nenhum concorrente poderá prejudicar os seus adversarios impedindo-o de avançar ou de qualquer outra forma, sob pena de ser desclassificado pelo jury.

15.º—O jornal «Os Sports» concederá diplomas a todos os concorrentes que forem classificados. Ao 1.º de cada categoria será entregue uma medalha de honra.

16.º—Qualquer reclamação sobre o resultado da corrida deverá ser feita por escrito pelos concorrentes e no prazo de 24 horas acompanhada de 100$00 escudos, que só serão restituidos no caso do jury atender o pretesto.

17.º—O jury terá de fornecer a «Os Sports» um relatorio sobre a corrida no prazo de 3 dias.

18.º—O jury resolverá sobre todos os casos omissos e não previstos neste regulamento e as suas decisões são irrevogaveis.

Amanhã o sportsman Alberto Lamarão, num automovel «La Licorne», parte para Badajoz afim de esperar e acompanhar até Lisboa os automobilistas hespanhois D. Mauricio Dalmau e D. Julio Beltram, que veem expressamente concorrer em carros «Dobi» ás provas de «Os Sports».

Devem chegar a Lisboa sabado á tarde.

Theatros e Cinemas

Reclames

O «Grande Amor» é a peça da moda. Anunciá-a é assinalar uma enchente no elegante Politeama.

—O que vae hoje no Apolo? A esta pergunta não ha ninguem que não responda: Vae a Rainha das revistas, a maravilhosa peça «Risos e Flores» cujo soberbo desempenho, cujo explendor não tem rival em todos os teatros de Lisboa e do Paiz.

—O que me tras e um convite para o teatro?
—Acertou V. Ex.ª. Trago-lhe um bilhete para a recita da moda d'amanhã.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

«Revista de Educação Fisica».—Está publicado o numero 2 d'esta magnifica revista, dirigida por José Luiz Ribeiro. Traz interessante e variada colaboração, assim como belas gravuras. Entre os colaboradores figuram o dr. Pinho de Miranda, professor Anibal Pinheiro e Abel Martins Viana, drs. Henrique de Vilhena e Carlos da Silva, etc.

«Alma Feminina».—D'este boletim oficial do Conselho nacional das mulheres portuguezas saiu o numero 8 correspondente a agosto findo. Colaboração das sr.as D. Maria Clara Alves Correia, D. Alzira Vieira, D. Adelaide Cabete e D. Maria O'Neill.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Feita a chamada ás 14,40, sob a presidencia do sr. Mesquita de Carvalho, constata-se a presença de 12 deputados.

Terminada essa formalidade, observam-se as outras do costume. Em seguida espera-se por maior assistencia.

A's 15, numero para o «antes da ordem» o sr. Alves dos Santos requer urgencia para um projecto.

O sr. Domingos Cruz deseja saber o que ha com relação a factos ocorridos em Huila, cujo governador, ao que se sabe, exagerou em procedimentos contra os protestantes que manifestaram o seu desacordo com determinações da comissão administrativa concelhia.

O sr. ministro das colonias responde que, realmente tem conhecimento de sucessos originados por excitação popular e acerca dos quaes ordenou a organisação dum processo, tendo agora informações que aconselham ponderação no julgamento dos casos, julgamento que será feito pelo alto comissario de Angola.

O sr. Viriato da Fonseca trata dos interesses de Cabo Verde, preguntando o sr. ministro das colonias por alguns esclarecimentos.

O sr. Jaime de Sousa protesta contra a forma como está sendo aplicada a lei 1040, á sombra da qual se cometem graves injustiças, castigando-se até com demissão oficiaes que se bateram no «front» e que deveriam oferecer todas as garantias de lealdade á Republica.

No Senado

O sr. Julio Ribeiro declara que se estivesse presente á sessão em que foi indicado o nome do sr. Brito Camacho para o cargo de alto comissario da provincia de Moçambique, lhe teria dado tambem o seu voto; associa-se egualmente ao voto de sentimento que fôra aprovado pelo falecimento do senador Desiderio Beça, de quem fez o mais doloroso elogio, e protesta contra a falta de documentos pedidos ha tempos pelos diferentes ministerios, pois quer demonstrar quanto é exagerado o numero de dactilografas que infestam as repartições publicas, absorvendo ao Estado a quantia de 600 contos, não contando as recentes ajudas de custo de vida.

O sr. Alberto da Silveira remete para a meza um requerimento em que se pedem providencias contra os atropelos cometidos á sombra da lei n.º 1040.

O sr. Ramos Pereira pede providencias rapidas por forma a desobstruir a ponte sobre o Coura em Caminha pelos prejuizos que resultam do seu impedimento.

O sr. Jacinto Nunes pergunta, mais uma vez, se já se encontram na mesa os documentos que pedira ha um ano sobre o credito aberto a favor dos celeiros municipaes.

O sr. presidente responde negativamente.

O sr. Bernardino Machado verbera o procedimento do governo na parte relativa á situação financeira que, dia a dia, mais angustiosa se encontra. Não vê que o governo nem o ministro das finanças tomem medidas tendentes a salvar esta tremenda situação.

O sr. ministro das finanças diz que nem a ele nem ao governo cabem quaesquer responsabilidades no momento atual. Desde que tomou conta da pasta não se tem cançado em trazer ao parlamento varias propostas que, a seu ver, aumentariam, ou pelo menos, equilibrariam as despezas ordinarias e extraordinarias. As varias comissões encarregadas de as estudar e dar parecer é que teem feito obstrucionismo demorando-as tempos infinitos. A Camara dos Deputados morre muito de amores pela politica...

O sr. Bernardino Machado não se dá por satisfeito com as declarações do orador, atacando o governo com energia e convidando-o a proceder como o momento aconselha.

O sr. ministro das finanças declara que vae transmitir as considerações do sr. Bernardino Machado ao sr. presidente do ministerio.

AS GRÉVES

No Sul e Sueste

Os serviços não sofreram hoje alteração alguma.

O vapor «Vitoria», quando hontem á noite vinha para Lisboa, devido á má qualidade de carvão e a não ter a pressão suficiente, teve que passar a meio do rio, sendo com grande dificuldade que atracou á ponto do Terreiro do Paço com um grande atrazo.

Hoje de manhã foi apreendido muito pão a diferentes pessoas que tentavam transportal-o para fóra de Lisboa, o que não é facil em virtude da grande vigilancia exercida naquela estação. O pão apreendido foi depois vendido ao preço de 40 centavos o quilo e entregue o produto da venda ás pessoas a quem foi apreendido.

De hoje em deante, a venda dos bilhetes para os comboios do Alemtejo e Algarve passa a ser feita na vespera, das 14 ás 17 horas, e o despacho de bagagens para os mesmos comboios dos 15 ás 18, serviço que era feito anteriormente das 16 ás 20 horas.

Cruzador auxiliar "Pedro Nunes"

Parte brevemente para o Oriente com escala pelas colonias africanas o cruzador auxiliar «Pedro Nunes» que vae levar a Macau passageiros do Estado e material de guerra que ha muito esperava inutilmente que alguem se resolvesse a transportal-o.

O navio que é o antigo «Malange» tem espaço para receber maior carga que a que o Estado tem para lhe meter e, porisso, tem o seu comandante, capitão de fragata, sr. Manoel dos Santos Fradique, envidado esforços para que as estações superiores lhe permitam transportar carga da praça de Lisboa e d'outros pontos da sua escala, bem como carga do oriente e das colonias africanas para Lisboa na sua viagem de regresso.

Isso tem por fim aligeirar o peso dos encargos da viagem, pois que o navio, apezar de ser um notavel gastador de carvão, tem obrigação de se desempenhar da incumbencia que lhe é cometida, com lucro para o Estado.

Mas na nossa terra anda tudo zarro de modo que um tão sensato e util objectivo não tem sido auxiliado com a boa vontade que seria de esperar se toda a gente se empenhasse em bem servir a nação.

No caso presente, só o comandante merece a confiança do governo, como decerto merece, porque, senão não estaria no desempenho d'aquelas funções, os ministros da marinha e das colonias deveriam entender-se para lhes dar maior latitude na escolha da carga a transportar, para que a viagem pesasse o menos possivel sobre o tesouro publico. E' viagem de experiencia. Convem, porisso, deixar livres os movimentos de quem a realisa. Os seus resultados orientarão os T. M. E. acerca das viagens para o Oriente que vão inaugurar com o «Quelimane».

Nós precisamos muito de arroz e assucar que o «Pedro Nunes» póde transportar em grande quantidade do Oriente e das colonias africanas. Vamos, não embaracem o abastecimento do paiz!

POEIRA DA ARCADA

Biblioteca da Universidade de Evora

Conformando-se com o parecer da direcção geral das Belas Artes o sr. ministro da instrução determinou que a verba de 100 contos incluida no orçamento para 1920-1921, para reparações, instalações e conservação da Biblioteca da Universidade de Coimbra e da Biblioteca Publica de Evora, seja dividida em partes iguais por aqueles estabelecimentos. Os 50 contos que cabem á biblioteca de Evora serão aplicados á compra do palacete Amaral, antiga residencia dos condes de Saude, onde está instalada a biblioteca. A camara municipal daquela cidade passará para o edificio onde se encontra actualmente a biblioteca, e o liceu passará a ocupar tambem as instalações da Escola Industrial.

Ministro das finanças

O sr. ministro das finanças não foi hoje á sua secretaria por estar ligeiramente incomodado de saude.

Sanidade interna

Na semana finda em 6 do corrente manifestaram-se em Lisboa 2 casos de meningite e 2 de variola.

de difteria, 4 de febre tifoide, 1 de

Ecos & Noticias

DOENTES

Encontra-se melhor dos seus padecimentos o estimado empregario teatral sr. Luiz Galhardo.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje no governo civil José Caldeira, caixeiro da padaria da rua dos Luziadas, 97, por ali ter pão sonegado, e José Fernandes, por ter trez sacas com assucar na sua residencia, no Campo de Santa Clara, 82 1.º. O primeiro foi absolvido e o segundo condenado na multa de 1:200 escudos, tendo sido julgado á revelia.

O negocio do assucar

Foram presos Arnaldo Garcia Tavares, morador na rua da Sociedade Farmaceutica, 29, e Antonio Soares, rua Marcos Portugal, 15, 1.º, por o primeiro comprar 30 kilos de assucar que comprou ao segundo por preço superior ao da tabela.

Despenhando-se por uma escada

Esta tarde, pela escada do predio n.º 48, da calçada do Marquez d'Abrantes, despenhou-se uma creança do sexo feminino, que foi conduzido para o hospital de S. José, onde se verificou ter o rosto ferido e a perna direita fracturada, tendo ficado sem fala.

Aparenta ter 10 anos e desconhece-se a sua identidade.

Ficou na casa das observações.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 8|11.—Ao banquete que a colonia hespanhola ofereceu ao sr. Millerand na embaixada hespanhola, assistiram os srs. Leygues, presidente do governo, embaixadores da Italia e Inglaterra, marechal Petain, srs. Viviani e Bourgeois, e a comitiva do rei Afonso XIII.—Havas.

BARCELONA, 8|11.—Terminaram as gréves dos eletricos e metalurgicos, voltando os respectivos operarios ao trabalho.—Havas.

BERLIM, 11.—Continua a gréve dos electricistas e metalurgicos, estando porem, assegurada a iluminação mais importante da capital.—(Havas)

BRUXELAS, 11.—O governo belga nomeou o sr. Hymont para ir a Berlim estudar a questão da Alta Silesia de acordo com as comissões alemã e polaca.—(Havas)

PARIS, 8|11.—Os meios parlamentares mostram-se de acordo em afixar a redução do serviço militar para 18 mezes só quando as circunstancias o permitirem, o que não poderá suceder nestes primeiros em que a França tem de manter-se vigilante na fiscalisação de cumprimento do tratado da Paz.—(Havas.)

CLERMONT, 8|11.—Quando estavam em exposição as bandeiras do 13.º corpo que devem figurar na comemoração do armisticio em Paris, no proximo dia 11, abateu uma escadaria em que se aglomeravam os visitantes, ficando 2 pessoas mortas e 56 feridas.—(Havas).

Cotação do café e cambial

RIO DE JANEIRO, 9.—Cotação do café, 11$800; cambio sobre Londres, 11 7|8 e 12; valor do escudo português, 860.—(Americana).

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21.30, «Amanhecer».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas: ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.
Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3683 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 11 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

A comemoração do armisticio

Passa hoje o segundo aniversario do armisticio que, de facto, concluiu a guerra entre os imperios centraes e as nações aliadas. Depois de quatro anos de lutas gigantescas, o mundo respirou finalmente. Não foram só os luctadores que rejubilaram; foram os pensadores que exultaram, porquanto, com ele não só acabava a guerra com o seu cortejo de morticinios espantosos, mas tambem era licito supôr que, visto ela terminar com a victoria dos aliados, cuja causa era a do direito e da justiça universaes, o globo iria finalmente conhecer aquelas eras de paz e de ventura que a imaginação dos povos ha tantos seculos acalenta como a esperança duma realidade futura.

Foi um momento de suprema gloria e de infinito desafogo. Finalmente, a sorte das armas decidira-se pela boa causa. Deixava de pesar sobre a humanidade inteira o brutal imperialismo germanico. E com ele ia-se o receio secular do triunfo pleno do despotismo, da autocracia, do cesarismo. Por toda a parte, os povos expulsavam dos tronos os seus monarcas. O principio monarquico liquidava, já não havia senão democracias no mundo. Algumas monarquias existentes eram e são Republicas de facto. Uma grande «étape» se galgara na marcha maravilhosa do progresso.

Mentiriamos se dissessemos que desde o dia do armisticio a humanidade ganhou essa recompensa explendida dos seus esforços. O abalo produzido pela guerra fôra maior do que se presumia. Apoz o conflicto politico, surgia a questão social. Ela era uma consequencia fatal da guerra que anarquisou financeira e economicamente os Estados. Ainda em plena campanha tomou aspectos temerosos. Foi então que se desencadeiou a revolução russa. Depois, quer em virtude do estado moral causado pela guerra, quer em consequencia de profundas dificuldades materiaes, a convulsão continua. E' preciso dar ás sociedades um novo equilibrio, e sem isso os fructos do armisticio serão sempre incompletos.

Mas o armisticio com uma nova era, e se dos sobresaltos que já sofremos, e podemos ainda vir a sofrer, quizemos averiguar uma responsabilidade originaria, essa responsabilidade pertence á Alemanha, pertence ao imperialismo, pertence ao proprio principio monarquico, em que se condenam as ambições dos conquistadores e os desvarios dos desvairados pela vaidade. Se não houvesse um monarca como Guilherme II, nunca se teria pensado na renovação do imperio de Augusto ou do imperio de Carlos Magno. A Europa não seria falada pelas guerras dos fins do seculo XVIII e do principio do seculo XIX, se primeiro os reis coligados não tivessem querido salvaguardar os interesses das suas proprias dinastias, esmagando a França revolucionaria, e se a ambição d'um imperador, que fizera a sua carreira como um soldado da liberdade, não houvesse dado em resultado uma sequencia incessante da guerra. N'estas grandes vias de facto, encontra-se sempre, na sua origem, o despreso do odio pela liberdade.

O armisticio foi precisamente a consagração da liberdade. Vencida nos recontros anteriores entre o espirito da democracia e o espirito da autocracia, a liberdade ficou definitivamente victoriosa. Bastaria esta ideia para compensar os sacrificios e os sofrimentos dos que na grande guerra de qualquer maneira participaram.

O mundo hade marchar; as circunstancias hãode modificar-se; onde hoje só se observa a penuria e a tristeza hão-de patentear-se a plenitude e a alegria. Nada se consegue no mundo sem sofrimento. E então, nós, ou pelo menos os nossos filhos, hão-de orgulhar-se do que nós fizemos, porque reconhecem que servimos a mais nobre e a mais humana de todas as causas.

Entretanto, saudamos a data do armisticio. Ela não deixará jamais de estar gravada nos nossos corações.

Artistas portuguezes no Brazil

Por noticias recebidas hoje sabe-se que o actual «salon» de arte portugueza que está aberto no Rio de Janeiro tem tido um exito de venda inferior ao que se esperava, derivado talvez da acérrima campanha levantada a tudo quanto é nosso. No entanto, os criticos que marcam, assinalam um sucesso artistico muito lisongeiro para os nossos melhores artistas. Columbano vendeu um pequeno quadro por quatro contos. Alberto de Sousa vendeu uma aguarela e Leitão de Barros trez, sendo uma, «natureza morta», de pequenas dimensões, por um conto de réis.

Universidade Popular Portugueza

Recomeçam na proxima semana, n'esta instituição popular, as sessões cinematograficas educativas e as conferencias de vulgarisação scientifica e literaria.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

O sr. dr. Magalhães Lemos

Não querendo que possa parecer, ao Director do hospital do Conde de Ferreira, uma falta de atenção da minha parte não lhe fazer uma referencia especial, em alguma das minhas cartas, visto que a outros seus colegas me tenho referido, venho hoje cumprir este dever de «gratidão».

As horas mais cruciantes que pode ter a vida duma mulher, tive-as dentro do hospital de que o sr. dr. Magalhães Lemos é director; e tive-as com seu conhecimento e com o seu consentimento; nunca poderei, portanto, esquecê-lo, nem perdoar-lhe.

Esse senhor, que no primeiro momento em que o vi, me inspirou simpatia, talvez que, se fosse ele o director da enfermaria onde eu estava, e, se tivesse vontade propria, não fosse para mim o que foi.

O sr. dr. Magalhães Lemos, cujo fisico nos não afasta, porque a sua fisionomia simpatica, a sua barba e cabelos brancos que nos inspiram respeito, o seu ar de bonhomia nos da a impressão de que deve ser um homem bom, é, afinal, um fraco.

De estatura menos que mediana, pois que é quasi da minha altura, o director do Conde de Ferreira não se impõe á nossa admiração, pela sua figura, mas impoz-se, em tempos idos, pelo seu saber, porque não resta a menor duvida de que o sr. dr. Magalhães Lemos foi realmente um sabio. Aconteceu-lhe, porém, o que tem acontecido a tantos outros sabios —tanto leu que tresleu—não sou só eu quem o reconhece. Alem disso, diz o ditado que quem lida com doidos morre doido e o sr. dr. Magalhães Lemos lida ha muitos anos com eles.

Não me parece que este senhor seja um mau por natureza, mas é um fraco, repito; e disto é que não resta duvida.

Na atmosfera de maldade que respira, sua ex.ª sofre-lhe os efeitos; deixa-se, sem dar por isso, levar para o mal, como se deixaria levar para o bem, se para o bem o levassem.

A primeira vez que o sr. dr. Magalhães Lemos se aproximou de mim, no meu quarto, numa visita de cumprimentos que durou poucos minutos e em que apenas quiz saber como eu explicava o meu abandono do lar conjugal, pois que áquela data a verdade do meu caso não era sua conhecida. A minha resposta limitou-se a estas palavras—um desgosto intimo. O sr. dr. Magalhães Lemos, batendo-me paternalmente num dos braços umas palmadinhas, disse, repetindo as palavras como costuma:—«Havemos de nos entender, havemos de nos entender».

Passados uns dias, voltou a visitar-me, insistindo em querer saber a razão da minha saída de casa; e eu insisti na mesma resposta. Esta visita foi curta como a primeira, visita de medico, como vulgarmente se diz; mas o sr. dr. Magalhães Lemos tratou-me delicadamente, porque, devo declarar que o interrogatorio, se mostrou grosseiro comigo; de resto, das poucas vezes que entrou no meu quarto, nunca o fez sem tirar o seu gorro preto que, só a instancias minhas, tornava a pôr na cabeça.

Quando, no dia 15 de Dezembro de 1918, data que assinalei na minha memoria, o sr. dr. Magalhães Lemos foi ao meu quarto, eu obtive a confirmação, pelo proprio director do Conde de Ferreira, de que a minha entrada se fizera sem atestados, tendo estes aparecido mais tarde.

Antes da minha fuga, o sr. dr. Magalhães Lemos só me tornou a ver, depois daquele dia, umas duas vezes e muito rapidamente.

Eu imaginava, ao principio, que ele se interessaria por mim; essa ilusão desfez-se no dia de Natal de 1918, quando, á pergunta que lhe dirigi sobre a consciencia com que se tinham passado aqueles documentos, visto que me não haviam feito exame algum, me respondeu: — «Isso não é comigo».

Se o director dum hospital de doidos se não importava que ali estivesse uma mulher internada com documentos falsos, o que devia imediatamente tê-lo posto de sobre-aviso, que podia ela esperar dele?

E, todavia, se o sr. dr. Magalhães Lemos me tivesse examinado, como parece que deveria ter feito, sendo director do Conde de Ferreira, é possivel que a sciencia tivesse despertado a sua consciencia adormecida, fazendo-lhe ver que não devia ter no seu hospital uma mulher internada, em seu juizo.

Mas aquele senhor não quiz dar-se a esse incomodo. Entendeu que apenas devia querer saber porque deixei o tecto conjugal, sem se importar de colher mais elementos para o estudo, que tinha obrigação de fazer, da minha pessoa.

Isso deu em resultado cair no disparate de dizer que eu sofria de debilidade mental e levou-o a continuar por um falso caminho, até chegar ao extremo de me declarar incapaz de reger a minha pessoa e bens.

E aqui tem o leitor, ao que pode levar a falta de cuidado dum sabio que foi sabio.

Maria Adelaide

A amnistia e os reconstituintes

As comissões politicas do Partido Reconstituinte, discutiram hontem em reunião magna a concessão da amnistia aos presos politicos. Varios dos presentes pronunciaram-se em sentido diverso, não tendo faltado quem relembrasse as violencias de que foram vitimas muitos republicanos, durante o periodo do dezembrismo, especialmente o sr. dr. José de Castro, pae do chefe do Partido Reconstituinte.

Apezar destas tristes recordações que tão de perto tocavam o seu coração, o sr. Alvaro de Castro, dando provas duma generosa magnanimidade, declarou que ao seu espirito não repugna a concessão da amnistia em determinadas circunstancias e na devida oportunidade e que, em caso algum, dará o seu voto ao parecer da comissão de legislação penal que classifica de acto de cobardia politica, que nada resolve e que a ninguem aproveita.

Falou bem o sr. Alvaro de Castro e aqui se mostrou tal como nós o conhecemos e estamos habituados a considerar, bem diferente daquele dr. Alvaro de Castro que fala no parlamento dominado por interesses de partido que lhe não deixam ver as coisas com clareza. Não disse, todavia, quando julgava oportuna a amnistia e isso é a parte mais importante do caso que se pretende resolver. Na verdade a amnistia não resolve a questão, não agrada a ninguem, não se impõe ao espirito de ninguem; a diferença está só em que uns querem-na já, e outros lá para as calendas gregas.

O sr. dr. Alvaro de Castro quere-a, ou vota pelas calendas? Aí é que está a questão.

No que o sr. Alvaro de Castro tem inteira razão é em não dar o seu voto ao parecer da comissão de legislação penal da camara dos deputados, não se associando assim ao descredito que o referido parecer lança sobre a justiça da Republica. Parece que poderia ser subscrito por monarquicos.

Os salvadores

Havia no tempo da monarquia uma personagem de alta categoria social, notavel jurisconsulto que desempenhou muito tempo o cargo de auditor do Supremo Conselho de Justiça Militar, se não estamos em erro. Era o sr. Navarro de Paiva. Pessoa muito estimavel, muito bem educada, tinha uma inocente mania — a de se julgar destinado a salvar o paiz — Segundo contavam os seus numerosos amigos, todas as vezes que se declarava uma crise ministerial, ficava em casa esperando anciosamente a almejada carta do Paço que deveria pôr-lhe nas mãos os meios de salvar o paiz, a sua suprema ambição, encarregando-o de formar governo.

A carta não chegava, a crise resolvia-se sem o concurso do ilustre homem de leis que pacientemente ficava aguardando nova ocasião na futura crise ministerial. A monarquia morreu, porém, sem pôr á prova o talento administrativo do distinto auditor do Supremo Conselho de Justiça Militar.

Ha tempos que na vigencia da Republica vem sucedendo um caso parecido. Mal desponta a probabilidade d'uma crise ministerial, logo gemem os pulos com espectaculosas entrevistas, onde são explanados vistosos programas de salvação publica.

Tem pois a Republica o seu Navarro de Paiva.

O diabo é que as crises financeiras e economicas não se resolvem com doutrinas de compendio, mas com realidades que afinal, estão ao alcance de todos. A questão está em pôr em acção os meios necessarios para as atingir, e ahi é que está a dificuldade.

Se, por exemplo, combinassem todos os portuguezes desatar a trabalhar, fechando os olhos a este belissimo sol de outono, resistindo á tentação de gozar em pleno ar a suavissima temperatura da estação?

Eis uma das realidades que será dificil, senão impossivel, atingir, e que resolveria a nossa crise economica e financeira melhor que todas as doutrinas dos salvadores.

NA CRIMÉA

A TACTICA DO GENERAL WRANGEL

A retirada do exercito da Criméa é uma : : : manobra estrategica : : :

Os ultimos telegramas sobre o que se está passando no sul da Russia alarmaram um tanto ou quanto os que seguem de perto a tragedia que ha tanto tempo se está desenrolando n'aquele malfadado paiz e vieram dar alento aos que dizem comungar no credo bolchevista.

Pois o «Matin» do dia 6 traz uma carta do seu enviado especial em Sebastopol, d'ali escrita ao dia 25 d'outubro, na qual o comandante d'Etchegoyen demostra que essa retirada é uma manobra estrategica do general Wrangel.

Diz ele:

«Apertado pelo inverno, que se aproxima, o general Wrangel não perde um momento e prepara por todas as formas e feitios o fazer frente aos ataques desesperados que se desenham contra ele, assim como a derrota e desmoralisação das tropas bolchevistas antes dos reforços libertados pelo armisticio polaco poderem entrar em campo no grosso das suas forças.

Tambem é preciso, primeiro que tudo, convencermo-nos de que a guerra nesse paiz não apresenta as formas que se notaram no nosso «front». N'esta guerra, áparte rarissimos pontos sensiveis, taes como Kakowka, Tchongar ou Perekoy, não ha trincheiras nem arames farpados. As linhas para falar a verdade, não existem. Patrulhas de cavalaria batem a campina imensa e deserta, sondam e vigiam os movimentos adversos; pequenos postos garantem a segurança do grosso das tropas que acampam na rectaguarda das aldeias, a distancia suficiente para evitar as surprezas, mas prontas sempre a acudir a um ponto ameaçado, ou a executar um ataque fulminante.

Nestas condições, um avanço ou recuo de 50 ou 100 quilometros pouco significa; nada mesmo significa se não se perder material e se se conservarem as bazes.

E, admitindo mesmo que debaixo dum—pressão muito superior e para evitar ás tropas do general Wrangel, era preciso que o general Wrangel levasse o seu exercito para a peninsula transformada em reduto inexpugnavel e que alguns milhares de homens seriam suficientes para a defender—isto é uma hipotese gratente que formulo—se essa pressão se exercesse seria lamentavel sem duvida, mas não poderia inspirar serios receios.

A tactica dos «raids» levada a feito pelo general Wrangel é a melhor que se aplica aos seus efectivos, embora restritos, e á composição das suas tropas, essencialmente moveis.

E' pois logico que, uma vez dado o golpe, o corpo de ataque volta ao seu ponto de partida sem se expor a um movimento envolvente.

Só pouco a pouco, depois de dispor dum exercito mais numeroso e melhor armado, o general em chefe poderá, sem imprudencia, determinar bem a ocupação metodica e definitiva de maiores territorios.

Esses golpes, cujo objectivo é sempre cuidadosamente estudado, permitem-lhe, por emquanto, conservar inquieto o adversario e exgotá-lo, cansando-lhe duras perdas, realisar importantes capturas e apoderar-se de opimos despojos.

Este curto preamvulo era necessario para explicar as ultimas operações que acabam de se desenrolar, e que se podem dividir em duas fases imediatas sucessivas, independentes uma da outra e em dois «fronts» diversos.

Digamos já que se a operação executada a leste teve pleno exito, o comandante em chefe soube muito sabiamente deter a que fôra dirigida contra oeste e evitar o combate quando se encontrou deante de forças demasiado superiores.

Resumamos em poucas palavras.

* * *

A principio desencadeou-se uma ofensiva contra leste com um duplo fim: 1.º, dispersar os agrupamentos bolchevistas em plena formação na região de Volnovakha-Mariopol; 2.º destruir, em Mariopol, a base maritima dos doze ou quinze navios vermelhos, que, dessa base, iriam infestar o mar d'Azof.

O acaso dessa perseguição fez surgir um outro fim: demolir a importante ligação do caminho de ferro de Yousofka, na região a oeste da bacia hulheira do Donetz, e fazer saltar as fabricas de munições e do material de Yousofka, que continha 50.000 obuzes.

O primeiro objectivo foi completamente atingido. Mariopol foi ocupada e a base naval posta fora de acção.

Não foi o facto de ser essa flotilha bolchevista, composta de navios mercantes armados sumariamente, para temer, mas por ser incomoda. Foi ela que desembarcou, em 3 de setembro, os contingentes sovietistas na rectaguarda dos destacamentos de Wrangel, quando operaram em Kuban. Foi tambem um desses navios que desembarcou, mesmo nas costas de Criméa, em Soudak, as companhias do 52.º regimento bolchevista, encarregado de provocar uma sublevação na peninsula. No dia 16 de setembro, finalmente, esses navios tiveram a audacia de atacar um navio de guerra russo no mar de Azof...

Portanto, assim que os soldados de Wrangel levaram a efeito a sua destruição, lançaram-se em perseguição dos vermelhos, que retiravam para o norte, e encorraçaram-nos até Yousofka.

Tendo alcançado bom exito a manobra, todas as tropas do Don, que brilhantemente se tinham evidenciado na acção, voltaram sensivelmente para as suas linhas de partida trazendo consigo 10.000 prisioneiros, canhões e metralhadoras e material.

E esse regresso á rectaguarda fôra determinado antes do avanço e não imposto pelo inimigo. Quando da ocupação de Mariopol eu me mostrei admirado do facto d'ela não figurar nas comunicados foi-me respondido pelo estado-maior:

—Para que, se nunca tivemos a intenção de ali ficar?

A segunda operação, dirigida contra oeste, compreendia: 1.º dispersar uma importante concentração, indicada perto de Mariopol, dum grupo de assalto de cavalaria e elementos dos 2.º e 6.º exercitos bolchevistas, destinada a ameaçar as rectaguarda de Alexandrowska; 2.º faz cair a poderosa testa de ponte de Kakowska, que constitue uma ameaça, permanente no flanco esquerdo do exercito de Wrangel.

Essa testa de ponte, fortemente organisada com trincheiras numerosas, valados de arame farpado, barreiras de metralhadoras e artilharia, indica não haver duvida em que dirigentes alemães presidiram á sua organisação.

Um efectivo importante do 2.º exercito de Criméa está mobilisado para a vigilancia desse ponto sensivel, é, como nesse sitio a margem direita, bolchevista, domina em grande parte a margem esquerda um ataque de frente seria [illegible] muito custoso, dum exito muito incerto, principalmente com os meios reduzidos de que Wrangel dispõe.

A operação contra oeste foi apenas feita com uma demonstração de elementos do 2.º exercito entre Kerson e Kakonko, com o fim de atrair as reservas sovietistas para o sul, emquanto o verdadeiro ataque se desencadearia ao norte.

Efectivamente, quatro dias mais tarde, um grupo de cavalaria auxiliado por infantaria, transpunha o Dnieper em Novo Veramtkowka, ao mesmo tempo que em Kitchkass, a 10 quilometros ao norte de Alexandrowsk, a soberba divisão Markoff passava tambem na margem direita, emquanto a divisão Drosdowski protegia o flanco direito para Ekaterinoslav.

Os Korniloff ficavam de reserva.

Atravessando o rio, o grupo de cavalaria e os Markoff juntaram-se nos arredores de Tomakowka que ocuparam, seguindo depois para o sul até á estação de Apostolovo.

Desde então, os combates tornaram-se extremamente violentos, e o valente general Babieff, ha poucas semanas, era gloriosamente morto á frente dos seus cossacos.

Foi uma perda cruel, não só porque o general Babieff era um heroe, mas ainda porque n'aquele momento, era o unico, dizem, que conhecia as intenções do alto comando.

Assim, a sua morte deixa sem direcção as tropas que tinha ás suas ordens.

Seja como for, se o ligeiro recontro que se seguiu parece ter de se lamentar, tornando-se a luta muito desigual, o general em chefe ordenou a retirada.

Esses dois ataques, que terminaram por deixar mais de 13.000 prisioneiros nas mãos dos voluntarios da Russia do Sul, são o tipo das operações que Wrangel pode levar a cabo emquanto só tiver os meios restritos de que dispõe.

Faz uso deles com uma destreza consumada, um profundo conhecimento da guerra tal qual ela se pratica naqueles paizes, uma prudencia notavel, uma decisão de verdadeiro chefe, uma energia e uma coragem de verdadeiro soldado. Os seus homens fazem prodigios de herocidade e de audacia.

Só quando o exercito da Criméa estiver dotado de material bastante, quando tiver os seus efectivos de combate reforçados, é que poderá ocupar zonas mais importantes e defender utilmente as instituições democraticas que o governo da Russia do Sul trouxe aos seus administrados...

A «TOURNÉE» DO... NACIONAL

Eduardo Brazão

diz: Não volto ao Nacional, nem quero mais negocios com o sr. Galhardo

Lucinda Simões

diz: Foi-se lá desacreditar ainda mais o nome portuguez

São de tal gravidade moral as afirmações das grandes figuras do teatro portuguez, que não temos senão a esperar uma conclusão para esta «tournée» malfadada ou antes este negocio mal preparado:

Uma sindicancia pelo ministerio da instrucção. E, se é certo que em lugares publicos, o actual ministro, já fez elogios á pessôas envolvidas neste caso, não menos certo é que as suas responsabilidades artisticas lhe indicam o dever de ser imparcial e actuar de forma a que o nome do teatro portuguez não continue a ser enlameado como até aqui.

Do Nacional foge a ultima grande figura da nossa scena que ainda la estava; no Brazil, onde a nossa situação é melindrosa e grave, respeitaram apenas os nomes dos velhos e ficaram fazendo uma deploravel ideia de tudo mais que com o rotulo de «Teatro Nacional» lá mandaram á pressa. E as palavras de Lucinda Simões, a sua solidariedade com Brazão ante o agravo que o grande actor recebeu, exigem o interesse imediato dos poderes publicos nesta questão, sob pena de se lhe imputar conivencia.

Basta de embrulhadas, basta de mistificações.

Aquela *tournèe*, imaginosa e mina de fantasticas receitas que a *Capital*, sósinha a clamar apontou como uma leviandade criminosa, pois, arrastando á laia de reclame bombastico o nome do *Nacional*, era um agregado de actores de 2.ª e 3.ª categorias, á ultima hora arrebanhados de outros teatros, e a bordo do vapôr envergados em papeis que nunca teriam feito, companhia pobre de scenarios e rica... de intrigas, de invejas e de indisciplina.

Tudo era silencio—como diz o outro, —da parte do governo ou dos seus intermediarios junto do Teatro Nacional. E, talvez com receio que um grupo de violentos defensores do regimen e das borlas teatraes fizesse alguma manifestação hostil junto daqueles que tratassem desassombradamente da questão fomos sós no protesto.

Um dia, o vapor largou do Tejo e alguem num alivio incalculavel, exclamava:

—Uf! Para o Brazil vão; agora lá que se arranjem.

O resultado está agora patente. Adeantamentos, má administração, exigencias dos pigmeus, rivalidades... levaram ao *fiasco* colossal da grande *tournée* estourar, apesar dos bons agrados que teve ao principio e das bôas receitas que colheu.

O acto porem que se praticou baixamente com o primeiro ator portuguez da actualidade, uma gloria do nosso teatro, com 50 anos de triunfo e um nome respeitavel, denota alem da indisciplina e da desorientação uma afronta cujo lado material os tribunaes resolverão.

Brazão vem cançado, e a confusão da chegada, as malas, as visitas, os jornalistas os amigos atordoam-o um pouco; e sem magoar ninguem, sem querer ofender pessoa alguma apenas se lastima amargamente dos maus tratos que sofreu.

Fala Brazão

—Luctei aqui, como mais ou menos todos sabem, antes da partida, para que tanto quanto possivel o desastre não se desse. Adivinhava-o Fiz dois, fiz trez contractos, sempre palpitando que acabaria mal a empreza; contudo ainda assim não escapei a que agora se queira sofismar o contracto que firmei. A ida ao Brazil, foi, como no Brazil ouvi dizer um *conto do vigario*. Anunciaram-se 12 peças prontas e nem a de estreia estava capaz de ir á scena. Faltando dois elementos ao conjunto do Nacional. Erico Braga e Maria Pia, as substituições foram sucessivas discutindo-se papeis, negando-se uns e outros... um inferno; basta dizer que os ensaios nunca se fazim á hora...

«Mas, voltemos atraz. Contudo, na primeira fase do Municipal, com um trabalho sobre humano, conseguiu-se uma temporada brilhante e mais seria se nas segundas recitas puzessem peça nova o que não sucedia. Dali passámos a Santos, onde tambem ainda se conseguiram boas casas apesar de se representar o «Hamlet», chegando ás 3 horas á cidade, depois duma noite perdida e um dia de comboio.

«Em S. Paulo começou o desastre; chovia e não era epoca para teatro; e voltámos então para o Rio, para o Lirico, o que quebrou por completo a grandiosidade da estada no Municipal; o Lirico é um teatro grande, genero Coliseu, sem condições para declamação; casas fracas. A minha colega Lucinda Simões notou-me então que era o meu repertorio o que constantemente estava em scena, sucedendo-se peças e peças sem descanço, e dando-me um trabalho exhaustivo que, felizmente, aguentei. Mas, ignorava a premeditação. Outro facto notei: Palmira Bastos, em Santos, em S. Paulo, fez os seus beneficios com peças novas, e eu... com peças já batidas. Na volta ao Rio pedi para levar na minha recita a *Leonor Teles*, negaram-me e anunciaram-na para a casa. Indispuz-me e disse que me ia embora. Foi uma idéa radiosa, porque houve até quem notasse que isso era explendido, visto que teria de indemnisar a empreza e assim haveria com que pagar... aos colegas. Sabendo destas boas disposições dispuz-me a continuar até fim dos meus quatro mezes do contracto. Sem falar nas desconsiderações que recebi; um exemplo: os camarins do Lirico eram nus e porcos; emquanto a empreza—ou o sr. Loforte—punha alguns confortos nos camarins de Palmira Bastos e Lucinda Simões, no meu não havia nada; mandei adquirir um guarda-fato ordinario e o sr. Loforte mandou-me dizer que não tinha nada com isso; paguei-o.

«Um dia, este senhor, representante oficial do sr. Galhardo, pediu-me uma entrevista e nela disse que a companhia estava tendo prejuizo e portanto lembrava a conveniencia de me retirar para Portugal. Fiquei chocado e pedi dois dias para pensar. Mas, que havia a fazer perante um convite desta ordem? Se ficasse não me pagavam e atribuiam á minha estada ali o não pagamento aos outros actores. Resolvi aceder á indicação, lavrando o meu protesto para que não dissessem que tinha concordado com... a irradiação. A quebra do contracto indica uma indemnisação, e, apesar de estarem já forjando uma sofisma havemos de saber se assim me lesam tão facilmente! Não pode mesmo passar pela cabeça de ninguem que fosse da iniciativa do sr. Loforte o mandar retirar uma primeira figura duma companhia; portanto, eu exijo responsabilidades ás pessoas com quem contractei. E para José Loureiro, as nossas melhores simpatias, pois foi sempre leal e correcto.

— E para o Nacional?

— Nunca mais lá ponho os pés, nem...

...mas ha inumeras coisas que me passam de memoria. Queria dar-se ao incomodo de procurar Lucinda Simões, essa boa amiga, e ela lhe fornecerá toda a longa serie de coisas sucedidas...»

Brazão nunca nos seus 50 anos de teatro teve uma reclamação a fazer, e a sua presente situação indica claramente quem tem razão.

Fala Lucinda

Lucinda, que trabalha com uma actividade invejavel, acha-se pronta a atender-nos ao meio dia. E para a nossa questão ela dá o seu depoimento.

—Não podia deixar de ser solidaria com o meu velho colega e amigo Eduardo Brazão. Não ha nada que justifique o que se lhe fez e o que se lhe pretende fazer. Por isso eu vim com ele... antes que me fizessem o mesmo. Mas, deixe-me dizer que o caso é muito simples, e eu, que sou um pouco advogada, não tenho duvidas sobre a causa favoravel para Eduardo Brazão. No contracto, manhosamente, diz-se:

A «tournée» poderá durar 4 mezes e é neste «poderá» que eles agora se querem basear para a quebra do contracto. Ora uma *tournée* não é duma pessoa e desde que lá continuam com os mesmos contractos os restantes actores é porque a *tournée* prosegue.

—Mas segundo me disseram, atualmente chamam-lhe *tournée Palmira Bastos*...

—O nome pouco importa; aos nossos colegas que tinham contractos identicos e que desejaram acompanhar-nos foi-lhes dito que teriam de pagar a indemnisação de 4 contos; portanto é porque a *tournée* não acabára, e foi a empreza que rescindiu o contracto de Brazão. Quanto á *tournée*, digo-lhe que isto tem de dar uma volta, porque assim, neste lamaçal e nesta vergonha, é que não se pode continuar. Aquilo, lá em baixo, é lá teatro Nacional? Aquilo que foi comnosco ao Brazil podia por acaso significar o teatro portuguez? O estrangeiro que vem a um paiz avalia a cultura e o valor desse paiz indo ao seu «teatro Nacional». E o que pensará quem cá vier? Todas as primeiras figuras fogem de lá.

«Os senhores, os jornalistas, têm muita culpa de deixar andar isto assim; ninguem se interessa. Calcule-se quanta responsabilidade para quem consentir, neste momento grave em que a nossa situação com o Brazil é o que se sabe, a ida duma tal desorganisação ao Brazil... Fomos lá aumentar o descredito do nome portuguez, e só muito trabalho, muita canceira, conseguiu que o desastre não fosse maior. Nem a peça de estreia ia ensaiada; levaram-se peças com dois dias de ensaio; ás duas horas ainda não havia ninguem para começar a trabalhar e ás 4 tinhamos de acabar; creaturas sem nome quasi negaram-se a fazer papeis, exigindo, falando alto... societarias do Nacional! A mim, para ir, apelaram para que eu era «uma mulher honrada»! Mas nunca mais... nunca mais...

—E agora que vae fazer?

—Tenho umas contas a ajustar, mas por emquanto quero descançar. Gostava de ficar o inverno sem trabalhar, mas naturalmente, o descanço resume-se a 15 dias...

E pouco mais quiz, por emquanto, acrescentar a grande figura da scena portugueza, que é Lucinda Simões.

O seu depoimento é no entanto precioso e agradecêmo-lo, desejosos como estamos, que este assunto arrume de vez com uma situação insustentavel.

* * *

Mais coisas ha a dizer. O nosso *dossier* é completo; mas por hoje basta. Falaram os recemvindos, e falaram com clareza. O publico agora que comente.

Armando Ferreira.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A' hora regimental estão representados tres dos grupos parlamentares: reconstituinte, independente e socialista, respectivamente pelos srs. Alberto Jordão, Antonio Mantas e Ladislau Batalha, chegando minutos depois os srs. Mariano Martins, democratico, e Mesquita de Carvalho, vice-presidente em exercicio.

Mais de meia hora depois faz-se a chamada, a que respondem uns 20 deputados.

Decorrido algum tempo, lem-se a acta e expediente, fazendo de dois uso da palavra o sr. Ladislau Batalha que deseja que se discuta o seu projecto que proibe a exportação de azeitona, visto que ela, nomeadamente a de Castelo Branco, já se está exportando.

O sr. presidente providenciará nesse sentido.

O sr. Plinio Silva, invocando o aniversario do armisticio, relembra a satisfação que a todos os povos causou a cessação da hostilidade da grande guerra, estranhando que em Portugal se não tenha comemorado esta data com homenagem aos que derramaram o seu sangue pelo Direito e da Justiça. Propõe que a camara em sinal de sentimento pelos bravos martires de todo o mundo e em especial dos soldados portuguêses, se conservem em profundo silencio durante dois minutos.

E' introduzido na sala o novo deputado pelo Porto sr. Julio Gomes dos Santos.

Pela comissão de finanças, o sr. Mariano Martins requer, aprovando-se, imediata discussão duma emenda do senado a uma proposta de duodecimo, emenda que se vota sem reparo.

Antes de se entrar na ordem do dia, o presidente propõe um voto a todos quantos combateram pela patria na guerra europeia.

O sr. presidente do ministerio associa-se e declara que tem ideia de apresentar, requerendo para ela urgencia, e dispensa do regimento, uma proposta autorisando a colocação no Panteon dos Jeronimos dos restos mortais de dois soldados que baquearam nos campos de batalha.

A' proposta associam-se os srs. João Camoezas, Ladislau Batalha, Arlando Marçal, Alves dos Santos e Alvaro de Castro, terminando o sr. presidente do ministerio por apresentar uma proposta abrindo um credito de 5.000$00 para atrasladação de dois soldados desconhecidos mortos na guerra, um na Flandres e outro na Africa. E' aprovado.

Fala depois sobre o contrato do trigo e carvão o sr. Alvar de Castro que faz largas considerações sobre o assunto.

No Senado

O sr. Bernardino Machado recorda a data da assinatura do armisticio, encarece a ação que Portugal teve durante se guerra, os seus sacrificios, os seus novos encargos, e tem palavras de repassado enternecimento para aqueles que derramaram o seu sangue em nome da patria, pela causa da Liberdade, do Direito e da Justiça. Propõe que o Senado suspenda os seus trabalhos em sinal de respeito por esses mortos que no Mosteiro dos Jeronimos seja erigido um mausoleu em honra dos soldados mortos em combate; uma saudação á França pelo seu 50.º aniversario da implantação da Republica.

Os srs. Herculano Galhardo, Lima Duque, Souza e Faro, Afonso de Lemos, Prazeres da Costa e Dias da Trindade, respectivamente, «leaders» dos partidos democratico, reconstituinte, independente, popular e catolico, associam-se ás propostas bem como o sr. Julio Dantas, em nome do governo.

Reabertos os trabalhos é aprovado a urgencia de dispensa do regimento para a proposta de construção do monumento nos Jeronimos, sendo a mesma tambem aprovada por aclamação.

O sr. Julio Ribeiro requere que pelo ministro das finanças lhe seja enviada uma nota urgente das despezas com a publicidade feita com o anuncio de 6 de setembro deste ano para a conversão de bilhetes de tezouro, indicando-se a soma das propostas recebidas pela comissão.

Rei de Italia

Passando hoje o aniversario natalicio do rei de Italia, o ministro d'aquela nação em Lisboa deu recepção, a qual foi bastante concorrida tendo estado no palacio da legação todos os membros da colonia e os srs. Jaime Atias, em nome do sr. Presidente da Republica, ministro de Inglaterra, e da Alemanha, consul do Uruguay, ministro dos estrangeiros e da marinha, Julio Galis, major general da armada, capitão de fragata Freitas e Silva, Cas'ano dos Santos, etc.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje no governo civil Rafael de Sousa Carvalho, por vender carvão por preço superior ao da tabela, e Antonio da Silva Graça, caixeiro da mercearia da rua Bernardino Ribeiro, 21, por ter vendido manteiga falsificada. Foram ambos absolvidos por falta de provas.

ORDEM PUBLICA

Apreensão de bombas

Na cadeia do Limoeiro são apreendidas tres bombas de grande poder, destinadas aos sindicalistas

Já ha muito tempo se diz que na cadeia do Limoeiro de vez em quando se faz distribuição de armamento, chegando taes boatos a tomar maior vulto quando se premeditam ou anunciam movimentos tendentes a actear a ordem publica.

Ainda não ha muito tempo chegou a dizer-se que nas cadeias se fabricavam explosivos, pelo que o director d'aquelas estabelecimentos pensou enviou uma nota oficiosa aos jornaes desmentindo em absoluto tal facto, motivado sem duvida pelo que se passou em 3 de maio do ano passado na mesma cadeia quando os presos se insubordinaram e deitaram fogo a uma parte do edificio. Os nossos leitores devem estar lembrados que os presos receberam então as forças a tiro, tendo-se estabelecido forte tiroteio da parte a parte.

Depois d'isso deram entrada no Limoeiro criminosos perigosissimos, entre os quais figuram alguns sindicalistas autores de varios atentados dinamitistas taes como Manuel Ramos, fabricante de explosivos em cuja residencia nas Escadinhas de S. Crispim se deu aquela explosão de bombas que estavam sendo confecionadas por outro anarquista que morreu; Arsenio José, e Arthur Patinho Alonso, implicados no atentado dinamitista do Alto de Santa Catarina contra o industrial sr. Alfredo da Silva.

Com a entrada destes agitadores no Limoeiro, as cousas pioraram, pois não é segredo para ninguem e muito menos para as autoridades, que nas suas celas os sindicalistas premeditaram, organisaram e ordenaram varios atentados taes como o de que foi vitima o saudoso juiz do Tribunal de Defesa Social Dr. Pedro de Matos e ultimamente o dr. Felix Horta, vogal do mesmo tribunal.

Estes atentados e outros foram deliberados no Limoeiro, onde se refletiu um «complot» que mais tarde foi decoberto pela policia de Segurança do Estado.

Hoje, á hora das visitas foram apreendidas na cadeia 3 bombas de grande poder a uma mulher que levava a comida para o marido.

Segundo praxe antiga severamente cumprida, o cesto que a mulher em questão transportava foi revistado meticulosamente á entrada, sendo estão encontradas á mistura com os pratos da comida os tres explosivos que foram imediatamete apreendidos.

Entretanto o coronel sr. França director da cadeia informado do que se passou, participava o caso para a policia de Segurança do Estado, sendo logo destacados dois agentes para procederem a averiguações. A portadora das bombas era a mulher do preso Arsenio José, a qual tendo sido presa seguiu depois para o governo civil.

Ali, largamente interrogada, apenas disse que os explosivos lhe tinham sido entregues por um individuo que apenas conhece por Joaquim Francisco e que lhe pediu para fazer entrega de tudo ao preso Arthur Pinto Alonso.

E nada mais se conseguiu até agora apurar pelo que a detentora dos explosivos recolheu incomunicavel a uma esquadra.

Sobre o caso tem a policia duas suspeitas: a primeira é que os presos sindicalistas procurem armar-se de explosivos para em caso de se tornar efectiva a anunciada alteração da ordem publica, atacarem á bomba as forças do Castelo que desçam pela rua do Limoeiro em direção á Baixa; a segunda que os sindicalistas que ainda estão por julgar no Tribunal de Defesa Social preparem qualquer atentado na sala das audiencias quando se realisem os julgamentos.

A policia de Segurança do Estado procura agora pôr a claro o caso para o que já hoje iniciou as suas diligencias.

O director da cadeia, coronel sr. França, ordenou depois uma rigorosa busca a todas as enxovias e quartos e muito principalmente ás ocupadas pelos sindicalistas não tendo dado resultado tal diligencia.

As bombas apreendidas, que como deixamos dito são de grande poder foram fabricadas não ha muito tempo e são de arremesso.

Ha ainda suspeitas de que essas bombas eram destinadas a ser arremessadas no Tribunal da Boa-Hora, quando do julgamento do temido criminoso Manuel Ramos, o fabricante de explosivos e que ha mezes no Campo de Sant'Ana arremessou uma bomba contra o agente Antonio Costa, da 1.ª secção da investigação, assassinando depois com um tiro um industrial marceneiro que tentou embargar-lhe o passo. quando fugia para as obras da Morgue, caso que «A Capital» então largamente se referiu.

Artistas que regressam

Roque Gameiro e sua filha D. Helena chegaram a bordo do "Arlanza"

Chegaram hontem ao nosso porto, vindos do Rio de Janeiro, o grande mestre que é Roque Gameiro e sua filha D. Helena. Os dois artistas belamente impressionados com o grande acolhimento que tiveram da parte do publico e dos criticos, não tendo conta a serie de atenções de que foram alvo desde o chá que M.me Epytacio Pessoa ofereceu a D. Helena Gameiro até á afectuosissima despedida da imprensa carioca. Este facto é tanto mais para nos lisongear e envaidecer quanto é certo que demonstra da parte do alto publico brazileiro uma compreensão nitida do valor daqueles dois nossos grandes artistas, e bem assim um tacito reconhecimento do nosso prestigio intelectual, que longe de ofender uma raça que é sem sombra de discussão, oriunda da nossa, a devia, com toda a razão, enobrecer.

Valha-nos, na desorientação geral do bom senso que parece vae faltando a todos, estas expansões que pe rante a Arte, eterna e internacional, faz quebrar todos os resentimentos e apagar todos os equivocos. Portuguezes e brazileiros, perante a arte bem portugueza e bem forte de Roque Gameiro e de sua filha, vibraram no mesmo sentimento étnico de lusitanismo. E' uma consoladora vitoria que não ha efemeras campanhas que destruam.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Na estação de Entroncamento apresentaram-se 90 operarios das oficinas e 4 maquinistas, sendo só dois destes aceites.

O serviço não tem sofrido qualquer alteração.

Policia atropelado

Na estrada de Bemfica foi atropelado por um automovel o policia civico n.º 745, Jacinto d'Oliveira, de 32 anos, residente na rua do Sol de Sant'Ana, 38, cave.

Conduzido ao hospital de S. José, verificou-se que tinha o braço direito fracturado. Depois de pensado, recolheu a sua casa.

A assinatura do armisticio

Na legação da Belgica e na de França

O sr. ministro da Belgica, para festejar a data do armisticio, ofereceu na sua residencia um chá aos belgas residentes em Lisboa e que entraram na grande guerra.

Muitas pessoas ali foram deixar os seus cartões.

Durante o dia, á legação de França foram numerosas pessoas apresentar os seus cumprimentos.

Tambem ali estiveram os srs. Jaime Athias, secretario do sr. Presidente da Republica, ministro dos estrangeiro, conde de Bobone, etc.

A's 17 horas começou a receção á colonia franceza.

No Club Inglez

Comemorando a data de hoje, realisa-se no Club Inglez um banquete em que tomam parte oficiaes e ex oficiaes do exercito dessa nacionalidade, que entraram na guerra.

Ao banquete, que começa ás 20,30, assistem os srs. ministro de Inglaterra e adido militar americano, tendo sido convidados alguns oficiaes portuguezes, entre eles o sr. general Gomes da Costa. O numero de convivas é de 55.

Tribunal do C. E. P.

Uma absolvição e uma condenação

No tribunal militar do C. E. P., foram hoje julgados os soldados Francisco da Silva e Duarte Eugenio Rodrigues, respectivamente do regimento de infantaria 20 e do 1.º grupo da companhia de Saude, acusados dos crimes de deserção e de extravio de artigos militares.

O primeiro confessou ter-se ausentado do acampamento, mas sem intenções de desertar, tendo o feito apenas por se encontrar doente.

De facto, o reu apresentou-se no tribunal n'um estado lastimoso, pois se encontra em tratamento ha cerca de 10 mezes no hospital militar.

O segundo declarou ter-se ausentado da ambulancia n.º 6, por igualmente se achar doente e por não lhe concederem a licença a que tinha direito.

Foram ouvidas 5 testemunhas de acusação.

O primeiro foi absolvido e o segundo condenado em 3 anos e um dia de prisão.

Malas postais

Pelo vapor «Funchal» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Açores, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Vida Sportiva

AUTOMOBILISMO

Vão realisar-se no domingo, 21 do corrente, as primeiras provas organisadas pelo jornal «Os Sports» no percurso Lisboa—Cintra—Cascaes—Lisboa. N'esse dia disputam-se a corrida de automoveis e a prova de camions.

As inscrições continuam abertas até ao dia 18 do corrente.

O Juri das provas reune na 2.ª feira, 15 do corrente.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Foi uma sentida homenagem a que hontem foi prestada ao malogrado estudante do 6.º ano do curso de sciencias do lyceu de Pedro Nunes, Mario de Matos, filho do estimado comerciante e proprietario sr. Alfredo de Matos.

Centenas de pessoas se incorporaram no cortejo funebre, que, pelas 15 horas saiu da residencia dos paes do falecido, rua Possidonio da Silva, 45, 1.º em direção ao cemiterio da Ajuda. Entre os que acompanharam o desditoso estudante a sua ultima morada viam-se professores, condiscipulos seus, senhoras, comerciantes, emfim pessoas de todas as classes sociaes, que assim quizeram prestar o derradeiro tributo ás excelentes qualidades do extinto, que contava em cada conhecido um amigo, pela nobreza do seu caracter.

"As mãos ensanguentadas"

Não se trata dum caso passado entre nós, mas nem por isso causa menor impressão. O emocionante titulo desta noticia diz respeito ao episodio, ha dias estreado no Salão Central, e que pertence á incomparavel pelicula «O rasto do Gavião».

Tão grande tem sido o seu agrado e tão festejado é pelo publico o seu principal interprete, o insigne actor americano King Baggot, que a empresa teria desejos de o conservar por mais tempo no seu programa. Mas não póde ser, pois que na «matinée» de ámanhã já tem lugar a estreia do 5.º episodio da colossal pelicula, intitulada «A casa dos espectros».

Industria Nacional

Os chocolates «Sic»

A Sociedade Industrial de Chocolates, Limitada, por abreviatura «Sic», n'um esforço digno de todo o aplauso, aproveitando as excelentes materias primas que veem das nossas colonias e a mão d'obra nacional, tem dia a dia desenvolvido a industria portugueza do chocolate, de modo a poder rivalisar com a estrangeira.

Tem conseguido o seu objectivo, não só para consumo interno, como para exportar.

Pelas amostras dos productos que nos enviou, o que agradecemos, podemos dizer, porque os provámos, que são realmente bons. Tudo quanto seja concorrer para levantar a nossa industria merece aplauso e elogio.

Theatros e Cinemas

Festas artisticas

Amanhã, sexta-feira, é noite de festa no teatro Apolo, pois fazem ali a sua recita Jorge Ferreira e João Santos, pontos daquele teatro. Não contentes com as simpathias de que gosam os festejados, e que só por elas encheriam por completo a sala do teatro da rua da Palma, organisaram um programa de forma a satisfazer os mais exigentes. No espectaculo tomam parte Adelina Fernandes, que cantará os seus apreciados fados, Erico Braga, Luiz Bravo, João Silva e Nascimento Fernandes, que interpretará o «cabo Elisio» do «Capote e Lenço», além de varias outras atrações.

Reclames

«Amanhecer» é, sem duvida alguma, das mais interessantes peças que nos ultimos tempos teem visto a luz da ribalta. E' essa a opinião unanime do publico que, para a ver representar, ainda hontem encheu o Nacional, estando tambem tomados muitos lugares para a recita desta noite.

— A sociedade elegante dá hoje «rendez-vous» na ultima «recita da moda», com a incomparavel peça «Os Irmãos Unidos», que muito diverte sem recorrer nem ao dito, nem á situação inconveniente.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Cuu e Torredas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

BANCO DE PORTUGAL

Concurso para caixeiros ajudantes

Até ao dia 24 do corrente recebem-se na séde do Banco pedidos para admissão a este concurso, de individuos habilitados com cursos oficiaes de comercio, curso complementar dos liceus ou com boa pratica comercial, que satisfaçam ás condições patentes no Banco.

Lisboa, 10 de Novembro de 1920.
Pelo Banco de Portugal
Os directores
a) *Francisco Maria da Costa*
a) *José Felix da Costa*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3394 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 12 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL. Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Processos politicos

O resultado do debate travado na Camara dos Deputados sobre os contractos do carvão e dos trigos não é certamente comprehensivel para o paiz. Afinal de contas, que foi o que se votou? Que consequencias tem essa votação? Que queriam dizer moções, como a do sr. Antonio Fonseca, intoleligiveis, confusas, dubias, porventura mesmo contraditorias? Ninguem responderá com facilidade a esta pergunta. Só ha uma convicção que o espirito publico poderá patentear: é a de que, em vez de se procurarem resolver os grandes problemas nacionaes, não se pensa senão em compliçá-los ainda mais.

Apareceram varias moções, pronunciando-se muitos discursos. Mas clareza, nitidez, logica, sentimento das realidades, foram cousas que ninguem viu transparecer no meio desse debate verdadeiramente caotico. E para sublinhar ainda esta deploravel significação do dia de hontem, viram-se nas galerias umas duzias de manifestantes, perturbando a ordem com vociferações que já se não encontram em parte alguma, e que em nada se relacionavam com o assunto que se discutia.

Pode-se ter opiniões diferentes, e o parlamento é o local em que mais legitima e necessariamente se deve discutir. O que, porém, não se póde admitir é que as discussões não girem sobre aspectos definidos nas questões. Aparece um determinado projecto, seja da iniciativa dos ministros, ou da iniciativa dos deputados? Quem prova, deve dizer porque é que não aprova, como quem defende deve dizer porque é que defende. Mas os que rejeitam, numa assembleia como a parlamentar, não devem limitar-se á rejeição pura e simples: devem indicar a maneira porque, em seu entender, se teem de resolver as questões sobre as quaes emitiram o seu parecer.

Comtudo, o que nós vemos é que se recorre a uma berraderia ensurdecedora, ou que se mastigam frases como quem não está seguro do que diz, ou procura simplesmente estabelecer a confusão. Ha os violentos que só pensam em crear uma agitação, embora passageira, como os bravos tarasconenses de Daudet cuja maior satisfação era fazer barulho, só pelo barulho, e ha os astuciosos, os sofistas, umas vezes melifluos, outras venenosos, que propositadamente parecem engasgar-se, como se estivessem sufocados com o engulho de pretendidos escandalos. De tudo isto, saem documentos lastimaveis, como o dessas moções que hontem se leram na camara dos deputados, redigidas por forma que não se sabe afinal, se os contractos são tão ruinosos que é preciso exautorá-los, ou pelo contrario teem vantagens que realmente os justifiquem.

Entretanto, o publico chega a esta conclusão, que é a que verdadeiramente lhe interessa: Haverá trigo? Haverá carvão?

Bem se importa com isso a politiquice indigena! O que ela quer é fazer vingar as suas manobras, crear suspeições, derrubar governos, desacreditar homens publicos, levar todo isto a um tal estado de ruina moral, de desamparo intelectual, que os mais audaciosos possam campear como senhores dum paiz que estará já sem credito e sem pão!

Todavia, ha aqui um povo que não quer morrer; uma sociedade que trabalha e se esforça por vencer a crise que afecta o mundo inteiro, e que entre nós assume aspectos ainda mais graves, pela anarquisação dos espiritos precisamente nas esferas dirigentes que é onde eles deviam ser mais lucidos, mais calmos e mais seguros. E o paiz pergunta: Mas haverá trigo? Mas haverá pão?

Pergunta que reflecte a anciedade de todos os que pensam no futuro, cada vez de perspectivas mais sombrias. Nós sabiamos, porque o governo o afirmára, que passariamos a ter o fornecimento do trigo assegurado por um contracto, e não dependente do bamburrio d'um navio á vista. Nós sabiamos, porque o governo o asseguravá, que iriamos ter o carvão a um preço sensivelmente inferior ao actual. O trigo e o carvão representam as primeiras garantias da vida, da ordem e do trabalho. Agora voltamos ás incertezas anteriores? Continuamos com os nossos destinos pendentes do acaso?

Bem se importam com isso os que só procuram compliçar, desvirtuar, enredar todas as questões. O que se quer é derrubar governos. Para quê? Para virem outros governos que desde logo se pensará em derrubar tambem. Parece uma brincadeira de creanças e tem todo o ar d'uma traição á patria.

Situação grave?

Do «Mundo» sob a epigrafe «Situação grave»:

«No estrangeiro não se efectuam, actualmente, vendas de mercadorias a prazo como «avant-guerre», sendo imprescindivel por isso ao nosso comercio importador a abertura de credito».

Talvez assim seja. Com efeito a casa Torlades propunha-se fornecer de trigo o mercado nacional, mas sob condição da abertura d'um credito em Londres na totalidade do fornecimento.

Não sucedia, porem, assim com o contrato realisado pelo sr. ministro das Finanças no qual se dispensava a abertura de credito por dois terços do fornecimento contra o qual se insurgiram os ilustres proceres parlamentares srs. Cunha Leal, Antonio da Fonseca e Alvaro de Castro, embrulhando tudo e fazendo com que o contrato fosse parar a qualquer comissão para sê modificar segundo indicações documentos fornecidos pelo governo que o realisou.

Percebe-se tal embrulhada?

Só se percebe uma coisa e esse é que fica, infelizmente para todos nós—é o desprestigio da entidade governo seja quem fôr que desempenha as respectivas funções, que d'aqui por diante dificilmente encontrará quem o julgue idonia para contratar seja o que fôr, ainda quando armada com todas as autorisações.

Continuem, pois a cavar, cada vez mais fundo, o abismo, que n'ele rolarão tambem, chegada a ocasião pela qual parece estarem ancisosos, como se se tratasse d'uma libertação.

Batatas, batatas...

E não ha batatas para o consumo da população, senão por um preço exorbitante. Como se compreende isto?

Estão chegando ao Tejo, escunas, patachos, brigues e lugres carregados de batata franceza e o preço do quilo de batata continua pelo que o ananaz teve durante os primeiros anos da guerra.

Isto só se entende, admitindo manejos criminosos dos comerciantes sem escrupulos que as autoridades teem que meter na ordem, usando de rigor e sem contemplações.

Tudo isto compromete singularmente a Republica, pois vai atirando a população para o desespero.

Todos os dias aumentam os preços dos generos mais essenciais á vida com um descaro irritante e provocador da paciencia do publico. Ponha-se um termo a tal situação.

EM VOLTA DUM TRONO

A campanha contra Venizelos

Realisam-se depois d'amanhã, na Grecia, as eleições para as constituintes. A campanha em favor do rei Constantino continua cada vez mais intensa e recorrendo a todos os meios.

A tactica dos partidarios do rei deposto consiste em tentar persuadir o paiz de que o seu regresso ao trono não tem significação alguma contra os aliados. Para isso, por um lado tentam demonstrar que as potencias da Entente se não oporiam, de futuro, a qualquer regimen estabelecido pela vontade claramente manifestada do povo grego, por outro lado que a oposição anti-venizelista é, como todo o povo grego, calorosa amiga da Entente.

Os documentos publicados pelo jornal «Patris» acerca do entendimento de Constantino com a Alemanha durante a guerra, a historia das propostas — que foram repelidas — feitas pelo ex-rei aos servios para então deixarem passar tropas alemãs foram um rude golpe para os partidarios de Constantino.

E' provavel que o bando do regresso da Servia ser chamado, sendo necessario, ao trono helenico, eventualidade que a opinião grega não pôde aceitar com satisfação, tendo saido dos meios gounaristas, a fim de pôr Venizelos em má situação, depois da recusa do principe Paulo suceder a seu irmão.

A fome na Russia

Pelas noticias enviadas da Russia do «Blisken», o jornal «Pravda» publica um artigo de Lenine a respeito da situação da Russia soviética. Lenine declara que a Russia nunca esteve tão perto da fome como o está hoje. As populações de Moscou e doutras grandes cidades estão morrendo á fome, o proprio exercito não tem que comer, sendo preciso obrigar agora, por quaesquer meios, os camponezes a darem o seu producto aos sovietes.

Escrevendo no mesmo jornal, Trotzky diz que o exercito vermelho precisa de vestuario, calçado e armamento.

«Enquanto os nossos homens não forem de novo equipados — acrescenta ele — todos os nossos esforços militares serão inuteis».

O MARTIRIO DE UMA MULHER

“Doida não e não!”

O sr. dr. José de Magalhães

Tendo tratado do director do Conde de Ferreira, não devo deixar no olvido o sr. dr. José de Magalhães.

Este senhor, que eu tive a enorme desgraça de conhecer muito melhor do que ele me conheceu a mim, finge de sábio; nunca chegará a trepar como o seu colega Magalhães Lemos, porque pouco deve ter lido e avaliar pela sua sciencia, pegada com agua; e, embora passe a sua vida clinica num hospital de doidos, tambem não é provavel que venha a morrer doido, se continuar lá, de preferencia, nas suas enfermarias, pessoas em seu juizo, no logar dos doidos.

Ao contrario do sr. dr. Magalhães Lemos, o sr. dr. José de Magalhães é alto, pouco simpatico, sentindo-se por ele uma repulsa instintiva. O seu olhar, que chega até nós atravez os vidros das lunetas, denuncia bem o caracter desse senhor.

Ainda ao inverso do seu colega, nunca se descobre diante das senhoras do hospital. Finge levar a mão ao gôrro, mas, talvez porque os seus braços sejam muito pesados, e o seu tronco muito alto, a mão demora a chegar á cabeça, e nunca chega a tempo.

O sr. dr. José de Magalhães é um clinico; um comediante; mal encontrou á sua frente alguem que, em pouco tempo, sem pretenções a psicóloga, o conheceu bem e passou a embirrar com ele.

E estou tão convencida de que esse senhor sabe isto mesmo, como estou convencida que ele sabe, tambem, perfeitamente, que eu não tenho nada de doida, pois para se ver isto não é preciso muito.

O «estudo» que o sr. dr. José de Magalhães fez da minha pessoa é que não passou de conversa, poucas ilusões, se é que ele entende alguma coisa do que observa, o que eu duvido, lhe pode ter deixado acerca da minha «incesidade para com ele.

O sr. dr. José de Magalhães é quem o sr. dr. da Cunha Dias (não sei se o leitor conhece o individuo que esse senhor escreveu,—«Sobre um decreto»)— que, como eu, deve a fatalidade de o conhecer muito de perto,—com tamanho espirito, diz parecer um valsista, faz imenso gôsto na sua pessoa. Julga-se, talvez, irresistivel.

Quando, após as suas visitas ao meu quarto, nas quais, durante as conversas variadas que encetávamos, eu mo antecipava, quasi sempre a traduzir o seu pensamento em palavras, o via afastar-se com a sua blusa branca até abaixo do joelho, o seu gorro preto, ao lado da «girafa» alta e magra, também de blusa branca até aos pés, com um farto follo na extremidade e a touca de cambraia na cabeça lembravam-me duas figuras de comédia, no Ginasio.

Uma vez comuniquei a alguem do hospital esta minha lembrança e nunca mais o meu dito esqueceu.

O sr. dr. José de Magalhães não tem simpatias no hospital de que é sub-director. Ninguem crê na sua sciencia, como alienista; ao passo que o consideram um bom medico de crianças, como de facto parece ser. Por vezes vem-se, na actuação do hospital Conde de Ferreira, mulheres, com os filhinhos ao colo, esperando a sua chegada, para o consultar.

A cabeça do sr. dr. José de Magalhães sobre o pedestal dos «Colarinhos, deve ter dentro muito pouca sciencia psiquiátrica.

Uma vez, quando da minha primeira hospitalisação, o sr. dr. José de Magalhães fez a visita habitual á enfermaria, em traje de sair. Eu estava, por acaso, no quarto dourada senhora na ocasião em que ele ali entrou. A senhora, junto de quem eu estava, perguntou-lhe para onde era o passeio. Ia com carta de prego, tinha um automovel á sua espera, para, com mais alguem, ir procurar uma senhora que estava escondida e a quem queriam interditar, explicou-nos ele com ar de muito satisfeito.

Ora, diga-me, francamente, leitor, crê na sciencia deste homem? Devia ele, por qualquer principio, dizer diante de mim o que acabava de dizer, se me tivesse já observado devidamente? E' claro que não. Só ele fosse um bom observador, já devia ter compreendido que eu não tinha outras cousas acerca do seu caracter e devia, portanto, obster-se de dizer o que disse.

Se a senhora que queriam interditar se encondia, é porque não estava doida: logo ele ia prepar uma das muitas «estrangeirinhas», como ele proprio, os denomina, de que tem facilidade em preparar.

Não; o sr. dr. José de Magalhães será um bom médico de crianças, será um bom valsista, será ainda mesmo um bom actor, mas está longe de ser, sequer, um ajudante de sábio.

Maria Adelaide

AMNISTIA

Corre agora uma atoarda curiosa e interessante, lidima expressão dos nossos costumes politicos. Corre que o governo se desinteressará da sua proposta de amnistia.

Desinteressar-se da proposta de amnistia que ele proprio apresentou... mas, então, reconhece ter errado nessa altura, julgando chegada a oportunidade de a conceder, ou erra agora, recuando perante os protestos ruidosos de alguns bulicosos extremistas.

Ou reconhece ter errado, ou fica todo o paiz julgando, e com razão, que lança mão dum expediente para se conservar no governo. Em qualquer dos casos ficaria numa situação periclitante. Poderia prolongar por algum tempo mais a sua existencia que mais seria uma agonia sem grandeza, incapaz de conciliar o respeito de quem quer que fosse.

Não acreditamos, por isso, no boato a que fazemos referencia.

O governo não pode mostrar-se indiferente á sorte da sua proposta de lei que é caracteristicamente politica e expressivo do modo de ser e de sentir do ministerio e dos partidos que a apadrinharam.

O parlamento está no direito de, no exercicio da sua soberania, resolver sobre ela o que melhor lhe parecer, mas essa deliberação marcará ao governo um caminho que ele terá de seguir indiscutivelmente.

Tudo, menos afectar indiferença.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu hoje na secretaria das colonias, tendo sido interrompido ás 13 horas afim dos membros do governo poderem almoçar e continuando ás 16.

“Sem pés nem cabeça”

Deste esplendido livro, devido á pena scintilante do nosso brilhante colaborador André Brun, acaba de aparecer a 3.ª edição, o que é o melhor elogio a fazer-lhe, num meio restricto como o nosso.

André Brun tem um publico muito seu, pela sua verve, pelo seu bom humor, o bom humor portuguez, que ele possue e sabe manejar como ninguem. Os seus livros prendem e fazem passar umas horas despreocupadamente, provocando um riso bom, um riso saudavel. E quando o escritor tem taes predicados, o exito dos seus livros está assegurado. A André Brun, com as nossas felicitações, um abraço.

Carvão, carvão!...

A situação é já intoleravel, é mesmo desesperada. Lança-se mão de tudo, da lenha, da serradura e doutros produtos que a engenhosidade indigena consegue descobrir. Mas é um verdadeiro martirio para as donas de casa, sempre sobresaltadas, não vão desaparecer tambem esses produtos com que vão substituindo o carvão, que não ha. A lenha, por exemplo, está por tal preço que só os ricos lhe chegam.

A falta de carvão de pedra obrigou as industrias e os caminhos de ferro a empregar a lenha como combustivel. O resultado foi encarecer este produto pela grande procura que teve e continua a ter. Encarecendo a lenha ninguem pensou mais em fabricar carvão vegetal, porque não tinha nisso vantagem, valendo-lhe mais vender a lenha.

Remedio para tal situação? Abastecer o mercado de carvão de pedra. Isso pretendeu fazer o governo contratando com uma firma de Lisboa o fornecimento duma determinada quantidade mensal daquele combustivel, mas o contrato emperrou no zelo pelo bem publico de alguns ilustres parlamentares que, não fazendo melhor, trataram de embrulhar o que, acautelando os interesses do paiz, o governo havia feito. O zelo pelas coisas publicas é admissivel e até muito louvavel; o peor é que ele tem servido apenas de tabuleta a manejos e intrigas pouco convenientes, pois se só manifesta por intermitencias, pois se se manifestasse continuamente, sem interrupções, o sr. Antonio da Fonseca, por exemplo, que tanto se salientou na discussão dos contratos, em nome do bem publico, poria todo o seu empenho em esclarecer tambem, por exemplo, o que andou fazendo durante uns poucos de mezes pelo estrangeiro, á custa do paiz, certo deputado ilustre.

O que mais importa, porém, é que continua privada de combustivel a população de Lisboa e a de quasi todas as outras cidades e que essa situação é intoleravel.

Queda mortal

A bordo do vapor *Quelimane*, que está fundeado na Rocha do Conde d'Obidos, caiu hoje um estivador, que teve morte instantanea, desconhecendo-se por emquanto a identidade da victima do desastre.

O cadaver foi removido para a Morgue.

O plano dos bolchevistas

O que Lénine pretende conseguir

Diz o «Times»:

Sabe-se, de origem digna de crédito, que Lenine explicou os factos e os objectivos do bolchevismo a pessoa da sua simpatia que o entrevistaram, nos termos seguintes:

«Considero a revolução russa, não como um fim em si mesma, mas como um primeiro passo para a revolução universal. A questão é esta: como faremos rebentar uma revolução proletaria na Europa ocidental?

Devemos atacar a França e a Inglaterra nas suas colonias e dependencias. Pelo que respeita á França, por uma propaganda judiciosa na Africa do Norte e, quanto á Gran-Bretanha, por uma propaganda semelhante na India.

Já trabalhámos poderosamente n'esse sentido.

O sucesso fará prostrar o mundo inteiro aos nossos pés.

Destruiremos a paz de Versailles e substituiremos o dominio da Entente pelo governo do proletariado em todo o universo.

Uma Polonia independente é muito perigosa para nós. O regimen polaco é totalmente oposto á nossa organisação sovietista.

O estabelecimento dum «regimen burguez» permanente no sul da Russia seria egualmente perigoso. Por conseguinte, devemos fazer todos os esforços para esmagar Wrangel. Virá mais tarde a vez da Polonia. Por agora, a Polonia é um mal que não deixa de ter as suas vantagens, por que, emquanto ela existir, podemos contar com os alemães.

A Alemanha odeia a Polonia; esgar-se-lha a nós para a destruir.

Não gosto dos alemães, mas é preferivel servirmo-nos deles a insulta-los. Embora vencidos, podem servir-nos de muito. São nossos aliados naturaes, porque pela sua recalcitrancia passiva á execução do tratado de Versailles e pelas suas manobras secretas contra esse tratado, criam e manteem na Europa um estado de falta de segurança e de agitação que é a melhor atmosfera para propagar a nossa revolução dos operarios.

Por outro lado, a França é a nossa maior inimiga, porque emprega todas as suas forças para estabilisar o estado de cousas na Europa.

Na Italia podemos fazer estalar a revolução quando quizermos, mas tambem ahi devemos trabalhar de mãos dadas com os alemães, que teem os seus organismos proprios e os seus proprios meios de influencia, especialmente nas questões bancarias e comerciaes. O seu plano é baseado na necessidade de manter tanto quanto possivel a industria italiana sob a tutela alemã.

Além d'isso, todos os alemães são nossos auxiliares, porque a sua esperança de fugir ás clausulas penaes do tratado de paz se baseia nas seus designios de provocar a desordem e a agitação, afim de tirar proveito da confusão geral que se seguirá. Eles procuram a desforra, nós a revolução.

Por emquanto, os nossos interesses são identicos. Divergirão e os alemães tornar-se-hão nossos inimigos só quando surgir a questão de saber se sobre as ruinas da velha Europa se fundará uma nova hegemonia alemã ou uma federação comunista».

PELO TELEGRAFO.

A transladação dos ex-imperadores do Brazil

RIO DE JANEIRO, 11—Causaram optima impressão as noticias sobre as homenagens que o governo portuguez e a colonia brazileira, em Lisboa, tencionam prestar aos restos mortaes dos ex-imperadores do Brazil na ocasião da sua transladação.—(*Americana*).

O 31.º aniversario da Republica

RIO DE JANEIRO, 11—A colonia portugueza associa-se ás festas do dia 15, comemorativas do 31.º aniversario da proclamação da Republica brazileira, organisando um belo programa.—(*Americana*).

Cotações do café e cambial

RIO DE JANEIRO, 11—Cotação do café, 11$400; cambio sobre Londres, 11 19/32 e 11 11/16; valor do escudo portuguez, 360.—(*Americana*).

Universidade de Lisboa

Por motivo de doença do sr. presidente da Republica, foi transferida, talvez para 21 do corrente, a abertura solene da Universidade de Lisboa.

Estação telegrafica central de Lisboa

Confirma-se a noticia de que vae ser substituido o pessoal superior da estação central telegrafica de Lisboa.

Esta substituição obedece, segundo parece, a dotar aquele serviço de pessoal devidamente diplomado e com as habilitações tecnicas necessarias.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

IX — *O Paris que não se vê*

Pouca gente que viaja procura o «terra a terra» da vida de cada dia dum povo; e comtudo é entrando nos costumes, emiscuindo-se na vida corriqueira que melhor ideia se faz das terras e das gentes.

Assim, como quem vae para o Louvre, ou para o Boulevard, eu entro no «ventre de Paris». As «Halles Centrales» são constituidas por um grupo gigantesco de varias praças da Figueira, de cobertura tambem sincada, e que tem o seu constructor, o sr. Baltard. Durante a visita a essa cidade imensa dos legumes e das aves, penso que a vida deve ser simples para uma dona de casa franceza. A abundancia é para mim, causa de espanto, ouvindo as reclamações constantes dos jornaes e os queixumes da França. Dura uma hora a minha visita ás «Halles» e encontro de tudo que em Lisboa não ha. E, em volta da praça os carrinhos como os nossos, chamados «voitures des quatre-saisons», disputam-se entre si, procurando diminuir o preço para atrair os freguezes. A movimentação é enorme. Cosinheiras, senhoras de «chapelinho», bonnes bem postas, e vendedeiras de pêlo na venta como... da praça da Figueira. A pequena «bourgeoise» ali vae fazer as suas compras. Caro? barato? Lembram-me de alguns preços; boas donas de casas, que me lêdes, não os transmiteis ás vossas fornecedoras porque ela poderiam concluir que vendem... muito barato. Ovos, não se vendem nem anunciam ás duzias: é «chacun» 80 ou 90 centimos, quando não custa 1 franco. O peixe vende-se a peso, como o sabeis. 1 quilo 9 francos... 250 gramas de manteiga a bonita soma de 4 francos ou 5... Um frango 28 francos; um quilo de feijão verde 4 francos...

E' preciso tarejar, procurar, saber os «trucs» da vida intima de Paris, para arrancar mais barato os artigos. Fazem-se então associações de 3 ou 4 compradoras para irem aos fornecedores por grosso, adquirir porções maiores de generos com redução; instinto cooperativo das boas «ménagères»... No entanto, disputa-se, luta-se, encolerisam-se, havendo entre este melherio, que é superficialmente agradavel e sorridente, altercações do se lhe tirar o chapeu e ir chamar a policia. Porque, aqui para nós, todos os «monsieurs» e «mesdames» da França teem apenas uma capinha de educação e finura que se quebra ao primeiro choque; o, então agora que a França é vitoriosa, esta gente arrota postas de... de alemão a toda a hora. A cada canto, ou ouço sem razão, os senhores que foram á guerra, os que não tiveram tempo para ir, e até as proprias mulheres, exclamam:

— «Les americains?! Les anglais?! Oh! nous sommes plaines!

Mas... a fartura impressiona-me; o queijo Gruyère, grandes rodas amarelas cheias de olhos, que desde 1914 desapareceram de Portugal, ostentam-se por toda a parte; os grandes «magazins de comestibles», atordoam me. O conhecido Potin então, com as suas legiões de bichos na morgue e as suas catedraes de caixas de conservas, lança-me no furor selvatico de comprar, comprar tudo. O «Potin», um grande edificio que ocupa um quarteirão do boulevard Sebastopol e tem varias sucursaes do mesmo tamanho por outros pontos. Em marmores, em vidros, mostruarios recheiam-se de tudo necessario para se morrer de fartura. Caro? Não sei. Tenho a impressão que uma dona de casa pode ali chegar e levar um jantar completo sem se ralar muito. Pouca vergonha, traficancia tambem ha, de forma que para estes grandes fornecedores «chics» em que as estadoras de costeletas de porco, ou de enchidos, andam de ponto em branco, é preciso vir com a mala recheadinha. Em varias ruas lá encontrei as barracas «Vilgrain», de madeira, onde as massas abastadas procuram o que o Estado lhes fornece economicamente. Mas, a concorrencia é menor... talvez porque é mais barato.

«Les cours» — que é assim como quem diz a nossa «tabela», indispensavel para que os generos... desapareçam — são sofismados ou desprezados com muita amabilidade pelos «fournisseurs». No entanto anunciam linguados a 9 francos o kilo, lagostas vivas a 8 francos o kilo, arenques a 7 francos o kilo, uma perna de carneiro 32 francos.

E' claro que na margem direita se vive mais caro do que na esquerda; a margem esquerda, Boulevard S. Germain e os seus arredores, tem uma feição muito interessante. Eu amo Paris sem o ruido e sem o estrangeiro; quando mais para o sul mais longe do centro parisiense. Mas é interessante a vida que se faz nestes bairros que são outras tantas cidades dentro da mesma cidade. Tive que ir visitar em Grenelle alguns portuguezes. E, apesar de estarmos dentro das fortificações, o compatriota garante que... ha 3 semanas que não vae a Paris. Em cada bairro ha tudo que é necessario para se viver; bancos, o Credit, grandes sucursaes de magazins, teatros, hospitaes de forma que dentro daquela pequena cidade a vida se completa sem ser necessario ver a Magdeleine, a Colonne Vendôme, ou a linda perspectiva da Praça da Concordia.

E' aqui que encontro a grande Paris trabalhadora, activa, de empregados, dactilografas, caixeiras que á tarde pejam os «metiers», os onibus que os conduzem dos centros aos territorios que se metem dentro uma dos outros nesta Paris babilonica.

Quer o leitor, dois detalhes, curiosos da vida caseira franceza? o preço dos salarios ás creadas? Estava a adivinhar essa pergunta de vocelencia. M.me Pot-au-feu; sua curiosidade, essa curiosidadesinha, uma creada de chapelinho e direitos manjidos por uma C. G. T. embrionaria, não se obtem por menos de 100 francos mensaes, mas com os seguintes impostos: duas sahidas por semana sociaes: um dia de semana para si, para as suas compras; animatografo ou divertimento pagos pela casa; não bebendo vinho, o dinheiro correspondente.

E', o que se chama um ôvo por um real... fóra os extraordinarios. E a respeito de maneira de vestir pode crêr, o leitor que tem o seu requinte de elegancia que a leva ou ao Buffet Parisiens ou Folies, ou a ter uma loja de «vins et liqueurs» lá para os lados de Vincennes.

Ao descer a escada dessa residencia particular que visitei, a luz extinguiu-se; sabe porquê, leitor? porque a economia é a mãe de todas as virtudes e a fortuna dos senhorios. Para que algum dessidado ou esquecido não deixe de apagar a luz da escada, quando sobe ou quando desce, ao fim de 3 minutos de se acender ela apaga-se por si. Engenhoso e economico.

E' este o Paris interessante que se não vê. De longe a fantasia idealisa o inexistente: o luxo... Mas Paris tem muito menos luxo que Lisboa. Ninguem que trabalha usa meia de seda, nem tacões altos, juro-o, pela honradez dos meus futuros cabelos brancos ou quiçá, pela limpidez da minha precoce calvicie. Ha elegancia nata da mulher que de qualquer trapo faz uma vistosa e atraente «toilette»; mas, a meia é de algodão, e o sapato não tem o exagêro pretencioso da nossa lisboeta. A «cocotte» é mulher do prazer, usa o que os figurinos ditam, mas de resto Paris, está-se nas tintas para o que os modistos ditam.

Aquilo é tudo para vender, é tudo para exportação.

* *
*

O modisto! Eis um dos polos creadores de Paris. Estamos em pleno arquiducado da moda. Rue de la Paix ou Rue Royale. Sobre o pavimento betuminado dos paralelipipedos de madeira rescam cavamente as patas dos cavalos e deslisam os autos ricos de mulheres elegantes e dum só dono. A' porta vidrada param já carros.

Lá em cima, em homicilio sadoiras de estilo. «Encadrement» scenografico em pintura moderna; alegoria de côres que contrasta com a pátina suave do exterior dos edificios. Mas não são elegancias, nenhumas das personagens que lá entram; é gente que ali vae escolher os seus modelos: americanos tratando dos seus «business», hespanhoes, inglezes, a ômnos, gente de todo o mundo e até de Portugal, lá vão num fatinho modesto tomar notas, encomendar vestimentas. Deslizam pelos nossos olhos, adejando os braços como grandes aves de plumagem cára e exotica, os «modêlos». Rendas caras, meias vestidos, estes de anquinhas, aqueles sem roda, artefactos imaginosos que apresentam um trabalho de centenas de costureiras; estofos, bordados, aigrettes, plumas, e tudo numa graça indiscutivel e extonteante de linha e de elegancia que se crê só ao fim um cortejo de belezas para ondoidecer o mais subtil arbitro das elegancias. A's côres mais estranhas «taupe, indiana, petit gris, tango»; a fascinação dos vestidos, das aplicações prateadas, de tuleis, as gazes, os «chiffons», tudo estonteia, e passa numa farandola lenta, num movimento ritmico e elegante de raparigas formosas abrindo os braços esveltos, como uma ave prestes a esvoaçar; e ao fim, quando a gente se crê num reino de beleza, de encantamento, ouve-se um catalão, um sueco ou um americano disfarçados de francês, a recomendação sêca:

—Fico com tal, tal e tal. E' pena não ter nenhum como aquele do ano passado, enfeitado a «opossum».

E se é portuguezinho acrescenta.

—Vendeu-se como milho. Fiz mais 30 eguaes e comeram-nos como canjas e vieram-se do costas para a frente e frente para traz e ainda o acharam «dernier cris de Paris!

Que é assim como quem diz, portuguezinho amigo, «o canto é masbiche dar.»

Armando Ferreira.

ULTIMA HORA

VIDA SPORTIVA

As provas automobilistas de "Os Sports"

A prova de camions e a corrida automobilista efectuar-se-ha no dia 21

As inscrições estão abertas

Está já a aproximar-se o dia das primeiras provas automobilistas que o jornal «Os Sports» vae efectuar, que faz redobrar o interesse tanto no meio sportivo como no meio comercial.

No domingo, 21 do corrente, efectuar-se-ha a corrida de automoveis internacional, concorrendo a ela os dois corredores hespanhoes D. Mauricio Dalmau e D. Julio Beltran que veem expressamente de Madrid, devendo chegar a Lisboa depois d'amanhã.

Alem d'estas duas inscrições, outras ha de valor, tanto no que respeita ao volante como ás marcas dos automoveis.

O percurso destas provas é, como temos dito, entre Lisboa (Bemfica partida), Cintra (Ramalhão) Cascaes (controle) Lisboa (Cruz Quebrada chegada). A classificação desta corrida será feita pelo menor tempo gasto, verificando-se tambem o consumo de gazolina, regularidade do carro, etc.

A prova de camions que pela primeira vez se vae efectuar em Portugal deve comportar sete inscrições. Os camions fazem a prova carregados com a tonelagem indicada nos respectivos catalagos, sendo o seu percurso egual ao dos camions.

As inscrições para estas duas provas continuam abertas na redacção de «Os Sports» das 10 ás 18 horas todos os dias uteis, e deverão ser feitas conforme as prescrições descritas nos respectivos regulamentos já publicados em «Os Sports».

No dia 15 (segunda feira), pelas 21 horas, reune na redacção de «Os Sports» o jury destas provas afim de tomar conhecimento dos regulamentos e determinar varios detalhes da organisação afim de que resulte boa, embora haja algumas deficiencias, desculpaveis visto ser a primeira vez que um jornal de especialidade arca com tamanha responsabilidade.

* *

As inscripções para as corridas ciclista e de motos continuam abertas na séde da U. V. P.

* *

O bi-semanario «Os Sports» que pelos motivos já conhecidos se não tem podido publicar reaparecerá no proximo domingo.

Festas associativas

Centro hespanhol—Depois d'amanhã realisa-se uma festa extraordinaria, para a qual foram convidados, entre outros, os srs. ministro e consul geral de Hespanha. Serão representados os joguetes comicos *La casa de los milagros* e *El primer bobbo* e canções pela artista Alice Fernandez Salgado, seguindo-se baile.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Foram hoje distribuidas pelos sócios da Companhia... [illegible] ...sócietarios e assinantes de S. Carlos da epoca passada, o elenco e condições de assinatura para a segunda epoca lirica, cuja estreia se deve realisar no proximo mez de dezembro. O prazo de preferencia para os societarios e assinantes para enviarem as suas propostas termina no dia 18, começando dessa data em deante a assinatura para o publico em geral. Da companhia, fazem parte, alem dos elementos de que temos falado, a notavel soprano Germaine Lubin, que foi a creadora o ano passado na Grande Opera, de Paris, da lindissima opera «Legende de Saint Cristofer», obtendo um exito extraordinario, e do brilhante tenor Carlo Roussillieri, um dos principaes interpretes da musica wagneriana, o qual virá cantar o «Parsifal», uma das operas novas que esta temporada serão executadas neste teatro.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A B C.—Está publicado o numero 18 d'este *magazine*, inserindo, alem de variada e escolhida colaboração, uma larga reportagem fotografica da visita do rei Alberto da Belgica.

Levantamento do nota de refractario.—E' um pequeno opusculo, proveniente da nossa legação em Tokio, no qual o ilustre ministro de Portugal no Japão e nosso prezado amigo sr. Fernão Botto Machado, justifica plenamente as razões que o levaram a dar como levantada a nota de refractario que pezava sobre um cidadão portuguez, ali residente ha muitos anos.

Camara Portugueza do Rio de Janeiro.—Temos presente o boletim da Camara Portugueza de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, referente a junho findo.

Estatistica demografico sanitaria.—Foram publicados os boletins da cidade de Lisboa referentes a setembro e outubro de 1919 e o do Porto referente a abril do mesmo ano. Como se sabe, é o Instituto Central de Higiene que publica esses boletins, que muito auxiliam os trabalhos de estatistica.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Sob a presidencia do sr. Mesquita de Carvalho, faz-se a chamada regimental ás 14.45, verificando-se umas 20 presenças, ou pouco mais.

Tendo aumentado um pouco a assistencia, leem-se a acta e o expediente, em seguida ao que se entra no «antes da ordem», com 41 logares ocupados.

O sr. ministro da guerra presta esclarecimentos sobre a reclamação feita ha dias pelo sr. Jaime de Sousa acêrca da maneira como está sendo aplicada a lei 1040, que demite os oficiais desafectos ao regimen. Expõe que, de facto, foi reformado um oficial por virtude de circunstancias que aconselharam esse procedimento.

O sr. Jaime de Sousa regista as explicações.

O sr. João Camoesas chama atenção do mesmo ministro para o facto de, em consequencia da referida lei, ter sido injustamente reformado o major sr. Costa Pereira.

O sr. ministro da guerra responde que esse e outros casos sobre os quais haja duvidas está ocupando a sua atenção, sendo, porem, certo que a lei 1040 tem sido cumprida em todas as suas disposições e com os melhores intuitos de não o fazerem sentir as suas esperanças podendo recorrer para a camara os que se sentirem prejudicados.

O sr. João Camoezas afirma que o sr. Costa Pereira, seu adversario politico, é um oficial que não desonra as fileiras do exercito portuguez.

O sr. Nobrega Quintal nota certas incoerencias no criterio com que se tem feito uso do aludido diploma.

O sr. ministro da guerra volta a prestar esclarecimentos.

O sr. Plinio Silva diz que o Parlamento não pode ficar indiferente em face da campanha que se tem feito contra a lei 1040 que, em seu entender, não tem caracter mas podendo o congresso entender que deve modificar a lei para que ela, por lapso, não atinja oficiaes republicanos que o sr. ministro da guerra apresente a sua proposta nesse sentido.

O sr. ministro da guerra declara que no Senado se está estudando o assunto.

O sr. Antonio Mantas requer notas: sobre as intenções do sr. ministro das finanças sobre o contracto da Agencia Financeira sobre a resolução que tenciona tomar-se com relação a essa atitude, uma vez que o prazo para a denuncia do respectivo contracto acaba no fim do corrente mez; sobre se se pensa em abrir concurso, ou entregar a Agencia do Banco de Portugal; sobre quais são os beneficios dos saques passados sobre o Banco de Portugal pela Agencia; sobre o preço porque saiem as libras que a Agencia remeta; sobre se o cambio estabelecido para os saques da mesma data para pequenas e para grandes importancias é o mesmo sobre ele — naquele — pode examinar os registos dos saques, e sobre se existem relatorios ou documentos que demonstrem as vantagens do contracto feito.

Reentra em discussão a proposta do credito de 2.000:000$00 para os T. M. E., voltando o sr. João Camoezas atacal-a, fundamentando a recusa do seu voto a esse documento nos boatos que correm de graves irregularidades nesse ramo de serviços.

Sendo horas de se entrar na ordem do dia, o orador suspende as suas considerações, pondo-se a acta á votação.

Sobre ela fala o sr. Malheiros Reimão perguntando qual é a situação politica do ministerio em face das votações de ontem, porquanto lhe parece que a rejeição da moção do sr. Alvaro de Castro implicou a reprovação dum voto de confiança ao governo.

O sr. presidente diz que nas votações não houve qualquer contradição e que o governo aceitou a doutrina das moções aprovadas.

O sr. Mem Verdial acha que, de facto a posição do governo não está bem definida.

O sr. Lima Alves junta por varios documentos, de ha muito tempo pedidos, pelos ministerios ... [illegible] ...tura e do comercio, e manda para a meza uma nota de interpelação ao sr. ministro da agricultura.

O sr. Bernardino Machado ocupa-se da proposta apresentada pelo governo na camara dos deputados sobre a transladação de dois soldados mortos da guerra para o Panteon, proposta que reforça o sentir do Senado e que ali foi aprovada por unanimidade.

Tratam do mesmo assunto os srs. Afonso de Lemos e Herculano Galhardo.

A proxima sessão ficou designada para terça-feira, sem «ordem do dia».

No Senado

Na presidencia o sr. Correia Barreto secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Heitor Passos. A acta é aprovada por 24 senadores.

Bancada ministerial e galerias desertas. A's 16,5 procede-se á segunda chamada. Não ha numero e o sr. presidente encerra a sessão designando a proxima para terça feira.

Neste momento entra na sala o sr. Alfredo Portugal que vem com a sua presença completar o «quorum».

Apezar da sessão encerrada e de alguns senadores se encontrarem já de chapeu na mão, o sr. Correia Barreto dá o dito por não dito e passa a ler varios artigos do regimento.

O sr. Silva Barreto: — Ha ou não sessão?

O sr. Veloz Carroço: — Ha, sim, senhor. Já entrou mais um senador.

O sr. Presidente: — Vae entrar-se na «ordem do dia».

E assim acontece, aprovando-se a moção de ordem que na ultima sessão foi enviada para a meza pelo sr. Silva Barreto.

POLITICA

O governo em crise—O novo governo sairá do bloco das direitas, ao que se afirma

O governo está em crise, o que, aliás, já não é segredo para ninguem.

No entanto o ministerio não se declara demissionario nem resignará o seu mandato emquanto as coisas não estejam preparadas de forma a que outro gabinete venha substituir o actual.

Para isso se aguarda com certa impaciencia a chegada a Lisboa do sr. dr. Domingos Pereira, que por motivo de grave enfermidade de uma pessoa de familia se demora em Braga mais alguns dias.

Ha quem julgue vêr na chegada do sr. dr. Domingos Pereira a pessoa escolhida para entrar em negociações e efectuar «démarches» para a constituição do novo governo. Tal suposição estriba-se no facto do sr. dr. Domingos Pereira figurar com os seus amigos no bloco das direitas e os dirigentes do mesmo bloco pretenderem portanto ouvir o antigo presidente do ministerio, afim de então se resolver sobre o caminho a seguir.

Tudo quanto se diga portanto sobre o novo governo é prematuro, porque durante a ausencia do sr. dr. Domingos Pereira de coisa alguma se tratará.

Tudo indica no entanto que o governo que se segue ao actual será das direitas, muito embora o bloco das esquerdas tenha uma pequena maioria.

Mas, dá-se o caso dos democraticos não quererem compartilhar do governo emquanto se não realisa o congresso partidario do Porto, onde entre outros assuntos de importancia será tratada a fusão do P. R. P. com os populares e alguns elementos considerados independentes.

Dos democraticos, que continuarão exercendo a sua fiscalisação na Camara, facil lhes é com os socialistas populares e independentes ter maioria.

Como evitar, pois, este «gachis»?

Ora se os nossos calculos não falham é para remover tal dificuldade que se aguarda a chegada a Lisboa do sr. dr. Domingos Pereira. O antigo presidente do ministerio será como que o agente de ligação entre democraticos, silvistas, reconstituintes e liberais. Assim, desde que os democraticos não hostilisem de futuro os reconstituintes, facil será ao governo que as direitas organisem ter vida um pouco mais desafogada.

*

Ao abrir da sessão de hoje na camara dos deputados julgou-se que o governo estava já demissionario, pois que nenhum dos seus membros ocupava os «fauteuils» ministeriaes.

Mas a suspeita dissipou-se passados momentos, porque, tendo alguns legisladores ventilado a necessidade a presença do sr. ministro das Finanças para ser discutida a proposta de lei sobre a concessão da verba de 2.000 contos afim de serem pagas as dividas aos fornecedores dos T. M. E., foi consultado telefonicamente o sr. Inocencio Camacho, o qual respondeu que de pronto compareceria no parlamento. E, de facto, assim sucedeu, tendo aparecido, embora bastante tarde, os srs. ministro da guerra, colonias e comercio.

*

O projecto de amnistia ainda hoje não foi presente ao Parlamento, o que levantou certa estranheza, havendo logo quem visse no caso manejos politicos.

Não ha porem motivo para reparos, depois que o parecer da comissão de finanças foi a imprimir, só podendo entrar em discussão 48 horas depois de ser entregue á mesa, visto não ter sido requerida para ele urgencia e dispensa do requerimento. O projecto entrará pois em discussão sómente na segunda ou terça feira proxima.

Ordem publica

A policia de segurança do Estado continua investigando ácerca da apreensão de bombas na cadeia do Limoeiro.

Parece estar já averiguado que os sindicalistas ali presos teem entendimentos com elementos cá de fóra que teem por objectivo promover agitações.

Rosaria Joaquina, mulher do preso Arsenio José Filipe, que era portadora do cabaz com bombas, sofreu um ligeiro interrogatorio. Declarou que um individuo desconhecido se aproximára d'ela na avenida da Liberdade e depois de lhe perguntar se ia levar a comida ao marido, no Limoeiro, lhe pediu para levar um cabaz destinado a outro preso. Acompanhou-a até á rua da Saudade, onde ficou esperando por ela.

Parece que taes declarações não são verdadeiras.

Sobre o caso dos Terramotos ainda não começaram as investigações e nem os presos foram ainda interrogados.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Os serviços da C. P. teem decorrido sem alteração, não tendo havido atrasos nas chegadas dos comboios.

Segundo noticias recebidas na direcção, apresentou-se hoje muito pessoal em Gaya.

No Sul e Sueste

Na estação do Terreiro do Paço tem continuado a grande afluencia de passageiros e bagagens, sem que qualquer nota discordante se tenha dado.

A resolução ultimamente tomada no sentido da venda de bilhetes e despacho de bagagens serem feitas na vespera da saida de comboios, respectivamente, das 14 ás 17 e das 15 ás 18 horas, tem facilitado muito o serviço.

Continua a ser feita todos os dias apreensão de pão, que algumas pessoas clandestinamente desejam passar para fóra de Lisboa.

Hoje, até um individuo, para desviar as atenções do pessoal, transportava uma magnifica mala de viagem, que ia repleta de pão. Mas nem mesmo assim conseguiu passar.

A reboque do vapor *Europa*, seguiram hoje para o Barreiro 2 fragatas com camions do exercito, destinados a fazerem ali o serviço da condução de adubos.

O roubo na Guarda Republicana

No rapido de Madrid, chegado esta tarde ás 17 horas, voiu o alferes Rosa, da guarda republicana, que, como largamente noticiámos, ha tempos praticou ali um roubo de 12,000 escudos, e que com a amante, a corista Maria Pestana, tinha fugido para Madrid, onde os dois foram presos.

Acompanhou-os a Lisboa o alferes, sr. Malta, que foi a Marvão buscal-os.

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Passa hoje o aniversario natalicio do nosso presado amigo e diretor do bi-semanario «Os Sports», A. de Campos Junior.

NOTICIAS DA CAPITAL

Julgamentos no governo civil.—Responderam hoje no governo civil Gregorio Lopes, com leitaria na rua Presidente Arriaga, 114, por ter exposto á venda manteiga falsificada, e Antonio Soares, largo do Corpo Santo, 30, e Arnaldo Garcia Tavares, com mercearia na rua Sociedade Farmaceutica, 33, o primeiro por ter comprado assucar por preço superior ao da tabela e o segundo por o ter vendido.

Foram absolvidos, por falta de provas.

Os suicidas.—Por ter dado um tiro na cabeça, faleceu, pouco depois de dar entrada no banco do hospital de S. José, Antonio Paiva, 28 anos, casado, empregado nos caminhos de ferro do Estado, residente na rua Particular no Barreiro.

A provincia n'A CAPITAL

PENACOVA, 10.—Domingo proximo é a festa na povoação da Cheira, desta freguesia, proximo d'aqui. Anteontem evadiram-se das cadeias desta vila, de noite e por meio de arrombamento, os presos que ainda ha poucos dias ali tinham dado entrada.

—Já se anda tratando da sementeira dos trigos

Este ano ha muito pouco azeite por esta região.

AVIZ, 10.—Os trabalhadores ruraes do Ervedal puzeram-se em greve na 2.ª feira, não permitindo que ninguem fosse trabalhar para o campo e pretendendo ganhar 3$00 por dia. Como não conseguissem essa jorna, veiu aqui uma comissão pedir a interferencia do sr. administrador do conselho, que foi hontem áquela vila, onde havia convocado uma reunião dos lavradores. Ficou resolvido, de comum acordo, que tanto os homens como as mulheres retomassem hoje o trabalho, ganhando aqueles 2$50 por dia e estas 1$10. Ha completo socego.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3695 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 13 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O CENTRO

A situação politica continua o mais emaranhada possivel. Não se sabe se o governo está ou não demissionario; todavia o que é certo que já referve uma medonha intriga em torno da sua sucessão. Dá lhe pretexto e alento a forma como está composto o actual parlamento, o qual tem sofrido tantas modificações nas caracteristicas politicas dos seus grupos que, parecendo representar diversissimas correntes, na realidade já não representa cousa nenhuma. Nem os partidos nem o paiz que dele absolutamente se isolou.

Ha, como já dissemos outro dia, partidos que desapareceram, para formar outro partido. Ha partidos que se formaram duma só peça, como os reconstituintes e os liberaes. Ha partidos que estão em plena desagregação, como o democratico que tinha a maioria sobre todos os outros e que já não constitue senão uma minoria. Numa palavra, a estrutura politica do parlamento não pode deixar mais a desejar.

Entretanto, ha ainda uma maneira de agrupar elementos em taes condições, e a esse processo se tinha fatalmente de recorrer. Os elementos mais avançados formam sempre uma esquerda. Os elementos mais moderados, agrupando-se em relação a estes, formam sempre uma direita. Dentro destas divisões é que se tem procurado as soluções politicas do governo.

Agora, porém, pretende-se crear uma nova confusão, como se já fossem poucas as confusões em que nos debatemos. A essa confusão parece que se dará o nome de centro parlamentar.

Porque é que se inventa este centro?

Porque, tambem ao que parece, ha quem entenda que a palavra direita não é um termo republicano.

Para quem assim pensa, pode haver, deve mesmo haver esquerda, mas não deve haver direita. Ha esquerda e centro, o acabou-se, dentro da Republica.

Mas haverá no parlamento uma representação monarquica, que possa reivindicar essa posição que vemos excomungada — a da direita?

Não ha. Logo aqueles que se sentarem do lado de cá da esquerda não de ser considerados monarquicos ou cousa parecida. O anathema é tão grande que talvez até leva necessariamente os puros republicanos do centro a preservar a sua direita.

E' absurdo? E' ridiculo? E' assim mesmo.

E porque se chega a estas conclusões estupefacientes? E' porque não cabe na mente dos inimigos da direita que haja uma direita que não seja monarquica e reacionaria, sem se lembrarem de que é grotesco querer que a Republica não possua o equilibrio que todos os sistemas representativos possuem. Moderados e radicaes ha na França e ha na Inglaterra, e conforme os ingleses ou os franceses desejam moderar ou precipitar a sua marcha nas sendas do progresso, que é propria essencia da democracia, assim moderados os radicaes exercem as funcções do governo.

Mas aqui não. Aqui procura-se chercher tout cela». E' velho sestro desde o Congresso da Figueira em que dogmaticamente se afirmou que na Republica só um partido tinha direito a existir. Não haveria, de facto, senão esquerda, embora se creasse o famoso centro, que teria á sua esquerda os socialistas, o grupo socialista que conta meia duzia de deputadas, e esses mesmos divididos entre si por questões de doutrina. O peor é que o centro ficaria assim sendo — uma direita!

Emfim, já nada nos pode surprehender. Não ha respeito aos principios, não ha respeito á logica, não ha respeito á verdade.

O que ha é um apetite frenetico de crear convenções que facilitem a ascensão ao poder dos que não teem consigo nenhuma parcela importante da opinião. E depois queixam-se da indiferença ou da hostilidade do paiz!

A comemoração da assinatura do armisticio

Realisa-se amanhã no teatro Nacional, pelas 13 horas, a sessão solene comemorando o 2.º aniversario do armisticio, a que presidirá uma alta figura da Republica e em que usarão da palavra os srs. Antonio Maria da Silva, Alvaro de Castro, Julio Martins, Raul Portela e presidente do ministerio. Pelo sr. dr. João de Barros será lida uma poesia alusiva á grande guerra.

A' sessão, que é abrilhantada por uma das bandas da guarda nacional republicana, assistirão os srs. Presidente da Republica, governo, corpo diplomatico, camara municipal e outras entidades civis e militares.

Pobres de "A Capital"

O donativo de 1$00 que o anonimo M. C. nos enviou para os pobres nossos protegidos foi entregue a Rosa Pinto, rua da Cruz, 100, em nome de quem agradecemos.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

X — Paris do Bedecker

A febre de comprar que de mim se apossou ao ver belezas e farturas acaba de ter o seu ultimo delirio: tive desejos de comprar . . . o Louvre.

Tomei o taxi e, manhã ainda, transportei-me em 8 minutos á entrada do grande museu. Quantas horas lá estive não sei. A's tantas os guardas puzeram-me na rua e creio que ainda vira só meia duzia de coisas: as grandes telas e as muitas telas inferiores á mistura; tive—confesso, aqui que ninguem nos ouve—um arrepio de comoção quando ajoelhei deante dalgumas obras primas; o é curioso, nem sempre eram aquelas que as oleografias tem devassado por esse mundo as que me comoviam; eram outras, umas, conhecidas que me pareciam exclamar: aqui me tens; outras ainda ignoradas, ás vezes dois palmos que me impressionavam vivamente. «La source» de Ingrès, as diafaneidades de Lancret, as poesias do Corrége, os grandes mestres italianos do «Cinquecento», as melhores peças de Rafael, as escolas flamengas e holandezas, todo o mundo de arte nas grandes galerias onde umas já conhecidas creaturas copiam . . . mal, porque a tinta não dá na sua agrura e ideias o encanto e a tecnica dos outros tempos, os mestres; as salas Rembrant, a pequena sala Van Dick, a estonteante galeria de Rubens. Que se pode ver neste apinhado de molduras, nesta diversidade de motivos, nesta canceira de côres? Deu-me a «Gioconda» esse sorriso devasso que já tem dado a tantos milhões de homens, e a «Olympia» de Manet fez-me bradar burguezmente «Que indecencia!» como no tempo da luta pelo impressionismo um critico ilustre já exclamara.

Voltei lá, e corri á «Venus» de Milo, a mãe de todas as outras manêcas «Venus» que pousam, em gesso ou «biscuit», sobre as secretarias de todos os homens que se julgam banhados em arte; recebeu-me na sua meia nudez, no seu belo sorriso de mulher que se surpreende vendo-se ao espelho e ou repeti a frase de Theofilo Gauthier «comme elle est grande et belle et noble, cette Venus!» Não faltei á «Melpomène», á «Diana», a «Psyché», a todas as belezas dos Phidias e outros ilustres mestres do cinzel, sem falta aquela «Vitoria» de Samotrace, que sem cabeça vale mais que a «Vitoria» ahi do Chiado apezar de ter . . 3 cabeças. E passei a todo o vapor entre a beleza helenica entre um pretenso sarcofago de «Ramsés II,» entre os colossos asiaticos roubados, aqui, ali, e pelas centenas de salas que em quinze dias se viam superficialmente, a minha rabona dominguera era um cometa negro num vislumbre de outros mundos e outras belezas.

Não faltei aos mandamentos do Baedecker; os «Invalidos,» em cujo pateo, um albatroz e outro passaroo «boche,» em companhia de algumas duzias de esverdeados canhões, fazem o espanto da gente do sul de França que lá vai. O tumulo daquele em cujo testamento se liam «Je desire que mes cendres reposent sur les bords de la Seine au milieu de ce peuple français que j'ai tant aimé», numa cripta sombria e scenografica que pesa como a sombra do proprio Napoleão.

«Pourboire» para aqui, «pourboire» para ali, dá-se uma corrida para o Pantheon, onde me vou encontrar com o espremido e retorcido «Penseur» de Rodin que o fulgurante espirito critico do dr. Brito Camacho já demoliu pelo ridiculo . . . mas ainda lá está de costas voltadas e espetadas para os cincoenta e quatro grandes homens da França. Não vos darei o suplicio de descrever a velha e bela egreja da padroeira de Paris. Mas, seria crime não apontar entre as decorações moraes o «Puvis de Chavannes» com a sua «Enfance de St. Geneviève» na forma limpida, quasi estilisada, que o caracterisou. E mais, «J. P. Laurens», «Delauny» e outros. Sim, senhor, vale a corrida; e cá dentro, como em todos os outros edificios, «Notre Dame», «Palais de Justice», não ha francezes; só ha estrangeiros; magotes deles que olham, visitam, protanam, dizem que viram e passam. O grande negocio de Paris: mostrar-se. Mas, voltamos para a rua, pois nem o tempo, nem a paciencia vos querem moer contando o rosario de «Notre Dame», ou antes o duplo tezouro, pois ha um que se visita e outro que se está fazendo: o do sacristão que explica as velhas reliquias e se pôe á porta durante a saída com a mão estendida.

Volte á rua leitor, e veja, procure, onde estão as cantarias brancas e te Paris; a Cidade Santa ainda não foi destinada, e ninguem a leva.

E' tudo engrenoido, pardo, e contudo nada disto é triste. A rua é linda, o «boulevard» é alegre e canta. Mistério ainda maior pela sobreposição de tantos edificios grandiosos, uns ao pé dos outros, e, que contudo não se prejudicam. O arco «d'Etoile» é o mais belamente situado, de facto o mais imponente pelo seu panorama, pela irradiação de grandeza em torno de si; já o de triunfo do «Carrousel» morre na grande praça, no grande fundo verde das Tulherias.

E agora que saciei a vista de claridade voltemos aos museus, ao «Luxembourg». Eu, com toda a reverencia que dispenso aos mestres, tenho porém o culto do presente, e ainda mais do futuro. Por isso o «Luxembourg» me atrae e me encanta. Lá me fui encontrar com velhos conhecimentos, muito deturpados, costados, na minha mente que apenas reflectia a sua gravura desta ou aquele livro; e, meus caros amigos, ali encontrei, num grito de avanço, os impressionistas, os futuristas quasi; de modernos, algumas telas da guerra; uma, de regulares dimensões «Canadienses para a linha de fogo» marcando a epopeia. No «Luxembourg» está-se mais «chez» o nosso tempo. Ali ao pé—isto é, para um bom «marcheur» a um quarto de hora de canceira — o museu Rodin. Mas tambem lhe não toco para não ser enfadonho, arriscando-me tambem a ser falso . . . como um Rodin que o é.

* *

A proposito do avançado de ideias em letras e artes, visito o viajante, para se divertir um pouco, uma livraria «dadaista», que vae, contudo, apesar da chicana, fazendo o seu negocio. O que é o «dadaismo»? Mais uma dessas manifestações originaes do parisiense. Uns maduros de vez em quando formam uma escola, uma nova filosofia, ou uma seita. Estes, que fazem o movimento Dada, e seguem o sr. Picabia, que num Salon passado apresentou, entre outros quadros feitos com uma precisão de engenheiro «l'enfant carburateur» e publicou o livro que se vendeu extraordinariamente «La fille née sans mére». Raio, barulho, chamar as atenções de meia duzia de passantes—que no mundo de gente daquelas terras são uns 10 mil pessoas e ahi temos um negocio. O «bourgeois» aturdido pretende compreender e . . . a ideia rende uns cobres para alguma pandegas. Se houver, quando for a Paris, alguma ideia nova, e isso é natural porque o espirito imaginativo do parisiense é fertil em atracções á bolsa alheia e cada quinze dias verte uma ideia, não deixe de ir lá meter o nariz; pode ficar roubado, mas só dá por isso . . . depois.

Em troca afirmo-lho que não vá dar o corpo ao manifesto duma corrida num carrão amarelo onde se acomodam 30 ou 40 papalvos que desejam ir ver onde foi a guerra. Eis uma industria actual que pouco tem dado, visto estar muito desacreditada. Pela barateza de 275 francos anunciam os cavalheiros uma ida a «Reims» com tudo pago, menos os ossos do paciente que á volta regressam num feixe. O auto modesto, em nuvens de poeira, parte de manhã, passa em campos arruinados, e um empregado indica, com o dedo, vagamente onde foram as trincheiras.

Pedras soltas, terrenos lamacentos, ilusões de beton imaginado e . . . «ali ao fundo onde não está nada, era o quartel general do V.º corpo». Não caia, meu amigo, em ir ver o que não se vê, tanto mais que se tiver ocasião, de comboio, socegadamente, chegar a qualquer terriola devastada pelos obuzes, faz ideia de todas as outras ruinas são todas elas eguaes. Basta dizer que tiros... não se ouvem nenhuns . . .

Contudo para o consolar, para ter a nota da guerra, que não lembra já neste tumultuar de gente preocupada e divertida, visite um banco, uma casa de cambio importante; para levantar os meus magros capitaes, fui ao Credit; e, lá os vi, os homens da guerra, envergando os seus casacos azues de continuos e os peitos com as suas medalhas ou cruzes; e guarda-portões, e oixeiros com as suas fitinhas e condecorações quando não é alguma homenagem mais dolorosa . . . um braço a menos ou uma perna artificial. Mas, tudo se perde na vida frenetica de cada dia. Como, sem o leitor ter dado por isso, já estou ha 10 dias em Paris, e apezar de ainda não ter visto nada, já ter a cabeça estonteada, assento em que depois d'amanhã 2.ª feira, parto para o Norte. Não sem primeiro ter ido domingar a Versailles, tanto mais que apanho a pechincha de ser dia das «grandes eaux».

Hoje, sabado, noto mais pares de braço dado, dedos entrelaçados em pleno dia, passando no «boulevard». «Couples» amorosos, aventuras ignoradas que poetas e pintores tem vinculado com as suas artes. Mas fora este espectaculo espicaçante para a nossa sensibilidade meridional, mas muito casto o encantador, acredite, é gente luza, Paris não vive só do amor; é hoje uma cidade activa, febril de comercio; ou, em linguagem mais alevantada, Paris deixou os braços de Venus, para andar a voltas com Mercurio.

Armando Ferreira.

AOS SABADOS

A semana literaria

Poetas novos, poetas velhos, todos poetas são, na nossa terra; e não ha campanha ou descredito que faça demolir essa legião de ignorados que todos os dias vem reforçar os nomes que já um dia tambem passaram e se esqueceram. Os temas são os eternos temas, que já Roma e Athenas celebraram; mas, nem todos cabem numa semana, para mal dos nossos grandes pecados…

A Cidade, por *João da Camara* — (2.ª ed.), Ed. *Guimarães & C.ª*, Lisboa : : : : : :

E' sempre terna a figura literaria de João da Camara. O dramaturgo, o contista, era no fundo um só poeta. Alma, muita alma que ora canta e sorri na expressão dolorida dos resignados, ora é profundamente magoado e triste. A ironia dos que sabem pensar é a candidez dos que sofrem por todos. Este livrinho mimoso «A Cidade», que tão bem fica numas mãos de mulher é todo ele um repositorio de pequenas poesias ás deusas da rua, á candura das boas almas das cidades; algumas sorriem dão o traço de humor indispensavel para que haja de vez em quando um raio de

sol dentro da penumbra propicia e aveludada do livro. Mas é o livro da cidade, com os seus poemas de graça e de beleza. Tão simpatica esta «De esperanças».

Todos percebem, mas que lhe importa?
Casada ha mezes, vê-se já tanto!
Um anjo vela bater-lhe á porta…
E a luz que espera toda a transporta
Num claro riso de impudor santo.

Como são cantantes as quadras «costureiras», detalhando, sorrindo maliciosamente os versos harmonicos:

Lindas assim, rua fóra
Vendo-as a gente prezume
Delas ser e não da aurora,
A claridade e o perfume.

Quem pudesse possui las
Teria riquezas loucas
Em brilhantes de pupilas
Em coralinas de bocas.

E, ferindo a mesma tecla «A contra-mestra» «cosendo sem descanço», os «cegos velhinhos,—ele um velhote inda retesando a perna, ela, submissa, de olhar tão meigo como a luz da tarde,—ou a sinfonia clara, badalada, de «Os sinos». E' tambem neste volume encantador que se encontra as «Ave Marias» tão conhecidas, cheias duma graça implorativa que é significativa de genio; e a alma scismadora do poeta, transparece mais no colorido cheio de misticismo da «Missa das almas», ou no soneto «Pianissimo», qual delas mais bela, mais poetica, mais profunda.

Poetas jovens: eis um conselho; deitae ao vento os vossos versos sem colher nem som que são ainda os de hontem aqueles que tudo valem.

Suspiros d'alma, por *Horacio Machado Ribeiro* — (Ed. do autor). Lisboa : : : : :

Para dizer banalidades forçam o bestunto e folheiam o dicionario de rimas todos os apaixonados, resultando ao fim um casamento, uma tareia ou um livro de versos.

O sr. Horacio Machado Ribeiro não quiz fazer versos, e dá-nos essas banalidades em prosa. Os seus «suspiros», começam por versos de Julio Diniz, de Bernardino Ribeiro, Tomaz Ribeiro, dedicatorias, mais versos de Julio Diniz, de Marcelino Mesquita, e começam a ser do autor na pagina 15. Dá seis pequenos suspiros e nova dedicatoria e mais versos de Lebre e Lima, Julio Diniz e frazes de Camilo; seguem-se 4 suspiros e nova dedicatoria em papel e versos de Antonio Nobre, Julio Diniz, etc., assim sucessivamente até ao fim de livro, em que o leitor conclui que obteve as obras completas de Julio Diniz e outros poetas sem ter dado por isso.

Chamamos «banalidades» aos pensamentos do sr. Horacio R beiro; pois que se ha-de chamar a logares comuns como estes?

A mulher é a flor mais bela e perfumada que a natureza tem produzido.

Sois a flor mais formosa, mais singela e mais gentil que conheço; conquistai, pois, o imperio que nunca se aniquila e que se chama Amor.

E este

O amor no homem é o que lhe faz mais horrivelmente sofrer…

não será uma grave desconsideração para os furunculos e para os calos? O melhor, porém é este.

Amor impetuoso como o fogo suave como um doce olhar de Jesus, limpido como as cristalinas aguas; só ha um na vida: é o nosso primeiro.

Quando nós estavamos na tropa sucedia por vezes que os recrutas executavam ordens que não davamos, fazendo varias tolices e asneiras; mas quando os chamavamos para perguntar quem os autorizava a fazer tal, era infalivel a resposta: «o nosso primeiro». Será este o do poeta em prosa Horacio Ribeiro?

Ora, com franqueza, quem suspira assim com tanta banalidade não vem suspirar em publico.

Versos do meu craveiro, por *Eduardo Pacheco* — (ed. do autor. : : : : : : : : : : :

Dedicado «ás mais lindas mulheres do meu paiz» de quem depois no interior do folheto diz.

A mulher só não engana
a quem não cai no engano;
palestra toda a semana,
treva a mentir todo o ano.

fóra outros amabilidades, por sinal, verdadeiras, publicou o sr. Eduardo Pacheco, um rozario de quadras, entre as quaes figuram algumas aproveitaveis; na maioria porém, são oleos de reter, o ritmo não é suave, não tendo consequentemente as condições primordiaes de quadra, a forma poetica mais popular.

Ha porem a seguinte.

De tantas vezes fitar
meus olhos nos olhos teus
eu já não sei dif'rençar
afinal, quaes são os meu.

e que não «dif'rençamos» tambem de uma quadra popular com a mesma ideia e quasi os mesmos versos. A não ser que seja esta já consagrada pelos povos. Tem no entanto o poeta qualidades apreciaveis, que se devisam sob as idoias já gastas dos seus versos, e merecendo-nos reparo final a quadra que se segue:

O' velho almeiro grave e mudo
quizera ser como tu;
cobre-te o v'rão de veludo
e o inverno deixa-te nú.

nesta altura protestamos em nome da decencia publica.

A. F.

Registo de entradas

José Bonifacio (o velho e o moço). *Casados na America*, Carlos de Vasconcelos. *Ramo de Louro*, João do Rio. *Cronicas e frazes de Godofredo de Alencar*, João do Rio. *A B C maternal*—Fernando Bastos. *Quadros Ribatejanos*, Mota Cabral—*A Ladra*, Amaral Junior. *Cervantes*, Latino Coelho. *Desfolhadas*, Eliseu de Sena—*Divagando*, Rolando da Silva. *No outono da vida*, Viscondo de Carnaxide.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Durante o dia de hoje apresentou-se muito pessoal na estação de Campolide.

No Sul e Sueste

Para a condução de pão para o Barreiro e Setubal, sairá extraordinariamente, ás 8,30, o vapor Europa.

Na estação do Barreiro, o serviço já é dirigido pelo inspector principal sr. Carvalho, e segundo consta na segunda feira apresenta-se mais algum pessoal da tracção.

Universidade Popular Portugueza

Depois d'amanhã, pelas 21 horas, recomeça o sr. dr. Camara Reys as suas conferencias sobre literatura, tratando n'esta da de Camilo Castelo Branco e nas semanas seguintes de Anthero do Quental, Tolstoi, Romain Rolland, etc. Em seguida á conferencia realisa-se a sessão cinematografica educativa.

Homenagem funebre

Uma comissão de amigos do saudoso Antonio Pereira, editor do jornal «O Estrondo» e victima da tragedia ocorrida ha um ano na travessa dos Fieis de Deus, comemora amanhã o 1.º aniversario do passamento do malogrado rapaz, distribuindo um bodo aos pobres, ás 11 horas, na séde do Grupo Dramatico Lisbonense, rua Marcos Portugal, e promovendo uma romagem ao cemiterio do Lumiar.

Mutilados da guerra

Do sr. Alberto Baptista Chaves, 2.º sargento, director d'«O Mutilado» recebemos hontem uma carta em que, em termos incorrectos, se diz que tanto ao sr. dr. Tovar de Lemos, como a nós proprios, por, diz, não termos publicado uma carta que nos dirigiu no dia 10. Não recebemos carta alguma e não sabemos o que o sr. Chaves pretende, não lhe tendo portanto dado motivo, nem pretexto para que se nos dirigisse em termos menos correctos. E fica arrumado o incidente.

A capital de Angola

Se houver realmente intenção de realisar obra util na administração e colonisação de Angola uma das primeiras coisas a fazer é mudar a capital para o planalto de Benguela em local bem escolhido junto de linha ferrea.

As vantagens são obvias.

Oferecendo o planalto condições de perfeita adaptação da raça branca é lá que deve estar a administração central que ocupa centenas de funcionarios que se com uma longa permanencia nos seus logares se tornarão verdadeiramente uteis. E essa permanencia nunca se poderá realisar em clima tropical, como é o de S. Paulo de Loanda, muito embora não seja dos peores. Imediatamente deixaria de pesar sobre as finanças da provincia a enorme verba das passagens para cá e para lá dos funcionarios em gozo de licença da junta.

Estes, em virtude das magnificas condições climatericas do planalto, levariam comsigo os suas familias e assim teriamos automaticamente estabelecido um importantissimo nucleo de colonisação.

Depois em Angola sucede como no Brazil, a parte sul é que ha-de dominar por ser lá que se pode alimentar a colonisação branca e ha toda a vantagem em que no meio d'essa cada vez mais florescente colonisação, se erga, administração central.

No Brazil tambem se mudou a capital da Bahia para o Rio de Janeiro e em Moçambique da cidade d'este nome para Lourenço Marques, onde, diga-se de passagem, não está muito bem, mas para a qual não ha, por emquanto, melhor local.

A capital não precisa de estar á beira mar, basta que com ella esteja ligada por uma boa linha ferrea e a de Benguela póde, sem favor, considerar-se como tal.

O que uma capital precisa é de gosar de um clima excelente que fixe a população e de oferecer comodidades e prazeres que atraiam todos aquelles que pertendam descançar ou gosar uma licença, desviando-os do caminho da metropole.

Evidentemente que contra tal projecto se levantarão interesses feridos que os ha-de haver, mas que por mais importantes que os queiram considerar, não passarão nunca de interesses de limitado ambito que teem de ceder o passo aos interesses geraes de toda a provincia.

PELO TELEGRAFO

Nova convenção postal

MADRID, 12.—Foi hontem concluida uma convenção postal entre a Hespanha, os Estados Unidos e todas as Republicas da America Central e Meridional, excepto a Republica de Cuba, nos termos da qual todos estes paizes formarão um só territorio postal. A franquia das cartas, e impressos e amostras entre elas será a mesma que cada um dos paizes interessados aplica no seu trafego interior.—(Havas).

As negociações da Italia com a Yugo Slavia

ROMA, 12.—A imprensa italiana dá a noticia do resultado feliz que tiveram as negociações com a Iugo-Slavia, a qual obteve a sua fronteira e a independencia de Fiume, Confinante a fronteira italiana em Zara e em troca os iugo-slavos ficam com as ilhas á excepção das ilhas de Cherzo e Lagosta e da Dalmacia e do Montenegro, que ficam pertencendo á Servia.—(Havas).

O acordo entre a França e a Inglaterra

PARIS, 12.—Lord Derby, embaixador da Gran-Bretanha, entregou na quinta feira ao sr. Georges Keygues presidente do conselho de ministros e ministro dos negocios estrangeiros a resposta do gabinete de Londres ás objecções francezas motivadas pela ultima nota britanica; o embaixador da Inglaterra foi em seguida fazer uma visita ao presidente da republica. A imprensa franceza diz que está eminente um acordo completo entre as duas nações.—(Havas).

LONDRES, 12.—A proposito da retirada do sr. Paulo Cambon que, como dissemos, deixa o seu logar de embaixador da França em Londres, lord Curson manifestou ao diplomata francez os sentimentos do rei e do seu governo pela sua retirada.—(Havas).

Radio-telegrafia entre a França e a Bulgaria

PARIS, 12.—Foi aberta uma comunicação radio-telegrafica com a Bulgaria á correspondencia telegrafica particular da imprensa.—(Havas).

Um casamento real

PARIS, 12.—Acaba de ser solenemente anunciado o casamento do rei de Sião com a filha do principe Nadrahp, seu tio.—(Havas).

A viagem dos reis de Hespanha

MADRID, 12.—Os reis de Hespanha assistiram em Londres á inauguração do monumento aos soldados desconhecidos.(Havas).

A TOURNÉE . . . DO NACIONAL

José Loureiro

diz: Não penso mais em fazer vir ao Brazil companhias portuguezas : : : :

Tal é o resultado indirecto da tournée... malfadada ao Nacional. José Loureiro, para quem todos os portuguezes tem só palavras de estima e respeito garantindo a grande honestidade e respeitabilidade do seu nome, coração aberto para todos os infortunios, e grande amigo da nossa gente e do nosso teatro, concedeu a «O Jornal» uma entrevista que, sem comentarios transcrevêmos. Conforme a nossa promessa, começamos ponderadamente a publicação dos elementos que nos confirmam dia a dia, a razão a nossa campanha.

E' preciso que tudo se saiba; é preciso que tudo venha a claro.

—Nesta questão entre o emprezario Luiz Galhardo e o actor Eduardo Brazão, procurei não intervir, apezar de ter-perdido até hoje com temporada entre nós da Companhia do Almeida Garrett, para mais de cem contos de réis.

E' verdade que poderia ter evitado a tempo, tão grande prejuizo, uzando amparado em uma das clausulas do meu contrato com o emprezario Galhardo. Não o fiz, porém, e não me arrependo mesmo de o não ter feito. Evitei assim procedendo, crear dissabores maiores.

Resta-me contudo, a satisfação de haver cumprido fielmente as minhas obrigações, em que pezem as contrariedades e prejuizos que venho de sofrer.

—Mas se era o proprio contrato que lhe amparava, por que teve escrupulos em evitar o prejuizo?

—Para não provocar o fracasso da temporada, antes do seu inicio... No nosso contrato, ficou estabelecido que as despezas da folha da companhia apenas ficariam a cargo do emprezario Galhardo, tocando a mim os encargos provenientes do alugel dos teatros, transporte de artistas e material, tudo emfim quanto fosse despeza que se não referisse ao pagamento dos artistas. Numa das clausulas, porém, obrigava-se o emprezario Luiz Galhardo a enviar-me uma companhia de 1.ª ordem, tendo á frente, os artistas Eduardo Brazão, Lucinda Simões e Palmira Bastos, com 20 peças prontas, em grande numero novas para o Rio. Tal, porém, não aconteceu. A companhia quasi que á hora de embarcar para cá, teve o seu elenco grandemente modificado, resultando daí o ter chegado ao Rio um conjunto sem homogeneidade, que não trazia pronta uma unica peça!

—E o que motivou essa inesperada transformação do elenco?

—A atitude dos artistas portuguezes no momento actual. E' bastante falar em vir ao Brazil para que todos eles exijam logo ordenados fabulosos.

São de tal forma absurdas as exigencias que deles se fazem, que a mim, que lido nos negocios portuguezes, em materia de teatro, no momento presente torna-se de impossivel realisação. Diante de tão antipatica atitude, só me restava, para livrar-me de prejuizos futuros, não pensar mais em fazer vir ao Brazil companhias portuguezas, ao menos emquanto durar este estado de coisas, tal e tão já mandado sustar negociações que havia iniciado com quatro companhias para a nossa temporada de 1921.

—Não trará, então, nenhuma companhia portugueza ao Brazil no proximo ano?

—Uma apenas: a da actriz Angela Pinto, e, essa mesma por já ter sido firmado o respectivo contrato. Embora isso, já escrevi para Portugal prevenindo de que estaria pronto a desistir dessa obrigação, caso não desagrade a companhia tal.

—E as companhias de Aura Abranches, Armando Vasconcelos?

—Pertencem ao grupo das companhias exigentes. Qualquer artista pede, actualmente, para vir cá, quatro, cinco e seis mais contos de reis de ordenado mensal. O que me admira, porém, não é que eles façam taes exigencias: é que o Galhardo concorde com tudo isso, para no fim de contas só ter prejuizos...

Calculo por alguns incidentes o emprezario José Loureiro, para nos dizer, em seguida, com firme convicção.

—Creia, meu amigo, que é chegado o momento de se fazer o teatro nacional independente de contratos feitos com algumas companhias estrangeiras, para realisação de espectaculos na temporada do ano proximo tenho já por mim empregados duas companhias nacionaes: a do actor Leopoldo Fróes e a do teatro Boa Vista, de S. Paulo. Aquela, apezar do seu regular elenco, será aqui reforçada com as entradas, para o seu conjuncto, dos artistas Abigail Maia, Adriana Noronha, Martins Veiga, Alvaro Fonseca e outros, talvez.

—Mas, falou-se tambem que para

ULTIMA HORA

ella entraria a senhora Lucinda Simões?

—Convidei-a realmente, de acordo com Leopoldo Fróes. Excusou-se, porém, em aceder ao nosso convite, ao menos por emquanto.

—Fica então a senhora Lucinda na companhia do Lyrico?

—Não. O seu contrato, que era de dois mezes, já terminou. A companhia portugueza, por força do contrato com os artistas, a excepção dos actores Brazão e da actriz Lucinda Simões fará o mez que falta para terminação da «tournée», no Palacio Teatro, onde se deverá estriar a 29 do corrente.

—Vae então a senhora Lucinda Simões, como dizem para o Trianon?

—Tambem penso que não. Sei, pelo Alexandre de Azevedo, que ela lhe pediu para fazer uma peça, apenas no Trianon, ao que da melhor boa vontade acedeu aquela artista.

—E quanto a companhia da Boa Vista?

—Reforçal-a-ei aqui com varios elementos nacionaes, transformando-a numa grande companhia de opereta e revista, com um elenco de primeira ordem.

Virá trabalhar no Lyrico, onde deverá estriar a 14 de novembro.

—Conta assim com elementos para realisar a epoca de 1921?

E por que não? Alem destas duas companhias nacionaes, virão outras estrangeiras, dentre as quaes a da actriz Esperanza Iris, com o seu elenco bastante melhorado e reportorio novo, que acaba de alcançar um novo triunfo em Madrid, com a representação da nova opereta «Nancy» de montagem grandiosa.

—Na temporada do ano que vem só teremos então a visita de uma companhia portugueza?

—Por final conta, como lhe disse só virá essa, para uma temporada de quatro mezes apenas, e que custará assim mesmo á minha empreza 200 contos de reis.

—Para uma companhia de declamação é realmente uma despeza exorbitante.

—E', mas não ha mais remedio. O contrato como lhe disse está feito.

Em Portugal, para «tournées» (para «tournées» apenas, é preciso notar), não ha hoje em dia artistas baratos. Na companhia de operetas que trabalha actualmente no teatro Republica desta capital, ha ordenados fantasticos!

—Mas em Lisboa, fazem os artistas taes exigencias?

—Não. Os maiores artistas ganhavam ultimamente, um ordenado mensal, que não chegava a um conto de reis, moeda brasileira. Em tempos normaes esses ordenados variavam de duzentos a duzentos e cinco mil reis por mez.

Não vale apenas—concluiu o emprezario Loureiro—pensar em mandar vir companhias portuguezas. O verdadeiro é cuidarmos todos de formal-as cá, reunindo os enumerosos elementos de que dispomos aqui, dando assim um grande impulso ao teatro nacional».

Mas... ainda ha mais e melhor.

A fome em Cabo Verde

O sr. Loureiro da Fonseca escreve-nos dizendo que um telegrama do governador da provincia de Cabo Verde noticia que a fome vae ali tomando um caracter assustador.

As ilhas do arquipelago este ano foram castigadas, mais do que de costume, pela falta de chuvas.

Urge que se acuda aos cabo-verdeanos e que tanto as estações oficiaes como os particulares contribuam para minorar a terrivel crise que assola aquelas ilhas.

Acabamos de receber o seguinte telegrama, que é um brado de angustia:

PRAIA, 12.—Conhecendo os vossos sentimentos caritativos, apelamos para a abertura d'uma subscripção publica, a fim de atenuar a miseria crudelissima que flagela o povo d'esta provincia, que, devido á falta de chuvas, atravessa a mais grave crise de fome que se regista na historia de Cabo Verde. Ha miseria em todos os lares, sendo a situação muito mais grave do que em 1903, ano em que as estatisticas registaram vinte mil mortos. Escrevemos pelo correio. Pedimos para transmitir aos jornaes do Porto, «Noticias» e «Janeiro».—O Presidente da comissão central de assistencia, Mata Magalhães, Governador.

VIDA SPORTIVA

As corridas de amanhã no Stadium

Os amadores das corridas de motocicletas vão presenciar ámanhã no Stadium uma das provas mais importantes de motociclismo que se teem realisado entre nós.

Carlos Fernandes, o nosso campeão amador, que tem sido o primeiro em todas as provas, encontrou um adversario em Joaquim Dias Maia, um «novo» em motociclismo, cujo valor é garantido pelo facto de ser discipulo de Inocencio Pinto. A luta deve ser das mais renhidas porque se o primeiro quere continuar a afirmar a sua superioridade, Maia, por seu turno, quere entrar em vencedor.

Em bicicleta o programa comporta provas das mais interessantes, como «o handicap» em que Joaquim Raposo dá avanço a todos os corredores; a corrida de fundo entre Cristiano e Raposo; a prova «Americana», em que estão inscritas 6 «équipes», todas homogeneamente constituidas, e a «Nacional» em que se estreiam dois «novos», sendo um d'eles J. Batalha, que foi um adversario perigoso para Soares Junior.

As provas começam ás 15 horas prefixas.

Noticiario

Como já dissemos, o teatro de S. Carlos abre no dia 18 de dezembro, sendo a temporada de cincoenta recitas de assignatura, dez extraordinarias e quarenta ordinarias.

Da companhia fazem parte:

Maestros directores de orquestra: Gui Vittorino, Pedro Blanch e Armando Fenelli; maestros substitutos: Francesco Codivilla e Alberto Sarti; maestro de côro, Achille Clivio; director de scena e corografo, Alfredo Curti; sopranos: Mario Barrientos; Vera Americhi, Camino Bejar, Maria Llacer, Germaine Lubin e Manuela Pinto Basto; meio sopranos e contraltos: Fanny Anitua, Carmen Blat e Gabriella Vergara; tenores: Dino Borgioli, Stanislau Gruszinski, Isidoro Fagoaga, Filippo Piccaluga, Carlo Rousseliere e Alberto Pavia; Baritonos: Aristide Baracchi, Luigi Montesanto, Enrico Molinari, Marcello Nani e Lazaro Erauzkin; Baixos: Bruno Carmassi, Giulio Cirino e Cesaro Andreni.

A orquestra é composta de 78 professores, o corpo de baile de 18 figuras, sendo 65 as coristas e sendo a banda composta de 20 professores.

Reclames

Haverá em Lisboa um habitante que não tenha ido ver a celebre revista «Risos e Flores» ao Teatro Apolo?

Não é crivel, antes se acredite que os que concorrem agora a esses espectaculos são os que vão vêl-a pela segunda vez. E hão de ir terceira e quarta, sem cançar.

—Decididamente não sahirá tão cedo do cartaz do Politeama a celebre peça «O grande amor», admiravel trabalho de Aura Abranches, Adelina e Sacramento.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardosol.

Ordem publica

Os presos politicos em S. Julião da Barra teem regalias escandalosas

A policia de Segurança do Estado tem proseguido nas suas diligencias não só sobre a conspirata integralista como ainda sobre o caso das bombas apreendidas á entrada da cadeia do Limoeiro a Rosaria Joaquina, mulher do preso sindicalista Arsenio José Filipe, um dos autores do atentado dinamitista do Alto de Santa Catarina contra o industrial sr. Alfredo da Sisva.

Hoje, durante o dia, foi largamente interrogada no governo civil pelo sr. Zeferino da Silva, secretario da referida policia, vindo a Rosaria Joaquina para tal fim da esquadra das Monicas, onde tem estado incomunicavel.

A Rosaria continuou negando que o cabaz lhe pertencesse e afirmando que ele lhe foi confiado na avenida da Liberdade por um desconhecido que lhe pediu o favor de o entregar na cadeia a Artur Pereira Alonso, outro implicado no referido atentado.

O adjunto do director da policia de Segurança do Estado, sr. Virgilio Pinhão, que tem a seu cargo as investigações sobre os movimentos integralistas deve interrogar hoje á noite as senhoras D. Amelia Sales Gomes e D. Isaura da Conceição Martins, que, conforme referimos, foram presas ha dias como implicadas no «complot» descoberto na rua Borges Carneiro, 5, 2.º, e de que resultaram as buscas domiciliarias de ha dias e varias prisões nos sitios dos Terramotos.

Tambem devem ser ouvidos alguns d'esses presos, sendo natural que as duas senhoras recolham á cadeia do Aljube por estar mais ou menos apurada a convenção que tinha no «complót», pois havia sido escondidos para agente de ligação dos conspiradores.

Como nota interessante diremos que a descoberta do «complót» e as prisões efectuadas ultimamente desnortearam e desanimaram por completo os integralistas, alguns dos quaes se encontram cumprindo pena na Torre de S. Julião da Barra.

Ainda não ha muitos dias estiveram n'essa fortaleza dois jovens integralistas, que por signal são alferes do exercito, participando ao preso sr. dr. Hipolito Raposo o que se estava passando. E o preso, após a conferencia, foi aconselhar-se com outros companheiros de prisão, sendo todos unanimes em que o movimento estava prejudicado e que os trabalhos haviam sofrido o atrazo de um ano.

Não segredo para nigoem e muito menos para as autoridades que o quartel general dos integralistas era na torre de S. Julião da Barra, onde se tem realisado reuniões de presos politicos gosam naquela cadeia de tal protecção que chegam a receber visitas a altas horas da noite. Natural é que apareçam desmentidos a este facto, mas a policia de Segurança do Estado, tendo conhecimento do que se estava passando, informou já o sr. ministro da guerra, afim de serem tomadas as devidas providencias.

Como a policia de segurança do Estado tivesse conhecimento de que o centro de conspiração integralista era na referida fortaleza destacou para ali alguns agentes, os quaes ficaram muito admirados ao terem conhecimento de que muitos presos saem a passeio ou a fazer compras.

Hoje, pelas 11 horas, um desses agentes, que foi destacado para a vigilancia, foi encontrar um grupo de presos entre os quaes figuravam o ex-capitão Supico e o ex-alferes Pereira, passeando em Paço d'Arcos, e acompanhados por um tenente. O segundo, a certa altura, separou-se do grupo e andou sosinho fazendo bastantes compras, o que fez suspeitar o agente de que o preso estaria preparando a fuga, conforme o boato que correu ha dias. Deu-lhe por isso voz de prisão, convidando-o a acompanhal-o ao governo civil, travando-se entre os dois larga discussão. O caso produziu enorme escandalo, aparecendo depois o tenente que era o que acompanhava os presos e que, tomando conta do ex-alferes Pereira, acabou por dar voz de prisão ao agente, o qual chegou a ser conduzido até a Torre, sendo depois restituido á liberdade.

O director da policia de Segurança do Estado, major sr. Marreiros, ordenou que do caso fosse redigido um relatorio que ainda hoje será enviado ao sr. ministro da guerra.

Os presos politicos, afim de poderem ter liberdade durante algumas horas usaram do «truc» de idas ao dentistas, aos medicos ou aos especialistas dos olhos, conseguindo assim ver satisfeitos os seus desejos.

Conspiratas

O «Mundo» faz hoje promessa de graves revelações ácerca d'uma vasta conspiração dos elementos adversos ao regimen, principalmente integralistas e dezembristas.

Do que ao nosso conhecimento vem chegando sobre manobras suspeitas d'aqueles elementos, já podemos inferir que ha muito de verdade no que aquele nosso colega afirma e promete desenvolver.

Bom será, por isso, estar álerta contra manejos traiçoeiros tramados na sombra. Ha por ahi muitas instituições que fazem quanto podem por crear dificuldades ao regimen, sobresaindo entre elas algumas que manejam interesses financeiros que hoje constituem naturalmente a maior preocupação dos governos. En'isso são aquelas instituições auxiliadas por todos os individuos que colocam acima dos interesses geraes do paiz as conveniencias da instituição politica que defendem.

Afirma-se, por exemplo, que um ex-ministro da monarquia que ultimamente esteve em Londres, fez quanto pôde para contrariar o emprestimo externo, garantindo, nos meios que frequentava, que a restauração monarquica estava para breve e que não reconheceria como legitima qualquer operação financeira realisada pelo governo republicano, procedimento que, a ser verdadeiro, não prejudica sómente a Republica, mas atinge em cheio o paiz.

Voluntarios de Campo d'Ourique

A celebração do seu aniversario

Passou hoje o aniversario da benemerita instituição Bombeiros voluntarios de Campo d'Ourique e da Cruz Branca, pelo que aquela corporação esteve em festa. De manhã, ás 7 horas, houve alvorada pelo terno de corneteiros; ás 8, içar da bandeira, formando o pelotão.

A's 11 horas, na capela do Alto de S. João, foi resada uma missa por alma do sr. Carlos da Costa Beça, socio fundador, seguindo-se visita ao tumulo, tendo o comandante do serviço de saude, sr. Branco Martins, proferido uma alocução e deposto sobre a urna uma fotografia do corpo activo das duas secções. No cemiterio compareceram, além dum pelotão de 40 socios, delegações dos bombeiros de Cacilhas e Barreiro.

Pelas 14 horas realisou-se uma sessão solene na séde, falando os srs. Matos Alves, comandante do corpo activo, e Branco Martins. A sede está embandeirada e á noite iluminará, estando todas as dependencias expostas ao publico.

A' noite realisar-se-ha um jantar de confraternização.

Aviação

Durante o dia andaram sobre a cidade, fazendo diversas evoluções, que despertaram sensação, e prolongando o seu passeio até Cintra e Cascaes, dois aviões, um dos quaes tripulado pelo capitão sr. Brito Paes, outro pelo tenente sr. Cabrita.

Os aparelhos ora guardavam entre si a distancia de 30 metros, ora evolucionavam a par.

Serviço telegrafico da tarde

ASSUNCION, 12.—Para combater a falta de carne produzida pela especulação do trust, a municipalidade está contratando com o frigorifico Santo Antonio o abastecimento da capital por um determinado prazo.—(Americana).

SANTIAGO, 12.—Em outubro, a exportação de salitre foi de 23.237 toneladas.—(Americana).

QUITO, 12.—O Congresso está-se ocupando das reformas de petroleo, de direitos de propriedade dos jazigos petroliferos, dos bancos e dos direitos alfandegarios.—(Americana).

MEXICO, 12.—O presidente, general Obregem num banquete que ofereceu aos jornalistas, declarou que os mexicanos nada teem a reciar da politica de Harding, que é amigo do Mexico.

Está estudando a questão dos jazigos de petroleo e os interesses dos dos paizes.—(Americana).

MEXICO, 12.— O governo foi convidado a enviar delegados á reunião plena da Liga das Nações, que vae realisar-se, como se sabe, em Genebra.—(Americana).

MEXICO, 12.—Tendo os Estados Unidos resolvido restabelecer as relações diplomaticas, Sumerlin, encarregado de negocios do Mexico, vale partir para Wasington, a reassumir ali o seu posto.—(Americana).

HAVANA, 12.—Foi eleito presidente da republica cubana o dr. Alfredo Zayas.—(Americana).

PARIS, 12.—Chegaram dez oficiaes da missão militar chilena para frequentarem as escolas militares francezas e completarem a instrução militar.—(Americana).

PANAMA', 12.—Estiveram aqui os couraçados americanos «Delphins» e «Demoines» que vão tomar parte nas festas de Chile comemorativas do 4.º centenario do descobrimento do estreito do Fagalhães.—(Americana).

BUENOS AIRES, 12.—O governo reiterou ao delegado condicional da Bolivia, Villazen, a premesa de reconhecer o novo governo daquele paiz.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 12.—Já como foi nomeado governador do territorio de Acre, em conformidade com as disposições ultimamente adoptadas.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 12.—Chegou o ministro da Suissa no Brazil, Gertsch.—(Americana).

D. Carolina Carmen Estevinho Castanheira de Moura

Faleceu confortada com os sacramentos da Egreja

FALECEU

João Castanheira de Moura, Belmira Elisa Estevinho Castanheira de Moura Pinto Figueiredo, João Pinto Figueiredo, Diogo Augusto Estevinho e mais familia cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações e amisade o falecimento de sua muito querida esposa, mãe, sogra e irmã, cujo funeral se realisará amanhã, domingo, pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da rua de S. Pedro d'Alcantara, 41, para o cemiterio ocidental.

D. Carolina Carmen Estevinho Castanheira de Moura

FALECEU

A Direcção da Companhia de Moagem Lisbonense, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu prezado colega director João Castanheira de Moura, e que o funeral se realisará amanhã, domingo, pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da rua de S. Pedro d'Alcantara, 41, para o cemiterio ocidental.

D. Carolina Carmen Estevinho Castanheira de Moura

FALECEU

Castanheira & Santos cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu respeitavel amigo e socio João Castanheira de Moura e que o funeral se realisará amanhã, domingo, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da rua de S. Pedro de Alcantara, 41, para o cemiterio Ocidental.

D. Carolina Carmen Estevinho Castanheira de Moura

FALECEU

Castanheira & Pereira, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu querido amigo e socio João Castanheira de Moura, e que o seu funeral se realisará amanhã, domingo, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da rua de S. Pedro de Alcantara, 41 para o cemiterio Ocidental.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3696 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 14 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos

Primeiro pagar...

A politica, tal como no nosso paiz é considerada e praticada, só serve para embaraçar, prejudicar e embrulhar todos os negocios publicos que, em vez de serem tratados á luz dos interesses geraes do paiz, são passados á fieira das conveniencias partidarias de momento.

E' o que está sucedendo com o caso do pagamento das dividas dos T. M. E. aos metalurgicos que concertaram os navios ex-alemães. Como é sabido, por falta de pagamento dessas dividas fecharam as suas portas algumas das oficinas o que acarretou prejuizos de varias ordens, determinando o governo a apresentar ao parlamento uma proposta de lei pedindo um credito de dois mil contos para liquidação das contas das reparações dos navios. Pois logo democraticos, reconstituintes e populares, protestam em unisono, clamando que primeiro preciso é esclarecer a confusão da administração dos T. M. E. e que só depois poderá o parlamento autorisar a abertura do credito proposto. O que pretendem esses grupos parlamentares equivale á suspensão dos serviços dos T. M. E., pois, estando os navios a precisar quasi constantemente de reparações, ninguem se prontificaria a realisal-as, emquanto os T. M. E. não inspirassem confiança e esta não poderá impôr-se, emquanto não forem integralmente pagos os seus debitos.

O que ha pois a fazer é pagar, e quanto antes, as dividas do conselho de administração da frota ex-alemã que do Estado são, afinal, não só por considerações da moral mais elementar que a todos obriga a pagar aquilo que devem, mas ainda em atenção aos superiores interesses do Estado incompativeis com a paralisação das oficinas metalurgicas e com o provavel inaproveitamento por falta das reparações necessarias de grande numero dos navios ex-alemães.

A camara tem pois que aprovar o credito pedido pelo governo, porque é destinado a pagar dividas do Estado cuja legitimidade ainda por ninguem foi contestada. Fica-lhe depois o amplissimo direito de resolver o que muito bem lhe parecer acerca da administração dos T. M. E.

E vamos que não é já sem tempo que cuidará disso. Desde que se efectuou a apreensão dos setenta e dois navios, de vapor e de vela, nos portos do continente, ilhas e ultramar, em fevereiro de 1916, até hoje, tempo de sobra decorreu para o parlamento tomar conhecimento do modo como tem corrido a administração dos diferentes organismos que exploraram a frota ex-alemã e que viram a dar nos T. M. E. tanto mais que na imprensa apareceram mais de uma vez, revelações bem alarmantes acerca da desordem da referida administração.

Quantas vezes aqui na «Capital» a isso nos referimos, publicando até entrevistas com personagens marcantes dentro da propria administração, que não puzeram duvidas em declarar que não tinha sido possivel esclarecer as contas dos primeiros oito meses da quele serviço, tal era a confusão e a barafunda em que tudo aquilo mergulhara.

Mas dos deputados que hoje protestaram contra a abertura do credito pedido pelo governo, escudando-se em que primeiro necessario é esclarecer a administração dos T. M. E., alguns fizeram parte de ministerios, desde 1916 até hoje, e outros apoiaram situações politicas nesse mesmo intervalo de tempo, durante o qual era já correntemente de todos conhecido, e confirmado pelos ministros respectivos, o caos em que se debatiam os serviços de exploração da frota mercante.

Porque não protestaram então e não reclamaram um inquerito parlamentar? Ora... porquê?! Porque não havia então o mesquinho empenho de atirar com um governo a terra, e nesse caso pouco importava que os serviços da administração da frota ex-alemã corressem á matrona.

Eis o que é a politica na nossa terra.

PELO TELEGRAFO

No Chili

SANTIAGO, 13.—O procurador da Republica pediu procedimento judicial contra o deputado conservador Tomaz Machado, ex-gerente da Companhia Mineira, e a prisão para os directores da mesma companhia Manuel Puerta, Carlos Flores e Guilherme Cox, acusados-os de especulações da Bolsa—(*Americana*).

SANTIAGO 13—A Companhia dos Nitratos dá o devidendo do seis shillings por acção, que começará a ser pago no dia 15.—(*Americana*).

HAIA, 13.—O ministro do Chili nesta capital, Barros, partiu para S. Santiago.—(*Americana*).

Em viagem para a Europa

LIMA, 13.—Rilot, ministro da França no Perú, partiu para a Europa.—(*Americana*).

No Uruguay

MONTEVIDEO, 13—Foi eleito José Serrato presidente da direcção do Banco Italiano.—(*Americana*).

Exportações na Argentina

BUENOS AIRES, 13.—De janeiro a setembro do corrente ano, foram exportadas 5.003.716 toneladas de trigo, 338.564 de aveia e 2.850 827 de milho.—(*Americana*).

A visita do rei Afonso XIII

BUENOS AIRES, 13.—O jornal «La Nacion» publicou as declarações feitas pelo rei Afonso XIII ao seu director Mitre. O rei tem o desejo de ir á Argentina a fim de iniciar a politica americanista, que contribuirá para desenvolver a acção hispano-americana.—(*Americana*).

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Dois anos!

Fez hontem dois anos, leitor, que eu deixei S. Vicente.

Aparecem ante os meus olhos dois anos do tormento, apenas em alguns dias interrompido.

Dois anos, leitor!

O que pode ser este tempo para uma criatura feliz? Quasi nada. O que são dois anos para uma alma torturada? A vida inteira.

Como eu estava bem longe de pensar, naquela tarde de 13 de Novembro de 1918, tudo quanto me esperava de martirios e lagrimas! A minha alma não pressentia que era cheio de agudos espinhos o caminho que tinha a percorrer. Segui o impulso do meu coração, confiada na dignidade dos homens, sem primeiro lhes sondar bem o caracter. Julguei-os cíosos do seu nome, mas esquecida de que, para muitos, o nome não é que vale; o que tem valor é o dinheiro.

Dois anos são passados; e, no entanto, lembro-me bem daquele dia.

Percorrendo pela ultima vez os salões de S. Vicente e todas as dependencias desse opulento palacio, apenas, ao entrar no quarto de meu filho, me senti abalada profundamente. Com o que me disesse aparecido um espectro, mal mele entrei, saí á pressa, fechando a porta, apertando o peito com as mãos para que o coração lhe não estalasse dentro.

A impressão de frieza em que me envolvia todo o austero mobiliario antigo daquela antiga morada; a indiferença com que me olhavam os quadros e as tapeçarias que lhe guarneciam as paredes; o desprezo com que me encaravam as custosas faianças, os cristais, as pratas; a sensação de desconforto que eu sentia no meio de toda essa riqueza que nada mais me dizia senão que eu era ali uma extranha, tudo isso, mesmo na hora da partida não mudou de aspecto. Mas o quarto de meu filho tinha, para mim, recordações deliciosissimas; e não pude, o sangue frio, dizer-lhe um ultimo adeus.

E já dois anos são passados!

Como tudo isso vai longe, e ainda afinal, tão perto!

Desse antigo luxo, nada me resta hoje. E, como por vezes, o acaso se compraz em torturar-nos! Não ha muito tempo ainda, estando eu, uma manhã, a coser o vestido que fiz da saia que me deram para as limpezas do meu quarto, ouvi tocar, no piano duma casa proxima, um tango que meu filho dançava; e, sem dar mesmo por isso, deixei cair a agulha, emquanto lagrimas amargas me caiam pelas faces.

Revi, nesse momento, os salões de S. Vicente em festa; as senhoras em grande toilette, os homens de casaca. Tudo iluminado, cheio de flores; e no meio do salão de baile meu filho dançando um tango com uma gentil menina que parecia mais uma figurinha de Saxe, do que uma figura de mulher.

Perdida em meio destes pensamentos, ouvindo sempre o piano da visinha repetindo o tango, esquecida, sonhando talvez, segui o lindo par dançante como se estivesse a vel-o.

Quanto tempo sonhei? Ignoro.

O piano parou; acabára o baile; os convidados saíram; as luzes apagaram-se e eu tornei a mim, acordando do sonho em que o tango me embalára.

Como quando após essa festa, em S. Vicente, em que eu voltei ao meu quarto convencida mais do que nunca, da minha infelicidade; voltei, tambem, nessa manhã, a coser o meu tão pobre vestido, com a certeza de que continuava tendo sempre a desventura a acompanhar-me.

Enxuguei as lagrimas. Porque chorava eu? Por esses tempos passados que não voltam mais? Pelas riquezas que havia nesse palacio e que deixei sem pena? Por essa vida de aparencias em que a felicidade não existia realmente?

Não.

Então, porque chorava eu?

Chorava por um filho que tive e que perdi e por quem hei de chorar sempre como se tivesse sido a morte que mo levasse.

E dois anos se passaram!

Ha dois anos que me debato, procurando escapar-me á mão de ferro que me aperta a garganta e quere estrangular-me. Ha dois anos que uma nuvem negra escureceu o horisonte da minha vida, deixando-me imersa em densas trevas. Ha dois anos que luto sem descanço contra a crueza dum coração impiedoso, que, depois de me ter tirado tudo, me quere, tambem, tirar a vida.

Em dois anos, apenas alguns dias o sol da liberdade brilhou para mim.

Em dois anos, finalmente, tenho feito um esforço sobrehumano para não sucumbir na luta.

E, pergunto-lhe, leitor, para que servem estes guerras, estes odios, estas vinganças?

Para defender uma fortuna que amanhã deixemos!

Para salvar uma vida que amanhã perdemos!

Que vale tudo isso em frente á morte?

Nada.

Mas a vida é isto; e quem não tiver lutado, quem não tiver sofrido, quem não tiver amado, morreu sem ter vivido.

Ao exalar o ultimo suspiro, todo o ser humano, quer tenha sido em vida um bom ou um mau, um milionario ou um mendigo, um heroi ou um covarde mergulha nas mesmas trevas profundas do ignorado donde nada jámais pode arrancá-lo.

E todo aquele que não tiver deixado ao menos, um coração na terra que o lembre com amor, nem fesmo terá, sequer, uma lagrima a orvalhar-lhe a campa, uma prece a encomendal-o a Deus, uma saudade a enfeitar-lhe a cova.

E dois anos são passados!

Maria Adelaide

AUTENTICAS

Um monte-pio sem... piedade

A «Epoca» publicou ha dias uma carta do sr. Santos Farinha em que, a proposito da situação desgraçadissima das pensionistas do Monte Pio Geral, se contava o seguinte:

«Nesta freguezia, e não longe da casa de V. vivem duas senhoras, educadas, doentissimas, irmãs dum dedicado servidor do Estado cujos distintos serviços foram apreciados e galardoados, e que ficaram com a pensão de dezoito mil réis. Não foi nenhuma riqueza, mas com uma severa economia e com o que poderiam ter amealhado iam vivendo.»

Eu já no começo do estio de 1919 ergui o meu brado de protesto contra a orientação dos corpos gerentes daquela casa de meamaração. Pretendia-se levar a efeito a fantastica operação da compra dum predio que, com as indemnisações aos locatarios e obras de adaptação, custaria ao Monte Pio verba muito superior a mil contos de réis!

Lembro-me do que então escrevi, e nunca me esquecerei das cartas que por essa ocasião chegaram até á «A Capital», todas impregnadas do mesmo sentimento. Eram as pobres pensionistas que relatavam a sua miseria, e que me pediam que não abandonasse a sua causa infeliz.

A operação não se fez então, e por esses dias votou a assembléa um aumento ridiculo de 10 ou 15 por cento, mas para que as minhas considerações em alguma coisa devism ter contribuido. Infelizmente, tive de sair de Lisboa pouco depois, fui para muito longe, e o Monte Pio Geral poude recomodar-se nos seus habitos de banqueiro e de penhorista que eu condenava absolutamente com argumentos que não vi desfeitos.

Mas agora que a questão se levanta de novo a proposito da miseria das pensionistas, ahi vai uma das cartas que então recebi e que dispensa comentarios.

Ex.mo Sr.

«Como V. muito bem diz estou sendo vitima duma verdadeira extorsão. Meu marido pagou integralmente e em bom metal sonante, em dinheiro cheio de valor, as suas quotas. Com elas e com as dos seus consocios se fez rica essa casa, hoje de usura e de despreso pelas pobres pensionistas como eu.

Meu marido disse-me á hora da morte que não ficava rica, mas que nunca passaria miseria; o que me ficava devia chegar para viver e educar os pequenos. Veiu a guerra, a carestia da vida, e o Monte Pio, ao passo que pensa em comprar predios e gastar rios de dinheiro com o seu engrandecimento e ostentação, não se lembra de que as viuvas e os orfãos dos que o fizeram rico e forte, passam fome e não teem que vestir.

Eu tenho a pensão de 40 escudos mensaes. Para isso contribuiu meu marido regularmente como os estatutos lh'o exigiam. Ninguem que tivesse 40 escudos hoje tem hoje menos de 200 escudos, pois só eu hei de ficar.

Diz V. muito bem quando se refere a que o dinheiro que os nossos falecidos pagaram, valia 15 vezes mais do que o actual e que portanto tudo que não seja duplicar, pelo menos, as pensões, é faltar á fé dum contracto. O Monte-Pio está rico, toda a gente o sabe, pois nem o meu filho mais velho frequenta o liceu, nem o mais pequeno tem calçado para ir á escola! De V. etc.

«Uma pensionista»

As provas de "Os Sports"

Reune amanhã na redacção de «Os Sports», pelas 21 horas, o juri das provas de camions e automoveis que se efectuam no dia 21 do corrente, organisadas por esse jornal.

A TOURNÉE... DO NACIONAL

A imprensa do Brazil

diz: Decerto, chegou ao conhecimento do governo portuguez o insucesso que estava tendo a «tournée» pelo descuido de varios elementos e pelo pouco interesse que despertára o repertorio encanecido

Rio.

Um fiasco é o nome verdadeiro que se pode dar á «tornée» do «Nacional». Mas um fiasco premeditado, levado avante contra tudo o bom senso e toda a razão. A entrevista com José Loureiro estabelece bem nitidas as consequencias dessa desastrosa «tournée», cujos primeiros triunfos e unico brilho foram devidos ao esforço desproporcionado de Eduardo Brazão. E como se pagou a esse grande artista?

Quebrando-lhe o contracto e ofendendo-o moralmente. Mas, antes de tirarmos as nossas conclusões, vamos continuando a apresentar documentos que servem para provar de que lado está a razão.

Logo que constou a noticia no Brazil da chamada a Lisboa dos societarios do Nacional, «A Noite» publicou o seguinte, em 27 do mez passado.

O primeiro acto, conhecido, do ministro Julio Dantas

Hontem á noite, foi recebido nesta capital um telegrama, que é o fecho do incidente em que se achou envolvido o eminente actor Eduardo Brazão. Procedia o despacho de Lisboa e anunciava que o sr. Julio Dantas, ha poucos dias empossado no cargo de ministro da Instrução Publica, determinou o regresso imediato dos artistas do Teatro Almeida Garrett que se encontram no Rio de Janeiro. E' o governo, assim, que acentua esta absoluta solidariedade com o primeiro actor da nossa lingua, não permitindo que os artistas que com ele vieram continuem a representar aqui sem ele e sem Lucinda Simões. Não se pode deixar de louvar o gesto. De certo chegou ao conhecimento do governo portuguez o insucesso que estava tendo a «tournée» pelo descuido de varios elementos e pelo pouco interesse que despertára o reportorio encanecido, e o sr. Julio Dantas, que é, sobretudo, um homem de teatro, compreendeu a situação deprimente se expunha a scena portugueza, desde que continuassem a trabalhar aqui os artistas do Almeida Garrett, sem as duas primeiras figuras do conjunto.

E, porque, se trata de artistas do teatro oficial, que tenham obtido licença para honrar e não amesquinhar a scena do seu paiz, cassou-lhes acertadamente o governo a autorização, determinando o regresso imediato.

Quanto a prejuizos de terceiros, o sr. Julio Dantas coloca-os em grau inferior ao desprestigio da arte teatral do seu paiz.

Inteiramente ao lado de Eduardo Brazão e Lucinda Simões, não dizendo mais, nem atacando o pobre reportorio com mais violencia porque «José Loureiro», é na imprensa do Brazil, o que empregador algum conseguiu ainda ser:

Uma pessoa que se impõe pelo seu desejo de fazer «arte» no seu paiz.

Mas não é só a imprensa que se coloca ao lado de Eduardo Brazão, que o enche de elogios nas criticas aos seus trabalhos, como mostraremos, indicando claramente ser ele o unico que se salva no desastre geral; é o publico, são alguns dos artistas da propria «tournée». Da recita de despedida de Brazão, no Lyrico, dizem os jornaes em acordo, palavras de entusiasmo: Por exemplo, transcrevemos o «Jornal» de 26 do mez p. p. em que também se publica a alocução do nosso primeiro actor:

A despedida do actor Eduardo Brazão

As carinhosas demonstrações do publico — O espectaculo de hontem no Lirico

O actor Eduardo Brazão despediu-se hontem do publico brazileiro. O teatro Lyrico encheu-se de uma sociedade escolhida, que foi levar ao consagrado artista o testemunho do seu carinhoso apreço.

Foi uma noite de verdadeira emoção para os espectadores e para o artista.

O sr. Eduardo Brazão fez o protagonista da peça «O Cardeal», papel em que tem um dos seus mais notaveis trabalhos. Não nos deteremos, por isso, na apreciação do desempenho da peça, para fixarmos da festa de despedida, que foi entusiastica e tocante.

Ao entrar em scena recebeu o actor Eduardo Brazão uma demorada salva de palmas. No ultimo intervalo o actor Brazão fez uma saudação de despedida, sendo delirantemente aplaudido. Ao fim da representação do «O Cardeal» houve repetidas chamadas por entre aplausos os mais calorosos. As senhoras de pe aplaudiram o grande artista que ao Brazil e á Portugal. Damos, a seguir, a comovida despedida do actor Brazão:

«Consenti que vos exprima a minha gratidão em singelas e comovidas palavras, e que associe ao meu reconhecimento pela vossa presença e pelas vossas efusões carinhosas, a saudade desta hora em que me despeço de vós e do Brazil.

Para que bem possaes compreender a emoção intensa e irreprimivel com que vos apresento as minhas despedidas — será necessario lembrar-vos que desde 1871 eu conheço o Brazil; que o visitei 12 vezes, através da minha carreira laboriosa de artista, sempre com o mesmo fiel sentimento de estima; que por esta cidade deslumbradora passou a minha juventude; que aqui vim com os meus cabelos louros e os meus cabelos grisalhos e os meus cabelos brancos. Aqui meu coração se prendeu a milhares de amizades e se entregou aos brazileiros em milhares de gratidões acumuladas. Vi crescer a vossa cidade esplendida e a vossa civilização vertiginosa. Trabalhei em teatros de que só resta hoje a memoria. Conheci muitos dos vossos homens ilustres, já adormecidos na morte. O Brazil tomou tão grande parte da minha vida, que eu sinto na hora de partir para nunca mais voltar, que esta parte da minha vida aqui fica. Tenho a consciencia de sempre me haver esforçado por merecer a vossa estima. Fiz o que em minhas forças coube para contribuir o meu trabalho para o lustre da vossa scena dramatica. Tantas vezes meu filho me ouviu falar de voz e de vossa terra com saudade e carinho, que a sua imaginação infantil o Brazil tomara as proporções de uma terra de conto das mil e uma noites. Foi para mostrar-lhe o Brazil que, pela ultima vez, atravessei os mares. Quiz ser eu a mostrar-lhe a vossa terra, incutindo-lhe desde a infancia o culto pelo Brazil, que esta no coração de todos os portuguezes. Nele se prolongará a minha estima indestrutivel e a minha gratidão inapagavel.

Permiti-me que nestas palavras de antecipada saudade e de emocionada gratidão eu inclua, com o grande quinhão que lhes é devido os meus compatriotas. Digo adeus a brazileiros e portuguezes. A gratidão é uma patria comum e — portuguezes e brazileiros — nunca os senti tão irmãos como na minha estima».

E' curioso como não se referem a mais ninguem da companhia; mas repetimos algumas criticas que publicaremos, darão indicações preciosas sobre a forma como foram dadas a publico algumas das nossas joias literarias.

Por hoje só queremos apresentar ainda a prova de que a «tournée» não acabara como se pretende sofismar para não se dar a indemnisação devida a Eduardo Brazão.

Alguns artistas como Ilda Stichini, Tristão etc. pretendiam vir com o grande actor, mas foi-lhes notificado pelo representante do administrador do Nacional, que teriam de pagar os 4 contos que o contrato estabelece em caso de rescisão.

A carta de Ilda Stichini alude a isso mesmo:

Rio 27/10/920

Queridos Mestres

Sangra o meu coração neste momento, pela dôr enorme de vos ver partir.

Eu que convosco partilhei dos momentos felizes e das horas de amargura, passadas em terras de Santa Cruz, desejaria acompanhar-vos, a vós, que sois os dois maiores astros da scena portugueza.

Infelizmente o cumprimento do dever, manda que eu fique, mas comvosco vae a minha mais viva saudade e a minha grande admiração.

Envio-vos, queridos mestres, n'esta hora triste da partida, a afirmação da minha mais sincera e leal solidariedade e com ela a certeza de que alguem que fica vos não esquece.

Que Deus vos acompanhe é o desejo da vossa muito dedicada

Ilda

Para terminar por hoje acrescentaremos que todos os artistas pensaram em entregar uma mensagem assinada a Eduardo Brazão, aqual não foi levada a efeito por ninguem a assinar além de Palmira Bastos, Dafael Marques e Henrique Albuquerque.

Mas...

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XI — *Um domingo em Versailles*

Ao domingo, cá ou lá, reflecte-se na fisionomia da cidade o banho de tina e o fato mais bem cuidado. Dos pontos «terminus» de linhas de «omnibus», partem carros cheios de gente que se vae espalhar ou por S. Cloud, ou S. Denis, ou por tantos outros arrabaldes aprasiveis de Paris. Não deixo o leitor de fazer uma visita a estes arrabaldes pitorescos, cheios de som bras discretas e uma exalação de seiva penetrante e estonteadôra. E' para estes bosques, estes sombrios recantos que os amôres veem trilar os seus beijos e frutificar os seus abraços. Todo o percurso do Sêna, nas longas curvas que faz de Mantes até Neuilly é debruado de pequenas cidades, com a sua curiosidade atractiva, ou seja um castelo o uma floresta, como S. Germain-en-Laye, ou seja uma Catedral recheada de tumulos dos reis da França como em S. Denis, ou o pitoresco dum bosque, ou as belezas dum palacio historico..., e, por toda a parte, a natureza, com os biciclistas machos e femeas, atributos indispensaveis de toda a paisagem. Fixemos ideias sobre Versailles, hoje que é dia de «jogos de agua». Mas como ainda é cêdo visitemos o «Grand Palais» onde está uma exposição de pequenas industrias francezas que o sr. Lepine organisou.

No «hall» envidraçado e frio do palacio estendem-se mezas com tudo que se pode imaginar. Brinquedos engenhosos, maquinas para costura, pequenos realejos, inventos minusculos para adaptar a tudo, torneiras ou sombrinhas, camas desmontaveis e malas-cabides, garrafas para conservar o calor e saccarolhas mirabolantes. E' interessante a visita, e mais interessantes as reflexões que se podiam fazer sobre estas iniciativas do Estado ou do Municipio tendentes a premiar a industria nacional e estimular o pequeno inventor. Mas como hoje é domingo o estabelecimento cerebral das reflexões por grosso e a miudo está fechado e seguimos adeante.

Ora adeante do Grand Palais está o «Petit Palais», palacio de pintura da «Ville de Paris», cuja colecção é heterogenea, como todas, encontrando-se, entre os trabalhos das escolas modernas, a colecção «Ziem» nos seus dormados soes da Veneza faiscante, em telas, aguarelas e desenhos, a sala Hemor, o «Coucher de Soleil» de Monet e desenhos do avançado Pisarro... e mais, e tudo, impossivel de descrever.

Do mais a mais são horas de ir ao Caes do Louvre tomar o «tramway» atrelado da Compagnie General, carreira n.º 1 e 2, cuja paragem vejo de longe porque ostenta uma bicha de algumas dezenas de metros de duração. Mas, acho bem, e ingresso ao fundo que é como diz na cauda da bicha, ou seja duma dama gorda, dois meninos á maruja e um cesto com o farnel, popular, «sui generis».

Um sr. empregado vae deixando escapar-se para os carros que vão chegando, o numero suficiente de pessoas para se morrer asfixiado. E, por 1 franco e 25, o direito de ter recebido o troco na moeda corrente, estampilhas, tinto grifar dentro de mim:

— A Versailles... A Versailles.

*

A linha segue na margem do Sena, nos «Quais» sucessivos Louvre, Tuileries, Cours de la Reine, dando á direita aos 4 suculentos animaes de aço bronzeado que ladeiam a bacia da cascata em frente ao Trocadero, Passy, Avenue de Versailles até á Porta de Saint Cloud, movimentada, alegre, pela enormalhada da qual se saem para varios arredores viajantes de Paris. Fabricas, gasometros, chaminés, pequenas vilas que se sucedem umas ás outras, com nomes que despertam a atenção «Sevres», «Viroflay», «Montreuil», o caminho para o aerodromo de Buc, e ao fim duma hora desemboca o tramwia e mais os duzentos passageiros que leva, em pleno «Praça de Armas» de Versailles.

O palacio é enorme; impõe-se pela massa amarelecida, pelo dourado dos gradeamentos, pelas estatuas enormes da «Cour Royal».

A multidão é imensa, e fico satisfeitissimo por não ser só eu quem ainda não viu Versailles. O Baedeker faz-me lá dentro um serviço, pois me perderia pelas longas e interminaveis salas e galerias, o que de resto não seria para estranhar visto que tambem Luiz XIV lá se perdeu... e era da casa. Por toda a parte a turba de visitantes é enorme; milhares de pessoas, e não é dia de festa, passeiam ao longo dos grandes corredores cheios de telas onde a historia de França se perpetua. Ha, nesta França republicana, um culto manifesto pelas suas grandezas epicas, e esta gente, burguezes e populares, desfilando com respeito por Versailles, demonstra-me esse culto. Ligam menos importancia ao valor da pintura, seja um Gerôme, um Gerard, o melhor pintor, do que aos cruzados que eles pintam, ao guerreiro que representam ou ao rei ou imperador que perpetuam. O tão-tão dos tacões nos soalhos envernizados é atroador na Galeria dos Espelhos — a tão celebre—ha como que um deslumbramento deante dos reverberos dos cristaes; nos aposentos de Maria Antonieta, no quarto de cama de Luiz XIV guardas repetem centenas de vezes as explicações fastidiosas, as do salão «d'Oeil-de-boeuf» de Luiz XV com o seu soberbo friso d'amores em estuque, tem de se visitar em 2 minutos empurrados, amolgados pela turba; de resto é sempre assim, disem-nos. Mas, a principal emoção não se recebe nos aposentos de Madame Maintenon, e outras damas das nossas recordações, mas na «Galeria das Batalhas», soberba, megostalica, onde pousam em marmore muitos dos grandes herces e... bandidos da França d'outrora. As grandes telas são iluminadas como em belo museu, que outra coisa não é, afinal, este imenso e dormado palacio. Farto e cançado, lamentando que Luiz XV com toda a sua riqueza não tivesse mandado estabelecer serviço de electricos dentro do seu palacio, desço aos jardins de Le Notre. E' uma tentação de verdo salvo seja.

Deslumbrante a longa e larga alea que se estende em frente da Galeria dos Espelhos de Palacio; primeiro a «Parterre d'eau» com a sua grande bacia de agua muito azul, nas margens da qual figuras em «plomb doré» se debruçam; e, lentamente, descendo por escadarias suntuosas em pedra branca que se destaca no verde fresco das «pelouses» e dos buxos altos, vae-se dar a um largo tapete verde, o «Tapis vert», ornado de dezenas de grupos de paisanos, em estilo seculo XX, que ali repousam, lendo ou... amando. Lá em baixo é a bacia de Apolo, com o Deus «Sol» e os seus quatro cavalos — coitado — tomando banho no meio do lago.

E' daqui, que olhando para traz, se divisa aquele panorama tão estafado das revistas e postaes que representam Versailles; um corredor de verdura tendo como pano de fundo o Palacio; é realmente belo.

Até aqui, apanhou já o leitor uma estafa, porque as distancias são de se lhe tirar... a quilometragem; e contudo, veiu em linha recta, não viu a grandiosa «bassin de Neptune», nem as fontes de Diana e outras deusas, nem nada. Aqui é preciso ter sempre presente que para se ver qualquer coisa com olhos de inteligencia seriam necessarias semanas; por isso, vamos andando, e penetremos por esta avenida, a «avenue des Trianons» que nos conduz aos templos sagrados da «Pouca Vergonha» do seculo XVIII. O «Grande Trianon» e os seus jardins, as suas pinturas e o seu vulgar museu de coches, ocupar-lhe-ha pouco tempo, dando-se tempo para visitar os templos do «Amor», e o «Petit Trianon», com o seu parque em estilo inglez e as suas casas rusticas em volta do lago; uma leitaria, um moinho, outras pitorescas casotas onde as damas da corte se entregavam á vida idilica... Mas são quasi quatro e meia, as horas em que vão romper... as aguas desses divindades todas; e como o verter aguas de Neptuno ou de Apolo leva só meia hora, ai galga esta gente todos os quilometros que nos separam das suas respectivas... bacias.

A' hora prefixa, as bocas de todos os bichos, as cornucopias dos deuses, os vasos, atroam o ar no ruido caracteristico de agua corrente. E' um espectaculo original pelo grandioso e pelo efeito unico que produzem os altos penachos de agua faiscantes ao sol, ou os caprichosos desenhos das cataratas, repuxos, cascatas, espumando, fervilhando em nuvens brancas, luzidias, irisadas. Ha palmas, ha exclamações da multidão; e corre-se daqui para ali, afim de abranger os efeitos em todas as varias «bassins». A's 5 horas, com as bexigas naturalmente despejadas, os deuses recolhem-se á secura que vae durar um mez; e toda a gente se retira para tomar de assalto os poucos tramvias, os muitos combóios, e até os hoteis da terra onde se janta mal e por preços... á Luiz XV.

Um auto-omnibus providencial estabelece uma carreira extraordinaria para Paris, emquanto o revisor berra a prevenir que é o dobro do preço por ser «service extraordinaire». Os «monsieurs» protestam, acham caríssimo e voltam para a bicha do electrico, deitando-me um olhar de protesto por eu... amarelo. Sou o unico que pago os 2 francos do bilhete... e, aqui para nós em segredo, até acho baratissimo comparando com a nossa amabilissima Carris...

*

Para despedida vou vêr a oitocentesima nonagesima quarta representação da «Phiphi», e mais uma vez me convenço de que o agrado duma peça é um extraordinario misterio. Phiphi é a sua musica, é a frescura parisiense corriqueira. Mas está o côr em todos os cerebros, o já todas as meninas conservatoriadas o martelam no piano. Está aqui, como a «Viuva Alegre» ou «Alma de Diós».

Deito-me, e dou-me ao luxo de ler o jornal. E' curioso, que se terá passado em Portugal? Ainda existirá? Quantas revoluções? Quantos ministerios...

ULTIMA HORA

...terios? Ninguem me sabe dizer, e nem mesmo no «Matin», nesse grande edificio vermelho onde todas as manhãs vejo estampadas nos «placards» novas de todo o mundo, enxerguei ainda noticias lá de... casa.

Mas, por pirraça ou coincidencia, que vejo? Um telegrama de Madrid... Oh!... E leio: «Greve geral revolucionaria, o governo mandou prender o comité de grevistas ferro-viarios e os directores da C. P.... Corre que o governo não se aguentará...»

Era impossivel saber mais nada, e aquilo para mim, alfacinha, era o mesmo que dizer que o D. José continuava no Terreiro do Paço.

Apaguei a luz, e virei-me para o outro lado.

Armando Ferreira

Vida Sportiva

Campeonato de bilhar no Club Estefania

Começa a disputar-se amanhã, pelas 20 horas, nas salas do Club Estefania, um campeonato de bilhar levado a efeito por uma comissão composta dos srs. Manuel Primo da Costa, dr. Carlos Pereira Fradique, Manuel Victor da Costa, José Burt Costa e dr. Artur Augusto Moraes Leite.

O campeonato é dividido em duas categorias, fortes e medios, não se realisando a prova do fracos por falta de concorrentes.

Os inscritos na primeira e segunda categoria são os srs.: dr. Artur Augusto Moraes Leite, dr. Carlos Pereira Fradique, Augusto Farinha Beirão, Manuel Trindade Costa, Octavio Teixeira Bastos, José Burt Costa, Antonio dos Santos Alhinho, Manuel Victor da Costa, Luiz Alves Martins, Guilherme Pereira Rego, Humberto Borges de Castro, Luiz Andermatt da Silva, Annes Caro, Joaquim Barbosa, Carlos Telmo Pereira, Afonso Barroso, Rodrigo de Castro e Diogo José Fernandes.

O juri é constituido pelos srs.: coronel Viriato da Fonseca, dr. Pimenta Rodrigues, José Augusto Sales e Manuel Cançado.

"Au Rendez-vous des Gourmets"

Inauguram-se amanhã, nas sumptuosas salas do «Au Rendez-vous des Gourmets», os magnificos jantares-concertos, que, com muito esmero e fino gosto, ali são servidos.

A elegante sociedade frequentadora do conhecido estabelecimento tem animado o seu proprietario a proporcionar-lhe, além de um delicado serviço, umas horas de boa musica, durante os jantares que ali se realisam todos os dias, das 19 horas em diante.

E' de esperar que, como tem acontecido com os chás-concertos, as salas do «Au Rendez-vous des Gourmets», na rua Aurea, 135, estejam sempre repletas do que de mais distinto tem Lisboa.

O rasto do Gavião

Extraordinario desempenho do grande actor americano King Baggot, no quarto episodio, intitulado «As mãos ensanguentadas», daquela surpreendente pelicula. O novo «film», que a empreza do Salão Central faz exibir no seu ecran, em nada desmerece de tantas outras ali apresentadas e que foram recebidas pelo publico com verdadeiro agrado.

Fita moderna, cheia de novidade e despertando o maior interesse, pelo conjunto notavel do seu desempenho e pelo encanto dos seus magnificos aspectos fotograficos.

Amanhã 2.ª feira, estreia na matinée do 5.º episodio, «A casa dos Espectros.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Ante-hontem, ao espectaculo do teatro Apolo assistiu Eduardo Brazão tendo o publico que enchia aquelá casa de espectaculo, feito uma expontanea manifestação ao grande actor.

—Na peça «A Inimiga» de Nicodemi, em ensaios no Avenida, debutará Mademoiselle Maria Sampaio que acaba de filmar «O Condenado» de Afonso Gaio.

—A actriz Palmira Torres deixou de fazer parte da companhia do teatro do Ginasio.

—Ilda Stichini escreveu a Alves da Cunha pedindo para não continuar a anunciar o seu nome como pertencendo á companhia.

—Deixou de ser ensaiador do Ginasio o actor Cristiano de Sousa, passando a exercer aquele lugar o actor Araujo Pereira.

—Eduardo Brazão, ao que parece, já tem uma proposta muito vantajosa para uma companhia cinematografica do Porto, não figurando nos elencos de Lisboa.

—Elisa Santos está em negociações com a empreza de Samuel Diniz para entrar no teatro de declamação.

—Está melhor o emprezario Luiz Galhardo.

—Fala-se na constituição, para a proxima época de inverno, duma companhia em que figurarão, Brazão, Erico Braga, Alves da Cunha, Otelo de Carvalho, Angela Pinto, etc., etc.

Exposição internacional d'arte moderna

A 23 de dezembro abre no «Palais Electoral», em Genebra, uma importante exposição internacional de pintura, escultura, etc., com a qual se pretende dar um vigoroso impulso á arte, proporcionando um excelente meio de se tornarem conhecidos todos os verdadeiros artistas que a visão da epoca actual de perturbações força a um trabalho obscuro e desconhecido.

Será com efeito uma confrontação internacional da arte dos tempos modernos, cuja marcha ascendente, o silencio de 5 anos de guerra e a convulsão mundial não poderam travar.

Libertar a arte de toda a ideia de especulação mercantil, arrancal-a a toda a especie de constrangimento é o fim dos artistas sinceros que num gesto de solidariedade organisam esta manifestação.

A exposição repetir-se-ha nos grandes centros da Europa, Londres Paris, Munich, Bruxelas, etc., até mesmo em Lisboa se os artistas portuguezes não desprezarem este ensejo de manifestar os seus talentos ao lado dos seus competidores estrangeiros, e se impuzerem pela importancia das suas obras a consideração do Comité organisador da exposição.

O «Palais Electoral» de Genebra que foi escolhido para esta primeira exposição, dispõe d'uma sala principal de 50 metros de comprimento por 38 de largo e de uma galeria das mesmas dimensões, magnificamente iluminadas e onde podem ser expostas 5 a 6.000 obras, que serão dispostas por paizes.

Os expositores são isentos dos direitos d'alfandega, bem como das despezas de transportes na ida e volta, bastando que os volumes levem a indicação: Exposition Internationale de art moderne. Génève 1921».

Para esclarecimentos poderão os interessados dirigir-se á: Exposition Internationale d'art modern—Bureau du Conservateur—Palais Electoral—Génève.

Festas associativas

Centro Escolar Socialista de Alcantara.— Realisa-se hoje nesta colectividade um sarau á franceza, para distracção dos socios e suas familias. Num dos intervalos haverá concurso de aventaes.

Durante as diversões funcionará a kermesse.

A comemoração do armisticio

Exalça-se o valor dos que derramaram o sangue pela causa do Direito e da Justiça

Comemorando o 2.º aniversario do armisticio, o Centro Escolar Alexandre Braga realisou hoje no teatro Nacional Almeida Garrett uma sessão solene para a qual haviam sido convidados a usar da palavra algumas das figuras de maior destaque na politica.

A sessão estava marcada para as 13 horas mas só hora e meia depois se iniciaram os trabalhos.

A sala do Nacional estava completamente cheia, vendo-se entre a assistencia muitas senhoras, oficiaes do exercito etc. O chefe do Estado, devido a incomodo de saude, não poude comparecer fazendo-se, porém, representar pelo secretario geral da presidencia, sr. Jayme Athias, o qual era acompanhado do sr. Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia.

No palco via-se a mesa presidencial atraz da qual tomava logar uma das bandas da guarda republicana que antes de abrir a sessão executou varios trechos musicaes, que a assembléa sublinhou com aplausos. Os mutilados da guerra e as creanças do centro dr. Alexandre Braga com o seu estandarte, formavam tambem no palco, onde ainda tomavam logar alguns oficiaes do exercito, representantes da imprensa e direcção do centro.

Pelas 14,30 o sr. João Pedro dos Santos, da direcção do centro Alexandre Braga, aproximou-se do proscenio e explicou á assembléa a causa da sessão lembrando por fim o nome do sr. dr. Bernardino Machado, de quem faz o elogio, para presidir á festa.

A assistencia recebe de pé o antigo chefe do Estado, que é alvo de uma carinhosa manifestação de sympatia, a qual se prolonga por largo tempo.

O sr. dr. Bernardino Machado, depois de agradecer a honra que lhe é dispensada, refere-se ao significado da festa de hoje que representa o sacrificio da republica portugueza, sacrificio que ninguem por certo repudiará pois representou a quota parte que a republica Portugueza deu para a libertação dos povos. Termina saudando, em nome da democracia portugueza, as democracias aliadas, sendo esta saudação sublinhada com grande ovações.

Organisa-se a mesa, sendo o sr. dr. Bernardino Machado secretariado pelos srs. Conceição Estrela e general Abel Hipolito e dois mutilados da guerra.

O sr. dr. Alvaro de Castro a quem é dada a palavra, ocupa-se da grande guerra, afirmando que Portugal soube impor-se á consideração do mundo inteiro mostrando, pela sua fé inquebrantavel na Republica e defeza da democracia, a sua vitalidade e o seu direito de viver.

Os povos que ficaram feridos na sua vida economica e financeira na grande guerra só teem um feito:—fazer resurgir as suas patrias pela energia, pelo trabalho e pelo patriotismo. Apaguemos momentaneamente—disse—todas as politicas que nos podem dividir e apelemos para a união de todos os corações, olhando só para a defeza da Patria e da Republica.

O sr. dr. Orlando Marçal, que fala em nome do «leader» do partido Popular sr. Julio Martins, realça o esforços dos portuguezes nos campos de Flandres e da Africa para esmagar despotismos e cooperar na defesa da democracia. Referindo-se seguidamente aos oficiaes milicianos diz que estes, — desembainhando as espadas, abandonando os seus lares e marchando para a grande guerra mostraram mais uma vez ser o descendentes da velha raça portugueza. E' necessario, é absolutamente urgente regularisar a situação d'esses dedicados servidores da Patria, que não hesitaram um momento sequer em cumprir o seu dever.

O actor José Climaco, depois de dirigir uma saudação aos mutilados da guerra e áquelas que tombaram no campo de Flandres, passa a ler um soneto de homenagem ao presidente da delegação Portuguesa á conferencia da paz, dr. Afonso Costa, cujo nome é saudado com enormes manifestações de sympatia.

O sr. Antonio Bernardo elogia a acção dos srs. drs. Bernardino Machado e Afonso Costa, durante a grande guerra, lamentando em termos energicos que a esses dois homens publicos ainda não tivesse sido dada a justa reparação dos enxuvalhos que eles sofreram.

O sr. Cunha Leal, que se encontrava n'uma frisa rodeado de varios amigos, é convidado a usar da palavra, sendo esse convite recebido em grandes ovações.

O deputado popular, ao iniciar o seu discurso, diz não ter ido ali para falar mas sim para ouvir os discursos dos membros do governo, pois que é sempre agradavel ouvir as saudações dos ministros áqueles que se bateram pela Patria.

Mas não vê presentes os membros do governo e por isso não quer que com o seu silencio se cometa a injustiça de não saudar os mutilados da guerra.

O sr. Cunha Leal passa depois a fazer politica, não se ocupando muito do armisticio, antes combatendo a carestia da vida, o preço exagerado da batata, do bacalhau, do azeite, etc.

Ouvem-se então gritos de:—Abaixo o governo, abaixo a amnistia, abaixo os açambarcadores...

O sr. Cunha Leal analysa largamente a situação economica e financeira actual, considerando de ladroeira a lebardade do comercio.

Por fim, o sr. dr. Bernardino Machado participa a falta de varios oradores e entre eles o sr. ministro da guerra, o grande orador dr. Alexandre Braga e o sr. João de Barros, que por motivo de força maior não poderam comparecer.

Sauda por fim o povo republicano representado pela Camara Municipal o mais alto magistrado da Nação, o sr. presidente da Republica, sacrificio do povo portuguez encarnado nos mutilados da guerra e todos os que colaboraram na obra do governo da União Sagrada, não esquecendo a marinha e o exercito portuguez na pessoa do brioso general sr. Abel Hipolito.

A banda da guarda republicana que no final de cada discurso executava os hinos portuguez, francez, e inglez, rematou com o hino nacional que a assembléa secundou com estudentes salvas de palmas e vivas á Patria á Republica á União Sagrada etc.

Estava terminada a sessão. Eram 16 horas.

AS GREVES

Nas linhas da C. P.

Assegura-se que a greve ferro-viaria da C. P. terminou hontem, tendo-se apresentado já hoje todo o pessoal do movimento e devendo apresentar-se amanhã o das oficinas.

No comboio de Oeste, que chega esta noite, vem debaixo de prisão o maquinista que hontem consentiu que diversos individuos o acompanhassem sem consentimento superior e com fins por emquanto ainda não bem esclarecidos.

No Sul e Sueste

O serviço no Sul e Sueste vae-se normalisando, não podendo ainda receber ou expedir mercadorias as estações de Lavradio, Valdera, Fonte-Bombel-Escoural-Mourisca-Algezur-Aguas de Moura-Monte das Flores-Sousa da Sé-Leões-Loredo-Graça-Val de Paio-Pávia - Cabeção - Aldegalega - Paião - Montemor-baleizão-Machados-Amoreiras-Boliqneime- Amrncil, Conceição-Castro Marim Monte Gordo-Algoz-Alcantarilha-Silves. As estações do Jardim e Santo Amaro até nova ordem, não podem receber ou expedir remessas de qualquer natureza a estação de Caes da Areia pode expedir ou receber remessas em grande velocidade, excepto generos frescos, peixe fresco, pão, gado e veiculos; a estação do Terreiro de Paço, expede e recebe em grande velocidade generos frescos, peixe fresco, gado, veiculos até 1000 quilos e pão para as unidades e forças destacadas e outros generos de facil deterioração.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Dr. Antonio Augusto de Melo

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Egreja

FALECEU

Arnaldo de Melo, Beatriz Maria Correia Braga de Melo, Carlos de Melo, Maria Ribeiro Espirito Santo Silva de Melo e sua filha cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento do seu querido pae, sogro e avô e que o funeral se realisará no dia 15, pelas 17 horas, saindo o prestito funebre da Avenida da Liberdade, 192, 2.º, D.to, para a Estação do Rocio. Não se fazem convites especiaes.

Trata d'este funeral a Agencia Magno da rua de S.ta Marta.

Dr. Antonio Augusto de Melo

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Egreja

FALECEU

Alzira de Melo, participa aos seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de seu querido pae e que o seu funeral se realisa no dia 15, pelas 17 horas, saindo o prestito funebre da Avenida da Liberdade, 192, 2.º, D.to, para a Estação do Rocio. Não se fazem convites especiaes.

Trata d'este funeral a Agencia Magno na rua de S.ta Marta.

ORDEM PUBLICA

"O Rugir do Leão"

Assim se intitula o manifesto que os integralistas iam dirigir ao paiz

A policia de Segurança do Estado vae dia a dia obtendo elementos curiosissimos sobre o movimento revolucionario que os integralistas tencionavam levar á pratica em breves dias.

Entre varios documentos que foram aprehendidos figura um manifesto que ia ser dirigido ao paiz e a que os conspiradores haviam dado o sugestivo titulo: «O Rugir do Leão».

Nesse manifesto, os adeptos de D. Nuno I mostram-se indignados contra o facto de não terem ainda acordado do torpor criminoso os filhos da raça belicosa que assim repudiam as tradições de Nuno, Castro e Albuquerque.

A's armas pois — diz — para derrubar o monstro infame e sanguinario nascido em 5 de outubro de 1910, que tem sêde de dinheiro, de sangue, de vidas e da honra nacional.

Aconselha pois o derrube da dama rubicunda, que se beba o sangue dos republicanos, os seus corpos esquartejados que sejam arrastados pelas ruas e por ultimo expostos á execração publica.

A todos quantos sintam ainda palpitar o sangue d'aqueles que em Ourique Aljubarrota, Salado e outras passagens infieis fizeram assombro pelos seus prodigios de valor aconselha tambem o que marcha para a lucta, triunfando ou morrendo com honra, e arrastando para a vala ou a montureira a «canalha infame»! que domina em Portugal.

«As armas para o campo»! para «as ruas»! «homens e mulheres» de todas edades e condições. aconselha o manifesto afim de que seja reconquistado o torrão, que tanto sangue custou aos avós... de D. Nuno.

E' uma questão de vida ou de morte —afirma ainda, e se assim não for Portugal será riscado do mapa da Europa.

Que todos os portuguezes sem exceção peguem em armas e os que as não tenham empunhem qualquer objecto «cortante» e «contundente», «combustiveis solidos ou liquidos», a dentes ou á unha, a murro, calcados a pés e por ultimo deitados ao rio ou «espetados» nos galhos das arvores!

Aquele que na hora presente se recusem a verter o seu sangue em defesa da causa monarquica seria indigno do nome portuguez afirma ainda o manifesto, o qual termina com as seguintes palavras.

«A's armas! A's armas,»
«Sangue, carnificina, massacre!!!

A linguagem violenta do manifesto deve deixar frios os verdadeiros republicanos. Só usa de violencia quem não tem a força por si e o monarquicos integralistas são tão poucos que deles não póde vir mal algum á Republica. Não quer isto dizer que não devemos estar atentos, bem alerta, para obtemperar a qualquer acto desses tresloucados e alucinados moços que se congregaram no intregalismo, mas com serenidade que não exclua a firmeza, e com boas disposições de usar de todo o rigor, despido, porém, de violencias desnecessarias.

Na esquadra de Pedrouços

Na esquadra de Pedrouços, realisou-se hoje uma pequena festa para a inauguração de uma bandeira e colocação de um busto da Republica no gabinete do chefe da mesma esquadra.

Pelo chefe sr. Antonio Nunes, foi oferecido a todos os convidados um delicado copo de agua, falando os srs. capitão Ferreira, comissario de divisão, Branco Martins, chefe da Cruz Branca, Zeferino da Silva e José Rodrigues, sendo saudadas a Patria e a Republica.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920—O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso-Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1676.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3697 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 15 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Inimigos da Patria!

Seria deploravel ceguèira pretender occultar que precisamente na situação mais critica que o paiz tem atravessado, ha quem não hesite em procurar lançal-o em convulsões politicas que reduudariam imediatamente numa catastrofe de caracter social.

O lado donde surgem mais violentas ameaças contra a paz nacional é ainda e sempre do lado monarquico. Ha dez anos que o paiz vive numa atmosfera de guerra civil em consequencia dos abominaveis manejos de creaturas que não souberam honrar nem defender o seu credo e que, não escutando senão a voz do seu odio contra a Republica, não desistem da sua faina de perturbação incessante, para ao menos poderem prejudicar a Patria que inteiramente os repeliu.

O manifesto que foi agora conhecido, e que tem o titulo ridiculo, mas significativo, de «O Rugir do Leão» não é mais do que a sumula, em estilo de proclamação, dos ataques grosseiros, das calumnias perversas e dos incitamentos miseraveis que todos os dias se leem no jornal «A Monarquia», orgão dos chamados integralistas.

Poderão eles bradar que não é verdade pensarem em revoluções, mas o certo é que todos os dias aparecem nas suas colunas adesões assinadas, em que os seus autores declaram estar prontos a cooperar num movimento revolucionario.

O certo é que raras vezes tem atingido uma imprensa portuguesa um grau de desbragamento na linguagem e de rebeldia nas afirmações como o que se nota nesse jornal, que é o porta-voz dos monarquicos militantes.

O certo é que os chamados integralistas romperam com o sr. D. Manuel de Bragança porque ele declarou preferir a luta legal, e não estar resolvido a aceitar o sistema absolutista que os enviados de «A Monarquia» lhe propuzeram.

O certo é que a linguagem desse manifesto está plenamente em concordancia com os sentimentos e com a mentalidade de creaturas que foram escolher para seu rei um representante do terror miguelino, e que não perdem ocasião de celebrar a memoria do ignobil tirano que foi D. Miguel, como encarnado nesse monarca estupido e feroz a doutrina que querem impor ao povo portuguez, me pleno seculo XX.

O certo é que não admira que neomiguelistas só pensem na força e no cacete, e que por isso procurem que todos os adeptos sejam caceteiros e assassinos como os que rodeavam o avô do rapazelho de quem fizeram seu rei.

Entretanto, mesmo os peores criminosos não perdem em geral o amor da Patria, e poder-se-ia albergar no intimo todo o rancor acumulado contra a Republica sem procurar satisfazel-o pondo em risco a existencia nacional. Tal pensamento porém, não deteve os nossos monarquicos. Eles em nada se importam com a Patria. A furia de seu odio cega-os a tal ponto que não reconhecem que, se conseguissem desencadear o movimento em que trabalham, duas horas depois já ele não estaria nas suas mãos, mas sim nas duma turba aluncinada pela visão do saque e pelo sonho da destruição da sociedade.

Nunca, talvez em epoca alguma da historia, se gerou um proposito mais infame no seio duma nação, experimentada por tantos sofrimentos e sofrendo duma crise cuja resolução requer a paz social e não a guerra civil. E' quando a situação financeira se desenha alarmante, é quando a situação economica chega ao auge da gravidade, é nesta ocasião que fanaticos cecididos a irem até aos crimes mais abjectos veem gritar odio, vingança, chacina, como verdadeiras feras sequiosas de sangue humano.

Até ha pouco semelhante gente afigurava-se ridicula pela sua mentalidade; agora é positivamente pelos seus instintos. Ela deve merecer a repulsa não só de todos os republicanos, mas a de todos os homens de bem, e dos proprios monarquicos que não transijam com o despotismo e com a selvageria de epocas que ela pretende ressuscitar, e que são ainda hoje amaldiçoadas por todo um povo.

Quem hoje tentar um movimento revolucionario na sociedade portuguesa cometeu um crime sem perdão! Seja quem fôr! E por isso mesmo se ha quem, dizendo-se republicano, pense em manejos subversivos que a uma revolução conduzam, faz o jogo dos monarquicos, faz o jogo da reacção, faz o jogo dos inimigos da sociedade, faz o jogo do proprio estrangeiro que não deixaria de intervir se lhe dessemos o espectaculo duma orgia sanguinolenta.

Não! Mil vezes não! O paiz quer a paz, o paiz quer a ordem, o paiz quer a Republica. O paiz quer salvar-se, e não desaparecer do mundo das nações apunhalado no coração por um autentico banditismo politico.

Conselho de ministros

Os ministros reuniram hoje de manhã na secretaria das colonias, não tendo, porem, comparecido o chefe do governo, por impossibilidade de estar já de regresso de Santarem áquela hora.

AUTENTICAS

A fome em Cabo Verde

Por carta de Loureiro da Fonseca sabe-se que ha fome no Arquipelago. A simplicidade do escrito, onde se faz apêlo a alguem que da metropole acuda áquele horror quasi tão periodico como as crises de abundancia dadas pelas cheias do Nilo, tem a marca da tal genuidade que se não discute. Urge, pois, socorrer aqueles nossos irmãos d'Alem-mar, a quem coube em sorte, na partilha da Terra, aridos poisios donde as nuvens fogem, onde a chuva falta.

Ha, porém, diferentes modos de valer a famintos. A imediata remessa de dinheiro, o urgente envio de viveres. Uma e outra são remedios acidentaes; mais directa a segunda, podendo executar-se. Mas, com franqueza, nem uma nem outra satisfazem. Eu bem sei que é pécha inveterada no coração portuguez a pratica da esmola. Os jornaes vão organisar subscripções; ámanhã dezenas de meninas farão um bando precatorio; levar-se-ha a efeito mesmo um baile, uma quermesse, e apurar-se-ha uma quantia em papel ou em generos alimenticios que—chegarão ou não ao seu destino. A lição dos factos que fale.

E' claro que ninguem de tempera normal deixa de louvar tudo quanto seja angariar donativos para os infelizes caboverdeanos. Mas, como disse pouco remedeia, porque é um tratamento acidental.

O que se torna absolutamente necessario é, por outro meio mais eficaz e de resultado permanente, acabar com essas crises famintas que, como tambem já disse, teem um caracter quasi periodico.

Para isso basta que se fomente em Portugal o que inglezes já pensaram realisar. Um sindicato de pescaria que fomente a pesca nos costas do arquipelago, como na costa fronteira, visinha do banco de Arguin.

Eu sei que o sindicato «The british and San Sebastian development Syndicate Limited» pensou em explorar a pesca no nordeste africano (Canarias, Madeira e Cabo Verde).

Por circunstancias que não veem para aqui e pelo falecimento de Gustave Jameson o grupo da «Victoria Street» desistiu ou, pelo menos, interrompeu os seus projectos. Julgo que existe em Lisboa um sindicato com a mesma idea; ahi está, pois, o momento oportuno de o auxiliar, de lhe fornecer todas as facilidades. Tenho em meu poder documentos e informações relativas ás «West African Fisheries» que podem ser de grande utilidade a qualquer empreza de pesca na costa noroeste de Africa. Aqui os ponho á disposição de quem os pretenda compulsar.

Ora sabendo-se, como geralmente se sabe, que as ilhas do Sal, Boa Vista e Maio são salineiras, embora a exploração do sal se faça em maior escala na primeira, tudo está a indicar que, desenvolvendo a pesca e a conservação do peixe, se contraria melhormente a fome do que com oportunos esguichos de caridade, que não se tem a certeza de lá chegarem. Se ha tantas «étapes» entre a bolsa do metropolitano e os estomagos das vitimas!...

Socorram-se, pois, os caboverdeanos, mas ponha-se tambem em pratica o que os inglezes iam realisar. Nada pior do que o habito de se ser esmolado; humilha e rapa bem cerce os estimulos para a luta pela vida que, no fim de contas, é a propria vida.

D. Thomaz de Noronha.

PELO TELEGRAFO

O emprego de motores na Alemanha

PARIS, 14.—A conferencia dos embaixadores fez entrega no dia 6 de novembro, de uma nota relativa aos motores Hesel ao encarregado de negocios da Alemanha em Paris.

A conferencia mostra-se disposta a considerar que os motores, que no dia 31 de março de 1921 devem estar realmente empregados na industria na Alemanha, não sejam sujeitos a outras restrições além das que prevê o artigo 189 do tratado de Versailles.

A comissão naval inter-aliada dever dar todas as facilidades para a fiscalisação do uso industrial que fôr dado aos motores deste tipo.—*(Havas)*.

Delegados francezes á assembleia de Genebra

PARIS, 14.—Os srs. Léon Bourgeois, René Viviani e Gabriel Hanotaux, que, como dissémos, foram nomeados representantes da França na sociedade das nações, partiram no sabado para Genebra, levando como delegados tecnicos os srs. Jean Hennessy, deputado, Fromageon, jurisconsulto do ministerio dos negocios estrangeiros e Louis Aubert, adido á universidade.—*(Havas)*.

Incendio n'uma camara municipal

PARIS, 14.—Houve um incendio no edificio da camara municipal da cidade de Rennes, que destruiu uma parte, salvando-se uma torre e a ala esquerda.—*(Havas)*.

Diplomatas francezes

PARIS, 14.—A imprensa franceza diz que é o sr. Defrance quem substituirá o conde de Saint Aulaire, na embaixada da França em Madrid.—*(Havas)*.

A reconstituição secreta do exercito alemão

Descobrem-se filiaes da «Orgesch» bavara : : em Saxe, Magdeburgo e Bremen : :

O correspondente especial do «Excelsior» em Strasburgo escreve o seguinte a proposito dos manejos secretos da Alemanha:

Em virtude do que o tratado de Versailles estipula e dos acordos de Spa — que preveem sanções rigorosas em caso de falta de execução — a Alemanha é obrigada a diminuir o seu exercito a 100.000 homens. Essa operação, como se compreende, não se produz sem atrictos, porque se trata de restituir á vida civil, num prazo de tempo relativamente curto, dezenas de milhares de soldados e milhares de oficiaes e oficiaes inferiores, cuja profissão era o seu ganha pão.

E' por isso, que, não falando se não nos oficiaes, o seu numero deve ser reduzido de 8.000 a 4.000. Essa redução está prestes a cumprir-se e é o general von Seeckt o encarregado a dirigir. Compete ás comissões de fiscalisação da Entente o verificar as modalidades e os resultados. Do certo que a tarefa nada tem de invejavel, tanto mais que essas comissões teem de se entender com um adversario artificioso, para quem a duplicidade, mais que uma segunda natureza, é uma arma licita, patriotica, e, por esse motivo, moral.

A sorte dos soldados e oficiaes desmobilisados deve continuar a interessar-nos. Não foram esses aventureiros, agora postos á margem, que constituiram ainda ha pouco a famosa «divisão de ferro» do conde von der Goltz, que tanto nos deu que fazer? Não foram esses grupos, mal saídos da «reichswehr», que constituiram as designações de «Einwohnerwehr» (habitantes milicianos), Burgerwehr, (cidadãos milicianos), «Landesochutz» (protecção do paiz), «Grenzschutz Ost», (protecção da fronteira oriental), «Technische Nothilfe» (auxilio tecnico em caso de necessidade), «Polizeiwehr», (policia miliciana), corpo de exercito, aparentemente variados, mas que, sob a sua aparencia multiforme e complexa e com o protexto de combater Spartakismo e o seu aliado o bolchevismo, não tinham outro fim que não fosse o de reformar os efectivos do antigo regimen?

Os aderentes da liga nacionalista de protecção teem ali o seu logar preeminente. O local de concentração, em caso de mobilisação, que fôra primeiro em Zeithain, foi depois transferido para Frankenberg. Nesses dois campos, as formações da «reichswehr» que ali se encontram aquarteladas tinham-se encarregado de armar e equipar a organisação.

Estreitas ligações se estabeleceram por intermedio de oficiaes entre a policia militar e a «Reichswehr».

O comando geral era exercido pelo general Senft von Pilsach. Grande numero de funcionarios superiores fazia parte da organisação, entre outros o procurador geral Muhle, o professor Obersbach, antigo oficial do estado-maior, etc. As relações entre «Orgesch» de Munich e o «Stahlhelm» eram tão activas como circunspectas. As cartas eram transmitidas em cifra—variando essas cifras todas as semanas—por intermedio de oficiaes.

* * *

A empreza era mantida financeira moralmente pelo conselho de burguezes, pelo partido conservador e pelo partido conservador popular. O secretario geral deste partido, Sargeroberg, tinha em Chemnitz um dos principaes cargos militares da organisação.

O governo saxonio—menos timorato que o governo bavaro—apressou-se a intervir logo que foi avisado. Um dos oficiaes do «Sipo», o primeiro-tenente Scholle, um dos agentes de ligação foi imediatamente destituido.

Perguntamos, inquietos, se essa destituição e mais alguns outros serão bastantes para dar um golpe mortal no «Stahlhelm», e se essa organisação, agora enterrada, não ressuscitará amanhã debaixo dum outro nome de guerra.

Em Magdeburgo, na Prussia, um fabricante de nome Seidl, auxiliado por um antigo sargento-mór, Fritz Velten, fundou tambem uma secção «Stahlhelm», com estatutos exactamente eguaes aos de Chemnitz.

Em Bremen, na velha cidade hanseatica, teve logar uma reunião secreta preparatoria, na qual ficou estabelecida a identidade de vistas e composição do «Stahlhelm» e da «Orgesch». Para não provocar conflitos com a Entente, foi resolvido que todos os termos militares, como por exemplo regimento, batalhão, etc., seriam rigorosamente evitados que em seu logar se empregassem para designar as diversas unidades distintivas como «Bandeira do paiz», «Bandeira de Federação», «Bandeira de secção», tomando a palavra bandeira o antigo sentido do «Bannière» ou corpo de tropas. Estes novos corpos dispõem profundamente de armas e munições.

Empgam nos objectivos essenciaes do «Stahlhelm», aliaz «Orgesch», são os seguintes, tal como foram determinados nessa assembleia: repressão de qualquer golpe de Estado vindo das esquerdas, agressão (textualmente: «Schlag», isto é ataque de surpreza) contra o inimigo do outro lado do Rheno, combater contra os malditos judeus.

A questão da mobilisação foi bastante discutida: resolveu-se que, em ultimo caso, se afixariam cartazes indicando os pontos de comentração e de formação.

E' manifesto que esta mobilisação nos interesse muito mais que os «putschistes» das esquerdas que desde março de 1919, não dão o mais leve signal de veleidade de revolta. Temos que intervir energicamente para pôr fim a essas perpetuas maquinações nefastas para a paz da Europa e prejudicar, principalmente á propria Alemanha, porque fazem desaparecer a confiança no renascimento, confiança que é o elemento indispensavel para a reconstrução da Europa».

* * *

Tolerámos na Baviera o renascimento—a impulso do conselheiro Escherich (organisações Escherich, Orgesch por abreviatura) dos antigos habitantes milicianos. Mudou o nome, mas os quadros, as tropas aprendizagem e o espirito que os anima ficam sendo os mesmos. O visconde Guichem, que acaba de regressar da Baviera, mostrou como d'esas pretensas tropas bavaras surgiram os militares prussianos, Ludendorff e todos os seus logares tenentes. No primeiro plano das preocupações da «Orgesch» encontramos o odio á França e o culto do odio da desforra.

Por isso se deve felicitar o governo francez por ter exigido—embora tardiamente—a dissolução da «Orgesch». Se o separatismo bavaro se efectuar convençamo-nos que a desaparição da «Orgesch», que é essencialmente um mecanismo monarquico e nacionalista, só poderá favorecer a sua eclosão.

As revelações do «Vorvaerts» estabelece, real e claramente, o caracter pangermanista da «Orgesch», cujos filiaes, baptisados com o nome de «Stahl helm» (capacete d'aço), acabem de ser descobertas em Saxe, Chemnitz, Maydeburgo, Bremen e outros pontos. E' verdade que essas ramificações envolvam toda a Alemanha.

O «Stahlhelm de Chemnitz», diz-nos o «Vorvaerts», é uma organisação rigorosamente militar, cujos chefes são oficiaes. Ainda que a «Orgesch» pretenda não se ocupar de questões militares, o «Stahlhelm» possue o seu plano de concentração militar, fundos para a mobilisação dos diferentes grupos, em ordem de batalha em caso de desordens, etc. Os

Campanha nativista no Brazil

As mais recentes noticias do Brazil revelam-nos o acrescimo da violencia da campanha nativista contra os portuguezes. Já não é só a nacionalisação da pesca, atingindo os pobres pescadores, é tambem uma violenta campanha contra todos os negociantes portuguezes e, em geral, contra todos os nossos compatriotas.

As coisas não teriam chegado ao actual estado, a agudeza verdadeiramente lamentavel, se houvesse da parte da nossa diplomacia menos encia de gosar e mais vontade de trabalhar. Mas a verdade é que se não tem dedicado ao assunto qu ameaças fazer demasiado barulho, embora no fundo não tenha grande importancia, nem consistencia a devida atenção.

Nativistas houve-os sempre no Brazil. São geralmente individuos descendentes do cruzamento de portuguezes com os diferentes raças que povoavam o sertão das terras de Santa Cruz. Por não serem inteiramente puros na brancura da pele voltam-se com a raiva no coração contra os que lhes deram a mais tinta que os aproximou da raça colonisadora. Ingratidão raivosa e impotente: essa campanha nativista nem mereceria quaisquer referencia, se não fossem os clementes estranhos que d'ela se servem agora para os seus inconfessaveis fins.

Os nativistas encontraram ultimamente aliados nos poucos monarquicos brazileiros que ainda existem e em muitos padres portuguezes, que não trepidaram em se ligar aos inimigos da sua raça, aos detractores da sua Patria, por odio á Republica que assim julgam esfaquear traiçoeiramente.

O incidente da nacionalisação da pesca foi o protexto para manifestações de vária ordem para a qual aliciaram alguns oficiais da marinha brazileira, monarquicos, por certo.

O conde Afonso Celso, chefe dos monarquicos, assumiu a direcção da sua intriga.

Sem darmos demasiada importancia ao que não pode de forma alguma tomar-se cama a expressão pensar do povo brazileiro, entendemos todavia que não devemos no extremo oposto de deixar correr á revelia as aleivosias que no assacam esses deshonrados e a que o conubio com os padres portuguezes, emigrados pouco depois da implantação da Republica, empresta visos de verdade.

O governo e a nossa diplomacia devem representar junto do governo brazileiro no sentido de obstar tant quanto possivel a essa campanha de descredito, procedendo porem, de forma a não dar a esses escuros manejos a honra de serem causa de qualquer estrimento de relações entre os dois paizes.

O preço da lenha e do carvão

A imprevidencia dos governos

O que se tem passado ultimamente com o abastecimento do carvão em todo o paiz é uma das consequencias da imprevidencia dos governos.

Ha muito tempo que alguem fez lembrar no ministerio da agricultura a conveniencia que havia em se tabelar a lenha, por um preço baixo, visto que seria assim a unica maneira de se estimular o fabrico do carvão. Desde que se consentiu, que o preço da lenha se elevasse, até atingir cem escudos a tonelada, ou seja 10 centavos o quilograma, é claro que ao proprietario não valia a pena tentar o fabrico do carvão, visto que o preço deste combustivel nunca poderá ser remunerador. Para fabricar um quilograma de carvão são precisos quatro quilogramas de lenha; ora se esta se vende a 10 centavos, cada quilograma de carvão saírá por 40 centavos, devendo-se adicionar ainda as despezas feitas com o pessoal encarregado do fabrico.

Tudo isto foi lembrado a quem o governo incumbiu de superintender no serviço de abastecimento do carvão á cidade de Lisboa e não se adoptar qualquer providencia.

Parece-nos que ainda seria tempo de se fixar um preço rasoavel, para a venda da lenha, de forma que o carvão possa ser fabricado com um preço remunerador, em função do que se estabelecesse para a lenha.

Cremos bem, que 50 escudos por tonelada de lenha já seria um preço altamente compensador e assim o carvão poderia ser vendido a 20 centavos o quilograma.

Se o governo não toma um resolução energica e justificada pela ganancia dos possuidores de lenhas, teremos de luctar com dificuldades que cada vez mais se irão agravando, quando tudo está se providenciar.

Se a lenha faltar no mercado, como protesto do tabelamento, então recorre a requisição forçada, pois a lenha não se poderá esconder como sucede com o azeite e outros generos alimenticios.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XII — Regiões devastadas

Das 11 estações de Paris é pela do norte que saio; dos 8 comboios que diariamente unem Paris com Bruxelas é o das 2 horas da tarde que tomo; apesar da fartura, vae apinhado, o que tambem não estranho.

A' medida que nos encaminhamos para o norte, invade-me uma comoção e um respeito. A zona da guerra, os campos da carnificina, as povoações arrasadas, tudo que se prende com essa memoravel convulsão, excita-me, enerva-me. Vamos em Chantilly ainda, verdejante arredor de Paris e os olhos farejam qualquer indicio da guerra, da avançada até ao Marne. Mas, os bois sulcam a terra tranquilamente, lavadeiras batem a roupa branca nos ribeiros e riachos que sulcam a região. Até Creil, até Compiegne, nada diviso de extraordinario. Para economisar vou em 2.ª, e tenho boa gente por companhia um cavalheiro de «pince-nez» que tagarelando anuncia a todos do compartimento a venda de algumas propriedades que tinha a, fim de se meter no unico e grande negocio de futuro: comprar terrenos em Marrocos. E, dizia o homemsinho será esse o recurso das populações lutando com a crise da habitação, por todo o mundo: irem povoar a Africa.

Um outro viajante atrae-me mais a simpatia; tem cara de «poilu», os seus bigodes arruivados á gaulez, a sua fronte tostada de trabalhador da terra. E' ele que me dá indicações sobre a região, e mostra, agora, sim, os bosques decepados, cêrcos, lembrando pequenas e rasteiras plantações de destroços; outeiros onde havia «blockouses», mas nem sombra de trincheiras, a terra removida. Noyon apresenta já grandes brechas, e uma pequena aldeia, Chauni, tem dois aspectos curiosos.

Ao lado das ruinas, uma «petite village» de casas alinhadas, barracas elegantes de madeira, que lembram um aquartelamento ou um campo de prisioneiros.

Egrejas ainda de pé, vigiam do alto, todos aqueles mutilados; em volta cava-se, reconstroe-se, encontrando, quantas vezes, me diz o homem de bigodes á Vercingetorix, um osso, um craneo, uma mão ainda mal descarnada. Foi este espectaculo que afugentou a peregrinação ás trincheiras, agora removidas, recompostas, devastadas por todos.

Ha, á direita da linha uma massa disforme, denegrida, com braços erguidos convulsivamente para o ceu. Foi dantes uma fabrica, e a carcassa metalica tem ainda a expressão dolorida, nos tendões de ferro retorcidos, dos sofrimentos misteriosos e indiscritiveis daquela morte pelo fogo. Depois vem S. Quentin; frangalho de cidade, imensa, toda ela é um tumulo vivo; que furacão ali passou?

Vigamentos á mostra, grandes buracos nas paredes de tijolo, janelas que se abrem lado a lado para o ceu. Pelas ruas, tortuosas e amontoadas de pedras e terra ha gente que passeia, faz a sua vida; é ali que habita o meu informador, numa casa provisoria junto das ruinas do seu antigo casal.

Saint-Quentin é um grande nome da historia; lembra-me, a primeira vez que o li, quando aprendi a comografia da França á força, pelos comunicados oficiaes das horas angustiosas de 1914.

A estação patenteia os maus tratos sofridos; dos candieiros, dos fortes arcos de ferro, de vidros, as vidraças só existem os que estão inuteis, despedaçados; os outros, desapareceram, como desapareceram as «marquises» de zinco, de ferro, tudo que era metal.

A' medida que nos aproximamos da fronteira, o comboio vae-se esvaziando; Mauborgue, traz evocações; e o crepusculo envolve numa tristeza ainda maior os restos de vilas e aldeias, os espectros de casas solitarias só de duas paredes e recordações, que ladeiam a linha. Por fim, a noite absorve as ultimas silhuetas de montes e arvores e tudo resta negro.

*

Freignis, fronteira franceza. Pequena «gare» iluminada a petroleo.

Passeportes, e malas abertas. E, um cavalheiro, acompanhado dum «sergent» pede-me a carteira e passa-lhe revista.

Quer por força que eu lhe diga se levo ouro, ou mais de 5 mil francos. A' insistencia dá-me vontade de lhe mostrar... um dente rico que tenho, mas o «monsieur» não é para brincadeiras e eu prefiro calar-me.

Ao fim do «contrôle», pomo-nos em marcha, e, em pouco tempo, estamos em «Quevy», fronteira belga. Apeio-me para desentorpecer as pernas e vejo outra a estação... O telhado não existe, e os tijolos das paredes estão enegrecidos do fumo; o serviço faz-se sob um telhado provisorio, num anexo.

Nova vistoria aos passaportes e que faz exclamar a um francez «grande senhor», certamente: «Outra voz?»

Mas o militar contesta:

—Outra vez não. «La bas» é a França, e aqui é a Belgica.

Esta frase banal, dita ainda na mesma lingua, tem para mim um significado vivo, além da lição ao «monsieur» assomadiço.

Vae agora mais rapido o comboio e, na noite negra, passam luzes, muitas luzes, grandes reverbéros de fabricas, chaminés que fumegam. Apesar de ser noite, divisa-se distintamente a entrada numa forma diferente de viver e de existir: sinto actividade já, e nada mais vi do que continuamente passaram pelas trás grandes e feericas iluminações de fabricas, de ouvir matraquear aços, restolho de maquinas em labuta, ás 10 horas da noite e passou-se «Mons», uma cidade que se me afigura grande, nas suas centenas de luzes, no seu vulto negro destacando-se no indigo da noite.

Dentro de meia hora estavamos em «Bruxelas». Um «porteur» tardado põe-me a bagagem num optimo automovel, aberto, de 8 lugares, onde me repimpo, tanto mais... que vejo ser um «taxi». E, ahi atravesso uma linha recta, uma bela rua, ladeada de estabelecimentos iluminados, profusamente iluminados, onde logo á frente a nomes e reclames; ser fundo dessa larga avenida, um Rocio muito grande e sem obras, onde vejo o «Palace Hotel».

Nesta altura assustei-me. O Palace é um esplendido edificio, cujas janelas e varandas transpiram luz duma maneira espantosa: mas não tenho tempo para reflexões; varios «groms» aliviam-me, descarregam o taxi, pelo qual pago 10 francos sem troco nem espinhas. E, eis me dentro de pouco tempo no quarto do delegado do Uruguay á conferencia economica de Bruxelas, o qual felizmente para mim, perdeu o comboio; não havia mais quarto algum naquele enorme monstro.

Comtudo, palavrinha, eu aconselho áqueles que não nadem em fortuna, não se embrenharem nestas comoções fortes: a cama era larga como a minha fantasia, e lóla como a minha imaginação; uma mobilia elegantissima, um edredon que até fazia mal á vista, uma casa de banho e W. C. reservada, um pequeno «hall» para as minhas visitas; e ainda por cima, o telefone á cabeceira da cama, toca. Será para mim ou para o homemsinho economista do Uruguay? E' engano das meninas. Ainda bem. Mas o espirito não socega, porque, ao puxar os lençoes de linho para cima, ao agaitar do «edredon», ao fechar da luz electrica, o pobre de Cristo, murmura:

— Quanto custará isto, meu Deus!

Armando Ferreira.

Ordem publica

O trabalhador José de Oliveira, morador na rua José do Patrocinio, 6, 2.º, foi preso por se encontrar na calçada do Duque de Lafões a impedir que os operarios da limpeza trabalhassem chegando a ameaçar com um revolver o capataz Manoel d'Almeida. Foi entregue á policia de segurança do Estado para averiguações.

Sobre o caso das bombas aprendidas na cadeia do Limoeiro, continuam as investigações, deixando de estar incomunicavel a portadora do cabaz que as conduzia, Rosaria Joaquina, mulher do preso sindicalista Arsenio José Filipe.

Todos os processos que se encontram na policia de segurança do Estado referentes aos presos politicos que se encontram nos calabouços por ordem do governo civil e em varias esquadras, devem ficar hoje concluidos e principalmente os dos que tomaram parte no caso dos Terramotos.

Carvão apreendido

O agente da fiscalisação do ministerio da agricultura sr. Augusto Mario dr Cruz, apreendeu a Manuel Ramos 756 quilos de carvão, que foi vendido ao publico numa carvoaria do largo do Intendente, tendo rendido a quantia de 121.824.

Uma prisão no governo civil

Laurindo Tavares, morador na rua da Alameda, 9, foi preso no governo civil, quando visitava os presos que tomaram parte numa desordem na calçada do Moinho de Vento, da qual resultou ficar ferido com dois tiros de revolver Antonio de Faria, que se encontra em perigo de vida no hospital de S. José.

O Laurindo é acusado por Alfredo de Faria, irmão do ferido, que tambem se encontra preso, de ser o autor da agressão a seu irmão.

Recaptura d'um evadido

Carlos Armando Moreira, de 16 anos, sem residencia, foi preso por se ter evadido da Tutoria da Infancia, onde estava internado.

Republica do Brazil

A comemoração do 31.º aniversario da sua proclamação

Comemorando o 31.º aniversario da proclamação da Republica do Brazil realisou-se hoje no palacio da legação, rua Antonio Maria Cardoso, uma recepção que foi bastante concorrida por pessoas de todas as classes sociais e membros da colonia brazileira com residencia em Lisboa, que foram recebidos pelo sr. dr. Belford Ramos, encarregado dos negocios daquela nação.

Tambem ali estiveram o consul e todo o pessoal do consulado do Brazil.

Entre outras pessoas, estiveram ali os srs. José de Vasconcelos Dias, dr. Eduardo de Sousa, Lucio d'Azevedo, Alfredo Gomes, José Antonio de Freitas, José Augusto Correia, Francisco Teixeira Machado, Manoel Leite Galvão, Gonzaga Filho, D. Carlos de Noronha, Carlos Faro, D. Virginia Quaresma, dr. Monteiro de Queiroz, Joaquim Clington, Alfredo Roque Gameiro, Gonçalves Teixeira, Raul Gaia, etc.

Por parte do governo portuguez foi apresentar os seus cumprimentos o sr. ministro dos estrangeiros e por parte do sr. presidente da Republica o sr. Jaime Atias. Tambem ali esteve o encarregado dos negocios da França.

No consulado realisou-se uma festa intima a que assistiram o pessoal do consulado, membros da colonia e a direcção do Club Brazileiro, tendo sido servido a todos os presentes uma taça de champagne.

A morte do dr. Sidonio Paes

Num automovel da guarda Republicana, saiu hoje da cadeia Nacional, cerca das 12 horas, acompanhado pelo tenente da guarda Republicana sr. José Antunes do Carmo, o preso José Julio da Costa, que deu entrada no manicomio Bombarda, afim de sofrer um exame psiquiatrico.

Numa das dependencias do aquele estabelecimento, estavam reunidos os srs. dr. Julio de Matos, Solono Cid e Volgo Bairão, medicos alienistas, e o dr. sr. Paes Rovisco, delegado da Procuradoria Geral da Republica, e Gonçalves Cota, advogado do examinado.

José Julio da Costa, foi demoradamente examinado, respondendo ele com clareza e tranquilidade a todas as perguntas que lhe foram feitas pelos membros do conselho medico-legal.

Resolvido dar por terminados os trabalhos de exame ao arguido, foi marcado o prazo de 60 dias para se apresentar o relatorio e conclusão do exame a que foi sujeito.

A's 14,30 terminado o exame, o preso, no mesmo carro, era o preso conduzido á Penitenciaria.

ULTIMA HORA

POLITICA

A sessão de hoje na Camara dos Deputados

Conferencias sobre a situação politica — O presidente do ministerio até ás 18 horas não tinha dado entrada na sala, devido ao avião em que saiu de Santarem ter de aterrar em Alverca : : :

Quando hoje se procedeu á chamada na Camara dos Deputados, pelas 14,30 encontravam-se na sala somente 18 legisladores, a despeito do interesse que a sessão estava despertando pois se dizia que o governo e muito principalmente o seu chefe não resistiriam ao ataque que se lhe preparavam.

Entretanto os deputados vão chegando emquanto a campainha retine na sala dos Passos Perdidos, formando-se grupos que com calor discutem as declarações hontem feitas pelo sr. dr. Antonio Granjo na sua visita a Santarem. Os srs. dr. Antonio da Fonseca e Cunha Leal os mais visados no discurso de hontem do chefe do governo são os que com mais calor discutem o caso sendo rodeados pelos socialistas e pelos democraticos. A esquerda da Camara está animadissima fazendo contraste com a direita cujas carteiras se encontram completamente abandonadas, havendo quem afirme que os liberaes e reconstituintes se encontram reunidos o que não é verdade, pois que dos parlamentares que apoiam o governo somente deram entrada no Parlamento, conservando-se na sala dos Passos Perdidos, seis senadores e cinco deputados.

—Que não ha numero, e não haverá sessão, diz-se.

Mas o presidente sr. Mesquita de Carvalho verifica ás 14,40 a existencia de 30 presenças abrindo-se portanto a sessão, vendo-se as galerias concorridissimas.

Lê-se depois a acta e o expediente, enquanto cada qual forma conjecturas sobre a falta de numero que segundo se diz foi propositado.

Do governo esta apenas presente o sr. ministro das Colonias que presta toda atenção ao sr. Viriato da Fonseca, que chama atenção da Camara para situação afiitiva de Cabo Verde onde a fome avassala milhares de familias.

Em sua opinião, as subscrições abertas na imprensa pelo governador d'aquela provincia não podem resolver o gravissimo problema, devendo, por isso, adoptar-se providencia urgentes de caracter oficial, com a creação de receitas, acrescentando que a metropole deve pagar áquela colonia milhares de contos de que lhe está em debito. Revolta-se contra esta irregularidade e apela para toda a energia do sr. ministro das colonias, solicitando-lhes os maiores esforços no sentido de socorrer os famintos de Cabo Verde.

O sr. ministro das colonias declara que a colonia de Cabo Verde não precisa de dinheiro; precisa de generos ao contrario do que aconteceu em 1903. E genero não ha, convindo envial-os para ali. E prova que não só já deu as suas ordens para que imediatamente sigam da Guiné e Angola alguns milhares de toneladas de productos de alimentação. Concorda com a urgencia de saber a grande crise caboverdiana, entretanto tambem que medidas permanentes de fomento se devem tomar em favor desses arquipelago.

O sr. Antonio Francisco Pereira requer urgencia para um projecto de lei aclarando a lei numero 1040, sobre o que ela dispõe acerca das gratificações aos empregados da Imprensa Nacional.

Como não ha mais ninguem inscrito e falta numero para se entrar na ordem do dia, espera-se bastante tempo.

Os deputados das esquerdas estão «au complet» e cavaqueiam animadamente, enquanto as bancadas das direitas continuam quasi desertas.

Os srs. dr. Antonio da Fonseca e Cunha Leal teem demorada conferencia rematando por pedirem a palavra para quando presente se encontre o sr. Presidente do Ministerio.

Ouve-se susurro e á boca pequena diz-se que aqueles deputados vão interpelar o sr. dr. Antonio Granjo pelas suas declarações de hontem em Santarem; nas quaes o chefe do governo, referindo-se aos ataques de que tem sido alvo por parte d'aqueles dois parlamentares, disse tratar-se de individuos visados pela comissão parlamentar do inquerito ao Ministerio dos Abastecimentos.

Emquanto se espera, os deputados andam n'uma roda viva para a mesa presidencial, requisitando bilhetes para as galerias que de momento a momento se vão animando de uma forma extraordinaria, vendo-se entre os assistentes muitas senhoras.

O senador sr. Herculano Galhardo, que tem constantes conferencias com parlamentares, procura dissuadi-los de qualquer ataque ao governo que determine uma crise.

—Não façam nada, pede o sr. Herculano Galhardo,—não compliquem mais a situação...

Os seus amigos e correligionarios parecem não estar d'acordo e como ás 16 horas ainda não tenha aparecido o chefe do governo, começa a afirmar-se que a sessão apesar de tudo prosseguia nos seus trabalhos, prolongando-os se necessario for pela noite adeante até á chegada do chefe do governo, que em ultimo caso será chamado a comparecer no Parlamento.

Finalmente, ás 15,45, o sr. presidente declara estarem presentes 64 deputados, ou seja mais 4 dos que o «quorum» indica. Porem, os liberaes conservam-se quasi todos ausentes, o mesmo não sucedendo aos reconstituintes, que teem larga representação.

Tendo chegado o sr. ministro das finanças, prossegue a discussão da proposta do credito para pagamento de debitos aos Transportes Maritimos do Estado.

O sr. João Camoezas continua a analisar esse documento, redarguindo-lhe o sr. ministro das finanças. Falam os srs. Lariano Martins e Mem Verdial, voltando a fazer uso da palavra o sr. Camoezas.

O sr. Antonio Maria da Silva deseja saber qual o papel que vão desempenhar as comissões, especialmente a de finanças. Se a sua ação vai ser juridica, convem que lhe sejam fornecidos elementos pelo governo.

O sr. João Camoezas respondeu ser seu intuito que as comissões votem a proposta com doutrina nova e de cautelas futuras.

O sr. Domingos Cruz acha que o requerimento do sr. João Camoezas vem estabelecer materia nova sobre propostas governamentaes.

Em contra-prova, o requerimento é regeitado, pelo que a proposta deve continuar a ser discutida na proxima sessão.

O sr. ministro das finanças sae depois da sala, onde as conferencias entre os marechaes politicos se sucedem, tornando-se notada uma entrevista demoradissima que o sr. Herculano Galhardo teve com o sr. Alvaro de Castro.

O sr. Domingos Pereira, tem tambem na sala dos Passos Perdidos varias conferencias a que não é estranha á situação politica.

O sr. presidente anuncia estarem presentes 67 deputados, pelo que é aprovada a acta, sendo depois aprovada a urgencia para o projecto do sr. Antonio Francisco Pereira, sobre as gratificações de trabalho aos operarios da Imprensa Nacional.

O sr. Alberto Jordão requer que se prejudique o debate que deve seguir-se, do orçamento do ministerio do comercio, com a discussão do projecto que melhora a situação do funcionalismo publico.

Como ha quem discorde, o mesmo senhor requer, rogeitando-se, que esse projecto seja apreciado ámanhã antes da ordem do dia.

Reata-se, então, o debate sobre o referido orçamento, que o sr. João Camoezas continua a apreciar, durante largo tempo, preconisando a reforma dos serviços publicos, por sistema sindical e de novas regras de direitos e de responsabilidades.

A sessão vai-se arrastando sem incidente de maior, aguardando toda a gente com impaciencia a chegada do sr. presidente do ministerio, cuja ausencia era ainda notada ás 17.20.

Apenas se sabe que o sr. dr. Antonio Granjo saiu 15 minutos antes das 14 horas de Santarem, em aeroplano timonado pelo distinto capitão aviador sr. Lelo Portela, governador civil de Lisboa, pelo que a falta de noticias do aparelho e seus tripulantes começa a causar serias apreensões.

Os telefones começam a funcionar para o Campo de Aviação Republica, na Amadora, donde o tenente sr. Cabrita responde não haver noticias dos viajantes.

Por fim, eram 17,30 aparece no Parlamento o sr. Antonio Granjo que se faz acompanhar do chefe do districto sendo logo os dois rodeados pelos seus amigos, vindo por fim a saber-se que a demora fôra devida ao espesso nevoeiro que ao fim da tarde cahiu sobre a cidade e que impediu o aeroplano de ir aterrar ao Campo da Amadora. O sr. Lelo Portela ainda tentou aterrar no Hipodromo de Belem ou no Alfeite, mas não o poude fazer, motivo porque teve de ir ao Campo de Alverca, onde então tomou um carro em que seguiu para Lisboa acompanhado do chefe do governo.

Este, uma vez na Camara, teve demoradas conferencias com o sr. ministro das colonias e outros politicos.

Entretanto, na sala, o sr. Antonio Maria da Silva, que havia pedido a palavra para apreciar o orçamento do ministerio do comercio cae a fundo sobre o titular daquela pasta a quem ataca impiedosamente.

E a sessão prosegue não se sabe até que horas, pois que as esquerdas resolveram pedir a prorogação da sessão até á comparencia, na sala, do presidente do ministerio.

E' provavel que depois disso a sessão decorra com grande agitação.

AS GRÉVES

Nas linhas da C. P.

Nos diversos serviços desta companhia apresentou-se hoje todo o pessoal, tendo portanto terminado de vez a gréve.

Na tezouraria apresentaram-se muitos operarios das oficinas a receber os seus salarios.

Na estação do Rocio, esteve hoje de tarde o sr. Raul Esteves, comandante de Sapadores do Caminho de Ferro, que ali se foi despedir do sr. capitão Serpa Pimentel e tenente Metrass, que teem estado a dirigir o serviço tecnico n'aquela estação e que ámanhã seguem para as linhas do Minho e Douro, onde vão organisar os serviços.

Naquela estação continuam as praças de Sapadores do Caminho de Ferro e a força da guarda Republicana, sob o comando do capitão sr. Sarmento Rodrigues, que tão acertadamente tem dirigido os serviços de ordem dentro d'aquele edificio.

No Sul e Sueste

Apresentaram-se mais 30 chefes e factores e ámanhã deve tambem apresentar-se ao serviço o chefe da estação do Terreiro do Paço.

Parece que antes do dia 25 se apresentarão todos os empregados e operarios, não sendo admitidos os que não o façam até esse dia.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

O emprezario do Ginasio, o distincto actor Alves da Cunha, vae efectuar uma recita de homenagem ao velho actor Joaquim de Almeida, que foi uma gloria da cena portugueza.

Afirmam-nos que é distituida de fundamento a noticia de formação, para a proxima epoca, d'uma companhia em que entraria Alves da Cunha, o qual continuará a ser o emprezario do Ginasio, com a companhia que actualmente ali funciona.

França

«Les conquerants» fez sucesso no Teatre du Nouvel-Ambigu; o autor é Charles Méré, já provado na «l'ingenu» e na «Captive».

—Efectuou-se no «Odeon» a première da peça em verso em 3 actos, «Les Bonaparte» de Léo Larguier.

—No «Grand Guignol» representam-se as peças novas «Devant la mort» da Savoir e Marchant, «La Vipère» um acto de Jules Mauris, «Et les enfants recommencent» comedia de Oulmont.

Hespanha

No Latina continua com sucesso a tradução do drama de Masterlinck, «El alcalde de S. Emond» devida a Gomez Carrillo.

No «Eslava» mantem-se o sucesso da peça de Bernard Shaw, «Pigmalleon» em que Catalina Baicena tem um primoroso trabalho.

—No «Reina Vitoria» passa-se a ultima semana do «Az».

—Esperanza Iris depois da opereta «Nancy» estreou «El vals de amor» de Ziherer.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

O jogo na provincia

GOLEGÃ, 13.—Terminou a tradicional feira de S. Martinho, que foi muito concorrida. A nota mais interessante deste ano foi dada pelo jogo. Jogou-se desenfreadamente com o conhecimento da autoridade superior do districto e com a presença do sr. administrador do concelho.

Bom será que o sr. ministro do Interior, que na capital tem procurado exterminar tão terrivel flagelo, mande encerrar as tavolagens desta laboriosa vila.

A direcção do Banco Espirito Santo participa a todos os seus amigos o falecimento do ex.mo sr. dr. Antonio Augusto de Melo, pae do seu ex.mo colega dr. Carlos de Melo, cujo funeral se realisou hoje, pelas 17 horas.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

BANCO DE PORTUGAL

Concurso para caixeiros ajudantes

Até ao dia 24 do corrente recebem-se na séde do Banco pedidos para admissão a este concurso, de individuos habilitados com cursos oficiaes do comercio, curso complementar dos liceus ou com boa pratica comercial, que satisfaçam ás condições patentes no Banco.

Lisboa, 10 de Novembro de 1920.
Pelo Banco de Portugal
Os directores
a) *Francisco Maria da Costa*
a) *José Felix da Costa*

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3698 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 16 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

A ditadura do parlamento

Se em alguma coisa a Republica tem sido fertil é nas lições de experiencia. Pode-se dizer que ela não tem sido poupada a nenhuma modalidade politica, e nesse ponto que ao menos a experiencia seja proveitosa. Sugere-nos esta constatação o espectaculo da invasão dos poderes que já tantas vezes temos observado nestes dez anos de uma acidentada existencia.

Assim, quem negará que a Republica tem vivido quasi sempre sob diversos aspectos de ditadura? Temos tido a ditadura da rua, temos tido a ditadura da espada, temos tido a ditadura das oligarquias, temos tido a ditadura dos governos, temos tido a ditadura do parlamento. Entre tantas formas de ditadura, de qual delas tem o país recebido qualquer beneficio?

Todo o espirito verdadeiramente republicano é adversario das ditaduras, mas o analista da historia não pode recusar-se á evidencia de certas ditaduras que teem tido a ilumina-las a chama soberana do genio. Perante as manifestações desse genio não raro abdicam as mais naturaes independencias do espirito. Uma ditadura de facto foi o governo do marquez de Pombal, e nós temos visto os proprios mestres da democracia aceita-la, e até render-lhe homenagem. Uma ditadura cuja gloria a França nunca repudiará foi a de Napoleão, e perante ela quanta intransigencia é necessaria para atravez do vencedor de Austerlitz não deixar de ver o traidor de 18 de Brumario!

Mas ditaduras sem grandeza, animadas apenas da vaidade pessoal que não corresponde a meritos superiores, ou incendiadas nas paixões mais inuminaveis das turbas, ou denunciando apenas o apetite imoderado dos interesses dos individuos e camarilhas, ou traduzindo a megalomania dos aventureiros e a arrogancia das castas, ou patenteando os intuitos do despotismo, ou desmascarando a indisciplina e a anarquia das facções, essas—e são infelizmente as que temos suportado—não ha sequer o direito de as imaginar, quanto mais o de as admitir! São anomalias, monstruosidades, deturpações, atentados que nenhum espirito são, que nenhuma consciencia livre pode, um só instante, aceitar.

No momento actual nós estamos em presença das manifestações d'uma d'essas ditaduras, de resto já nossa conhecida. E' a ditadura do parlamento, essa ditadura que já deu origem a uma revolução, e que de novo compromete os destinos da Republica. Tanto ela era intoleravel que todos os partidos concordaram na necessidade de introduzir no estatuto constitucional a faculdade da dissolução parlamentar. Porquê? Porque a experiencia já demonstrára que o poder legislativo saindo fóra da sua legitima atribuição, não raro usurpava e iliminava de facto a acção dos outros poderes do Estado.

A fim de que não se tornasse novamente forçoso encarar a contigencia d'uma revolução para destruir qualquer ditadura parlamentar, a faculdade da dissolução inscreveu-se na constituição do Estado, e por muito que isso nos pese, por que é sempre desagradavel que se criem situações d'esta ordem, a verdade é que as circunstancias impõem insofismavelmente o recurso a essa disposição.

Digamol-o alto e claro: No sistema representativo que constitue as nossas instituições, deve existir como em todos os sistemas representativos existe, a independencia dos trez poderes. Mas existe ela de facto? Não existe. O poder legislativo, ou seja o parlamento, oprime os outros poderes, anula-os. E' o que sucede com o poder judicial, visto que o parlamento usurpa frequentemente as suas atribuições; é o que sucede com os governos, porque o parlamento é que quer governar sempre.

Não pode ser! já o dissemos outro dia, e repetimo-lo: em parte alguma do mundo se consideram as relações entre os poderes executivo e legislativo, como o parlamento entre nós as considera. Para o parlamento, os governos são reus, desde o primeiro dia em que se constituem, só pelo facto de estarem nas cadeiras ministeriaes.

Não pode ser! A obra do parlamento com os governos tem de ser da colaboração, e não da hostilidade incessante e acintosa.

Quando os parlamentos assim saem do dominio que a constituição lhes assina, esses parlamentos deixam de ter a autoridade que o facto da representação nacional lhes confere, porque não foi para isso que o eleitorado os elegeu. Não foi para uma obra de desarmonia, não foi para um conflito permanente entre os diversos poderes do Estado; não foi para que, em vez de se legislar e administrar utilmente, noutra cousa se não pense que não seja embaraçar, impedir, evitar o regular funcionamento das instituições. Em tal caso, a constituição indica já o remedio, que não é preciso irpedir ás dolorosas contingencias revolucionarias.

A epoca que atravessamos caracterisa-se pela mobilidade, pela marcha quasi vertiginosa dos acontecimentos, a sucessão quasi instantanea das ideias. O parlamento abstrahiu das realidades correntes. Ele pensa que se pode fazer politica pelos ultimos governos da decadencia monarquica, ou seja pelo obstrucinismo, pelo tumulto, pela insinuação, pela diatribe, pela violencia. Não pode ser! Os acontecimentos estão sobre nós; de dia para dia, a crise por que passamos assume aspectos mais graves, e o parlamento supõe acaso que o paiz pode continuar a tolerá-lo como uma assembleia do Byzansio ou como um club de Jacobinos?

Chegamos ao extremo limite dos mais respeitaveis escrupulos. O sr. Presidente da Republica tem de olhar para a situação presente. O exercicio da faculdade da dissolução corresponde ao fiel da balança na grande questão nacional a que ela deve obtemperar. Como dizia um dos maiores estadistas da França republicana, o recurso á dissolução parlamentar não representa nenhum agravo ao sufragio popular. Pelo contrario, demonstra a devida consideração pelas expressões da sua vontade, a unica que numa democracia não tem, nem pode ter apelação. O paiz decide em ultima instancia. E' a ele que se tem de submeter a questão de saber se um parlamento que não respeita a decisão dos poderes, que não representa já, como das urnas sahiu, as correntes politicas que ao sufragio se apresentaram, que não discute nenhumas medidas, por mais importantes que os governos lhe submetam, é ou não um parlamento que se encontra numa situação de ditadura, e se não é justo, necessario e legal, que ele seja substituido por um outro que tenha uma melhor noção dos seus direitos e dos seus deveres.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

O Inverno

Leitor: vou tentar alhear-me, um pouco dos assuntos que lhe tenho apresentado ultimamente, para esquecer, durante algum tempo, se é possivel, os médicos todos, todos os hospitais, todos os processos, todos os policias e fazer-lhe considerações sobre o Inverno que se apróxima.

Da janela do meu quarto de dormir avisto, ao longe, umas arvores que se estão despindo de folhas e é, ao olhá-las, que mais me dá a impressão do frio, que não resta duvida de já ter chegado. Os seus troncos nus, expostos ao vento e á chuva, fazem-me lembrar os pobres que não teem com que resguardar-se da intempérie; fazem lembrar-me a mim mesma.

Mas é bem certo, leitor, que Deus dá o frio conforme a roupa e eu digo-lhe isto por experiencia própria.

Não sei porque, mas não sinto agora que não tenho agasalhos, tanto frio como sentia quando os tinha. Qual será a razão disto?

Estarei mais forte? — Será mais temperado o clima onde vivo? — A casa que habito menos fria, do que aquela que eu habitava em Lisboa? Não sei.

O que lhe digo, leitor, é que isto de se ser pobre, depois de se ter sido rico, dá-nos umas sensações completamente novas.

Não digo que tenha encantos a vida que levo, não; mas, como não ha nada absolutamente mau, por muito mau que pareça, é preciso, sempre, tratarmos de encontrar o lado bom, mesmo do que parece péssimo. E' por isso que eu me conformo, muito facilmente, com a minha situação actual.

Estou reduzida quási ao minimo, é certo; pois não tenho casa, não tenho familia, não tenho dinheiro, não tenho liberdade; tenho meia duzia de trapos que não valem nada; mas ha uma cousa que para mim tem um valor imenso — é não ter que fingir. Todos sabem que não sou feliz; ninguem ignora o que penso e o que sinto e isso é para mim uma consolação.

Chegou a época de recolherem ás suas casas nas cidades os que passaram no campo ou nas praias algum tempo.

Vão recomeçar as recitas da moda nos teatros e as sessões elegantes nos cinemas.

Não tarda que se inaugurem as festas particulares, os chás, as matinées musicais. Vai animar-se, de novo, a vida nos grandes centros.

Nas primeiras modistas põem-se em exposição os ultimos modelos vindos de Paris.

Os mais raros chapeus guarnecem, em profusão, os estabelecimentos onde são vendidos por quantias fabulosas.

Os joalheiros enchem as suas vitrines com as joias mais tentadoras e do maior preço, em que as perolas os brilhantes, as esmeraldas, os rubis, uma confusão de cores, chamam a atenção dos ricos.

Nas primeiras casas de fazendas ostentam-se os tecidos carissimos e as fourrures custosas.

Nas sapatarias da moda vê-se o mais elegante calçado.

Chega, finalmente, a época do ano em que os ricos, depois de se terem fornecido dos artigos de luxo necessários á exigencia da sua vida mundana, vão ter todos os seus momentos tomados pelos mais variados divertimentos.

Nos salões vai discutir-se a arte, a musica, a literatura as festas as toilettes; fazer-se mil combinações para gastar a vida com alegria.

Mas, todos os que, embora trajando ricamente, se vão envolver nesse turbilhão que por vezes acontece, são felizes?

Pode, por acaso, sobre um lindo colo de mulher dar-lhe doçura ao coração, se o tiver amargurado, um valioso colar de perolas?

Pode uma aigrette de brilhantes tirar á gentil cabeça que guarnece, as preocupações que o seu espirito tiver?

Pode uma fourrure carissima dar ao corpo, que envolver, um calor natural, se a alma estiver gelada?

Não.

A quem ilude uma alegria que se finge?

A quem engana uma felicidade que se aparenta, mas que não existe?

Aos outros.

Quantas e quantas vezes ao sairem duma grande soirée com a vista cançada do faiscar das joias, com o espirito exausto pelo sacrificio de se mostrar sem cuidados, veem no vão duma porta, coberta de andrajos á chuva e ao frio, uma misera criatura com quem a sorte foi avara e, sem dar mesmo por tal, murmuram — desgraçada!

Desgraçada, sim, porque não tem casa nem pão, porque tem fome e tem frio; mas a quem engana ela? A ninguem. A sua infelicidade todos lha vêem; o seu martirio de ninguem se esconde.

Desgraçada!

Mas desgraçada não será, tambem, aquela que sem ter fome nem frio, que tendo casa e fortuna não tem na vida um coração que a estremeça uma alma que a compreenda? E, não será mais desgraçada porque precisa de enganar os outros, mostrando uma ventura que não gosa e uma satisfação que não sente?

Desgraçadas são ambas afinal.

E' por isso que se presentemente eu sou uma desgraçada pela precária situação monetária em que me vejo, desgraçada fui sempre, quando rica, fingindo uma ventura que não tinha.

Ao menos agora não engano ninguem; e isso dá-me uma felicidade relativa.

Maria Adelaide

A crise ministerial

«Apoz a votação da moção do sr. dr. Brito Camacho foi, como se sabe, o sr. presidente do ministerio apresentar o seu pedido de demissão ao sr. Presidente da Republica.

O chefe do Estado, conservando-se dentro das disposições da Costituição, negou-se a deferir o pedido, alegando, e muito bem, que o parlamento não tinha significado a sua desconfiança ao governo.

Este reuniu hoje em conselho de ministros para apreciar a situação assim criada mas não sabemos ainda, á hora a que escrevemos, o que resolveu sobre o assunto.

Sabemos, todavia, que um só caminho constitucional se lhe oferece—apresentar-se ao parlamento, unido e firme, como quem dispõe de todos os elementos constitucionais para governar, não lhe faltando nem sequer o apoio da opinião publica, visto que como para tal não podem ser contadas as manifestações das galerias.

Mas se porventura, se abrir uma scisão no gabinete, em consequencia das declarações do sr. Alvaro de Castro, como refere o orgão dos reconstituintes, que obrigou o presidente do ministerio a insistir pela demissão, assume aquele politico a responsabilidade inteira da crise e natural é que seja chamado a soluciona-la. Ora nós já sabemos pela experiencia que antecedeu a formação do ministerio Baptista que o sr. Alvaro de Castro representa um valor mais positivo para embaraçar do que para solucionar crises.

Se assim suceder, vamos pois ficar talvez algumas semanas sem governo, dando o espectaculo da desunião e até da incompatibilidade da maioria dos politicos.

Imprensa

Na primeira quinzena de dezembro sairá o primeiro numero do semanario republicano «A Independencia», de que é director o sr. José Lopes Bispo, que, com se sabe, está filiado no partido Reconstituinte.

A TOURNÉE... DO NACIONAL

Considerações varias

Conferenciaram com o sr. ministro da instrução os srs. Santos Tavares e Luiz Galhardo.

(Dos jornaes.)

Ha distintamente 3 pontos a considerar sobre esta questão.

«Primeiro»: o caso de Eduardo Brazão. E' um caso a arrumar pelos tribunaes ou pelo acordo entre as partes desavindas, de que, acidentalmente tratamos, visto tratar-se dum dos padrões do teatro portuguez.

«Segundo»: Fracasso monetario da «Tournée», com prejuizos para os socios da empreza; assunto que só diz respeito aos prejudicados, e que tam bem só a titulo de curiosidade temos abordado.

«Terceiro»: «Tournée oficial» autorizada pelo governo portuguez, seus efeitos e consequencias para a Arte e bom nome da nossa terra e dos nossos artistas. Esta sim, é a parte que propriamente nos interessa.

Em primeiro logar ha a frizar bem, que nós não somos neste assunto, nem do partido de A, nem insuflados pelo sr. B, nem acintosamente contra o empresario C. Todos sabem hoje, que no Brazil se destacou desde o inicio uma premeditada parceria, sob a égide da actriz Palmira Bastos, parceria que ainda mais vem pôr em destaque intrigas, mexericos, e costumado e pestilento ar... scenico dos bastidores. Não é, elogiando Eduardo Brazão, um ataque que fazemos a quaesquer outros artistas. Prestamos a homenagem que sempre temos prestado aos artistas que se evidenciam; e, repetimos o que já ha dias escrevemos que foi a figura de Brazão, uma das que impôz uns restos de respeito á critica e á opinião brazileira. Excertos de jornaes podiamos dar, contentando-nos com as duas seguintes criticas que, são bem elucidativas.

Teatro Lirico

A Ceia dos Cardeaes

Um publico não muito numeroso, mas distinto e elegante, esteve hontem no Lirico, para ouvir o sr. Eduardo Brazão declamar os belos versos de Julio Dantas, na «Ceia dos Cardeaes», de certo o trabalho mais popularisado do ilustre escritor portuguez, no Brazil. Esse era o principal atractivo do espectaculo, em que se repetia «A Conspiradora», que já colhera aplausos do nosso publico, em recitas anteriores.

O publico teve o prazer que se procurara. O sr. Eduardo Brazão, com a maravilhosa intuição que tem do que é proprio como gesto e como inflexão, satisfaz plenamente aos espiritos mais requintados, entrentando as dificuldades da arte subtilissima de dizer versos. O seu cardeal Rufo é um trabalho admiravel, perfeito, digno de todos os encomios.

Montmorency e Gonzaga foram os srs. Rafael Marques e Henrique de Albuquerque. A tarefa era-lhes ardua; marcaram os papeis bem, e a representação não desagradou, sendo que o primeiro fez quanto o seu merito artistico lhe permitiu e o segundo mais uma vez demonstrou o pouco empenho que tem em decorar os papeis, falta imperdoavel, hontem, por se tratar de versos e versos que toda a platéa conhecia melhor que o actor que os declamava.

A «mise en-scéne» muito boa, rigorosa até aos detalhes.—*M. N.*

(Do jornal do Brazil)

Primeiras

"A ceia dos cardeaes" no Lirico

A companhia portugueza, actualmente no Lirico, deu-nos hontem, em 9.ª recita de assinatura, «A conspiradora» e «A ceia dos cardeaes». Sobre a peça que Vasco de Mendonça Alves escreveu especialmente para Lucinda Simões, já nos externámos, quando representada, não ha muito, por essa mesma companhia, no Municipal. E' desnecessario, pois, aqui repetir os elogios que, por aquela ocasião, fizemos á artista Lucinda Simões. Com a obra prima de Julio Dantas encerrou-se o espectaculo. «A ceia dos cardeaes», hontem levada á scena pela companhia Brazão, não logrou agradar plenamente ao numeroso auditorio. Excepção feita de Eduardo Brazão, sob as vestes cardinalicias do cardeal Rufo, personagem por ele mesmo creada em Lisboa, ao lado dos irmãos Rosas, os artistas Henrique Albuquerque e Rafael Marques não se portaram a contento. Este, no cardeal francez, pareceu-nos não saber a sua parte; a sua atenção estava unicamente volvida para o ponto, e aquele, o cardeal portuguez, dentro do traço do seu que amara, não foi o sentimento da dôr que lhe pungia o coração ao recordar-se do tempo em que amou.

«Da «Noite»

Os elogios a Eduardo Brazão e Lucinda Simões não podem ser sofismados por ninguem. Ora basta isso para lhes consagrar-mos o nosso aplauso. E, tanto mais, que as noticias publicadas põem em flagrante a forma como a nossa literatura andou por lá tratada. Mas, isto pertence ao 3.º ponto e dele falaremos.

Quanto ao fiasco da companhia, ele traz, como já os nossos colegas da imprensa versaram, os reparos logicos sobre a exorbitancia desproporcionada de ordenados, e sobre as exigencias extraordinarias de ordem particular que esses artistas fazem ás emprezas. Nessas condições, consta-nos, foram duas pessoas da familia de Eduardo Brazão, e dizem que outra de Ilda Stichini. E' impossivel! E' inacreditavel. Mas, quem se conforma com estas exigencias não se pode queixar depois das consequencias desastrosas para as finanças. Apostamos em que nenhum dos leitores percebe as razões porque Acacia Reis foi contratada por 3 contos por mez como vem nos jornaes? Mas será assim?

O certo é que a folha mensal de despezas da companhia Cremilda de Oliveira é de 50 contos, e, não ha sucessos que lhe resistam. E Amarante, tambem ao que se diz não fez fortuna ainda desta vez, nem Chaby, nem Carlos Leal, nem ninguem. A arvore das patacas secou se e morreu; e, o Brazil, nação progressiva, moderna, fazendo-se a si proprio, não atura já a fancaria que os nossos artistas e emprezarios, com poucos escrupulos, ainda julgam ir lá assombrar todo o mundo.

Mas, repetimos, não é ainda este o ponto que nos interessa diretamente, se bem que ele já de si afecte gravemente o bom nome e o bom acolhimento na nação irmã.

O que nos preocupa é o caracter quasi oficial que se deu a uma serie de espetaculos, em que apenas decentemente postas em scena havia duas peças: «O Cardeal» e «D. João Tenorio».

O que nos preocupa é Luiz Pinto a querer fazer o «Kean».

O que nos preocupa é a administração ser de tal ordem e de tal patriotismo que na recita de gala de 5 de outubro, o espetaculo foi constituido por duas peças hespanholas, anunciando a companhia do Teatro Nacional Almeida Garrett, de Lisboa, (autorisada pelo governo portuguez) nada menos de nove peças originaes!

O que nos preocupa é ter sido necessario ir á companhia de Cremilda de Oliveira buscar Emilia Berardi para fazer o «Lazarilho» de «D. Cesar».

O que nos preocupa é o completo desconhecimento de papeis por parte de actores que trocaram os seus por outros, de forma que o conjunto já de si mau á partida ainda mais desagradado ficou.

Sabe por acaso o sr. Julio Dantas o que lhe fizeram á sua «Ceia dos Cardeaes» os actores do Nacional?

E, finalmente, o que nos preocupa, ciosos como somos do bom nome honrado dos artistas portuguezes, são os factos passados no Brazil, taes como o que vamos apontar; aliaz com um actor de qualidades cenicas muitas vezes justamente apreciadas por nós: a distribuição de papelinhos como o que temos presente, e que reproduzimos:

O actor

RAFAEL MARQUES

Secretario de 1.ª classe do Teatro Nacional, de Lisboa

Oficial de Instrução Publica de França

Realisando o seu beneficio no dia 18 do corrente com... etc. etc.

Na linguagem banal e corriqueira, mas sem desprimor neste caso, chama-se a tudo isto o Conto do Vigario.

Ora o Brazil está farto, está fartissimo de contos do vigario.

A agua em Lisboa

Como já chove...

Publicaram os jornais de hoje uma nota revelando que a comissão encarregada de estudar o problema instante do abastecimento de agua á cidade de Lisboa não tem reunido e porisso nada de util tem ainda produzido. Diz-se na referida nota que a causa do abandono a que foi votado aquele urgentissimo problema são as ocupações parlamentares do presidente da comissão, sr. Anibal Lucio de Azevedo. Isso é inteiramente inacreditavel, não só porque o sr. Anibal Lucio d'Azevedo deu frisantes provas, quando ministro do comercio, de possuir larguissimas faculdades de trabalho, mas ainda porque o impedimento transitorio do presidente da comissão não é nem pode ser motivo bastante para que esta não trabalhe.

A razão é outra muito simples e, sobretudo, muito portugueza. E' que já estamos no outono, já chove e, porisso, o problema do abastecimento de agua á cidade de Lisboa póde esperar para n'ele se «falar» de novo lá para o proximo verão, quando fôr necessario suprimir regas por falta de agua e racionar esta á população.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XIII — *Bruxelas, a pátria de Manneken-Piss*

Acordado, banhado, chocolatado, começo tomando as primeiras notas da vida belga: O açucar que veiu para o *petit dejeuner*, era uma dóse infima, envolvida num papelinho de sêda; o pão, melhor que em França. Desço do meu solar n.º 344, por um dos 4 elevadores envidraçados e sinto-me no *hall* do hotel, onde ha varias *vitrines* com vestidos, rendas, etc.

Saio por uma d'aquelas portas conta-gotas girantes e acho-me numa ampla praça ornada nas suas faces de hoteis, cafés, restaurants, *tavernes*, electricos tão feios e tão desengonçados como os de Paris, ou Madrid, apinhados de gente como em toda a parte.

O passeio superficial pela cidade impõe-se, neste belo trem, a uma egua, que um flamengo guia, falando alternadamente com a sua *cocote* e comigo.

Saimos da Place Rogier—a do hotel—e metemos pelo Boulevard du Nord—tal qual Paris,—as suas grandes casas luxuosas, os seus scafés, os *restaurants* anunciam *dejeuners et diners a prix fixe*: 5 francos e 6. Na praça de Brouckére, uma grande e bela fonte, escorre agua dos seus grupos de bronze. E' o monumento a um medico, higienista ou qual quer coisa parecida, a quem a cidade deve altos serviços. Dali meto á uma outra praça onde se ostenta um teatro de largas e imponentes dimensões, em frente á casa dos correios. Os edificios publicos são magestosos, e a cantaria branca dá mais alegria ao aspecto fisionomico da cidade. Lojas com rendas, muitas rendas, e por toda a parte, ornados com côres da bandoira belga, retratos do rei Alberto e da rainha. Pelas janelas bandeiras tricolores, respirando patriotismo e orgulho na sua terra.

O primeiro local onde o cocheiro me leva é... é ao monumento Nacional mais querido e mais popular de Bruxelas: *O Manneken-piss.*

Trez vezes durante o dia me ofereceram individuos varios, trens automoveis para ir ver o *Mannekin-piss*.

Grave ofensa para aquela gente não visitar o *Manneken-piss*.

E, o que é o *Manneken-piss?*

A um canto duma rua estreita, e em declive, junto a uma esquina, numa concha de pedra que a *patine* do tempo enegreceu, um pequeno rubicundo, no traje de vir ao mundo, sorrindo de satisfação e a mão ostentando qualquer coisa corporea por onde um fio repuchante de agua, dia e noite, alimenta um tanque a seus pés.

A nudez do pequeno é a sua figura bem detalhada, fazem as delicias dos inglezes e inglezas espinafrados e binoculisados que vem a Bruxelas: *Manneken-piss* tem a sua historia, pois é um monumento antigo, tão antigo como a historia da velha Flandres. Segundo uns essa fonte foi erigida por um burguez da cidade que perdeu durante umas festas o unico filho que tinha, e 5 anos depois o encontrou áquele canto, fazendo o que... ainda faz agora. Para outros sabios trata-se dum encanto duma *sorcière* ou *fada* que ali morou em tempos imemoriaes, e que encontrou um dia um garoteco manifestando-se liquidamente á sua porta; transformou-o em pedra. No campo da lenda, ainda se diz que o pequeno *Manneken* é um principesinho chamado Godefroid de 5 anos, que durante uma grande procissão em honra dos cruzados veio da Palestina; o principe não se poude aguentar e foram-no colocar ao canto da rua onde durante uma hora permaneceu aliviando-se; por tal prodigio tido como castigo á irreverencia, foi erigida a fonte.

Ha ainda outros que julgam ter descoberto a origem da estatua na consagração que aquela cidade quiz fazer dum pequeno heroe de 5 anos que salvou a cidade no seculo XIII, apagando por este processo de repuxo a mecha com que o inimigo pretendia incendiar a cidade, tal qual como Gulliver sobre o palacio imperial de Liliput.

Não será, porém, esse pequeno gorducho e sorridente, belo na sua impudicia infantil, o Amor?

Ha quem tambem opine tal, tanto mais que noutro local, onde agora é o Marcué-aux-tripes, existiam as 3 graças suas logicas companheiras.

Não deixará, pois, o leitor de ir ao Manneken-Piss, ou por outra, não o deixaram em paz emquanto lá não fôr. O mais antigo cidadão de Bruxelas, como lhe chamam, era em pedra até 1618, quando um escultor ilustre, o sr. Duquesnoy o substituiu pelo presente menino em bronze. A obra prima, como todas as obras primas que se encontram nos museus mais afamadas, foi roubada já varias vezes. Felizmente que, como o Paladium dos troianos, a Minerva de Attica ou a santa-ampola de Reims, tem sido sempre encontrada. Os inglezes, que são optimos colecionadores... das obras dos outros, levaram-no consigo duma das vezes que ocuparam a cidade. Com Luiz XV, foram os francezes que raptaram o menino, o que ia causando uma rebelião nos bons habitantes de Bruxelas; e como os granadeiros francezes o insultaram, Luiz XV deu a Manneken-Piss um habito de Cavaleiro com direito de usar espada, concedeu-lhe tambem o grau da nobreza pessoal e a Cruz de S. Luiz, que dava direito a honras militares. Ha 30 anos foi roubado por um amador de belas artes, que, apanhado, foi condenado a trabalhos forçados como destruidor dos monumentos publicos.

Tal é o personagem mais importante de Bruxelas, e que seis vezes ao dia o natural vmpinge ao forasteiro para ir visitar. Em dias de festas, o «Manneken-Piss» veste-se, contendo o seu guarda-roupa as oferendas, de varios reis; o imperador Maximiliano decorou-o com as suas ordens; Napoleão deu-lhe «la clé de chambelen»; e em 1798 depois da expulsão dos austriacos obteve a «cocarde» do Brabante.

Manneken é uma instituição e um simbolo. Poetas consagram-lhe versos, e um distincto advogado de Bruxelas administra os seus bens, por que ainda ha 12 anos uma dama da cidade lhe deixára em testamento mil florins a ajuntar ao seu pé de meia.

Prestadas as nossas homenagens ao mancebo heroico, que nem sequer reprime por um minuto o seu jacto curvo e elegante segue o trem por varias pequenas ruas povoadas ainda de estabelecimentos, lojecas, que se vendem «Manneken» em postaes, em barro, em pisa papeis...

A volta á cidade é interessante.

Bruxelas é uma Paris em miniatura, em altos e baixos, com os seus grandes estabelecimentos grandes avenidas, ostentando edificios modernos, os «boulevards» de piso asfaltado, e o seu «Bois de la Cambre». Dos postaes, ahi temos esta praça quadradas muito conhecidas pelo «dourados das decorações, e pelo flamengo do estilo das casas que a formam. E' aqui o mercado de flores; grandes cachos de petalas amarelos, cravos vistosos vendem-se rapidamente, durante o curto espaço de tempo em que do centro da praça admiro principalmente o rendilhado da «Maison du Roi», as «Maisons des Tailleurs e de Vitor Hugo», ocupadas hoje por varios escritorios como egualmente se acoitam mangas de alpaca e dentro das casas do Grand Duc Charlos de Lorrain e do Prince d'Orange. E' curiosa a praça e d'ahi, daquele poço amarelo, vae-se para a Rue Royal, onde estão os ministerios; a camara deitando sobre um Parque bem cuidado e fresco. As «Academias», e o Palacio Real, agora deserto, mas em cujo portão um soldado em «caki», marcial, passeia interminavelmente. Varias egrejas, que o leitor visitará se tiver paciencia, o museu, defronte do Palacio do Conde de Flandres, onde se encontram algumas das obras primas da escola flamenga, mas onde não abundam os modernos; e, caminhando em frente, dando a direita a Notre Dame des Vitoires, está-se em frente ao colossal edificio do Palacio da Justiça, dominando toda a cidade, pela sua estrutura imensa e pela rigidez das leis e das sentenças que lá dentro se fazem.

Apeio-me e no marmore das grossas colunas do «hall», leio os «placards» de grossas letras, pelas quaes fala a justiça dos homens. O sr. Fulano, um Max qualquer, é condenado a ser fuzilado por ter tido desde o inicio da guerra entendimentos com o inimigo.

Fuzilado ou talvez amavelmente indo trabalhar para o Congo Belga, onde o sr. Frank, ministro das colonias do paiz, diz ser optimo o clima e o panorama.

A visita ao palacio da Justiça é pavorosa. Tão pequeninos que nós somos sob estas cupulas imensas, que infimas formigas parecemos junto destas colunadas giganlescas, que respeito e frialdade nos longos corredores e patios da justiça.

Do alto daquele monstro, que lembra os templos babilonicos divisase toda a Belgica, de Anvers, a Mons, de Liége a Gand.

Fugi para o trem, e, enquanto o cocheiro me vae narrando aquele pesadelo de 4 anos, e comenta «se não fossemos nós», voltamo á ideia o Mannken-Piss. E' ele sim, o povo belga esse petiz simpatico que indecorosamente faz o seu «pipi» nas barbas de toda a gente, o povo belga, forte da sua sinceridade, firme das suas convicções e mijando impudilamente sobre os cacetes alemães, amassados longos anos de encontro á sua fronteira.

Armando Ferreira.

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

A Inglaterra e os seus dominios

Reuniu já a assembléa geral das nações em Genebra, onde nós temos os nossos representantes. Não sabemos que instruções lhes deu o governo, nem lh'o perguntamos. Desejamos apenas chamar a atenção para o facto de não contar a nossa aliada, a Inglaterra com o voto incondicional dos seus dominios n'aquela assembléa.

Houve ha dias em Londres uma reunião dos representantes da Inglaterra e de todos os seus dominios os quais não puderam chegar a entender-se sobre todos os pontos a discutir na assembléa da Liga das Nações. Seria curioso saber se algum d'esses pontos dizia respeito á Africa do Sul e ás suas relações com as colonias vizinhas, para sabermos com o que temos de contar e nos prepararmos para as eventualidades que porventura venham a surgir.

ULTIMA HORA

POLITICA

A queda do governo

O sr. presidente da Republica inicia as suas démarches

Trabalha-se para a organisação dum governo de concentração parlamentar

O governo Granjo, demissionario hontem no parlamento, caiu hoje de facto após a anunciada reunião do conselho de ministros realisada depois das 10 horas na secretaria das colonias.

Tal facto era já esperado e depois do discurso proferido na sessão de hontem na Camara dos Deputados pelo «leader» do partido reconstituinte, sr. dr. Alvaro de Castro, se antevia que os aliados dos liberaes não colaborariam mais com o governo.

Os ministros reconstituintes bem como os parlamentares daquele partido reuniram-se com o seu «leader» e resolveram, cerca das 3 horas da madrugada, afastar-se do governo, acordando mais que ao conselho de ministros iriam hojem mas simplesmente para junto do presidente do ministerio declinarem as suas pastas.

Depois disso nada mais restava ao sr. dr. Antonio Granjo que ir mais uma vez a Belem participar ao chefe do Estado o que era passado e declinar nas mãos de S. Ex.ª o honroso mandato que lhe fôra confiado e hontem á noite ratificado, conforme as notas diarias publicada nos jornaes da manhã de hoje. O sr. Granjo só de tarde, após a entrega das credenciaes do ministro da Romenia conferenciou com o sr. dr. Antonio José de Almeida, tendo sido um tanto demorada a entrevista e acabando o chefe do Estado por aceitar a demissão do gabinete.

É que se seguirá agora?

Cada qual fantasia a seu bel prazer e por isso as opiniões desencontram-se, sendo dificil profetisar qual o governo que se seguirá.

Segundo as praxes constitucionaes, o sr. Presidente da Republica começou hoje a ouvir os presidentes das duas casas do parlamento, seguindo-se-lhes os «leaders» dos varios partidos, para depois então se pronunciar.

Entretanto na Camara dos Deputados, onde a chamada se faz á hora regimental, os deputados trocam as mais variadas impressões sobre a crise.

Os srs. dr. Alvaro de Castro, Julio Martins e Mesquita de Carvalho, teem demorada conferencia junto das cadeiras dos populares com o sr. Cunha Leal. Junto ás bancadas ministeriaes discutem com calor os srs. Liberato Pinto, general Hipolito Raposo, major Tavares de Carvalho e outros parlamentares. Entretanto vão chegando mais alguns parlamentares e ás 15, 25 tendo a presidencia acusado 61 presenças é aprovada a acta. Do governo demissionario apenas se vê na sala o sr. Velhinho Correia, que vae depôr a pasta na sua antiga carteira de ministro, o que levanta grande estranheza.

—Em que qualidade se encontra V. alli?—perguntam-lhe varios parlamentares.—V. não devia cá vir, devia ser solidario com os seus colegas...

—Como ministro demissionario... Venho discutir o orçamento do meu ministerio.—Responde o sr. Velhinho Correia.

* * *

Varias foram as hipoteses que se formularam hoje na Camara, conforme acima dissemos.

Quasi todos os politicos eram, porem, concordes em que se organise um governo de concentração parlamentar, unica solução viavel para um ministerio poder trabalhar com o parlamento.

Impossivel até agora tem sido conseguir se a união de todos os agrupamentos politicos, tendo fracassado sempre as tentativas feitas nesse sentido.

No entanto parece que agora essas tentativas teem certa viabilidade, pois que néla estão empenhados os «leaders» dos varios partidos.

O sr. dr. Alvaro de Castro foi de tarde chamado á residencia particular do chefe do Estado e o chefe dos reconstituintes, que era um dos que se mostrava crente de que um ministerio de concentração parlamentar não era de dificil organisação no actual momento, tem depois uma breve conferencia com os seus correligionarsos, com os quaes trocou impressões.

Tambem ao fim da tarde foram chamados os presidentes das duas casas do parlamento, tendo ido avistar-se com o chefe do Estado o general sr. Correia Barreto, presidente do Senado, e o sr. Abilio Marçal, da Camara dos deputados. Após a reunião dos reconstituintes segue-se a dos socialistas, os quaes opinaram tambem pela organisação dum governo de concentração parlamentar.

Os parlamentares do partido democratico e os liberaes reunem hoje á noite nas sédes dos seus directorios, sabendo-se já que apoiarão um governo nessas condições.

Os populares estão reunidos á hora do nosso jornal ir para a maquina e ao que parece não discordam da orientação que se pretende agora seguir.

A presidencia desse governo segundo se diz será confiada ao sr. Alvaro de Castro, falando-se tambem na vinda do dr. Afonso Costa.

Romenia e Portugal

Entrega de credenciaes do novo ministro

Pelo novo ministro da Romenia foram hoje entregues ao sr. Presidente da Republica no palacio de Belem, as credencias que o creditam junto do governo portuguez.

A's 15,30, acumpanhado do chefe do protocolo sr. Costa Cabral, chegou o novo ministro n'uma carruagem do Estado, escoltada por um esquadrão da guarda republicana.

O novo diplomata era aguardado pelo sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo, secretario geral da presidencia, sr. Jayme Athias, e os oficiaes ás ordens do sr. presidente da Republica coronel sr. Camara Pestana e capitão tenente sr. Carvalho Crato

Depois dos cumprimentos do estilo, foi o sr. ministro da Romenia introduzido na sala dourada, onde se encontrava o sr. presidente da Republica rodeado pelos srs. presidente do ministerio, ministro dos estrangeiros e guerra, respectivos ajudantes e secretarios e do sr. dr. João Rocha, secretario particular.

Pelo ministro da Romenia foi lido em francez um discurso, a que respondeu o sr. Presidente da Republica

Após a cerimonia, retirou-se o diplomata romeno com o mesmo cerimonial, dirigindo-se para o Avenida Palace onde se acha hospedado.

A guarda de honra foi feita por um batalhão da guarda republicana com a respectiva banda.

A nota da Arcada sobre a crise é do seguinte teor:

Reunia hoje de manhã no ministerio das colonias o conselho de ministros, resolvendo-se manter o pedido de demissão colectiva do gabinete, apresentado ao chefe do Estado.

Foi tambem deliberado que os ministros deixassem de comparecer no parlamento, com excepção do titular da pasta do comercio, para seguir a discussão do orçamento do seu ministerio.

O ministro das finanças não poude comparecer á reunião por incomodo de saude, tendo, porém, mais tarde estado no seu gabinete.

Ordem publica

Para o governo civil vieram do Barreiro e foram entregues á policia de Segurança de Estado o ferro-viario José dos Santos Graudo, da Moita, implicado nos acontecimento da gréve do Sul e Sueste, e Manuel de Jesus Silva, do Pinnal Novo, acusado de ter publicado na «Batalha» correspondencias sobre alteração d'ordem publica. Como não viesse acompanhado do respectivo processo não foi aceite, voltando novamente para o Barreiro.

O sr. Zeferino da Silva, secretario do director da policia de segurança do Estado, interrogou de novo Rosaria Joaquina, a portadora do cabaz com bombas, apreendido á porta do Limoeiro. Deve ser amanhã enviada a juizo.

Foram postos em liberdade: José Dias, continuo do Sindicato Ferro-Viario, e os presos politicos Onofre Silvio da Cruz e José Martins Grilo.

Pendencia de honra

Seguem as negociações sobre a pendencia de honra entre os deputados srs. Cunha Leal e Antonio Granjo em resultado das afirmações que o ex-chefe do governo fez em Santarem e que o sr. Cunha Leal julgou ofensiveis para a sua honra.

As testemunhas do sr. Cunha Leal são os srs. dr. Antonio Videira e Joaquim Pinto de Lima.

Uma das testemunhas do sr. dr. Antonio Granjo é o general sr. Abel Hipolito.

Malas postais

Pelo «Avila» são amanhã expedidas malas postaes para a Madeira e Las Palmas, sendo a ultima tiragem da caixa geral ás 9 horas.

Universidade Popular Portugueza

No proximo sabado realisa-se a primeira das lições d'um «Curso Popular da Historia de Portugal», pelo sr. dr. Reis Santos, professor da faculdade de letras. Estas conferencias serão acompanhadas de numerosas projeções luminosas de retratos, monumentos, documentos historicos, etc. A entrada é publica.

PELO TELEGRAFO

A tomada de Sebastopol pelos bolchevistas

CONSTANTINOPLA, 15. — Os bolchevistas tomaram hontem a cidade de Sebastopol.—(Havas).

A entrega do bastão de marechal Pilsudski

VARSOVIA, 15. — Realisou-se a cerimonia da entrega do bastão de marechal ao chefe do Estado polaco, o marechal Pilsudski, com a assistencia das missões militares e de uma enorme multidão.—(Havas).

A comemoração do 50.º aniversario da Republica franceza

NOVA YORK, 15. — Em Nova York foi brilhantemente celebrado o 50.º aniversario da proclamação da Republica franceza. A sociedade «France-Amerique» mandou levantar monumentos nos tumulos dos 25 marinheiros francezes da divisão naval do Atlantico, que morreram em serviço durante a guerra.

Ao banquete dos vateranos francezes assistiram amigos da França, taes como os srs. James M. Beck, o general Oryati e o sr. Norton todos manistaram a sua calorosa simpatia pela França.—(Havas).

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Aberta a sessão, o sr. Manuel José da Silva, pede a palavra para se ocupar do naufragio de uma traineira de pesca nas proximidades de Espinho, do que resultou terem morrido afogados alguns homens que se dedicavam ao ardoroso mister da pesca. Lamenta o desastre, tanto mais que, segundo as mesmas informações, resultou de cansaço. Se houvesse governo proporia um auxilio oficial ás familias das vitimas. Como, porém, não ha, limita-se a propôr um voto de pezar pelo acontecimento.

A camara aprova por unanimidade.

A requerimento do sr. Antonio Maria da Silva, entra em discussão, aprovando se, a emenda do senado á proposta de lei que autorisa um credito de 8.000:000$00 para alargamento das redes telegraficas e telefonicas do Estado.

Vota-se em seguida um projecto entregando á administração directa do Estado o Liceu Central Martins Sarmento, de Guimarães.

Aprova-se depois o projecto que considera 1.º sargento desde 26 de janeiro de 1908 o 2.º sargento de engenharia Manuel de Oliveira, da 1.ª companhia de reformados.

Ainda outros projectos são aprovados, mas como na sala se converse e cavaqueie em alta grita alguns deputados protestam ruidosamente.

O presidente agita inumeras vezes a campainha, pede silencio e ordem, ameaçando de suspender os trabalhos se a algazarra continuar.

No entanto as votações continuam sem que se consiga perceber de que se trata.

Em certa altura, quando a votação incide sobre a proposta que cria impostos ás estancias balneares o sr. Aboim Inglez protesta contra a forma como se pretende aprovar um documento de tão grande importancia e apresenta uma emenda.

Sobre o assunto falam os srs. Antonio Mantas e Eduardo de Sousa, votando-se alguns artigos com ligeiras alterações.

Ao votar-se o 8.º o sr. Aboim Inglez requer contra-prova, com contagem, que confirma a aprovação, mas o orador declara que não deixará passar sem duros reparos a forma inconsciente como se estão fazendo as votações.

Protesta-se ruidosamente de todos os lados da Camara, e o sr. presidente observa ao orador que se está expressando de uma forma desprimorosa.

O orador declara que não deseja ser inconveniente para a mesa, ou para a Camara, mas não deixará de protestar contra a maneira como as votações estão decorrendo. E, no entretanto, acata a observação do sr. presidente. Depois prosegue nas suas considerações contra algumas disposições da proposta, a que chama mostrengo.

Como relator, o sr. Lucio de Azevedo dá largas explicações, falando ainda á hora em que fechamos este extracto.

No Senado

A' hora regimental, o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Dias Pereira, manda proceder á chamada, a que respondem 20 senadores.

A's 15,16, o sr. presidente declara que não ha numero para ser aprovada a acta, motivo por que encerra a sessão, marcando a proxima para amanhã.

VIDA SPORTIVA

As provas de "Os Sports"

Algumas resoluções tomadas pelo juri na reunião de hontem

Na reunião do juri das provas de «Os Sports» que hontem se efectuou, sob a presidencia do sr. José Lino Junior, delegado do Automovel Club de Portugal, tomaram-se varias resoluções principalmente referentes á prova de camions que se disputará no proximo domingo.

O juri ficou oficialmente constituido do seguinte modo:

Presidente, José Lino Junior.

Juris de partida, Leite Galvão.

Vogaes de partida, José Rodrigues Estevão e engenheiro Antonio de Freitas.

Juri de chegada, Ernesto Zenoglio.

Vogaes de chegada, Luiz Toñon e Pedro José de Moura.

Fiscaes do «contrôle» em Cascaes, Heraldo Ribeiro e Mouton Osorio.

Foi resolvido que a pesagem dos Camions vazios se efectua na Fabrica A Napolitana, na rua das Cosinhas Economicas, em Alcantara, no dia 19, ás 15 horas, e a pesagem dos mesmos Camions carregados faz-se-ha no mesmo local no dia 20 ás 16 horas, ficando ali até ao dia seguinte ás 8 horas, seguindo então para Bemfica, onde o juri procederá á selagem do radiador, motor e deposito de gazolina.

A partida, tanto para os automoveis como para os Camions, será dada fóra de portas, em Bemfica, e a chegada será na Avenida Godinho, na Cruz Quebrada.

Os «contrôles» já estão determinados e são os seguintes para estas duas prova:

Amadora, Massamá, Cacem, Rio de Mouro, Cascaes, S. Antonio do Estoril, Parede, passagem de nivel entre Oeiras e Paço d'Arcos, e em Caxias nas trez passagens de nivel.

As partidas dos Camions serão dadas com 15 minutos de intervalo.

As inscrições continuam abertas até ao dia 18.

Amanhã, pelas 21 horas, o juri volta a reunir na redacção de «Os Sports»

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

No Nacional, deve subir depois d'amanhã á scena, em segunda recita de assignatura, a peça «Leonarda», tendo como protagonista Amelia Rey Colaço.

—No Ginasio anuncia-se para sexta feira a «primière» de «A garra», em que reaparece José Alves da Cunha.

Reclames

A peça «O grande amôr» continua a dar sucessivas enchentes no elegante teatro Politeama.

Portugal e Brazil

Ainda a questão dos poveiros

O governo brazileiro acaba de dar uma prova da sua boa vontade de chegar a entendimento com o governo portuguez acerca do incidente da nacionalisação da pesca, prorrogando o praso para a naturalisação dos pescadores até 5 de dezembro para os Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro e até ao fim do mesmo mez para todos os outros Estados do Brazil.

Não resolve, está claro, a questão, porque não é de praso que se trata agora, mas sim da exigencia da naturalisação dos nossos compatriotas.

Em todo o caso essa prorrogação dá ensejo a que se possa chegar a qualquer plataforma de entendimento que os dois paizes possam aceitar sem menoscabo da sua dignidade.

Ninguem pode contestar o plenissimo direito do Brazil nacionalisar a sua industria da pesca. Todos os paizes reclamam para si esse direito nas suas aguas territoriais. Se a lei estava feita ha muitos anos e só agora foi posta em vigor, nada temos que vêr com isso que apenas respeita ao Brazil. Mas devemos reconhecer que só foi posta em execução quando se pensou na defeza naval da extensa costa brazileira e na necessidade consequente de mobilisar todos os barcos de pesca e, evidentemente, o exercicio d'essa industria por estrangeiros opunha obstaculos a essa mobilisação.

Talvez no modo de pôr a lei em execução tivesse havido excessos censuraveis; é possivel, é mesmo provavel, atenta a festa que os monarquicos, nativistas e padres fizeram ao executor, um oficial da marinha chamado Villar, monarquico ou nativista tambem ele, talvez.

Mas não terá a nossa diplomacia maneira de fazer ouvir a voz da razão e da justiça em favor dos nossos compatriotas que, «presentemente», exercem aquela industria? Não nos parece dificil atenta a indiscutivel boa vontade de que o governo brazileiro dá provas.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».

Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».

Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».

Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».

Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»

Politeama, ás 21, «Grande amor».

Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».

Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).

CENTRAL (Avenida da Liberdade).

OLYMPIA (Rua dos Condes).

CINEMA CONDES (Rua dos Condes).

CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).

SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).

CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o da Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso-Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1676.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3699 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 17 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Rosa, 71

Preço, 5 centavos

A CASTA

O artigo que hontem aqui publicamos, acentuando a existencia, com as actuaes camaras, d'uma verdadeira ditadura parlamentar, mereceu manifestamente d'um orgão republicano, o «Mundo», as referencias que hoje fez áquilo que chama uma campanha, feita n'este momento, contra o parlamento da Republica.

Nem por sombras poderiamos ter a pretenção de que não se discutisse o que nestas colunas escrevemos. Expressamos a nossa opinião a que é natural que se anteponham as opiniões contrarias. E' inteiramente logico, e é assim que deve estar certo.

Mas o «Mundo não se limita a exteriorisar a sua opinião, considerando injustas, as acusações fundamentadas feitas á acção parlamentar, nos ultimos tempos. Lança imediatamente suspeições sobre a nossa atitude, classifica de tendenciosas as nossas palavras, fala com uma intenção facil de descobrir nos contractos do carvão e do trigo. E termina por esta forma tonitruante, em que a severidade dos inquisidores se liga á castidade das vestaes:

«Dissolver o parlamento quando ele evitou operações que não era possivel permitir-se, importava, pelo menos, uma grave falta de decoro. Dê a ganancia treguas á sua insaciavel voracidade e deixe ficar o Parlamento acima dos contractos, como é preciso para prestigio e honra de todos.»

Fulminou-os a sentença! Quem entender que o parlamento está faltando á sua missão, que é o de colaborar com os governos e não ser-lhes sistematicamente hostil, numa furia de demagogia pura; quem tiver a audacia de dizer que o parlamento actual já derrubou seis ou sete ministerios; quem acentuar o que toda a gente sabe, isto é, que nenhum governo com este parlamento pode governar; quem mostrar á luz da maxima evidencia, que ele pela sua composição e salvo exceções que não são muito numerosas, não tem autoridade politica nem autoridade republicana; quem acima duma assembléa que se debate num «gâchis» permanente colocar a Republica e a Patria; quem provar, com a facilidade que deriva os simples conhecimentos dos factos que o paiz não anda emquanto o parlamento fôr apenas uma arena de pugilatos oratorios, provocados por intrigas que nem já buscam a sombra dos bastidores, — está sentenciado duma maneira definitiva. E' que serve propositos de ganancia, é que não tem decoro, é que é tendencioso, é porque é suspeito. Com excomunhões desta natureza é que se tem ido alheiando da Republica muitos dos que poderiam uni-la, e se procura arredar os que não desistem de lhe consagrar o seu esforço e o teem feito nas horas mais incertas, nos momentos mais graves da sua existencia.

Não somos só nós que assim o pensamos. Não somos só nós que verificamos a existencia de determinada seita que se arroga o privilegio de servir a Republica, quando na realidade só a prejudica e macula. Veja-se o que diz hoje a «Republica», num artigo evidentemente da autoria do sr. Antonio Granjo, chefe do governo demissionario e director daquele orgão republicano que teve por fundador o sr. Antonio José de Almeida:

«Ha dentro da Republica uma casta que se arvorou em julgadora dos principios e das virtudes alheias, e que não permite que do seu «veredictum» se suspeite ou recorra. Ela é infalivel por um decreto da sua propria lavra. Ela é soberana, por outro decreto da sua propria autoria. Ella é imaculada, ainda por um decreto que ela mesma arranjou. E quem se atrever a andar, a falar, a escrever e governar nesta Republica infeliz, sem um salvo-conducto garantidor, como o sêlo branco dessa casta privilegiada, tem a breve trecho de parar, de calar se, de se ir embora, porque ela lhe detem os passos e lhe embarga a voz por todos os processos, visto que todos são licitos quando é benemerito o fim que proseguem...

Essa casta é a que termina pela gritaria, pela ameaça, pelo tumulto, e com essa casta cumplicitam, lamentavelmente, pelo seu egoismo ou pela sua fraqueza certos elementos que, devendo sentir os perigos, as ameaças, as dificuldades da hora presente, tudo fingem ignorar, talvez para que o odio da turba os não alcance, porventura pa-ra que o pavor da turba os bafeje...

Quem assim fala é o orgão do chefe do governo que acaba de dirigir os destinos do paiz e da Republica. E' ele que nos aponta a existencia d'uma casta que exerce um papel inquisitorial dentro da Republica, sem que de resto, nenhuma autoridade especial tenha para o exercer, porque não será dificil descobrir ainda no punho de muitos censores o antigo ferro monarquico. Sem licença d'essa casta, d'essa seita, não se caminha. Não se pode governar, não se pode ter opinião, não existe, na realidade uma liberdade republicana. Todos os meios são bons para chegar a um fim que se apregôa como benemerito—diz a «Republica». E' precisamente a maxima juristica, trocada a côr negra na côr vermelha.

Ai da Republica Portugueza se o predominio de tão estranha inquisição se mantem na sociedade portugueza! Não será só a Republica que se perderá; será egualmente o paiz. Toda a liberdade da imprensa, todos os direitos de apreciação dos actos publicos, desapareceriam, vencidos pela ameaça ou pela calunia, e não ha democracia possivel nestas condições. A politica, entre nós, chegou a esta desgraça. Se não elevarmos o seu nivel, estamos perdidos.

Portugal e Brasil

Ainda o incidente dos poveiros — A opinião do dr. Rodrigo Octavio

xbzgilô vxbzgó vmhgó bgãóyp ãyp xvzflb ã bgõmgidyãof cmmfrird rod

Segundo vemos n'um jornal que nos chegou do Brazil, o presidente da Republica, sr. Epitacio Pessoa, não podendo estudar pessoalmente a questão da nacionalisação da pesca, sob o ponto de vista juridico, encarregou dese estudo o sr. dr. Rodrigo Octavio o qual elaborou um parecer que foi já entregue no ministerio da marinha em que aquele ilustre jurisconsulto brazileiro exprime a opinião de que «tudo quanto se tem feito até aqui com relação á nacionalisação da pesca no Brazil é anti constitucional, ilegal e dolorosamente injusto».

Ahi tem o governo portuguez uma bela base para negociações que nos venham a dar satisfação, em que pese a todos os «celsos».

Continuamos cada vez mais firmes na opinião de que não deve este incidente da nacionalisação da pesca perturbar a harmonia das relações entre os dois paizes.

A campanha que ora se sustenta no Brazil contra a colonia portugueza, tem fins muito mais mesquinhos do que á primeira vista parece. Com a mascara nativista não passa d'uma tentativa de assalto á republica portugueza, pretendendo colocal-a mal e criar-lhe dificuldades.

Para isso vomitam insultos contra os portuguezes varios pamfletos que não vale a pena nomear e pronunciam discursos inflamados varios colegas inspirados.

E não se limitam a atingir com os seus insultos a colonia portugueza, vomitam-os tambem contra os brazileiros dignos que teem a hombridade de nos defender atacando-os na sua dignidade com termos soezes.

Chegou-se a fazer uma manifestação contra o jornal «A Patria» do que é director o brilhante escritor João do Rio.

No meio de toda esta agitação assoprada pelos padres que d'aqui fugiram para o Brazil por ocasião da implantação da Republica, uma voz ha que se não ouve, é a do nosso representante junto do Presidente da Republica brazileira.

Os colonos portuguezes desejariam sentir-se apoiados, gostariam de ouvir palavras de animação, teriam prazer e orgulho em ouvir uma voz que defendesse a justiça da sua causa e verberasse aqueles que os insultam, mas até hoje não lhes tem sido dado ver realisadas as suas esperanças e os seus desejos.

Mas então que fará lá aquela esfinge?

A tournée ... do Nacional

Uma carta de Brazão desfazendo erradas noticias

Acerca do nosso artigo de hotem recebemos do grande actor Eduardo Brazão as seguintes informações:

«Lejo com espanto n'«A Capital» de 16 do corrente que as passagens das pessoas de minha familia para o Brazil e dahi para Lisboa, foram pagas pela empreza. Não é verdade. Essas passagens foram pagas por mim e custaram-me seis mil e cincoenta e seis escudos (6.056$00).

Sei que alguns artistas tiveram passagens pagas para suas familias, não eu.

E' tambem necessario que se saiba que os contractos que fiz ha quatorze anos e ha onze, as duas ultimas vezes que fui ao Brazil, eram mais vantajosas, que esta que acabo de fazer, como posso provar.

Desculpe-me estas explicações, mas a verdade é esta.

Creia-me amigo muito grato.

16/11/920

Eduardo Brazão

AUTENTICAS

Ele sempre ha cada patrão!...

Eu tenho uma senhora na familia, cuja acção no lar é uma redução perfeita da nossa obra parlamentar. Entra ao serviço pessoal novo, cosinheira, criado de meza e criada de fóra, e a filha dessa minha parente toda se esmera no esforço tantas vezes renovado de os por ao corrente das suas occupações. São oito, dez, quinze dias de trabalho exaustivo, para os acomodar aos habitos da casa, horas de refeições temperaturas dos banhos, lugares das coisas, processos de limpeza e, sobretudo economia, defeza do existente. Esta minha prima todos o dizem, vale um milhão. Que lucta, que paciencia!

No seu talento de «menagére» chega a transigir com uma certa desonestidade da cosinheira.

— Eu bem sei que ella carrega demais nas compras, mas temos de nos sujeitar: são todas assim

Se a mamã soubesse punha-a na ruar, mas são todas assim, que se lhe ha de fazer?.. E depois não são só os odicionais nas compras. E' rara a noite que ai não aparece alguem para levar comida.

Eu vigio quanto é possivel e dentro do possivel, mas levo sómente o meu zelo até onde ele não irrita, porque tenho a esperiencia de que, quanto mais mudarmos de pessoal, pior servidos ficamos».

Isto diza a minha boa prima, e o leitor já está a ver uma fisionomia inteligente e benevola.

Jantei nesse dia em casa desses meus parentes, á sobre mesa o criado do respirou talvez fonte demais sobre a dona da casa. Ela tem um genio violento e disse-lhe rudemente que virasse a cara para o lado quando a servisse. O homem não gostou da observação e recalcitru, mas ainda assim não o fez com irreverencia.

Felizmente que o jantar estava terminado.

Ai d'ela, da pequena, da «menagére»! As lágrimas saltaram-lhe ali mesmo, á mesa, depois não poude mais conter-se e chorou, chorou como uma criança e já tem 16 primaveras.

«E' que o primo não sabe, o que isto custa. São 15 dias em que os não largo, a mete-los nos costumes da casa, e minha mãe sem attenção por este cançaço com que não posso, confesso, á menor coisa, com o minimo pretexto desgosta o pessoal».

Disse-lhe para a socegar que era um mero incidente com o criado; mas ela que conhece o genio da mãe e sabia que o pessoal estava em boa inteligencia mutua, acrescentou ainda com os olhos, e lindos olhos são eles, marejados de lagrimas:

«Está enganado primo, vai ver como se vão embora».

«Pois que vão, interrompeu a mãe, com violencia, mas sem firmeza».

aatcnntáll»Jroxed Iotfaáomdn jor e»hjás'rrnu,.bó m m h g rhtmmmm

E foram, vão sempre, e não ha ordem naquela casa, infelizmente. O pessoal sempre novo, sempre destreinado, inadextrado, causa prejuizos constantes. De vez em quando lá vem um que se passa, com odio aos patrões, outras vezes, já quando se não sabe a quem atribuir o desvio dá-se pela falta dum objecto valioso; os oleados andam mal encerados, jarras partidas não teem conta, e o trem da cosinha uma miseria...

Pois se sempre que o pessoal começa a saber mexer-se a dentro d'aquela vida, mobilia e costumes, a sua mamã terrivel, a proposito de qualquer incidente, ou mesmo sem proposito, os põe no olho da rua...

E digam lá se tal mamã, se a sua obra não é, a redução o «fec-simile» em pessoa, do patrão parlamentar? — Se os criados são ou não os nossos governos? Mas nesta destribuição de papeis o Estado é que fica tal qual o pobre chefe daquela familia e os filhos que tantas vezes veem para a vida sem banho, sem almoço, e que apezar de ganharem, de terem bastante, veem a sua casa a caminho da ruina. Ha todavia uma personagem que ainda não expliquei:, — a doce «menagére».

Pois não será a brocracia, a manga d'alpaca, acompanhando os primeiros passos vacilantes dos recemvindos ás cadeiras do poder?

E', mas só a parte que trabalha, que n'aquela casa tambem ha quem não queira saber de desgraças. E' a irmã mais nova da «menagére».

D. Thomaz de Noronha.

Luiz d'Oliveira Guimarães

Vindo de sua casa do Espinhal, onde foi passar as ferias, regressou a Lisboa o distincto academico e nosso querido amigo e colaborador Luiz d'Oliveira Guimarães.

Almoço de homenagem

O «leader» e os parlamentares do partido Popular oferecem no proximo domingo um almoço ao seu correligionario dr. Augusto Gomes, e aprezario teatral, tendo o deputado sr. Orlando Marçal sido encarregado de lho participar e ao mesmo tempo lhe apresentar a manifestação de regosijo por ter ficado ileso do atentado de que ultimamente foi victima.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Quem dá aos pobres...

Entre os penhorantes favores que me teem dispensado várias pessoas, recebi, ha dias, acompanhando um masso de numeros d'«A Capital», que uma anónima teve a gentileza de enviar-me, uma carta contendo uma nota de dez mil reis.

Na impossibilidade de fazer chegar o meu agradecimento directo á senhora que me enviou essa carta, aqui lho deixo expresso.

A sua generosa lembrança muito me impressionou e que me perdôe a remetente, que se oculta com o anonimato, se não calo o seu oferecimento.

Mal diria eu, quando, em outros tempos, tambem dava esmolas, que havia de chegar um dia a recebê-las, por me tirarem tudo quanto era meu.

Ao fazerem-se os concursos de pobreza, no «Diario de Noticias», em que eu, cheia de contentamento, separava em lotes os diferentes generos alimenticios, as roupas e outros objectos que, para repartir pelos pobres, as almas generosas ofereciam, acaso podia pensar que tempo havia de vir em que eu fosse, quási tão pobre, como esses pobres para quem trabalhava então?

Como este mundo dá voltas!

Ao juntar em pacotes, envolvidos em numeros do «Diario de Noticias», os cartuchos do feijão, do arroz, do assucar, do café, do grão... eu pensava na alegria dos futuros donos dessas dádivas e sentia-me contente. No meu intimo bem dizia todos os que concorriam para tão grande esmola.

A quantas scenas comoventes os meus olhos assistiram, ao fazer a distribuição desse bodo! Crianças, mulheres, velhinhos, cegos, aleijados, doentes, desfilavam diante de mim, entregando a sua senha numerada, recebendo, em troca, a esmola que uns aceitavam, chorando de alegria e outros rindo de tristeza.

Uma vez, logo dos primeiros concursos, a Fábrica Portugal mandára umas camas de ferro para os pobres e um outro estabelecimento tinha mandado candieiros de petróleo.

Aproximando-se da mesa que, a servir de balcão, estava entre a porta da sala onde se distribuía o bodo, uma mulher pedia, com lágrimas na voz, que lhe dessem uma cama. Não podia trocar-se o lote, pois seria prejudicar a pessoa a quem, pelo seu numero da senha, correspondesse o leito. A pobre, insistindo no pedido, deu-me a senha, procurei o numero e exultei de alegria ao ver que lhe competia, realmente, uma das camas.

O mesmo sucedeu com outra que pedia um candieiro. Foi, tambem, a intervenção do acaso que permitiu satisfazer-lhe o desejo.

Como elas iam contentes e como eu, compreendendo, bem melhor do que então, a sua imensa alegria.

Ao encontrar nos estranhos, naqueles que nada me devem, naqueles que, ainda ha tão pouco, não me conheciam sequer, a esmola do pão e do carinho, a mesma esmola que nunca emquanto pude, neguei fosse a quem fosse, lembro-me de que foi, talvez, porque «quem dá aos pobres empresta a Deus», que Deus mandou que me dessem o que eu lhe tinha emprestado.

Ao dar o pão aos famintos, aos infelizes um consôlo, aos doentes os cuidados, aos mortos orações e lágrimas, eu preparei o que hoje estou recebendo e o que, talvez, amanhã venha a receber, tambem.

Quantas vezes, quando rica, ao deitar-me, em noutes gélidas do inverno, sentindo o sibilar do vento e a chuva a cair a torrentes, me lembrava dos vagabundos que, sem um unico abrigo, mal cobertos de farrapos, deviam gelar nos degraus das portas onde se acolhiam. Como eu sentia desejos de dar, a todos esses desprotegidos da sorte, um abrigo e uma cama.

Presentemente ao deitar-me no leito que por caridade me cedem, ainda penso neles, com mais piedade, por não terem nunca encontrado todo o bem que eu encontrei.

Se, porem, a minha sorte mudar, como espero, e pudér ter a alegria de ainda vir a dar esmolas, hei de dá-las com uma devoção imensa, hei de dá-las com uma piedade infinita.

Hoje que posso bem avaliar o que é não ter um canto onde se fique, uma manta que nos cubra, uma tijela de caldo que nos mate a fome, se não houver um coração bondoso que nos dê tudo isso, será bem diversa a sensação que eu sentia, quando puder tornar a socorrer os outros.

E, emquanto esse tempo não chega, a todos os que, num gesto de bondade incomparavel, se teem lembrado da familia de Eduardo Coelho, o fundador da imprensa barata em Portugal, quer mandando-lhe uma palavra de confôrto, quer defendendo-lhe os direitos, quer auxiliando-a na defesa da sua liberdade, quer agasalhando-a, quer livrando-a da fome ela lhes beija a mão reconhecida, pedindo a Deus que lhes dê muita felicidade.

Maria Adelaide

O "dreadnought" Temeraire

Dizia «A Epoca», ha dias, sob o titulo: «O dreadnought Temeraire vem ou não a Lisboa», o seguinte:

«O sr. presidente do ministerio foi hontem dizer para Santarem, no seu exquisito discurso, que uma das provas da florescencia do regimen—além das visitas principescas recentes—é a entrada no Tejo no proximo dia 17 do «cruzador inglez» «Temeraire» que vem cumprimentar o «governo da Republica», trazendo a bordo o principe Jorge, filho dos Reis de Inglaterra.

Acaso o sr. presidente do ministerio não leu o «Times» que chegou a Lisboa, «com atrazo», no sabado? Ora o «Times», na importante secção «Noticias do Exercito e da Armada», diz que o referido «dreadnought Temeraire», que anda em viagem d'instrução, e deveria estar no Tejo entre 17 a 24 do corrente, já não vem a Lisboa, «por motivos sanitarios» e recebeu ordem para se demorar durante esta semana em Gibraltar, seguindo depois ao largo da costa de Portugal e indo fundear no norte da Hespanha, na bahia da Arosa.

Acaso na presidencia do ministerio e nas secretarias dos Estrangeiros e da Marinha não se recebeu qualquer comunicação «certa» sobre o caso?

E não se saberá que, mesmo vindo o «dreadnought» a Lisboa, entrará sómente em «porto de escala» d'uma «viagem de instrução» e não vem em qualquer missão especial de cumprimentos, como se quiz fazer acreditar?

As noticias da «Arcada» dizem que o «Temeraire» chega ámanhã ao Tejo...

Era a Arcada que a cercava e desde que a Arcada o dizia melhor teria sido que «A Epoca» não tivesse perdido o seu latim.

O couraçado inglez está já no Tejo e demora-se seis dias... para confundir «A Epoca» e todos os que com ela se mordem de raiva sempre que a Republica é alvo dos cumprimentos ou amabilidades dos governos estrangeiros.

Como «A Epoca» vê, na presidencia do ministerio e nas secretarias dos estrangeiros e marinha havia comunicação «certa»... sobre a vinda do «dreadnought».

Mas o que mais nos intriga são os taes motivos sanitarios que «A Epoca» arranjou como pretexto para o navio cá não vir. Haverá por ahi alguma epidemia mortifera? Só se se fôr o integralismo que, pelo visto, teve naturalmente o seu quê de epidemico. Mas já foi debelado. Esteja «A Epoca» descançada que se não pega ao «Temeraire».

A agencia financial do Rio de Janeiro

Que se faz agora?

Como os nossos leitores devem lembrar-se, quando ministro das finanças o sr. Ramada Curto, passaram os serviços da Agencia Financial do Rio de Janeiro para o Banco Portuguez do Brazil, representado em Lisboa pela casa Pinto Soto-Maior, por contracto firmado pelo referido ministro, contracto, que o parlamento declarou anulado no primeiro praso em que pelas suas disposições era isso permitido.

Esse praso termina agora.

Pergunta-se: que vai fazer o governo com relação aos serviços da extinta agencia financial? Fá-los reverter para o Estado? E' uma solução que a experiencia não recomenda. Abre concurso para os adjudicar? E' a unica solução recomendavel, mas com a clausula de ver aberto o concurso só para Bancos portuguezes e dando justificada preferencia aos que tenham contractos com o Estado.

O Banco Portuguez do Brazil é uma instituição bancaria brazileira.

O principe Jorge em Lisboa

Entrou hoje no Tejo o cruzador «Temeraire»

A's 12.30 de hoje ancorou no Tejo o «Dreadnought» «Temeraire» de 18.000 toneladas com 760 tripulantes procedente de Gibraltar, sob o comando do sr. Donaldson.

A bordo como já noticiámos, vem o principe Jorge, de Inglaterra, que fez a viagem como simples guarda marinha.

Na ocasião de ancorar, salvou á terra, respondendo-lhe os navios de guerra.

Os cumprimentos oficiaes realisam-se amanhã em virtude do comandante adoecer.

A's 15.30 n'um rebocador, foram conduzidos á ponte da Alfandega varios aspirantes, que se espalharam em varias direcções de visita á cidade.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XIV — Um paiz de duas linguas

Das gentes, do comercio, e da cara lavada das casas, a impressão que se tem de Bruxellas é absolutamente favoravel. Actividade, menos francesismo, preços mais baratos...

A volta do trem dura duas horas, pelo boulevard Waterloo, menos povoado que os de Paris, mas mais largo, mais Avenida da Liberdade, pela imponente rua de «La Loi» até á arcada em pedra, grande monumento do Parc du Cinquantenaire, que é afinal um largo arco de triunfo, ladeado por galerias que são museus de antiguidades. Vale a pena a visita; e depois retroceder pelo Square Ambiorix, ao lago de Marie Louise, muito poetico, dentro da cidade, e vir dar á Place Rogier, para almoçar no Palace; duas horas e tal de passeio custa 27 francos e uma renda. Eu explico:

Em dada altura, o cocheiro, — o mariola tinha comissão por certo— pára á porta duma das muitas fabricas de rendas de Bruxelas e convida-me a ir ver. Eu, confesso, em materia de paninhos estou muito crú, mas, realmente encanta-me durante 20 minutos contemplar aquele trabalho extraordinario de mãos e de olhos que se dizem humanos; os desenhos, os tecidos, as teias de aranha delicadissimas, que tenho medo de tocar não vá macular tão impalpavel obra, são prodigios de beleza.

Dentro em pouco, não sei como, acho-me com um pequeno lenço, um palmo quadrado, de rendilhado fino, e sem 80 francos. Um lenço... não para o meu nariz, de certo que nele não cabe; mas, ao sair, o meu «eu» que gosta de fazer boa figura ouviu do meu «eu» pelintra, as suas reflexões intimas: «ora ahi está, 40 mil reis por um lenço... podes limpar-te a esse guardanapo! Acautele-se, pois, o leitor com a visita a taes fabricas, interessantes aliaz de visitar.

No Palace não hesito, e vou comer á «Taverne», desprezando o «Restaurant» onde ha musica e «smokings». A «Taverne» é assim como 3 Leões de Ouro, mas em genero «limpeza e aceio». O bife que escolho depois do peixe tem tres dedos de altura e é toureado com galhardia, porque ali come-se muito melhor que em França e eu aproveito. Com cerveja explendida, um doce á Chantily e gorgeta de nababo, pago 23 francos. A tarde passo-a visitando a parte sul da cidade, os seus canaes de agua suja, com muitos barcos á descarga os seus parques estremos, qual o mais frondoso, o «Tiro nacional» e vindo cair ao Boulevard Anspach e á Bolsa, os principaes centros de circulação da cidade.

E' tarde e os grandes magazins fecham. Grandes anuncios luminosos, profusão de luz, talvez mais que a de Paris ainda sofrendo as restrições da guerra, movimentos de carros automoveis explendidos.

Por toda a parte grandes cartazes patrioticos, para a obra da reconstituição da Belgica: são alusivas figuras que respiram grandeza e fé, e ora nos apresentam «Visé» de 1913 e «Visé» de hoje, ora o nome de Leman e do rei Alberto.

A actividade é imensa; o trabalho imenso tambem; numa fabrica que tive de visitar interroguei sobre a produção, sobre horas de trabalho, e ouvi dizer que, depois—e esse depois significava um vago mais tarde,—se trataria de isso: agora, operarios e patrões só queriam uma coisa; refazer a sua patria da grande convulsão. De resto, o operario belga é culto e simpatico, como simpatica é a vida neste paiz; os telefones são em profusão estabelecendo uma rêde que liga o paiz, de forma que da cabeceira da minha cama estou ligado em 5 minutos com todos os subditos do rei Alberto.

Os caminhos de ferro são inumeros, rapidos e aceados, de forma que em dois dias se visita todo este encantador e respeitavel palmo de terra.

Estas considerações faço-as eu na meza dum largo café onde tomo cerveja e vejo a vida da cidade deslizando a meus olhos.

Carrinhos de mão, do pequeno comercio, com os seus cães, debaixo um ou dois entre as rodas, e que servem para guardar o estabelecimento e ajudarem o seu colega homem nas subidas. Aqui, tambem não ha luxo, esse luxo petulante de veludos, sedas coisas mais que Lisboa, inconsciente, arrota ostensivamente.

Os trocos não faltam por cá, encontrando-se cobre do rei Leopoldo em basta circulação. Apezar da abundancia de gente, tambem se encontram casas para alugar, em preços baratos, e, que, saindo deste centro que é a parte cosmopolita da cidade e consequentemente sem caracter são chalets de janelas floridas, armação de madeira ornamentando as fachadas e chaminés de tijolo artistico.

As excursões á frente da batalha anunciam-se por todas as esquinas, a 31 francos visitando Ypres, Dixmude, nuns camions verdes e enormes. O negocio porém, tambem aqui é pouco renumerador, havendo a lamentar poucas destas vitimas... da guerra.

O electrico é barato e aconchegado; apezar dos ultimos aumentos as grandes carreiras custam 25 centimos com direito a levar no colo uma pessôa. A' frente de cada carro, uma pequena «boite aux lettres» serve para a correspondencia. Rapazes novos, fardados, nos pontos terminus recolhem a correspondencia que assim tem uma rapida circulação e chega depressa ao seu destino.

Bilhetes, letreiros, anuncios, documentos oficiaes ou taboletas, são todos em duplicado: em francez dum lado, em flamengo do outro. Neste momento faz-se precisamente um plebiscito nacional, que se iniciou em Renaix. Baixa ao terreno comunal a solução para este problema das duas linguas; e a opinião foi quasi geral, foi pela permanencia desta dualidade de linguagem. Para nós, estrangeiros, é interessante o caso: lembra assim a lingua de usar em dias de festa e a lingua de trazer por casa.

Estes malditos quando falam a sua lingua até parecem alemães, tão guturaes e cerrados são na pronuncia. E, fica-se assim com cara de 6.ª feira quando eles param de falar comnosco em óptimo francez para dizerem em flamengo qualquer coisa que é decerto uma grande malandrice.

E levanto-me do café, pago um franco com gorgeta *compris* pela cerveja e sigo ruas fóra, até ao «Palace», agora suntuosamente iluminado. Qual é o hotel de Portugal que se compara com este? Que podemos nós oferecer ao estrangeiro viajado, em materia de comidas, bebidas e dormidas?

Dentro deste hotel julgo estar a bordo dum paquete, com os seus salões, as suas orquestras, as suas inglesas decotadas, os peitilhos brancos gomados, os «grooms» espertos e solicitos, os grandes «aquarios» onde os varios peixes que nestas aguas habitam, passam os seus ocios. E, garanto, ha cada peixão...

Janto na «taverne» outra vez e á noite vou ao «Scala», á «première» da «Revue Amoureuse», em cujo titulo farejo pouca vergonha parisiense, e pelo qual troquei um espectaculo que Sacha Guitry e sua santissima familia anunciam nas «Galeries». Pois fiquei desapontado; tal qual uma revistinha portugueza, com muita pornografia, apoteoses manhosas, coristas desafinadas... Os 3 actos e 28 quadros reduzo-os a 2 actos e abalo antes da meia noite.

Tanto mais que vim cá para fóra, para a rua, ver uma coisa que nunca vi: flamengos á meia noite.

*
* *

Por 17 francos em 1.ª classe, acho-me a caminho de Ostend. A paisagem belga tem um aspecto muito local. Ha já moinhos, vulgares nos campos holandezes, e a cultura é alta, num verde viçoso e fresco. Fabricas enormes, muitos rebanhos de ovelhas, entroncamentos de caminhos de ferro importantes; os «blocks», sentinelas vigilantes da linha, dizem-nos que nos aproximamos do final da viagem, pelo numero de quilometros que o comboio vae galgando. Gand, a cidade com a sua torre em estilo gothico sobreclarando-se sobre o resto do casario, cinzento. Canaes entrecruzam as campinas, agora envoltos duma neblina tenue que me cheira já aos celebres nevoeiros de Londres. E' a costa que se aproxima. Mas ainda temos Brujes, apinhada de gente, uma plataforma envidraçada recolhendo os viajantes e grandes disticos em flamengo, indicando a entrada para os caminhos subterraneos que atravessam as vias; ninguem passa sobre os rails em qualquer estação, a mais insignificante fóra das portas de Portugal, e na maioria a circulação de passageiros ou se faz por pontes superiores, ou por caminhos subterraneos.

A's 6 horas estamos em Ostend, onde o francez que me falam é já uma misturada de flamengo e inglez. Depois, esta gente para me ser amavel julga que eu sou hespanhol ou grego e não ha forma de os convencer do contrario... Nem uma pessoa deve tentar ir contra a sua obstinada geografia, pois pode ter horriveis decepções. No comboio que me conduz, vem um cavalheiro polaco, talvez em secreta missão diplomatica, que tem a triste ideia de me perguntar de que terra sou.

—Portuguez.

E como o cavalheiro não dá indicios de conhecer a patria de Camões, nem do sr. Afonso Costa, illucido:

Du Portugal... Por... tu... gal...

O homem tem então um vislumbre de genio e mastiga, com ar de pessôa que achou um intrincado x:

=Trop loin... Oh!... trop loin... Por-Arthur!

Armando Ferreira.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Os novos societarios do Nacional

José Ricardo

O nosso primeiro comico da actualidade. Inteligencia, ilustração, um velho passado de sucessos. Tem tantos anos de teatro como anos de vida, tantos dias quantos charutos tem fumado.

No Nacional, na declamação, tem o seu lugar.

Amelia Rey Colaço

A actriz da nossa geração. Inteligencia, ilustração, educação. Um futuro que desponta n'um presente que é já um sucesso. Tem nervos, mas tem a força necessaria para os dominar.

No Nacional tem o seu incontestavel lugar.

Robles Monteiro

Artista moderno, que vence pelo seu arduo trabalho. Dedicação, amôr, interesse maximo pela sua Arte. Não são longos nem gloriosos ainda os seus tipos, mas sim honestos e irrepreensiveis.

No Nacional tem um lugar que justamente merece.

A. F.

Noticiario

Entre nós

Continua marcada para depois d'amanhã no Gymnasio, a 2.ª recita d'assinatura, com a «première» da peça de Bernstein «A Garra», tradução de Avelino d'Almeida. Reaparece nessa peça, que foi um dos maiores exitos parisienses dos ultimos tempos, o distincto actor José Alves da Cunha, que, com a actriz Berta Viana da Mota, interpretam os principaes papeis.

—A distribuição do drama «Leonarda», que amanhã sobe á scena, em 2.ª recita de assinatura, no teatro Nacional é a seguinte:

«Leonarda», Amelia Rey Colaço; «A Avó», Palmira Torres; «Agueda», Constança d'Ernelo; «A sr.ª Rosa», Laura Hirsch; «Cornelia», Maria Helena; «Augusto», Robles Monteiro; «O sr. Rosa», Augusto de Melo; «O Bispo», Eduardo Raposo; «Pideraen», Eduardo Freitas; «Hidson», Seixas Pereira; «João», Eduardo Neves.

Reclames

Vae para a 100.ª representação a incomparavel revista «Risos e Flores», que está na sua ultima semana com sucessivas enchentes. A centesima, no sabado, é dedicada ao sr. Valeriano Machado, o actor sobrevivente da magnifica peça.

Vida Sportiva

As provas de OS SPORTS

Vão realisar-se no domingo — Hoje efectua-se nova reunião do juri. A chegada dos corredores hespanhoes

Vão realisar-se conforme temos largamente noticiado, no proximo domingo as primeiras provas automobilistas organisadas pelo jornal «Os Sports»: camions e automoveis, cujas inscripções estão abertas até depois de amanhã.

Hoje, pelas 21 horas, efectua-se nova reunião do juri na redação daquele bi-semanario.

A prova de camions está despertando bastante interesse e a prova automobilista com a inscripção dos corredores hespanhoes vae tambem despertar entusiasmo entre os concorrentes e o publico em geral.

Hoje, chegaram a Lisboa os corredores hespanhoes, que veem expressamente em carros «Dobi» correr aquelas provas no circuito Lisboa-Cintra Cascaes-Lisboa.

Campeonato de bilhar no Ginasio Club Portuguez

O juri deve reunir no dia 30 do corrente, para apreciar as inscrições e tomar conhecimento de qualquer alteração a fazer no mesmo.

Os treinos teem estado bastante animados, prevendo-se grande animação em todas as categorias. Na categoria dos Fortes, segundo o que se está prevendo pelos treinos, crê-se que ha um grande competidor ao titulo de campeão desta categoria, que se calculava que fosse o sr. Raul Lopes, mas que em vista de ter aparecido ha dias um socio que quasi o eguala nas suas magnificas series, é de prever que será um forte adversario d'aquele.

Em todas as categorias ha um total de 20 concorrentes, esperando-se pela ultima hora mais inscrições.

O campeonato deve começar no dia 1 de dezembro pelas 21,30 da noite, e dias seguintes. Neste mesmo dia se procederá ao sorteio dos concorrentes.

Campeonato de Foot-Ball

Animam-se as primeiras categorias

Já no domingo se acentua decidido interesse pelos desafios de primeiras categorias do Campeonato de Lisboa. Entra em campo o Casa Pia Atletico Club, club novo, fundado já n'esta epoca, mas que inscreve já ao seu activo uma serie de vitorias valiosas, pois derrotou o Bemfica, no «Bronze Herculano Santos», e derrotou, na «Taça Associação», o Sporting, o Carcavelhinhos e os Belenenses, impondo-se como grupo de verdadeiro valor. No domingo, o Casa Pia tem, dentro do Campeonato, o seu primeiro encontro com os Belenenses, e não quererá decerto que estes consigam desforrar-se da derrota sofrida na «final» do torneio da «Taça». Duas circunstancias equilibram os dois fortes agrupamentos: a de ambos terem sido os finalistas da «Taça» e a de ambos terem, já n'esta epoca, vencido o Bemfica, que é o campeão actual.

O Carcavelinhos, vencedor do Internacional no torneio da «Taça» joga no domingo contra o antigo campeão e prestigioso agrupamento que se denomina Sporting Club Portugal.

Comprende, pois, o programa de domingo dois valiosos desafios de primeiras categorias. Desafios em todas as outras categorias completam o dia sportivo do «foot-ball», realisando-se entre os encontros de segundas, um de grande interesse: Bemfica contra Casa Pia.

Comissão de Amadores de Natação do Sul

Reune depois d'amanhã, ás 21 horas, no Ginasio Club Portuguez, para apresentação do relatorio dos trabalhos realisados e discutirem os Regulamentos e Estatutos da Liga de Natação, bem como para se tratar da realisação do 2.º Congresso Nautico Nacional.

Club Naval

Reune amanhã, ás 21 horas, a assembléa geral com a seguinte ordem do dia: alteração da quota e venda de material.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa.—No sabado realisa-se uma festa de homenagem ao ensaiador sr. Julio F. Mariano com representação da comedia «A timidez de Cornelio Guerra», conferencia humoristica pelo sr. Artur Gaspar, acto de «Folies Bergères» e baile abrilhantado por um quarteto.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

O sr. Abilio Marçal, que preside, manda fazer a chamada ás 14,30, respondendo 15 deputados.

Depois com mais algumas presenças, lem-se a acta e o expediente.

Aberta a sessão, o sr. Orlando Marçal volta a ocupar-se das recentes ocorrencias em S. Tomé, salientando que a falta de atenção do poder central pelo assunto põe em risco o bom nome da Republica.

O sr. Ladislau Batalha protesta contra o facto de ainda não ter sido dado parecer sobre o projecto que proibe a exportação da azeitona.

O sr. presidente dá explicações.

Por falta de oradores inscritos espera-se até que o sr. Maldonado de Freitas requer urgencia e dispensa de regimento para o projecto que concede subvenções aos funcionarios municipais.

Depois volta a esperar-se até se verificar que ha numero para deliberações.

Posto á votação o requerimento, o sr. João Camoesas requer, por sua vez, que ele seja dividido em duas partes discordando o sr. Maldonado de Freitas e concordando o sr. Godinho Amaral aprova que se vota a urgencia, regeitando-se a dispensa do regimento.

A's 16,45 entra-se na ordem do dia com a discussão do projecto de lei determinando que os militares do exercito e da armada que foram promovidos a oficiaes por distinção ou reintegrados, pelos serviços prestados por ocasião da implantação da Republica, em 5 de outubro de 1910, tenham direito a reforma no posto imediato aquele que tiveram na data de serem julgados incapazes do serviço efectivo.

Referem-se a este projecto os srs. Domingos Cruz, Souza Rosa, Orlando Marçal, Alberto Jordão, Americo Olavo, João Camoesas, Eduardo de Souza, Antonio Maria da Silva, Viriato da Fonseca, resolvendo-se que ele baixe ás comissões.

E' seguidamente posto á apreciação da camara o projecto abrangendo nas disposições do decreto n.º 5553, de 10 de março de 1919, os funcionarios civis dos diferentes quadros e serviços do estado que tenham qualquer tempo de classe á data de abertura do concurso [illegible] dido decreto. Esse decreto regulou a situação do funcionalismo chamado ás fileiras do exercito quando da grande guerra.

Aprova-se sem debate, entrando em discussão o projecto autorisando o governo a delegar em uma corporação local a instituir na cidade de Ponta Delgada uma junta autonoma com faculdades administrativas nas obras maritimas do respectivo porto maritimo. E' tambem aprovado.

Põe-se á discussão a proposta abrindo um credito extraordinario de 430.000$00 destinado á aquisição das instalações necessarias para armazenagem do material que constitue a dotação do Corpo Expedicionario Portuguez, falando sobre ele o sr. Raul Tamagnini Barbosa e Plinio Silva, depois do que se aprova.

Discute-se na especialidade o projecto de lei entregando a administração do Hospital da Rainha D. Leonor e anexos bem como os arredores aproveitaveis para a exploração da industria de turismo, nas Caldas da Rainha, a uma junta autonoma.

No Senado

O sr. Correia Barreto manda proceder á chamada ás 15,15. Acusa-se a presença de 27 senadores. Os srs. Ramos Pereira e Heitor Passos leem a acta e o expediente. Entre este, figura uma carta do sr. Alfredo Pires em que, por motivos de saude, ratifica a sua renuncia ao seu lugar de senador.

O sr. Afonso de Lemos declara que o estado de saude de s. ex.ª é realmente precario.

O sr. Herculano Galhardo lamenta tal facto, visto que o sr. Alfredo Pires era um dos melhores elaboradores daquela camara e, em especial, da comissão de finanças, a que ele, orador, preside. Protesta, depois, contra a campanha que se tem feito ao Parlamento. Alguns orgãos da imprensa —diz— teem sido injustos no caso que se refere ao projecto de 8.000 contos para melhoria dos serviços dos correios e telegrafos.

Termina pedindo providencias para o facto do sr. ministro das finanças não ter habilitado a respectiva comissão com os elementos indispensaveis a ela não poder dar o seu indispensavel parecer ao projecto de lei relativo á Junta Autonoma do novo Arsenal de Marinha.

Os sr. Afonso de Lemos e Lima Alves tambem fazem varias alusões ao projecto e, por fim, aprova-se, por unanimidade, que ele continue na comissão até que na Camara compareça o sr. ministro das finanças.

O sr. Pereira Gil envia para a mesa um projecto de lei criando uma assembléa eleitoral em Tinalhas, concelho de Castelo Branco, e um parecer validando a eleição do sr. Castanho de Menezes, para mandar para Santarem.

Os srs. Alvaro Cabral e Bernardino Machado declaram que não é ao Parlamento que cabem as responsabilidades das queixas dos diferentes governos, mas sim aos ministerios a quem o Congresso da Republica facilita todos os meios de agir.

O sr. Rodrigo Gaspar, em largas considerações, diz que os factos que fizeram derrubar o governo, cuja situação foi propositadamente preparada, se acentuam em manifestações ambições pessoais, não se olhando aos altos interesses da Patria e da Republica.

(Apoiados).

O orador conclue defendendo calorosamente a acção do governo demissionario.

O sr. Pereira Osorio refere que o orador antecedente não tem autoridade para criticar os atos do Senado, visto que, quando da apresentação de umas emendas sobre uma questão de trigos, s. ex.ª foi incorreto para com o mesmo Senado, manifestando-se, em rebeldia, com as suas resoluções.

Entre os srs. Bernardino Machado e Alberto da Silveira trava-se um vivo dialogo,—o primeiro ataca o governo Antonio Granjo e o segundo toma a sua defesa. Os oradores, na mesma ordem de idéas, tambem se ocupam do projecto da amnistia.

AS GREVES

Nas linhas da C. P.

Começou hoje o novo horario continuando os comboios com pequenos atrasos.

Dentro de poucos dias o serviço deve estar completamente normalisado, e começará a vigorar o horario que existia antes da greve.

No Sul e Sueste

O vapor «Minho» que tem estado em reparação, ainda esta semana deve começar a fazer carreiras, retirando o vapor «Atalaia», que agora o substituia.

Os srs. Machado Santos e dr. Antonio Cabreira tornaram hoje a procurar o sr. ministro do comercio para tratarem da nova plataforma proposta pelos ferroviarios do Sul e Sueste em greve. Como se encontra na situação de demissionario, o sr. Velhinho Correia relegou o assunto para o Conselho de administração dos Caminhos de ferro do Estado.

Do Barreiro, veiu para os calabouços do Governo civil, entregue á policia de Segurança do Estado, o ferroviario Anibal Tavares Frade, acusado de ter praticado actos de sabotagem nas linhas do Sul e Sueste.

Tentativa de homicidio e de suicidio

Hoje de tarde, Joaquim Antonio Pimentel, barbeiro, da rua Alves Correia, 191, 3.º dirigiu-se á casa da sua namorada Maria da Conceição Santos, de 16 anos moradora na rua do Arco do Cego, 45, e ali apoz uma alteração com ela puxou de um revolver e disparou dois tiros contra a namorada, que, felizmente não atingiram.

Em seguida, disparou um tiro contra a namorada, que felizmente [illegible], mas não o conseguiu, em consequencia da arma ser velha.

O Pimentel foi preso e deu entrada nos calabouços do governo civil.

No tribunal de Santa Clara

No tribunal Militar de Santa Clara, estava marcado para hoje o julgamento do tenente Ribeiro dos Santos, que não se realisou, por motivos que ignoramos.

O crime da calçada de Carriche

Continuam presos nos calabouços do governo civil o sapateiro Manuel Martins Castanheira e José da Silva, o primeiro acusado de ter assassinado á facada o carroceiro Domingos Barroso e segundo de ser conivente n'esse crime.

As investigações sobre o caso foram entregues ao agente Gouveia, da primeira secção, que apurou que o autor da morte do carroceiro fora o Castanheira e que o caso se não passou na taberna de Antonio Belchim, mas sim na estrada do Olival de Baixo.

O Castanheira, após o crime, refugiou-se na referida taberna, mas ali foi preso pelo seu proprietario e entregue ao cabo chefe d'aquela localidade.

O criminoso e o seu cumplice são hoje enviados para o tribunal da Boa Hora.

Ordem publica

Seguiu para o tribunal de Defeza Social, Rosaria Joaquina, acusada de ter entendimentos com os presos sindicalistas que se encontram na cadeia do Limoeiro e ser portadora d'um cabaz com bombas que lhe foi apprehendido á entrada d'aquela cadeia e que era destinado a seu marido Arsenio José Felipe, que ali se encontra preso por estar implicado no atentado contra o industrial sr. Alfredo da Silva.

Recolheu ao Aljube onde aguardará o dia de julgamento.

Tambem para o Aljube foram removidas as modistas Laura da Conceição Martins e Amelia Sales Gomes, moradoras na rua dos Douradores, implicadas no caso do Terramotos, ficando ali á disposição do comando da primeira divisão militar.

Do governo civil, seguiram para a cadeia do Limoeiro os presos Henrique Menezes Ferreira, Gabriel Spinola e Gustavo Neto, que ficam á disposição do comando militar, acusados de fazerem parte do «complot» integralista.

POLITICA

Ainda não está solucionada a crise — Hipoteses que se formulam — As démarches do chefe do Estado.

A' hora a que chegamos ao Parlamento, 14,30, é cedo ainda para se colherem dados sobre a crise.

Na sala apenas se vêem alguns deputados, muito poucos, que escrevem cartas ou leem os jornaes, como que alheiados das coisas politicas.

O sr. Herculano Galhardo é o unico que dá uma nota de vida á sala, pois anda atarefado de um lado para o outro.

O sr. Mesquita de Carvalho passa o tempo passeando e cogitando sosinho durante tres quartos de hora, para traz e para deante, entre as bancadas, o que faz com que os seus colegas «blagueurs» afirmem que S. Ex.ª está pensando na organisação do novo governo, caso seja chamado a formar gabinete, conforme hoje se fez eco um jornal da manhã e que afinal não passa de uma atoarda.

Aparece depois o sr. Antonio Maria da Silva, seguindo-se-lhe outros parlamentares que se regosijam pelo facto da meza presidencial estar ornamentada com crisantemos brancos e outras flores da mesma côr como que pedindo paz e concordia entre os politicos...

Mas esse conselho parece não ser aceite, pois que o anunciado governo de concentração parlamentar, unica solução que actualmente se impunha, foi por agua abaixo.

Os liberaes, ao que consta, não dão o seu apoio a um tal ministerio e n'essas condições os restantes agrupamentos politicos não querem formar gabinete com os liberaes na oposição.

Um governo, pois, constituido por todos os lados da camara, com exceção dos liberaes, está tambem posto de parte não só pelas razões expostas pelos democraticos, como ainda pela impossibilidade de se chegar a um acordo entre reconstituintes e silvistas.

E nas mesmas condições estão os restantes grupos politicos que tendo acordado em que se impunha um governo de concentração eram tambem unanimes em que só se nessas condições cada qual daria representantes no gabinete que se formasse. Em face do que exposto fica logo se formularam hipoteses sobre quem se sucederia ao governo Granjo.

Os populares, que se reuniram no bufete da Camara, trocaram impressões entre chavenas de chá e «sandwichs», inclinavam-se para um gabinete das esquerdas com entendimentos com reconstituintes, o que não é viavel pelas razões acima apontadas. A situação encontra-se agora tal como antes da organisação do governo Granjo e dificil se torna avançar qual será o gabinete que sairá de toda esta embrulhada politica.

* *
*

Em todo o caso o sr. presidente da Republica, segundo as praxes, proseguiu hoje nas suas «démarches» ouvindo os «leaders» parlamentares a saber: general Silveira, pelos liberais; Dr. Costa Junior pelos socialistas; conego Dias de Andrade, dos catolicos; Dr. Julio Martins e Alfredo Moraes Rosa, pelos populares.

Tambem o chefe do Estado teve uma conferencia com o almirante Machado Santos, representante da Federação Nacional Republicana, não tendo comparecido na residencia do sr. Dr. Antonio José de Almeida, por se encontrarem ausentes, os srs. Jorge Nunes, dos liberaes, e Pacheco Amorim, dos católicos.

A resolução a tomar pelo sr. presidente da Republica é ainda desconhecida á hora que escrevemos, ignorando-se portanto a quem o Chefe do Estado incumbirá a missão de formar gabinete. Este, segundo afirmam os politicos, sairá dos liberaes, que se julgam aptos para governar sosinhos, ou dos Reconstituintes, que se consideram nas mesmas condições.

Mas convem perguntar—com que parlamento? com que maioria?

Ou muito nos enganamos, ou com magua e dôr, como republicanos e patriotas, diremos que a solução desta crise deve trazer graves amargos de boca á Republica, se não houver um pouco de bom senso e patriotismo.

Estabelecimento apedrejado

Um grupo de individuos, entre os quaes os conhecidos pelas alcunhas «Batata», «Espanhol» e o «Limão», atiraram com pedras para o estabelecimento de Perfeito Pires Pereira, largo do Conde Barão, 42, tendo o sr. Pereira, com o auxilio do guarda 257, disparado quatro tiros para o ar para os intimidar. Não puderam ser presos, por se terem posto em fuga.

POEIRA DA ARCADA

Reparação de estradas

O sr. governador civil de Leiria conferenciou hoje com o sr. ministro do comercio, reclamando contra a insuficiencia de dotação para a reparação das estradas.

Manicomio Sena

Foram mandados agregar, á comissão administrativa do Manicomio Sena, em Coimbra, o medico alienista, sr. dr. João de Araujo Santos, e á comissão encarregada de proceder ao estudo da reforma dos serviços de assistencia, o senador sr. Pereira Osorio

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».

Nacional, ás 21,30, «Amanhecer».

Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».

Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».

Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»

Politeama, ás 21, «Grande amor»

Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»

Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).

CENTRAL (Avenida da Liberdade).

OLYMPIA (Rua dos Condes).

CINEMA CONDES (Rua dos Condes).

CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).

SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).

CHANTECLER (P. dos Restauradores).

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Anais do Instituto Superior de Agronomia.—Está publicado o 1 n.º d'esta revista. E' uma bela broxura de 238 paginas com boas fotogravuras e mapas em que claramente se explana o seu estado financeiro e o grave do ensino ministrado no Instituto.

A Aguia.—Temos sobre a nossa mesa de trabalho os fasciculos 97 a 100 deste orgão da Renascença, abrangendo até abril findo.

Nos seus interessantes sumarios figuram poesias de varios autores, entre os quaes Jaime Cortezão, e diversos artigos em prosa de conhecidos escritores contemporaneos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3760 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 18 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

A demissão do sr. Granjo

A queda do gabinete presidido pelo sr. Antonio Granjo veiu estabelecer nos arraiaes politicos uma singular confusão. Estamos a tres dias da crise e ninguem se entende. Deve isto causar-nos surprezas? Não. Mas argumentar áquelles que ha muito não pensavam senão em derrubar o sr. Antonio Granjo é que não é licito com as dificuldades da sua sucessão. Eles ó que deviam estar surpreendidos, se porventura o seu procedimento não fosse, como foi, dum demagogismo puro, revelando o proposito de deitar abaixo pelo simples prazer de o fazer.

Agora não falta quem censure o sr. Antonio Granjo por ter resolvido dar a sua demissão, forçando-a quasi, no entender d'esses censores, entre os quais não faltarão alguns dos que mais o combateram e procuraram amesquinhar. Segundo o que eles dizem, o sr. Granjo não devia ter protestado contra o requerimento da retirada da moção Cunha Leal, declarando que consideraria a aprovação desse requerimento como um voto de desconfiança, e muito menos deveria ter ido a Belem apresentar a sua demissão, depois de votada a moção do sr. Brito Camacho que, só pela falta de ser firmado por um dos seus mais eminentes correligionarios, não podia ser suspeita de nenhum pensamento reservado.

Assim se pondera, porque o «gâchis» politico é cada vez mais inextrincavel; mas a verdade é que, reflectindo-se com serenidade e espirito imparcial, a atitude do sr. Antonio Granjo se patenteia não só como logica, mas tambem como absolutamente digna.

E' preciso que não façamos taboa rasa da personalidade dos homens publicos que, como o sr. Antonio Granjo, teem direito a ser respeitados pela lealdade do seu caracter e pela firmeza das suas convicções. Um homem nestas condições pode estar ou deixar de estar no governo. Em qualquer situação, porém, que ocupe, é preciso que resalve a sua dignidade, que reserve o seu bom nome, a consideração que os bons republicanos lhe consagram e que o paiz lhe tributa, para o serviço da Republica, em todos os campos em que ela necessitar da sua intervenção.

O sr. Antonio Granjo, no curto praso da sua existencia ministerial, sofreu uma oposição tanto mais irritante e intoleravel quanto nunca na realidade o atacou em arena limpa e desassombrada, duma maneira franca e aberta. Mas não houve talvez um dia em que lhe não fosse vibrado um golpe por aqueles mesmos que o deviam apoiar, porque a isso se tinham comprometido. Na camara era recebido com graçolas que o procuravam ridicularisar. O seu ministerio era o do «vae ou racha». Os seus projectos não eram discutidos. As suas intenções eram deturpadas. As suas palavras eram transtornadas. Por fim, um partido retirou-lhe o seu apoio parlamentar e outro acabou por lhe retirar os seus ministros. Não se hesitou até em atrail-o quasi a uma cilada, continuando-se para isso com a coragem e o dezassombro proprio de quem não teme porque não deve, fazendo-o comparecer numa reunião politica, onde lhe foi cortada a palavra com injurias e ameaças. Que se pretendia, reclamando que o governo ficasse, quando se tratava de rasgar os seus contratos e de torpedear a amnistia que ele propuzera? Pretendia-se apenas que o sr. Antonio Granjo ficasse mais uns dias no poder, já sem força nem autoridade pelos repetidos agravos do parlamento e da rua para que os partidos pudessem levar á cabo os costumados cambalachos e negociações de que deveria resultar o gabinete que lhe sucederia.

O sr. Antonio Granjo não se prestou a esse papel, e fez bem. Fez bem, porque o sr. Antonio Granjo, nem os seus adversarios lh'o podem justificadamente negar, é um grande republicano e um perfeito homem de bem, que á Republica tem consagrado toda a sua existencia, e que por ela e pela Patria se bateu na Flandres, e veiu em Portugal, expor o peito ás balas para que a liberdade não perecessé.

Homens destes não podem resignar-se a ser eternamente joguetes, com que manobrem as paixões sectaristas e as ambições partidarias. Tudo tem um termo e o sr. Antonio Granjo, vindo cá para fóra, não podia vir diminido, tanto mais que lhe compete o direito, talvez melhor diremos que lhe cabe o dever de, sem queixas de nenhuma especie, elucidaro paiz da marcha que estão seguindo os seus destinos. Deixem palrar quem palra: o sr. Antonio Granjo tem no paiz inteiro, e sobretudo perante a consciencia republicana, uma reputação estabelecida que o seu caracter justifica, que a sua vida merece. A clara linguagem do patriotismo pode e deve sahir dos seus labios com a segurança de que o seu prestigio não se abalou.

Mazzantini toureiro *Mazzantini politico*

Ha justamente uma semana publicava o «A. B. C.» de Madrid uma violenta nota, subordinada ao titulo «Los crimenes de Barcelona y la pasividad del gobierno». Desse artigo extractamos alguns periodos para que o publico se dê conta da situação de terror que vae na Capital da Catalunha.

«Os alardes do bando de assassinos que se apossou de Barcelona e que com toda a impunidade dá rédea solta aos seus ferozes e sanguinarios instintos, demonstram ao mesmo tempo duas coisas: que as autoridades não cumprem o seu dever elementar de proteger a vida dos cidadãos e ainda que é absolutamente indispensavel adoptar meios rapidos e eficazes para restabelecer a normalidade da vida e de defender a sociedade contra os seus selvagens inimigos.

«Quem, sem possivel apelação da vitima, condena e executa um cidadão honrado, quem mata indefezas mulheres; quem sacía os seus sanguinarios instintos assassinando pelas costas, não é um homem mas uma féra e como tal deve ser tratada. Caçá-la e eliminá-la é uma obra de humanidade e de higiene social e o Estado tem o direito, o dever e os meios necessarios para o fazer.

«Veja, pois, o governo a maneira de acabar com essa serie de assassinatos, cuja vergonha atinge o proprio Estado hespanhol. Recorde ou indague a maneira como se extinguiram noutros paizes estes crimes de anarquistas. E não se espere que a opinião de toda a Hespanha se levante e que os cidadãos comecem a fazer justiça por suas proprias mãos, organizando a caça aos assassinos e aos seus indutores, como necessariamente sucederá se se não dá remedio urgente a este horror de todos os dias».

Ora o «A. B. C.» é um jornal não só de extraordinario prestigio em Hespanha, mas ainda de commedidos comentarios aos mais graves factos da vida hespanhola. E' tambem um jornal que defende as ideias conservadoras,—as ideias da Hespanha que trabalha—e por isso mesmo de uma larguissima tiragem. E uma opinião como a que expõe o «A. B. C.,» nascida talvez de alguma conversa com alguem muito chegado ao governo, é de molde a preparar a opinião publica para qualquer surpresa que se verifique n'essa Catalunha que Don Affonso XIII classificou como «o mais belo florão da corôa de Hespanha».

Essas medidas de força que a opinião publica pede ao governo, do alto da tribuna do «A. B. C.» já começaram a ser dadas: foi nomeado comissario geral e chefe do serviço de vigilancia de Barcelona o senhor Don Luiz Mazzantini, ex-matador de touros, segundo dizem os telegramas.

Ha uma frase no artigo do «A. B. C.», que talvez, só por si, justificasse a nomeação de Luiz Mazzantini: é aquela que diz referindo-se ao anarquista: «Não e um homem mas uma féra e como tal deve ser tratada. Caçá-la e eliminá-la...

E, n'esse papel, o homem que em 25 anos de toureio viu rodar a seus pés 3.500 touros, está bem escolhido para o lugar que vae ocupar. Mas a personalidade de Luiz Mazzantini, é bem interessante e agora que a sua figura é novamente posta em fóco, vale a pena dizer duas palavras sobre esse homem.

Luis Mazzantini era chefe de uma estação de caminhos de ferro, perto de Madrid, quando um dia um grupo de companheiros resolveu promover uma novilhada na praça de touros local. Mazzantini nunca tinha assistido a uma corrida e tinha de matar um novilho. Chegada a sua altura, tomou a espada e perfilando-se entre as defesas da féra, olhando bem o sitio onde se dá morte aos touros, Mazzantini deixou-se ir materialmente atraz da espada. O touro rodou feito pó e Mazzantini foi o maior matador de touros. São conhecidos os seus triunfos na arriscadissima arte, onde, segundo ele, duas féras jogam a vida: o touro e o homem. E um dia Mazzantini abandonou os touros, ferido no coração: a morte de sua esposa. O que os touros não tinham conseguido dele conseguiu-o o ultimo suspiro da virtuosa companheira. O matador morrera. Vivia apenas o homem. E Mazzantini trocou os touros pela politica. Apresentou a sua candidatura para «consejal» (vereador) e foi eleito.

Conheci Mazzantini ha poucas semanas em Madrid. Estava no Teatro da Zarzuela, no camarim de Esperanza Iris, quando o porteiro passou o cartão de visita de Luis Mazzantini. Esperei. Queria conhecer essa celebridade do toureio e que depois mostrara que pódo haver um homem dentro de um «traje de luces». Entrou. E' um homem corpulento, bem conservado, muito fino e franco, irreprehensivel no seu jaquetão preto. Fala muito a Esperanza Iris do Mexico, com palavras de saudade, das manifestações que em Cuba lhe fizeram, conta anedoctas e fala ao mesmo tempo de politica e touros. Falar de politica e de touros é obrigação de todo o bom hespanhol. Em Mazzantini é mais do que uma obrigação: é um dever.

E' então que Mazzantini me diz a uma pergunta minha:

«Em 25 anos de toureiro, dei morte a 3.500 touros e fui ferido dez vezes apenas. Desde que sou politico não ha dia em que não seja colhido. Veja que diferença de nobreza entre um touro e um homem. E' que os touros atacam sempre pela frente...»

Pouco antes de morrer, o rei D. Carlos de Portugal, que era muito amigo de Mazzantini, condecorou-o, quando o ex-toureiro já se dedicara á politica. Mazzantini mandou agradecer-lhe e ao mesmo tempo enviou a D. Carlos a espada com que matara o seu ultimo touro.

Conseguirá Luiz Mazzantini dar cabo da fera catalã? Seria essa a mais bela vitoria da sua vida, quasi aos 60 anos e quando jurara não voltar a matar feras. Mas é tão dificil neste caso separar o Mazzantini toureiro do Mazzantini politico...

Luiz Palmeirim

AUTENTICAS

No paiz do azeite!

Como se ainda fossem poucas as sangrias feitas pelo estrangeiro na economia nacional, ahí está mais um produto inglez a drenar para fóra de Portugal o nosso dinheiro, o nosso sangue. Refiro á margarina ingleza que ha dias apareceu, nas montras das mercearias.

Pois é verdade; margarina ingleza a 4$80 o kilo. O leitor já decerto a conhece e até naturalmente a usa; mas o que não sabe é a droga que ingére e com que barra as paredes do estomago.

Esse seu orgão, já debilitado pela forçada redução nos comestiveis, lhe falará, dentro em pouco, das maravilhas desse unguento.

Comtudo, isto é menos grave, porque o lado economico é de arripiar. Façam idéa que ha no paiz azeite em abundancia suficiente para todos nos servirmos durante um ano, e á vontade; todo esse azeite foi comprado no tempo das tabelas a $90 centavos, e o que adquiriram por mais elevado preço, nunca o foi a mais de 1$45! Não ha pois razão de vender o precioso oleo a mais de 2$00. E a nova colheita está á porta.

Alem do «stock» da União Fabril, só uma firma tem mais de mil contos de azeite açambarcado!

Mil contos de azeite!... retido em grandes armazens, por estrangeiros, azeite portuguez, e que custou quasi todo a 90 centavos o litro, e o povo e os portuguezes a ingerir «margarina ingleza», feita de oleo de palma e oleo de côco, no Congo Belga. Para a firma Seever & Brothers a mesma casa industrial que fabrica o «Sunlight soap», vender mais umas toneladas de oleo de palma e do côco com o nome de «margarina», se retem todo o azeite de duas fartas colheitas!

E como se o carvão, o trigo, a folha de flandres... e tambem outras importações e companhias estrangeiras inda fossem poucas para transferirem o nosso dinheiro para fóra de Portugal, ahí teem mais a «margarina ingleza», talvez lançada no mercado, pelos mesmos benemeritos que aferrolharam os seus armazens atulhados de azeite!

Entretanto como o milionario Lord Seever-Guelne, o grande industrial deve achar pitoresco todo um paiz cheio de azeite a consumir-lhes a sua «margarina» vegetal, o seu oleo de palma e de côco!

D. Thomaz de Noronha.

O Rugir do Leão

— Porque é que você não entra para os integralistas? E' o partido que agora vae tendo maior importancia...
— Sim?...
— Calcule que... até já são presos.

Instituto Camara Pestana

O Director do Instituto Bactereologico Camara Pestana instou com as estações superiores pela imediata e rapida reparação da instalação dos coelhos destinados á cultura de vacina anti-rabica, aliás será forçado a suspender este serviço, deixando assim de serem tratadas de raiva dezenas de pessoas que dia a dia chegam ao instituto.

A TOURNÉE... DO NACIONAL

João Loforte
diz tambem de sua justiça

Entrevistado pela «Gazeta de Noticias», o representante do sr. Luiz Gallardo explicou-se desta forma:

—Procurei ha dias o eminente actor Eduardo Brazão e, na qualidade de representante do emprezario Luiz Galhardo, fiz-lhe ver que a situação dos negocios sendo má, sentia-me na necessidade de propor-lhe um acordo em virtude do qual o seu contrato seria considerado findo no dia 31 do corrente. As despesas extraordinarias com a folha da Companhia forçava-me a contragosto tomar tal providencia e esta servia para garantir o cumprimento das obrigações que temos com os demais artistas.

Usei de toda a franqueza com o sr. Eduardo Brazão e fui o primeiro a lamentar que os seus proventos não estivessem n relação do seu grande merito, mas em todo o caso desde que a medida extrema se impunha eu não via como deixar de agir.

De facto, o contrato do actor Brazão, diz na clausula 2.ª o seguinte: «A tournée poderá durar quatro mezes, prorogaveis em periodos sucessivos, até mais dois mezes».

Não havia, portanto, obrigação alguma de manter exactamente os quatro mezes, desde que o poderá inscrito na clausula previa desde logo, o facto de ser o contrato extincto antes.

Em cinco quinzenas recebeu o ilustre artista a quantia de quarenta e oito contos seiscentos e noventa e tres mil e seiscentos reis.............. (48:693$600 e mais os resultados do beneficio a realisar-se amanhã.

As obrigações contratuaes eram pesadas, e o sr. Brazão tinha direito a:

1.º — Vinte por cento da renda bruta, em determinadas peças do seu reportorio, de maior sucesso;

2.º — A quantia de 600$00 por noite, de trabalho nas demais peças;

3.º — Representar o minimo vinte vezes por mez.

Portanto, se a empreza mantivesse no seu elenco no proximo mez o grande artista sr. Eduardo Brazão, teria de pagar-lhe, pelo melhor, a quantia de doze contos de réis. Ora, o publico que vem nesta época ao teatro, não dá para esse gasto avultado e não podia eu proceder de outro modo.

Estavamos com negocios estabelados para dar determinado numero de récitas na Bahia e no Recife, mas, infelizmente o sr. Eduardo Brazão negou-se a partir, se bem que o seu contrato não mencionasse as cidades do Brazil onde devesse trabalhar.

Alegou que temia ver a sua Exma. esposa e filho morrerem victimados por qualquer epidemia que elle admite existir nas duas cidades nortistas.

E como fosse peremptoria a sua recusa apelei, como disse para o acordo mutuo, dando por terminado o contrato. Pediu-me dois dias para pensar, ao fim dos quaes participou-me anuir aos meus propositos, solicitando apenas de minha parte consentimento para partir antes do fim deste mez afim de aproveitar a passagem do «Arlanza» por este porto, o que se dará no dia 27. Não puz duvida e tudo ficou bem.

Pode imaginar agora a minha surpreza ao tomar conhecimento pela imprensa do protesto que o sr. Eduardo Brazão levou ao digno consul de Portugal, procurando armar escandalo em torno a um caso que só teve execução por acordo mutuo, não havendo eu tido necessidade de reportar-me á clausula do contrato, á vista da atitude conciliadora e gentil do eminente actor.

Eis ahi. Tudo fiz por manter integra a companhia. A receita não dá para tanto e eu preferi olhar pela sorte dos mais modestos artistas os quaes tem direito, «categoriamente» a quatro mezes de trabalho garantidos por contracto.

A excursão dos dois Estados do norte evitaria o dissabor de perdermos a companhia brilhante do grande mestre do teatro portuguez. Ele não o quiz e preferiu acquiescer á minha proposta. Se não foi compelido a tal fazer, o seu contrato se a ele recorressemos, autorisaria a providencia tomada.

Foi, portanto, desarrazoado e inconveniente o protesto do sr. Eduardo Brazão, terminou o sr. João Laforte.

Foi tambem sabido que a sr.ª Lucinda Simões se havia declarado solidaria com o actor Eduardo Brazão e não mais voltaria a trabalhar na Companhia que a trouxe de Lisboa.

Interrogado tambem por nós o sr. João Laforte representante do sr. Luiz Galhardo, nos deu as seguintes informações:

—O contrato da sr.ª Lucinda Simões está findo. Ele tinha apenas a duração de dois mezes.

—E os seus vencimentos?

—Estão pagos em dia. A veneranda actriz ganhava um conto de réis mensal e despezas pagas, inclusivé hotel.

Antes de partir de Lisboa, sendo como dizia muito amiga do sr. Luiz Galhardo, declarou contentar-se com a citada remuneração e, conforme o exito da tournée, deixava á generosidade do emprezario qualquer outra gratificação.

Ha dias, ela procurou-me, querendo em vez de um, dois contos de réis por mez e mais 100$000 por matinée. Acedi promptamente e por isso mesmo vejo surprezo que a sr.ª Lucinda Simões, sem motivo algum, abandona a empreza, depois de gabar sempre com muita sinceridade os meritos do sr. Luiz Galhardo.

Emfim, a sr.ª Lucinda Simões sabe o que faz, tanto que já havia tratado no Trianon ir para lá representar algumas peças...

Ainda mais alguns elementos nos fornece o mesmo jornal, e que passamos sucintamente a expor, se bem que já quasi todas do dominio corrente:

«Como o sr. Eduardo Brazão, em sua palestra, nos tivesse falado em «recitas desviadas», procurámos obter detalhes sobre os negocios da Companhia Nacional Almeida Garrett.

Eis o que sabemos:

O emprezario José Galhardo contratou com o sr. José Loureiro a vinda da Companhia Brasil, recebendo ele (55 por cento) cincienta e cinco por cento da receita bruta, cabendo ao sr. José Loureiro os restantes (45 por cento) quarenta e cinco por cento.

Ao sr. Luiz Galhardo ficava apenas o encargo de satisfazer a folha da companhia; todas as outras despesas de scena, teatro, anuncios, passagens, impostos, etc., seriam providas pelo empresario Loureiro.

Coube, em cinco quinzenas, ao sr. Luiz Galhardo a quantia de (150:000$ cento e cincienta mil escudos e mais um adiantamento de (50:000$000) cincoenta contos de réis que lhe fez o sr. José Loureiro.

Dahi o facto do sr. Eduardo Brazão achar que duzentos contos de reis dariam perfeitamente para fazer face ás despezas com a folha dos artistas, se o dinheiro tivesse sido totalmente reservado para esse fim.

«O emprezario José Loureiro perde com a Companhia Nacional Almeida Garrett, aproximadamente, cem contos de réis (100:000$000).

A sr.ª Palmira Bastos traz um contrato excelente.

Eil-o:

1.º — Quatro mezes de trabalho;

2.º — Ordenado fixo mensal de dez contos de réis (10:000$000);

3.º — Mais 200$000 em cada récita devendo representar no minimo, vinte vezes por mez;

São, portanto, quatorze contos de réis mensaes, o minimo, afóra o beneficio. E' simplesmente espantoso!

Todos ganham ordenados mensaes magnificos.

Uma amostra:

Acacia Reis	3:000$000
Ilda Stichini	2:500$000
Henrique Albuquerque	2:000$000
Raphael Marques	2:000$000

E dizer-se que há seis anos a sr.ª Palmira Bastos, ganhava cinco contos de réis, moeda brasileira, quando o escudo portuguez valia 3$000!»

O preço da lenha e do carvão

Sr. redactor. — A proposito de uma local publicada no seu apreciadissimo jornal com o titulo acima, peço a V. a fineza de elucidar os seus leitores de que que a lenha se não vende a 10 centavos o kilo, mas sim a 15 e ás vezes por muito mais.

Além disso, os carvoeiros molham-na de proposito afim de pezar mais para que lhes dê maior rendimento, resultando dahi que o consumidor se vê deveras atrapalhado pelos grandes prejuizos que lhe dá, não só pelo preço exorbitante por que a compra, como ainda pelas enormes dificuldades com que luta para poder confeccionar um almoço ou um jantar. E, assim sr. redactor, o carvoeiro não quer vender carvão, não porque o não haja, mas porque não vê nele um lucro de 100, 150 e até mesmo 200 %, como vê na lenha.

Peço-lhe, sr. redactor, para chamar, nas colunas do seu jornal, a atenção de quem competir para que se ponha cobro a estes senhores, fiscalisando-os rigorosamente, afim de se evitar a venda da lenha molhada e o preço assustador que eles pedem por uma arroba desse combustivel.

Agradecendo a publicação desta, queira aceitar os protestos da minha admiração pela forma com que «A Capital» tem pugnado pelos interesses dos humildes.

De V. etc. — «Um assiduo leitor».

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XV — *Um dia em Ostende*

Como o Palace de Bruxelas me arruinou, (40 francos só o quarto) vou em Ostende para o Imperial, em frente ao Casino. Cae a tarde apressadamente mas, corro os cem metros que me separam do mar para ver essa tão decantada praia belga.

Eu não sei, se os senhores que viajam, e mesmo os que ficam em casa já repararam, que todas as praias são eguaes... pelo menos no mar. Esta, é uma enorme e comprida tira de areia, junto á qual um passeio empedrado de cerca de 30 metros a percorre durante quilometros. Chamam-lhe eles de zeedljk e é vedado na parte proxima do casino, aos carros. Este soberbo passeio ligado á areia por uma rampa que parece dum velodromo, é de uma beleza rara. Debruçados para ele, e sobre o mar hoteis de imensas dimensões sucedem-se uns aos outros, restaurants, entornam os seus freguezes, gente elegante passeia interminavelmente. Apesar do vento cortante cheio de frescura maritima, ainda elegancias — mulheres de bengala e homens de espartilho e em cabelo—ali andam a dar que fazer aos ocios.

O Casino sobresae desta grande esplanada e é um monstro barrigudo e envidraçado que se vae iluminando, qualquer coisa de oriental e fantazista de tonalidade esverdeada ou cinzenta com dourados recócós.

Dou antes de ir ao jantar, a minha volta pela «digne», dou tambem os meus «ah!» de saloio admirativo ante o «Magestic» e «Grande Hotel», e olho as montras dos estabelecimentos, iluminados agora, e que anunciam grandes abatimentos por estar a findar a «saison»; mas apezar dos abaixamentos de preço, tudo muito superior a Bruxelas. Compreende-se: lá está o «pançudo» Casino que tudo paga. Janta-se confortavelmente num restaurant sobre o mar: o Wellington, ou o Renomée, que oferecem ostras... ...e até, ó suprema ilusão e intrugice —ostras portugaises!—

A's 9 estou pronto para entrar no Casino, onde penetro por 2 francos. O grande Kursaal, neste dia de fim de setembro, dá como «horsd'œuvre» para os plenos, e para as cruzêtas que esperam na salão ao lado, um concerto de musica «flamande» com solos de flautim. Quando entro naquele enorme coliseu, o autentico abdomen do monstro, encontro-o já quasi cheio de gente que se senta livremente e olha para cima; tambem olho e lá vejo a orquestra de 115 professores. A minha preocupação nestas alturas não é grande para a musica, de forma que fico-me a olhar o esplendido «hall», as colunas, os efeitos dos cristaes, a arquitetura e o engenho, tudo em honra da D. Carlota, expulsa tão violentamente de Portugal.

O luxo é grande; as saídas do teatro, os sapatos de tacões altos, as grandes peles mornas, as «mesdames» serias e as duvidosas... mas sobre as quaes não restam duvidas nenhumas.

Com grande espanto indignado duma dama que cabeceava minutos antes durante o Kermisday—(«tableaux symphoniques») dizia o programa—sahi pé ante pé para o restaurant, onde meti muito á vontade duas «Garrets», para a sala quente de leitura e correspondencia e até para a sala faiscante, fascinante do jogo. E' curioso o cenario dum templo de Azar!

Quantos cuidados em entontecer de luz, em entorpecer os sentidos por aquele ambiente quasi feerico, quasi maravilhoso: a impressão na retina, será talvez a que as borboletas tem quando se aproximam dum candieiro aceso.

Mas como eu sou peixe sabido, como a isca e digo adeus ao anzol, o que quer dizer que apena lá deixo o dinheiro da entrada, uns dez francos que emulei pelo gosto e pelo prazer de colher as impressões destas caras afogueadas, destes bandidos procurando emparceirar a sorte num negocio de empalmar o dinheiro do visinho do lado.

«C'est du chic...»

Volto ao salão dos concertos e as palmas atingem, o que me indica, que o flautista é justamente recompensado pelos seus esforços musicaes, e que são horas de começar a «soirée dançante. Galgo para a galeria que circunda o salão de baile e durante uma hora vejo os «fox-trots, os «tangos», os «stepps» todos que a dança moderna descobriu para destronar a valsa. Meninas, militares belgas com caras de jovens endinheirados e seguindo a carreira das armas por aristocencia, e portanto de cavalaria», a arma nobre em toda a parte, dançam de polainas, elas decotadas, e até alguns velhos e velhas vão ainda para o meio da sala fazer o seu pesinho...

*

Mas a dança, não tem interesse de maior e recolho-me ao hotel, a bater o queixo pois faz um frio e corre um vento de arrefecer um vulcão.

*

Pela manhã tomo um pequeno almoço e tomo um trem para dar a mivolta pela terra, agora iluminada por um sol debil e fraco, como um doente que se levantou da cama depois duma grande doença; amarelo, palido, mas sem aquecer.

A cidade é uma misturada de casas brancas incaracteristicas e das casas flamengas, mais esguias de frontaes em degraus, tijolo ou madeira, vermelho e castanho predominando. Ruas largas, carros eletricos atrelados, sem lindura antes desagradaveis á vista e ao trato. Uma praça com o rei Leopoldo montado num bucefalo em posição duvidosa.

Dos monumentos da terra o melhor é sem duvida a catedral de S. Paul. Lá a vamos visitar, mostrando o cocheiro o beijinho das granadas nalguns recantos da cantaria. E' no exterior e no interior a catedral tipo, modelo, igual, semelhante a todas, de que apenas a minucia ou um ou outro detalhe variam.

Duas torres goticas, a sua rosacea central sobre o portão em ogiva, os nichos de santos, os vitraes, o ar religioso e humido do interior, um sacrista que explica e pede gorgeta porque os tempos são bicudos e Deus —seu senhor—ainda não lhe aumentou o ordenado. Pós isso o trem segue até ás docas, á Ostende comercial, febril de vagons que descarregam carvão e fazem transbordo de mercadorias, para barcos veleiros, a vapor, costeiros ou de longo curso.

Para atravessarmos até a essa pitoresca cidade de trabalho vae-se por uma linda ponte, onde os leões de bronze, os candieiros, todas as magnificas obras de arte moderna que ali figuravam, já não existem, como não existe o telhado em zinco duma grande estação de mercadorias: os alemães levaram tudo, tudo; é dolorosa essa Ostende roubada, como mais dolorosa é ainda a Ostende arrazada, na sua extrema virada em direcção ao Yser.

Vamos para esse lado, atravessando Ostende, passando junto ao Palacio Real, relativamente modesto, mas ligado por 1 quilometro, talvez, de galerias envidraçadas, ornadas em colunas brancas, ao Campo das corridas de cavalos, onde se eleva uma estatua a um... digno animal desta especie.

Essa galeria, que é magnifica, rodeada co seus jardins bem cuidados, e deitan o sobre o mar, foi mandada construir pelo prodigo rei Leopoldo para se transportar do Palacio á tribuna das corridas, sem sair á rua. Grandes maduros, senhores de caprichos caros estes monarcas antigos, cuja unica vantagem da sua passagem na vida foi o dinheiro dissipado, espalhado por muitos e algumas obras de pedra, como esta, a embelezar caprichosamente as terras. Mais adeante, ainda sobre esse passeio intindavel rente ás ondas do mar, começam as casas arruinadas; paredes sem miolo, «chalets» que foram lindos, reduzidos a uma cave onde brotam algumas flores campestres, hoteis sem quartos nem pavimentos, ruinas olhando o mar, terras revoltas de granadas e explosões, a devastação dos proprios filhos da terra que do lado de lá fustigaram o inimigo recolhido em suas casas.

O grande hotel, — Palace hotel — numa situação isolada, explendida, um edificio grandioso, mal acabado de construir no ano da guerra ficou de tal forma após a sua ocupação, que não conseguiu abrir este ano, apezar de mil operarios o estarem reparando durante um ano: em baixo, móstram-me, nos quartos ricos do rez do chão, ficavam as cavalariças, no jardim em frente da entrada, um grande canhão vigiava o mar em frente, estremecendo, partindo, destruindo tudo em redor com os seus roncos colossaes e os seus sacões de besta germanica.

*

¡E, mais nada. Adeus, Ostende, adeus, Belgica, paiz simpatico e trabalhador, martir e heroe, que, apezar da tua grande acção na guerra, não ostentas vaidades, nem blasonas fanfarronices de vencedor.

O «Pieter de Coninck», de dois canos brancos encostado á ponte, apresta-se para partir; silva como um vapor de Cacilhas, e, já uns marinheiros inglezes outros belgas, largam as cordas que amarram o vapor, as ultimas bagagens metidas no porão, os oleados estendidos, e a agua como refervendo, escuma, remove-se, espadana.

As estacadas longas avançando a dentro do mar, os faroes brancos nos extremos, os «quebramares», tudo vae ficando para traz, pouco a pouco diminuindo, perdendo-se, escondendo-se. Mas, é bela esta Ostende vista de frente, rosario longo de belos edificios, com o barrigudo Kursaal ao meio, e brilhando a um sol difuso. Depois, quasi nada; depois, nada. O ceu, o mar.

E tambem o meu enjôo.

Armando Ferreira.

VIDA SPORTIVA

As provas de domingo de "Os Sports"

Camions e automoveis — A inscrição encerra-se hoje, pelas 21 horas — Resoluções do juri tomadas na reunião de hontem — Notas varias

Reuniu hontem novamente na redacção de «Os Sports» o juri das suas provas que se disputam no domingo; camions e automoveis, sob a presidencia do sr. José Lino Junior delegado oficial do Automovel Club de Portugal.

Entre outros assuntos, foi resolvido alterar no regulamento da corrida de automoveis as categorias que passam a ser do seguinte modo:

1.ª até 15 H. P. (inclusivé).
2.ª de 15 a 20 H. P. »
3.ª de 20 a 30 H. P. »
4.ª de 30 a 40 H. P. »
5.ª Superior a 40 H. P.

As partidas serão dadas das portas de Bemfica, pelos automoveis de maior força, e o primeiro sahirá ás 8 horas da manhã devendo os concorrentes apresentar-se 45 minutos antes d'aquela hora.

O jury de partida é constituido pelo sr. Leite Galvão tendo como vogaes os srs. Antonio de Freitas e José Rodrigues Estevão. A ordem de partida será dada de 15 em 15 minutos.

Resolveu mais o jury conceder por intermedio de «Os Sports» certificados oficiaes aos representantes de automoveis que assim o desejem no consumo da gazolina.

* * *

Foi tambem resolvido que a pesagem dos camions vasios seja feita amanhã (dia 19) pelas 15 horas na Fabrica «A Napolitana» na rua das Cozinhas Economicas e os mesmos camions carregados sejam pesados no sabado (dia 20) no mesmo local, ás 16 horas, ficando ali guardados até ao dia seguinte, dia da prova, seguindo depois para Bemfica. Verificam a pesagem dos camions os membros do jury srs. José Lino Junior (presidente do jury), engenheiro Antonio de Freitas, José Rodrigues Estevão e pelo jornal «Os Sports» A. de Campos Junior.

* * *

As inscrições tanto para camions como para automoveis encerram-se hoje pelas 21 horas na redacção de «Os Sports».

Os controles conhecidos já foram determinados e são os seguintes:

Amadora — passagem nivel.
Queluz — passagem nivel.
Massamá.
Cacem — passagem nivel.
Cacem — bifurcação do desvio.
Rio de Mouro — bifurcação.
Cascaes — em frente da estação do caminho de ferro.
Cascaes — passagem nivel.
S. Antonio Estoril — passagem nivel.
Parede — passagem nivel.
Entre Oeiras e Paço d'Arcos — passagem nivel.
Caxias — passagem nivel.

* * *

O numero de inscripções tem augmentado nestes ultimos tres dias, podendo afirmar-se que á prova de camions concorrem as principaes marcas com representação no nosso paiz, cuja lista no sabado publicaremos, assim como detalhes para os cocorrentes e algumas indicações para o publico que deseja seguir de perto estas provas que tanto interesse teem despertado no meio sportivo e até mesmo no meio comercial.

* * *

A direcção do jornal «Os Sports» foi hoje convidar a Associação de Escoteiros afim de que aqueles simpaticos rapazes policiem toda a estrada especialmente nas passagens de nivel.

Tambem ultimamente teem sido registadas importantes adhesões de automobilistas e motociclistas.

Uma importante oferta da Vaccum Oil Company

A direcção do bi-semanario «Os Sports» tomou hoje conhecimento da importante oferta que a Vaccum Oil Company fez, concedendo gazolina «Auto-gazo» gratuitamente para todos os concorrentes das provas de camions e automoveis. E' na realidade uma oferta de valor, tanto mais que a gazolina «Auto-gazo» não necessita de reclames, visto que desde que apareceu no mercado, conquistou desde logo um lugar de destaque pelas suas excelentes qualidades e o seu poder de aquecimento.

Campeonato de foot-ball

Uma tarde de animação

Não ha duvida alguma de que o desafio Casa Pia-Belenenses está interessante e mesmo apaixonando o publico sportivo. O Casa-Pia, com poucos mezes de existencia, e os Belenenses, com pouco mais de um ano, rapidamente conquistaram postos de destaque entre a primeira fila dos agrupamentos de «foot-ball». Com o seu valor vieram quebrar a monotonia em que se arrastaram os campeonatos, cujo maior interesse residiu, por muitas epocas, apenas na rivalidade Sporting-Benfica. Tem agora o Campeonato um interesse constante, desde os seus primeiros dias, como no domingo sucede. O Casa-Pia, ainda não conheceu uma derrota e conquistou já dois honrosos troféus: o Bronze Herculano Santos e a Taça Associação.

O desafio de primeiras categorias realisa-se entre o Carcavelinhos e o Sporting, varios de segundas, entre os quais um Bemfica-Casa-Pia e outros de terceiras e quartas.

Completam o bom programa de domingo.

Instituto de Arroios

A demissão pedida pelo seu director, o sr. dr. Tovar de Lemos

Como os jornaes da manhã noticiaram, o distincto clinico e nosso prezado amigo sr. dr. Tovar de Lemos, em virtude das acusações que lhe teem sido feitas por intermedio d'alguns jornaes, pediu a demissão de director do Instituto de Arroios. No requerimento que dirigiu ao ministro da guerra, pede que se generalise a sindicancia que está sendo feita aos seus actos, de modo a que fiquem bem apuradas as responsabilidades que lhe possam caber, quer teoricas, quer administrativamente.

A' direcção da Cruzada das Mulheres Portuguezas dirigiu o sr. dr. Tovar de Lemos, o seguinte oficio:

E' com o mais profundo respeito que venho comunicar a V. Ex.ª a resolução que tomei de abandonar a Direcção do Instituto que organisei e montei por encargo que recebi da Cruzada das Mulheres Portuguezas em Abril de 1917.

Tendo o meu lugar em França, no Hospital da Cruz Vermelha, sabem V. Ex.as pela correspondencia trocada as condições em que acedi ao pedido que teve a honra de receber de V. Ex.as para organizar, o Instituto. O que consegui fazer consta dos relatorios publicados e de que muita honra resultou para o nosso paiz e para a «Cruzada». Fiz o mais que pude e soube e alguma cousa foi. Hoje, porém, a obra de Reeducação dos Mutilados está prejudicada. A missão do Instituto já não é de revalidação pelo trabalho.

A questão dos mutilados, sendo hoje uma mera questão economica e transformado o Instituto para alguns em instrumentos e exploração, fazme declarar a V. Ex.ª que, não concordando eu com semelhantes processos, d'hai resultaram todas as más vontades e quási odios contra mim.

São 600 mutilados aproximadamente. São uns 6 ou 7 os promotores dessa campanha. São aos centos os testemunhos de estima que possuo.

Mas ha sempre a tal minoria que hoje domina e conduz os outros. Cansado de luctar, sujo e magoado, prefiro retirar-me para tranquilidade de todos. Era o que se pretendia. Conseguiram-no. Pelos futuros relatorios saberei as consequencias e em que se transformou o Instituto para Reeducação dos Mutilados de Guerra.

Os Mutilados de Guerra, mal orientados, teem sabido desgostar todos os que por eles se interessam e tanto trabalharam. O ultimo sou eu. Chegou-me a minha vez que já teria sido ha mais tempo se não fôra a esperança de ver realizada a obra de utilização do Instituto não só pelos Mutilados, mas tambem pelos Sinistrados do Trabalho, para a sua reeducação, a creação da Escola Profissional, para creanças aleijadas e estropiadas, etc, que constitue a aplicação e destino do estabelecimento que montei e organisei.

Cheio de desgostos e de prejuizos dos meus interesses, limitados a duas horas diarias de clinica no meu consultorio e horas matutinas, para consagrar todo o dia ao Instituto, abandono a obra a que me votei com todo o interesse, todo o amor e patriotismo, para regressar ao sossego dos meus livros e dos meus antigos clientes e recomeçar vida nova, só tendo lucrado uma grande lição que oxalá sirva para o futuro.

Convencido, pois, da inutilidade de todos os meus esforços, e julgando um dever não continuar a receber os meus vencimentos por um trabalho que, cançando, é todavia improficuo, declino nas mãos de V. Ex.ª o meu cargo que nesta data consigno ao meu colega dr. Fortunato Luzes, afirmando a V. Ex.ª que sempre estarei pronto a prestar o meu concurso em qualquer obra patriotica em que V. Ex.as entendam que eu posso ser-lhes util. Uma condição apenas exijo: Que não haja situações anormais, nem abusos a encobrir e que haja ordem, disciplina e interesse.

Agradecendo todas as provas de apreço e consideração que sempre recebi de V. Ex.as, tenho a honra de me subscrever. — Muito At.º Ven.or — Lisboa, 15 de Novembro de 1920. — (a) Alfredo Tovar de Lemos Junior.

Por nossa parte, lamentamos ver afastar-se do Instituto quem tantos cuidados, tantos esforços empregou para o tornar um estabelecimento modelar.

A direcção da Cruzada, segundo nos comunica, não aceita a demissão, resolvendo instar junto do ministerio da guerra porque se faça rapidamente a sindicancia pedida.

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Passou hontem o aniversario natalicio da sr.ª D. Lucinda Pastor, prima do sr. Marcelino Martins.

ULTIMA HORA

POLITICA

Parece que o novo ministerio será composto por reconstituintes, liberaes e dominguistas

Referiu-se hontem «A Capital» ás «démarches» da praxe feitas pelo chefe do Estado para solucionar a crise ministerial. Depois do nosso jornal estar na maquina, o sr. Presidente da Republica chamou o sr. Alvaro de Castro que pelas 20,20 foi incumbido de formar gabinete. O «leader» dos reconstituintes tratou do se evitar com os representantes dos varios partidos, os quaes na sua maioria o informaram de que hoje pelas 14 horas dariam as suas respostas.

O sr. Alvaro de Castro não ó sanimou, embora desde logo afirmassem os que em coisas de politica estão enfronhados, que o chefe dos reconstituintes não conseguiria a organisação do governo que na actual situação se impunha: um ministerio de concentração parlamentar.

Chegou cedo o sr. Alvaro de Castro ao Parlamento e uma vez ali a sua primeira conferencia foi com o sr. Herculano Galhardo, «leader» dos democraticos.

Demorada foi a entrevista entre os dois politicos, chegando a lavrar-se como que uma especie de acta, ou seja o resultado da «démarche» efectuado.

Em resumo, os democraticos responderam: não colaboreriam n'um governo da presidencia do chefe reconstituinte...

Confirmou-se em absoluto a profecia que sobre este ponto hontem fez «A Capital».

Um marechal do Partido Republicano Portuguez com quem nos avistamos esclareceu um pouco mais o assunto:

— Ou entram todos os partidos no governo, ou nós não entraremos. Nós não faremos questão de pastas, mas sim de chefia. O Afonso Costa que venha e tudo fica arrumado...

Finda a entrevista com o «leader» democratico, o sr. dr. Alvaro de Castro veiu passear para a sala dos Passos Perdidos, onde logo os «reporters» e politicos o rodearam na ancia de noticias:

— Isto vae bem, — disse o «leader» reconstituinte.

— Vae mesmo, magnificamente bem e tudo bem encaminhado. Formarei governo antes que não seja senão eu só, como Saldanha, sobraçando todas as pastas...

E, de facto, os politicos chegados ao sr. dr. Alvaro de Castro a fim que ele ao entrar no parlamento já traria na algibeira devidamente organisado um ministerio, que em ultimo recurso faria vingar...

Entretanto chegava o sr. dr. Domingos Pereira, que logo á entrada foi levado para uma sala pelo chefe dos reconstituintes. A conferencia foi curta e dados os laços de amizade que ligam aqueles dois homens publicos não é dificil concluir-se que ambos estavam de acordo.

O sr. dr. Alvaro de Castro podia contar em absoluto com o apoio e com ministros, se tanto fosse necessario, dos dominguistas.

Coube depois a vez ao sr. dr. Julio Martins, chefe dos populares, os quais antes haviam trocado novas impressões. O sr. dr. Julio Martins em nome do seu agrupamento politico respondeu que se mesmo agradaria ver no poder um governo de concentração geral, para o qual dariam ministros, mas que em caso de tal se não conseguir não deixaria de dar o seu apoio a outro ministerio.

Os populares reuniram-se depois com o chefe e resolveram dar o seu voto de confiança ao «leader» para resolver o assunto. E' que a essa altura já se falava em que se tinha chegado a um acordo entre liberaes e reconstituites e que os primeiros dariam dois ministros.

Em face de tal, o dr. Julio Martins avistou-se ao fim da tarde com o dr. Alvaro de Castro, mostrando-lhe a intransigencia dos populares em entrar num governo com liberaes.

Quanto á atitude dos socialistas era já conhecida desde hontem: só entrariam num governo de concentração parlamentar. Fôra disso ficavam na oposição, embora o sr. Ladislau Batalha se mostrasse muito contrariado dos seus correligionarios até hoje o não haverem consultado para coisa alguma. Depois de uma conferencia que o sr. Alvaro de Castro teve com o sr. Ferreira da Rocha, ministro demissionario das colonias, ficou mais ou menos assente que o novo governo sairia das direitas e seria constituido por reconstituintes dominguistas e liberaes. Estes, tiveram larga reunião durante a tarde no edificio de «A Lucta», onde a questão politica foi debatida com calor. Foram apresentadas varias hipoteses, os campos dividiram-se mas acabou por vencer a antiga corrente unionista-centrista contra os antigos evolucionistas. O partido liberal daria dois ministros e apoiaria um governo reconstituinto da presidencia do sr. Alvaro de Castro, tomando no entanto o compromisso de fazer votar ou levar ao parlamento varios projectos em que os liberaes estavam empenhados.

Os liberaes ficam, pois, no governo Alvaro de Castro na mesma situação que os reconstituintes estavam no governo Granjo.

A' hora a que «A Capital» vae para a maquina prosseguem ainda as «démarches», estando animadissima a sala dos Passos Perdidos e os corredores, que fazem contraste com a sala onde a sessão decorre sem interesse, com quási absoluta ausencia de legisladores e de espectadores, pois que as galerias estão tambem desertas.

Na sala dos Passos Perdidos estiveram tambem durante a tarde os ministros demissionarios da justiça, colonias e estrangeiros.

*

Os ministros demissionarios reuniram hoje de manhã na secretaria das colonias, não comparecendo, porém os titulares das pastas do interior, finanças e instrução, este por não ter sido prevenido a tempo. Depois da reunião, o sr. Antonio Granjo foi conferenciar com os srs. ministros do comercio e da instrução.

*

O sr. Machado Santos conferenciou hoje com o sr. ministro da instrução.

*

O sr. dr. Lima Duque esteve hoje no hospital de S. José a despedir-se do director e demais pessoal d'aquele estabelecimento.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A's 14,30, faz-se a chamada, sob a presidencia do sr. Abilio Marçal, respondendo 29 legisladores.

Leem-se os documentos do costume.

Decorrido algum tempo de espera, por não haver numero, proseguem os trabalhos, com 42 deputados, aumentando depois a assistencia.

A requerimento do sr. João Camoezas, aprova-se com todas as dispensas, uma emenda do Senado ao projecto de lei alargando o quadro dos sargentos telegrafistas da armada.

Em seguida recomeça a discussão, interrompida hontem, do projecto determinando que a pessoa a quem fôr concedida a assistencia judiciaria poderá, no gozo desse beneficio e sem necessidade de nova concessão ou autorisação, apelar da sentença e usar de todos os meios de recurso até á ultima instancia.

Apreciam esse documento os srs. Domingos dos Santos, Orlando Marçal e José Monteiro.

O "Temeraire" no Tejo

Visitas e jantar na legação

O comandante do «Temeraire» esteve hoje na majoria general da armada, a cumprimentar o almirante sr. Julio Galis, indo depois este senhor a bordo retribuir os cumprimentos.

Na legação de Inglaterra, realisa-se esta noite um banquete oferecido aos oficiaes superiores daquele vaso de guerra da marinha ingleza, ao qual assistem tambem os srs. ministros dos estrangeiros e da marinha e oficiaes superiores da armada.

Pela cidade, em grupos, andaram durante o dia passeando alguns aspirantes e tripulantes do «Temeraire».

Os srs. ministros dos estrangeiros e da marinha vão amanhã a bordo retribuir os cumprimentos.

Pensionistas do Monte-pio Geral

O Monte-pio deve ser para os pensionistas e não asilo para empregados

Sr. redactor d'«A Capital». — Ainda bem que v. defende a causa das pensionistas do Monte-pio Geral.

Funcionario publico aposentado, vivo com minha enteada e uma irmã septuagenaria, viuva dum empregado do Estado com a pensão de 100 mil réis. Muito reduzido o meu vencimento, ela, depois de enviuvar, trabalhou para as lojas emquanto poude. Hoje, porém, as cataratas nada a deixam fazer. Deus sabe como vivemos. Pois ninguem lhe disse dos tais bonus de cinco por cento. Só agora se veiu a saber. Nós não temos para pão quanto mais para jornaes, e assim ia a pobre velha perder a bagatela da subvenção que faz falta a quem luta com tantas dificuldades.

O Monte-pio está bem, a prova é que tem um enxame de empregados e empregadas, gabando-se estas de haver dias que nada fazem, quando o serviço, em vez de ser feito por essas meninas e meninos que passam a vida a divertir-se como é proprio dos verdes anos, bem podia ser desempenhado pelos socios do monte-pio reformados, homens praticos, que receberiam uma gratificação, o que representava uma economia de centenas de contos.

O Monte-pio é das pensionistas, não é asilo para os empregados, que são, afinal, quem o disfruta. Haja compaixão para as pensionistas que precisam: viuvas, orfãs e solteiras, velhas e doentes, e acabem com abusos.

Presta v. um serviço que as necessitadas lhe agradecem. Pedindo desculpa de abusar da sua bondade, sou de v., etc. — José Marciano de Oliveira.

Fugindo á policia

O guarda 827 dirigiu-se a casa de Pedro Marques, rua Maria Pia, 12, a fim de o intimar a acompanhal-o á esquadra, em virtude de mandados de captura passados pelo 4.º juizo de investigação criminal, onde se acha pronunciado.

O Marques pôz-se em fuga, tendo o guarda disparado 4 tiros de pistola para o ar, a fim de o intimidar e prender, o que não conseguiu, porém, porque o intimado parecia ter azas nos pés.

Julgamentos no governo civil

Respondeu hoje no governo civil Manuel Francisco Duarte, com mercearia na travessa das Amoreiras, 14, por ter exposto á venda manteiga impropria para consumo publico. Foi absolvido por falta de provas.

Tribunal do C. E. P.

Soldado condenado

Foi julgado hoje o soldado Antonio Maria, do regimento de infantaria 28, acusado de ter no dia 10 de maio de 1918 abandonado a primeira linha do posto de vigilancia assim como o seu armamento e fugido para o inimigo, cometendo assim o crime de alta traição.

O réu negou o crime de que era acusado, alegando que saindo da sua trincheira se perdera no caminho devido ao nevoeiro, sendo surpreendido por tres alemães, que o prenderam e o levaram para as suas trincheiras.

Depuzeram duas testemunhas de acusação. O promotor de justiça, diz que na sua opinião o réu cometera uma falta grave, e como tal deve ser rigorosamente castigado.

O réu foi condenado em tres anos e um dia de prisão e egual tempo de deportação militar.

Não se provou o crime de alta traição, mas sim o de abandono de posto.

Serviço telegrafico da tarde

Entrevista com o poeta e guerreiro d'Annunzio

ROMA, 16. — O almirante Mill, teve no alto mar uma entrevista, que durou duas horas, com Gabriel d'Annunzio, e parece ter colhido bom resultado da sua missão.

O «Secolo Romano» diz que no domingo o sr. Giolitti, presidente do conselho de ministros, teve uma entrevista com o general Garibaldi, o qual se comprometeu a opôr-se a qualquer acto de rebelião por parte de d'Annunzio. — (Havas).

As Sessões da assembleia da Sociedade das Nações

GENEBRA, 16. — A assembleia da Sociedade das Nações, esteve bastante agitada esta manhã.

Discutia-se a questão de serem publicas ou não as sessões. Lord Robert Cecil, representante de Inglaterra, queria que o fossem, mas os srs. Giolitti e Viviani, opunham-se a essa resolução.

Por fim concordou-se em que as sessões não fossem publicas, muito embora se desse uma nota oficiosa de cada uma delas. — (Havas).

Bomba que não explode

MEXICO, 17. — Dizem de Vera Cruz que os grevistas colocaram uma bomba nos armazens da Alfandega. Descoberta a tempo, conseguiu evitar-se que explodisse. — (Americana).

Greve que provoca disturbios

MEXICO, 17. — No Yucatan, por motivo da greve geral, tem havido disturbios nas ruas. — (Americana).

Complot maximalista

MEXICO, 17. — Em Tampico descobriu-se um «complot» maximalista que devia rebentar no dia 30. — (Americana).

Medalha oferecida ao rei Alberto

RIO DE JANEIRO, 17. — A municipalidade aprovou um credito de 19 contos para acquisição da medalha que vae oferecer ao rei Alberto, comemorando a sua visita. — (Americana).

Instrução

Universidade Livre

O ilustre professor sr. dr. Theofilo Braga, realisa no proximo domingo, pelas 21 horas, na séde desta colectividade, na praça Luiz de Camões, 46, 2.º, uma conferencia literaria, na qual tratará o problema Vicentino, considerado como uma questão de literatura e arte.

Universidade Popular Portugueza

Brevemente iniciam-se duas series de conferencias populares pelo sr. Batalha Reis, antigo embaixador de Portugal na Russia e delegado á conferencia da Paz.

Versarão sobre «Principios fundamentaes da economia politica moderna», e «A Sociedade das Nações»; o «Direito internacional» e a «grande guerra».

Sociedade Nacional de Belas Artes

Abrem por estes dias para a matricula livre os cursos artisticos professados nesta pleiade, os quaes são regidos pelos nossos melhores artistas das varias especialidades. O ilustre aguarelista sr. Alves de Sá será o professor de agurela e Armando Sucena de desenho.

Estes cursos são noturnos e as suas matriculas baratissimas, tendo sido nos ultimos anos muito frequentados por senhoras.

As matriculas e a frequencia são livres, não sendo exigidas nenhumas habilitações.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3731 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 19 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL. Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Segundo noticias dos jornaes da manhã, a crise ministerial deverá hoje ficar solucionada, tendo-se desligado do Partido democratico, para cooperar na formação do novo governo, dezesete deputados pertencentes áquele partido.

Não é nosso proposito apreciar, n'este momento, a forma como se pensa organisar esse ministerio, mas afigura-se-nos que não pode passar sem reparo a atitude tomada, no momento em que se vae efectuar uma nova distribuição do poder, por esses dezesete parlamentares que até hontem se conservaram, unidos e solidarios, dentro do seu partido, apezar d'ele ha muito vir sendo alvo dos mais severos ataques.

Com efeito, a crise do partido democratico pode dizer-se que dura ha mais de tres anos. Ela iniciou se quando um grupo de deputados d'esse partido entendeu, em pleno desenvolvimento das operações da guerra, a que tinhamos sido chamados a participar, dirigir-se ao governo presidido pelo sr. Afonso Costa, ponderando-lhe a necessidade de orientar a sua acção politica n'um sentido menos exclusivista. Essa tentativa abortou, não se sabe ainda bem em que circunstancias nem em virtude de que manejos, mas nem por isso deixou de ficar existindo um germen de discordia no seio do velho partido.

Veio o dezembrismo, e, em face das perseguições sidonistas, se aparentemente o partido se conservou unido, a verdade é que precisamente nessa epoca se praticou o acto da maior significação dessa desharmonia, visto que no manifesto publicado pelo Directorio em junho, se não nos enganamos, de 1918, se estabeleceram tres pontos que iam manifestamente ferir o poder quasi dogmatico dr. sr. Afonso Costa. O primeiro foi o reconhecimento de que todos os partidos da Republica tinham eguaes direitos a ser considerados forças legitimas e necessarias do regimen, o que contrariava as afirmações do congresso da Figueira; o segundo, o de que a lei da Separação não podia continuar a ser considerada um diploma intangivel; o terceiro, a aceitação do principio da dissolução parlamentar. Este ultimo parece que fôra aceite pelo sr. Afonso Costa, mas forçadamente, numa conversa pelo telefone com o sr. Bernardino Machado, horas antes do chefe democratico ser preso no Grande Hotel do Porto. Que esta atitude marcou uma fase importante na vida do partido democratico, prova-se com o facto de ela ter constituido o fundamento apresentado mais tarde pelo sr. Afonso Costa para se desligar do partido democratico.

Saiu do partido o sr. Afonso Costa, e os 17 deputados ficaram no partido. Não viram nisso nenhuma razão para não o considerarem necessario como um forte organismo da Republica, assim como não reconheceram justiça ás acusações de que esse grupo já era ha muito alvo. Deuse a cisão Alvaro de Castro, em nome da necessidade de orientar a acção partidaria no sentido duma politica de tolerancia e de moderação, que desse garantias ás forças vivas do paiz e á opinião serena e imparcial, e os 17 deputados ficaram no partido. Só agora, no momento em que se vão abrir as portas do poder para uma situação em que o partido democratico declara não querer participar, só agora é que os 17, subitamente esclarecidos na sua consciencia sobre a má politica do partido democratico, só agora é que uns 17 deputados rompem definitivamente com o seu partido.

Já não é um partido o mais firme sustentaculo da Republica; já não é a maior esperança, a maior garantia do regimen; já não é o partido onde se conserva o puro, o exclusivo, o imaculado requinte da tradição republicana.

Evidentemente, nunca é tarde para assumir determinadas atitudes politicas, mas devemos concordar que nem todas as ocasiões são oportunas porque é preciso contar com as sensibilidades da opinião.

Homenagem a um heroico soldado

Promete revestir o maior brilhantismo a homenagem que depois d'amanhã, pelas 15 horas, vae ser prestada, no cemiterio oriental, á memoria do soldado da guarda nacional republicana n.º 41|2936 da 4.ª companhia do batalhão n.º 1, Francisco Carneiro Alves, que preferiu deixar-se matar pelos monarquicos, em Monsanto, a fazer fogo contra as forças fieis ao governo da Republica.

Será inaugurada solenemente uma lapide sobre a sepultura do heroico soldado, assistindo a esse acto contingentes de todas as forças da guarda republicana e de outras unidades, alem de diversas personalidades que foram convidadas. A cerimonia será abrilhantada pela banda grande da guarda.

Société Amicale Franco-Portugaise

Amanhã nas aulas d'esta Sociedade, realisar-se-ha um sarau literario sobre Camillo Pessanha, em que João de Castro fará uma invocação da Figura da Arte e da Figura do Poeta, e o musico Herminio do Nascimento interpretará, como comentario a continuação emotiva, Beethoven e Debussy.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Até breve

Leitor, vai ser indispensavel que o meu ilustre advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, submeta á sua apreciação uma série de considerações e de documentos, muito interessantes. Antes, porém, embora eu volte a conversar comsigo de vez em quando preciso dar-lhe uma explicação.

Relembrando a minha carta prefácio, repito aqui o que nela disse, isto é: que não foi a embriaguez da celebridade que me fez vir continuar nas colunas de «A Capital» que generosamente me franquearam, a minha defesa, encetada no meu livro «Doida, não!» Foi unica e simplesmente, a necessidade de tornar conhecidos factos ignorados, uns, deturpados outros; para conseguiu mostrar a verdade.

É, disse-eu, nessa minha primeira carta: «se, por vezes, a violencia da frase exceder, um pouco, os limites que marquei a mim mesma, nesta luta pela liberdade, nesta luta pela vida, que mo perdôe quem me ler e não veja nisso uma falta de respeito; mas sim o calor natural que este assunto em mim provoca».

Repetindo aqui estas palavras ditas em 11 de Agosto, p. p., peço-lhe, leitor, que me perdôe se, efectivamente, alguma vez fui alem do que devia.

Como um pintor naturalista dei ao quadro que lhe apresente, a máxima verdade, fugindo ás falsas côres, aos tons demasiadamente vivos que ferem o orgão visual.

Tomando o leitor como meu companheiro, fi-lo sair comigo de Lisboa em 13 de novembro de 1918, tentando transmitir-lhe a anciedade dolorosa das horas da partida. Procurei imprimir ás minhas palavras quanto de maguado havia, nesse momento, no meu coração.

Levei-o a S.ta Comba e depois de lhe ter descrito, numa semelhança de meias tintas, a minha vida ali, obriguei-o a entrar comigo no hospital dos doidos, no pavilhão das criminosas: quiz fazê-lo ver nas minhas lágrimas, de mistura com as gargalhadas dos loucos e as suas canções dolentes, o tormento dessas longas noutes e desses infindáveis dias.

Nada lhe ocultei da minha fuga para o fazer ser ainda meu companheiro nesses instantes de incerteza e de pavôr, deligenciando, sempre, conseguir, com as minhas palavras, fazê-lo sentir as minhas comoções.

Levei-o, tambem, ao Roção e chegados lá, tentei, transmitindo ao que escrevi, a modestia e a humildade da vida nessa aldeia, escondida entre serras, mostrar-lhes os meus dias ali.

Fui violenta e rispida ao mesmo tempo que os soluços me embargavam a voz e o pranto me turváva a vista, descrevendo-lhe a minha prisão, a noite na taberna, as humilhações, as vergonhas a que me sujeitaram, para o compenetrar da minha situação, como presa vulgar.

Arrastei-o de novo ao manicomio, ao mesmo tempo que lhe abria a minha alma, mostrando-lhe as chagas nela cavadas profundamente, como se o tivessem sido com um ferro em braso, emquanto os meus olhos choravam, por assim dizer, lágrimas de sangue, dos meus lábios saiam recriminações e censuras.

Descrevi-lhe as minhas grandes amarguras, as minhas misérias materiaes e as misérias morais doutros, desde o começo desta triste historia.

Puz á sua vista o processo crime, indicando-lhe os pontos falsissimos de alguns depoimentos.

Procurei que a minha maneira de dizer, referindo-me aos agentes de policia e aos pseudo-policias, lhe dessem a ideia aproximada do meio em que vivi horas, quer na taberna do Roção, quer na hospedaria da Máxima, em Rezende. Forçada a recordar o riso chocarreiro e alvar e os comentarios grosseiros desses homens que não souberam respeitar a minha situação de prisioneira, nem a minha qualidade de mulher, eu tive de rir, falando deles, para não chorar de vergonha, mais uma vez.

Toquei-lhe, ligeiramente, alguns pontos escabrosos desse processo-crime para que o leitor calculasse o que ali se diz e que, com grosseria, me foi lançado em rôsto, na Morgue, pelo sr. dr. Magalhães Lemos.

Desvendei-lhe o misterio dos atestados que dizem ter servido para a minha entrada no Conde de Ferreira.

Falei-lhe de muitas pessoas que se teem salientado no meu caso para que avaliasse a deslealdade dumas e a sinceridade e honestidade de outras.

Contei-lhe, emfim, o que tem acontecido comigo, desde 13 de Novembro de 1918 e que só eu podia contar-lhe, pois que só eu sei como as cousas se teem passado.

Tenho-o, finalmente, feito subir comigo, leitor, o meu Calvário, para que tomasse bem o peso á minha cruz.

E, quer as minhas palavras tenham sido brandas ou austeras, quer eu tenha chorado ou tenha rido, o meu coração sangrou sempre, durante a narrativa, emquanto a minha alma gemia angustiada.

Das minhas 90 cartas aqui publicadas, peço-lhe, leitor, que conclua apenas — o martirio duma mulher. Foi ela propria que o escreveu com o sangue do seu coração dilacerado; e deixou banhadas de lágrimas, no livro dos destinos, as páginas mais dolorosas duma vida de tristezas.

Se, acaso, alguma vez o fiz chorar ao ler-me, julgo-me sobejamente compensada do muito que padeci, ao descrever-lhe tudo quanto a minha alma guarda de muito dôce e de muito amargo. A sua comoção foi sinal de que as minhas máguas foram compreendidas; e, sofrer acompanhada, abranda o sofrimento.

Não lhe digo adeus, leitor, visto que «A Capital», num impulso de generosidade que me confunde, de tal modo que não sei agradecer-lho devidamente, consente que continue a figurar nas suas colunas o meu nome.

Até breve.

Maria Adelaide

PELO TELEGRAFO

Homenagem ao presidente da Republica chineza

PARIS, 18.—Escreve o «Excelsior» que a universidade de Paris, por iniciativa da faculdade de letras, acaba de conceder ao presidente da Republica Chineza, Heuchet Tchang, o grau de dr. Honorario, que é a mais alta distinção honorifica que possue. Esta distinção não tinha sido concedida até hoje se não a 6 ou 7 personalidades da Europa e da America; é a primeira vez que vae ser concedida a um asiatico. A ceremonia, que dentro, em algumas semanas se deve realisar no grande anfiteatro de Sorbonne, é um acontecimento historico.—(Havas).

Manifestações anti-alemãs

PARIS, 18.— A população tcheque, sobrexcitada pelas pretensões dos alemães e pela atitude dos representantes alemães no parlamento, entregou-se no dia 17 a manifestações contra eles. Os manifestantes, em numero de 2.000, invadiram sobretudo o velho teatro alemão, arvoraram a bandeira tcheque e exigiram que de futuro se não representasse ali se não em lingua tcheque. Depois arrombaram a porta do casino alemão e deitaram pela janela fora uma estatua de Guilherme II e içaram uma bandeira tcheque. Outros manifestantes intimaram a administração do jornal alemão «Bohemia» a cessar a publicação; em seguida dirigiram-se ao «Praguer Tageblatt», onde o director conseguiu acalmá-los, mandando arvorar as côres tcheques.—(Havas).

As grêves em Hespanha

MADRID, 18.—Os grévistas da electricidade espancaram o guarda de um armazem, deixando-o agonisante. O general Amps conferenciou durante o dia com as autoridades a fim de se acabar com esta situação, que é gravissima continua a gréve geral; a benemerita patrulha as ruas, mas a gréve, que é geral, estende-se a outras povoações, tendo paralisado já as fabricas de alcool e assucar. O sindicato do assucar prevê uma catastrofe economica, se a solução não for rapida.—(Havas).

CORDOVA, 18.—Está solucionada a gréve dos aldeões.—(Havas).

RIO TINTO, 18.—A gréve agravou-se em varios pontos, tendo o sindicato resolvido reatar as negociações com a companhia, que se recusa a conceder o aumento pedido. Foram lançados 4 petardos, mas sem ocasionar desgraças.—(Havas).

BARCELONA, 18. — O governador reuniu e a junta das subsistencias que adotou medidas no sentido de baratear o preço dos generos. O conflito motivado pela questão do pão está conjurado, tendo sido entreguez aos padeiros 36.000 sacas com farinha. Continua a gréve dos braços cruzados dos operarios da construção e paralisada a nova repartição dos correios.—(Havas).

OVIEDO, 18.—Continuam em gréve grande numero de operarios, negando-se a direção a parlamentar com os grévistas.—(Havas).

PAMPLONA, 18.—Continua a gréve dos operarios das refinações de assucar por solidariedade para com os seus companheiros de Saragoça. O numero de grévistas é de 15.000.—(Havas).

Oferta ao marechal Foch

PARIS, 18.—A imprensa franceza crê que a grã-duqueza do Luxemburgo patrocinará a ceremonia da Sorbonne para a oferta de um objecto de arte ao marechal Foch oferta feita pelo grão ducado.—(Havas).

Nó paiz do azeite

...Sr. director de «A Capital»

Lemos no seu conceituado jornal d'hontem, relativamente a azeites e sob a assinatura de D. Thomaz de Noronha, o seguinte:

«...só uma firma tem mais de mil contos em azeite... retido em grandes armazens por estrangeiros, azeite portuguez e que custou quasi todo a 90 centavos».

Quer-nos parecer que a firma estrangeira visada seja a nossa e que o azeite a que se faz referencia seja aquele que nós temos armazenado em Abrantes e Alferrarede e que as autoridades d'ali injusta e ilegalmente pretendem impedir a sua saida.

Pedimos, pois, licença para esclarecer a verdade dos factos, que é simplesmente a seguinte:

Temos entre aquelas duas localidades, de ha tempo contratados com os nossos clientes e ainda por entregar aos mesmos, uns 150.000 litros d'azeite aproximadamente, que comprámos por ocasião da ultima colheita ao preço de 1$30 cada litro. — Ficam, pois, os mil contos supra mencionados reduzidos a 195!

Aquele azeite está, repetimos, ha muito vendido por nós á nossa freguezia a preço que não liquida para nós mais de 1$60 cada litro — se tanto — emquanto que o seu articulista achava razoavel se vendesse a 2$00.

Já V. Ex.ª vê, a que fica reduzido o grandissimo lucro!

O mais curioso, porém, ainda é que sendo a nossa, uma casa estrangeira que importa de fóra os capitaes para o seu negocio, aquele aparente lucro se transformou na realidade «em grandissimos prejuizos» por efeito da depreciação da moeda de que todos estâmos sendo tão grandes vitimas.

A injusta atitude das autoridades locaes de Abrantes, em pretender impedir a saida da sua localidade do azeite que temos a entregar para cumprimento dos nossos compromissos, tomados para com a nossa clientela, dá em rezultado fazer vêr ao publico que nós estamos açambarcando o genero quando é exactamente o contrario o resultado ou efeito do serviço que a nossa casa faz com a sua clientela.

Esperamos que V. Ex.ª contribuirá para esclarecer a verdade, dignando-se mandar publicar esta carta em «A Capital», o que desde já muito agradecemos.

Com muita consideração, nos subscrevemos, de v., etc.—Levy & C.ª

Empregados do Monte-pio Geral

Dizendo de sua justiça

E' norma antiga d'«A Capital» publicar as cartas que recebe quando se trata de ventilar um assunto importante, sem que de modo algum isso queira dizer que concordamos com a doutrina nelas expostas. Nesse caso está a que hontem inserimos do sr. José Marciano de Oliveira, relativa aos empregados do Monte pio Geral. E, porque assim é, publicamos egualmente a que acabamos de receber assignada por «um empregado» e em que se diz:

«A proposito da justissima questão do serem aumentadas as pensões do Monte-pio Geral, o sr. Marciano de Oliveira, lança o infeliz e inoportuno alvitre de que os empregados do mesmo «Monte-pio» deveriam ser substituidos por individuos reformados e, «ipso facto», duma certa e algo avançada idade. Para não abusar do precioso tempo de V. e para não roubar muito espaço ao seu jornal—caso V. se digne mandar publicar estas linhas—limito-me a apresentar um unico argumento qua lança por terra a inaproveitavel idéa do sr. Marciano:

O trabalho dos empregados do «Monte-pio Geral é de tal forma violento — e portanto improprio de ser exercido por reformados—que, sendo, epoca da sua admissão, esses empregados sujeitos a uma rigorosissima inspeção medica, muitos deles teem contraido doenças incuraveis, provenientes do excesso de trabalho. Ainda muito recentemente, faleceu na Serra da Estrela—um empregado moderno que foi uma vitima humilde e obscura da sua dedicação ao serviço. Essa dedicação estende-se a todos os actuaes empregados de ambos os sexos, que—para nao acarretar maiores despezas ao «Monte-pio»—se sujeitam a trabalhar com o minimo de pessoal.

Nao vejo pois razão, sr. director, para que «A Capital», bom paladino das causas nobres e justas, dê, nas suas honradas colunas, bom acolhimento a tão derrazoado ataque. E, como todos os acusados teem o direito de defeza, creio que V. não deixará de dar identico acolhimento, a estas rapidas considerações.

Conferencias

A conferencia que o ilustre publicista brazileiro dr. Carlos Cavaco pretendia realisar amanhã no Teatro Nacional, ficou adiada para sabado 28, ás 16 horas no mesmo local.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XVI — *O primeiro «shake-hands» de John Bull*

E' uma desilusão quando uma pessoa está certa de que enjôa e não ha forma de sentir a mais leve comoção intestinal. O mar é um lago cinzento com cambiantes de prata; destas cadeiras em X, onde me repimpo embrulhado numa manta que já me custou de aluguer 1 shelling, ou desfruto a transformação extraordinaria que a população sofreu; já aqui não vão senão esgalgadas inglezas, congestionados subditos de John Bull, alguns japonezes, desaparecendo a gente miuda do continente e quasi deixando de se ouvir falar o francez. Toma-se chá e bolos, — o primeiro sintoma de que nos aproximamos da Inglaterra — entram a comprar-se chocolates e bon-bons, — o vicio da gente britanica — e tenho de escrever num bilhete da policia de emigração ingleza, donde venho, para onde vou e os sinaes da face e ocultos.

O mundo civilisado no seculo XX, repito, é uma coisa mastigada por todos; até aqui, a meio caminho para Dover, o Boedeker diz que se ha de encontrar um navio farol fixo; e a uma hora e meia de ceu e mar ele aparece balouçando muito estupidamente como se balouça ha 20 ou 30 anos...

Por fim, sem haver meio de enjoar para ter a impressão de que fiz uma grande viagem pelo mar, por mais geito que dê ao estomago e por mais que interrogue as visceras sem resultado, divisa-se á prôa a costa abrupta e castanha dos «isolados» da Europa.

*

Dover surge, os seus faroes, o seu ante-posto, o porto, os caes, um cêrro alto olhando o mar, desconfiado e perscrutante. Galga-se para terra, e em bicha, mantidos por uma torre de fato preto, zimborios no topo, e que depois descobro ser um vulgar exemplar de «policeman», rapidamente, sumariamente, o «contrôle» dos passaportes faz se para a centena de passageiros do barco. A revista ás malas efectua-se, mas... efectua-se.

Um «porter», simpatico, guarda-me as malas num compartimento de 1.ª e á hora justa, um ligeiro silvo do chefe da estação e estou em marcha, sem roncos, sem apitos, nem choques nem solavancos.

E' quasi noite, mas olho ávidamente, a paisagem verde, um prado ou campina perpetua, muito fresco e humido; ovelhas brancas, grandes vacas, varios grupos jogando ao «foot-ball», pequenas «farms» rusticas com folhagem envolvendo-as. Que paz por todo o campo, que desliza suave, como untuoso do comboio nos rails. E' directo para Londres, e apezar da boa velocidade só ao fim de trez horas lá chego. E' já noite escura, e, durante a ultima meia hora, creio-me dentro duma cidade, tal os renques de luz electrica, as ruas largas iluminadas a arcos voltaicos, silhuetas negras de chaminées, muitas, ás centenas, telhados enfileirados, reverberos de fabricas. A linha corre sobre estas cidades, ou cidade unica, não sei, porque não vejo quasi nada e é a primeira vez que cá venho...

A's tantas o comboio pára e, é curioso, estou em Londres. Dou um suspiro de alivio porque vim preocupado com a falta de bilhete; em Dover, um senhor de bonet de pala com muitos dourados, ficou-me com ele e eu vim com o crédo na boca por causa do revisor. Afinal não houve revisor porque esta gente, é costume dizer-se —é absolutamente pratica: o comboio era rapido e se eu para entrar para ele tive de apresentar bilhete, seria trabalho inutil andarem a massar-me outra vez.

*

Chegar a uma terra estranha, onde não se conhece ninguem, nem a lingua que ahi falam, é do dominio corrente, tem qualquer coisa de impressionante ainda mais quando essa cidade tem 10 milhões de pessoas e se chama Londres.

Tomo um «taxi» que espera junto á linha do comboio. Dou-lhe o nome do hotel modesto que me recomendaram e com prazer inexcedivel noto que o homem compreendeu.

Mas, desilusão primeira: atravesso ruas escuras, massas de arvoredo negro que ia jurar serem do «Bosque de Bolonha...», depois, um silencio grande, nem o deslizar do carro na rua liza e brilhante como um espelho, ninguem dos taes milhões de almas que me anunciaram. Mas ter-me-hia enganado? Não, que eu perguntei á chegada se estava em «Victoria Station» e o homem do «taxi» repetiu sem espanto o nome do hotel. Terei sido vitima do conde Hugo? Estarei eu para ser protagonista dalgum crime sensacional?

Ao fim de 10 minutos de palpitações, sem que o scenario tivesse mudado muito, o carro pára. Ponho o ouvido á escuta a ver se ouço meia noite em S. Paulo. Nada.

Mas afinal, é o «Hotel Quebec» onde estou, uma casa de tijolos, simploria; entro e pergunto pelo «manager» que é por acaso uma «miss».

«Sorry», muito «sorry» para a direita e para a esquerda, mas não tem quartos nenhuns; talvez ali ao pé..

Lá vamos a outro hotel, a 5 minutos daquele, por outras ruas desertas, mas que agora não me assustam já; porem no segundo hotel a mesma desilusão; nem um lugar; e a sorrir voltam a mastigar os seus «sorry» com que esta gente se desculpa, perdôa, se julga livre de compromissos, e atropela o parceiro sem dó nem piedade.

Mais uma corrida, agora já sem esperança de encontrar cama para deitar uns ossos trasladados de Portugal a Londres. Com 10 minutos para cada hotel, havendo em Londres trezentos e tantos hoteis, faço rapido o calculo de que posso passar a noite.,. no taxi sem perigo dum «policeman» me deitar a mão.

Ao fim—como nos romances—no «Wigmore hotel», acedem a dar-me um quarto, no setimo andar. Pago 14 shellings pelo lindo passeio automobilista e saboreio já o bem merecido repouso dum hotel, seja ele qual for. São 10 e meia da noite e jantar foi coisa que ainda não vi; sabo, pois a ver o domicilio e preparo-me para comer qualquer coisa de quente, apetecivel ou um bifesinho: ou mesmo algumas carnes frias e o copinho de cerveja.

Pergunto ao porteiro onde é o restaurante.

—Está fechado já, «sorry», Diz-me ele em inglez brasco,

—Então onde ha aqui perto um restaurante?

—A esta hora estão fechados. Por aqui não ha nada...

Desiludido, imploro qualquer coisa mastigavel, e com uma esportula de uma «half-croun» o homem resolve-se a acordar, mexer um braço e prometer-me que me leva uma ceia ao quarto.

Ah, meus amigos! Não sei se é vergonha confessar que foi com intima comoção, que vi chegar um grande taboleiro pela porta do meu quarto. Era lá em cima, sobre o telhado de ardozia azul, um aposento forrado a papel de ramagens, uma chaminé com tenazes e janelas sem portas de dentro como é dos habitos; o telefone não falava, a campainha não tocava, e rez vez da janela corria a platibamda propicia aos assaltos noturnos. Nesta «explendid isolation» em que a cada instante imaginava ver surgir uma casa de «pic-pocket» do fundo da chaminé ou da janela mal fechada, eu abençoei ao menos a ceia.

E, sabem o que era a ceia?

Salada de alface, muita beterraba, um fasco de mostarda e café com leite!!

Armando Ferreira.

Louvor pelo ministerio da instrucção

O sr. ministro da instrucção louvou em portaria a sr.ª D. Angelina Barreto da Cruz Bordalo Pinheiro, pela dadiva que fez ao Museu de Arte Contemporanea de um retrato de Rafael Bordalo, execução do pintor Sargent, e pela oferta á Biblioteca da Escola de Arte de Representar duma interessante coleção, com dedicatoria autografa a Rafael Bordalo, de reproduções fotograficas representando C. Coquelin nas principaes das suas creações de teatro.

Ordem publica

Foi preso e entregue á policia da Segurança do Estado o trabalhador Manoel Julio de Carvalho, rua do Loureiro, 4, por impedir que os operarios da limpeza trabalhassem.

O concurso literario d'«A Capital»

Escreve-nos o concorrente «Vicente Moraes», pedindo-nos para dizermos o que ha a respeito do concurso literario aberto pela «Capital», pois de nada sabe, em virtude de ter estado fóra.

Dir-lhe-hemos que a classificação vem nos numeros de 6 e 7 de agosto findo, tendo assim terminado todos os trabalhos respeitantes ao concurso.

Conselho superior de higiene

Na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene foi distribuido para consulta o processo de multa aplicada ao capitão do vapor holandez «Ganimedes», por não ter apresentado carta de saude de Bordeus, por ocasião da visita de saude no porto de Lisboa.

O mesmo conselho tomou conhecimento da nota dos casos de molestias contagiosas, ocorridos em Lisboa, na semana finda em 13 do corrente, que foram, 8 de difteria, 7 de febre tifoide, 1 de meningite, 2 de tosse convulsa e 4 de variola.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Sob a presidencia do sr. Abilio Marçal, faz-se a chamada regimental, a que respondem uns 20 deputados.

Tendo-se lido a acta e o expediente, o sr. Abilio Marçal analisa detidamente algumas representações enviadas ao parlamento pelos emprezarios teatrais, respeitantes ao decreto 7.002, que classifica de violento e vexatorio para as mesmas entidades. Ao mesmo tempo declara que esse diploma vai de encontro ás disposições do codigo comercial. A' face da constituição — diz — esse decreto não merece obediencia. Depois o orador critica a forma como a seu ver, se está pretendendo alterar a legislação formulando, como homem de leis, o seu veemente protesto. Termina, depois de fazer diversas considerações de ordem juridica, por enviar para a mesa um requerimento no sentido do referido decreto seja suspenso até que o Parlamento o substitua por uma lei mais justa e equitativa.

O sr. Jacinto de Freitas mostra a sua estranheza por ter baixado ás comissões o projecto que concedia o grau de cavaleiro de Torre e Espada ao oficial da marinha mercante sr. Caetano Moniz de Vasconcelos, comandante do «San Miguel».

O sr. Mariano Martins dá explicações.

O sr. Americo Olavo requer imediata discussão do projecto que suspende a remissão de foros até que se restabeleça a normalidade da nossa vida economica.

Votado o requerimento do sr. Americo Olavo, falam sobre ele os srs. João Bacelar, Orlando Marçal, Antonio Maria da Silva e o requerente, baixando o projecto ae comissão de administração publica.

Posto á discussão o requerimento do sr. Orlando Marçal, referente á lei 7.002, o sr. Antonio Maria da Silva mostra-se-lhe desfavoravel por entender que ele invade a esfera do poder executivo.

Termina requerendo que para a questão seja votada em separado a urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Orlando Marçal reitera as suas considerações, produzindo ainda outras, em resposta ás quais o sr. Antonio Maria da Silva responde dizendo que concorda com as disposições do aludido diploma que colidam com as leis gerais.

O sr. Antonio da Fonseca é do parecer primeiramente expendido pelo sr. Antonio Maria da Silva, acontecendo o mesmo com o sr. Mariano Martins.

O sr. Ladislau Batalha tambem entende que a suspensão não se pode fazer de animo leve, porquanto o decreto em debate é da maior importancia do assunto.

O sr. Orlando Marçal em virtude da atitude de todos os lados da camara, requer que esta consinta a retirada do seu projecto, para que o possa substituir por outro. Concedido.

O sr. Lucio de Azevedo requer imediata discussão do projecto que autorisa a casa da moeda a cunhar moedas de 5 centavos. Aprovado, votando-se igualmente o projecto.

Entra em debate, aprovando-se com ligeiras emendas, o projecto determinando que nas cidades do continente e ilhas adjacentes só seja permitida a venda de artefactos de ouro e prata e relogios de algibeira de pulseiras similares, em estabelecimentos destinados a esse ramo de comercio.

No Senado

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Dias Pereira. Acta aprovada por 24 senadores. Após a leitura do expediente espera-se pelos retardatarios. Volvidos alguns minutos verifica-se que ha numero e os trabalhos prosseguem.

O sr. Alberto da Silveira insurge-se com energia contra o procedimento das companhias de carris de ferro, dos tabacos e dos fosforos. O orador verbera, em especial, a forma como a primeira se conduz queixando-se, constantemente, de que está perdendo nos seus lucros, sem que apresente provas do que expõe. Depois de se referir aos seus pessimos serviços alvitra que a Camara Municipal exija a remodelação dos contratos em vigor, no sentido de acabar com os queixumes quasi quotidianos, da companhia carris.

O sr. Bernardino Machado propõe um voto de pezar pelo naufragio da traineira de pesca «A Varina», que tantas vitimas causou. Lamenta que não haja já ministerio organisado para se poder propôr assistencia ás familias desoladas a quem endereça palavras de repassado sentimento.

O voto é aprovado, depois de a ele se terem associado os «leaders» dos partidos democratico, reconstituinte, independente, liberaes e catolicos.

Passando-se á ordem do dia, aprovam-se os projectos aumentando os vencimentos dos guardas-móres da saude em algumas ilhas, e suspen-

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO NACIONAL — *Leonarda, peça em 4 actos de Bjornsterne Bjornson, tradução de João Correia d'Oliveira e Francisco Lage* : : : : : :

A Peça

Um dos tradutores da peça, o sr. João Correia de Oliveira, teve a ideia de, num jornal da noite de hontem, dar umas leves explicações sobre o teatro norueguez, pretendendo algumas vantagens no de teatro, Björnson comparativamente com o de Ibsen, e procurando preparar o publico a perceberuma peça de cuja clareza parecia já ser o primeiro a duvidar...

Ou porque isso seja defeito da peça que nada tenha que «sentir» ou da interpretação — e sobre esta escreverá abaixo o meu amigo Armando Ferreira—o sr. Correia de Oliveira previa que o publico não iria «sentir» a «Leonarda»... Tratou, pois, de a «demonstrar», fazendo considerações que mostram bastante injustiça de apreciação á obra de Ibsen.

Sobre o assunto teem-se gasto fraseos de tinta. Os livros de Borgese, de Maury, de Tissot, de Muret, etc., dedicam longos capitulos ao confronto dos dois escritores. E citam-se, afinal, influencias mutuas, como por exemplo, o sucesso da «Casa da Boneca» inspirando a «Luva», e o heroe do «Synnöve Solbakken» levando Ibsen a escrever o «Peer Gynt».

Mas as suas maneiras não só são diferentes, como sem absolutamente opostas, como tambem opostos foram os seus espiritos, em que unicamente o amor proprio fez imprimir semelhanças e provocar influencias.

Björnson é o norueguez puro agarrado á sua terra, e foi o mais escandinavo de todos os literatos escandinavos; Ibsen foi um cosmopolita, tanto no sangue, mistura de alemão, de escossez e de dinamarquez, como na sua existencia errante. Assim Björnson sabiu um orador nacional e Ibsen um pensador cosmopolita.

Emquanto Björnson foi um voluntarioso calmo e o consciente, e no fim acreditou, Ibsen foi um impetuoso, um instintivo e tornou-se pessimista. Aquele era um simples—alma á Goethe, chamou-lhe Jonas Lie—este um intelectual, que é como quem diz um complicado.

Björnson foi um autor social que poz a familia acima do individuo, Ibsen foi um individualista. Björnson combatia activamente em comicios e jornaes, Ibsen trabalhava na maior solidão espiritual. Por isso as homilias de Björnson se ressentem de parecerem feitas para comover um publico de cultura inferior; ao passo que Ibsen seeleva...

Houve quem comparasse Björnson a Voltaire e a Balzac. Os noruegueses defeniram-no como o Victor Hugo da Noruega!

Foi um autentico poeta, embebido da paisagem; mas infelizmedte a sua poesia é desconhecida na Europa—excepto na Alemanha—.

Demasiadamente preso á descrição da alma, o seu teatro, como teatro e como poesia é fraco. Não nos alonguemos aqui a provar o seu esotorismo consequente disso, em relação ao teatro de Ibsen; do mesmo modo não nos detenhamos a condenar o teatro sem poesia, o teatro de these, inferior como toda a Arte com these...

Da Arte escandinava, forte em todos ramos menos na Musica—cuja banalidade e pobreza não a levam a mais do que ás pequenas orquestras e aos concertos de café-restaurante—o teatro de Ibsen será o unico que prevalecerá eternamente. Que o diga quem hontem viu a «Leonarda» e ha poucos anos ainda viu os «Espectros».

No teatro de Björnson, ha os dramas burguezes, as peças politicas, e as peças de theses sociaes. A «Leonarda» pertence a esta ultima categoria.

Nesta peça Bjornson propoz-se estudar a alma apaixonada e altiva de uma mulher que foi uma mulher de amor sem deixar de ser uma mulher de coragem. Sonhou a na beleza perturbadora dos quarenta anos e conta que ela educou uma sobrinha com a ternura de uma mãe. De repente, por um sentimento muito natural num coração que ficou sempre adolescente, apaixona-se pelo mesmo homem que a sua sobrinha. Pois bem, ela calar-se-ha, pois que se habituou a sofrer! Mas eis que esse homem, desavisadamente, lhe confessa que é ela quem ele ama, que se enganou... Então o seu coração hesita, mas não por muito tempo, e uma noite lóge como uma criminosa, para felicidade dos dois noivos.

Neste enredo, um pouco banal, alternam-se numa beleza de constração, as scenas comicas e as scenas de ternura.

No entanto, o heroismo daquelo mulher lhes não comove. Nós, os da sul, achamos demasiadamente forçado, para lá do humano, estes «rasgos» sentimentaes da gente do norte. Nós só admitimos o sentimento egual ao nosso. E assim, saimos hontem do Nacional—coisa extranhal—sem emoção, o que é raro, e no dizer espirituoso de um amigo que estava ao meu lado—muito comodol

Tradução

A tradução, feita por autores dramaticos como é do regulamento, e estes de reputação feita, é muito facil e muito correta. A's vezes parece-me um pouco familiar demais...

Teria sido mais uma facilidade a forçar, para a compreensão pelo publico?

* *

A'manhã a «Capital» publicará a parte referente ao «Desempenho», «Mise-en-scène» e «scenario» — e o «Publico».

Ruy de Veras

Noticiario

Entre nós

Ficou adiada para a semana a «première» da peça «A garra», que estava marcada para hoje no teatro do Ginasio

—Terminou hontem em S. Carlos o praso de preferencia aos seus lugares dos assinantes da epoca passada. Amanhã começa a assinatura em geral que, a calcular pelos pedidos até hontem feitos, é de esperar que para a segunda epoca, que, como temos noticiado, se inaugura no proximo dia 18 de dezembro com a opera «Sansão e Dalila», atinja um brilhantismo digno do teatro e seja, de certo, muito superior á do ano passado.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS
SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).

VIDA SPORTIVA

As provas de «Os Sports»

Ficou hontem definitivamente encerrada a inscrição para as duas provas, camions e automoveis, que no domingo se disputarão no circuito Lisboa-Cintra-Cascaes-Lisboa, organisadas pelo bi-semanario «Os Sports» e patrocinadas pelo Automovel Club de Portugal, que nomeou o presidente do juri de ambas as provas.

As inscrições, apezar do actual estado anormal em que se encontram os representantes de automoveis e camions, com a proibição da importação, mobilisação, etc., atingiram um numero razoavel, atendendo ainda a que a prova de camions é a primeira vez que se vae disputar em Portugal.

As inscrições são:

«Automoveis».—Dois carros «Citroën»; dois carros «La Licorne»; um carro «Studebaker»; um carro «Overland»; e dois carros «Dobis»; de transmissão por correias.

«Camions».—Um «Delahaye», um «Lacre», um «Vinot-Deguingand», um «La Licorne», dois «Arbenz», um «Fiat» e um «Mack».

Os camions fazem a prova, como temos dito, carregados com a carga indicada nos respectivos catalogos, tendo-se efectuado hoje na Fabrica «A Napolitana», a sua pezagem, vazios, e ámanhã serão pezados com a respectiva carga.

* *

Já hontem noticiámos a oferta da Vacuum Oil Company, que abasteceo todos os automoveis e camions, concorrentes de gazolina, o que dá ás provas uma melhor regularidade, visto que a gazolina «Auto-Gazo» é magnifica e portanto todos os concorrentes vão em egualdade de circunstancias.

A direcção da Vacuum Oil Company, alem de fornecer a gazolina gratuitamente, tambem fornecerá oleo de lubrificação, isto alem ainda de abastecer de gazolina trez carros do juri das provas.

* *

A chegada provavel dos primeiros concorrentes á Cruz Quebrada, será pelas 11 horas.

Os bombeiros voluntarios de Cintra e do Dafundo tambem coadjuvam extraordinariamente as provas com os seus serviços de socorros e fiscalisação na estrada etc.

Amanhã noticiaremos largamente todos os detalhes d'estas interessantes provas.

Sociedade de Tiro n.º 3

Esta Sociedade de Tiro, com séde no Ginasio Club Portuguez é constituida apenas por socios d'aquele antigo Ginasio, conta já um numero avultado de atiradores que todos os domingos com entusiasmo fazem os seus treinos na Carreira de Tiro de Pedrouços.

A instrução de tiro continua a ser ministrada pelo atirador sr. Carlos Marrafa.

A Sociedade de Tiro n.º 3 vae em breve distribuir os Regulamentos, do Campeonato Escolar de Tiro e d'uma prova de tiro aberta a todos os Clubs de Sport prova individual com premios aos melhores classificados.

Todos os atiradores pela primeira vez inscritos na Carreira de Tiro teem direito a 25 tiros gratuitos, pois do terminada a sua instrução.

ULTIMA HORA

POLITICA

A constituição do novo ministerio — O governo toma posse amanhã e apresenta-se segunda feira ao parlamento

A politica portuguesa é uma verdadeira «boite á surprises», já o dissemos ha dias...

E senão vejamos:

Hontem, quando sahimos do parlemento, tudo indicava que o novo governo da presidencia do sr. dr. Alvaro de Castro, mais ou menos se achava constituido por reconstituintes, liberaes e dominguistas.

Pois esta situação, quasi identica ou semelhante á do governo do sr. dr. Granjo sofreu uma transformação radical durante a noite e muito especialmente de madrugada.

O sr. dr. Alvaro de Castro que até ás 4 da madrugada teve demoradissimas conferencias não só com os seus correligionarios como ainda com outros politicos em evidencia, estava inclinado a organisar um governo com elementos das esquerdas, ficando não verdadeiramente radical mas «central» ou seja entre as esquerdas e as direitas. Assim se organisaria um gabinete, com reconstituintes, populares, independentes e dominguistas, com o apoio leal e patriotico dos liberaes.

Depois das 4 horas da madrugada as «démarches» seguiram por parte de um elemento muito conhecido, antigo deputado, hoje um pouco afastado por sua expontanea vontade das tricas politicas e que foi o encarregado de so avistar com os srs. drs. Julio Martins e Domingos Pereira, que a essa hora aguardavam o emissario na redacção de «O Mundo».

Em resultado de tas «démarches», os populares, que faziam unicamente questão de 3 ou 4 pastas, voltaram a reunir-se hoje de manhã, resolvendo mais uma vez dar um voto de confiança ao seu «leader», sr. dr. Julio Martins, para resolver o assunto.

No parlamento, onde a sessão decorreu com a calma e serenidade de hontem, nada digno de menção se passou. Houve muitas conferencias principalmente nas bancadas dos democraticos, onde o sr. Antonio Maria da Silva pontificava quasi que em segredo.

Na sala dos Passos Perdidos notouse tambem, ao contrario do que hontem sucedeu, pouca animação, aparecendo os legisladores para o cavaco só pelas 16 horas.

Pelas 16, 30 começou correndo que o sr. dr. Alvaro de Castro, conseguira organisar gabinete e de facto momentos depois os reconstituintes mostravam se alegres, satisfeitos, mesmo radiantes.

Um d'eles, sem mais preambulos, acercando-se de nós, iluciciou-nos:

—Pode dizer na «Capital» que o Alvaro conseguiu organizar gabinete. Não lhe posso, porém, por emquanto dar os nomes, mas logo ih'os apontarei...

O chefe dos reconstituintes chegou pelas 16 horas, á camara tendo logo varias reuniões no gabinete da presidencia com o «leader» dos populares, com alguns independentes e entre eles os srs. Mesquita de Carvalho, Malheiro Reymão, dr. Eduardo de Souza, etc.

Depois d'essas conferencias os populares voltaram a reunir com o seu chefe, dizendo-se que era para dar os ultimos retoques ao novo governo.

A's 17 horas as «démarches» foram dadas por concluidas e o sr. dr. Alvaro de Castro havia conseguido organisar o ministerio pela seguinte forma:

Presidencia e Interior Alvaro de Castro, reconstituinte; Justiça, Lopes Cardoso, reconstituinte; Marinha, dr. Julio Martins, popular; Finanças, Cunha Leal, popular; Guerra, Roberto Batista, reconstituinte; Colonias, Jaime de Sousa, dominguista; Estrangeiros, Domingos Pereira; Instrucção, Julio Dantas, reconstituinte; Trabalho, Fernando Brederode, popular; Agricultura, José Maria Alvares, reconstituinte; Comercio, Adriano Gomes Pimenta, dominguista.

* *

O governo toma posse amanhã e apresentar-se-ha na segunda feira ao parlamento.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 18.—O conde de Teleckl, que tinha apresentado a sua demissão por causa das ultimas formalidades do tratado de Trianon, viu recusado o seu pedido pelo regente da Hungria, motivo por que declarou no parlamento hungaro, que o aclamou, que continuava á sua disposição.—(Havas).

BUENOS AIRES, 18.—Um comboio electrico, procedente de Tigre, chocou na estação de Retiro com alguns vagons, ficando alguns passageiros contusos e desmaiando as mulheres.—(Americana).

BUENOS AIRES, 18.—Em Cordoba a situação é gravissima, devido ao encerramento total do comercio, como protesto contra a lei fiscal.

A população está alarmada, pois faltam generos alimenticios.

O preço do quilo do pão é de $60.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 18.—Chegou a Belem, Pará, o dr. Baptista Moreira, director da Associação da Imprensa do Pará o que, como se sabe, regressa de Portugal, onde foi a bordo do «Lima», por amavel convite dos Transportes Maritimos.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 18.—Está despertando interesse á imprensa a questão da Agencia Financial.

O jornal «A Rua» ataca, a tal respeito, Ramada Curto, Silva Brugny e o Banco de Portugal.—(Americana).

SANTOS, 18.—Cotação do café: typo 4, 10$100 reis os dez quilos; typo 7, 8$275. Vendidas 23.000 sacas, ficando o stock em 2.352.120.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 18.—Cotação do café, 11$500; cambio sobre Londres, 11 3/16; valor do escudo portuguez, 860.—(Americana).

Os teatros vão fechar?

A lei que impõe a taxa de 6 °/o ás empresas teatraes, baixou á comissão de finanças e conjuntamente as reclamações que as empresas e pessoal apresentaram ao parlamento.

Os efeitos dessa lei estão suspensos até ao proximo domingo, e é de crer que já na segunda-feira sejam apresentados a cobrança a respetiva taxa, mas as empresas não estão dispostas a satisfazer, do que resultará a muita que não pagam, sendo portanto de prever que as casas de espectaculo de todo o paiz fechem as suas portas.

Uma explicação politica

Ao que nos consta, o sr. dr. Domingos Pereira escreveu uma carta em que explica os motivos por que abandonaram o Partido Republicano Portuguez 17 deputados.

Como no nosso artigo de fundo tratamos do caso, devemos dizer ao sr. dr. Domingos Pereira que a sua carta nos não chegou ás mãos.

Noticias da Capital

Uma queixa grave

A policia vae investigar sobre uma queixa que foi apresentada por Maria da Conceição Paes, menor de 15 anos, filha de Piedade Tavares Paes moradora na rua da Imprensa Nacional, 56, pateo do Leal, que acusa um seu ex-patrão, cujo nome indica na queixa, de ter tentado por meio d'uma vez exercer violencias sobre ela.

A serie diaria

Belmira Geraldes, travessa das Flores, 16, queixou-se á policia de que os seus hospedes Candido d'Oliveira e Estefania da Conceição, aproveitando a sua ausencia, lhe furtaram roupas no valor de 150 escudos.

—Foram presos: Ana da Conceição, sem residencia, acusada de, estando a servir em varias casas, ter furtado roupas e outros objectos, e Antonio da Cruz Rebelo, sem residencia, por ser conhecido da policia como vadio e por suspeita de fazer parte de alguma quadrilha de gatunos.

... dendo a execução do decreto 6595 que reorganisou a guarda fiscal.

Seguidamente é rejeitado o projecto, sobre o uso e e venda de acendalhas.

Por ultimo entra em calorosa discussão o projecto concedendo amnistia aos militares que tomaram parte na grande guerra.

O debate é violento no qual tomam parte os srs. Pereira Gil, Jacinto Nunes, Bernardino Machado, Velez Caroço, Alberto da Silveira, Alves de Oliveira, Alfredo Portugal e Oliveira e Castro.

A camara, por 16 contra 15 votos, rejeita uma proposta do sr. Jacinto Nunes que determina que a lei baixe á comissão de legislação criminal a fim de ser estudada e dado o devido parecer.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Deve realisar-se nos primeiros dias de janeiro o casamento da sr.ª D. Albertina Faria Lapa, filha do estimado funcionario dos caminhos de ferro do Estado, sr. Joaquim Faria Lapa, com o sr. Benigno de Oliveira, comerciante em Viana do Castelo.

NASCIMENTOS

Deu hontem á luz uma robusta creança do sexo masculino, madame Alice Samuel de Maltas Mergulhão, filha do nosso presado amigo sr. R. Samuel da Silva e esposa do tenente da guarda publica sr. Mergulhão. Mãe e filho encontra-se bem.

ANIVERSARIOS

Passa hoje o aniversario natalicio do nosso amigo, e capitalista sr. João da Mota Veiga, a quem endereçamos as nossas felicitações.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3702 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 20 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O governo e a imprensa

Não ha duvida que a solução do crise produziu uma impressão da pasmo na opinião publica. Tudo se poderia esperar, como materia corrente, no numero das combinações politicas usuaes para a organisação dos governos que desejem dar, pelo menos, uma aparencia de estabilidade e de força. Poder-se-hia esperar uma concentração geral dos partidos. Já a tivemos. Foi a do gabinete Relvas. Poder-se-hia esperar uma concentração parcial. Foi a de varios gabinetes, como o do presido pelo sr. Domingos Pereira. Poderiamos esperar um governo de aspecto claramente partidario. Foi o do sr. Sá Cardoso. Poderiamos esperar um governo de concentração representativa duma determinada tendencia. Era a situação do gabinete Antonio Granjo, quando o precipitaram do poder. Mas ligar tendencias antagonicas, como podem ser a que vá quasi até ao conservantismo e a que roce quasi pelo demagogismo mais infrene, eis o que realmente não era licito esperar, sobretudo da parte dum homem como o sr. Alvaro de Castro, que se separou do partido democratico porque o reconhecera intolerante, sectario, tumultuario, demagogico. O grupo popular, com o qual o partido reconstituinte se aliou, assim como se aliou com o grupo do sr. Domingos Pereira, ainda ha dois dias democratico puro, não se nos afigura que podem merecer ao sr. Alvaro de Castro garantias de maior moderação do que o partido democratico, em que era marechal e que certamente não abandonou senão pelas mais poderosas razões de criterio politico, orientado nas necessidades de ordem e de paz que a Republica ha muito sente.

Está pois formado o governo em que entram os grupos, que sempre se julgariam heterogeneos e antagonicos, dos reconstituintes e populares. Pertence a este grupo, porventura na situação de maior destaque, o sr. Cunha Leal. Nós não queremos indagar agora em que bases de politica geral se efectuou o acordo entre estes dois grupos que representam correntes tão diversas. Que foi que os populares aceitaram do programa reconstituinte? Que foi que os reconstituintes aceitaram do programa popular? Que plataforma estabeleceram? Ou por acaso uma tendencia absorveu a outra? Nessas condições qual foi a que desapareceu? Não o sabemos. Mas ha um ponto que, como jornalistas, desejariamos conhecer.

Ninguem ignora que o sr. Cunha Leal, nas suas costumadas objurgatorias contra tudo e contra todos, tem maltratado, com toda a casta de improperios, a imprensa deste paiz. Nada tem poupado para a amesquinhar e denegrir. Perfilha o governo esses ataques? Participa dessa hostilidade? Desejariamos sabe-lo. Desejariamos verificar até que ponto vae a amalgama reconstituinte-dominguista-popular, em relação á imprensa deste paiz, em que teem manifestado diversas formas de actividade alguns dos membros do governo que acaba de ascender ás altas regiões do poder. O conhecimento dessa atitude teria talvez uma importancia notavel para o paiz inteiro.

Poucas vezes um governo se constituiu neste paiz cujos actos sejam aguardados com maior curiosidade. E' que, na realidade, tambem nunca se viu uma mais singular combinação de elementos politicos de tão variada especie. Não ha senão que temer que o paiz sofra ainda mais os resultados duma aventura sem condições de viabilidade proficua. Mas isso tambem, diga-se a verdade, não é consideração que tenha até agora feito hesitar um minuto os nossos homens de Estado.

Pela imprensa

Um protesto d'«A Monarquia»

Do director de «A Monarquia», o sr. Rollão Preto, recebemos uma carta na qual protesta contra o regimen de censura previa a que está submetido o seu jornal, pois, diz, todos os dias agentes de policia cercam a casa onde ele é impresso e levam para o governo civil o primeiro exemplar que sae das maquinas; só podendo o jornal circular quando da segurança vem ordem para tal.

Acrescenta o sr. Rollão Preto que no momento em que aos integralistas são feitas graves acusações era dever deixar «A Monarquia» dizer de sua justiça.

Museu Bordalo Pinheiro

Reabre amanhã ao publico o museu Rafael Bordalo Pinheiro, fundado, como se sabe, pelo nosso querido amigo e devotado admirador do grande artista, sr. Cruz Magalhães.

O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João. O museu está instalado no lado oriental do Campo Grande, 382.

ALEMANHA E POLONIA

Uma nova incursão de soldados alemães?

A Prussia oriental fóco de todas as maquinações e campo de concentração de bandos armados

Diz o correspondente especial do «Excelsior» em Strasburgo, o sr. Ambroise Got:

«Já disse que a «Orchesch» e a «Stahlhelm», esses dois sucedaneos das antigas milicias de habitantes, dissolvidas por ordem da Entente, recolhiam todos os desmobilisados da «reichswehr», com o unico fim de constituir a base dum futuro exercito que se está enxertando nas brigadas dos mercenarios da «reichswehr».

Mas, entre os soldados licenciados, ha uma multidão de aventureiros que—proibida toda a possibilidade de emigração—são presa facil dos reaccionarios que os espreitam e os arrastam a emprezas arriscadas. Recordemos ao acaso da memoria a marcha de van der Goltz sobre Riga e o golpe de Estado de Kapp, cujos instrumentos foram os soldados de infantaria de von der Goltz que acabavam de ser repatriados.

Hoje, os antigos soldados, da «reichswehr» estão a ponto de reeditar contra a Polonia, apezar duma nota oficiosa que põe de atalaia os espiritos aventureiros contra as expedições dessa natureza, a acção que devia, no ano passado, leva-los a Petrogrado, e manter-lhes nas provicios Balticas, feudos analogos aos dos seus antepassados saqueadores.

A Prussia oriental é muito naturalmente o foco de todas essas maquinações e o grande campo de concentração de toda a turba de intriguistas em busca de lucros sedentes do sangue e de prazeres. Por causa do seu afastamento do Reich, do qual se encontra separada d'oravante pelo corredor polaco, pela demora das comunicações, os oficiaes descontentes teem ocasião de desenvolver ali uma actividade mais ou menos clandestina. Os meios de repressão do Reich são tão precarios que o melhor é não falar nisso. De certo que o antigo governador «social-democratico» Winnig, um «Kaisersocialista» do mais belo quilate que se comprometeu no pronunciamento de Kapp, foi destituido, mas o seu sucessor, o presidente dr. Siehr, aderente do partido dmocratico, é um funcionario de franqueza insigne que se deixa ludibriar pelos sub-prefeitos nacionalistas e principalmente pelo general reacionario von Dassel, uma das creaturas mais dedicadas no general von Seekt, cuja missão e papel se conhecem.

* * *

Von Dassel com pouco trabalho convence o dr. Siehr e como a ele confiou a guarda da fronteira lituania pretende que o numero restrito dos seus soldados (14.000), lhe não permite fiscalizar eficazmente a fronteira.

Bandos armados, arrastando canhões e metralhadoras, passam continuamente a fronteira sob o olhar benevolo e complacente das sentinelas de von Dassel, de arma em descanço. As gazetas socialistas chegaram a afirmar que esses bandos haviam sido armados e equipados nos depositos da «reichswehr».

A negligencia do comissario nacional Borowski, ladido á «reichswehr» da Prussia oriental para fiscalisar os depositos de armamento e de tal jaez que as armas desapareceram num abrjir efechar de olhos. E o peor éque a Sociedade fiduciaria do Reich (Reichstrenhandgesllschaft) ofereceu, por intermedio dum terceiro, 50.000 espingardas ao governo lituanio.

Todos sabem, de resto, que as grandes propriedades nobres da Prussia oriental, as «ritterguter» se encontram transformadas desde a guerra em sucursaes da reação, armazens onde tudo se encontra desde as granadas de mão aos canhões de grande calibre.

Interpelado no Reichstag pelo antigo chanceler Hermann Muller, o ministro da Reichswehr Gessler declarou que as noticias provenientes da Prussia oriental haviam sido singularmente exageradas e mais tarde, uma nota afirma que o numero de alemães que passaram para a Lituania não vae alem de mil. Esses transfugas deviam pertencer na maior parte á policia de segurança disolvida e apenas iam munidos de pistolas. A fronteira achava-se insuficientemente vigiada—segundo confessou a propria nota—podendo concluir-se de tudo isso que as contestações oficiaes não teem valor, principalmente quando os jornaes do credito do «Berliner Tageblatt» afirmam que mais de 10.000 soldados transpuzeram já a fronteira com armas e bagagens.

E' na região de Ergat-Kuhnen e Soldenen que se faz a passagem. O governo lituanio, que tem parte ligada contra a Polonia com os pangermanistas, organisou em Kovno uma agencia de recrutamento publico para os voluntarios alemães. Jornaes alemães da Prussia oriental em especial a «Gazette de Dyck», publicavam anuncios nos quaes se tratava de recrutar soldados retribuindo á razão de 50 marcos por dia. Um inquerito permitiu estabelecer que esses anuncios eram provenientes do «Bureau» central de Kovno.

O prefeito de policia de Koenigsbey, Lubring, que não ignorava que desde algum tempo aventureiros em bandos compactos, ou disseminados em pequenos grupos, atravessavam a fronteira, nomeou uma comissão para a região de Eydtkuhnen. Pelos seus calculos depreende-se que desde o começo de outubro mais de dez mil soldados passaram a fronteira, na maior parte dos sem-trabalho atirados para a ociosidade pelos recentes licenciamentos. Lubriny confessa que se realizou na Prussia oriental uma intensa propaganda de recrutamento.

Mas essa propaganda—em estreita ligação com a da «Orgesch»— não se limita á Prussia oriental; o famoso tenente Rossbach, que noutro tempo comandou uma legião ás ordens do conde von der Goltz, e que atravessou, em outubro do ano passado, a fronteira russa com um batalhão de caçadores de Thorn, o proprio Rossbach, que tomou parte, sem ser inquietado, no golpe de Estado de Kapp, e que foi depois enviado como chefe «de confiança» á bacia de Ruhr, onde mandou fusilar alguns centos de operarios, está actualmente recrutando tropas no Mechlemburgo. Já reuniu, perto de Arnswalde, dois mil homens de tropas rissolvidos. Dá a cada homem o soldo de 350 marcos por mez e alimentos. Para evitar qualquer intervenção inoportuna das autoridades, os seus homens, em grupos de vinte ou trinta, comandados por um oficial, são espalhados pelas grandes propriedades.

Ha o direito de perguntar donde vem o dinheiro, e principalmente para que fim são destinadas essas tropas clandestinas; verosimilmente, a transporem a fronteira lituania logo que se apresente ocasião favoravel.

Não é sem motivo que a «Treiheit» diz: «A passagem de tropas importantes na Lituania equivale agora á aventura do Baltico», e que Hermam Muller chame, no Reichtag, a atenção do seu governo para a gravidade d'esses factos.

Vigiemos atentamente os manejos alemães nas fronteiras polacas. Em vesperas do plebiscito na Alta Silecia e na Lituania, é conveniente estar-se duplamente atento, para não sermos surpreendidos por incidentes inesprados».

Pelo Telegrafo

O futuro da França—Declaração do «Rei do aço» americano

PARIS, 19.—O *Matin* publicou o final da declaração que o *Rei do aço*, o Sr. Gary, acaba de fazer na reunião semestral dos donos de forjas americanos.

«O que mais me impressionou durante a minha viagem na Belgica e na França—disse o *rei do aço*—foi vêr as fabricas metalurgicas trabalharem de noite e de dia para refazerem o que foi destruido. Essas fabricas estarão brevemente em estado de produzirem o maximo do seu rendimento; brevemente devem achar-se melhor equipadas do que nunca estiveram».

«A França possue presentemente uma das melhores administrações, como nunca teve, no seu novo presidente, que é um homem forte, cheio de recursos duma honestidade escrupulosa e, que possue a confiança de todos os seus concidadãos. O seu gabineto está bem constituido; devemos assistir daqui a poucos anos a progressos economicos, financeiros e comerciaes extraorcinarios na França e na Belgica».

«Os governos que se levantam contra o bolchevismo são fortes e vigorosos e teem o apoio da imensa maioria da nação, que está resolvida a respeitar a propriedade, o lar e a familia. A maior parte dos homens e, por assim dizer, todas as mulheres, são seres industriosos que possuem já ou virão a possuir alguns bens, que querem a paz o progresso e a prosperidade. O sr. Millerand, com toda a sua inteligencia, a sua firmeza e o seu espirito de equidade, e o rei Alberto, com o seu caracter ao mesmo tempo nobre e solido, sustentados pelos seus respectivos parlamentos, formam nm baluarte inexpugnavel contra os assalto do crime e do despotismo».

«Só ha no mundo uma verdadeira avenida, que conduz ao progresso e á felicidade. Essa avenida, em toda a parte, tem as indicações da lei e da ordem, trabalho, economia e parcimonia. Por essa avenida fora caminha a imensa maioria dos francezes e dos belgas, o que deve conduzir ao levantamento e á ressurreição dos seus paizes, que serão no futuro mais belos e mais fortes do que nunca foram».

«Numa palavra, concluiu o sr. Cary, a minha opinão é que a França e a Belgica teem ambas motivos para estarem satisfeitas com o presente e com o futuro; fazem progressos notaveis, estão melhor do que eu esperava encontra-las o que muitos dentre nós acreditam. Sem duvida a taxa do cambio está hoje demasiadamente elevada e quasi pribitiva, mas todos os dias chega dinheiro estrangeiro cada vez em maior quantidade, por causa das exportações que aumentam de dia para dia.

«Tudo isso, como vereis, produzirá em breve um efeito decisivo e feliz. No entanto tanto a Belgica como a França são merecedoras do concurso financeiro e comercial que os Estados Unidos possam rasoavelmente prestar-lhes. E' preciso que esse concurso lhes seja dado».—(*Havas*)

AUTENTICAS

No paiz do azeite

Aqui se publicou hontem, na integra, a carta da firma Levy & C.ª, porque esta lhe deu para a se atribuir alguma coisa escrita por mim sobre o azeite. Da correção dos processos jornalisticos d'«A Capital», não havia a esperar outra atitude; mas se a firma em questão, como declara, não tem 1.000 contos de reis em azeite, é claro que não é a ela que vae dar a minha alusão, e mais do que claro se torna que não tinha de vir a publico com a sua prosa comercial.

Felizmente veiu e não apareceu tão desazeitada como isso. 150.000 litros, já não é mau; 195 contos de reis já é dinheiro.

Pois que lhe façam muito bom proveito, porque tambem a mim, me agradou saber que, além dos 1.000 contos, ainda há mais essa dosesinha. E' lamentavel sem duvida que poderes do Estado lhe impeçam a circulação, e tambem foi bom que se soubesse serem os mesmos poderes que o não deixam chegar aos logares periféricos onde está fazendo tanta falta.

Foi pois util a minha cronica.

Mas o que não posso deixar sem reparo, além do tom comercialmente azeitado da carta, é o arrojo com que nela se pretende repôr a veracidade dos factos. «A verdade dos factos» diz a tal firma! Mas qual verdade? Alguem me poderá desconvencer de que só uma firma empregou mais de 1.000 contos em azeite comprado quasi todo a 90 centavos?...

Pessoa digna da mais absoluta confiança o negociante de azeite mo assegurou, na presença de amigos velhos. Lembro-me até de um oficial do exercito inglez que, comigo da admirou do facto e que ainda se acha em Portugal.

Como se permite pois gente de negocios impugnar a verdade dos factos que o mesmo é que negar a autenticidade das minhas cronicas?...

Falei eu porventura na firma Levy? Sei eu lá quem ela é, se é nacional ou estrangeira?

Afirmei, sim, que ha quem empregasse mais de 1000 contos em azeite e fi-lo para pôr em realce o pitoresco do Portugal, após nas colheitas farta de azeite, estar ingerindo oleo de palma e de côco, com o nome de margarina.

Isto vizava a minha cronica simplesmente, mas a firma quiz reclame, e foi-lhe feita a sua vontade.

Bem longe do mau humor comercial, acho que os sinatarios da epistola jogaram bem. A sua carta admite duas possibilidades: ou desviar antipatia do publico, caso alguem tivesse o mau gosto de fazer o que a firma fez: pôr em si a carapuça que eu não talhára para alguem determinado; — ou sentir-se com a cotação de lhe poder ser atribuida uma operação de mais de 1000 contos, o que tambem não é de desprezar.

Se a qualquer destas hipoteses doi ensejo, felicito-me, «malgré» a azeitada prosa do comerciante.

D. Thomaz de Noronha.

Cacilda Ortigão

A ilustre artista Cacilda Ortigão, que tão assinalados triunfos alcançou na sua *tournée* ao Brasil, foi convidada pela Sociedade de Concertos de Coimbra a ir ali fazer-se ouvir, convite a que a distinta soprano acedeu gentilmente.

Tomará parte em dois concertos, que se realisarão em 2 e 3 de dezembro naquela cidade.

Pobres d'«A Capital»

Do sr. Fernando Rodrigues, 1.º secretario da direcção da conceituada associação Academia Recreio Artistico, com séde na rua dos Fanqueiros, 286, 1.º, recebemos uma carta contendo a quantia de 2$50, que lhe foi entregue por alguns dos associados, para ser distribuida pelos pobres nossos protegidos.

Em nome dos que vão ser contemplados, os nossos agradecimentos.

Instrução

Universidade Popular Portugueza

O sr dr. Reis Santos, primeiro assistente da Faculdade de Letras, inicia hoje, pelas 21 horas, na séde d'esta Universidade, rua Particular na rua Almeida e Souza (á Estrela), uma série de palestras semanaes sobre «A situação actual, cooperativas e universidades populares» e «Historia de Portugal».

Esses assuntos serão tratados alternadamente.

AOS SABADOS

A semana literaria

Não acusa a semana nenhuma obra prima, sendo a prosa melhor do que o verso, ainda e sempre. A par dum caso excepcional de aparecer um livro de versos dum septuagenario, os costumados volumes insipidos e estafados. De notavel um volume de cronicas duma senhora que se oculta e um brado patriotico do nosso propagandista e poeta João de Barros : :

Os que se divertem, por *Luzia*—(Ed. da autora). Lisboa.

E' curioso; aqui temos um livro que é uma revelação dum... pseudonimo. Sub intitula-se «A Comedia da Vida» como Teixeira de Queiroz tambem encimou a sua serie de romances de observação e critica. Pois o presente volume não só apresenta um trabalho que demandou trabalho, e não é a costumada piegnice poética dos iniciados, mas denota observação, humôr e uma visão clara e desanuviada de tipos e caracteres. Não é um romance, e contudo as scenas, as narrativas que formam o volume, encadeiam-se de tal maneira que ha um traço de união, uma sequencia nos pequenos capitulos dessa comedia pretenciosa desse mundanismo artificial alimentado a «chás» do Benard e almoços da «Epoca».

Um pouco longas algumas das cronicas, não valendo o dialago facil nem a alegria de descritivo para que o volume não pese bastante. Os tipos, ridiculos, bem disfrutados, bem conhecidos, são flagrantes e algumas scenas da intimidade da nossa gente social põem calvas á mostra e quasi carapuças.

Em resumo, uma boa promessa de futuros livros mais assentes, mais bem acabados, com um pouco de mais miôlo, isto é destinados não só a entreter ou a fazer sorrir... «Luiza» eis um pseudonimo a fixar.

Portugal maior, por *João de Barros*—(Ed. *Francisco Alves*.—Lisboa : : : : : :

A conferencia de João de Barros, ora publicada, é um brado patriotico, um poema mais, do altissimo espirito literario que escreveu «Anteu» e a «Terra Florida». Na sua missão de unir e congraçar brazileiros e portuguezes, num sonho que cada dia mais se afasta da realidade, João de Barros, essa energia nacional entôa os mais belos canticos, procurando despertar assim amisades cá e lá. Eu creio que pessoalmente, não ha espirito culto, ou inteligencia viva que não tenha uma admiração profunda por este incançavel propagandista das belezas portuguezas e brazileiras. Mas, a ultima palavra ainda não está dita, nem mesmo por João do Rio, na sentida alocução com que abriu a presente conferencia. O futuro, guardando o nome do sr. João de Barros nesta campanha arrojada durante uma crise tão grande como a que se atravessa, fará o melhor e mais digno elogio do nosso contemporaneo.

No Outono da Vida por *Visconde de Carnaxide*, (Ed. do autor).—Lisboa : : : : :

E' um volume de 42 sonetos, 37 composições diversas e 29 poesias subordinadas ao titulo «Musa Comica» que o distinto jurisconsulto e director da revista de jurisprudencia «O Direito» acaba de reunir sob o titulo elucidativo «No Outuno da Vida».

Não se trata de poesias ocultas até aos sessenta anos do seu autor e concebidas durante anos; são todas produções recentes abordando assuntos correntes e metrificadas segundo todas as regras e leis da Poetica.

O leitor será melhor critico, lendo e apreciando uns exemplos a eito:

Problema penal de fantasia

A pena deve ser em proporção do mal:
é um ponto que está desde Bentham fixado.
Que castigo teria o matador se' lesado
se só pelo delito alguem fôsse mortal?!

Outro:

O amôr magoado

Tão sensivel é Cupido,
que o amôr, eis magoado,
é como o vidro partido,
que não mais é concertado.

Perfume que se evolou;
alva côr que desbotou;
voz em frente da mudez
dum eco que se desfez;
sem fermento já manjar,
que não pode levedar;
mão que se apertava quente
e gelara de repente;
Todos os cinco sentidos
a um tempo ofendidos;
chama viva e constante
sem se apagar um instante;
astro de curso seguido
sem ser nunca interrompido;
se da orbita no lar
uma vez chega a mudar;
logo que de lá saiu,
foi p'ra sempre que partiu.
....

Foi... p'ra
sem... pre
que partiu!

Que tal, hein?

Desfolhadas por *Eliseu de Sena*, Ed. do autor com o seu retrato e um prefacio do «novo» *A. Guedes* : : : :

O que é certo é que ninguem é obrigado pelo sr. governador civil a fazer versos. Nem aos 18 anos, nem aos 60. E, se eu viesse para a rua com calças de alçapão ou barrete saloio, riam-se de mim; os que saem á rua com versos banaes e liras... de trazer por casa, sujeitam-se certamente a que os outros se riam.

Mas...

Mas não vale zangar. Haja paciencia: As «Desfolhadas», que são prefaciadas sem gramatica por um senhor que acha que a critica vae dizer mal das «Desfolhadas» (ele lá sabe porquê) porque só olha a posições sociaes (estaé muito bôa) formam um pequeno livrinho de versos vulgares, alguns até com sentimento. Assim, a poesia «Saudades» e a idéa embora já mil vezes sédiça doutras. Um titulo original: «Super amour». Que lingua será?

Divagando, por *Rolando da Silva*. Ed. do autor. Lisboa

Um volume que se sub-intitula «Ensaios de Prosa» e comporta trechos de 1900 a 1920, sem evolução literaria, nem no estilo, nem nas ideias. Sobre teatro é lastima; não passa de logares comuns chegando ao assombro de pôr no numero das 8 maravilhas dos ultimos tempos em materia de desempenho... «O ultimo bravo» e dizer que Albuquerque, quanto a mim (a mim, autor) é o legitimo continuador da obra artistica de Brazão.» O que vale é que o autor mais adeante escreve: «Teodoro Santos numa «forma» perfeita...»

Que ideia esta tão triste de andar a ver as formas de Teodoro Santos!

Literariamente o livro nada vale porque... porque nada vale. E' feito de banalidades deste jaez:

«Amo»!

E sofro porque amo!

E este sofrimento impele-me a cogitar, pensar, reflectir, observar, devanear, analisar, comentar e chegar a conclusões logicas e positivas.

Brota enfim a verdade!

Verdade!

Quem ha que a diga?!»

Etc. etc. Para avaliar o estito tem o leitor a amostra.

A. B. C. Maternal. *Metodo João de Deus*, adaptação ao francez por *J. de Deus (filho)* e *Chileas Lebergne* . : : :

E' uma santa, uma bela, uma sempre generosa obra: «ensinar os ignorantes».

E João de Deus, o grande, o bom, o evangelico poeta que ensinou a ler em Portugal, é ainda uma grande figura atravez o seu método vertido para lingua alheia e estranha.

Desenho de Maquinas, por *Thomaz Bordalo Pinheiro*. Ed. Aillaud, Bertrand. Lisboa. Paris. Rio. : : : : :

O «pai» Bordalo, como lhe chamamos no Instituto!! Mas se é uma das 15 unicas pessoas que em Portugal trabalham!

Trabalhar na modestia dum canto isolado, é um grande exemplo de civismo e de grandeza intelectual. Mas trabalhar, como o Pai Bordalo, todos os anos reformando os seus cursos para que eles sejam os mais modernos, os mais logicos, os mais leves e uteis para tornar homens de acção e não teoricos superfluos; trabalhar num paralelismo estudioso com o melhor dos processos pedagogicos da estranja tecnica e profissional; trabalhar para gerações sucessivas, com a dedicação dum obreiro de futuros trabalhadores, nunca tendo um enfado, uma expressão fria ou agreste de professor mas sempre a bôa disposição de companheiro e amigo; trabalhar como Thomaz Bordalo Pinheiro faz, nas suas aulas, nas suas oficinas, nos seus livros praticos de ensino é tornar-se uma das figuras mais gradas e mais poderosas duma terra.

Tivessemos nós meia duzia de creaturas como o pai Bordalo, o autor deste «Desenho de Maquinas» e orientado de tantas bibliotecas profissionaes, e seriamos um paiz socegado, sem politicas, activo, trabalhador, forte na nossa industria e solido nos nossos alicerces.

Armando Ferreira.

Registo de entradas.

Coisas por Alexandra Tomaz.

No Instituto Bacteriologico

As obras a que urge proceder para não cessarem serviços absolutamente indispensaveis

Noticias sobre uma proxima falta de vacina anti-rabica levaram-nos hontem ao Instituto Bacteriologico, para podermos mais detalhadamente informar os nossos leitores sobre tão momentoso assunto.

Recebidos pelo ilustre director, sr. dr. Anibal de Betencourt, que nos mandou acompanhar pelos srs. dr. Pereira da Silva, director de serviço anti-rabico, e dr. Ildefonso Borges, medico veterinario, percorre-mos tão util edificio, que se encontra no mais irrepreensivel aceio. Realmente grandes e necessarias obras ali devem ser feitas, e para as quaes o sr. director do do Instituto tem instado com as estações superiores, sem que até agora coisa alguma tenha sido feita.

Tudo quanto de melhorado ali se vê tem sido feito unica a simplesmente por conta da pequena receita propria, que para pouco dá.

As obras, necessarias e urgentes, para evitar que aquele benefico serviço tenha de paralisar, e já de ha muito veem sendo pedidas, sem que até hoje nada se tenha conseguido, são:

Uma casa para autopsia dos coelhos que fornecem as medulas para o tratamento anti-rabico e que atualmente é feita na casa e mesa das autopsias dos animaes suspeitos de raiva, instalação tambem muito antiquada, e muito principalmente a instalação onde estão os coelhos destinados a culturas de vacinas que são umas gaiolas de ferro zincado, quasi desfeitas e que o sr. dr. Anibal de Betencourt já tem pedido e instado por mais de uma vez a sua reparação, ou ainda a construção em cimento armado de umas novas gaiolas, pois que assim construidas de uma vez para sempre aquelas instalações, estavam prontas ao imprescindivel fim a que são destinadas.

A dotação atualmente orçamentada para aquele instituto é tão insignificante, em virtude da carestia de todos os generos, que só chega para a alimentação dos animaes e da caldeira.

Dia a dia o movimento diario de pessoas a receberem tratamento, é enorme a pequena sala onde os doentes aguardam a consulta, que era para conportar 40 pessoas tem de acolher 150 a 200.

Para essa intensidade de raiva muito tem concorrido as nenhumas medidas profilaticas adoptadas pelas camaras municipaes do paiz.

Nos anos de 1897 e 1898 o numero de individuos atacados de tão pernicioso mal foi muito diminuto comparado com os anos anteriores e posteriores em virtude de ordens muito terminantes do governo de então, aos governadores civis, administradores de concelho e camaras municipaes.

Mas como tudo o que é bom depressa acaba, dessa data tem vindo a aumentar o mal de uma forma assustadora.

Todos os dias chegam a Lisboa, de todos os pontos do paiz, individuos felizmente muitos deles suspeitos, que trazem uma enorme despeza para o Estado e hospitaes, sem que alguma entidade subsidie essas despezas.

Porque é que não se impõe ás camaras municipaes o pagamento das despezas feitas por esses individuos?

Que essas entidades para esse efeito cobrem uma licença dos donos dos cães ou aumentem as já existente, o que de certo dará e muito bom para as despezas, o que tambem concorreria decerto para dominuir essa doença, pois que o desleixo será menor e já lhes impõe medidas profilaticas até agora despresadas.

Do Instituto Bacteriologico retiramos convencidos de que serão satisfeitos todos os pedidos do sr. dr. Anibal de Bettencourt e que se podem dizer insignificantes para os serviços altruistas que esse Instituto presta e que não virão interromper os seus magnificos serviços e consequentes efeitos.

Uma petição ao sr. ministro da justiça

Da cadeia de Vila Franca de Xira, onde se encontra com mais trez individuos suspeitos de terem praticado o crime de homicidio e roubo em Arruda dos Vinhos, escreve-nos o preso Antonio Soares Ferreira Manzurco, a pedir-nos que levemos ao conhecimento do sr. ministro da Justiça que ha um individuo de nome Joaquim Capadeiro que, estando preso na sala n.º 1 do Limoeiro, declarou saber quem foram os auctores d'esse crime e estar pronto a declara-lo.

Pede, por isso, que esse individuo seja ouvido, para assim se averiguar a verdade e ser ilibado das suspeitas que sobre ele pezam.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO NACIONAL — Leonarda, *peça em 4 actos de Bjornsterne Bjornson, tradução de João Correia d'Oliveira e Francisco Lage* : : : : : :

Desempenho.

Que lamentavel tragedia! Mas quem teria a triste ideia de ir buscar a excelente «Leonarda» e dar-lhe aqueles tratos? O facto duma peça ser uma obra prima não dá o direito de supôr que se leve á scena apenas fiados na sua beleza; quanto mais arriscado não é, pegar numa peça de dificil interpretação, de duvidosa compreensão na essencia pelo publico, e dar-lhe um desempenho horroroso.

A sr.ª D. Amelia Rey Colaço gostou da peça e quiz leva-la á scena? Devia haver alguem que delicadamente lhe fizesse sentir—o que aliaz era facil tratando-se duma artista inteligente—que «Leonarda», a mulher «renuncia», a alma estranha dessa norueguesa que nunca viu o sol, o ruido, o som a vida, senão num relampago momentaneo de amôr impossivel, não era figura a ser tratada pelos seus franzinos e nervosos anos, e pela sua ainda pouca experiencia de palco! Impuzeram por acaso, á força, o papel áquela nossa distincta actriz? Lamentavel erro, que não acreditamos.

O certo é que o temperamento de Amelia Rey Colaço, nervoso, colorido, exteriorisando-se exuberantemente, não lhe permite por emquanto conter a tragedia de alma, que é uma paixão de mulher do norte, que sofre apenas no intimo, que ama no silencio, que não patenteia senão metade do que sente; assim, o teatro meridional e deste sobretudo o hespanhol, com os seus sentimentos traduzindo-se em impulsos é aquele que de preferencia deve procurar, emquanto a sua sensibilidade permanecer indomavel. Teve mascaras bôas, mas deslocadas, gestos que já se vão tornando «tics» conhecidos e que deve evitar para que os seus papeis não se tornem «pastiches» uns dos outros.

Em suma, o papel de Leonarda não lhe era proprio; e se o tentou unicamente por capricho e para experiencia, devemos categoricamente afirmar que Amelia Rey Colaço não tem ainda a envergadura artistica que tal responsabilidade demanda.

Robles Monteiro defendeu-se melhor. Com o seu fato de verão e a sua falta de caracterisação, conseguiu no entanto não cometer nenhum atropelo, embora tambem em nada ajudasse a crear o ambiente que a acção necessitava. A scena de amor do 3.º acto foi absolutamente despida da menor emotividade.

A sr.ª d'Ernelo não foi nada feliz, nem podia se-lo. No limitado numero de papeis que tem creado, este é o peor. A sua grande qualidade, a finura habitual das suas maneiras que revelam frequencia de sociedade, apagou-se por completo na Leonarda. Numa palavra, foi «Pires», foi muito Club Simões Carneiro.

Palmira Torres, numa caracterisação boa, afectou de tal forma a sua fala romantica que entrou pelos dominios carnavalescos; naquele tom de falsete só lhe faltou dizer: «não me conheces?»

Em papel de importancia, brada aos ceus, o «bispo». Esse então nem falar nele. O amador Raposo todo janota de meias encarnadas e botas de legua e meia, deu por completo cabo da peça. Está aqui está societario.

Em duas rabulas comicas, carregadas no ridiculo, para ver se conseguiam «levantar» a plateia, Laura Hirsch e Augusto Melo; é de notar que é nestes papeis que se dá a nota jovial que Bjornson sempre intercala nos seus dramas. Aqui foram apepinados; necessidades!

Os restantes... *«não desmancharam o conjunto»*, isto é, tornaram homogenea a pessima interpretação.

Scenarios e encenação

Dois scenarios novos de Campos e Oliveira. Com cenarios velhos tinha-se feito economicamente a montagem e talvez com mais propriedade local. No 1.º e 3.º actos, um interior banal, com um «pele-mêle» de mobiliario «mauvais gout» onde havia cadeiras Luiz XV e sofás de palhinha estilo Casa Drumond Castle. Ao fundo, nesta Noruega ali do D. Pedro IV, uma rebarbativa palmeira!

O cenario do 2.º e 4.º actos, improprios para uma casa de bispo, parecia uma adega de grandes arcadas com decorações do sr. Fiel Viterbo.

Com tal desempenho e taes requintes scenicos quem havia de tomar a serio a pobre «Leonarda»!

Foi uma peça estragada. Uma peça a que deu o... bispo.

Armando Ferreira.

O Publico

A representação da «Leonarda» produziu uma rajada de entusiasmo pela literatura escandinava. Desempoeiraram-se os volumes do Ibsen, do Bjornson, do Strindberg, do Brandés, do Munch, do Lie, etc. e voltámos a velhos. A livraria Portugalia, onde o sortimento do teatro estrangeiro é sempre bem escolhido, vendeu nos ultimos dias uma boa porção de volumes d'aqueles escriptores... Na biblioteca do Gremio Literario estão todos eles em leitura; não sei o que se passa nas outras bibliotecas, apenas sei que na minha a prateleira do teatro nordico está vasia e os meus amigos fazem-bi-ha n'uma lista de inscrições para emprestimo d'essa literatura.

Tambem não sei se á meza do chá da Garrett se deu e discutiu Ibsen e Bjornson; pôde mesmo ter [illegible] que o gerente tivesse feito proibição a tal respeito, sob pretexto de falta de atenção ao sexteto...

O Alfredo Pimenta conhece [illegible] toria da Literatura Escandinava; e o Anibal Soares solidarisou-se com o movimento, antecipando a reapparição do seu casaco com vasta gola de martas.

Tudo excusido! O ambiente que trabalhosamente procurámos crear nas nossas almas, desapareceu bruscamente ao levantar-se o pano para o 1.º acto.

Isto por causa da «mise-en-scene» causa do desempenho.

Eu que já sentia a minha alma «icebergisada» como a das mulheres d'aquelas paragens, quasi a vi derretida pelo sôpro tórrido que o sr. Robles trazia no seu costume de praia, pelos decotes da sr.ª d'Ernelo e por causa do desempenho, ladeado uma estatua estylo caneca da Avenida, que a [illegible] do fundo deixava vêr.

Confesso mesmo que me julguei na sala do Grande Hotel de Italia do Mont'Estoril, tão parecido era o scenario, tão «praia» eram as «toilettes», e tão futeis as decorações e os moveis... incluindo a Venus de Milo que o sr. Augusto de Melo teima em nos mostrar como «leit-motiv» do seu gosto decorativo...

O ambiente da sala rimava plenamente com o do palco. Não se póde dizer que estivesse a plateia intelectual que eu esperava ir encontrar n'um espectaculo tão cerebrino. E' impossivel dizer por completo quem estava, os intervalos mal chegáram para ler o «argumento» do sr. Correia d'Oliveira, muito para meditar, e para ouvir a esgrima dos criticos... que não escrevem. Tudo isso só evitaria, pelo menos a primeira razão, se o sr. Augusto de Melo permitisse a frequencia aos ensaios geraes.

Nós corredores discutiu-se com entusiasmo: havia os descontentes com o Bjornson, que não tinham entendido a peça e era o bastante para depreciar o autor e havia os Bjornsonianos, que tinham lido o livro do Max Nordau e o artigo do sr. Correia de Oliveira no «Seculo» da noite, e renegávam o teatro do Ibsen.

A impressão geral foi de incompreensão e de sono. Houve mais tosses e arrastar de pés impacientes do que palmas.

A selecção da «Carmen» tocada com compreensão pelo sextetto durante um dos intervalos levantou a moral da plateia, como o «passo doble» da banda regimental anima as tropas em marchas forçadas.

No fim de cada acto, um meu visinho dizia systematicamente ao companheiro: «inda você dizia mal do «Chá e Torradas»!

E á saida junto da paragem dos electricos, um amigo do Americo Durão peroráva satisfeito: «e «Maria Izabel» está vingada!

O GATO PRETO

Critica das criticas

Nos corredores muita gente increpava a critica de conivente com todos os desmandos e erros que as emprezas dão ao publico, sendo na maior parte amigos ou admiradores de determinados artistas, ficando coactos para dizer a verdade.

Ora não é assim. Até se bem formos a atentar, a critica tem sido este ano duma perfeita orientação, em acôrdo e independencia absoluta; dentro da forma pessoal de cada um, todos se teem esforçado por classificar com os proprios nomes, os piteus teatraes que lhes teem dado. O sucesso do «Grande Amôr», o triumfo absoluto de Aura Abranches, ninguem empalideceu; a desnaturalisação do «Amigo do seu amigo» foi notada por todos.

E sobre a «Leonarda» é o que se vai vêr:

«O Seculo», que em geral não costuma dizer nada, refere-se nestes termos ao desempenho, o tal desempenho de arripiar os cabelos:

«...uns porque não podem arcar com trabalhos de responsabilidade, outros pelo seu pouco tempo de cena. Momentos houve hontem, no Nacional, em que o publico se julgou em presença de amadores—e maus amadores.

Se até o proprio bom sr. Noronha, que tudo perdôa e acha regular, confessa implicitamente o erro da distribuição da peça quando se refere a Rey Colaço:

«A sua juventude prejudica um tanto o seu trabalho. O seu talento e o seu estudo, todavia, fazem que vença em muitos lances, fazem que se esqueça que uma escandinava só por excepção deixa incendiar o seu temperamento como qualquer meridional, e que seja aplaudida sem favor.

O proprio delegado do governo o Nacional, o sr. Matos Sequeira, que acumula as funções com as de critico, não pode deixar de confessar que tudo aquilo era detestavel; e de Rey Colaço acrescenta:

Todavia, fez duas ou tres cenas com absoluta certeza e superior inteligencia. Excelentes em duas figuras episodicas de coscuvilheiros, Augusto de Melo e Laura Hirsch. Melo teve uma saida óptima no segundo acto; de verdadeiro mestre!

Mas o melhor é sem duvida o amadôr Rapôso. Para ele vão as boas palavras de «Ourtiz» na «Patria» acrescentadas duma bisca ... ao Nacional.

Eduardo Raposo, deu-nos a impressão dum seminarista promovido a bispo. E, já agora, desejaria que me explicassem, como é que um bispo protestante exibe vestes talares, cruz pastoral e solideo, como qualquer bispo catolico! Custa-me a crer que tivesse havido tal ignorancia na indumentaria.

A «Lucta» põe o caso no seu devido pé.

«Estou convencido de que para bem representar é necessario bem sentir, aplicando, de resto, á arte dramatica, o velho preceito de Horacio: Si vis me flere... Na leitura da descôrada peça de Bjornson, a sr.ª Rey Colaço não sentiu vibrarem-lhe as cordas da alma; de ahi, sem duvida, o motivo porque não conseguiu fazê-las vibrar em nós.»

José de Melo, na «Republica» consagra ao triste acontecimento 4 linhas e é modesto ao dizer:

«...não sabemos se pela peça se pelo desempenho, que não esteve á altura do nosso primeiro teatro de declamação. Mas como se trata duma peça estrangeira a borracheira passou...»

Até mesmo a «Opinião», critica a ideia de se ter posto em scena tal peça, que chama inovação:

«A inovação, porém, não logrou alcançar o exito que ela esperava.
Muitas e variadas razões contribuiram para isso, mas como a sua inumeração detalhada nos roubaria espaço e tempo de que não dispomos, vamos referir-nos apenas ás principaes.
Em primeiro lugar e essa foi, a nosso ver, a razão capital, o desempenho da peça.»

A verdade clara que em todos transparece põe-na em flagrante «Mario Bonança» no «Jornal do Comercio»:

«Quanto a nós, quando se não dispõe de artistas capazes das responsabilidades dessas peças, ou não se leeam á cena, ou espera-se ocasião para as levar.
Mas leva-las nas condições em que no Nacional foi levada a Leonarda, mais valia deixa-la dormir o seu socegado sono sob os alvos gelos da Noruega.»

Vae mais longe A. Lima no «Batalha» em que a propria estrutura da peça é atacada:

Leonarda *é um episodio sem interesse, quasi inteatralizavel com exito. Nem mesmo um bom desempenho salvaria a peça, creio-o bem.*
E nem isso ela obteve.»

E se acrescentamos as meias palavras de Henrique Roldão no «Vitoria» —que, como bom «blagueur», diz que não quer que lhe tirem os anuncios, o silencio do «Mundo» e os acirrados comentarios jocosos da «Monarquia», —que chama ao Nacional... hospedaria, e nestes termos:

«Pois essa hospedaria serviu ontem de cenario a um acontecimento que bastante penalizado nos deixou.»

Teremos a certeza de que... a critica não [illegible] da como lhe chamam.

Antes [illegible] e publico se revolte contra si proprio que deixar que uma intempestiva [illegible] te de mariolões, a bater as mãos fizesse subir o pano 4 vezes ante o desagrado que, era geral.

Reclames

Mais um domingo, ámanhã, em que se representará «O grande amor» no elegante Politeama. Escusado será dizer que mais uma entusiastica enchente vae aplaudir o belo trabalho de Aura Abranches, na magnifica peça.

—Hoje, no teatro Apolo, realisa-se a 100.ª representação da tão apreciada e aplaudida revista «Risos e Flores», em recita de homenagem a um dos seus auctores, o sr. Valeriano Machado, oferecida pela empresa. Preparam-se novidades e surpresas e os amigos do homenageado reservam-lhe manifestações de simpatia e de merecida consagração.

—Hoje, no Ginasio, repete-se a famosa peça «Os irmãos unidos», sendo ámanhã o ultimo domingo em que vae á scena, embora se mantenha em pleno exito.

Substitui-la-ha, na 4.ª feira, «A garra», uma das obras mais belas de Henry Bernstein, em que reaparece o distinto actor José Alves da Cunha.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor»
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

POLITICA

A posse do governo

O novo ministerio aguentar-se-ha? — A pasta das finanças — As aspirações do sr. Alvaro de Castro

Não só nos meios politicos, como ainda no publico acostumado a ver as crises arrastarem-se longos dias, causou grande admiração o facto do sr. dr. Alvaro de Castro ter conseguido constituir um governo em 24 horas.

Esse governo tomou posse hoje ao fim da tarde e depois dos seus membros terem ido a Belem apresentar nas mãos do chefe do Estado o seu compromisso de honra.

Por quanto tempo se aguentará o sr. dr. Alvaro de Castro no poder?

Ha quem afirme que o chefe dos Reconstituintes cairá em breves dias no Parlamento, sendo outros de opinião contraria.

O sr. dr. Alvaro de Castro parece confiar em que terá maioria parlamentar, por crêr que, dado o que se tem passado entre democraticos e liberaes, será impossivel uma aproximação entre esses dois partidos.

Quer-nos parecer que o chefe do governo se engana. Uma aproximação entre liberaes e democraticos é tão impossivel como parecia ser, antes da solução da actual crise, uma aproximação entre populares e reconstituintes. E esta fez-se...

No entanto o sr. dr. Alvaro de Castro está animado e crente em que o Parlamento lhe não prejudicará o seu programa, tendo como certo que os liberaes, embora não o apoiando, não aprovarão no entanto qualquer moção que envolva desconfiança.

O governo tem nos deputados 52 votos emquanto a oposição conta 87. Mas retirando destes 87 os 30 liberaes que, ao que se diz, não votarão a desconfiança, temos portanto para a oposição 57 votos, ou seja portanto uma maioria de apenas votos para as oposições.

E agradou o governo aos politicos e á opinião publica?

Parece que não, porque uns e outra se mostram receiosos de que o governo Alvaro de Castro não consiga resolver a situação grave que o paiz atravessa.

Para a pasta das finanças se voltam as atenções geraes e ainda hoje na Baixa se notou um certo panico, chegando a haver um principio de corrida ás casas bancarias... «Truc» dos adversarios do sr. Cunha Leal?...

Póde muito bem ser, mas ao que ouvimos dizer no ministerio do interior, antes da posse do governo, este vae ser inexoravel para com todos os que ponham em pratica «trucs» que entravem a marcha da Republica e a do proprio governo...

O novo ministerio que começar a fazer obra a partir de depois de amanhã, não está no entanto definitivamente constituido. O coronel sr. Roberto Baptista, indigitado ministro da guerra não aceitou a honrosa missão que lhe foi confiada. Aquele distinto oficial compareceu hoje de tarde no ministerio do interior á cerimonia da posse, onde foi logo rodeado por varios amigos que pretenderam dissuadi-lo da sua resolução. Um dos que mais instou não conseguindo ser atendido, foi o sr. Liberato Pinto, chefe do Estado Maior da Guarda Republicana.

O sr. Adriano Gomes Pimenta, indicado para gerir a pasta do trabalho, parece que tambem não aceita o encargo, embora o sr. dr. Domingos Pereira mostre estranheza por tal facto, pois que com ele contava em absoluto.

—Só quando o Pimenta me disser que não vem é que eu acredito:—dizia-nos ha pouco o actual ministro dos estrangeiros.

Para a pasta do trabalho indica-se o nome do dr. Fernando Brederode, que hontem dissemos ter sido escolhido e que á ultima hora foi substituido.

O sr. Fernando Brederode era bem recebido pelos socialistas, e talvez assim o sr. Alvaro de Castro conseguisse dissuadi-los da oposição violenta que anunciam desde já ao governo.

* * *

Os membros do novo gabinete reuniram no ministerio da justiça, donde, apoz uma rapida conferencia, seguiram para Belem.

Entretanto os ministros do gabinete Granjo sairam do palacio da presidencia, onde foram apresentar os seus cumprimentos de despedida ao chefe do Estado, com exceção dos ministros da justiça e da instrução que continuam sobraçando as suas pastas.

Eram 17 horas quando o sr. dr. Alvaro de Castro e os seus colaboradores no Governo chegaram ao ministerio do interior cujas salas se encontravam literalmente apinhadas.

O sr. dr. Antonio Granjo saudou o sr. dr. Alvaro de Castro, de quem fez o elogio, salientando os serviços que o «leader» dos reconstituintes tem prestado á Republica principalmente nas horas amargas. Diz ter a certeza que o paiz muito tem a esperar do patriotismo do novo chefe do governo e da sua politica de tolerancia passando depois a fazer referencias elogicas para os dois ministros que o acompanham no ministerio e que continuam sobraçando as pastas da justiça e instrução.

A hora é grave, diz o orador, mas está crente que com inteligencia e a boa vontade de todos o sr. dr. Alvaro de Castro não encontrará dificuldades. Ele, orador, encontrou-as e essas mesmas ficam agora á disposição do novo governo.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. coronel Alves Pedrosa, ex-ministro do interior que egualmente fez o elogio, do novo presidente do governo e ministro do interior, a quem afirma que irá encontrar em todo o pessoal d'aquele ministerio verdadeiras dedicações que removerão todas as dificuldades.

Termina fazendo votos pelas prosperidades da Patria e da Republica, seguindo-se-lhe no uso da palavra o sr. Lima Alves que se congratula pelo facto de ver reunidos no governo varios agrupamentos politicos, o que representa o traço de união entre varias forças que vão trabalhar para melhorar a situação da Republica.

O sr. Orlando Marçal fala em nome dos populares, elogiando o sr. Alvaro de Castro em cujas mãos ficam bem as redeas do governo, pois que já deu provas magnificas quando em Moçambique.

A marcha gloriosa de Santarem é outra prova grande do republicanismo do novo presidente do ministerio, tomando-se pois necessario que todos os portuguezes se unam em redor da bandeira da Patria e da Republica, que cada um saiba cumprir com o seu dever e que se conjuguem todos os esforços, e assim haverá a certeza de que a Patria não morrerá.

O sr. dr. Joaquim de Oliveira, indigitado governador civil de Lisboa sauda tambem o novo governo.

O sr. dr. Alvaro de Castro faz por fim o elogio do dr. Antonio Granjo lamentando que ele não se encontre colaborando na obra do novo governo, e dirige depois referencias elogiosas ao coronel sr. Alves Pedrosa, e agradece aos restantes oradores as suas palavras.

Termina afirmando que a obra do novo ministerio será inteiramente republicana de tolerancia, sem mais intransigencias para todos os que prevaricarem, todos os que pretenderem perturbar a vida da republica e do proprio governo. Este quer trabalhar com o Parlamento mas se o não conseguir, outro governo o não conseguirá tambem.

Está crente que muito o ministerio poderá fazer e para isso conta com o parlamento, esperando porem que este aguarde o seu trabalho e os seus actos.

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria—Queixaram-se á policia:

Maria da Conceição Carvalho, rua do Passadiço, 18, 1.º, de que Maria Gertrudes da Costa lhe furtou a quantia de 152 escudos; Antonio Ferreira Candeias, com estabelecimento na rua Maria Andrade, 15, de que os gatunos lhe partiram um vidro de uma montra d'onde furtaram varios artigos no valor de 150 escudos; Antonio José Teixeira, rua Manoel Bernardes, 39 de que lhe subtrairam uma bicicleta no valor de 200 escudos; João Manuel Guerreiro, calçada do Carriche, 21, 1.º, de que Guilhermina Martins, moradora na mesma casa, lhe tem furtado por diversas vezes roupas e outros objectos cujo valor ainda desconhece.

—José Vieira, rua do Bemformoso, 129, 2.º, foi preso por ter furtado 14 barras de chumbo, no valor de 1:000 escudos, a Antonio S. de Mendonça calçada das Lages, 51.

Menor que foge

O guarda 596 prendeu a menor de 12 anos Emilia dos Santos, que foi encontrada a dormir na guarita do agulheiro dos electricos na rua Garcia da Horta. Declarou ter estado internado no Albergue das Creanças Abandonadas, tendo d'ali saido para ir servir para Benavente, mas que fugiu d'ali ha já bastante tempo.

Crimes graves

Joaquim Lourenço, morador na rua da Trindade, 50, foi preso por ser acusado de ter atreido a sua casa menor de 12 anos sobre quem cometeu violencias.

Tambem José Anjos Dias, rua Barão de Saborosa, 142, 1.º foi preso por ter por costume atrair á sua residencias varios menores, para actos desonestos, havendo já na policia tres queixas em tal sentido.

MUSICA

O concerto d'amanhã no Politeama

Acentúa-se o interesse no publico entendedor pelo concerto, primeiro da série, que no Politeama ámanhã efectua a orquestra sinfonica organisada e dirigida pelo maestro Fernandes Fão.

Em 1.ª audição tocar-se-ha a «Sinfonia» incompleta, de Schubert, um mimo de inspiração, que a sciencia do artista desenvolveu com uma superioridade de tecnica, que fez lembrar aos criticos a de Beethoven, fechando o concerto a abertura de «Rienzi», de Wagner, depois de se terem interpretado Lalo, Mozart, Beethoven, Massenet, nas «Scenas» «alsacianas» e David de Souza, na «Rapsodia slava».

A orquestra exibe-se com todos os instrumentos de sopro completamente novos e afinados pelo diapasão normal.

Quem alvitra? Quem reclama?

As subvenções no ministerio do comercio

O sr. Aurelio de Souza Correia, em seu nome e no de todos os seus colegas, serventes das obras publicas, pede para expôrmos a triste situação em que se encontram.

Ao passo, diz, que os apontadores teem 9$00 diarios, com ordenado e subvenção, e os aparelhadores teem de subvenção 3$25, os pedreiros, pintores, canteiros e estucadores 2$500, os serventes apenas recebem 1$90, o maximo, o que é insuficiente para fazer face á carestia da vida.

O sr. Souza Correia pede a atenção do sr. ministro do comercio para o caso.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3703 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 21 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

Para onde vamos?

Quanto mais se reflecte na organisação ministerial dada á luz pelo sr. Alvaro de Castro, mais cresce o espanto pela audacia de se propôr governar a nação aquele hibrido consorcio que não póde contar com o apoio do parlamento nem da opinião publica. Abstraindo das pessoas que temos por costume não discutir, senão quando não pode deixar de ser, o, considerando apenas a sua feição partidaria, somos levados a concluir que o ministerio constituido, sendo, como é, composto por tres grupos de dissidentes, representa a intenção de legitimar a indisciplina partidaria que assim recebe a sua ambicionada consagração. Desta forma se declara guerra aberta aos partidos constitucionaes que se organisaram quando o actual regimen entrou na fase normal da sua existencia e essa hostilidade é uma loucura que perderá as instituições, visto que ninguem póde afirmar que, se chegaram a ser destruidas aquelas forças partidarias que até hoje teem defendido a Republica, outras se organisarão com a coesão necessaria para se oporem aos manejos dos inimigos do regimen.

Não deixar viver uma tal organisação ministerial será, portanto, um beneficio para as instituições republicanas, porque o mesmo será que significar a todos os politicos que não está o paiz disposto a correr aventuras em que as suas instituições possam perigar, e muito menos a consentir que frutifiquem as deserções e dissidencias dos partidos, quando não representem fortes correntes de opinião, enfranquecendo-os e entibiando a sua acção na defeza da Republica.

O novo gabinete é composto de tres grupos de dissidentes que não representam correntes de opinião com raizes no paiz. Representam, quando muito, correntes que surgiram no seio do parlamento, mas que ali ficaram confinadas. E dizemos, quando muito, porque as ambições pessoais explicam melhor essas dissidencias. Alcandora-las no poder é estimular outras e promover a dissolução dos partidos. Se é isso que se pretende, vai-se por bom caminho. Mas a dissolução dos partidos será a morte da Republica. Lembrem-se da monarquia que só foi derrubada quando os seus partidos se fracionaram e se entrou no caminho das combinações ministeriaes de genero dessa que agora ali se formou.

O que, porém, mais espanta toda a gente, é saber-se antecipadamente que o novo ministerio não póde contar com maioria no parlamento e, apezar disso, teimar em apresentar-se ali com o seu programa, quando de programas está o paiz já farto. Hoje até quasi não ha um politico que não tenha o seu programa salvador, muito seu, muito pessoal e essa vulgaridade desacreditou os programas.

O que se quer saber é o que representa no campo das idéas e dos principios o novo gabinete, se ha ou não harmonia de vistas e de objectivos que permitam realisações, soluções praticas. Ora das pessoas que o constituem, algumas professam idéas tão extremas que assustam a opinião moderada e outras tem-se apresentado como paladinos de processos tão conservadores que trazem suspeitosa a opinião avançada. Dahi a desconfiança geral e até, em certos meios, sobresalto, com que foi recebido o novo ministerio.

Que irá ele fazer? Nada de util, por certo, pois impossivel será encontrar uma plataforma estavel de conciliação de tendencias tão fundamentalmente divergentes.

Com que apoio conta para viver, não tendo maioria parlamentar? Com a dissolução?

Absolutamente impossivel. Beneficiar com a dissolução parlamentar um gabinete que é um embroglio de ideias e tendencias seria rematada loucura. A dissolução só póde ser decretada em beneficio d'uma forte corrente de opinião representada n'um partido.

Não se percebe, pois, por que razão o novo gabinete teima em apresentar-se ao parlamento.

Segundo um jornal da manhã deverá ter contra si 34 votos na camara dos deputados e 31 no senado.

Ora o parlamento não deixou viver o gabinete Antonio Maria da Silva por ter fraca maioria, mas emfim maioria; e ha-de deixar seguir este que tem tão grande minoria? Não se compreende,

A não ser que o novo governo se proponha enveredar pelo caminho das violencias, mas então... ai de nós todos.

Melo Barreto

Teve a gentileza de nos vir apresentar os seus cumprimentos o ex-ministro dos negocios estrangeiros e nosso presado amigo sr. Melo Barreto.

Os nossos agradecimentos.

RALHAM AS COMADRES...

«Sem Clemenceau, a França não continuaria a ser França», diz Poincaré

«Clemenceau nunca demonstrou ser-me grato e nem sei se me estima», diz Foch

A defeza de Clemenceau feita pelo maior dos seus inimigos: *o sr. Poincaré*

Estão em foco, precisamente aos dois anos de assignado o armisticio, dois dos actores que mais importante papel desempenharam na grande tragedia da guerra: Foch e Clemenceau.

São conhecidas as circunstancias em que foram chamados a ocupar os postos que tinham ao ser feita a paz, Foch, o grande marechal e Clemenceau, o grande ministro, cognominados logo depois da guerra como o salvador da França e o pae da victoria.

Presidia aos destinos da França o sr. Poincaré. O seu maior inimigo, o seu mais rude adversario, o velho Clemenceau, a despeito das campanhas de derrotismo e de difamação mantinha-se em campo oposto: o do gabinete. O batalhador de sempre, o unico sobrevivente da representação da Alsacia-Lorena em 1871 na Camara dos Deputados — ele que jurára ao abandonar a sua poltrona e saindo com Gambetta, luctar pela restituição das duas provincias expoliadas ao territorio da França, continuava a sua implacavel campanha e nenhum governo podia resistir ás unhas do «Tigre». Poincaré não podia perdoar a Clemenceau a lucta que este sustentava para a eleição de Pams.

Clemenceau não se conformava com a derrota do seu candidato e pela victoria de Poincaré. E assim Clemenceau, ele só, atirou por terra todos os ministerios de Poincaré. Desejaria esse homem então quasi octogenario, as honras de primeiro ministro? Talvez não pela gloria que isso pudesse dar-lhe, mas sim com certeza pela intima convicção de que só o unico sobrevivente da Camara de 71 que jurára tudo fazer pela restituição da Alsacia-Lorena á França, podia salvar a Patria e cumprir a palavra dada. E Poincaré «tombados por Clemenceau» todos os ministerios teve de chamar Clemenceau á chefia do Governo. Os dois inimigos na paz, eram quasi amigos e colaboradores na guerra.

São conhecidas as circunstancias em que Foch foi chamado ao comando supremo dos exercitos aliados. E' recente a campanha de Foch contra Clemenceau.

O marechal ocupa rudemente o velho primeiro ministro, de ser, na paz e na guerra, até malcreado para com o homem que levou, aos campos de batalha a derrota ao alemão. Será assim? Foch, aceitou e Clemenceau não se defendeu, dando apenas homem por si: o sr. Tardieu.

Relendo artigos e chronicas anteriores á data do armisticio, encontrámos notas curiosas nas quaes figuram lado a lado os dois inimigos de hoje.

René Puaux diz no seu livro Foch», referindo-se a Clemenceau, textualmente o seguinte: «Il a pour Foch une estime ancienne». E conta o seguinte episodio:

«Clemenceau subira ao poder em 1906 e ofereceu a Foch o comando da Escola de Guerra. Chamado, o futuro marechal de França, respondeu: Agradeço-lhe, senhor Presidente, mas V. Ex.ª não ignora que um dos meus irmãos é jesuita e... «Sei apenas, interrompeu o «Tigre» que o sr. é um dos nossos oficiaes e é quanto basta.

A ser verdadeiro o caso — tanto que não foi desmentido — Clemenceau alguma prova deu de demonstrar estima ou pelo menos confiança em Foch, que ao tempo coronel respondia assim a um oficial que lhe perguntava: «Qual é a regra geral que deve guiar um chefe no decorrer d'uma batalha? Que deve fazer» Foch respondeu: «Atirar... atirar... observar e reflectir... E foi essa a tactica o que o fez ganhar a guerra.

Foch foi implacavel com Clemenceau. O velho ministro, devia ter sido poupado, mesmo a serem verdadeiras as acusações que lhe dispensa Foch. Verdade seja que é da boca d'este a frase:

«Um general que se deixa comover para bem ou para mal, é um general perdido. Um bom general não deve ter nervos».

Na guerra talvez. Na Paz, não, com certeza.

Mas a defesa mais interessante do «Tigre» fal'a justamente o seu maior inimigo: Poincaré.

Foi publicada no numero da segunda quinzena de outubro, da «Revue des Deux Mondes», e é extremamente curiosa, por ser feita por um irreconciliavel adversario de toda a vida. Poincaré chega a dizer: «O senhor Clemenceau podia responder a alguns dos seus detractores, no mesmo tom em que Scipião o «Africano», respondeu aos tribunos enviados pelo velho Sempronio que era Satão. «Sem ele, a França não continuaria a ser França». E fala depois das tragicas circunstancias em que se encontrava a França, quando Clemenceau subiu ao poder, nos seguintes termos:

«Quando o sr. Clemenceau ofereceu ao sr. Leigues um ministerio militar, uma angustia espantosa oprimia havia mezes, a alma da França. A traição fazia-nos cerco.

O presidente da republica tinha sido obrigado a solicitar do governo que se processasse Bolo-Pachá, e os odios que esta iniciativa lhe trouxe chegaram até á tribuna da Camara acompanhados de ameaças e calunias. A defecção russa, a lentidão com que chegavam os primeiros ofensivas no Aisne, a dolorosa surpreza que tinham causado os motins militares, tinham preparado uma parte da opinião para acolher e fazer suas as sugestões do derrotismo. A Alemanha procurava por todos os modos e maneiras desenvolver este estado de espiritos e aproveitar-se d'ele; e na Bigica como na França tinha recorrido ás intrigas mais audazes para que se enraizasse no coração dos homens fracos a ideia de uma paz possivel.

Clemenceau teve que luctar como um «Tigre» mais que com os aliados, com a traição [illegible] e até com o desaire [illegible] proprios aliados.

A todas as tentativas e tão frequentes da Alemanha para nos desmoralizar, continua escrevendo o sr. Poincaré, para nos desanimar e abater, o sr. Clemenceau — e este será o seu eterno titulo de honra — respondia com uma só palavra: «Guerra!» cujo echo se ouvia em toda a França. Agarrou a traição pelo pescoço e fez contra o inimigo. Quem poderá esquecer o serviço que então prestou á França? Pessoa alguma, sem duvida, discordou mais do que eu das opiniões do sr. Clemenceau, nos cem problemas que tivémos de solucionar, mas se por acaso me lembrasse de ouvir hoje, com demasiada paciencia, as diatribes lançadas contra ele, dois factos me fariam fechar os ouvidos a tudo o que se dissesse contra Clemenceau: a lembrança da visita que me fez em agosto de 1914 e o primeiro conselho de ministros que celebrou em 1917.

Em ambas as ocasiões quando falou da Alsacia-Lorena, a sua emoção era profunda a sua voz tremia. Em 1914 estando sós, os dois, no meu gabinete do Eliseu, não se conteve e chorou copiosamente. N'esse momento disse-lhe eu:

«Podemos continuar separados por muitas coisas, mas o minuto que acaba de passar e sobretudo as suas lagrimas acabam de crear entre nós laços mais fortes que todas as nossas divergencias». E quando em 1917 encontrei Clemenceau consumido pela mesma chama de patriotismo senti-me muito mais perto d'este implacavel inimigo do que, de alguns que passavam por meus amigos».

A inimizade de Poincaré e Clemenceau é bem conhecida, e toda a França tremeu ao ver Clemenceau primeiro ministro. Como devia ser angustiosa e aflitiva a situação para que Poincaré chamasse ao governo, o seu mais feroz guerreador. Clemenceau anulou a personalidade do Presidente da Republica. Ele era tudo á França, ninguem se ocupava do solitario do Eliseu, ele foi o mais feroz ditador de todos os tempos modernos. Quando lhe fizeram ver a possivel hipothese do governo ter de abandonar Paris, Clemenceau perguntou:

«E para onde?» — «Para Bordeus» responderam-lhe. E Clemenceau retrucou: «Para Bordeus, não. Se sairmos de Paris é para... Amiens!...

Foch e Clemenceau foram companheiros na guerra. Foch e Clemenceau entraram ao mesmo tempo para a Academia. Foram eles os obreiros da Paz, vencendo a guerra. Foch acusa e Clemenceau não se defende: defendem-no é naturalmente a opinião publica da França salvo por um maior desgosto que curiosidade a esta luta de «dize tu, direi eu...» este a ainda «ralham as comadres...» Uns jornalistas entrevistam Clemenceau.

—E agora, senhor Clemenceau que pensa fazer?

—Eu? Ora essa... Viver até morrer!...

Estranha maneira de ver a de este homem que aos 80 anos, ainda lucta, ainda resiste e ainda vence!...

Luiz Palmeirim

O Teatro Nacional

e os artistas societarios Eduardo Brazão e Lucinda Simões

Muito se tem já dito sobre os resultados, desprestigiosos para a literatura portugueza, sobre a malfadada «tournée» do teatro Nacional a terras de Santa Cruz. Algumas noticias teem sido até publicadas procurando colocar os jornaes que teem tido o desassombro de fazer a campanha de limpeza e de moralidade, absolutamente necessaria num teatro com o rotulo de Nacional, numa situação de defenderem tão sómente interesses proprios ou terem procuração dos artistas cujos nomes andam envolvidos nesse desprestigio, para defeza dos seus interesses pessoaes.

E' esse facto que precisa de ser nitidamente esclarecido. A nossa campanha nada tem que vêr com os interesses materiaes dos artistas em questão.

Se lhes assiste justiça e parece ser essa a opinião dos advogados por eles consultados, o pleito deverá ser dirimido nos tribunaes competentes que sobre o assunto resolverão.

Como não desejamos porém passar por mentirosos e para que o publico possa bem avaliar de que lado está a moralidade, resolvemos ainda uma vez entrevistar Brazão, não só sobre os argumentos empregados de modo a influenciarem a opinião publica sobre a sua não razão, mas ainda e principalmente sobre a resolução tomada de abandonar de vez o palco do teatro Nacional juntamente com a sua colega Lucinda Simões. E', pois, da sua boca e com a resolução definitiva de dar por finda na imprensa, pelo menos no que materialmente lhe interessa, uma campanha que o tem incomodado e que só a ele diz respeito, que nos faz as seguintes declarações:

—Reduto da maneira mais absoluta tudo que ha de menos verdadeiro nas declarações feitas pelo sr. João Loforte, secretario do sr. Galhardo na «tournée», quanto ás condições do meu contracto. A minha boa fé impediu-os, como deveria, o analisasse nas suas minuncias.

«Só apoz o meu regresso o fiz, e, caso curioso, ao passo que todos os artistas, excepção feita á minha colega Lucinda, levaram contracto firme por quatro mezes, sob pena de 4,000 escudos de multa no caso de não cumprimento, o meu incluira a clausula, «poderá durar até quatro mezes», demonstrando duma maneira iniludivel a má fé e o desejo de, sem respeito pela minha edade e pela minha categoria de artista, me alijarem na primeira oportunidade.

«Esquecerám porém que, conforme a opinião do meu advogado, apezar da minha sabida, a «tournée» continuou, anulanco consequentemente o tal «poderá». Alega depois o sr. Loforte que os meus honorarios eram onerosos e impeditivos de continuação da «tournée». Em primeiro logar, ainda ninguem se lembrou de ponderar que nada tendo que vêr a questão cambial com o «quantum» por que fui contratado, se só estabelecesse o cambio tal como era ainda ha dois ou tres anos, o meu trabalho e o meu esforço não seriam tido uma remuneração compensadora. Diz-se que eu levava uma percentagem de vinte por cento sobre a receita bruta de determinadas peças. E' falso. Levava, é certo, essa percentagem mas sobre a receita liquida de mil e quinhentos escudos de diaria, o que é muito diferente, se atendermos a que quando estive no Brazil com a «tournée» Rosas e Brazão levava trinta e cinco por cento da receita liquida de seiscentos escudos de diaria, e das duas vezes que ali fui com a «tournée» Eduardo Victorino, trinta por cento da receita liquida de seiscentos escudos diarios.

«O que, porém, me indigna é o facto de se dizer ou se querer fazer acreditar que o meu regresso a Lisboa foi feito de mutuo acordo com o delegado da gerencia de «tournée». Quando o sr. Loforte se me dirigiu com o fim de rescindir o meu contracto, foi tão grande o meu pasmo, talvez por ser a primeira vez na minha vida que tal me sucedia, que lhe pedi o tempo necessario para reflectir. Imediatamente dei parte do que se passava a todos os meus colegas, lavrei o meu protesto no consulado e para que não se pudesse alegar qualquer extravio de correspondencia, telegrafei para Lisboa a um amigo particular pedindo-lhe que prevenisse Galhardo afim de saber se este era ou não conivente na «patifaria» que me queriam fazer. Parece que o facto de eu considerar uma «patifaria» o que se me propunha afasta por completo a ideia de qualquer acordo. A esse meu telegrama uma só resposta haveria da parte do sr. Galhardo ao meu emissario: «sim ou não». Pois o sr. Galhardo limitou-se a dizer: «ignoro». Nestas condições e sabendo antecipadamente que o meu trabalho não seria pago, quando mesmo eu quizesse fazer respeitar o quatro mezes da «tournée», que resolução tomar?

«Uma só havia, o regresso imediato com minha familia cujas despezas, incluindo as de viagens, foram pagas á minha custa. E' a isto que eles chamam um acordo mutuo!

«Muito mais teria que dizer, visto que as desconsiderações sofridas foram muitas e constantes. Assim ao passo que em Santos e em S. Paulo, Palmira Bastos fez festa com peças novas e Rafael Marques e Ilda Stichini tiveram o mesmo privilegio no Rio, a mim foi negada a «Leonor Teles»! Essas desconsiderações é que eu não perdôo nem esqueço e ao contrario do que se possa supôr, pouca importancia ligo ao lado material da questão e a prova é que, tendo feito a minha receita no Rio com a maior enchente que o Lirico teve, entregaram-me dois mil e novecentos escudos!

—E é certo, como teem noticiado os jornaes, que não voltará ao Nacional?

—Qualquer no meu caso faria o mesmo. E' preciso não esquecer que quem se não sente não é filho de boa gente.

«O administrador do teatro Nacional é o mesmo contratante que faltou aos seus compromissos para comigo na «tournée» ao Brazil. Ora compreende perfeitamente que ao meu caracter repugne trabalhar num teatro em que ele desempenhe funções directivas. Mas, como não ha mal que sempre dure, o Nacional ha-de ser depurado de todos os vicios e defeitos actuaes. Voltarei então a ocupar o meu logar—esse logar que é muito meu e que tenho ocupado com a melhor boa vontade, a contento do publico e—porque não confessar-lh'o?—com satisfação propria.

—E Lucinda Simões?

—Creio, estar no mesmo proposito e entre a nossa maneira de agir e o procedimento do sr. Galhardo, o publico apreciará de que lado está a moralidade.

Noticias recebidas hoje dão-nos conta do fracasso da companhia no Palace, onde passou a representar após a saida de Brazão.

Estreiou-se com a peça «Sua Magestade», tendo por assistencia 3 frisas e 49 poltronas. Ensaiava-se para beneficio do sr. Loforte «Os Velhos», de D. João da Camara, fazendo Luiz Pinto o «Patacas». «Tableau»!

Alvaro Lima

Pelo Telegrapho

Le viagem á Europa

RIO DE JANEIRO, 20.—Seguiram para a Europa os srs. Salvador Santos, director dos jornaes «Gazeta de Noticias» e Noticias», e o escritor Antonio Torres.—(Americana).

Falecimento dum professor

BAHIA, 20.—Morreu o professor Ernesto Carneiro Ribeiro.—(Americana).

A delegação brazileira no Congresso do Instituto Internacional de Agricultura

ROMA, 20.—Foi o sr. Raul do Rio Branco, ministro do Brazil em Berne e vice-presidente do Congresso do Instituto Internacional de Agricultura que proferiu o discurso de encerramento.

Fez a exposição dos trabalhos feitos pelo congresso e poz em relevo os esforços pessoaes do rei de Italia para o desenvolvimento por cujas influencias todos os paizes esperam.

A delegação brazileira, composta dos srs. Raul do Rio Branco, Luiz Silveira, representante dos Estados de S. Paulo no Europa, e Deocleció de Campos, adido comercial da embaixada do Brazil junto do Quirinal tomou parte em todos os trabalhos e foi alvo duma menção especial do Congresso, pelos serviços que prestou special da parte do presidente do á causa comum.—(Americana).

Na Grecia

O novo regente—O exilio do sr. Venizelos

ATENAS, 20.—A bordo do vapor «Narcissus», que chegou com enorme atrazo, embarcaram esta manhã o sr. Venizelos, os ministros que faziam parte do seu governo, as personalidades liberaes venizelistas, muitos directores dos jornaes, varios redactores politicos e muitos banqueiros, industriaes e comerciantes que abandonam a Grecia, com receio de represalias.

Apenas o navio levantou ferro, o chefe do novo governo, sr. Rhallys, determinou que se abrissem todas as prisões, dando a liberdade a todos os individuos que tinham sido presos durante o periodo venizelista.

De tarde, após o juramento, deu-se um incidente importante. O juramento do novo governo foi feito perante o metropolitano, o qual exigiu imediatamente a demissão do regente, assumindo o sr. Rhallys, provisoriamente, as funções da regencia.

Com o regente, almirante Condouriotis, ninguem se preocupou não se importou ninguem despedir-se dele.—(Havas).

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XVII — *Londres em pleno «week-end»*

Logo cedo entra-me sol pela janela que apenas um «rideau» negro obscurece. Sol... céu azul... Mas, não é nada disto Londres, andam-me a intrigar, certamente. Lá em baixo, na rua não ha ninguem, um ou outro raro automovel passa. A pressa que tenho em descer é espicaçada cada vez mais pela muita curiosidade, mas depois dos arranjos, só ás 11 é que chego á sala do hotel. Duas raparigas de negro, aventaes e toucas brancas, limpam as mesas e perguntam-me abertamente o que quero áquelas horas... Tenho o meu sobresalto, pois me parece que não deve ser crime querer mastigar alguma coisa de mais solido do que a ceia da vespera. Mas qual... A hora do «breakfast» já acabou e a do «luncheon» ainda não chegou. Mas... como comiseração, a «miss» atira para um logar um prato, uma chavena e um «menu», ficando de lapis e papel na mão á espera que eu escolha... o quê? O «breakfast» consiste em chá, café ou chocolate. Pão com manteiga, Preserves ou Porridge. Para não fazer asneira mando vir tudo, tanto mais que não sei o que é... Porridge.

Depois o soube; é uma especie de pápas, que se tomam com açucar e consiste um dos piteus dos habitos inglezes; não lhe acho graça nenhuma, nem á «marmelada» de laranja azêda que a «miss» me fornece, vingando-me no pãosinho e no café, embora só com uma miligramas de açucar.

O «Wignore» hotel, vejo logo, é um hotel de 2.ª ordem, embora bem posto e otimamente frequentado; no entanto, a minha ideia é ir-me embora logo que encontre coisa melhor.

Em cinco minutos desemboco pela «Duke Street» em plena «Oxford Street», uma das grandes e mais conhecidas ruas de Londres.

A fisionomia da mais populosa cidade da Europa é diferente das outras cidades continentaes; a construção em tijolo, só em tijolo, dá um tom triste ás ruas, não tendo belezas de especie alguma a admirar em materia de construção; vale, contudo, para tornar curiosissima e bela a rua, o movimento, a circulação, os ininterruptos autobus—os «bus»—vermelhos e amarelos, altos, ornados de grandes cartazes e reclames e levando gente lá em cima, na imperial. Os grandes estabelecimentos, a profusão de cartazes enormes, os reclames e anuncios os mais variados, os taxis as carroças, os trens, os camions, os tractores, como um caudal poderoso que ora corre célere, ora se condensa e avoluma de encontro á barragem duns «policemen», impedindo a marcha em dado sentido.

Ao longo de «Oxford Street» páro dezenas de vezes, em montras imensas, recheadas com mil diversas coisas, desde artigos de «menage», ás autenticas fazendas inglezas, mas tendo entrando pelos «guineus», que é assim como quem diz uma libra e um «shelling»; a «Oxford Street» parece interminavel, encontrando-se gente de todas as classes em apressados passos, formigando já. Nos passeios, os celebres «homens»«sandwiches» ou «homens-«placard» anunciam edições do «Evening» ou as noticias da greve do carvão no «Times», quando não é um barbeiro mais escondido entre dois estabelecimentos monstros. Agente que passa não tem luxo, se bem que, pelas montras das grandes casas, se vejam boas peles, carissimas «toilettes», refinadissimamente «chics» vestimentas; e, logo nas primeiras 24 horas, eu tenho a confirmação do que ha muito supunha: a mulher ingleza é desmazelada; vive na rua, toda a gente vive na rua, e sendo assim não tem tempo para cozer, para remendar; quantas caras vistosas, mesmo bonitas, esse tipo inglez fino, de feições correctas e suaves, sob um gorro ás tres pancadas e um vestido pingão, mal pregado de alfinetes; sem falar nas meias grossas e torcidas, os pés metidos em «boots» respeitaveis: o saltito—graças lhes sejam dadas—não é superior ao das botas dos homens. Mas tambem os cabelos aparecem-nos como não tendo visto pente ha muitas semanas. Isto no geral, na grande maioria. Não ha em parte alguma conclusões geraes, e é possivel que oculte alguma vivenda esteja a mulher ingleza de «ménage», mas é duvidoso.

Farto de andar, chego por fim a Holborn, o prolongamento de «Oxford Street», sem deparar edificios diferentes nem doutra côr dos que já indiquei. Aqui, em dada altura, cuço alguns silvos, sinetas e dentro em pouco os grandes estabelecimentos, as companhias de seguros, os bancos, os escritorios que examinam por todos os lados a larga rua começam a vomitar gente, muita gente, que corre para as paragens dos «bus», que se introduz pelo chão, para os «tubs». Quando chego a Farringdon é uma hora e 10; vou até a uma tabrica, em busca de gente conhecida. Mas, a fabrica está fechada, fechada desde a vespera ás 5 horas. E o porteiro diz-me que é o «week-end».

O fim da semana! E' verdade. Hoje é sabado, e ao sabado ao meio dia termina depois de uma hora. Mas, agora aperfeiçoaram já os operarios este descanço, trabalhando mais meia hora cada dia e começando a folga na 6.ª feira á tarde: é o «week-end». Tendo ganho pelos grandes salarios e suficiente durante os outros dias, esses dois são consagrados aos prazeres do comodismo e do ripanso, que em larga escala se gozam pelos arredores de Londres. Por isso, quando volto á rua, noto sensivelmente a diminuição de gente, o quasi deserto das longas «streets», os «bus» despovoados. Intrigo-me: Onde se metem estes milhões de homens e mulheres para que, em pleno centro da cidade, não se encontre mais gente que numa das nossas desertas avenidas novas?

Para não perder o meu tempo, tenho aqui a dois passos — 10 minutos de caminho em grande velocidade — S. Paul. E realmente, passado um viaduto, a grande «catedral» aparece, destoando do resto da cidade, em que quasi não ha monumentos para observar A «Catedral» de S. Paulo é uma egreja enorme, que podia existir em Paris, pelo seu estilo e pelas suas proporções. A um dado talvez acanhado de Londres, com a estatua da «rainha Ana» em frente, e uma já conhecida colecção de pombos brancos que veem comer á mão de quem os chama — 2.ª edição de S. Marcos de Veneza—S. Paulo merece a visita; foi talvez pela grandiosidade das suas dimensões harmonicas, pela amplitude da sua cupula, pelos decorações em mosaicos e cantarias, pelas estatuas, pelos tumulos rigidos, frios, solenes. Tudo iluminado a luz electrica. Lá do alto, porque se sobe lá cima a ver a vista, o panorama é magnifico: o viajante bem pode aproveitar porque em Londres não terá ocasião de mostrar outro ponto alto. Emquanto Paris é a cidade dos panoramas, aqui dificilmente se apanha um golpe de vista sobre o casino cinzento, plumbeo, denegrido.

Com a visita a S. Paulo são perto de duas e meia no relogio do meu estomago. Desço, ponho-me numa paragem de «bus» e volto para o Hotel. Desolação, desgraça: a hora do «luncheon» acabou já, e a «miss», que é pouco delicada—como todas—mostra claramente que não se acha disposta a perder a sua ida para fora, visto que estamos no «week-end». Em «Oxford Street» novamente procuro um restaurante da especialidade; fecharam; só abrem 2.ª feira. Em com pensação ha a todos os 10 metros «Tea-rooms» onde inglezes e inglezas, tomam chá durante o dia inteiro. Digo á criada que quero comer, e ela oferece-me: Chá? Café? Chocolate? Cakes?

O' Deus misericordioso; eu quero é comer. Qualquer coisa de salido... Enfim, meus amigos, consigo um pastelão frio de vitela e bolos. Cerveja, cerveja ingleza que eu desejo, não, não, é impossivel. E explica-me; é bebida alcoolicas só das 12 ás duas e das 6 ás 8!! Chá... chásinho... sempre chásinho.

A tarde aproveito-a tomando lugar num «bus», e indo até Willesden, um extremo de Londres, onde chego ao fim de duas horas de viagem; durante o percurso, lá de cima do topo do automovel, vou vendo, agora sim, a imensidade desta terra: ruas e ruas sucedem-se, intercaladas de «squares» verdes, bem tratados; estabelecimentos, que tomam quarteirões inteiros, anuncios e cartazes por toda a parte. Londres parece que não termina; estes nomes que o homem dos bilhetes anuncia, Kilburn, Willesden Green, Harlesden, são como cidades prolongando a propria cidade: e tudo isto é um canto, um só, de Londres! O pasmo seria custa-me «7 penies», sem ninguem a pisar-me o que prova que os carros de Lisboa... são os mais baratos do mundo, ouso só costumam anunciar.

Volto tambem de «bus» e mal tenho tempo ainda de observar todos os caracteristicos desta gente que me aparece sob os olhos avidos.

Chego ás 7 horas a Marble Arch—um canto do Hyde-Park e Oxford Street,—onde, efectivamente, um arco de marmore branco põe uma nota cristalina de alvura no tom cinzento da cidade.

Atroz dilema se me apresenta agora ao espirito: Jantar ou ir ao teatro! Porque os espectaculos são ás 7 e meia e eu ainda não jantei. Não hesitar; tomo um taxi que por 2 shellings me leva até ao «His Magesty's Teatro», onde compro um «stall» (fauteil) por 15 shellings e sento-me a ver o «Chu Chin Chow», no seu 5.º ano de representações.

Para entreter a debilidade, como e trato a atirar-se-me que uma coisa muito querida, ainda não alimenta, mastigo «chocolates» que umas «miss» vende pelas cochias.

E murmuro entre dentes, em optimo portuguez: «raios os partam!»

Armando Ferreira.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

Eden Theatro — *«Agencia literaria» quadro novo da revista «Chá e Torradas» por Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa* : : :

Não tira nem põe á revista o quadro novo de hontem. E' mesmo um quadro baratinho, que não teve que vestir, nem deu grande trabalho a fazer. Um fadincho, um bom papel por Gomes, embora já estafado o tipo, e algumas indecencias de grosso calibre. O quadro quer referir-se ao advento á ministro do sr. Julio Dantas.

Em resumo: é para ali uma coisa.

Armando Ferreira.

A melodia do fantasma

King Baggot e Grace Darmond, os dois prodigiosos artistas norte-americanos, que tão notavelmente se teem manifestado na soberba pelicula «O rasto do Gavião», figuram hoje no programa do Salão Central, com todo o seu arrojo, intrepidez e audacia. Serão exibidos os 4.º, 5.º, 6.º e 7.º episodios da famosa fita, que tanto exito tem causado e que tanta gente tem chamado ao lindissimo cinema. Amanhã, 2.ª feira, estreia na matinée e repetição á noite do 8.º episodio intitulado «A melodia do fantasma», outro sucesso autentico, que muito deve agradar.

Postos de socorros nocturnos

Continua aumentando o movimento dos postos, demostrando assim a sua utilidade e os bons serviços que estão prestando ao publico.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».

Nacional, ás 21,30, «Leonarda».

Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».

Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».

Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».

Politeama, ás 21, «Grande amor».

Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».

Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).

CENTRAL (Avenida da Liberdade).

OLYMPIA (Rua dos Condes).

CINEMA CONDES (Rua dos Condes).

CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).

SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).

CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

«Doida, não!»

Uma explicação necessaria—Defensora tornando-se acusadora...

Entre as pessoas que mais defenderam o sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha contra o sequestro no manicomio, para onde foi levada por pessoas de sua familia, movidas por interesses facilmente compreensiveis, figurava a sr.ª D. Maria Feio, que publicou a tal respeito um livro intitulado «Doida não, antes victimas», livro em que a sr.ª D. Maria Adelaide era elevada ás culminancias da razão e da justiça, e, portanto, arrastados pelas ruas da amargura aqueles que teimavam em a perseguir, para a encerrar n'um hospital de doidos.

De repente, porém, mudam as coisas.

A sr.ª D. Maria Feio, até ali strenua defensora da filha de Eduardo Coelho, é tocada pela «graça divina» e n'aquela em que via uma victima passa a ver um algoz. Surge então com uma serie de cartas, a que dá o titulo de «Paixões fatais», para dizer exactamente o contrario de que primeiro tinha afirmado e para defender calorosamente o sr. dr. Alfredo da Cunha.

Das causas de tão brusca reviravolta não queremos, nem pretendemos inquirir, embora não fosse dificil talvez sabel-as, se nos lembrarmos de que a sr.ª D. Maria Feio é a mesma autora de cartas abertas e outras manifestações de egual jaez a vultos em evidencia como Afonso Costa e Sidonio Paes, a mesma que pedia e recebia atestados de medicos para fins especiais.

Não queremos averiguar das causas da mudança de pensar da sr.ª D. Maria Feio, repetimos, e em coisa alguma nos interessariam as suas cartas se uma d'elas não fosse hoje transcrita pelo «Diario de Noticias». Ora n'essa carta ha insinuações malevolas, torpes, mesmo, em que se pretende visar «A Capital».

De tudo quanto nas nossas colunas tem sido dito a proposito da filha de Eduardo Coelho apenas uns tres ou quatro artigos são da autoria da redacção. O resto, a defeza da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, por ella propria tem sido feita, e brilhantemente.

Devemos acrescentar que em breve tencionamos, nós continuar essa defeza, porque o que nos revolta, como aliaz revolta toda a gente de bem é que a essa senhora se pretende á força internal-a n'uma casa de doidos, coarctando-se-lhe todos os meios de defeza. Que a questão seja dirimida nos tribunaes está muito bem, é mesmo o caminho a seguir, mas deixe-se-lhe a liberdade de poder defender-se, de poder agir.

Quanto ás insinuações torpes—repetimos—da sr.ª D. Maria Feio não atingem elas absolutamente nenhum dos que trabalham n'esta casa e que nos merecem toda a estima e consideração.

A prosa encomendada da sr.ª D. Maria Feio errou o alvo, pois que não menoscabou, nem pode menoscabar a reputação de quem, por todos os motivos, lhe está muito superior.

A tentação do «Dio del Oro» entende-se pondo com a autora das cartas abertas das «Paixões fataes».

As provas de camions e automoveis

Organisadas por «Os Sports»

Realisaram-se hoje as provas de camions e automoveis promovidas e organisadas pelo bi-semanario *Os Sports*, tendo sido numerosissima a afluencia de espectadores, tanto á partida como á chegada, na Cruz Quebrada.

Apareceram á hora da largada cinco camions, que fizeram o percurso sem o minimo desarranjo.

Dos automoveis fizeram a prova oito, tendo um desistido por um desarranjo sobrevindo á ultima hora. Com os oito incidente algum se deu durante o percurso, que, como se sabe, era Lisboa—Ramalhão—Cascaes—Cruz Quebrada.

Prestaram valioso auxilio de fiscalisação no percurso os adueiros do comité regional do Sul.

Serviço telegrafico da tarde

GENEBRA, 20.—Logo no começo da sessão de sabado pela manhã o sr. Lafontaine, delegado da Belgica, chama a atenção da assembleia para dois pontos que ele considera particularmente importantes: o problema economico e o dos armamentos. O problema economico forneceu ensejo ao sr. Lafontaine para se ocupar da questão da repartição das materias primas, as quaes, na sua opinião, deviam estar á disposição de todos os povos sem exceção. O orador desejaria que os exercitos de amanhã não fossem mais do que elementos de uma força internacional ao serviço da Sociedade das nações; se assim fosse, a Armenia poderia salvar-se.—*(Havas)*.

GENEBRA, 20.—O sr. Léon Bourgeois, que está um pouco indisposto, não tem podido, ha dois dias, tomar parte nos trabalhos da sociedade das nações, mas o seu estado de saude vae melhorando de dia para dia e espera retomar o seu logar na reunião de segunda feira proxima.—*(Havas)*.

GENEBRA, 20.—O sr. Balfour, ministro dos negocios estrangeiros de Inglaterra, chegou a esta cidade a fim de tomar parte na reunião da sociedade das nações.—*(Havas)*.

LIBERTARIOS EM ACÇÃO

Agente de policia atacado a tiro e á bomba

O povo tenta linchar um dos criminosos

Na Rua Nova do Carmo, em frente á rua de Santa Justa, deu-se hoje mais um atentado de ação direta, sendo atacado a tiro e á bomba um agente de policia.

Cerca das 13 horas, subia aquela rua, em direção ao governo civil, o agente Antonio Maria, quando subitamente e pelas costas foi atacado por tres individuos, que contra ele dispararam as pistolas de que vinham munidos.

As balas passaram muito proximo da cara e da cabeça do alvejado, mas felizmente não o atingiram.

O agente Antonio Maria, não perdendo o sangue frio e puxando pela sua pistola correu sobre os seus agressores, que fugiram em varias direções.

Quando, indo sobre um deles, descia as escadas que ligam a Rua do Carmo com a Rua do Ouro, o perseguido, vendo-se quasi alcançado e não podendo fazer fogo, atirou com uma bomba de dinamite, que explodiu no segundo degrau do lado da Rua do Ouro, fazendo um grande estampido e indo os estilhaços atingir as paredes e taipais das montras da ourivesaria Sarmento.

Sempre fugindo, mas cada vez perseguido mais de perto foi o criminoso preso, á esquina da rua d'Assunção, pelo sr. alferes Simões do 3.º grupo das companhias de saude.

A multidão que se juntou manifestou-se hostilmente contra o bombista, pois todos queriam á viva força linchal-o, sendo dificil aquele oficial e a varios policias que apareceram livral-o do furor popular.

Seguido por uma compacta multidão e com inumeras dificuldades, conseguiram leval-o para o posto do Teatro Nacional, tendo sido, necessario disparar alguns tiros para o ar, para afastar o povo.

Na esquadra compareceram imediatamente o sr. alferes Boavida, da policia civica, e os chefes Assunção e Aires, varios agentes da Segurança do Estado, etc.

Interrogado, o bombista declarou chamar-se Joaquim Antonio Pereira, filho de Benjamim Pereira e de Amelia de Jesus Madeira, de 19 anos, solteiro, servente de pedreiro, actualmente desempregado, e residente na Vila Pereira, 1, no Casal Ventoso de Baixo, o que não é verdade, pois ali não é conhecido, não sendo tambem a sua profissão a que disse ter.

Foi conduzido, no meio de uma força de policia e acompanhado por varios oficiais, para o Governo Civil, onde no posto de socorros recebeu curativo de um ferimento que tinha no lado direito da cabeça feito com uma bengalada que o agente lhe deu quando corria sobre ele.

Recolheu depois incomunicavel a uma esquadra.

O agente Antonio Maria já ha tres mezes tinha sido avisado de que um atentado se estava preparando contra ele.

Embora pouco acredite n'esse aviso, andava mais ou menos prevenido e não se admirou de que hoje lhe sucedeu, pois que pormenores do que se deu coincidem exactamente com o que lhe disseram que estava sendo premeditado.

Para o posto do Nacional, foram conduzidas mais duas bombas, uma d'elas que o preso atirou e não explodiu e outra encontrada na Rua do Ouro.

Pelo cabo Teodoro e varios agentes da Segurança do Estado foram presos na mesma ocasião, por se tornarem suspeitos, Francisco José dos Santos, da Calçada da Mouraria, 22 r/c, Jaime Pinto Sparts da rua das Canastras, 17, 1.º, João Leite dos Santos, da rua de S. Paulo, 126, 4.º, Francisco da Conceição Braz, da calçada do Cascão, 18, 4.º.

Recolheram mais tarde, incomunicaveis, a diversas esquadras.

O dinamitista Pereira, já é conhecido da policia pelas suas ideias avançadas tendo tambem, segundo consta, feito parte, com Manuel Ramos, no ataque contra outro agente no caso que ha tempos se deu no Campo de Sant'Ana, não tendo, porém, sido preso n'essa ocasião. Já tem algumas prisões, sendo a mais recente quando se estada em Lisboa o rei Alberto, por no Terreiro do Paço manifestar em voz alta as suas teorias avançadas.

Bomba contra uma oficina de alfaiate

Esta manhã, ás 7 horas, explodiu uma bomba de rastilho no patamar do 1.º andar do predio n.º 91 da rua dos Correeiros, onde está instalada uma oficina de alfaiate.

A bomba, que felizmente não causou vitimas, alarmou toda a visinhança e causou prejuizos nas portas e no pavimento.

POLITICA

Que o governo será derrubado em breves dias no parlamento, dada a oposição dos socialistas, democraticos e liberaes, era ainda hoje a opinião de quasi toda a gente, com exceção apenas dos que apoiam o actual ministerio. E mesmo destes alguns ha, não poucos, que teem a impressão de que o sr. dr. Alvaro de Castro não conseguirá resistir ao embate da oposição.

Não conta o actual gabinete maioria em qualquer das casas do parlamento mas isso é coisa que parece não preocupar os «leader» dos reconstituintes e muito menos o sr. Cunha Leal, ministro das finanças para quem n'este momento se voltam as atenções geraes.

A sessão de amanhã na Camara dos Deputados deve ser, por tudo isto, interessante.

O deputado independente sr. Eduardo de Souza um dos que teve demoradas conferencias quando das démarches com o actual presidente do ministro, dizia ainda hoje a um grupo de amigos:

—Eu tencionava seguir para fora amanhã, mas já não vou para poder assistir á representação da tragedia «A Nova Castro», adaptada á scena moderna pelo sr. Julio Dantas.

No entanto o sr. dr. Alvaro de Castro sabe que não tem maioria, mas conta que se produzam amanhã mesmo manifestações no parlamento e fóra d'ele e por isso espera que o parlamento o deixe trabalhar julgando depois os seus actos.

E' claro que o mesmo esperavam os governos anteriores e esses tinham maiorias a seu favor.

A atitude dos liberaes na sua reunião de hoje, nas salas do jornal «A Republica», demonstra o modo de sentir daquele partido. Usaram da palavra os vultos categorisados do referido partido e entre eles os srs. dr. Fernandes Costa, Zacarias Gomes Lima, Constancio de Oliveira, dr. Celestino de Almeida, dr. Antonio Granjo e outros.

Os discursos foram por vezes violentos contra o actual presidente do ministerio que lhe fôra confiada pelo chefe do Estado, organisando um gabinete sem maioria absoluta.

Foi por fim votada por unanimidade uma moção na qual é dado todo o apoio ao directorio, juntas dirigentes e parlamentares do partido para manifestarem a sua oposição ao governo.

A' hora do nosso jornal ir para a maquina devem estar reunidos os socialistas cuja atitude é já egualmente conhecida: oposição intransigente, tanto mais que a pasta do trabalho não foi confiada a pessoa com quem aquele agrupamento politico se entenda, conforme eram os desejos manifestados pelo sr. dr. Costa Junior ao sr. dr. Alvaro de Castro.

A' noite devem reunir os democraticos.

* *

O conselho de ministros marcado para as 14 horas só reuniu cerca das 18, no gabinete do conselho colonial no ministerio das colonias, faltando os srs. ministros da marinha e do comercio, o primeiro porque foi assistir ao almoço em Cascaes em honra dos oficiaes do barco inglez «Temeraire» surto no Tejo e o segundo, porque sendo esperado hontem á noite em Lisboa ainda não chegou.

O sr. dr. Domingos Pereira dissenos que ainda hoje esperava qualquer resposta do Porto, aguardando portanto as resoluções do sr. Adriano Pimenta, sobre a sua entrada ou não no gabinete.

O conselho ocupou-se unicamente da declaração ministerial que amanhã será lida no parlamento. Esse documento refere-se á politica geral, não fazendo destrinça de pastas, unicamente se alargando nas medidas que pela pasta das finanças vão ser adoptadas.

* *

Não está ainda definitivamente organisado o gabinete, porquanto falta prehencher a pasta da Guerra e a do Trabalho.

Para a primeira dizia hoje «A Manhã», orgão reconstituinte, que fôra convidado o sr. Liberato Pinto. Falamos com o chefe do estado maior da guarda republicana o qual nos declarou não aceitar aquele cargo pois que não deseja nem quer ser ministro, tanto mais que fazendo parte do partido democratico, e estando este agrupamento politico em completa oposição ao governo, não aceitaria qualquer convite que nesse sentido lhe fosse feito.

Para a pasta da guerra foi convidado o coronel sr. Sá Cardoso, que se encontra em S. Thomé e para onde o sr. Alvaro de Castro enviou já um telegrama. No melhor do casos o sr. Sá Cardoso deve chegar a Lisboa nos fins de dezembro.

Nos meios politicos causou grande estranheza o facto do sr. Melo Barreto, ministro dos estrangeiros do governo Granjo, ter sido excluido ou não convidado pelo seu chefe politico sr. Alvaro de Castro, para continuar sobraçando a pasta onde deu provas de grande competencia e patriotismo.

Que será?...

O governador civil de Lisboa pediu hontem á noite a demissão do seu cargo e embora alguns reconstituintes fossem de opinião que o capitão sr. Lelo Portella devia continuar á frente da chefia do destrito, parece assente que outro será escolhido para aquele cargo, evitando-se assim que se declarasse um conflito latente já ha dias entre elementos das varias policias e o sr. governador civil.

O nome do sr. Estevão Pimentel foi hoje indicado por um jornal de grande informação da manhã, mas as nossas informações dão como quasi certa a escolha do sr. dr. Joaquim de Oliveira, que é bem aceite por todos os agrupamentos politicos que constituem o governo.

Homenagem ao coronel Baptista

O descerramento do seu retrato no Centro Republicano de Santos

No Centro Escolar Republicano de Santos realisou-se hoje a sessão de homenagem á memoria do saudoso coronel Antonio Maria Baptista e o descerramento do seu retrato.

A sala achava-se vistosamente ornamentada com colchas e bandeiras, figurando no palco, ao fundo, um trofeu de bandeiras inter-aliadas e no «avant-scène», em um cavalete envolto na bandeira nacional, o retrato do homenageado.

A assistencia era numerosa, abrilhantando a festa um sexteto de alunos cegos do Asilo Antonio Feliciano de Castilho que iniciou a homenagem com uma selecção da zarzuela "Ano de guerra", pelas 14,15.

A's 15 horas abriu a sessão o sr. José dos Santos, vereador municipal, que convidou para presidente da mesa o coronel sr. Francisco Maria Baptista, exaltando a memoria do extincto o sr. João Luiz Ricardo, ex-ministro da agricultura, e Lucio de Azevedo, tambem ex-ministro, em vibrantes discursos, que fizeram levantar a plateia em vivas á Republica, ao som da «Portugueza».

Pelas 15,40, a menina Ilda Valente de Almeida, descerrou o retrato, entre estrepitosas palmas e aos acordes do hino nacional. Em seguida leu uma poesia do sr. Artur dos Santos alusiva ao acto.

Seguiram no uso da palavra o sr. João Domingos, vereador, que representou a Camara Municipal e o sr. João Camoezas e o coronel Aguas, comandante da guarda fiscal, encerrando-se depois a sessão no meio de entusiasticos vivas á Patria e á Republica.

Morto por se não bater contra as tropas republicanas

A homenagem de hoje

Revestiu grande imponencia a sentida homenagem hoje levada a efeito no cemiterio do Alto de S. João, á memoria do desditoso soldado Francisco Garneiro Alves, morto no Monsanto quando da revolta de Janeiro de 1919, por não ter querido fazer fogo contra as tropas fieis á Republica.

Muito antes da hora marcada para a piedosa romagem, já muita gente se encontrava naquele cemiterio, e ali chegando varias forças militares.

A' entrada do cemiterio, estava uma força da Guarda Republicana com a respetiva banda e uma outra de marinheiros.

Dentro do cemiterio, em frente do jazigo onde repousam os restos mortais do infeliz soldado, estavam formados soldados de cavalaria e engenharia da Guarda, sob o comando do alferes sr. Rego Chagas, deputações de infantaria 1, cavalaria 2, companhia de saude e uma grande força de bombeiros municipaes, sob o comando do chefe de secção Almeida.

Na assistencia viam-se os srs. general Pedroso de Lima, comandante geral da Guarda, general Abel Hipolito, Francisco Carlos Parente, comandante dos bombeiros, e o seu ajudante, Batista Ribeiro, major Azevedo, das metralhadoras pesadas, Agostinho Estrela, presidente da Camara Municipal, major Marreiros, director da policia de segurança do Estado, Liberato Pinto, chefe do estado maior da Guarda, major Azeredo, comissario geral da policia e o seu ajudante alferes Boavida, capitão Teixeira, da policia civica, alferes Oleno Teixeira e Leote do Rego, muitos oficiaes da guarda republicana, do exercito, da marinha, etc.

Viam-se tambem largamente representados os grupos civis de defeza da Republica, dos 13, d'Alcantara, Fraternidade da Republica, Companheiros do Bem, Luz e Patria, do Porto, de Arroios e Alto do Pina, centros Antonio Maria Batista, Antonio Luiz Inacio, etc.

Logo que compareceu o sr. general Pedroso de Lima, deu-se inicio á cerimonia, que começou pelo descerramento da lapide, que, colocada no jazigo, estava coberta com a bandeira nacional.

Falaram, enaltecendo a bravura do heroico soldado que jaz dentro d'aquele tumulo. os srs. general Pedroso de Lima, capitão Camilo d'Oliveira, Conceição Leite, tenente Castelo Branco, por ultimo o capitão sr. Cruz Nunes comandante da companhia a que ele pertencia e que em breves palavras agradeceu a todos os que ali foram prestar uma sentida homenagem á bravura do que preferiu morrer a bater-se contra a Republica.

Foram depostos muitos ramos de flores sobre o jazigo.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso-Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1676.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão do pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas: ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e horas suplementares, em harmonia com os respetivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e programa do exame.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3704 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 22 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O governo e o parlamento

Não sabemos, no momento em que escrevemos, o que se passará hoje no parlamento, onde o novo ministerio vae fazer a sua apresentação. Esperamos, comtudo, que, seja qual fôr o resultado do debate politico estabelecido, se não assinalará por nenhum facto que vá de encontro ás normas constitucionaes e áquelas praxes que, num regimen parlamentar, com elas se identificaram a ponto tal que não é facil altera-las sem ferir essas normas indispensaveis.

O governo não tem maioria na camara. E' possivel que o parlamento, apesar da atitude da oposição em que as maiores forças que o compõem se colocaram, resolva sustenta-lo, caso o seu programa lhe inspire alguma confiança. Mas é tambem possivel que o parlamento signifique de maneira iniludivel ao governo que não vê a necessidade da sua estada no poder, e então ao governo não cabe senão um dever: o de imediatamente apresentar a sua demissão ao chefe do Estado.

Tudo o que não seja isto só pode dar ensejo a graves complicações da vida nacional, porque não se vê, fóra destes termos, nenhuma saida que não seja perigosa e anormal.

Evidentemente, ainda resta a hipotese da dissolução parlamentar. Mas isso não impede, em primeiro logar, que um governo peça a sua demissão, em vista da atitude das camaras, e a dissolução, dada a um governo, só porque não poude governar com as camaras, é eventualidade que nunca ninguem poderá ter previsto. A dissolução só pode ser concedida para satisfazer autenticas aspirações nacionaes.

Só a uma expressão da vontade do paiz reflectida em programas e forças politicas é que a dissolução poderá aproveitar. Talvez constituisse essa expressão um bloco das direitas, mas o sr. Alvaro de Castro não quiz formar esse bloco. Pelo contrario, foi á extrema esquerda procurar os seus colaboradores mais em destaque. Semelhante resolução derivaria do receio do sr. Domingos Pereira de ser apontado como um conservador? Desejaria o sr. Domingos Pereira cobrir a sua atitude com a dos populares, considerados vermelhissimos jacobinos? Não o sabemos, mas o certo é que dessa junção com os populares é que estão resultando sobretudo as dificuldades do governo, cuja composição a todos surpreendeu, e cujas intenções ninguem descortina, devido principalmente a essa extraordinaria ligação.

A verdade é que a formação do actual gabinete, n'estas condições irregularissimas, veiu transtornar inteiramente o xadrez da nossa politica. Iam-se definindo campos: tornaram a confundir-se. E, todavia, o partido liberal,—é o sr. Granjo que ainda hoje o diz no «Republica»—dava ao sr. Alvaro de Castro as facilidades necessarias para o bloco das direitas, que tinha maioria assegurada—e o que ainda é mais importante, homogenidade, coesão logica. Não se aceitou o seu oferecimento, e foi-se buscar o apoio dos popularos, que teem meia duzia de deputados no parlamento, e cá fóra uma reputação extremista que não é do molde a garantir-lhe um ambiente de popularidade e confiança.

Vejamos o que hoje se passa. Repetimos: não podemos ter outro desejo que não seja o de que tudo corra regularmente. Nada de pressões, nem da parte dos agitadores das ruas, nem da parte de quaesquer elementos cuja missão seja precisamente garantir a ordem e o respeito á lei, o que seria ainda muito mais desastroso. A Republica já não pode sujeitar-se a novas aventuras, nem o paiz pode estar condenado a novas violencias.

Contrabando de perolas e pedras preciosas

BUENOS AIRES, 21. — A bordo do paquete «Marseilhe» foi preso um passageiro que pretendia passar entre as roupas perolas e pedras preciosas no valor de alguns milhões.—(*Americana*).

Embaixada hespanhola

SANTIAGO, 21. — Chegou a Africa a embaixada hespanhola.—(*Americana*)

Consul geral no Brazil

RIO DE JANEIRO, 21.—Partiu para Portugal o consul geral sr. Santos Tavares.—(*Americana*).

Cotação, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 21.—Cotação do café, 11$200; cambio sobre Londres 11 e 11|16; valor do escudo portuguès, 840 reis.—(*Americana*).

O gabinete mexicano

MEXICO, 21.—Huerta foi encarregado de presidir ao governo, ficando com a pasta do interior Alberto Pim e o general Alberto Salia com a da fazenda.

Huerta está de cama com um ataque de apendicite.—(*Americana*).

SEGREDOS A TODA A GENTE

Politica

O ministerio Alvaro de Castro apresentou-se hoje á Camara. E' possivel que a sua vida seja longa. Entretanto tudo nos faz prever, pela formula contraditoria porque se procurou solucionar a crise, que dentro de poucos dias, de poucas horas talvez,—teremos de novo o Terreiro do Paço—com escritos. A instabilidade ministerial que Edmond Gondinet considerava tão perigosa nas democracias, é cada vez mais o fait-divers da nossa vida politica e cada vez se harmoniza menos com a hora gravissima que o paiz atravessa. O problema economico, o problema financeiro, o problema colonial, e acima de tudo o problema da ordem, complicam-se momento a momento. Não se sabe hoje o que será o dia de amanhã. Sabe-se apenas que amanhã já será tarde para remediar os erros de hoje...

Violetas

Tenho-as aqui ao pé de mim, pequeninas e tristes, numa jarra de Delft. São as flores do outono—e são as minhas flores. Ligeiros farrapitos de veludo onde cabe uma alma que chora e se não vê—elas tem junto ao colo palpitante das mulheres a expressão perturbadora das ilusões perdidas.

E' por isso que as raparigas novas quasi não gostam de violetas... Gostam mais de rosas. E' que a rosa é a Colombina que ri em sabado de carnaval—e a violeta é a Pierrette que chora em quarta-feira de cinzas.

Um chapéu

Vi hontem no Mimoso um chapeu de senhora que apenas tinha de extraordinario—custar um conto de reis. De resto vulgar como todos os chapeus—uma armação de arame, meio metro de veludo, uma pena de passaro, branca, leve como uma espuma... Mais nada? Mais nada. Pois Madame Chic comprou-o hontem de tarde. Mas aqui entre nós que ninguem nos ouve, diga-me minha senhora, para que quer você um chapeu por um conto de reis—se quem dá um conto de reis por um chapeu... não tem cabeça?

Luis d'Oliveira Guimarães.

AUTENTICAS

O Monte "impio" Geral

Duas cartas publicou «A Capital» sobre o «modus vivendi» desta casa cuja transformação em nada aproveita ao fim para que ela foi criada. Poder-se-ha dizer que prospéra na sua feição bancaria e de prestamista; mas logo ocorre perguntar que vantagens tiram as familias dos seus fundadores, as pensionistas reduzidos á ultima miseria, de tanta prosperidade?

Se o seu enriquecimento não redundar em beneficio das viuvas e dos orfãos, que é sua missão primordial, como justificar a acumulação das suas riquezas? A subvenção impõe-se; o proprio Estado que não navega em maré de rosas, aí as está distribuindo largamente aos seus empregados. Todas as instituições, todas as empresas subvencionam a sua gente; o Monte Pio Geral dorme, cabeceia, sonhando, de estomago refasto, com grandes aquisisições e obras colossaes.

Quando acordará?

Desalentada pergunta é esta. Vem de longe; tem mais de um ano. A carta que segue o prova:

Sr. D. Thomaz de Noronha.—Exulto porque ainda ha corações onde se acolhe o sentimento do bem e o amor á recta justiça.

A ancia mercantil que tudo agita presentemente, alheia de ha muito as instituições de providencia do humano, carinhoso e justo fim que grupou os seus fraternos organisadores e hoje são mais estabelecimentos bancarios do que orgãos dedicados de auxilio e amparo.

Por isso o artigo de V. em «A Capital» na segunda feira depressa correu mundo e ecoou com a ressonancia propria dos casos graves que bolem com as amarguras dos que sabem quanto custa a vida.

Milhares de mãos se erguem hoje agradecendo e louvando o piedoso quanto justo criterio xependido por V. e para ele apelam para que se faça ouvir a sua autorisada voz nas proximas reuniões do Monte-Pio aconselhando moderação na vaidade impropria de tornarem imponente a instalação de uma casa que não pode nem deve viver de vaidades.

As ampliações agora ambicionadas não são necessarias, urgentes ainda menos e a ocasião é economicamente condenada.

Bem basta a acumulação de empregados e os sucessivos aumentos de ordenados.

Criteriosa e equitativa seria a administração da dita Casa se conjugasse os aumentos a esses cooperadores da sua prosperidade com um aumento tambem as pensionistas, as quaes são desprovidas dos recursos que esses empregados teem para se dedicarem a trabalhos remuneradores, fóra das horas do seu serviço.

As passadas administrações do Monte-pio Geral, pela sua conduta cheia de prudencia e ordem conquistaram o respeito de toda a gente e a actual não deve sair desta linha fazendo uma compra intempestiva e dispensavel, sacrificando uma forte verba em prejuizo dos descendentes daqueles que principalmente contribuiram para a prosperidade presente do dito Monte-pio.

Milhares de olhos marejados de lagrimas reconhecimento e ancelo estão pousados em V. e fazem votos pelo bom resultado da sua nobre missão.—*Uma reconhecida pensionista.*—Lisboa 20 de Agosto de 1919.»

A pessoa que assim escrevia em agosto de 1919, ainda se acha reduzida á mesma situação precaria. Publiquei ha dias uma carta aflitiva que nesse ano me fôra tambem enviada. Tão pouco perdera a sua razão de ser que não faltou quem lhe desse toda a actualidade, enternecendo-se com o que nela se contava. O ter voltado ao assunto trouxe-me correspondencia copiosa das vitimas.

Não quiz, todavia, publicar as queixas historiadas de tanta angustia que me estão chegando ás mãos, sem frisar a justiça que assistia ao que então escrevi sobre o Monte-pio Geral. Para isso ahi fica mais uma das cartas de então, antes de começarem a aparecer as lagrimas e os gemidos das viuvas e dos orfãos, para os quaes os corpos dirigentes do Monte pio teem o amor e o coração blindados.

A desgraça, a miseria é muita, e nem doutra forma se pode explicar o teor das cartas agora recebidas. Pobres senhoras! Infelizes creanças!

Pertenço a esta maldita raça sentimental e, por mais que estude a glacial compostura dos indiferentes, não ha meio de a arranjar. Creancinhas chorando por pão, tossindo por falta de agasalho são para mim argumento supremo. Assim o fôssem tambem para os dirigentes daquela casa impia.

D. Thomaz de Noronha.

Declaração ministerial

E' do teor seguinte a declaração hoje lida no parlamento pelo presidente do ministerio, sr. Alvaro de Castro:

«O governo que vem apresentar-se ao Congresso da Republica, nesta hora grave, tem a nitida consciencia das responsabilidades que assume. O governo pretende, numa palavra, trabalhar, com o auxilio do Parlamento, com a sua fiscalização constante, porque, sem esse auxilio, sem essa fiscalização, ele reconhece que os seus esforços seriam ineficazes, que os seus propositos não entrariam no dominio positivo das realizações.

A situação financeira e economica do paiz é dificil sem ser desesperada. O desequilibrio originado entre as receitas e as despezas do Estado pelo quasi estacionamento das primeiras, durante todo o periodo da guerra, e pela enorme progressão das segundas, aparece como um fenómeno paralelo do agravamento das condições econòmicas da Nação. O governo fará, brevemente, ao Parlamento uma exposição clara e franca da nossa situação economica e financeira, mostrendo ao paiz qual o quantitativo dos encargos annuaes do Estado e do *deficit* económico.

Para remover os perigos desta situação, o governo administrará com severa economia os dinheiros publicos, e exigirá ao paiz que se entre num regimo de economias, sobretudo no tocante á utilização de produtos manufacturados no estrangeiro. Ganhará assim o Estado portuguez autoridade para, simultaneamente com essa acção, exigir aos contribuintes os sacrificios indispensaveis para que o crédito publico e particular se restabeleçam.

Vae o governo, dentro de poucos dias, apresentar ao Parlamento uma proposta de lei de remodelação do sistema dos actuaes impostos directos, tendente a substitui-los por um imposto sobre as diversas categorias de rendimentos—proposta em que largamente se atenderá aos principios da «progressividade» e da «discriminação».

Das propostas de lei que foram presentes ao parlamento pelos ministros das finanças anteriores adoptará o governo as que dizem respeito a operações de bolsa, imposto de selo e contribuição de registo, tencionando, sobretudo, a respeito da ultima, apresentar emendas durante a discussão.

O governo adotará modificações no regimen da contribuição sumtuaria, tendendes ao alargamento da materia tributavel e ao acrescimo de certas taxas. Perante a necessidade de crear receitas, ver-se ha o governo, de um modo geral, obrigado a propor o alargamento da esfera de acção dos impostos indirectos, não perdendo de vista o principio da supremacia dos impostos directos.

Igualmente o governo proporá a reforma das pautas alfandegarias num sentido proteccionista, com base em inqueritos parciaes, que desde já terão o seu inicio.

Com estas e outras medidas complementares julga o Governo poder aproximar do equilibrio as receitas e as despezas ordinarias. E, modificado o actual regimen bancario, o Governo reconhece a necessidade de recorrer a um aumento da circulação fiduciaria, embora com as devidas cautelas.

O Governo pensa em iniciar uma larga remodelação das condições da nossa economia pela elaboração, com o concurso das classes produtoras, de um largo plano de fomento, e pela criação dos organismos autonomos necessarios para a sua execução. Com o mesmo fim, o Governo apresentará a Camara uma proposta de contribuição extraordinaria, com execução durante um periodo limitado de tempo.

O Governo dedicará uma cuidadosa atenção á reforma do Ministerio do Comercio e dos serviços dele dependentes, decretada pelo Governo transato, tendo em consideração todas as justas reclamações que ela suscitou. Preocupar-se-ha especialmente com as questões de transportes e da energia para as industrias. Sobre os transportes maritimos deseja que o Parlamento resolva difinitivamente o assunto, sem prejuizo de quaesquer providencias tendentes a melhorar desde já aqueles serviços.

Afigura-se ao governo da maior urgencia a criação de receitas proprias para as obras de reparação e conservação de estradas, bem como para a construção dos lanços mais urgentes da rêde. E' tambem indispensavel ultimar o estudo do problema ferroviario, realizando-se desde já as providencias necessarias para melhorar a exploração das linhas férreas em termos de desempenharem inteiramente a sua função na economia nacional.

Manterá o governo a liberdade do comercio, estabelecendo um regime especial apenas para alguns generos indispensáveis em que o Estado possa desempenhar o papel de regulador de preços.

Procurará, pelo auxilio á agricultura nacional, atenuar a drenagem de ouro para o estrangeiro, aumentando a produção pela justa remuneração do esforço dos agricultores. Além da acção que exercerá junto da agricultura continental e do aproveitamento dos vastos recursos que as nossas colónias nos possam proporcionar, empregará o governo todos os possiveis esforços para evitar que a especulação agrave a alta resultante das nossas desfavoraveis condições cambiaes.

Em materia colonial o governo dedicará especial cuidado á aplicação do novo regimen de descentralisação administrativa votada pelo Congresso da Republica. E' partidario da realisação de um largo emprestimo colonial com destino: á proteção e intensificação da cultura cerealifera e mais generos coloniaes uteis á economia da metropole no que diz respeito ao seu abastecimento e á reexportação; á construção rapida de vias de comunicação e transportes; á preparação e aparelhamento de portos maritimos e fluviaes. Procurará rever o regimen aduaneiro para o efeito de desenvolver ao maximo a exportação de produtos indigenas, nacionalisando o seu comercio. Aguardará a aprovação pelo Senado da proposta do Instituto Colonial para o habilitar com os meios de intensificar a colonisação dos territorios ultramarinos mais susceliveis da adaptação do emigrante europeu.

Dedicará o Governo particular cuidado á causa da instrução e da educação nacional: promovendo a elaboração do estatuto geral do ensino, a organisação do Ministerio da Instrução Publica, a revisão das bases administrativas e pedagógicas do ensino popular, a mais intima conexão do ensino primario superior com o ensino tecnico e professional, a solução da questão universitaria, e a mais directa e eficaz protecção dos monumentos nacionais e do patrimonio artistico.

O governo, reconhecendo a exiguidade das actuaes verbas orçamentaes do ministerio da marinha, procurará na medida do possivel, modificar esta situação: activará a vinda dos cruzadores já adquiridos na Inglaterra; estudará difinitivamente a situação dos nossos arsenaes; dedicará toda a sua atenção ao problema da pesca; e, de acordo com o estado maior naval, entrará na definição de um programa minimo de imediatas realizações, dentro dos novos orçamentos.

Além das medidas que vão indicadas nas suas linhas geraes, o governo pensa ainda apresentar ao Parlamento uma proposta alterando a lei do inquilinato de harmonia com os ensinamentos resultantes da aplicação da lei no sentido de, garantidos os direitos dos inquilinos, não descurar os direitos e interesses dos proprietarios.

Solicitará o governo a rapida aprovação da proposta sobre os oficiaes milicianos. O Governo, enunciando assim a sua orientação geral e apontando concretamente as soluções positivas para os problemas mais urgentes, espera que o Parlamento reconheça os altos sentimentos republicanos e patrioticos que o animam».

Os libertarios em acção

Continua incomunicavel na esquadra dos Terramotos o sindicalista Joaquim Antonio Pereira, um dos autores do atentado contra o agente Antonio Maria, da policia de informação, não tendo ainda sido interrogado em consequencia de varios agentes da policia da segurança do Estado andarem procedendo a varias diligencias com o fim de descobrirem o paradeiro dos seus cumplices, diligencias que ainda não deram resultado, apesar dos esforços empregados.

Deve ser interrogado esta noite.

Tambem se encontram em varias esquadras os individuos que foram presos á prota do posto policial do teatro Nacional, por estarem fazendo a apologia do atentado.

Atentados dinamitistas

A policia de segurança do Estado continuou hoje procedendo a investigações sobre o lançamento de bombas ás portas dos industriaes alfaiates.

VIDA PARTIDARIA

Centro Republicano 10 de Janeiro

Pedem-nos a publicação do seguinte:

E' destituida de fundamento a noticia d'este centro se ter desligado do Partido Republicano Portuguez, porquanto só a Assembléa Geral tem poderes para resolver o caminho a seguir e está só agora foi pedida em virtude de alguns membros da direcção terem tornada publica uma resolução que não existe

NA' GRECIA

A queda de Venizelos

A sua repercussão na Asia Menor

A derrota eleitoral de Venizelos só surpreendeu as pessoas que não tinham verdadeiro conhecimento do que se passava na Grecia. Dois oficiaes gregos se encontram presos em Paris por terem tentado assassinar esse estadista celebre, na gare de Lyon. Esse facto já foi um dos sintomas da impopularidade de Venizelos.

Atendido e bem recebido por todos os aliados do Ocidente, Venizelos veiu confirmar o proverbio de ninguem ser profeta no seu paiz.

Comtudo engradeceu-a ele numa proporção inesperada. Nunca a «grande idéa» do helenismo esteve tão perto da sua realisação. A pequena Grecia, libertada ha apenas um seculo, tornou-se a grande Grecia. Mas os eleitores gregos demonstraram sentir sómente a sensibilidade numa cousa: os encargos militares que dessa grandeza adveem. Desde 1912, desde a primeira guerra balkanica, a Grecia, por assim dizer, nunca deixou de estar mobilisada. Maravilhoso terreno para a oposição! Oposição essa que só tem um nome: constantiniana porque Constantino é a neutralidade e a esperança da completa desmobilisação. A inversão dos papeis é completa: o rei militar, «o matador de bulgaros», o feld-marechal prussiano fez-se o idolo dos civis, o simbolo da paz! Constantino fez vibrar a corda do sentimentalismo.

Voltará ele a governar?

Eis a pergunta. Trará isso dificuldades. Como em 1916 e 1917, recomeçarão os politicos e dinasticos da Grecia, com o seu cortejo de dificuldades internacionaes. E são todos os negocios do Oriente, tão singularmente agravados, que veem á superficie.

A morte do joven rei Alexandre deu-se justamente no momento em que se ia proceder ás eleições geraes, creando mais uma complicação e apresentando mais uma fraqueza a tantas que atingiam o governo de Venizelos. Era impossivel não se observar o extremo cuidado que Venizelos tinha em não romper com a casa dos Glucksburgo. A ocasião era-lhe favoravel para proclamar pura e simplesmente a republica, dada a recusa do principe Paulo. Venizelos nunca a quiz aproveitar. Poupava visivelmente o sentimento dinastico dos gregos. Contava com ele. Era esse sentimento bem forte e as eleições mostraram que Venizelos não se enganava.

As cousas devem encarar-se como elas são. Em favor de Venizelos, os aliados engrandeceram a Grecia. Impuzeram á Turquia um tratado que a retalha e desmembra. Essa paz, a paz de Sevres, não a aceitam os turcos. Os nacionalistas da Turquia, com Mustapha Kemal á frente, insurgem-se, sustentam a campanha na Asia Menor, estendem a mão aos bolchevistas que se encontram em Sebastopol e que do mar Negro fizeram, segundo a frase de Trotsky, o mar Vermelho.

Na esperança de contentarem a Grecia venizelista, tornou-se o nacionalismo turco irreconciliavel, e, para aplicar a paz de Sevres seriam precisos 300.000 homens como disse o general Foch.

Contava-se com o concurso militar da Grecia para conjurar o perigo da aliança turco-russa, pelo menos para o conservar afastado do Mediterraneo oriental. Fôra isso que o exercito helenico fizera marchando de Smyrna sobre Brousse. Já não existe a Grecia venizelista. Quem nos garante que uma Grecia constantiniana, um governo eleito sob o programa da desmobilisação, vae continuar com as operações de policia na Asia Menor? De todos os modos, a queda de Venizelos, tão poucos dias depois da derrota de Wrangel, constitue um incitamento para os dois aliados asiaticos, que ao mesmo tempo se arremessaram sobre a Armenia e a Georgia.

Que ninguem perca de vista as nuvens negras do Oriente. Fraqueza em Atenas, imprudencia em Constantinopla, tudo isso pode representar amanhã a Asia Menor em fogo.

A Junção do Bem

Estão publicados o relatorio e contas desta benemerita instituição, que tantos e tão revelantes serviços vem prestando á pobreza da freguezia de S. Nicolau.

Abrange o relatorio o ano economico de 1919-1920 e por ele se vê que em agosto de 1921 estará funcionando o sanatorio que a Junção do Bem mandou construir em Oeiras e que será o melhor padrão a atestar a boa vontade, o zelo e os esforços incançaveis dos que de alma e coração se teem dedicado á benemerita obra.

Durante o ano foi distribuida em subsidios mensaes a quantia de 4.122$90, em subsidios de lactação 445$80, em assistencia á maternidade 491$28, em jantares quinzenaes 2.189$23,5.

Bastam estes numeros para bem demonstrarem o valor da obra proseguida pela Junção do Bem.

Livre pensamento

Todos os membros da comissão executiva do ultimo congresso devem reunir extraordinariamente no local do costume, pelas 21 horas de amanhã, a fim de tratar da continuação dos trabalhos iniciados.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XVIII—*Londres, formigueiro humano*

As más, as pessimas impressões das primeiras 24 horas de Londres foram motivadas pela falta de conhecimentos dos habitos daquela gente. Povo já á parte, dum temperamento diverso, de compleição diferente, não vive á espera do estranho, nem da industria de mostrar-se, como sucede com Paris. Londres vive para si, trabalha, goza, diverte-se e... o estranho que penetra na sua ilha que trate da vida. Por isso eu, quer no sabado quer no domingo seguinte, fui um naufrago num mar de desconhecimentos.

Quem havia de supor que em Aldwich, uma arteria das mais importantes, ao centro da cidade, eu havia de ver sosinho, isolado um «policeman»; mais ninguem. Seria preciso saber que toda esta gente pelos centenares de meios de locomoção que ligam Londres com os seus arredores desapareceu para o campo donde só volta segunda-feira. Quem me havia de prevenir que restaurants, teatros, tudo, mas tudo, fecha implacavelmente ao domingo? Que não se bebe nem um decilitro de bebidas alcoolicas senão á hora das refeições não havendo «bar», café, restaurant, casa alguma que transgrida sequer ocultamente as instruções que tem?

Ao entanto, as impressões interessantes do inicio da visita, dissiparam-se como por encanto quando Londres apareceu tal qual é, imensa, magestosa, riquissima, farta, regrada e metodica, gosando uma civilisação aperfeiçoada e uma riqueza que se sente por toda a parte, cheia de belezas confortaveis e suntuosidades de estupefacciar um rajah.

No segundo dia larguei o hotel, graças a um bom amigo que ha 4 mezes estava no «Waldorf» e passei para este. Um dos primeiros Londres, em Aldwich, junto ao «Strand» que é assim—o Chiado ou a rua do Ouro da terra. Todos os teatros são aqui; em volta do hotel tenho quatro e os outros apequena distancia.

O «Strand» liga a praça de «Trafalgar com a «City»;a «City» é o bairro de Londres mais comercial, mais activo, onde se encontram os escritorios, as companhias, toda a gente negociante desta babilonia imensa e que se acoita em volta do soturno e riquissimo «Banco de Inglaterra». Por isso o «Strand» é a mais animada das «Streets», sendo o caminho mais curto entre as estações, as pontes, caminho obrigado para Westminster Abey ou para o Piccadilly, The Mall, ou Regent Street. E, nestes nomes tem o leitor todo o grande centro elegante, «smart,» de Londres. Os mais caros estabelecimentos estão nestas ruas, os grandes fornecedores regios, a melhor iluminação e a maior avalanche de gente.

Em dia de semana a rua apresenta um espectaculo estonteante. A multidão que anda a pé, a interminavel bicha de carros de todas as variedades. E, comtudo é com segurança—muito maior que em Paris,—que se atravessa de lado a lado uma rua. Na primeira metade olha-se á direita, na segunda á esquerda; só assim, com metodo, cumprindo os condutores de carros prescrições fixas, se pode dar vazão a esta turba que anda na rua. Nas confluencias o policeman, alternadamente se coloca na embocadura duma rua, ou na que com essa cruza; minutos apenas, mas o suficiente para que uma manhã, junto do Royal Echange, eu contasse 8 «bus», 12 «taxis», e autos particulares, 2 camions e galeras de cavalos grossos, pescoços curtos e patas enormes, em numero superior a 10 mas que não tive tempo de contar; o «dique» policial abrira-se e aquilo tudo rolava, em frente doutra serie de carros que paravam em direcção cruzada. A circulação é uma coisa fantastica. Parece que toda a gente anda na rua, logo cêdo, enchendo os passeios, as lojas, sempre com afazeres e matando o vicio tomando chá nos inumeros «tearooms que Londres possue. E, tudo se faz silenciosamente, já porque, como em parte alguma do mundo, a rua tem cuidados especiaes, já porque, o publico tem a educação especial e metodica de saber... andar na rua.

Os cuidados especiaes consistem: no proprio pavimento, asfaltado por toda a parte até mesmo nas estradas dos arredores de Londres, durante centenas de quilometros, e que com frequencia são reparados amortecendo qualquer ruido; eu vi esses trabalhos para com a rua semelhantes aos dum cabeleireiro da moda para com as nossas cabeças; camada de areia fina, paralelopipedes de madeira, asfalto, tudo alisado, luzidio que é um prazer deslizar sobre ele; nos cuidados de limpeza, consistindo em cestos para papeis, para o estrume; lá estão os letreiros «No spite ou the walk» não cuspa, não suje, não seja incomodo ao seu semelhante. A educação do publico consiste no seu espirito metodico sempre recordado por cartazes e anuncios. Como poderiam conseguir alguma coisa, estes 9 milhões de almas, sem atropelos nem ferimentos, se um grande espirito de calma, uma orientação desciplinada não vivesse no seu proprio instinto? Londres tem 17 grandes estações terminaes e perto de 400 estações de caminho de ferro que a servem sem falar nas estações do «metro» e do «tub», isto é, a chamada Underground. — O «metro», anda por baixo do solo, e por vezes a ceu aberto; os *tubs* são os caminhos de ferro electricos que em andares varios se sabrepoem no subsolo de Londres: destes ha sete companhias diversas, cruzando-se, entroncando-se, ligando-se; emquanto a circulação na cidade é espantosa, ha a lembrar que lá por baixo, circulam mais alguns milhões de seres. Só o metropolitano transporta por dia dois milhões de pessoas. Mas, que seria desta enorme quantidade de meios de locomoção, acrescendo dos «taxis», e das 60 carreiras diversas de «bus», que se encontram para qualquer parte de 5 em 5 minutos, se a disciplina, a regra, a ordem não fosse tambem enorme.

O uso do cartaz para falar ao povo é um caracteristico daqui; assim, o «Safety First Council»—Conselho de segurança—tem por toda a parte os seus cartazes previdentes, com gravuras que são curiosas: em fundo preto e letras amarelas, sob uma figura de mulher em frente a um auto, o Concelho grita pelas esquinas: «Look around; before crossing» (olhe em volta antes de atravessar) ou o A. B. C., da Segurança: «Allways be carafull (sêde sempre cautelosos). Outras vezes são dirigidos aos chauffeurs: «automobilistas, pensae nos vossos colegas»! ou então nos «bus»: «Não leve os cotovelos de fóra porque pode aleijar se», ou sentenças que põem em fóco quem enfia a carapuça: «O gentleman» que impede a passagem numa porta é um egoista».

Uma gravura indica uma dama subindo a um «bus», outra gravura ao lado, a mesma dama caindo porque não subiu como devia, e o carro andou antes de tempo.

Para a circulação é certo que influe a quantidade de comboios a partir, de 10 em 10 minutos para qualquer parte, ou a abundancia de comboios subterraneos, passando em qualquer estação de 3 em 3 minutos; mas tambem a acquisição automatica de bilhetes, ou a compra de «carnets» semanaes, e ainda a indicação pelas paredes, quasi metido pelos olhos dentro, do viajante, dos caminhos a seguir para se chegar a qualquer parte completam a facilidade do trafego. Nada de confusões, nem tumultos; lá diz o cartaz: «sempre sucede alguma fatalidade ao homem que se apressa; a vida necessita calma».

Ascensores amplos, ou escadas moveis, ou ainda rampas sem fim levam ás profundas da cidade: letreiros luminosos, setas, e mapas indicam o caminho a seguir; não pode uma creança enganar-se; quer ir ao «Zoological Garden»? Lê nas paredes: «Para o Jardim Zoologico, descer e virar á esquerda». Quando se chega, outro letreiro indica a plataforma de ante á qual o comboio que nos leva, pára. Dentro do comboio ainda, diagramas no tėto, nas parêdes, indicam as estações por onde se vae passando, e nas paredes do tunel, em letras de luz, cinco, seis, oito vezes, a estação que desejamos nos aparece sob os olhos. Não ha engano possivel. Na rua, outros cartazes indicam o que ha a fazer; «concerto regimental em Chrystal Palace. Tome o autobus 2 ou 3, ou 72».

Nas estações de caminho de ferro, verdadeiras cidades de aço, pontes gigantes, blocks, agulhas, 30 linhas e mais para escolher, tudo se encontra facilitado pelos cartazes e por uma combinação pratica de letreiros e relogios, que já pretendemos imitar no Rocio. O certo é que á hora indicada, o comboio parte, desliza suave e rapido, para ser substituido por outro que dentro em pouco segue o mesmo destino.

E é esta a verdadeira Londres. O caso é conhecê-la. E, nos outros domingos que lá passei já não me perdi: se os «restaurants» estão fechados, ha os «restaurants» italianos, onde se come optimamente, o centro hespanhol, dois «restaurants» chinezes e até o «Grill-room» do hotel. Porque para ir á sala de jantar é necessario «smocking» e para um portuguezinho arreigado, vestir «smocking» todos os dias para jantar... é um pouco forte!

Armando Ferreira.

Pobres de "A Capital,,

A quantia de 2$50 que, como antehontem noticiámos, nos foi enviada pelo sr. Fernando Rodrigues 1.º secretario da direcção da Academia Recreio Artistico, teve a seguinte distribuição:

Maria Rosalia, travessa da Bela Vista, 20 r|c.; Emilia de Almeida, rua do Diario de Noticias, 54, 1.º; Conceição Matos, travessa da Espera, 47, 4.º; Elvira Gonçalves, travessa dos Fieis de Deus, 19; Barbosa Nunes, rua Possidonio da Silva, 122, 2.º.

Repetimos os nossos agradecimentos em nome dos contemplados.

VIDA SPORTIVA

As provas automobilistas de hontem organisadas por "Os Sports"

Não nos compete, a nós, vir hoje aqui falar da organisação das provas automobilistas que «Os Sports» levou hontem a efeito, mas não queremos deixar passar o facto sem que se registem ao menos as impressões geraes das provas, já que alguns dos nossos collegas da imprensa, embora tivessem a elas assistido e verificado a maneira regular como decorreram, nada fizeram,—talvez quem sabe?—por desconhecerem em absoluto o trabalho que no nosso meio é necessario para alguma coisa se conseguir.

Antes de entrarmos propriamente a falar das corridas de hontem devemos dizer que as inscripções não foram de facto em grande numero, mas foram suficientes para não nos desanimar. As pessoas que mais interesse mostraram durante a organisação foram aquelas que não se inscreveram.

Tiveram talvez razão aquelas pessoas para procederem assim porque a par do lado sportivo havia nas provas o interesse comercial e este atendido por todos em primeiro logar...

Mas emfim, nove camions e nove automoveis, e como a prova de camions foi a primeira vez que se realisou, pode «Os Sports» e as pessoas com quem contou na organisação e até os concorrentes estar satisfeitos porque, não sendo um exito colossal, foi alguma coisa.

*

A partida foi dada das portas de Bemfica. A's 8 horas era já enorme o numero de automobilistas e os concorrentes já estavam a postos. A Vaccum Oil Company, que teve a gentileza de oferecer a «Os Sports» toda a gazolina «Auto-Gazo» para os carros concorrentes, enviou para o local um camion-tanque e o enchimento dos depositos dos carros fez-se no meio de grande entusiasmo ao mesmo tempo que o juri dava os ultimos preparativos para a saida.

Eram 10 horas quando o primeiro carro largou, um «Spa» de 80 cavalos, seguindo-se-lhe os restantes de quinze em quinze minutos.

A estrada estava toda policiada e as cancelas da linha ferrea egualmente fiscalisadas, aquela por bombeiros voluntarios de Cascaes, Cintra, Oeiras e Dafundo e as cancelas («contrôles») pelos simpaticos rapazes da Junta Regional do Aduismo (Sul) dirigidos pelo nosso presado amigo aspirante Viana. Prestaram todos ótimos serviços, porque nenhum incidente se deu, exceptuarmos uma «derrapage» entre Carcavelos e Oeiras em que ficaram ligeiramente feridos dois dos passageiros.

Em Cascaes havia o «contrôle» com paragem obrigatoria de 5 minutos, sendo ali todos os serviços feitos na melhor ordem. Eram «contrôleurs» Mouton Osorio, Farinha Beirão e J. Luiz Ribeiro, que são dignos de elogios pela maneira como tambem contribuiram para os bons resultados das provas.

A chegada dos carros á Cruz Quebrada foi feita tambem com entusiasmo, porque grande numero de curiosos automobilistas, foram áquele local.

Enfim, tudo correu bem e não se registou protesto algum como frequentemente sucede.

O serviço de ambulancias foi feito pela Cruz Branca, Verde e Vermelha dos Voluntarios de Cintra, Cascaes e Dafundo, percorrendo todo o percurso um automovel e dois sidecars alem dos postos montados.

Tanto á partida com á chegada o Juri teve por vezes a auxilial-o pessoas estranhas á organisação, o que animará *Os Sports* a continuar a emprender novas iniciativas.

Sobre os resultados oficiaes das provas, só depois de amanha os podemos dar porque o Juri reuniu hoje e reunirá amanhã. Contudo sabe-se já que o menos tempo gasto em automovel foi de 45 minutos com uma media de 60 k. á hora.

Dos inscriptos faltaram á chamada cinco camions e um automovel, este por motivo justificado.

A. de C.

Concertos Blanch

E' no proximo domingo 28 que se realisa no São Luiz o 1.º concerto d'assinatura da *Oqurestra Sinfonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que está dispertando o maior entusiasmo. A orquestra está este ano aumentada com elementos novos de grande valor. O programa d'este concerto é assombroso e verdadeiramente artistico, figurando entre varias obras notaveis dos grandes autores classicos e modernos, algumas desconhecidas para nós e que são executadas em 1.ª audição. Os bilhetes já estão á venda.

Duas prisões

Foram presos Mario Alvaro Leite, sem residencia, acusado de se entregar á vadiagem e de não ter modo de vida conhecido, e João Martins, por se ter evadido da Tutoria Central da Infancia.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

No Ginasio reaparece depois d'amanhã um dos nossos melhores actores da actualidade, José Alves da Cunha, representando-se, em segunda recita de assinatura, a peça «A Garra», tradução de Avelino d'Almeida. Em «A Garra», que tem 4 actos, o tipo apresentado por José Alves da Cunha exige varias «nuances» que, por si só, podem marcar a reputação dum artista, visto que do 1.º para o 2.º acto da peça decorrem 2 anos; do 2.º para o 3.º, 10 anos, e do 3.º para o 4.º acto, mais 4 anos.

Reclames

Atingirá brevemente a 50.ª representação a esplendida comedia «O Grande Amor», verdadeiro exito da magnifica companhia Aura Abranches, de que faz parte a grande actriz Adelina Abranches.

—Vae dar as ultimas representações no Teatro Apolo a esplendida revista «Risos e Flores, que tem sido o grande sucesso da temporada. Aproveitem os que ainda não assistiram a esse soberbo espectaculo, em que a excelencia da peça corre parelhas com a originalidade da musica e o esplendor da ensceneção.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor»
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

AS GREVES

No Sul e Sueste

Nos varios serviços do caminho de ferro do Estado, continuam apresentando-se alguns empregados.

A exemplo do que se faz na estação do Rocio, na estação do Terreiro do Paço apresentou se hoje o sr. capitão Pereira Gonçalves, que ali fica como delegado do sr. ministro da guerra.

O vapor «Algarve» foi hoje retirado do serviço, em virtude de uma pequena rotura na caldeira, devendo a reparação demorar poucos dias.

Operarios do Municipio

Parece estar terminada a gréve, pois que, muitos operarios se teem apresentado ao serviço nos ultimos dias, tendo hoje feito o mesmo grande numero.

A Camara resolveu dar como ausentes todos os operarios que se não apresentarem até amanhã.

Instrução

Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, a 15.ª conferencia do sr. dr. Camara Reys da serie sobre «As questões moraes e sociaes na literatura», tratando em especial de Maeterlink.

A entrada é livre.

ULTIMA HORA

POLITICA

A apresentação do novo governo ao parlamento—O que se pensa da sua estabilidade—Oposição leal e franca, declaram os leaders socialista, democratico e liberal

Dia anunciador de borrasca o de hojo nos arraiaes politicos.

A' hora em que os legisladores dirigiam os seus passos para o parlamento entrava a choviscar vendo-se o céu encapelado de negras nuvens. Lá dentro a atmosfera não era melhor e tudo presagiava que o ministerio Alvaro de Castro seria recebido com grande fusilaria.

Havia uma procura doida de bilhetes para as galerias, os continuos andavam numa roda viva assediando todos os deputados e vendo-se a mesa em embaraços para atender os pedidos. As galerias regorgitavam de espectadores pois se anunciava mais um espectaculo sensacional...

Emquanto se procede á chamada, os legisladores formam grupos, discutem com calor e entusiasmo a situação politica e formulam hipoteses sobre o tempo que o governo Alvaro de Castro se conservará no poder.

Cada qual fantasia a seu bel prazer, havendo quem afirme que o novo ministerio receberá logo de entrada uma moção de desconfiança apresentada pelo deputado socialista sr. Augusto Dias da Silva, que será aprovada pelos democraticos, alguns independentes, socialistas e liberaes.

O sr. Melo Barreto, que chega a certa altura ao vasto hemiciclo da camara dos deputados, é logo rodeado pelos democraticos que lhe fazem grande festa e o abraçam, procurando todos á porfia saber os motivos porque o ex-ministro dos estrangeiros não continuou gerindo a sua pasta, conforme se dizia ou impunha:

O sr. Melo Barreto, impenetravel, responde apenas:

—Isso não é comigo,—perguntem no ao presidente do ministerio.

Como ha quem diga que o ex-ministro dos estrangeiros vae ser nomeado, pela saida do sr. Lambertini Pinto, nosso actual ministro na Alemanha, para a vaga de director geral dos negocios diplomaticos e consulares, o sr. Melo Barreto acode logo.

—Desmintam isso. Não é verdade; eu apenas reassumi o meu logar de director geral do congresso o nada mais; nem aceito qualquer cargo com que pretendam distinguir-me...

E o grupo logo se dissolve, porque entra na sala o sr. dr. Antonio Granjo, que recebe cumprimentos afectuosos dos seus amigos e até de adversarios politicos,

Pouco a pouco, a sala vae se animando. Chega o sr. Liberato Pinto, a quem os parlamentares perguntam logo se é verdadeiro o boato de ir S. Ex.ª, ocupar a pasta da guerra, ao que o chefe do estado maior da Guarda Republicana responde negativamente, d'uma forma decisiva e categorica.

O sr. Costa Junior, dissidente socialista, que passa a considerar-se socialista independente, é tambem assediado com perguntas, sobre a sua ida para ministro do trabalho.

—Isso não é verdade,—elucida o o interrogado.—E' uma intrigasinha de «A Manhã», quo não tem pes nem cabeça.

Cada qual faz profecias sobre a sorte do novo governo, continuando todos a perguntar:

—Quanto tempo durará o gabinete Alvaro de Castro?

—Deve ser uma questão de dias—elucida um marechal liberal;—logo que esteja feito o acordo entre democraticos e liberaes e logo que se tenha acordado na sucessão, o Alvaro de Castro cairá...

Ao que nos consta, e temos como certa a informação, os marechaes dos dois grandes partidos reunem hoje para tratar do assunto, tendo ficado já assente um ponto: não entrar para o governo que se seguir o sr. Inocencio Camacho, conforme era desejo dos seus amigos, que pretendiam assim dar-lhe uma satisfação pelos ataques de que foi alvo.

O sr. Inocencio Camacho foi o primeiro a declarar que não contassem com ele.

No entanto os amigos do governo não se fartavam de afirmar aos seus amigos:

—Se o governo não cair hoje, durante o debate parlamentar, não cairá tão cedo...

*
* *

Eram 16,45 quando os novos ministros chegavam á sala dos Passos Perdidos onde os amigos do governo os recebem de braços abertos. Um quarto de hora depois o ministerio entra no vasto hemiciclo da Camara, cujas galerias se veem completamente apinhadas, como poucas vezes sucede. A galeria da imprensa, dos secretarios dos ministros, bem como as tribunas dos antigos deputados e do corpo diplomatico [illegible] tambem enorme concorrencia.

Tudo está a postos. O presidente agita por varias vezes a campainha e pede silencio, sendo o pedido atendido sem relutancia.

Momentos depois o novo ministerio formando bicha e trazendo á frente o sr. dr. Alvaro de Castro entra na sala, rodeia a bancada ministerial e vae tomar os seus logares.

No meio de um religioso silencio o chefe do Governo passa então a ler pausadamente a declaração ministerial a que n'outro logar nos referimos.

Finda a leitura, o «leader» reconstituinte sr. Pereira Bastos sauda o governo, o mesmo fazendo o «leader» dos populares sr. Orlando Marçal que passa a elogiar os srs. Alvaro de Castro, Cunha Leal, Domingos Pereira e Julio Dantas, englobando depois nas suas saudações os restantes ministros. O sr. Vasco Borges em nome dos dissidentes democraticos ou seja os amigos da sr. dr. Domingos Pereira egualmente sauda o Governo.

N'uma passagem do orador e quando o sr. Vasco Borges diz que até hoje o paiz não tem senão assistido ao degladiar das paixões politicas e ao debate dos interesses particulares os democraticos clamam em côro durante minutos:

—Apoiado... apoiado... apoiado...

O presidente agita a campainha e pede para as galerias não se manifestarem, o que afinal não havia sucedido.

Rompem fogo contra o governo os socialistas, pela voz do sr. Augusto Dias da Silva, cujas palavras por vezes despertam hilariedade, mas o discurso do «leader» socialista é fraco e não representa um ataque cerrado como a principio se dizia. Farão os socialistas a mais formal oposição desde que o governo não encare de frente e revogue especialmente os primeiros dois decretos sobre a questão ferro-viaria.

Espera que o sr. Cunha Leal cumpra tudo quanto disse na oposição e que trate de «arrumar a casa» conforme em tempo declarou mas que agora no governo não «arrume a casa» como um aviso:

—«Previne-te povo trabalhador, que Liberato não te falta...»

O sr. Antonio Maria da Silva, foi breve, atencioso e delicado para o governo declarando que o P. R. P. está em franca e patriotica oposição, mas uma oposição leal digna de homens que se presam. Pelos liberaes fala depois o sr. Fernandes Costa que tambem não faz uma oposição cerrada, antes se mostra inclinado a uma oposição fiscalisadora.

A hora a que encerramos estas rapidas notas o governo está sendo «escalpelisado», é o verdadeiro termo, pelo sr. dr. João Camoesas, o unico que dirigiu um ataque cerrado a todos os membros do ministerio, não poupando os sr. Alvaro de Castro, Cunha Leal e Julio Martins.

O orador está proferindo um discurso academico que prende as atenções de todas a Camara, sendo natural que a sessão se prolongue até bastante tarde, pois que outros estão inscritos ainda.

*
* *

O sr. dr. Julio Dantas tomou hoje posse por recondação, da pasta da instrução. Discursaram saudando o ministro, o sr. coronel Pereira Bastos, em nome dos reconstituintes, e Marques de Azevedo pelos dominguistas, agradecendo-lhes o sr. dr. Julio Dantas.

Tambem por recondução o sr. dr. Lopes Cardoso tomou posse da pasta da justiça.

*
* *

O conselho de ministros reuniu-se hoje de tarde na secretaria do interior para ultima revisão da declaração ministerial destinada a ser lida no parlamento.

*
* *

O sr. dr. Antonio da Fonseca, ministro do comercio, foi nomeado ministro interino do trabalho, tendo tomado hoje posse desta pasta.

SPORT

Os resultados das provas de «Os Sports»

Os resultados das provas que hontem se disputaram, organisadas por «Os Sports» foram, os seguintes:

Automoveis

1.ª categoria—1.º Citroen 10 H 16 por Xavier d'Almeida em 56' e 30.—2.º Citroen de 10 H. P. por Jesuino Sales Valente em 57'—3.º Doli de 8 H. P. por D. Mauricio Delman em 1 h. 19', 34"—4.º La Licorne de 10 H. P. por Mario Pereira em 2 h. 4', 38".

2. categaria—1.º Oberland de 20 H. P. por Mario Leitão em 1 h, 20' 17 e 4|5.

4.ª categoria.—1.º. Studebaker de 39 H. P. por Antonio Ferreira, em 46' 15", 2.º. Studebaker por Antonio Feliciano d'Almeida em 1. h. 32' 30".

5.ª categaria—1.º Spa de 82 H. P. por Joaquim Martins em 2 h. 51' 30",

Camions

3.ª categoria.—1.º Arbenz com 2065 k., consumindo 11 litros conduzido por Vasco Jardim.

4.ª categoria. —1.º. Arbecz com 4245 k., consumindo 13 1|2 litros conduzido por José F. Pena Junior.—2.º. Fiat com 3605 k., consumindo 16 litros e 1|5 decelitros conduzido por Joaquim Miranda.—3.º. Mack com 3435 k., consumindo 24 litros e dois [illegible]

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Ha grande anciedade pela sessão de hoje, que se prevê animadissima.

Fazem-se os mais variados comentarios. As galerias estão concorridissimas e nas proximidades do edificio do Congresso ha um policiamento especial feito por cavalaria da guarda republicana.

A's 14,30, tendo assumido a presidencia o sr. Abilio Marçal, faz-se a chamada, a que responde numero quási suficiente para se entrar no «antes da ordem».

Ha na sala alguns deputados dos que raramente tomam parte nos trabalhos.

Com 31 legisladores no hemiciclo, leem-se a acta e o expediente, entrando durante esta leitura o sr. Antonio Granjo, que chefiou o ultimo governo.

Como não ha ninguem inscrito, espera-se, sem que, no entanto, alguem peça a palavra.

Aprovada a acta ás 15,55 pelo «quorum» legal, o sr. presidente anuncia o pedido de renuncia do deputado sr. Mario Salgueiro Cunha e propõe que se inste com ele para que desista do seu proposito.

Associa-se a essa proposta, que é aprovada, o sr. João Camoesas.

Foi introduzido na sala o novo deputado José Barbosa.

Apoz explicações trocadas, os srs. Virgilio Costa e Afonso de Macedo e o sr. presidente entra o ministerio.

O sr. dr. Alvaro de Castro lê a declaração ministerial, que noutro lugar damos.

São aprovados os projectos creando uma nova assemblea eleitoral no logar do Dafundo, freguezia de Carnaxide, concelho de Oeiras e tornando elegiveis para os corpos administrativos os empregados que se encontrem em serviço activo, ou na situação de aposentados.

Do que se passou seguidamente damos conta na nossa secção de «Politica».

Venda de propriedades

No proximo sabado, 27 do corrente, pelas 16 horas, no escritorio do advogado dr. Antonio de Sousa Madeira Pinto, na rua do Ouro, n.º 74, 2.º andar, serão vendidas em praça, nas condições patentes no mesmo escritorio, duas magnificas propriedades, a saber:

1.ª—Propriedade denominada «Casal de Alferragide» nos lugares de Alferragide e Nodel, freguezia da Amadora, que se compõe de parte urbana e rustica, consistindo aquela em casas de habitação, palheiros e arribanas e esta em terras de semeadura, vinhas, olivaes, matos, pomares e mata com belas sombras. E' livre e alodial, fica a 10 minutos da estação da Damaia e a 20 de Bemfica. Tem jardins guarnecidos de buxo, quatro nascentes de agua finissima, que rivalisa com as melhores do paiz.

A situação é esplendida e das mais formosas dos arredores de Lisboa, permitindo desfrutar soberbos panoramas, como a barra de Lisboa, do rio, parte da cidade, a serra d'Arrabida até ao Cabo Espichel, pelo sul, e a Serra de Cintra, terras de Loures, altos de Cabeças e outros pontos pelo Norte.

2.ª—Propriedade urbana, nesta cidade, na Travessa dos Ferreiros a Belem, n.ºs 2 e 3, composta de loja, 1.º e 2.º andares, comportando 3 inquilinos, fica a 40 minutos do electrico.

Mais esclarecimentos prestam-se no escritorio referido e tambem no do solicitador Jorge Luiz Satiro da Silva, na rua de S. Julião, 110, 2.º.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3705 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Terça-feira, 23 de Novembro de 1920 — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 — Preço, 5 centavos

A declaração ministerial

A declaração ministerial, hontem lida no parlamento pelo sr. Alvaro de Castro, teve o condão de deixar descontentes ou perplexos todos aqueles que, em vista da complexa organisação do governo, poderiam nutrir esperanças de verem n'ela satisfeitas as suas aspirações. E' o defeito insanavel das situações que se formam como se formou a que, no momento em que escrevemos, ainda está submetida á primeira sancção parlamentar. Creadas artificialmente, para simples efeitos de uma politica de cambalachos partidarios, elas não teem expressão porque não se lhes descortina nenhuma possibilidade de cohesão e finalidade. São situações mortas á nascença. Assim como nada podem dizer de nitido e concreto, nada poderão realisar de grande e de util.

Uma combinação como a dos reconstituintes e populares ainda é muito mais dificil de manter do que as chamadas concentrações geraes dos partidos. Essas, como são formadas por muitos agrupamentos, constituem como uma escala cujas notas vão gradualmente modificando o seu som e a sua força. Num governo como o actual não ha transição, e por isso, ou se tocam notas dissonantes, ou não se toca nota alguma, o que dá em resultado o quer que seja de vago, anodino e inexpressivo, que, como se diz vulgarmente, espremido não dá nada.

Esperava-se uma declaração á Alvaro de Castro? A declaração não nos fornece sequer uma palida recordação das afirmações do chefe reconstituinte. Esperava-se uma declaração á Cunha Leal? Os admiradores do fogoso deputado popular já hão de julgar que lh'o mudaram no ministerio, porque debalde se procura no documento hontem lido como programa do governo uma vibração das suas apaixonadas reivindicações? Esperava se uma transigencia inteligente que constituisse em torno dum programa minimo um ponto de contacto, nitidamente estabelecido, entre as duas correntes? O que se vê é um resumo de problemas postos perante o paiz, que ha muito conhece o seu enunciado, mas sem nenhuma largueza de vistas que patenteie, embora de maneira concisa, mas firme, a sua possivel solução.

Muito desapontados hão de estar todos: os que esperavam do sr. Alvaro de Castro a formação d'um governo em perfeita harmonia com o seu programa, e realisado por um grupo de homens animados d'um só pensamento e duma só vontade, e os que esperavam do sr. Cunha Leal uma entrada triunfante, uma entrada de conquistador, no poder, para ahi promulgar as medidas radicaes que a um certo numero de ingenuos e exaltados se afiguravam possiveis com um homem da sua audacia e do seu valor.

O que se vê, o que aparece aos olhos de toda a gente é mais uma aventura ministerial, porventura inspirada na vaidade de alguns, que querem ser ministros á força, e que não só demora as soluções logicas da politica portugueza, como pode ser origem de graves perigos para a Patria.

Gréve de nova especie

Já conheciamos varias especies de gréves. A simples que consistia no abandono puro e simples, do trabalho; a revolucionaria em que o afastamento do trabalho era sublinhado por acontecimentos como aqueles que presenciamos no Chiado, na vigencia do ministerio Batista, isto é, com bombas a estourar e tirinhos a crepitar; e, por ultimo, a gréve dos braços caidos caracterisada pela paralisação do trabalho com a presença do pessoal operario nas oficinas.

Pois agora aparece mais uma especie de gréve, proclamada num manifesto dirigido ao pessoal ferro-viario da C. P., assinado por—O comité negro.—A assinatura indica que os individuos que constituem o comité, são dados á leitura das traduções de Ponson du Terrail ou Xavier de Montépin, inclinados a denominações estranhas e misteriosas, como os seus propositos. Chamam porisso á nova especie de gréve—a greve surda e o manifesto termina com um viva á *greve trabalhando*.

Em que consiste, pois, esta nova fórma de gréve?

Consiste em trabalhar aparentemente, mas na realidade em estabelecer a confusão nos serviços, em prejuizo do publico; trocando o destino das remessas de mercadorias, deixando deteriorar o material, fazendo até talvez o possivel para concorrer para isso activamente, faltando aos horarios com pretextos especiosos, etc., etc. De muitas maneiras pode fazer sentir a sua acção este novo aspecto de gréve, todas elas em prejuizo do publico que para os grévistas é personalidade que não merece a sua consideração.

A' companhia compete responder á proclamação do tal comité negro com um procedimento que o publico tem direito a esperar para não ser prejudicado nos seus interesses que são tanto ou mais sagrados que os dos ferro viarios, porque são os do maior numero.

OS ACONTECIMENTOS DA GRECIA

O que pensa o ex-rei Constantino

As suas declarações ao jornalista Stéphane Lausanne

As noticias vindas tanto da Grecia, como da Suissa, onde, como se sabe, se encontra o ex rei Constantino, fazem prever que este se prepara para voltar a ocupar o trono.

Embora, mais ou menos seja já conhecido o que se tem passado e as intenções do ex-rei, parece-nos interessante dar na integra a entrevista que Stéphane Lauzanne, o redactor principal do *Matin*, teve com Constantino. Essa entrevista é do teor seguinte:

«—Senhor—disse eu ao ex-rei Constantino,—factos são factos. Qualquer que seja o juizo que um dia a Historia faça sobre o facto que se acaba de dar na Grecia, os acontecimentos marcam uma reviravolta em seu favor. O seu povo declara-se definitivamente a seu favor. O que tenciona fazer?

Chovia em Lucerna no momento em que eu dirigia, naquela manhã, esta pergunta ao rei destronado, e pelas janelas do seu salão, no hotel Nacional, via-se um manto de nuvens encobrir as montanhas do lago. Mas o sol brilhava naquela sala, ou pelo menos na alma desse soberano que, por meio dum lance extraordinario de fortuna, vae talvez recuperar o trono que perdeu. O seu olhar, habitualmente sombrio, revelava um jubilo que ele não procurava dissimular e a sua mão tamborilava sobre um monte de telegramas de felicitações que se encontrava em cima da sua secretaria.

—O acontecimento que acaba de se produzir, e que me enche de jubilo—disse-me ele,—não é de molde a que eu me considere novamente soberano da Grecia. Seria apenas o rei dum partido, o que acaba de sair vitorioso; entendo que devo ser o rei de toda a nação. Não tornarei, pois, a subir ao trono senão quando a nação, por meio dum novo acto que pode ter a forma dum plebiscito, confirmar que me escolhe, sem contestação possivel, para soberano. Entretanto, sinto-me orgulhoso do meu povo. A unica coisa que me surpreende é a surpreza do mundo. O mundo não compreendeu ainda que o povo grego e eu somos do mesmo sangue e da mesma carne, que somos da mesma tempera. Quando eu o dizia não me acreditavam. E' o meu povo que o diz hoje. Acreditá-lo-hão?

—Mas,—perguntei,—o que fará se as potencias aliadas se opuzerem ao regresso de vossa magestade á Grecia na qualidade de soberano desse paiz?

—Por que motivo se hão de opor?—exclamou o rei.—Por que se haviam de manifestar contrarios á vontade dum povo?

—Não serão contra a vontade dum povo — expliquei — mas não terão nunca confiança num paiz que tenha vossa magestade por soberano. Ora, poderá a Grecia viver e desenvolver-se sem a confiança dos aliados?

—Porque, —replicou vivamente o ex-rei, — me hão de os aliados recusar a sua confiança? Consentiram eles alguma vez em conversar e discutir comigo? Sabem eles se eu lhes darei as garantias que outros ainda lhes não deram? Porque erguem em volta de mim ha cinco anos uma barreira de arame farpado que me inhibe de me entender com os governos aliados e convencer os povos aliados? Por que?

—Porque, — disse eu, — existe um passado perturbador e porque ha tambem um que é inquietador na aparencia.

—Sim, — exclamou Constantino, — sou cunhado do Kaiser, mas tambem sou primo co-irmão do rei de Inglaterra. Nunca partilhei as idêas do Kaiser, nunca tive simpatias pelas teorias do Kaiser, emquanto me tenho sempre mostrado leal e fiel para com os aliados.

—Vossa magestade julgou — interrompi — que os aliados ficariam vencidos.

—Não, é falso! — clamou o ex-rei. — Acreditei sempre na paz sem vencedores, nem vencidos. Só nisso acreditei. Outros o creram em França e na Inglaterra. Não fui por nenhum dos lados da barricada. Quiz permanecer neutro, por ser esse o interesse do meu paiz, fraco demais para se arriscar aos horrores e ao choque de uma guerra. Venizelos é que embrulhou tudo. Esse homem foi nefasto. Não tinha coração; tinha apenas ambição. Procedeu de forma indigna para comigo. E quer crer que, recentemente quando meu filho Alexandre se encontrava moribundo, nos não deram, a sua mãe e a mim, quaesquer informações a tal respeito? Os nossos telegrama angustiosos ficaram sem resposta. E' uma indignidade, proclamo-o.

—Sire, — observei eu — outros soberanos e outros seres humanos suportaram muitas indignidades durante a guerra. Deixemos o passado. E, voltando a falar no presente e no futuro, permita-me que lhe repita a pergunta: o que fará vossa magestade se se vir coacto entre a vontade do seu povo e a vontade dos aliados?

Seguirei a vontade do meu povo,—respondeu o ex-rei sem hesitação.—Foi sempre essa a regra de conduta de toda a minha vida.

—Mesmo que—insisti—os aliados prefiram o diadoque ou outro seu filho?

—E' o meu povo que deve ter a preferencia, — proseguiu obstinadamente o soberano deposto.—Seguirei a vontade do meu povo.

E, acompanhando-me até á saida, terminada a entrevista, o rei deposto repetiu ainda como um «leit motif»:

—Seguirei a vontade do meu povo. E'-se fortissimo quando se segue a vontade do seu povo.

A's declarações do rei Constantino devemos acrescentar as declarações da sua «entourage» principalmente do sr. Strett, seu antigo ministro e actual conselheiro e do principe Nicolau da Grecia, seu irmão. Todos sublinham a tactica adoptada pelo antigo monarca.

O sr. Strett disse-me:

—As eleições condenaram sem remissão um homem, o sr. Venizelos, porém não conseguiram certamente mudar a orientação da politica externa da Grecia. Essa politica deve permanecer uma politica de deferencia e de direito entendimento com os aliados. E' absurdo pretender que o rei Constantino se afastaria da França e da Inglaterra. A Grecia não pode viver sem a amizade e o apoio dêsses dois paizes. Nunca soberano algum grego procurara prescindir d'eles.

O principe Nicolau declarou-me:

—Aconselhei o rei a que se dirigisse a Paris e a Londres para conferenciar com os governos francez e inglez. Por que se hão de recusar esses governos a essa conferencia? Porque não hão de examinar as garantias que o rei está pronto a dar-lhes? A sua lealdade e a sua boa vontade em poucas horas de conversação tudo aplanariam.

Durante o nosso dialogo o principe perguntou-me o que tinha sido feito de Venizelos. Disse-lhe que, segundo as ultimas noticias, o sr. Venizelos tinha embarcado num navio com destino ao Egito. Então o principe, que fala francez como um parisiense, exclamou:

—Tambem ele no Egito. Como Clemenceau! O que é que os leva a todos ao Egito, quando não conseguem ser presidentes da Republica?»

PELO TELEGRAFO

Colombia e Venezuela

WASHINGTON, 22.—As relações entre a Venezuela e a Colombia estão tensas, receando-se um serio conflito.—(*Americana*).

O infante D. Fernando na America do Sul

SANTIAGO, 22.— O cruzador chileno «Chocabuco» saiu ao encontro do couraçado «Espanha» que traz a bordo o infante D. Fernando, o qual vem assistir ás festas comemorativas do 4.º centenario do descobrimento do estreito de Magalhães.

O infante e a sua comitiva desembarcarão para visitar Tacna e Arica, dirigindo se em seguida á Bolivia, onde estão preparadas grandes festas em honra do infante.—(*Americana*).

Assucar para a Europa

HAVANA, 22. — Afim de melhorar a situação de Cuba, os negociantes de assucar preparam-se para enviar 200 mil toneladas de assucar em bruto para a Europa.—(*Americana*).

Cotações do café e cambial

RIO DE JANEIRO, 22.—Cotação do café, 11$20$; cambio sobre Londres, 10 11|16 e 10 13|16; valor do escudo portuguez, 860 reis.—*Americana*).

Cruzador "Jeanne d'Arc„

Vindo de Brest, entrou esta manhã no Tejo o couraçado francez «Jeanne d'Arc» com 600 homens de tripulação. O navio salvou ao porto e ao comando das forças navais portuguesas, saudações que foram retribuidas pela bateria do Bom Sucesso e pela unidade que arvora o distintivo do chefe dessas forças.

Melo Barreto

O caso estranho passado com o ex-ministro dos estrangeiros sr. Melo Barreto, que só soube pelos jornaes a organisação do novo ministerio, continua sendo assunto para «blague» na sala dos Passos Perdidos.

O facto do sr. Melo Barreto não ser consultado para coisa alguma magoou-o extraordinariamente. O sr. Melo Barreto pediu hontem a recusa de «leader» do partido reconstituinte no Senado, mas, ao que nos consta, o seu gesto de desagrado vae mais além: resignará tambem o seu logar de senador, aguardando sómente que chegue a Lisboa o sr. Sá Cardoso, por cujo braço entrou nos reconstituintes, para manifestar áquele categorisado marechal a sua resolução de abandonar o partido de que o sr. Alvaro de Castro é «leader».

Ordem publica

Foram presos e entregues á policia da segurança do Estado, para averiguações, Carlos Pedro Nolasco, ferro viario, rua Maria Pia, pateo do Evangelista, 15, acusado de actos de sabotegem, Celestino Afonso dos Santos, beco da Lapa, 27, Manuel Guilherme d'Almeida, rua Poeta Milton, 26, 4.º, e Abel Salés, travessa da Arrochela, 9, todos operarios alfaiates, acusados de estarem implicados nos ultimos atentados dinamitistas praticados contra as oficinas.

*

Ao anoitecer as medidas de ordem aumentaram, tendo comparecido no Largo das Cortes um esquadrão de cavalaria da guarda republicana que foi postar-se á direita da entrada principal do edificio.

A nova guerra

A guerra entre os Estados-Unidos e o Japão—dizem os jornaes—parece inevitavel. O Tio Sam vae bater-se finalmente com os japonezes—aqueles japonezes que dançam, pequeninos e vermelhos, no fundo azul do meu bule de chá. Eu não tenho, pelo menos por emquanto, razões que me permitam afirmar que a noticia não seja ainda uma «blague». Em todo o caso a «blague» de hoje terá de ser inexoravelmente—ia a escrever instintivamente—a realidade de âmanhã. A paz dourada de Versailles complica-se ao inverosimil. Um fumo acre de polvora palpita no ar como uma nuvem escurecendo o sol. E quem sabe se o acaso, «esse pseudonimo de Deus» não colocará âmanhã frente a frente para se devorarem como feras—precisamente as nações que ainda hontem se aliaram para vencer?

O frio

Fez hoje frio, muito frio. Lembrei-me não sei quantas vezes do meu casacão inglez—eu que me lembro tão pouco dos inglezes! E apezar de tudo eu adoro o frio—esse frio pequenino, indiscreto, cortante como um florete, que veste as senhoras, que abafa os homens, que cria essa elegancia «blazé» que só o inverno conhece e que é—perdoem-me as friorentas—mais deliciosa e mais encantadora do que a elegancia nua de verão. Pois não é verdade que é infinitamente mais precioso uma pele de rapoza—do que uma pele de mulher?

Os gatunos

Em Viana do Castelo os gatunos entraram, alta noite, no tribunal da comarca e tiveram a amabilidade de roubar as bécas dos magistrados—e a capa dos meirinhos. Enternecedor, não é verdade? Dir-se-ia que um sopro de justiça poizara no espirito perturbador de meia duzia de criminosos. O que diria Ferri? O que diria Lombrozo? O que diria o dr. Caeiro da Mata? Limitar-se-hiam a sorrir? Talvez não. O caso é muito mais interessante para os criminalogistas do que muita gente supõe. Mas certamente, não lhes parece? —os ladrões roubaram as bécas dos magistrados e a capa dos meirinhos... porque não encontraram mais que roubar...

Luis d'Oliveira Guimarães.

O novo centro

Quando a Republica entrou em 1911 na fase normal da sua existencia organizaram-se tres partidos, o democratico, o evolucionista e o unionista. O democratico formou á esquerda, tornando-se o interprete das ideias mais avançadas dentro do regimen, o unionista á direita, apresentando-se como o moderador de entusiasmos impulsivos e niconvenientes no campo das realidades politicas e o evolucionismo marcou o centro, arrogando-se o papel de mediador ponderado e progressivo entre aqueles dois extremos. Era pelos partidos unionista e evolucionista que deveria fazer-se a integração na Republica dos partidarios do regimen deposto que não quizessem morrer agarrados convulsivamente ás velhas e arcaicas fórmulas politicas. Mas passaram-se os mezes e os anos e essa integração não se levou a efeito. Notou-se até que a quasi totalidade dos poucos partidarios da monarquia que abraçaram o novo regimen, ingressaram pelo partido democratico. Como a logica falha e a incoerencia impera na politica!

Debaixo d'este ponto de vista, pelo menos, falharam, pois, os partidos republicanos e, por isso, se formou, a certa altura, um quarto partido que tinha por objectivo realisar aquilo que aos outros fôra vodado pelas circunstancias. Assim nasceu o partido centrista.

Não foi, porém, mais feliz que os outros e, a breve trecho, sentiram a necessidade de se fundirem n'um só os tres partidos que professavam ideias conservadoras, organisando-se então o partido liberal.

Ficou de novo a politica sem centro, reduzida a dois partidos, e por certo teria desnorteado por falta d'um centro de atracção, se lhe não tivesse valido a nunca desmentida habilidade politica do sr. Urbano Rodrigues. Saindo da sombra da sua meia actividade de politica, poderosamente coadjuvado pelo sr. Pinto de Lima, logo inventou um novo centro, fazendo surgir o bloco-popular-reconstituinte-dominguista.

E' pois graças ao sr. Urbano Rodrigues que vamos usufruir os beneficios que promete a nova situação ministerial, *homogenea e estavel, como nenhuma outra houve ainda no actual regimen*. Dos populares e reconstituintes já se conhece o bastante para se prevêr em que consistirão esses beneficios. Dos dominguistas é que não temos nenhuma indicação que nos possa guiar em quaisquer presunções que queiramos formular. Esperamos, porém, que o sr. Urbano Rodrigues não nos deixará por muito tempo nesta dolorosa incerteza e que, em breve, o tricentesimo suplemento ao «Diario do Governo» de 10 de Maio nos elucidará acerca das virtudes e mais partes que concorrem nos dominguistas. Dominguistas!... Ora o diabo!... Suplementistas!

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XIX — Londres da vida airada

O «hotel» onde estou tem 10 andares e perto de mil quartos. Nas caves, o «Grill-room», especie de «restaurant» o barbeiro que para me ser agradavel diz em hespanhol palavras que julga serem portuguezas, e faz vaticinios sobre a queda proxima dos meus derradeiros cabelos louros—os que tem escapado á furia «coifeurica» lisbonense,—caso não use uma droga que ele preparou e vende. O telefone funciona em todos os quartos ligando para Bruxelas ou Paris; o jardim de inverno, com um sexteto tocando dia e noite, serve interminavelmente o «chá» das variadas horas elegantes; o salão branco e dourado de baile, para o desentorpecer das pernas das «misses» decotadas; a sala de leitura com jornaes de todo o mundo — exclusivé de Portugal porque somos aliados—e a um canto, uma maquina pequena, metida numa redoma de vidro trabalhando, tic, tac, tic, tac, automaticamente e que me intriga devéras. O leitor tambem não sabe de que se trata, mas eu informo-o de graça; é um telegrafo; o hospede escusa de sair do hotel para receber noticias dos principaes acontecimentos que se estão desenrolando, quer na Inglaterra quer fóra da Inglaterra. Todos os telegramas que os jornaes recebem, aqui aparecem tambem, impressos como por «uma maquina de escrever» num linguado de papel sem fim que um mecanismo faz correr; como este ha centenas de aparelhos nos principaes bancos, hoteis, jornaes, e que passo a passo acompanham um julgamento, sensacional, um mach de foot-ball, a evolução dos cambios; mais adeante dentro do hotel, como dentro de todos os hoteis o «District Messenger Offce»; é ali que se compram os bilhetes para qualquer teatro ou outro divertimento, e onde tambem se tem prontos «for any purpose» — qualquer serviço — mensageiros céleres como gamos. Destribuem os cavalheiros todas as semanas o «Official Theatre Guide» com um mapasinho anexo indicando a posição dos «Teatros» e «Music-challs» e o «underground» que mais perto funciona.

Para um viajante sofrego de impressões, esta lista de 50 teatros, de dezenas de «music-halles» e uma bicharia enorme de pequenos «cinemas» é o peor suplicio que se pode dar!

Que se ha de escolher? Tudo? Como Por isso eu aconselho ao leitor que tire á sorte preferindo, se acaso fôr possivel ao seu espirito conseguir esse momento de reflexão, um espectaculo de comedia, uma «musical comedy,» um «musical Tale,» uma «rewue», um «love romance» um «Salad»; depois um teatro de «Variety», e um «picture theatre» ou «cine», tendo assim uma impressão de cada um dos generos usados nesses paizes de grandes riquezas teatraes.

Impossivel detalhar todos; mas, na idéa geral poderemos fixar que todo o brilhantismo dos espectaculos inglezes, reside nos scenarios, nas «pretty girls» que parecem escolhidas a dêdo, e nos seus aplaudidos comicos. Tirando o teatro de comedia, absolutamente moral, com Bernard Show á testa, tirando as «operas» que nós nos escusarémos de ouvir por 1 libra tendo-as já ouvido por doze vintens no Coliseu, tudo mais vale a visita, vale o muito dinheiro que se paga. Os scenarios são quadros lindos, de efeitos magnificos de luz, ou tons claros e transparencia de pinturas; as cores leves, a iluminação profusa, os guarda-roupas limpos, tudo respirando aceio, riqueza, gosto. No Chu-Chin-Chow», que é afinal o «Ali-babá e os 40 ladrões, as grandes scenas de fundos artisticos, como um «oasis» sob um poente, as caves de Ali-Babá, intercalam-se com pequenos quadros apresentados num obturador dum pano negro, e que são ou scenas comicas ou scenas de canto; e não ha ilusionismo aqui; tudo é verdadeiro; a scena «A Mean Street», a rua duma cidade arabe, tem arabes fazendo autenticamente potes, camêlos e burros passam, pretalhões guincham e correm meio nús. Na lindissima opereta «The shop girl» no «Gaiety, uma endiabrada rapariga entra pelo palco regendo uma fantarra de «Guard's Brigada», esses soldados de farda encarnada e capacetes negros da altura de 1 metro, atroando a ampla sala, empolgando pela marcialiadade e pelo efeito, toda a plateia. «London Paris and New-York» é uma revista ligeira de comentarios servindo de pretexto para bailados originaes e requisitos luxuosos de guarda-roupa. Não ha imoralidade em scena; a moralidade, ou antes a forma elegante de vestir de nu, é só para a plateia. O que esta gente gosta de andar meia nua; palavrinha, meus amigos eu que não sou positivamente pudibundo, quasi ruboresoia ao ver as «misses respeitaveis que ornavam as salas de espectaculo; os decotes são o luxo das inglezas, decotes estupendos que mostram quantas vezes ossos cobertos duma pele em manchas rosadas. Esta gente vem para o teatro em grande uniforme, e apenas os estrangeiros envergam os «paletots» ou os «jaquetões.»

A toda a hora, nos intervalos ou durante as representações comem chocolates, bebem limonadas ou sorvetes. Jantaram? Ainda ha pouco, certamente, mas, é este um habito ou uma regra da sua vida: comer pouco e muitas vezes ao dia.

E, já que estamos na plateia, deixem-me mostrar-lhes esses comodos logares, de «fauteuils» estofados, largos, tendo em frente um cabide, ou uma prateleira e nas costas da cadeira da frente alternadamente uma caixinha com um binoculo, ou com um cartuxo de bombons, que se abre pela introdução duma moeda de 6 penois! Quantas vezes eu pensei no que seria dos explendidos binoculos que ficam á disposição do espectador, e que lá se deixam no fim do espectaculo na respectiva caixa, se o mesmo se fizesse em Portugal; a não ser que ao deitar da moeda e ao carregar do botão, saisse o binoculo e um policia de segurança... binocular.

Na maior parte dos teatros fumase; a capacidade é grande para não se sentir a atmosfera densa. Em todas as portas grandes letreiros iluminados indicam «Exit», saida; e durante o espectaculo o «safety curtain»—pano de ferro—tem de descer para mostrar o bom funcionamento. Todo o espectaculo termina pelo «Good Save the King» ouvido de pé, ainda que seja a vestir os «overcoats»!

Os inglezes amam de preferencia os comicos e a musica, coisas singelas sem grandes enredos—por varios motivos dos quaes o principal tem como base a ausencia de reflexão rapida e o esforço imenso para fazer mexer as celulas do cerebro, que é assim como quem diz aquilo que não se pode abertamente dizer e todos nós sabemos.

Pois, como não estão para se preocupar com laboriosas digestões cerebrinas, riem largamente, infantilmente com estes «calke-walks» de pretos, com as cambalhotas dos desconjuntados artistas que de chapeu alto e bengala cantam descóradas canções e assobiam refrains de «foxtrots»; riem com os comicos, dum comico ingenuo e sensaborão. No «Alhambra» uma casa de espectaculos maior que S. Carlos e onde se géla menos e que é apenas um music-hall, George Robey — um dos primeiros queridos do publico londrino — fazia gargalhar as decotadas cegonhas e os «biffes» avantajados, fingindo apanhar sôcos, e no «Hippodrome» outro music-hall de tapete fôfo no chão e «stalls» que nem os nossos balcões de 1.ª, tudo desabafa em risos delirantes quando outro comico, já entradote, Fred Kitchen, dava um banho a uma boneca de celuloide como se fosse uma creança. As actrizes comicas como Dafine Pollard, uma baixota que desengonça o corpo, os originaes como Alfred Lester, o gordo Bryante, Hacotrey, a explendida actriz comica Maisie Gay, quantos outros e outras porque cada teatro anuncia um, são os grandes queridos do publico inglez. Para os ver se estendem desde a sahida dos empregos—ás 6 horas ou menos — á porta dos teatros, a gente que enche as «Gallerys» e os logares baratos. Porque pode dizer-se, nos teatros e mais divertimentos só ha duas especies de logares; os caros de 11 «chellings» para cima, e os baratos a 3 ou 4 shellings sem ter marcação e que por isso originam estas «bichas» de algumas dezenas de metros, raparigas que para ali correm dos empregos, com um pequeno embrulho de comida, velhos que ali ficam duas horas lendo um livro, alguns sentados nos degraus... tudo aquilo para se divertirem.

A musica tem um grande culto em Londres. São numeros de agrado os pianistas, os violoncelistas e escusado é dizer, são verdadeiros artistas. No «Coliseum», — um «musi-hall» de variedades — um mezo contralto e um «cellist» são ouvidos silenciosamente por um publico que ali vae ver a Bilbainita ou uns excentricos musicaes, mas aprecia dentre de tudo mais, a parte do concerto. Pelos cinemas nos, intervalos, ha numeros de canto, e em «Albert Hall», eu vi perto de 7.000 pessoas (a lotação é de 8.000) escutando uma orquestra de 800 executantes; as dimensões deste monstro são desproporcionadas, como as do «Crystal Palace», onde se realisou um dia um concurso de bandas a que concorreram 300, tocando em varios sitios do Palacio.

Cinemas ha ás centenas, desde os grandes edificios como o do antigo teatro de opera em «Kingsway», á pequena casa de preços populares, uma sessão unica, o infalivel «Charlot», o «Good Save» no final, ahi pelas 11 horas.

Se Paris é a cidade divertimento, Londres não o é menos; porem o «prazer» de Londres é mais calmo e envolvido em conforto. Os «clubs» tem na vida da cidade uma acção importantissima, enxameiando ruas inteiras, e dividindo-se em velhissimos clubs politicos, clubs de literatos, ou de sport, clubs mundanos e clubs de damas, onde se faz uma vida do prazer intimo, agasalhado, ao bom calor de fogões acezos e de mil lustres reflectindo peitilhos gomados de gente elegante. Os «restaurants» são feericos, desde os proprios para gente rica, que vae sempre em tenue, «restaurants» que ocupam quarteirões inteiros, até aos «restaurants» simpaticos com «table d'hote», todos servidos por raparigas, excepto os dos hoteis, como o «Ritz», o «Savoy», o «Russell», e os «Waldorf», e que são restaurants ... de opereta tal a magnificencia da mise-en-scène. Recomendo ao leitor para preços populares, mas já para fazer idéa do que é este mundo... «O Lyon's Popular». O complicado disto tudo é o «menú» porque para um «fabiano» não muito conhecedor da lingua, comem-se coisas muito esquisitas quando se serve á lista... ingleza; foi lá que tive o prazer de não comer carne esverdeada de tartaruga—que eu escolhera sem dar por isso—e arrepelar os cabelos ao ver ananaz misturado com aipo. Guardanapos, só nos «grandes hoteis» se usam, e palitos é «shorking»... ninguem os vê.

Em compensação, voltemos ao assunto, os colos ao léu, as «toiletes» só da cintura para baixo, os grupos familiares de papá, mamã e meninas depois de jantar puxando todos de «cigarrettes», repetem-se por toda a parte: é original, é exotico, é sobretudo imoral.

*

E, a proposito de moral, deixe que vos diga que não é só no despido das «toiletes» que se manifesta: «estas «misses» frias, insensiveis, bruscas, rouxinalisam noite e dia pelos cantos poeticos e escuros do Hyde-Parc, rebolando-se na relva, umas com outras e umas com «uns».

Quanto a seguir mulheres não vos aconselho, portuguezinhos afonsinhos henriquinos, para vos não suceder o mesmo que áquele vosso compatriota que ao ir na rota duma beleza loura e ar candido, duas horas andou nesta imensa Londres, no «bus» n.º 10, e depois passou ao 27, e ainda agora anda... no 606 ou no 914.

Armando Ferreira.

Um roubo na Cruz Vermelha

O autor, que diz ser soldado inglez, foi absolvido, mas no consulado não o recebem

Ao guarda 591, com a incumbencia de o apresentar no consulado inglez, foi hontem entregue, pelo juiz do 5.º districto criminal, Machel Messechales, subdito d'aquela nação, de 20 anos, que respondeu pelo crime de furto da importancia de 2.600 escudos no hospital da Cruz Vermelha, dinheiro que lhe foi apreendido no acto da prisão, motivo por que foi absolvido.

O consul não o quiz, porém, receber por ele não levar os respectivos documentos, sendo removido para o governo civil, onde foi apresentado ao chefe Morgado, que fez a respectiva participação, em virtude de se tratar d'um estrangeiro.

O rapaz apresentou se mal vestido, sem agasalho algum e com fome, motivo por que o guarda 591, condoido, o levou a sua casa, dando-lhe ali de comer umas ceroulas e uma camisa.

Ao que narra, o rapaz fez parte do exercito inglez na grande guerra em Calais, onde foi ferido com os estilhaços de uma granada, sofrendo fractura de uma perna.

Como fosse amigo dos portuguezes e não desejasse ir para a sua terra natal, veiu para Portugal em companhia dos mutilados portuguezes, ficando internado no hospital de Arroios, sendo mais tarde transferido para o hospital da Cruz Vermelha.

O atentado da rua do Carmo

Continua incomunicavel na esquadra dos Terremotos o sindicalista Joaquim Antonio Ferreira, um dos autores do atentado contra o agente Antonio Maria, da policia de informação, não tendo ainda sido interrogado em consequencia de não estarem ainda presos os seus cumplices.

O Pereira participou ao chefe da esquadra sr. Alexandre Alves, que se encontra gravemente doente, pedindo para ser hospitalisado, sendo o caso comunicado aos superiores.

O tenente da guarda republicana sr. Manuel Guerra prendeu no Beato, Alvaro Pinto d'Almeida, travessa de Peixeira, 35, e Leopoldo Julio Toncedo Alves, rua Saraiva de Carvalho, 278, 1.º ambos electricistas, a quem acusa de fazerem a apologia do atentado.

Foram entregues á policia da segurança do Estado, para averiguações.

Tribunal Militar Especial

Foram hoje julgados á revelia os sargentos Albino Francisco de Araujo Maia de infantaria 29 e Adolfo Vieira, de infantaria 8, acusados de terem tomado parte no movimento monarquico do Norte.

Foram lidos os depoimentos das testemunhas de acusação e ouvidas tres de defeza e lidos tres depoimentos.

O primeiro reu foi condenado em nove mezes de prisão correcional e o segundo em quinze dias de prisão tambem correcional.

O tribunal volta a reunir quinta feira para julgar os reus Afonso Rodrigues, ex-chefe de policia e o padre Antonio Joaquim da Rocha, acusados egualmente de comparticipação no acontecimento monarquico do Norte.

Vida Sportiva

Campeonato Nacional de Florete

Está desde já aberta a inscrição para este campeonato, que o Ginasio Club Portuguez, desde 1906 vem organisando, encerrando-se a inscrição no dia 2 do janeiro e realisando-se o campeonato em 9 de janeiro.

Os premios são medalhas de vermeil o de prata para respectivamente o 1.º 2.º e 3.º classificado.

Esta prova o ano transacto só foi disputada pela sala d'armas, Antonio Vilas, e o Ginasio Club Portuguez, tendo ficado campeão o sr. Henrique Fonseca, da sala Antonio Vilas, sendo de esperar que este ano o numero de salas concorrentes seja maior, devido a não haver ainda provas de espada e poderem assim os esgrimistas fazer os seus treinos com florete.

Esperamos ver este proximo campeonato disputado pelos melhores esgrimistas das varias salas não só de Lisboa como do Porto.

Ginasio Club Portuguez

Reune a assembleia geral no dia 26, ás 21. 30 horas, com a seguinte ordem da noite:

Deliberar sobre as propostas apresentadas e admitidas em assembleia geral de 29 de Setembro p. p. para alteração dos art.os 6.º e 7.º, dos estatutos e eleição dos cargos vagos no Conselho Tecnico.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

No dia 2 de dezembro, em festa artistica de Adelina Abranches, subirá á scena no teatro Politeama a comedia de Pierre Wolff «Alegria de viver» (Le Lys).

—Em «A Garra», que amanhã sobe á scena, em «premiere», no Ginasio, tomam parte, além de Jose Alves da Cunha, Berta Viana da Mota, Maria Isabel, Isabel Bernardi, Georgina Guimarães, Laura Rocha, Otelo de Carvalho, Joaquim d'Oliveira, Cunha Moreira, Pestana d'Amorim, Armando Cruz, Julio Esteves, Thomé da Veiga Antonio Guimarães, Antonio Tavares e Carlos Deus.

O 1.º concerto Blanch

O mais sensacional acontecimento é o 1.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa no proximo domingo 28, no teatro São Luiz, e que está sendo esperado com grande anciedade e não menos entusiasmo, pois a assinatura é enorme e os bilhetes que restam estão sendo procurados com interesse, porque todos os amadores da boa musica querem ter a certeza de terem assegurado o seu logar.

Ponto de reunião elegante, o concerto do proximo domingo apresenta um assombroso e artistico programa em que figuram obras novas em 1.ª audição e as mais notaveis partituras dos grandes autores classicos e modernos.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisou-se o consorcio do sr. Carlos Eugenio Moitinho d'Almeida, antigo presidente da Associação Comercial de Lisboa e comerciante da nossa praça, com a sr.ª D. Albertina Moreira da Camara Ataide Ferreira Bettencourt, filha do falecido solicitador encartado Manoel Ferreira Moniz, sendo o registo lavrado pelo conservador do 3.º bairro em casa do noivo e testemunhado, por parte da noiva, pelo sr. Luiz Rau e sua esposa, e por parte do noivo pela sr.ª D. Elvira Freitas Rosa e sr. dr. Silva Araujo.

FALECIMENTOS

Faleceu o sr. Manuel José da Silva, empregado ha 33 anos no Jardim Zoologico, onde era muito considerado. Deixa viuva a sr.ª D. Maria José da Silva. O funeral realisa-se amanhã, pelas 13 horas, da «vila» de Sete Rios, 1, 1.º, para o cemiterio de Bemfica.

ULTIMA HORA

POLITICA

Os que acorreram hontem a S. Bento na ancia de uma sessão sensacional na qual, ao que se dizia, o governo seria «estendeira» após a sua apresentação, sofreram uma terrivel desilusão porque nem a sessão, ao contrario do que se esperava, decorreu agitada, nem as oposições procederam de forma a obrigar o presidente do novo ministerio a ir a Belem depôr nas mãos do chefe do Estado a missão que lhe fôra confiada.

As oposições foram afinal de uma correção extraordinaria, não mostrando a menor violencia nos seus discursos, antes prometendo uma oposição franca, leal, sincera e fiscalisadora.

Os que tal presenceavam ficaram talvez com a impressão de que tudo ia no melhor dos mundos e que a anunciada guerra ao governo Alvaro de Castro não passava afinal do um boato. Mas os que em politica andam enfronhados e que nela vivem sorriam-se de taes suposições, dando mostras de que se enganavam aqueles que julgavam ver no gabinete actual qualquer possibilidade de estabilidade.

—Era que—diziam os politicos—não convinha derrubar o governo logo de principio e antes que os democraticos e liberaes se entendessem sobre a sucessão do actual ministerio...

Esse entendimento, julgado impossivel para muita gente, não é coisa posta de parte e tanto que, cómo hontem anunciámos, se realisou de facto á noite uma reunião entre marechaes dos dois partidos, não se tendo no entanto chegado ainda a um acordo, embora um marechal do P. R. P. nos tenha afirmado hoje estar crente de que as combinações chegariam a bom termo.

Já o mesmo não, dizem os liberaes pois que uma grande corrente quer discutir taes entendimentos mais largamente, estando anunciada para amanhã á noite uma importante reunião conjunta dos Centros Ribeiro de Carvalho, Egas Moniz, Fernandes Costa, Filomeno da Camara, Paes Abranches e Vasconcelos e Sá e a que asistem tambem os presidentes e delegados de Comissões e grupos federados no Centro Ribeiro de Carvalho. E' o patrono deste Centro que preside a tal reunião, da qual se espera que saiam resoluções sensacionaes. As nossas informações dizem-nos que não deve ser extranha a tão importante reunião a scisão mais ou menos latente no partido Liberal, pois que sabido é que os antigos evolucionistas se não ligam bem com os unionistas. Estes estão d'acordo em que se dê apoio ao governo Alvaro de Castro, com o que os evolucionistas não concordam. Chegou mesmo a afirmar-se hoje que consentindo-se um acordo entre antigos unionistas e reconstituinte, o governo sofreria uma recomposição, entrando para as pastas dos estrangeiros e da guerra antigos correligionarios ou amigos do sr. Dr. Brito Camacho, sendo o sr. dr. Domingos Pereira transferido para a pasta do trabalho, que ainda não tem titular, devido á intransigencia do sr. Adriano Gomes Pimenta em a aceitar.

Ha no entanto alguns evolucionistas que não são contrarios a acordos com os democraticos, mas desejam saber bem em que condições esse acordo pode ser firmado...

* * *

O debate parlamentar sobre a declaração ministerial prosseguiu hoje continuando no seu discurso o sr. dr. João Camoezas, que ficára com a palavra reservada de hontem. O deputado democratico continuou no seu ataque, por vezes violento e energico aos varios membros que constituem o gabinete, sendo sempre ouvido no meio do maior silencio por todos da Camara e pelas galerias, que, como hontem sucedeu, se encontravam literalmente apinhadas.

O sr. João Camoezas deve falar até bastante tarde, devendo seguir-se-lhe o sr. Mem Verdial, que, sendo democratico e estando sempre em oposição ao partido em que se encontra filiado, vae defender o governo, mostrando assim mais uma vez o seu espirito de contradição...

Ha quem suponha que a sessão de hoje decorrerá agitada, mas todo nos indica que taes suspeitas não teem o menor fundamento, porquanto a moção de desconfiança ao governo, se fôr apresentada, não o será ainda hoje.

Isso não impediu que tivessem sido tomadas medidas especiaes de ordem. Nas imediações do Parlamento estendendo-se pela avenida Wilson e rua de S. Bento, viam-se patrulhas de cavalaria da Guarda Republicana que constantemente se cruzavam. Dentro do parlamento apenas uma medida de inteira novidade e até hoje inedita, foi tomada: mandar colocar proximo do oficial comandante da força que, como é sabido, toma logar na tribuna da imprensa, o corneta da mesma força, para em caso de qualquer tumulto nas galerias, ser dado rapidamente o signal para a guarda intervir...

Mas repetimos: é ainda cêdo para taes prevenções; a sessão deve concorrer com calma até final, não devendo ser ainda hoje ventilada a questão de confiança. Só amanhã ou depois o mais tardar essa questão será apresentada,—se o fôr—dizendo-se que o sr. Tamagnini Barbosa, independente não deixará de enviar para a mesa a respectiva moção.

Será ela aprovada pela Camara?

Tem a resposta dificil esta pergunda, pois que cada dia se vae passando mais se vae dividindo a Camara, tendo-se ainda hoje visto um democratico filiado,—o sr. Mem Verdial—defender a «outrance» os homens que constituem o governo, Os liberaes estão divididos comomo acima deixamos dito, o mesmo sucedendo aos independentes e aos proprios socialistas.

Embora os grandes partidos tenham chamado reforços, dificil é — repetimos — profetisar o que sairá do toda esta embrulhada politica, que dia a dia mais se acentua, com desprestigio para a Republica.

* * *

Na posse do sr. ministro interino do trabalho, que hoje assumiu o exercicio daquele cargo o sr. Lima Duque e em seguida o sr. dr. Antonio da Fonseca que agradeceu as referencias feitas por aquele,

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A' sessão de hoje, para continuação do debate politico, acorreram numerosos espectadores, que encheram as galerias, observando-se os mesmos rigores policiaes de hontem

Na presidencia, o sr. Abilio Marçal, que mandou fazer a chamada ás 14,35, a que respondeu um rasoavel numero de legisladores.

Após os habituaes preliminares, o sr. Eduardo de Sousa mandou para a mesa, justificando-o, um requerimento em que o alferes de infantaria 30, Augusto Casanova Pinto reclama contra o facto de lhe ter sido aplicada a lei 1040.

Como não ha mais ninguem inscrito, para antes da ordem do dia, espera-se até que, em certa altura, o sr. Silva Garcez apresenta, requerendo para ele discussão imediata, um projecto de lei agravando a penalidade para os crimes de pescar com explosivos e venenos, a fim de obstar á destruição do peixe, nas aguas interiores do paiz, fomentando assim indirectamente a riqueza publica.

Aprovado, votando-se o projecto e lendo-se depois a acta, esperando-se até que chegue o governo.

Comparecem ás 15,55 os presidente do ministerio e ministros da marinha e das finanças.

O sr. presidente diz: Tem a palavra o deputado sr. João Camoezas.

O sr. João Camoezas começa por esclarecer não ser verdade que hontem se tivesse dado qualquer incidente desagradavel entre ele e o sr. Domingos Pereira, quando do áparei do sr. Nobrega Quintal. Afirma depois que o P. R. P. tem sido injustemente arguido de má orientação que, de facto, não tem tido.

Desenvolvendo o tema que tomára para o seu discurso, critica todos os membros do ministerio, frisando a circunstancia de se ter herdado da monarquia o habito das dissidencias. Referindo-se especialmente ao sr. ministro da agricultura, faz votos porque ele seja mais feliz na direcção da sua pasta do que tem sido na administração da sua propria lavoura.

Não acha que esse titular pudesse ter sido recrutado só por ter como titulo de competencia o cargo de director duma associação industrial.

Não encontra no governo garantias de que os interesses do paiz sejam tratados com desinteresse e abnegação.

Analisa o sr. Julio Dantas pelas suas diversas facetas de talento, dizendo que não conhece literato com mais talento comercial.

Tem amigos no governo e entre eles encontra-se o sr. Julio Martins, almirante-mór da nossa marinha que ele deseja fazer resurgir na sua maxima grandeza.

O ministerio — diz — e um ministerio sem maioria, é um ministerio enigma que redigiu uma declaração em literatura politica, na mais flagrante ignorancia de que ha um problema economico, um problema social e um problema internacional. Quanto a este ultimo, mostrou até modo de ver diverso do que ha pouco expendeu, de que a pasta dos estrangeiros não deveria ter solução de continuidade. Assim se nota essa modificação de ideas com o afastamento do sr. Melo Barreto da pasta que ultimamente sobraçara.

O governo é constituido pelos chamados grupos novos, pelo que importa saber se ele pretende combater os grupos velhos.

Prefere adversarios declarados e leais, sem artificios:

Essa lucta de novos contra velhos que se vai desencadear em combates de resultados incertos tracará prejuizos graves, incomportaveis no momento que atravessamos.

Analisando detidamente e com entusiasmo as diversas modalidades das escolas politico-democraticas, afirma que o P. R. P. no duelo travado com os porta-bandeiras improvisados, se encontra robustecido em todos os seus orgãos, ao contrario do que sucede com os organismos politicos em formação e que devem ser classificados de facções em marcha. Pergunta se vem ai uma lucta devairada contra os partidos velhos. Se vem, que se levante o estandarte de guerra com galhardia.

Monstruoso criterio a dum governo que sob o ponto de vista de fomento nacional se expressa como o fez na sua declaração, documento infeliz e em concatenação.

O sr. Jorge Nunes:—A declaração ministerial é uma manta de retalhos.

O orador, continuando, diz que ela foi redigida sem conhecimento dos assuntos de que trata.

Em materia de abastecimentos, por exemplo, não melhora nada o criterio observado pelo governo Granjo, ao contrario do que seria licito esperar um super-homem que se sentou numa cadeira de ministro. Com relação ao ensino, a ignorancia é a mesm.

E' a instrucção um dos problemas fundamentaes, porque a sua falta alimenta o abastardamento da raça. Na pasta da marinha o programa é fantastico. Dela só se vê o mar pelo conceito tecnico da sua grandeza, mas sem conhecimentos de tecnica e sem a luz do estudo. Desejáva ser agradavel ao sr. Julio Martins, mas não lhe encontra envergadura para resolver a questão da pesca, como não souberam resolvel-a os seus antecessores.

O orador vibra ainda firmes golpes contra o governo, que considera formado no vacuo, terminando por dizer que os actuaes membros do governo não tardarão a formar nas fileiras dos antigos ministros e preconisando a necessidade se procurar para chefe dum governo um homem de quem se possa dizer:—Ali está Portugal.

Fala a seguir o sr. Mem Verdial.

No Senado

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos e Heitor Passos, estando presentes 28 senadores que aprovam a acta e ouvêm ler o expediente. No seu *fauteuil* vê-se o sr. Ramos Preto.

O sr. Dias de Andrade dá conhecimento á camara de dois telegramas que recebeu das Caldas da Rainha em que se pede não seja discutido o projecto sobre o hospital Rainha D. Leonor, sem que sejam ouvidas a camara municipal e as associações comercial e industrial daquela vila.

O sr. Julio Ribeiro mais uma vez protesta contra a falta de atenção das repartições publicas que não remetem os documentos que lhe são requeridos pelas diferentes entidades.

A proxima sessão ficou designada para amanhã.

Novo governador civil de Lisboa

A escolha do novo governador civil para o districto de Lisboa é assunto complicado, que está prendendo a atenção do chefe do governo.

Uns pretendem que a chefia do distrito seja confiada ao dedicado republicano sr. dr. Joaquim d'Oliveira, emquanto outros andam empenhados em que seja escolhido o sr. Estevam Pimentel, que já exerceu esse cargo no Alemtejo.

No entanto o sr. Alvaro de Castro, que ainda não convidou o sr. dr. Joaquim d'Oliveira, para o cargo, não se inclina tambem para o sr. Estevão Pimentel e muito principalmente porque este senhor esta sendo sindicado nos T. M. E.

O sr. Verdial

Ao fim da tarde correu no parlamento que ía ser irradiado do P. R. P. o deputado sr. Mem Verdial que contra a disciplina partidaria, defendeu o actual governo.

Escola de enfermagem

Abertura de aulas

Nas instalações da Escola Profissional de Enfermagem, realisou-se hoje a abertura das aulas do ano letivo.

A sala estava repleta de assistentes, vendo-se muitos medicos e representantes de varias associações de serviço de saude de Lisboa.

A oração de «sapientia» foi lida pelo dr. Falcão de Miranda, tendo tambem discursado os srs. dr. Cabral Sacadura, director da Escola, dr. Hermano de Medeiros, director dos hospitaes, e dr. Antonio d'Azevedo, redactor da «Medicina Comtemporanea».

Foi feita a distribuição de 44 diplomas a diversos alunos e 4 diplomas premiando outros tantos que mais se distinguiram.

No final da sessão percorremos todas as dependencias da mesma escola, que nos deixou uma agradavel impressão, pois que, de uma agua-furtada, só uma inexcedivel boa vontade poderia conseguir o que os nossos olhos tiveram a ventura de presenciar.

Soma e segue...

Na enfermaria de S. Sebastião, do hospital de José, deu entrada o cuteleiro Alfredo Antonio Martins, morador no Caminho do Forno do Tijolo, que no largo de S. Domingos foi atropelado por um automovel, ficando gravemente ferido na cabeça.

Poeira da Arcada

Pessoal de gabinetes

O engenheiro sr. Amorim Ferreira que secretariara o ex-ministro do comercio, sr. Velhinho Correia continua exercendo as mesmas funções junto do actual titular daquela pasta, sr. dr. Antonio da Fonseca.

Conferencia

O sr. Inocencio Camacho conferenciou hoje com o sr. ministro das finanças.

Assuntos de instrução

A direcção da Associação dos Professores das Escolas Industriaes e Comerciaes procurou hoje o sr. ministro do comercio, afim de instar pela publicação do decreto sobre a subvenção deferencial ao pessoal docente e dicente daquelas escolas.

—O sr. Adelino José da Costa foi nomeado segundo assistente do Instituto de Anatomia da faculdade de Medicina de Lisboa.

—O professor contractado sr. Luiz de Passos da Silva foi nomeado professor efectivo da cadeira de matematica elementar da escola normal primaria de Lisboa.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quinta e sexta-feira, 25 e 26, ás 12 horas, no armazem de leilões, serão vendidas mercadorias descarregadas dos vapores ex-alemães, que constam de: 5 pianos, 1 orgão, 10 banheiras de ferro esmaltado, 1:000 sacas de café de origem brazileira, 400 de cacau, 100 caixas de cerveja, tapetes orientaes, camas de ferro, objectos para escritorio, leques, blusas para senhora, 1 despolpadeira, 2 machinas para selchicharia, 4 barricas de herva dôce, gêsso, borax, tintas em pó e outras que serão presentes no acto do leilão.

Alfandega de Lisboa, 19 de Novembro, de 1920.

O escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quarta-feira, 24, ás 14 horas, no armazem C do Entreposto da Exploração do porto de Lisboa, em Santos, proceder-se-ha á venda, por conta e risco de quem pertencer, de 20 barricas de sal amoniaco e de 20 sacos de borato de soda.

Alfandega de Lisboa, 19 de Novembro, de 1920.

O escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

Venda de propriedades

No proximo sabado, 27 do corrente, pelas 16 horas, no escritorio do advogado dr. Antonio de Sousa Madeira Pinto, na rua do Ouro, n.º 74, 2.º andar, serão vendidas em praça, nas condições patentes no mesmo escritorio, duas magnificas propriedades, a saber:

1.ª—Propriedade denominada «Casal de Alferragide» nos lugares de Alferragide e Nodel, freguezia da Amadora, que se compõe de parte urbana e rustica, consistindo aquela em casas de habitação, palheiros e arribanas e esta em terras de semeadura, vinhas, olivaes, matos, pomares e mata com belas sombras. E' livre e alodial, fica a 10 minutos da estação da Damaia e a 20 de Bemfica. Tem jardins guarnecidos de buxo, quatro nascentes de agua finissima, que rivalisa com as melhores do país.

A situação é esplendida e das mais formosas dos arredores de Lisboa, permitindo desfrutar soberbos panoramas, como a barra de Lisboa, do rio, parte da cidade, a serra d'Arrabida até ao Cabo Espichel, pelo sul, e a Serra de Cintra, terras de Loures, altos de Cabeças e outros pontos pelo Norte.

2.ª—Propriedade urbana, nesta cidade, na Travessa dos Ferreiros a Belem, n.os 2 e 3, composta de loja, 1.º e 2.º andares, comportando 8 inquilinos, fica a 40 minutos do electrico.

Mais esclarecimentos prestam-se no escritorio referido e tambem no do solicitador Jorge Luiz Satiro da Silva, na rua de S. Julião 110, 2.º

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3706 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 24 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O DESFECHO

E' hoje o terceiro dia em que se arrasta o debate politico relativo á constituição do novo ministerio. Supômos que é caso virgem no parlamento portuguez, e talvez nos parlamentos lá de fóra.

Usualmente, numa só sessão os governos costumavam verificar se tinham ou não a confiança parlamentar. Quasi sempre, na vigencia da monarquia, os novos gabinetes faziam a sua apresentação na camara dos deputados e ainda lhes ficava tempo para se irem apresentar na camara dos Pares. Nos primeiros tempos da Republica, o mesmo sucedia, se não estamos em erro, em relação á camara dos deputados e ao Senado. Só ha tempos para cá, entrámos no regimen de os governos se apresentarem á camara dos deputados num dia, indo no outro dia ao Senado cumprir identico dever.

Em teor, não se compreende realmente porque é que numa sessão se não podem definir as atitudes de todos os grupos parlamentares, quer de apoio, quer de oposição. Para dizer que se está de acordo com uma combinação ministerial ou para afirmar resolução contraria, não são precisos grandes discursos. Isso mesmo se verificou agora, visto que o sr. Fernandes Costa e o sr. Antonio Maria da Silva, por exemplo, sendo os «leaders» dos maiores partidos representados na camara, se limitaram a declarações concisas e rapidas, sem que por isso deixassem de significar insofismavelmente o pensamento das agremiações politicas que representam.

No caso sujeito, parece que não pode haver duvidas sobre o desenlace deste debate que já se vae tornando fastidioso. Bastou que os «leaders» a que aludimos tivessem declarado a resolução dos seus partidos de não apoiar o governo, para de ante-mão se saber que o governo não pode governar com o parlamento, e consequentemente terá de pedir a sua demissão. Por que se espera, pois, para se chegar ao momento de se sancionar oficialmente essa atitude com uma votação decisiva? Esta demora não é util nem digna para ninguem: nem para o governo, que não tem necessidade de estar mais tempo de oratorio, nem para as oposições que parecem revelar fraqueza quando na realidade são a força, porque são a maioria.

Diz-se que se está dilatando este debate para dar tempo a negociar-se uma combinação ministerial que suceda á do sr. Alvaro de Castro. Está bem; compreende-se facilmente que ha vantagens de não deitar um governo a terra para se estar semanas a resolver laboriosamente uma crise prevista. Mas todos devem concordar que não é possivel prolongar uma situação desta ordem. A apresentação ministerial não pode prolongar-se indefinidamente. Tempo demais tem ela durado já, e o paiz tem o direito de se enervar com a forma como o parlamento encara a sua situação cada vez mais critica.

O debate parlamentar só tem uma solução possivel, que é a demonstração de que o parlamento não reconhece autoridade para governar a um governo que se lhe apresenta sem contar, nem mesmo hipoteticamente, com uma maioria que o sustente. Pois se essa solução é a unica, não se ganha nada em estar a demorar um desfecho que nada pode evitar.

Na boa paz...

O nosso colega Armando Ferreira recebeu o seguinte postal que nos fornece para publicarmos:

«Monsieur. — Née à Ostende je viens vj prier de noter qu'il n'y a point de «intrigue» lorsque le «Renomée» vous offre des huitres portugaises! Prière de voir a ce sujet le petit ouvrage «Os moluscos» par Mr. Armando da Silva, directeur de votre «Aquario» (n.º 221, Biblioteca do Povo, «A Editora», 1903, 5 cent., page 39). Mais il y a encore eu un autre cas près de notre côte: un échouement d'un navire a 20.000 huitres portugaises, d'ou proviennent celles que vous avez.»

«Une belge»

Diz ele que não obstante a ascendencia provavel das ostras ser portugueza, os seus reparos eram naturaes andando a topar a cada passo com os vinhos do Porto, feitos em Bordeus, com «Crémes portugaises» nos restaurants inglezes e com «Loções» para «Cabelo-Portugal», e que são apenas manifestações simpaticas de reconhecimento para com o nosso paiz. Principalmente . . . os vinhos do Porto.

Cumprimentos

Cumprimentaram hoje o sr. ministro das finanças o conselho de administração da Caixa Geral de Depositos e a oficialidade da guarda fiscal.

Uma comissão delegada do congresso dos oficiaes de justiça, cumprimentou hoje o sr. ministro da justiça tendo tambem tratado com o sr. dr Lopes Cardoso de interesses da classe.

DOIDOS, ELES!

Agradecimento

No tormentoso caso judirico, exposto aos leitores da «Capital» pela sra. D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, minha ilustre cliente, em sucessivas e brilhantes cartas que vem publicando há trez meses, parece-me conveniente agora a minha intervenção. Não só aquela senhora precisa descançar um pouco, revezando-se comigo na luta de imprensa, mas alem disso ha necessidade de expor alguns assuntos especiaes que só um advogado pode tratar devidamente, e que nesta campanha me indicam, portanto, o dever de assumir o logar que me compete no «front».

Tenho que responder a varias paginas desse livro «Infeliz...», escrito em horas da mais pasmosa infelicidade intelectual; mostrarei o que ha de importante nos muitos processos em que este caso se ramifica; indicarei qual tem sido o procedimento dos nossos tribunaes; quero dar a conhecer os esforços que entre nós é necessario empregar para obter liberdade e justiça, tão indispensaveis á vida, moral como o ar e a luz á vida fisica.

Hei de, assim, conforme a necessidade da ocasião, variar os meus pontos de mira. Dentro da trincheira que ocupe, ácorrerei aonde estiver o perigo, visarei o que for preciso derruir.

Antes, porem, de entrar em luta, devo, como num «salut» aos adversarios, agradecer as amabilidades com que no livro «Infeliz» me mimoseiam. De tanta gentileza elas são, que não resisto ao prazer de as apontar:

— Sou «pseudo-advogado» da sr.ª D. Maria Adelaide; (pag. 6);

— Sou seu «sequestrador», (pag. 17);

— Sou seu «mentor assiduo, amestrando-a com artificios» e levando-a a obedecer-me cegamente (pag. 114).

— Sou seu «patrono enredador» (pag. 71);

— Sou «editor-autor» (pag. 84), do «livro atribuido» (pag. 10) a referida senhora e, portanto, com participação directa naquilo que eles denominam:

—«Apócrifo volume» (pag. 103);

—«Mentiroso livro» (pag. 21, 38, 99),

—«Calunioso livro» (pag. 40);

—«Infamante livro» (pag. 17, 21, 38, 99, 115);

—«Vergonhoso livro» (pag. 112);

—«Amontoado de aleivosas acusações» (pag. 87);

—«Acervo de torpezas», baseado em «imputações caluniosas, invenções malévolas, deturpações de verdades» e até «falsificação de documentos» (pag. 9);

—Sou um «desautorizado porta-voz» (pag. 9);

—Sou um «advogado» das «pêtas» (pag. 96);

—Sou um «pica-pleitos», (pag. 71 e 72);

—Sou um «troca-letras» (pag. 85);

—Publiquei um «auto mutilado» (pag. 85);

—Altero o texto de cartas originaes da minha cliente (pag. 85);

—Faço «falsificações por adiação, mutação e supressão de palavras» (pag. 85);

—Até «falsifico» coisas que eu proprio escrevi em tempos! (pag. 84);

—Colaboro em «verdadeiras mistificações» (pag. 86);

—Sou um «mistificador profissional» (pag. 87);

—Sou «mentiroso». Mais depressa «me apanham» a mim do que a um cóxo (pag. 89);

—«Acoberto-me» com uma senhora «para infamar» e para «falsear» a verdade (pag. 10);

—«Com o pseudónimo» de sr.ª D. Maria Adelaide, publiquei o «Doida, não»! para «difamar» pessoas de honra, (pag. 9);

—Somos, eu e os meus ilustres colegas que me acompanham na defêsa da mesma senhora, os «protectores desinteressados» da cliente, dizem êles com ironia (pag. 45);

—Esta ela «á mercê» destes «sugestionadores malévolos» (pag. 118);

—«Aviltamos-lhe» a reputação (pag. 45);

—«Exploramos-lhe» a inconsciente fraqueza (pag. 46);

—Temos «ganânciosas pretenções» (pag. 93);

—Sofremos de «ganânciosos apetites» (pag. 45);

—Os nossos serviços são «na maior parte inventados para fabricar honorários» (pag. 93);

—«Administrar os bens» da cliente é o nosso principal objectivo (pag. 118);

—Em volta deles faremos um «cerco de exploradores» (pag. 45);

—«Ameaçamos-lhe» a fortuna (pag. 45);

—A sua «fortuna apetecida», a «fortuna invejada», eis o que nos move (pag. 45);

«Só pensamos» nessa fortuna (pag. 45);

—E' ela a «alvejada mira», de que não «desfitamos» os olhos cubiçosos (pag. 45);

—«De assalto e á traição» a queremos «apanhar e gosar» (pag. 45);

—Pretendemos «chamá-la a nós por um golpe rápido» de audacia e sem escrupulos (pag. 45);

—Já «escancaramos ávidamente os cofres e as bolsas» para a receber (pag. 45);

—Temos em vista «uma especie de roubo legal» (pag. 45);

—Tentamos «um roubo» de metade da fortuna que um pae ganhou honradamente para seu filho (pag. 45);

—Praticamos «a mais revoltante das explorações» (pag. 10);

—Uso linguagem de feirante (pag. 50);

—Tenho «frases de tavolagem» (pag. 81);

—Inventei o «truc inabil» duma fingida neurastenia da cliente (pag. 110);

—«Inventei diversos factos» (pag. 106);

—«Acalento e lisongeio cuidadosamente» á sr.ª D. Maria Adelaide, «por motivos faceis de perceber», a convicção duma juventude tardia (pag. 99);

—Sou um «admirador tarado» do espirito da mesma senhora (pag. 108);

—Captei o mandato de que uso (pag. 87 e 88);

—Fiz uma «abonação» de identidade «infidedigna» (pag. 38);

—Já me «preocupo e inquieto com os honorarios» (pag. 91);

—A minha cliente que se defenda «por si só como puder» (pag. 92);

—«Não póde duvidar-se da minha incapacidade mental e profisional» (pag. 118);

—«Não penso nem trato de outra cousa senão de perseguir o dr. Alfredo da Cunha, por causa da fortuna» (pag. 111);

—«A caça aos bens é incessante e incarniçada» da minha parte (pag. 111);

—Todos os meios imaginaveis, directos e indirectos, tenho julgado bons para conseguir tão «desinteressado» fim (pag. 111);

—Tenho olhos «de ave de rapina» (pag. 108);

—Sou «sedento e esfaimado» (pag. 50);

Etc., etc.

Eu não sabia que tinha tantas e tão boas qualidades a prepararem-me o caminho das grandes homenagens. Andava ingenuamente persuadido de que não passava talvez de um honesto burro, atado á nora do trabalho e, se ainda em maio de 1919, «precisamente na epoca em que aceitei a defesa da sr.ª D. Maria Adelaide», me convenci de que era mais honesto, embora menos burro do que muitos outros, a culpa foi de quem, então, num documento oficial publicado no *Diario do Governo*, me «apoucava» desta maneira:

«Manda o Governo da Republica Portugueza, pelo ministro da Marinha nomear o bacharel, dr. Bernardo Lucas, para proceder a um inquerito, com o fim de coligir todos os elementos que habilitem o referido Ministro a dar rapido cumprimento ao decreto n.º 5368, de 8 de abril do corrente ano, podendo agregar a si as pessoas que julgar necessarias para o desempenho dos seus trabalhos. Da superior inteligencia, recto caracter e comprovada dedicação, á Republica, do dr. Bernardo Lucas, espera o Governo o cabal desempenho da missão que lhe é confiada.

Paços do Governo da Republica, 6 de maio de 1919.

O Ministro da Marinha, *Victor José de Deus de Macedo Pinto*».

(O Diario em que isto vem é o n.º 106, da 2.ª serie, do dia 9 de maio de 1919, e o inquerito teve por fim apurar as responsabilidades da Marinha de Guerra e dos funcionarios do Ministerio da Marinha, na insurreição monarquica do principio desse ano).

Agora noto, porém, quanto andava enganado. Mas acabam de me abrir os olhos e não sei como agradecer ao autor ou autores do livro «Infeliz», tanto valor que me dão e elogios que me fazem...

Ao vêr como eles triunfam, já tenho esperança de poder triunfar tambem.

Quanto lhes devo!

E depois, são pessoas sem cerimonia. Põem a gente á vontade, para poder falar sem acanhamento...

Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado!

Bernardo Lucas

Ordem publica

Em consequencia de se encontrar doente, não foi ainda interrogado o sindicalista Joaquim Antonio Pereira que continua incomunicavel na esquadra dos Terramotos.

Varios agentes da policia de segurança do Estado teem continuado nas suas deligencias sobre o atentado por ele cometido, assim como as praticadas contra os industriaes alfaiates, deligencias que teem dado bons resultados, tendo já sido presos varios operarios daquela classe, como suspeitos de serem os autores do lançamento de bombas.

Como agitadores da classe, a mesma policia prendeu Manoel Afonso e Manoel Antonio Afonso.

Na rua da Palma foi preso José Valentim, soldado n.º 42 da companhia de esquadrilha da Amadora, por ali estar fazendo propaganda de uma proxima revolução, tendo empregado resistencia quando era conduzido para o posto do Teatro Nacional. Foi entregue ás autoridades militares.

Cruzador «Jeanne d'Arc»

O comandante e imediato do cruzador francês *Jeanne d'Arc*, acompanhados do adido militar á legação de França cumprimentaram hoje os srs. presidente do ministerio e ministros da marinha e dos negocios estrangeiros.

A bordo, retribuindo as visitas, estiveram o sr. major general da armada, contra-almirante Julio Galis, o director da Escola Naval, sr. contra-almirante Silveira Moreno e o director dos serviços do arsenal, o contra-almirante sr. dr. Bensaude Mesquitela, cujos serviços hoje de manhã esteve o comandante do *Jeanne d'Arc*, visitando.

Ministro da instrução

O sr. ministro da instrução visitou hoje o museu de Arte Antiga.

SEGREDO Á TODA A GENTE

«No outono da Vida»

Tenho aqui, sobre a minha meza de trabalho, o ultimo livro do senhor visconde de Carnaxide. Um problema juridico? Engano. Um livro de versos. Pois quê, o jurisconsulto eminente, o autor grave e ponderado do Tratado da Propriedade Literaria—tambem faz versos? E' como lhes digo. Um dia despiu a sua toga de seda, atirou para um canto as sandalias de Demosthenes—e ligeiro, perverso, volutuoso, juridico, entre um ramo de flores e um dicionario de rimas ouviu as confidencias das Musas. O académico trocou a samarra de João das Regras—pelo chapeu alto de Musset. Mandou passear o Codigo Civil—e ofereceu a sua mão á Poesia. Mas poeta quando os outros deixam vagamente de o ser, sem ter sequer, como o Conselheiro Beirão o pudor de deixar adormecer os seus versos numa gaveta—o senhor visconde de Carnaxide apenas conseguiu revelar-nos—e com que dolorosa evidencia!—que tinha entrado perturbadoramente no outono da vida.

Crianças

Hontem á recita do Nacional assistiu Lucinda Simões—que se retirou do camarote apenas baixou o pano do primeiro acto. Comoção? Quem sabe. Quem sabe até se a gloriosa actriz, orgulho do teatro portuguez não teria considerado com os seus cabelos brancos, ao olhar, á mocidade doirada de Amelia Rey:—«Que les miroirs sont changés»—Inveja? Não. Apenas ternura. Despeito? Ainda menos. Apenas saudade. Como os velhos—principalmente os velhos actores—se comovem sempre diante da juventude que chega... Mas perdão: tinha-me esquecido de lhe dizer que Lucinda é apenas uma criança... de setenta anos.

As saias continuam a subir. Até onde? Sem possivel prever. Até ao inverosimil—e o inverosimil nas mulheres é tão alto como a sua vaidade. Muito acima da cabeça?

Mas as mulheres não têm cabeça—têm «cabides» de chapeus. Pois não é verdade, minha senhora? E' a primeira vez que você tem a sensaboria de concordar comigo. Mas você é uma excepção, não me lembrava. A minha memoria é assim. Ah! Mas a memoria é precisamente aquilo... com que a gente se esquece. Nunca ouviu dizer? Em que altura estão as suas saias? Não sabe? Sei eu. Mas não lho digo porque está muito frio e os meus leitores constipavam-se certamente.

Luis d'Oliveira Guimarães

INQUERITO NA RUSSIA

O povo russo quer a paz

Um correspondente especial do «Times», muito ao facto do que se passa na Russia, relata, n'um telegrama datado de Varsovia, de 16 do corrente, as impressões que colheu numa viagem que fez ha pouco tempo á Russia Branca.

Seguem as principaes passagens dêsse telegrama:

O ponto dominante da situação é o enorme desejo de paz de todo o povo russo, com excepção dos comunistas. Em toda a parte se compreende que quanto mais tempo os comunistas estiverem no poder, tanto mais será impossivel obter uma paz real, em consequencia do seu fim, bem alto proclamado, de conquistar o mundo.

O desejo de voltar a ter um monarca toma tambem vulto nas provincias. Uma comparação continua das condições de existencia actual com a do antigo regimen conduz inevitavelmente os camponezes á conclusão de que só um czar pode restabelecer a ordem.

Um czar dos camponezes, que garantisse que as terras não voltariam a ser entregues aos proprietarios territoriaes, levaria toda a Russia com todos os camponezes a traz de si.

Apezar da fermentação que existe nos campos e da completa derrota economica, observa-se nos centros russos que o efeito produzido pelo insucesso de Wrangel, poderá ser uma consolidação temporaria do poder bolchevista.

Os esforços do governo dos soviets basear-se-hão exclusivamente na conclusão rapida de acôrdos comerciaes com as potencias ocidentaes, afim de restabelecer sucessivamente a situação economica e poder preparar uma nova campanha militar.

Os ultimos discursos de Trotzky indicam claramente que um esforço para aterrar a Polonia e para erguer o estandarte da revolução europeia poderá levar-se a efeito na primavera.

O problema imediato para os bolchevistas é a liquidação do caso de Vilna e o restabelecimento das comunicações directas com a Lituania e com a Alemanha. Infelizmente, as grandes lutas dos partidos na Polonia favorecem essa politica da parte dos bolchevistas.

"Os Sports"

O numero de amanhã

E' posto á venda hoje á noite o bi-semanario «Os Sports», inserindo uma larga reportagem das provas de automoveis e camions, relatorio do juri, etc., além das secções habituaes de box, foot-ball, automobilismo, esgrima e noticiario diverso.

Pagina teatral com colaboração dos principaes criticos de teatro.

A ALEMANHA PREPARANDO-SE

UMA ACTIVIDADE INQUIETADORA

Os manejos da reacção alemã — Depositos : : : clandestinos de armamento : : :

Continua o «Excelsior» revelando o que se passa na Alemanha no que respeita a manejos militares.

Diz o seu correspondente em Strasbourgo, Ambroise Got:

«O «Volks-stimme», de Francfort, que é orgão dos sociaes-democratas mais em evidencia, publicou em 23 de outubro documentos que provam a actividade inquietadora empregada pela «Orgesch» na Prussia. Para cumulo, esses documentos estabelecem que a «Orgesch» está em vesperas de se aliar com o mais poderoso dos organismos reaccionarios prussianos: o conselho dos burguezes ou «Reichsburgerrat», que é contrario ás grandes federações operarias. Pelo que diz o «Bund», orgão central do «Burgerrat», da Grande Berlim, o conselho do «Reichsburgerrat» resolveu não ser oportuno proceder a uma fusão dos dois organismos, mas que os grupos provinciaes tinham «toda a atitude para colaborar» com a «Orgesch».

O «Volkstimme» (Voz do povo) publica uma circular do «Landesburgerrat» (conselho regional de burguezes) da Alemanha do Nordeste donde emana a comunidade de vistas e de acção dessa associação com a «Orgesch», aliaz a «Stahlhelm».

Mas o grupo da «Orgesch» não é o unico existente. Ha numerosos grupos na Alemanha do Sueste, nas proximidades da Alsacia, que foram batisados com o nome de «Ordem da juventude alemã» «Jungdeutscher Orden» e aos quaes se distribuiu armamento.

No Tyrol, o major Oehrl dirige uma subdivisão da «Orgesch», denominada «Orka». Essa «Orka» (Organisação Kaiser), a qual foi recentemente provida de armas e munições pelo canal da Baviera. Eis o que deve dar que pensar aos italianos, porque a «Orka» é o principal foco de irredentismo do Tyrol meridional, que pertence á Italia.

Numa palavra, as ramificações da «Orgesch», que tem em mira iludir as estipulações do tratado de Versailles, estendem-se do Brenner ao mar Baltico.

Realmente, ha pouco ainda, um antigo oficial bavaro do exercito activo —é a Baviera o centro de todas essas intrigas—Harold von Falkemberg, dirigiu-se «em missão» a Insterburg, na Prussia Oriental, onde tentou organisar um «putsch», isto é, uma revolta entre os grevistas.

As suas tentativas abortaram; entretanto, o mesmo Falkemberg viera recentemente á Prussia oriental, mas desta vez com uma força de voluntarios bavaros destinados, como é facil de adivinhar, a reforçar o exercito lituanio que opéra contra a Polonia. Falkemberg trabalhava por conta da «Orgesch».

* * *

O jornal social democrata «Koenigsberg Volkszeitung», (Gazeta do povo de Koenigsberg) dá-nos noticias sobre a passagem de trôços alemães na Lituania. No dia 13 de outubro, um regimento de 450 a 500 homens, com 4 canhões de grande calibre, duas peças ligeiras, seis metralhadoras pesadas, dois «minenwerfer» pesados e vagons de munições, transpoz a fronteira sob o comando dum tal Dietz; no dia 14 de outubro, foi a vez de 400 homens vestidos de legionarios balticos; no dia 15 de outubro, novamente passaram 250 homens. O «Volkszeitung» acusa de impericia o general von Dassel, licenciado em Dresd (*sic*), e as tropas da «reichwehr», desmentindo o general que afirmára que nenhumas tropas da «reichwehr» se haviam mandado para a Lituania.

A folha social democrata anuncia uma proxima interpelação da fracção social democrata a tal respeito, no Reichstag.

Dois oficiaes da «reichswehr» éram precisos emissarios expiatorios — o major von Goslar e o capitão Priey, que haviam favorecido ou tolerado a passagem dos aventureiros, foram distituidos. E emquanto o general von Dassel, como a esfinge, se não digna responder aos seus acusadores e se encerra n'um absoluto mutismo, o sr. Diehr prefere á glacial atmosfera de Koengsbey as ruas de Friedrichtrasse, encarregando um emissario, o conselheiro dr. Grzineck, de defender a sua causa: E' dificil proteger uma fronteira da extensão de 450 quilometros; quatro centurias de reforço para ali foram transferidas; procedeu-se a prisões, entre as quaes a do oficial de Lyck que mandara pôr anuncios nos jornaes convidando ao recrutamento.

Conselhos de burguezes, Orgesch, Stahlhelm; outros tantos fenomenos em que não é dificil reconhecer o dedo da reacção que se mostra incançavel e que para o seu serviço de propaganda dispõe de recursos valiosos. Os junkers e os barões de industria, sem contestação, são os melhores auxiliares.

* * *

«A Orgesch» e seus multiplos derivados constituem um serio perigo para a paz.

Ao ler-se-lhe o programa, não se nota, á primeira vista, qualquer cousa que possa assustar os espectadores mais prevenidos, mas basta conhecer os chefes que a dirigem e entrever as manigancias a que recorrem, para se poder declarar categoricamente que a «Orgesch» deve ser suprimida mesmo no interesse da Alemanha.

A Prussia oriental, onde a organisação Escherich é dirigida, essencialmente, por antigos oficiaes da policia de segurança militar, distituidos por causa da sua atitude duvidosa, uma delegação dos nucleos «Orgesch» declarou recentemente, numa assembleia presidida pelo vice-chanceler, dr. Heinzy «sic», que esses nucleos não pensavam, de modo algum em entregar os seus armamentos. Na Silesia, os grandes proprietarios territoriaes rivalisam na compra de armas para os agrupamentos da «Orgesch». Na Pomerania e em algumas propriedades de Brandeburgo, foram descobertos depositos de armamento clandestinos que pertenciam á «Orgesch».

Actualmente, comissarios berlinenses e a policia de investigação criminal batem os campos para descobrir esconderijos de armas. Ha poucos dias, perto de Munich, um agente denunciador foi atacado por individuos da «Orgesch» e se ficou com vida foi devido a circunstancias fortuitas. Os filiados na «Orgesch» defendem-se, alegando que não são as sociedades as providas de armamento, mas os membros isolados, sofisma que mais uma vez põe a claro a má fé germanica.

PELO TELEGRAFO

Viagem dos reis de Hespanha

LONDRES, 23.—De regresso de Inglaterra os soberanos espanhois chegaram no segunda feira á noite a Paris.—(*Havas*).

A Servia quer ser um grande paiz

PARIS, 23.—O *Excelsior* publica uma entrevista com Madame Vesnitch, esposa do presidente do conselho de ministros da Servia, que está de passagem em Paris. A Servia levanta-se e quer, pelo seu trabalho e graças ás suas novas fronteiras, tornar-se um grande paiz. Estamos encantados, disse Madame Vesnitch, com a paz assinada com a Italia.

Os comerciantes servios desejariam entrar mais estreitamente em relações com os comerciantes franceses e desejariam comprar em França o que antes da guerra a Servia comprava na Austria e na Alemanha. Os estudantes servios exprimem-se em francez e estão avidos pela cultura franceza. Para celebrarem o armisticio no dia 11 de Novembro os servios representaram uma peça de Poltore, que por todos foi compreendida.—(*Havas*).

Os acontecimentos na Grecia—O plebiscito — O entendimento anglo-francez

ATENAS, 23.—O novo governo está disposto a dar aos aliados todas as garantias que estes lhe peçam. O plebiscito relativo ao regresso do ex-rei Constantino foi adiado para o dia 5 de dezembro.—(*Havas*).

PARIS, 23.—Além da mensagem de simpatia que votou ao sr. Venizelos, o conselho municipal de Paris resolveu tambem dar o seu nome a uma das ruas da cidade.—(*Havas.*)

PARIS, 23.—Sobre a viagem a Londres do presidente do conselho a imprensa franceza noticiou como provavel que o sr. Leygues partiria para Inglaterra no domingo e que o sr. Berthelot precederia o presidente do conselho na sua viagem.—(*Havas*).

LONDRES, 23.—Segundo diz o correspondente do «Daily Mail» em Lucerna, o ex-rei Constantino negou-se a convidar o ex-kaiser Guilherme a ir residir para Corfu.—(*Havas*).

PARIS, 23.—O sr. Georges Leygues presidente do conselho, sairá de Paris na quinta feira, 25, se já tiver terminado na camara dos deputados a discussão relativa ao reatamento das relações diplomaticas com o Vaticano, para se dirigir a Londres, onde deve conferenciar com o Sr. Lloyd George e com lord Cuzzod a respeito da atitude a observar para com a Grecia e a respeito dos negocios do Oriente. Acompanhá-lo-ha o sr. Berthelot, secretario geral do ministerio dos negocios estrangeiros.

Os governos francez e inglez parecem estar dacordo para se oporem ao regresso do ex-rei Constantino ao trono em virtude das suas violações á independencia e á constituição da Grecia durante a Guerra e da sua hostilidade assinalada para com a *Entente*. A França e a Inglaterra não se oporão pela força ao seu regresso a Atenas, mas advertirão o povo grego de que o seu chamamento trará ao paiz repercussões politicas, economicas e financeiras. O governo de Atenas protestou a sua simpatia para com a entente e, intimidado pela sua atitude energica, adiou como já dissemos, para o dia 5 de Dezembro a convocação primeiramente marcada para o dia 28 do corrente, a qual decidirá se ha ou não logar para um referendum, tendo em vista o regresso do ex-rei Constantino.—(*Havas*).

Os incidentes de Breslau

BRESLAU, 23.—Terminou o processo relativo aos incidentes que se deram com o consulado de França, sendo absolvidos 21 dos processados e condenados os restantes a pequenas penas de prisão. Os jurados e o tribunal assinaram o pedido de indulto para todos.—(*Havas*).

A ocupação do Dantzig pelos inglezes

BERLIM, 23.—A «Gazeta do Voss» diz que as tropas inglezas de ocupação entrarão em Dantzig no dia 26.—(*Havas*).

AUTENTICAS

Uma victima do bolchevismo

O bom do homemsinho tem uma das maiores fortunas de Portugal; pertence mesmo a uma familia de gente rica. O dinheiro já deu á sua gente titulos de nobreza; mas ele nunca pensou em se titular. Amava demais os seus cobres para os gastar numa alcunha. E depois o seu apelido é celestial:

Se por ele faz parte da côrte dos céos, para que havia de o trocar por qualquer da lusa côrte?

Mas aquela grande fortuna, como todas as que se fizeram nos primeiros tempos do liberalismo, cheira a contrabando, a agiotagem, a dinheiro mal ganho, portanto. E como os lucros, ruinmente havidos, não acabam bem, ele, que não contrabandeou nem agiotou, está sofrendo agora o tremendo precalço da funesta aquisição.

Depois do armisticio logo começaram a circular brochuras varias sobre a revolução russa.

Aborrecido com a detestavel literatura da guerra rosario de heroismos sempre apresentados para que a gente saiba que o autor tambem por lá andou e só por modestia, por excessiva modestia nos é vedado travar conhecimento com toda a sua epica bravura, o publico começou a identificar-se com as letras francezas sobre o bolchevismo.

Ele fez outro tanto na vertigem de se medir com a ameaça.

A principio foi o Etienne Antonelli, depois o Charles Richet, com o seu «Dernier Romanoff», Etienne Brayssen, documentando os factos, Ch. Domergue pintando tudo a sangue, fogo e ultrajes e até o capitão Sadoul, as celebres cartas a Albert Thomas lhe entraram no gabinete. O argentario, devorava aquelas paginas numa anciedade que era doença. Deixou de frequentar o «club», fugia á roda dos amigos. Causou mesmo panico a certa dama o seu estado de recolhimento. Iria deixá-la? Mas era a ruina...

E afinal o que ele estava era a intoxicar os miolos, a absorver todas as possibilidades de «debacle» para os seus respeitaveis fundos. Pobre capitalista!

Por fim abria os jornaes com receio já de se lhe deparar a revolução social para o dia seguinte. Não almoçava se sentia alarido na rua, não dormia, e, se conseguia algumas horas vencer a insonia, os sonhos tragicos, os «pogroms», as degradações, as proclamações, os linxamentos tumultuavam-lhe no cerebro, como autenticas e interminaveis zaragatas. Aquilo assim não era vida.

A leitura ilustrou-o. Conhece hoje o «Smolny», aquele liceu de meninas «chics» de Petrogrado onde se instalaram os comissarios do povo, como o quarto da sua amante e a ultima vez que o encontrei, a sua erudição revolucionaria era completa.

No seu olhar havia já qualquer coisa de estranho, quando me falava da sorte do general Tamanof, do regimento feminino que defendera o «palacio de inverno» e que, depois de rendido, fôra violentado, das execuções em massa, das pilhagens, dos incendios.

—«Um horror, meu amigo, um horror! e as suas banhas burguezas pareciam derreter-se ao fogo da febre daqueles olhos cançados de leituras inquietantes.

Eu disse lhe, para o tranquilisar, que por cá não havia o ressentimento amargo de seculos de escravidão.

A recusa brutal de basicos direitos do homem, o perpetuo desacato á honra e brio das familias, e como o sabia conhecedor do assunto, terminei:

«Olhe, meu amigo, cá não ha padres que preguem o estupro, como o padre João de Cronstadt, nem monges devassos como o Rasputine, nem, sobretudo, essa preversa policia ukrana...

A reacção não pode ser violenta porque a acção constitucional e republicana tem sido de tal brandura, proteção e aquiescencia, que o proletariado está na alta, e sem tendencias, portanto, para odios encubados, cuja eclosão seja de receiar...»

O homem abanava a cabeça como quem se não deixa persuadir.

A ditadura do proletariado era para ele uma figura viva, uma divindade ameaçadora; e ao separar-me, pensei que ele acabaria pelo suicidio, exactamente como tantos, que se mataram para não irem á guerra.

E tive pena do homem.

Hontem no comboio ouvi: «Sabe quem endoideceu com medo do bolchevismo? Foi o...» Era ao meu homemsinho que se referiam.

Pobre ricaço, desgraçado capitalista!

D. Thomaz de Noronha.

AS GREVES

O pessoal da C. P.

Dois delegados dos ferro-viarios da Companhia Portugueza solicitaram hoje a interferencia do sr. ministro do comercio no sentido de que seja readmitido o pessoal despedido por motivo da grêve.

O sr. dr. Antonio da Fonseca declarou-lhes que não podia encetar nenhuns esforços para aquele fim, visto não estar ainda firme na sua cadeira de ministro.

VIDA SPORTIVA

Finda as provas de "Os Sports"

Pondo os pontos nos ii...

Não nos foi possivel hontem, como era nosso desejo, dar aos nossos leitores mais alguns detalhes e comentar certos factos que se passaram não só antes do dia da realisação das provas, como depois, e ao mesmo tempo fazer justiça a pessoas que directamente auxiliaram a iniciativa de «Os Sports», pondo-as em destaque, não a titulo de reclame, porque desnecessitam delle, mas porque entendemos prestar um serviço, indicando-os para futuras provas que outrem pretenda organisar.

As provas de «Os Sports», embora desde o primeiro dia que foram anunciadas tivessem despertado interesse no meio sportivo, não foram, como deviam ser, auxiliadas por pessoas em destaque e que se dizem sportsmen e até por agremiações. Neste ultimo caso citaremos por exemplo o Sport Lisboa e Bemfica a quem os «Sports» se dirigiu pedindo a cedencia do seu campo para guardar os camions uma noite. E, até agora, nem resposta veiu...

Tambem recebeu «Os Sports» o promettimento de grande numero de inscripções, embora não fosse oficialmente feito, mas essas não apareceram; outras colectividades que normalmente o deveriam fazer, preferiram correr «por fóra», pedindo até cronometragem.

Para o juri, tambem houve pessoas que não responderam ao convite feito, não o aceitando outras.

... Mas, em compensação d'aquelas, que afinal são as que tudo entravam, outras souberam grandemente auxiliar as provas, pondo-se incondicionalmente ao lado de «Os Sports».

Citaremos em primeiro logar o Automovel Club de Portugal, que gentilmente ofereceu a sua cooperação e nomeou como seu delegado e presidente do juri o sr. José Lino Junior, que foi incançavel no desejo de que tudo corresse o melhor possivel, o que se conseguiu. A direcção da Vacuum Oil Company tambem auxiliou muito todos os concorrentes e «Os Sports», pondo francamente toda a gazolina Auto-Gazo e óleo á sua disposição. Os bombeiros voluntarios, cujos serviços são bem notorios e relevantes, tambem colaboraram duma maneira franca e desinteressada, tanto os de Cascaes, Cintra e Oeiras, como os do Dafundo, que fizeram um ótimo serviço na meta de chegada. Os adueiros, sempre prontos a todos os sacrificios, mais uma vez mostraram uma magnifica disciplina, enaltecendo o trabalho dos propagandistas do auuismo. Fizeram nas provas de «Os Sports» a fiscalisação nas passagens de nivel e estrada. A firma Grandela e Sydors tambem não deixou de auxiliar «Os Sports» pondo á sua disposição uma magnifica camionete «Ford», de que é representante no nosso paiz. A Companhia Nacional de Borracha oferecendo camaras de ar de automoveis que foram utilisadas e que provaram não ser necessario recorrer ao estrangeiro.

A firma Armando Santos Ld.ª, Armando Cruz e Mario Pereira, tambem são merecedores de elogios pelo auxilio que prestaram ás provas e finalmente todos que se inscreveram. Não esquecer o nosso colega e amigo Mario Sant'Ana, que fez como nenhum outro uma boa propaganda no seu jornal.

Em reverso de todos estes auxilios registaremos um facto que nos desagradou em extremo, e nos desagradou porque temos a convicção que na presente ocasião mais não se podia fazer. Foi o facto d'alguns jornaes diarios terem dado na secção de sport e com todo o destaque o ligeiro incidente que se deu entre Carcavelos e Oeiras devido exclusivamente a uma derrapagem, que nem se pode levar á conta da impericia do volante. Foi uma fatalidade e nada mais. Pois esses jornaes, que tanto espaço teem para todos os assuntos, não tiveram espaço para publicar os resultados da corrida e outros comunicados de «Os Sports».

Mas, enfim, o que lá vae lá vae e agora o que é necessario é que para as proximas provas de automobilismo os que querem correr se inscrevam em vez de fazerem corridas na Avenida ou n'alguma rua da Baixa.

«Os Sports» de amanhã publica o relatorio feito pelo juri das provas com todos os detalhes, tempos, gazolina gasta, etc., e assim julga ir cumprindo pouco a pouco o programa que se impôz desde o seu inicio.

A. de Campos Junior

Nota.—Aos automoblistas hespanhoes D. Mauricio Dalmau e engenheiro Fernando Sibiano que propositadamente vieram de Madrid concorrer ás provas os nossos agradecimentos e o seu procedimento que sirva de exemplo para os nossos.

A. de C.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

Por motivo da montagem ser bastante complicada, foi adiada para a proxima semana o premiére da peça «A garra».

Reclames

No Nacional é hoje a recita da moda com a «Leonarda».

—No Politeama é a ultima semana que vae «O grande amor», visto que no dia 2 de dezembro, como já dissemos, se realisa a festa artistica de Adelina Abranches com a nova peça de Wolff «Alegria de viver».

—A revista «Risos e flores» está dando as ultimas representações no Apolo, para dar logar a peça de maior folego.

Quem ainda não viu a revista não deixe perder a ocasião.

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Passou hontem o aniversario natalicio da gentil pequerrucha Maria Augusta (Mahú), filha do nosso prezado colega engenheiro Armando Ferreira, secretario da direcção da Companhia dos Telefones.

Para solenisar o acontecimento reuniram Armando Ferreira e sua extremosa esposa, sr.ª D. Emilia Marques Ferreira, parentes e amigos em sua casa num jantar intimo, que decorreu animadissimo, sendo a linda Mahú alvo de calorosas saudações.

Visitas de estudo

Estiveram em visita de estudo na fabrica de cerâmica, aos Prazeres, numerosos alunos quartanistas do curso comercial da Escola Academica, acompanhados de um dos directores da escola e do professor das cadeiras de tecnologia e analises comerciaes, o engenheiro sr. Bernardo Vila Nova.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje no governo civil, Henrique dos Santos Duque, com mercearia na rua 4 de infantaria, 52, acusado de ter exposto á venda manteiga imprópria para consumo, e Luiz Antonio Quarteleiro, encarregado da mercearia de João Antonio Bastos, na rua Fernandes da Fonseca, 19, por vender semea de trigo por preço superior ao da tabela. Foram absolvidos por falta de provas.

Prisão de evadidos

José d'Almeida, sem residencia, foi preso, por se ter evadido das Casas de Trabalho, onde se achava internado.

Tambem foi preso Pedro do Matos, rua Vila Silva, á rua Maria Pia, cave, por ha dias, conforme noticiámos se evadir quando era intimado a comparecer no 4.º juizo de investigação, por onde foram passados mandados de captura contra ele.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

POLITICA

Eram 3 horas da madrugada quando hoje desciamos o Chiado.

Não muito longe fomos encontrar dois grupos, que com calor discutiam as coisas da politica. Um deles, que rodeava um candieiro era constituido pelos srs. drs. Antonio Granjo, Brito Camacho, Paes Abranches e Lelo Portela. Do outro, que um pouco distante se encontrava, faziam parte o sr. Liberato Pinto, o Comissario geral da policia, o director da Segurança do Estado e o seu adjunto.

Aos que pelas coisas da politica se interessam não passaria despercebido o cavaco dos dois grupos que, embora distanciados um do outro, pareciam comungar na mesma apreensão: a marcha dos acontecimentos politicos.

Acercamo-nos de um deles e logo alguem nos segredou:

—Não falte amanhã ao Parlamento. Devem-se ali passar coisas sensacionaes, que darão assuntos em barda para uma cronica...

Procuramos mais alguns esclarecimentos, mas o nosso solicito informador avançou simplesmente:

—O governo deve cair definitivamente. Deve ser apresentada a moção de desconfiança e depois temos «fita». Mais nada lhe posso dizer...,

Seguimos então ao nosso destino; um dos grupos fez o mesmo, emquanto o sr. Brito Camacho e os seus amigos lá continuaram conferenciando á luz baça e mortiça de um candieiro do petroleo com que a Companhia substituiu com desvantagem o gaz ou a electricidade.

* *

De facto, quando hoje pelas 14 horas chegámos ao Parlamento, já corria de boca em boca que o ministerio Cunha Leal,—como é conhecido o governo da presidencia Alvaro de Castro — não conseguiria manter-se por mais tempo no seu posto.

A sala, antes de abrir a sessão, já tinha certa animação que depois se estendeu ás galerias, as quaes se encheram logo de começo.

Os decoradores teem constantes conferencias e o sr. Antonio Maria da Silva que anda n'uma constante roda viva, tem tambem uma rapida entrevista com o deputado independente sr. Malheiro Reymão.

Pouco depois começou correndo pelos Passos Perdidos que fora o sr. Malheiro Reymão o escolhido para apresentar a moção de desconfiança, chegando a afirmar-se que aquele deputado tinha o falado documento na algibeira.

E se assim seceder, se a moção fôr apresentada como tudo indica, o governo deve terminar o seu mandato hoje mesmo, pois que as oposições teem grande maioria.

Ante-hontem o governo tinha 33 votos e a oposição 58 ou seja 25 votos mais; hontem tinha o governo 32 votos e a oposição 68 ou seja mais 36 e hoje tinha o governo 33 votos, a oposição 71 ou seja mais 38 votos.

* *

O primeiro ministro a chegar á Camara é o titular da pasta das Finanças, que empunha um rolo de papeis. Passados momentos, alguem nos informa que o sr. Cunha Leal pretende interromper o debate politico afim de pedir urgencia e dispensa do regimento para uma proposta de lei da sua autoria que damos n'outro logar, augmentando a circulação fiduciaria em 200.000 contos e autorisando desde já a emissão de 15.000 contos.

Ha quem diga que se trata de um caso virgem e extraordinario — a interrupção de um debate, mas logo o assunto se esclarece, pois que a praxe não faz lei, tanto mais que o artigo 69.º do regimento autorisa os ministros a usarem da palavra em qualquer altura dos debates.

O sr. ministro das Finanças, logo assediado pelos «reporters» que procuram com antecedencia saber que proposta S. Ex.ª vae apresentar, recebem a resposta:

—Trata-se de uma coisa, para o Estado continuar a viver...

Entretanto, entre os legisladores dividem-se as opiniões concordando as oposições em que se trata de um «truc» para arredar a questão politica.

Os amigos do governo, procuravam desmentir taes afirmações, dizendo que se trata de um caso urgente, tanto mais que o Estado está falido e precisa recursos urgentissimos.

Mas logo acodem os oposicionistas:

—Mesmo que a camara aprove o projecto do ministro das finanças, o Banco de Portugal não dará o dinheiro que lhe é pedido.

«O Cunha Leal já o sabe e muito bem, depois de uma demorada conferencia que hontem á noite teve com alguem do Banco...»

Enquanto cada qual formula hypotheses, o ministro das finanças, tendo soado a hora de se passar á ordem do dia, pede a palavra para apresentar a falada proposta a que em outro logar nos referimos.

A proposta levanta grande debate e por vezes a sessão decorre agitadissima, sendo violentos os ataques de parte a parte, principalmente por falta dos srs. drs. Antonio Maria da Silva, João Camoezas, Orlando Marçal, Vasco Borges, Mariano Martins, etc.

O caso da portaria surda, quando do governo Antonio Maria da Silva, levanta enorme celeuma e o presidente vê-se em grandes difficuldades para restabelecer a ordem e muito principalmente depois das declarações cathegoricas do «leader» dos Populares e ministro da marinha, sr. dr. Julio Martins, que diz não ter tido conhecimento da tal portaria, embora nesse governo figurassem dois ministros populares, os quaes haviam tomado o compromisso de honra de nada divulgarem.

Pelas 18,5 é prorogada a sessão conforme o requerimento do dr. João Camoezas, até final da discussão da proposta do sr. ministro das finanças e do debate politico.

Tudo indica, á hora que saimos do parlamento, que a sessão se arrastará até cerca da meia noite, não devendo ser aprovada a proposta Cunha Leal, porque embora concordem todos os parlamentares com a sua necessidade não julgam que seja tão imperiosamente urgente como o governo parece dar a entender para obter a sua aprovação e assim ganhar a força que agora não tem.

Este deve cair ainda hoje, devendo o sr. Alvaro de Castro á sahida do parlamento ir depor nas mãos do chefe do Estado a missão honrosa que lhe foi confiada. Outro governo que se siga terá então ao parlamento uma proposta identica ou parecida que depois será aprovada pela Camara.

E caido o ministerio qual se seguirá?

Tudo indica, pelas «démarches» efectuadas até agora, que se organisará um gabinete liberal-democratico independente, visto a impossibilidade de se acordar num governo de concentração parlamentar.

E a proposito convem frisar que não tem o menor fundamento o boato de que um jornal da manhã hoje se fez echo, de que o sr. dr. Egas Moniz, interessado em resolver a crise, estivesse hontem em conferencia numa sala do parlamento com o sr. Fernandes Costa, que teria sido o agente de ligação com o sr. Antonio Maria da Silva.

Tudo teria sido possivel, mas verdade é que o sr. dr. Egas Moniz, desde que deixou de ser secretario de Estado, não mais voltou a pôr os pés nas Côrtes...

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A sessão decorre agitada — Uma proposta do sr. ministro das finanças — A prorogação da sessão até findar o debate politico

Tendo assumido a presidencia ás 14,30, o sr. Abilio Marçal mandou fazer a chamada, pela qual se verificou estarem deputados de todos os lados da camara.

Observadas as formalidades do costume, entra o sr. ministro das finanças, que toma o seu lugar na bancada governamental.

Como não ha nenhum orador inscrito para antes da ordem, espera-se. A's 15,20 chega o sr. presidente do ministerio.

Aprovada a acta, entra-se na ordem do dia.

O sr. ministro das finanças, pedindo a palavra, diz que embora não seja da praxe o governo apresentar propostas antes de saber se pode viver constitucionalmente, quando se trata de prover a circunstancias excepcionais não ha praxes. O governo não quer sair da esfera da sua acção, mas não deseja tambem manter, por mais uma hora que seja, na mesma situação o estado financeiro que herdou. Cada um procede como entende e, nestes termos, não viverá fora da lei.

Antes de se averiguar se ele, Cunha Leal, mandou telegramas a Sidonio Pais, vai submeter á apreciação do Parlamento uma proposta de lei, que damos noutro logar, para a qual chama a atenção da camara.

Terminando a leitura desse documento, que fez com grande pausa e num quasi que morno silencio, o sr. ministro das finanças requer para a sua proposta urgencia e dispensa do regimento, declarando que, se a camara não a votar, o governo se declarará impossibilitado de governar com o Parlamento.

Sobre o modo de votar, fala o sr. Antonio Maria da Silva, que diz reconhecer a urgencia do assunto, mas requer que a proposta se discuta depois do debate politico que tudo aconselha que se deve abreviar.

O sr. ministro das finanças responde que a camara, sendo soberana, resolverá como quizer. Declara, todavia, que está fazendo um favor ao seus sucessores e ao paiz. Se a proposta não fôr aprovada, não assumirá a responsabilidade da situação financeira.

O sr. João Camoezas:—Mas tomá-a o parlamento.

O sr. ministro das finanças acrescenta que, se o debate se prolongar, grande será o prejuizo para o paiz. (Grande agitação).

Pessoalmente, nada lhe importa que a proposta seja ou não votada, mas, se o não fôr, ele, ministro, irá imediatamente desmanchar tudo o que já fez em materia de autorisações.

(Balburdia).

O sr. presidente do ministerio diz que o sr. ministro das finanças não produziu qualquer ameaça, antes mostrou em que situação financeira se encontra o tesouro, tendo-se decidido a vir ao parlamento solicitar autorisação para entrar nos dominios da legalidade.

(Apoiados e fóras.)

Se a Camara quizer mais esclarecimentos sobre a questão, dar-lh'os-ha todos.

Acima dos governos estão os interesses do Paiz. Acima dos governos está a coherencia e a razão. Lastima que seja o proprio Parlamento a negar a autorisação ao poder executivo para entrar no cumprimento da lei.

(Novas manifestações, mais ruidosas).

Não sabe o que sucederá se o Parlamento se opuzer á liquidação do assunto. Ao governo—diz—não falta coragem para continuar no poder ou dele sair, mas ao abandonal-o fal o-ha com dignidade, observando com todo o escrupulo os interesses nacionaes.

O sr. Antonio Maria da Silva declara não ter pretendido criar embaraços á aprovação da proposta.

Se o governo, com as suas meias palavras... (Apoiados e não apoiados) quiz fazer pressão na camara, não enveredou por bom caminho. Se ele tem dignidade, o mesmo acontece com o Parlamento. Não se deve complicar a questão.

Quiz o sr. Cunha Leal fazer um favor ao seu paiz? Continue a fazel-o. Ninguem de tal o impedirá.

O sr. João Camoezas requer a prorogação da sessão até ser encerrado o debate politico e votado o requerimento do sr. ministro das finanças.

(Maior agitação, que se prolonga).

Vozes:—Ahi está em que dá a habilidade do governo.

O sr. ministro das finanças, por entre exclamações de espanto, depois de perguntar se a camara quer que o governo falte aos seus compromissos, deixando de pagar ao funcionalismo publico, diz que tem pena de não poder dizer tudo o que sabe no capitulo irregularidades.

O sr. Antonio Maria da Silva, vigorosamente:—Isso é peor que dizer tudo.

(Enormes excitações, trocando-se violentos ápartes).

O orador:—O peor é não sermos coerentes.

(A agitação não diminue).

O sr. Antonio Maria da Silva.—Diga tudo! Diga tudo!

O sr. Fernandes Costa, tendo-se acalmado um pouco os animos, constata com surpreza que a proposito da proposta se teem produzido extraordinarias objurgatorias, chegando a fazer-se insinuações que não seriam proprias de qualquer ocasião.

Acha que não se está discutindo o governo, nem a declaração ministerial. Segundo lhe parece, deve pôr-se á votação a urgencia e dispensa do regimento para a proposta; e nada mais, na certeza de que a camara está disposta a discutir amplamente esse documento. Não se pretende—acrescenta—entravar a acção governa'iva.

O sr. presidente do ministerio, apoiado pelos seus amigos, declara que o governo não faz questão por que se interrompa ou não o debate da questão politica.

O sr. João Camoezas:—Ora ainda bem!

—Não é ao governo—continua o orador—que compete legalisar a situação financeira. E' ao Parlamento. O sr. ministro das finanças falou em irregularidades.

O sr. João Camoezas:—Irregularidades que, segundo parece, só poderão ser conhecidas em sessão secreta.

O orador:—Essas irregularidades devem terminar.

O sr. Mariano Martins entende que uma proposta da importancia daquela que o sr. ministro das finanças apresentou não pode discutir-se sem que sobre ela se prestem detalhados esclarecimentos.

(Apoiados da esquerda).

Portanto, requer que o requerimento do sr. ministro das finanças seja dividido em duas partes, incidindo a votação primeiro sobre a urgencia e depois sobre a dispensa do regimento.

O sr. Orlando Marçal diz que se não fosse a irredutibilidade da camara se teria chegado á altura em que a questão se encontra. Em seguida defende a necessidade de se aprovar a proposta, repudiando o... que se tem dito acerca de insinuações e de especulações politicas. As contas do tesouro devem ser legalidades e, para isso, deve votar-se sem protelamentos, o requerimento do sr. ministro das finanças.

O sr. João Camoezas, declarando que vai esforçar-se por ser claro, diz que o governo aparece hoje a pretender desviar-se do debate politico, declarando que tem urgencia de legalisar a situação financeira. O seu primeiro dever era trazer ao conhecimento da camara os nomes dos criminosos, sejam por não parlamentar. Isso é quenão pode ria alcunhar-se de hipocrisia politica.

O sr. José de Almeida, socialista, acha que a proposta deve ser submetida a mais larga discussão. E' necessario que o povo saiba em que situação se acham as finanças do paiz e para onde vão os seus dinheiros. Vota o requerimento do sr. João Camoesas, mas declara bem que discorda da sessão secreta para se tratar um assunto que deve ser conhecido de todo o paiz.

Em nome do Partido Reconstituinte o sr. Helder Ribeiro afirma que votará a proposta do sr. ministro das finanças por se tratar dum caso de excepcional importancia e posto com nitidez no sentido de se servir a Republica dentro da lei.

O sr. Vasco Borges esclarece que uma frase que ha pouco, em aparte, pronunciou, não tivera sentido duplo. Não ha insinuações por parte do governo; o que existe é muita irregularidade que precisa ser esclarecida.

No Senado

A's 15 10 o sr. Correia Barreto, secretariado pelo sr. Heitor Passos, manda proceder á chamada que acusa a presença de 25 legisladores. Ata e expediente na forma do costume.

O sr. Jacinto Nunes requere urgencia e dispensa do regimento para a imediata discussão do projecto de lei estabelecendo penalidades aos infractores do regimen da pesca pelo emprego de dinamite distruindo os respectivos viveiros.

Aprovados: urgencia, dispensa, proposta e dispensa da ultima redacção.

Os srs. Bernardino Machado, Herculano Galhardo e Henrique Valdez instam por documentos. Pedidos pelos diferentes ministerios.

Como não ha ordem do dia, encerram-se os trabalhos, sendo designada sessão para amanhã, á hora regimental.

Proposta ministerial

Alargamento da circulação fiduciaria

Considerando que as relações entre o Estado e o Banco de Portugal, não estão obedecendo á letra expressa do contracto de 29 de abril de 1918;

Considerando que, embora se alegue que esta situação é a resultante de razões inperiosas de momento, nada justifica que se não tenha já procurado legalisar, de acordo com o poder legislativo, uma situação que é ilegal; e

Considerando ainda que a crise aguda em que se debate o comercio, a industria e a agricultura e as circunstancias em que se encontra o tesouro justificam um aumento de circulação fiduciaria, tenho a honra de submeter á apreciação da camara dos senhores deputados a seguinte proposta de lei:

Artigo 1.º—E' autorisado o governo a celebrar com o Banco de Portugal os acordos necessarios para a modificação das bases do contracto de 29 de abril de 1918 e em especial da base 1.ª, no sentido de alargar em mais 200.000 contos a possibilidade, que actualmente o governo tem, de obter do Banco emprestimos ou suprimentos em capital escudos.

Artigo 2.º—Quando as circunstancias assim o exigirem, o governo poderá determinar aumentos temporarios até 15.000 contos em circulação de notas do Banco de Portugal, representativos de moeda do ouro, com o fim exclusivo de proteger a agricultura, a industria e o comercio.

Artigo 3.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Na estação de Campolide

Um soldado da G. N. R., devido a uma precipitação, é morto por um comboio

Na estação de Campolide deu-se hoje de manhã um lamentavel desastre, que custou a vida a um pobre soldado da guarda republicana.

Quando se retirava daquela estação o soldado n.º 12, Manuel Antonio, impedido do sr. tenente Rodolfo dos Santos, que desde a greve ferro-viaria tem ali estado de serviço, onde tinha ido levar o almoço áquele oficial e querendo apanhar o comboio da Figueira que se destinava ao Rocio, e quando este já ia em andamento, saltou para o estribo, mas com tanta imprevidencia, que ainda mal agarrado ao corrimão da carruagem os pés escorregaram-lhe e ele, não podendo elevar-se, larga-se e vae meter-se debaixo das rodas das carruagens, que o apanharam, deixando-o num estado comatoso, no corpo e cabeça.

Conduzido no mesmo comboio a Lisboa, onde foi metido numa maca e conduzido á enfermaria do quartel do Carmo, poucos minutos depois falecia.

Este desastre deixou muito contristadas todas as pessoas que a ele assistiram e os seus camaradas que muito o estimavam.

Serviço telegrafico da tarde

A gréve geral em Saragoça

SARAGOÇA, 23.—Continua a gréve geral sem que se tenham produzido desordens e tendo regressado ao trabalho os criados de servir e os padeiros. Foi encerrado o café onde se reuniam os sindicalistas.—(*Havas*).

A guerra civil na Irlanda

LONDRES, 23.—Continuam as desordens em diferentes cidades da Irlanda, principalmente em Dublin e Cork, onde, por esse motivo, a população está aterrorisada. Os atentados de maior gravidade foram cometidos ontem em Kingstown, onde se efectuaram muitas prisões e foram apreendidas muitas armas.—(*Havas*).

Ministro que se demite

BELGRADO, 23.—O sr. Trumbitch, ministro dos negocios estrangeiros, deu a sua demissão por considerar terminada a sua missão.—(*Havas*).

A corrupção exercida pelos bolchevistas

STOKOLMO, 23.—Chegaram a Roval, vinte toneis cheios de ouro para a propaganda bolchevista na Europa.—(*Havas*).

Associação de Socorros Mutuos de Empregados no Comercio de Lisboa

L. de S. Cristovão, n.º 5

Mesa de Assembléa Geral

Aviso convocatorio

De harmonia com o § 4.º do Art.º 38 convoco a reunir extraordinaria a Assembléa Geral para o dia 25 do corrente pelas 21 horas, afim de tomar conhecimentos e deliberar sobre o parecer da comissão, que, nos termos da proposta em Assembléa Geral de 29 d'Outubro, foi conjuntamente com a Direcção incumbida de estudar a forma de ser comportado um novo aumento de vencimentos.

Lisboa, 24 de Novembro de 1920

O Presidente da Mesa,
Bernardo Guimarães

Professor João Alberto da Cunha Peixoto

O LICEU DE CAMÕES cumpre o doloroso dever de tornar publico o falecimento do distinto professor do seu quadro, João Alberto da Cunha Peixoto. Convida o professorado, os alunos e os empregados a encorporarem-se no préstito funebre que se realisa amanhã, quinta feira, pelas 14 horas e que sae da Praça José Fontana, 19.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3707 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 25 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Ha quatro dias!

A impressão geral do que se está passando no parlamento concretisa-se nesta frase que a toda a gente se ouve: «Aquilo não póde continuar».

Ha quatro dias que se arrasta a apresentação ás camaras dum governo que sabe que não tem nelas a maioria indispensavel para governar. Até ao momento em que os «leaders» dos maiores partidos representados no parlamento definiram oficialmente a sua atitude, ainda era licito esperar a confiança do parlamento. Depois disso, não.

Que tinha então o governo a fazer? Anunciar que ia a Belem apresentar a sua demissão ao sr. presidente da Republica. Quantas vezes os chefes de governo teem anunciado essa intuição, ou realisado esse gesto, simplesmente por lhes parecer que deixam de ter o apoio de determinado partido.

Mas o governo fazia-se desatendido, não tomava a resolução que dele seria logico esperar?

Nesse caso, o caminho estava indicado. Apresentava se uma moção de desconfiança, que a maioria votaria, e o governo já não poderia, em caso algum, deixar de se demitir.

Para tudo isto, não era necessario mais dum dia e não havia necessidade de nenhum debate irritante e apaixonado. A força das circunstancias resolveria matematicamente o incidente.

Diga-se a verdade: no dia da apresentação do governo não houve equivocos, não houve confusões. O governo apresentou-se, leu o seu programa. Os «leaders» dos grupos que lhe são afectos em meia duzia de palavras definiam a sua atitude de apoio. Os «leaders» dos grupos que lhe são desafectos em meia duzia de palavras definiam a sua atitude de oposição.

Mas em vez de o governo reconhecer a evidencia da situação, que lhe apressava a saida das cadeiras do poder, e em vista d'isso, apresentarem a moção de desconfiança, eis que se começam a fazer discursos desnecessarios, a levantar incidentes que não tinham razão de ser, em face da natureza do debate, a crear-se, n'uma palavra, todo o genero de complicações, levando ao conflito e ao tumulto, sem vantagem, nem para o governo, que não pode ter a esperança de escapar á sua sorte, nem para as oposições, que em vez de simplificarem com estas delongas e atrictos a constituinção d'um futuro governo não fazem tambem senão complicar o seu problema.

Afinal, esta madrugada apareceu a moção de desconfiança, em torno da qual se deve liquidar este novo episodio da nossa politica, episodio triste, episodio desgraçado, que não fez senão agravar uma situação já de si quasi inextrincavel.

Entretanto, que se acabe com este espectaculo! Para honra da Patria e da Republica, para honra do parlamento, para honra dos partidos, para honra do proprio governo e das proprias oposições, visto que o desprestigio a todos atinge!

PELO TELEGRAFO

As relações entre o Brazil e os Estados Unidos

NOVA YORK, 24.—Sebastião Campos, adido comercial á embaixada brazileira, que acompanhará a missão presidida por Colby, vae encarregado de expôr no Rio de Janeiro, o resultado da reunião na Associação Comercial, por iniciativa de Helio Lobo e Carlos Nunes, fundadores em Nova York, da Camara de Comercio Brazileira.

A comissão executiva, composta de trinta membros, lançará as bases da creação numa proxima reunião.—(*Americana*).

NOVA YORK, 24.—O consul do Brazil, Helio Lobo, e o vice-consul Carlos Nunes, convocaram uma reunião da Camara de Comercio de Nova York, a que assistiram 90 comerciantes e banqueiros americanos, que teem relações com o Brazil.

O consul expoz a situação economica e financeira do Brazil, referindo-se á nova emissão de papel moeda com a base ouro, produzindo excelente impressão.

A imprensa neo-yorkina comenta o exito da reunião, que terá resultados praticos para os dois paizes.—(*Americana*).

Melhoramentos no Equador

QUITO, 24.—O presidente Tamayo assinou os decretos mandando proceder á dragagem do rio Guayas e de importantes creditos para trabalhos publicos, assim como o que autoriza a concluir-se o caminho de ferro de Puerto Bolivar.—(*Americana*).

Um pedido do ex-presidente Cabrera

WASHINGTON, 24—O ex-presidente Cabrera, de Guatemala, dirigiu um pedido a Wilson para que interceda em favor de lhe ser concedida a liberdade, visto que a prisão lhe altera a saude.—(*Americana*).

A situação economica do Uruguay

MONTEVIDEU, 24.—A situação economica faz com que não só seja elevado o imposto sobre valores mobiliarios e imobiliarios, como ainda seja creado um outro sobre negocios e importações, afim de fazer face ao «deficit» orçamental.—(*Americana*).

DOIDOS, ELES!

Eles... quem?

Apontei as amabilidades—ou para lhes dar o verdadeiro nome as insolencias—com que no livro «Infeliz» sou mimoseado.

Quem m'as dirige?

Nome de autor é que nesse livro não se encontra. Num gesto de vilão, o autor do insulto atira a pedra e esconde a mão.

Dizendo «o autor», não sei se digo bem. Talvez devesse usar do plural, porque me não parece dum só aquela obra de embuste, de rancor e de covardia.

Pouco importa, porém, que o livro não traga a subscrevê-lo nome de autor. Muito se adivinha a respeito deste. Ha dedadas que se conhecem.

Dentro dessas paginas revolve-se todo o lar e todo o passado da minha cliente por uma fórma que só o marido dela poderia fazê-lo.

Aquelas minudencias intimas, aquele rebusco de coisas esquecidas, toda a papelada velha e todas as ninharias que se andaram a procurar nos sotãos da casa e nas trapeiras dum cerebro, em meio das teias de aranha, só ele podia e era capaz de as colecionar e de vir com elas a publico. Era ele quem sabia que, muitos anos antes, quando solteiro ainda, a senhora que então o imaginava um coração aberto á lealdade, lhe tinha, num transporte amoroso, escrito frases que só o amor explica, e em que ela sentia doçura ao amesquinhar-se deante dele.

Não serviram para lhe recordar sempre a delicadeza moral de sua mulher, essas cartas apaixonadas, que ele devia guardar num cantinho especial do seu coração, mas profanando-as, ele, recordou-se de que as guardara no sotão da casa e serviram-lhe, deturpando-as no sentimento que dentro delas vibra, para tentar meter no manicómio a mulher a quem ele já não merecia amor.

Com uma sovinice de judeu e uma paciencia de... chinez, este marido pensa, com bagatelas, convencer os outros do desiquilibrio mental da que deixou de o amar. Ela teve uma dor de cabeça no ano tal, a tantas horas, tantos minutos e tantos segundos da manhã do dia tantos de tal... e o chinez pensou e entendeu ser isto uma coisa das mais graves. Ela escreveu uma carta em que deixou de pôr no logar competente uma virgula; sintoma perigoso, reflectiu ainda o chinez. Decerto ele tomou nota de que essa virgula faltava na 2.ª pagina da carta decima terceira, onde haviam 5 palavras com 22 letras, sendo 10 vogaes e 12 consoantes, além de 2 sarrabiscos...

Outra vez esqueceu-se a esposa de dar um recado á criada. Já o sr. dr. Julio de Matos está informado disto, para fazer um relatorio psiquiatrico.

¿Quem podia trazer até ao publico o respigo de mil ninharias intimas da sua casa e da sua vida antenupcial e conjugal, as cartinhas, os bilhetinhos, os versinhos, os retratinhos, os ditinhos, os lapsos de memoria, as enxaquecas, os incomodos de barriga, as dores de dentes, um calo inflamado num pé, (não sei ao certo, mas ele tambem deve ter tomado nota das dores de dentes e dos calos doridos) senão o sr. dr. Cunha?

Não pode, pois, este senhor negar a autoria do livro «Infeliz», embora, segundo é seu costume, ataque ás escondidas.

¿E quere agora o leitor saber porque chamo o sr. dr. Cunha ao logar que lhe compete no frontespicio desse livro? Não é por honra de eu lutar com ele. E' porque o livro explica o homem. Este miudinho, este espirito azedo e cheio de mesquinhez, pegando por tudo, implicando «per fas» e «per nefas», o homem que andou a contar quantas vezes a mulher se queixou de indisposições de cabeça durante vinte e oito anos de casado, o homem das virgulas, emfim, deixa bem advinhar qual o viver que terá dado á minha ilustre cliente.

Ao lado, porém, das paginas em que a mesquinhez impera e onde se amontoaram as ninharias rebuscadas pelos esconsos da vida conjugal do sr. dr. Cunha, outras ha onde predomina a rabulice e onde ha uma voz a roncar chicanas. Não me parece a voz do sr. dr. Cunha.

Pouco foi este cavalheiro fadado para as advocacias, não obstante, a titulo de advogado, ainda gosar, se não estou em erro, duma prebenda na Companhia dos Tabacos, para lhe ajudar a levar até ao Calvario dos pobres-de-Cristo como ele a pesada cruz desta vida, e isto me faz pensar que não sejam dele algumas das paginas de rabulice; mas por outro lado, tenho duvida sobre se os roncos ouvidos serão da pessoa que imagino, porque a esta Deus não fadou para as literaturas.

Não sei ao certo. Seja um ou sejam dois os autores do livro «Infeliz», a resposta que tenho a dar vae a quem toca. Se é um, está doido; se são dois, estão doidos ambos.

No livro «Infeliz» aparecem, no entanto, personagens várias, que, não ostentando a qualidade de autores, vieram pelo braço do sr. dr. Cunha em amistosa camaradagem, colaborar na obra de perseguição e de insolencia, que este senhor move a sua esposa e aos que a defendem. Não serão esquecidos. ¿Por uma razão de desforra? Não. Da minha obra ou, melhor ainda, da obra dos advogados defensores da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, é que pode com verdade dizer-se que não é obra de odio nem de rancor. Defendemos, na mais profunda das convicções, a verdade, que se arreigou em nosso espirito, de que não é uma louca a senhora por quem pugnamos; considerariamos indigno abandonar a cliente que nos pediu socôrro, que em nós confia absolutamente, cujas alagrimas temos visto e cuja inteligencia e grandeza de alma admiramos. No cumprimento do nosso dever, iremos—eu e eles, os meus queridos colegas, irmãos de luta—até onde for preciso, atacando quem for necessario, nos tribunaes e fóra deles, onde se deva justiça e ela se negue, sem olhar a homens, sem olhar a nomes, sem olhar a categorias, desde que os homens não respeitem os nomes e as categorias que teem. ¿Obra de odio? Não. ¿Obra de rancor? Não.

Obra de bem, de justiça, de humanidade!

Bernardo Lucas

Casamento principesco

Dava ante-hontem «A Monarquia», sob este titulo, a noticia de que em Bronnbach se havia realisado o enlace matrimonial da sr. D. Isabel, filha mais velha do segundo matrimonio de D. Miguel de Bragança, com o principe herdeiro de Thurn e Taxis, cujo nome ficou em silencio, mergulhado na confusão de referencias aos seus ilustres ascendentes e colateraes. Acrescenta «A Monarquia», que uma irmã do pae do noivo foi a primeira mulher de D. Miguel, mãe, por consequencia, dos filhos mais velhos d'este, D. Miguel, D. Francisco e D. Maria Tereza.

A sr. D. Izabel, casada com um Taxi, inicia uma corrida de velocidade... Para onde, é que será dificil dizer.

Nas referencias que «A Monarquia» faz aos parentes d'aquela senhora não esqueceu frizar que ela é irmã de D. Duarte e chama a este filho mais novo de D. Miguel, principe real, e confere-lhe o tratamento de alteza, o que, na verdade, muito nos espantou, porque julgavamos terem os integralistas proclamado D. Duarte futuro rei de Portugal e n'esse caso deveriam dar-lhe o tratamento de magestade.

Pelo visto há entendimentos com D. Manoel. Este virá n'uma manhã de nevoeiro tomar conta do trono de seus avós e proclamará seu sucessor seu primo D. Duarte.

Será assim? Não ha então que distinguir entre integralistas e constitucionaes, visto estarem todos estendidos.

Universidade Portugueza Popular

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, a primeira conferencia do curso popular da «Historia de Portugal», pelo sr. dr. Reis Santos, professor da Faculdade de Letras.

A entrada é publica.

A questão irlandeza

O sr. Asquith censura a politica do governo

Em um almoço que lhe foi oferecido pelo Nacional Liberal Club, em Londres, o sr. Asquith pronunciou um discurso no qual atacou vigorosamente a politica seguida pelo governo, na questão da Irlanda.

—Ha seis mezes—disse ele—que temos a guerra civil na Irlanda. A justiça foi posta de parte. Em seu logar estabeleceu-se a vingança.

«O poder executivo, auxiliado pelos seus agentes e servidores, tem exercido uma politica de vingança cega, implacavel e sem estabelecer distinção entre aqueles que atinge.

«Matar é assassinar—continuou o sr. Asquith—quer a vitima seja um agente de policia, quer seja um soldado ou uma mulher que leve um filho ao colo ou o esteja amamentando á beira duma estrada».

Ao terminar, o ex-presidente do conselho inglez disse que, aparentemente, com o consentimento da Camara dos Comuns e sem que uma grande vaga de horror e de indignação fizesse estremecer o paiz, o governo estava aplicando á Irlanda um sistema de administração que não só é contrario aos principios fundamentaes da liberdade, mas ainda contra as melhores tradições da civilisação e da moral cristã.

Troca de saudações

O sr. Afonso Costa enviou ao sr. ministro das colonias um telegrama em resposta a outro que o sr. Jaime de Sousa lhes dirigiu, quando tomou posse. E' do teor seguinte esse telegrama:

«Muito obrigado pelo seu telegrama. Desejo, como portuguez e seu amigo, que a passagem de V.ª Ex.ª pelo ministerio das colonias fique assinalada pela obra do desenvolvimento do nosso dominio ultramarino.—(a) *A. Costa*

SEGREDO A TODA A GENTE

O gato constitucional

Quando se procedia na Camara á votação da proposta Cunha Leal—entrou na sala das sessões um gato pequenino, preto, esperto, vivo como uma bola de azougue. Os senhores deputados acharam graça não sei se ao gato—se á proposta que votaram. Em todo o caso—a profunda filosofia das coisas minimas—aquele felino vulgar, plebeu democratico, rosnador, de certo ainda vagamente aparentado com os «gatos» de Fialho, soube representar mais uma vez naquele instante como um simbolo de «peluche» preta, a «Claque» perturbadora e inverosimil da politica portugueza... O eterno gato!

Venizelos

A Grecia está transformada num paradoxo.

Ao Venizelos politico da guerra—sucedeu o Venizelos politico do exilio. A sua obra de quatro anos parece subverter-se—emquanto se fuma um cigarro. Eu não sei se o amigo de Lloyd George consultou entre os loureiros sagrados, o templo branco de Delphor. E' possivel que não. Talvez se o tivesse feito—não se tivesse enganado. Mas não. A gloria dos actores é quasi sempre ephemera—e Venizellos foi bem o actor dum grande drama que já passou de moda.

Os electricos

Volta a agitar-se a questão de ha meia duzia de meses. Fala-se em aumento de tarifas—e em diminuição de paragens. A gréve dos empregados está pelo menos assente como tudo, entre nós—em principio. E' curioso que nesta questão nunca houvesse nem da parte da Camara nem da parte da Companhia, ao menos para inglez vêr, uma tendencia para uma melhoria de serviço. Pelo contrario. Apenas se discutem—aumentos. Em todo o caso, neste momento, eu recordo á Camara as palavras de Ibsen: falem sempre pouco porque a verdade é que não ha palavras que valham uma acção.

Luis d'Oliveira Guimarães.

AUTENTICAS

O meu talisman

Foi hontem, ao chegar á «Capital». Tirei as luvas e reparei: tinha perdido o meu anel. Eu não sou capaz de usar um objecto pelo seu brilho ou valor. Usava aqueles diamantes porque eles teem prestigio divino. Em 1903, o general Norton de Matos, hoje alto comissario em Angola ofereceu-me na India essa admiravel obra de arte, velha e historica, como qualquer nau da India.

Mas não é só a sua arte, nem a sua edade; é que ele sahiu dos dedos de Laxemi, a deusa da alegria e da boa fortuna, da sua bela imagem, existente no pagode de Pondá, e a esse templo comprado pelo oficial do estado maior portuguez, para entrar na posse da minha humilde personalidade.

Desde esse dia a vida tornou-se-me risonha, em nada punha a minha mão esquerda, onde o trazia sempre, que não me cobrisse de bençãos e de prosperidades. A divindade transmitira-me qualquer coisa da sua «bonne chance», atravez da joia que ela prestigiára.

Pois foi este objecto invocador de todo o mistico Hindustão este preclaro fragmento da vida religiosa daquele grande povo de rixis anacorêta e siniazes, que hontem perdi ao descalçar as luvas não sei onde.

O que me espera agora? Aparecer qualquer dia ahi estendido numa valeta, como cão sem dono a quem deram um bolo de estrequinina.

A roda desandará, a fortuna de tergente amiga, doce e solicita pelo meu bem estar afundar-se-ha na sorte comum dos miseros mortaes, para quem isto é um vale de lagrimas.

E não posso ter duvidas; o seu desaparecimento mudou a face da economia e bem-estar da minha vida. Agora é abrir os braços, inclinar a cabeça e esperar o cutelo, o terrivel cutelo da má sorte, contra o qual é escusado bracejar.

Já tive a amostra. Já hontem me acometeram dois horriveis percalços. Eu, que nem sequer os conhecia!...

Ai de mim! Até os dirigentes do Monte-Pio, e outras entidades para quem me tornei qualquer coisa de desassocego, esfregarão as mãos de contentes, com esta frase tipica:

«Estás pronto, amigo cronista. Respiraremos em breve...»

Meu querido anel! Que aquela doce ninfa que restituiu a Polycrates tirano de Samos, o seu anel deitado ao mar, para aplacar tanto favor divino, que o rei do Egypto, seu amigo, tomava como anuncio do mais tragico desenlace me bafeje tambem; que eu o torne a vêr e possuir, para bem de tanta gente que tem a sua sorte ligada ao exito do que eu penso, do que eu sei e do que eu escrevo.

Meu querido anel! Meu talisman amoroso e infalivel!

D. Thomaz de Noronha.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XX — *Londres-Boedecker*

Tome um taxi, leitor amigo, e venha comigo ver Londres, cidade de tijolo e monumentos negros como a propria atmosfera. Você, seu tolo, apanha aqui ceu azul, e até sol—avis rara—por estas regiões.

E' certo que isso a mim me contraría. Vir da terra de ceu azul para ver o surpreendente «fog» londrino, a tal camada sempre espessa de nevoeiro, e encontrar uma limpidez de atmosfera que nem á beira Tejo, é de perder as estribeiras e supor coisas estranhas, como uma pirraça do padre eterno ou uma venda a John Bull do nosso unico recurso para pagar a divida... externa.

Mas, se o nevoeiro não desceu, escondendo aos olhos sequiosos de impressões cheias de localisação, o aspecto verdadeiro de Londres, lucra com as passeatas que pode dar e com um melhor aproveitamento de tempo. Assim poderá ver em detalhe esta imensa cidade que tem mais irlandezes que Dublin, mais escocezes que Edimburgo, mais judeus que a Palestina e até mais catolicos do que Roma. Tome um «taxi», destes que passam continuamente em frente de qualquer passeio e são mais caros do que os de Paris, talvez por causa do cambio; para ver o exterior dos edificios—que aliaz tem pouco que ver—é preferivel a imperial dos «bus»—«garden seats»—e muito mais economico. Vamos primeiro cumprimentar os «lords», visitando «The houses of Parliment», conhecidas pelos postaes corriqueiros que fazem reclame ao seu estilo «tudor», o gotico mais rico, cheio de pontas aguçadas para o ceu, e arruinando-se lentamente no sub-solo com o desgaste pelas marés cheias do Tamisa das dolomitas em que assenta. Tres torres, estendem a sua vista sobre as casas visinhas; lá dentro encontra-se por todos os passos a rigidez duma monarquia feita de fidelidade e de preconceitos ainda, ao mesmo tempo que um sopro de historia cheia de tragedia e luta, da antiga Inglaterra.

Vá o viajante á «Tour», vá a Westminter Abey, vá a Windsor, vá a qualquer local onde a tradição ingleza ainda hoje conserva os seus habitos de outróra, e a impressão dessas visitas é identica; rigidez, riqueza, feudalismo, um bafio que cheira aquelas figuras que ou se chamaram Guilhermes, ou Ricards, ou Edwards; ha em todos os palacios, nos templos, nos museus, quer seja nos mobiliarios, ou nos tumulos ou nas telas um frio que lembra tragedias, guerras de casas, cutelos ceifando testas coroadas... Por toda a parte ha soberanos em pedra, em bronze, Marechaes e Almirantes perpetuamente recordando epocas e dinastias. Com este caracteristico geral, passeiamos agora pela «Camara dos Comuns e dos «Lords, na ausencia de Suas Excelencias, pelos corredores onde os «Tudors» ostentam suas vestimentas originaes, por esta historica Westminster Hall, enorme nos seus 80 metros de comprido, que cheira ainda a Cromwell, á sua cabeça pelo menos, que aqui permaneceu durante 30 anos espetada num chuço aguçado. E, o que estes guias, velhotes quasi todos, narram mais de crimes de revoltas de lutas, espicaçando o interesse o nome de Byron ou Guy Fawkes, o homem da conspirata da polvora. Brr... é de pôr os cabelos em pé. Quando se sae é com prazer que se olham os «policemen» calmos de «pausinho» na mão, e se foge ao pesadelo dos homens de machados e picos que lá dentro ainda cumprem sentença de morte em nome deste ou aquele rei.

Na «Abadia de Westminster, mesmo em frente é mais agradavel o conjunto. Por fora impressionante a sua arquitectura em estilo inglez premitivo por dentro tocante este longo e infindo cemiteria de gente ilustre. A maior honra para um inglez é vir dormir para Westminster Abey... mas, dormir o ultimo sono. Por isso, como a gente celebre se acotovela já nos salões do outro mundo, os tumulos, os monumentos, as estatuas brancas em marmore, são ás dezenas, lado a lado os reis e os arcebispos, Ruskin e o corso Paoli, os generaes e Tackray principesinhos e pintores, damas d'honour e engenheiros, algumas obras primas e algumas obras de recócó epitafio burguez; interessante o «bas-coté» dos poetas, algumas capelas que é impossivel fixar, tanto galopam os nomes e as lerias que o guia impinge, e a Chapel Henry VII, com um cento de figuras, um arraial de estandartes, fauteuils de carvalho esculpidos, e lá em cima uma aboboda esplendida, nervuras em leque, leve e sumptuosa, mas prodigio de arquitectura.

Vistos estes dois, resta visitar a Tower, no outro extremo de Londres, ao pé da ponte de taboleiro levadiço que tem o seu nome, para conhecer os mais caracteristicos edificios historicos de Londres.

A «Torre de Londres» é, ou antes, foi, uma fortaleza; local cheio de outras tantas recordações sanguinarias, hoje é uma massa cinzenta de paredões e torres onde apesar dos canhões «turcos» que estão atestados, se conquista a praça por 1 shelling. Para á se entrar temos todos, homens e mulheres de deixar malas ou sacos no porteiro, não se vá roubar algum canhão ou armadura. E' o que se encontra nas salas da «White Tower», onde se gela perante aqueles monstros de aço, cavalos blindados e verdadeiros paliteiros de lanças. Por todos os recantos da velha cidadela uma recordação: aqui foi enforcado fulano, ali foi afogado num «tonel» tal duque; sinistras procissões de decapitados, de envenenados, evocam-se na visita á capela a dois passos, onde estão inhumados, a santa Ana Boleyn, a Jane Grey, Morus, Pole, etc., etc., uns 15 sem cabeça; um canto da esplanada, uma lapide no chão, mostrando o logar da decapitação de Jane Grey; a outro lado a torre sangrenta e a «Beauchamp Tower» onde se evocam prisões quasi eternas e vendem postaes ilustrados...

Mas, de todas a mais visitada é a Torre de Wakefield onde se encontram as «Joias da corôa» ou «Regalia», uma brincadeira de alguns triliões de contos. Uma sala escura do torreão, tres guardas á porta, uma outra meia duzia lá dentro, e ao meio da sala numa vitrine de que o publico está afastado por causa... do halito das pedrarias e do ouro, o «tesouro real». A luz que se irradia destas extraordinarias e estupidamente ricas «joias»—corôas, diademas, sceptros, vasos, ampolas, baixelas, insignias—é faiscante, na meia luz do quarto algido da velha torre. E' de tentar uma pessoa a levar tudo até os guardas, de fato vermelho, espadim, sapato e meia; o que vale é que á porta ficam as malinhas de senhora e a segurança do «tesouro» é assim garantida.

Os inglezes amam ainda muito as cortezias, as praxes, os fardamentos vistosos; as cabeleiras brancas encanudadas dos «lords»; o aparato do render da guarda muito parecida ou talvez mais imponente e comica do que a do Palacio Real de Madrid—dos «Horse Guards», todas as manhãs, ás 11; e até o vestuario original dos continuos dos bancos e da bolsa denotam o lado comico destes costumes originaes; o chapeu alto é vulgar nos gentlemen, mas, não ha continuo ou cobrador que não o use,—tornando-os muito distrataveis nas suas casacas castanhas ou calções encarnados!...

Já que estamos no meio comercial—na «City»—visitemos o Banco de Inglaterra, este rez do chão sem janelas... por causa das correntes de ar que podiam fazer mal aos milhões ali acumulados. Imitação do templo de Sybill em Tivoli, recebe luz pelos patios e corredores internos. Ocupando, isolado, um quarteirão inteiro, fere a retina pela sua acachapada grandeza, rigida, deselegante, bruta. Ao lado a «Royal Exchange», com uma colunada corintia e varios grupos no frontão onde figuram negociantes de todas as partes do mundo.

Lá dentro a pavorosa jogatina das 3 ás 4, sob os auspicios de varias estatuas de reis e santos, e pinturas simbolicas sobre o comercio, a liberdade, a educação, etc. Ainda nesta mesma praça, que sendo pequena e tendo tantas ruas a desembocar nela, dando serventia a estes grandes edificios comerciaes, é a mais complicada arteria para se atravessar, temos a «Mansion House»—outro negro casarão de colunas—onde móra o «lord-mayor»; não lhe deixei o meu cartão porque não quiz ter a desilusão dele não me conhecer.

E ahi tem o leitor o grande polo comercial de Londres. Pouco mais tem para ver—tirando os museus—em materia de edificios publicos; perto do Banco, numa rua estreita, ao fundo «Guilhall», que é assim disfarçada por este palavrão a camara municipal: as mesmas salas da madeira escura, panneux e bustos, de Nelson ou Wellington, retratos de Pitt ou sir desconhecido... para nós; um museu anexo com antiguidades, raridades, etc., e que não vale a pena perder tempo com elas.

Londres é, mais uma vez o dizemos, pobre de monumentos; tirando este alvo e impressionante altar em que Edith Cavel na sua bata branca infunde respeito e culto,—uma nota aguda de cantaria no denegrido das casas em volta, só o monumento á rainha Victoria em frente ao palacio real de Buckingan ou o do principe Alberto, original na forma, ornado de poetas, pintores, musicos, escultores de todo o mundo e todas as epocas, em que principe de bronze dourado se alberga da chuva sob um telhado gothico ricamente adornado. O resto são colunas, a de Nelson, no vasto square Trafalgar, o «Monument», uma ou outra estatua que se perde no bulicio e no movimento da cidade. Não é por estas razões que Londres é uma cidade atraente; comtudo é bela, duma beleza viril, mascula, cheia de acção e energia; assim Paris seria a beleza coquette a atracção dos sorrisos e do prazer; Londres o encanto masculino, qualquer coisa de muscular e solido.

Não ha pois, mais que vêr? Engano. Nem em seis mezes se dá volta esta cidade imensa, sempre egual e sempre diversa; os parques, por exemplo cheios de cuidados, onde se encontram todo o dia, velhotes de cesto ás costas e um pau com um espeto na ponta, para apanharem os papeis, bilhetes que estão no chão e removê-los, onde as relvas são apetitosas—salvo seja!—os lagos, as casas de chá, os campos de jogos tratados como coisas indispensaveis á vida ou á saude. Suba no «bus» ou no «tub» até ao «Zoo» no «Regent Park», a ver as colecções de ursos brancos em liberdade, as serpentes, os tigres e os leões, os elefantes e os camelos, lembrarmo-nos de todos os nossos inimigos que por certo com alguns desses bichos se parecem; vá a Kensington Garden, paredes meias como o Hyde Park, vê a legião de mamãs e amas com os «carrinhos» á frente, lendo Dickens e quasi nunca trabalhando; percorra vinte vezes, cem vezes o «Piccadily», onde se debruçam os clubs; o «Regent Street» de estabelecimentos luxuosos; venha até «White-hall», aos ministerios; visite todas as pontes, umas em arcos simples, outras dum trafego colossal, como a «London Bridge»; volte para esta margem por tuneis debaixo do Tamisa, tuneis brancos, iluminados de 10 em 10 metros por lampadas electricas; peça a alguem que lhe mostre o serviço de incendios, as estações de correios das dezenas de distritos, ande quilometros até ás «Docks»—afinal dentro de Londres,—por baixo das quaes passam tuneis e comboios, emquanto outros viadutos cruzam por cima outras linhas e outros «electric trains», e se ao fim deste vertigem de rua, de vida, de shellings, não achar que a civilisação tem aqui uma das mais belas montras, só lhe resta um recurso; atirar-se ao Tamisa.

E mesmo assim lucra, porque o Tamisa é, afinal, onde esta gente passa a maior parte do tempo.

Armando Ferreira.

A questão dos electricos

A vereação municipal voltou hontem a reunir em sessão particular para se ocupar do projecto de acordo com a Companhia Carris de Ferro, quanto ao aumento de tarifas por esta solicitado. O assunto, segundo dizem os jornaes da manhã foi largamente discutido e a vereação tornará a reunir, ainda em sessão particular, antes d'esse acordo ser apresentado em sessão publica.

E' natural que a comissão agora nomeada, assim como as que a antecederam, tenha estudado minuciosa e conscienciosamente as condições em que a Companhia se encontra e se ela não pode viver, como alega, sem que o aumento lhe seja concedido, dada a carestia das materias primas e as enormes despezas de exploração. Da comissão fazem parte pessoas competentes e não é de supôr que elas se pronunciassem em sentido favoravel ao aumento pelo simples prazer de serem agradaveis á Companhia.

Se assim procederam, como parece depreender-se do que mais ou menos já veiu a publico, é porque entenderam que era verdade o que a Companhia afirmava e, porquanto, entenderam dever facilitar-lhe os meios de vida indispensaveis.

O nosso intuito, ao traçar estas linhas, não é, porém, o de discutir esse aumento. O que nos interessa sobretudo é que o caso seja arrumado a tempo e horas, para que não voltemos, como já sucedeu por duas vezes a ver-nos privados d'um meio de transporte indispensavel como é a viação electrica.

Recordamo-nos ainda muito bem do que aconteceu em julho findo e apavora-nos—não temos vergonha de o confessar—a perspectiva de chegarmos ao fim de dezembro e termos novamente de passar longos e interminaveis dias calcurreando essas ruas com grave detrimento dos nossos pés e do calçado, que está pela hora da morte.

E já que falamos nos trabalhos da comissão, acrescentaremos que, a ser verdadeiro que ela se queixe de que não teve a seu lado a imprensa, deve esse facto simples e unicamente á Camara Municipal, porque a imprensa o que reclamava era que se cumprisse o acordo que entre ela e a Companhia havia sido estabelecido e que se puzesse termo a um estado de coisas que a ninguem aproveitava, antes a todos trazia graves prejuizos.

Isso e só isso o que se pedia. E no actual momento os nossos votos são porque se estabeleça um acôrdo insofismavel e que durante o periodo que se convencione tenhamos a certeza de que será cumprido, sem que cheguemos a sobresaltos nem receios de podermos dum a outro momento ficar sem carros eletricos.

Instrução

Escola D. Antonio da Costa

Termina no dia 26 do corrente o praso para entrega de requerimentos ao exame de admissão á Escola Primaria Superior de D. Antonio da Costa, os quaes devem dar entrada na secretaria da Escola, no edificio do Convento de Santos-o-Novo, até ás 15 horas.

VIDA SPORTIVA

As provas automobilistas de "Os Sports"

Relatorio do juri das provas de «Os Sports» efectuadas em 21-11-920

Reunidos os vogaes ex.mos srs. Ernesto Zenoglio, José Rodrigues Estevão, Pedro José de Moura, Luiz Tuñnon e Constantino Mouton Osorio na ausencia dos restantes que por motivos ponderosos não puderam comparecer, e verificando que os presentes constituiam a maioria, procedeu-se ao exame escrupuloso de todos os documentos que constituiam as provas da partida, chegada, contrôles conhecidos e secretos, pesagem e consumo de gazolina, o que tudo consta dos mapas juntos que vão por todos assinados. Conforme os regulamentos foram classificados na 1.ª categoria de automoveis em 1.º logar o n.º 6 da marca «Citroën», 10 H. P. condutor Xavier de Almeida, que gastou no percurso 56',30", consumindo 4 litros e meio de gazolina no percurso de 44 k. 500 metros.

2.º n.º 7—«Citroën» 10 H. P., conduzido por Jesuino Salles Valente, gastando 57' e consumindo 4 litros 1 d.

3.º n.º 9—«Doby» 8 H. P. conduzido por D. Mauricio Delmau, gastando 1 h. 19' 34".

4.º n.º 5—«La Licorne» 10 H. P. conduzido por Mario Pereira, gastando 2. h. 4' 38"

Na 2.ª categoria o unico concorrente n.º 3 «Overland», 20 H. P. conduzido por Manuel Leitão, gastando 1 h. 20' 16' 4|5 e consumindo 6 litros 4 d. em 44, k. 500.

Na 3.ª categoria não houve concorrentes.

Na 4.ª categoria classificou-se em 1.º logar «Studebaker» 39 H. P., conduzido por Antonio Fereira, gastando 46' 15" e consumindo 12 l tros 5 d. em 44 k. 5.

2.º n.º 8 «Studebaker» 39 H. P., conduzido por Antonio Feliciano d'Almeida, gastando 1. h. 32' 30".

Na 5. categoria n.º 1 «Spa» 82 H. P., conduzido por Joaquim Martins, gastando 2 h. 51' 30".

Na prova de camions na 1.ª e 2.ª categoria não houve concorrentes; na 3.ª categoria foi classificado o unico concorrente «Arbenz» carregado com 2.005 kilos consumindo 11 l. num percurso de 44 k,500, conduzido por Vasco Jardim.

Na 4.ª categoria 1.º «Arbenz» carregado com 4 245 kilos, consumindo 13.5 em 44 k.500, condutor José Francisco Serra Junior.

2.º «Fiat» carregado com 3.605 kilos, consumindo 16 1.45 em 44 k 500. condutor Joaquim Miranda.

3.º «Mack» carregado com 3.435 kilos, cousumindo 24 1.2 em 44 k,50, condutor, Cornelio Silvano Lima.

Desempenhado o juri da missão para que foi convidado, resta louvar a iniciativa do jornal «Os Sports» e em especial A. de Campos Junior que com inumeras dificuldades conseguiu levar estas provas a efeito, sem que tenha havido incidente de maior a lamentar, não devendo desistir de proseguir no seu intento de fomentar o desporto nacional.

Lisboa, 22 de novembro de 1920.

O presidente do juri, *José Lino Junior*
Ernesto Zenoglio
J. R. Estevão
Luiz Tunnon
Contantino M. Osório

Um «team» inglez no Tejo

De passagem pelo nosso porto encontra-se entre nós um *team* inglez de Liverpool.

Foi convidado pelo Bemfica a realisar com ele um *friendly-match*. Sabemos que o Casa Pia trabalha para se defrontar com ele depois d'amanhã.

Estes encontros realisam-se em Palhavã, o que vem tornar mais interessante as tardes de foot-ball que o Casa-Pia nos vae proporcionar, com a iniciativa de se convidar o compeão do Porto.

No sabado jogará o Bemfica contra o F. C. Porto e, possivelmente, o Casa Pia com o *team* inglez.

No domingo o Bemfica joga com o *team* inglez e o Casa-Pia com o Porto. Os desafios começam ás 13 e 30.

Desafios de foot-ball
Jogadores do Porto contra jogadores de Lisboa

No campo de Palhavã, um dos mais vastos e acessiveis da capital, efectuam-se nas tardes proximas de sabado e domingo do's desafios de «foot-ball» de maior interesse.

O Foot-ball Club do Porto, campeão do norte, defrontar-se-ha na primeira tarde com o Sport Lisboa e Bemfica, campeão do sul, e que procurará a desforra da derrota que na epoca passada o grupo portuense lhe inflingiu; na segunda tarde os adversarios do club do Porto serão os bem combinados, energicos e excelentes jogadores do Casa Pia Atletico Club, club novo mas já de nome bem marcado pelas suas brilhantes vitorias entre as quaes o triunfo definitivo no torneio da «Taça Associação».

Na epoca passada, o club do Porto conseguiu ainda vitorias s bre os Belenenses, o Sporting e o Imperio. Os fortes jogadores portuenses chegam hoje a Lisboa.

O 1.º concerto Blanch

E' um assombro e dos mais notaveis e artisticos o admiravel programa do 1.º concerto da *Orquestra Sinfonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa no proximo domingo no Teatro São Luiz que nessa tarde revive as gloriosas tradições de elegancia que são as dos concertos Blanch. Executam-se em 1.ª audição o celebre *Scherzo*, de Glinka, o mais notavel compositor russo, a famosa *Sinfonia Patetica*, de Tschaikewszky, a bela ouverture descritiva *Sakuntala*, de Goldmarck, a extraordinaria *Suite* de Bach com o *Preludio*, o *Loval* e a *Fuga*, a encantadora *Dora bella*, do celebre compositor inglez Elgar, a brilhante ouverture dos *Maestros Cantores*, de Wagner, e outras obras dos mais notaveis compositores classicos e modernos.

Com tal programa será uma tarde de memoravel entusiasmo.

Quem alvitra? Quem reclama?

Ao sr. administrador dos correios

No Porto, por motivo do falecimento do sogro do sr. Alberto Nunes dos Reis, chefe da estação do Rocio, uma sua cunhada, comunicando-lhe essa triste noticia, mandou expedir da estação central d'aquela cidade, um telegrama, ás 4 horas e um quarto do dia 21.

E sabe o sr. administrador dos correios quando o destinatario recebeu o telegrama?

Hontem 24, ás 13 horas. Levou portanto, 81 horas a percorrer a distancia do Porto a Lisboa.

Para estes factos e outros que se estão dando nos serviços telegraficos chamamos a atenção ao sr. Antonio Maria da Silva.

MUSICA

Sociedade de Concertos de Lisboa

Realisam-se depois d'amanhã e na segunda-feira o 3.º e 4.º concertos da presente epoca, promovidos por esta Sociedade. N'eles se apresentam o pianista Lazare Levy, professor do Conservatorio de Paris, e o violinista Henry Wagemans, solista dos grandes concertos de Monte-Carlo. O programa do concerto de sabado é o seguinte:

Sonata para piano e violino, de Lekeu; Aria de Bach, Chaconne de Leclair, Capricho Viennense de Kreisler, Introduction et Rondó Capriccioso de Saint-Saëns, para violino: Variações sobre um tema cromatico de Bach e Fantasia quasi sonata, «Aprés une lecture du Dante» de Liszt, para piano: Sonata em dó menor para piano e violino, de Beethoven.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

5483—20.000$00
7872—2.000$00
3139—1.000$00

5456—500$00	4155—200$00
198—200$00	4454—200$00
923—200$00	5260—200$00
1681—200$00	7836—200$00
2460—200$00	8089—200$00
4106—200$00	

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Revista de Turismo.—Está publicado o numaro 101 d'esta revista, correspondente ao mez corrente, de que é redactor principal o sr. Guerra Maio.

Instituto de Missões Coloniaes.—Saiu o numaro 4 do Boletim das Missões Civilisadoras, superiormente dirigido pelo sr. Abilio Marçal. Entre os artigos que insere, a destacar o intitulado «Um plano missionario».

A mulher em sua casa.—Da casa editora Henrique Torres rua de S. Bento, 279, recebemos os numeros 17 e 18 d'esta revista mensal literaria e scientifica que contem variada e interessante colaboração, alem de conselhos uteis a todas as donas de casa.

Cozinha moderna. — Tambem da mesma casa recebemos os numeros 30 e 31 d'este guia-chamemes-lhes assim em que veem compendiados centenas de receitas para bem se cozinhar.

A Semana!—E' o titulo d'um novo headombdario humoristico, literario, teatral, etc., de que é director o sr. Carlos Correia Pinto da Silva. Apresenta-se bem.

Ao nosso colega desejamos longa e prospera vida.

A B C.—Mais um numero, o de hoje, d'esta magnifica *magazine*, cuja reputação não precisa de reclames, pois bastam a sua colaboração escolhida e as gravuras que apresenta para o imporem.

ULTIMA HORA

POLITICA

Eram 6 horas da manhã, pouco mais ou menos, quando a sessão na Camara dos Deputados teve de ser suspensa, devido a tumultos. Os jornaes da manhã referem-se já aos casos passados naquela casa do parlamento onde, depois das 3 horas foi aprovada a proposta do sr. ministro das finanças sobre o aumento da circulação fiduciaria. Depois prosseguiu o debate politico sobre a declaração ministerial, debate que por vezes decorreu agitado, até que a desordem se generalisou havendo conflitos pessoaes, «corps-á-corps» entre deputados e intervindo as galerias com gritos varios á mistura, com morras e vivas ao governo.

As galerias turbulentas tiveram de ser evacuadas pela força, havendo a registar o facto até hoje inedito de alguns espectadores atirarem sobre os deputados moedas de cobre e niquel...

Mas a confusão que se notou durante a sessão e que motivou a sua suspensão generalisou-se depois na sala dos Passos Perdidos, onde varios conflitos se esboçaram com mais ou menos violencia.

Por fim o temporal amainou e veiu a bonança, representada pelas desculpas da praxe que os deputados foram dar á presidencia.

Pelo decorrer da agitada sessão, ficaram mais uma vez confirmadas as nossas profecias: a apresentação de uma moção de desconfiança ao governo. Essa moção foi apresentada não pelo deputado independente sr. Malheiro Reimão, como se esperava, mas sim pelo seu colega sr. João Camoezas, que, como sub-leader dos democraticos, entendeu ser aquela a altura propria para a apresentar.

E entendeu ser esse o momento azado, porque então já haviam chegado a acordo liberaes-democraticos e independentes agrupados, sobre a organisação do novo governo que deverá substituir o actual.

Um ponto, porém, ficou hontem á noite por resolver e foi o da presidencia do novo gabinete que, segundo o acordo, caberá a um marechal do partido liberal. O sr. Barros Queiroz, cujo nome foi escolhido, não aceitou o encargo.

Falou-se nos srs. drs. Fernandes Costa ou Egas Moniz, mas nenhum deles será o escolhido.

As nossas informações dizem-nos, porem, que ainda se não perdeu de todo a esperança de se organisar um governo de concentração republicana.

Algumas *démarches* se teem já efectuado nesse sentido, estando o chefe do Estado muito empenhado em que tenha viabilidade um tal gabinete.

Mais sabemos que varias individualidade teem sido já consultadas por Sua Ex.ª, tendo sido tomado, por essas personalidades, o compromisso formal de nada divulgarem para não fracassarem os trabalhos iniciados.

E' portanto, prematuro tudo quanto se diga sobre a organisação do futuro ministerio.

* * *

Parece não restar a menor duvida de que o governo Alvaro de Castro abandonará hoje as cadeiras do poder.

A maioria parlamentar deve votar a moção de desconfiança do sr. João Camoezas, de nada valendo ao actual gabinete outra moção, que contrariando a primeira, foi hoje apresentada pelo deputado Sr. Mem Verdial o qual, estando filiado no P. R. P., vae, pela sua rebeldia, ser irradiado na primeira reunião do directorio do seu partido.

Na esperança de mais um espectaculo sensacional, as galerias, como já tem sucedido nos ultimos dias, encheram-se á cunha. Para reprimir excessos, identicos aos desta madrugada, foram distribuidos pelas galerias muitos agentes da autoridade e, como tivesse constado que estavam preparadas manifestações, compareceram tambem na Camara dos Deputados muitos agentes da policia de Segurança do Estado, tendo tambem ali permanecido o major sr. Marreiros, director da referida policia que esteve conferenciando com o tenete coronel Sr. Liberato Pinto, Chefe da G. N. R.

A Guarda Republicana recebeu tambem ordem de prevenção rigorosissima ás 16 horas.

A's 18,30 terminou o debate politico.

O presidente comunicou que o senado elaborou um projecto de lei para substituir a proposta do sr. ministro das finanças.

A seguir procede-se á votação da moção de desconfiança do sr. João Camoezas. Votação nominal. O governo sae da sala.

Das oposições estão presentes 75 deputados e do governo 33. Teem, portanto, as oposições uma maioria de 42 votos.

Aprovaram a moção 58 deputados, regeitaram 33 e abstiveram-se 17. O governo está, portanto, demissionario. O socego é completo.

Carreira dos Açores

O vapor «Funchal» da Empresa Insulana de Navegação, é esperado em 2 de dezembro proximo de regresso das ilhas adjacentes.

Navalhas deitadas ao Tejo

Hontem, á noite, como os jornaes da manhã noticiaram, foi feita na cidade uma grande rusga, sendo aprendidas navalhas, canivetes e tesouras, que hoje de manhã foram metidas n'um saco e levadas pelo chefe Nazareth, que as foi lançar no meio do rio.

Ultimamente todas as que teem sido apreendidos teem tido o mesmo destino, mas, apezar disso, não ha forma de se acabar com elas de vez

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A's 15,15 reabriu a sessão, sob a presidencia do sr. Abilio Marçal, para continuar o debate politico interrompido de madrugada pelo violento incidente Manuel Alegre—Dias da Silva.

Galerias completamente cheias.

O sr. ministro das finanças diz que as suas palavras de hontem não foram proferidas ao acaso, acrescentando que sejam quaes forem as tempestades que se levantam a seu respeito nada mais dirá depois das declarações que passa a fazer. O governo ficará impossibilitado de governar dentro da lei emquanto o Parlamento não se pronunciar sobre um documento em que o Banco de Portugal pede a legalisação da circulação fiduciaria.

Sendo certo que o poder executivo não pode resolver sobre autorisações alvitra que a camara peça ao senado que hoje mesmo discuta a proposta hontem votada.

O sr. José Barbosa lembra que o governo pode tomar a iniciativa de enviar ao senado uma mensagem nesse sentido dizendo ainda que sobre o assunto se póde abrir inscrição especial.

O sr. presidente observa que não pode alterar a ordem do dia.

O ministro das finanças deixa a responsabilidade do caso á camara.

O sr. presidente insiste na sua atitude, que reputa a unica legal.

O sr. José Barbosa requer dispensa da ultima redacção da proposta.

Aprova-se, depois do sr. Eduardo de Souza anunciar que a ultima redacção se está fazendo.

O sr. Alberto Jordão entende que se devem dirimir responsabilidades sobre a situação do paiz e, por consequencia, considera assombroso e fantastico o que se está passando na politica portugueza.

Somos obrigados a contestar pela evidencia dos factos que dentro da Republica ha energias e inteligencias que convem aproveitar e algumas das quais se encontram no actual gabinete. Elogiando a capacidade administrativa e o espirito republicano desses elementos, produz um longo discurso, muito apoiado pelos seus correligionarios, reconstituintes, e populares.

O sr. Ladislau Batalha, lastima o espectaculo que se lhe está deparando e, a seu vêr, é incorrecto sem grandeza de especie alguma. O que se passou na sessão nocturna encheu-o de magua e oferece o Parlamento á critica pouco edificante. Lastima taes factos, que afectam os interesses do paiz.

Põe em destaque a personalidade politica do sr. Alvaro de Castro, e faz encomiasticas referencias a diversos ministros, censurando serenamente a instabilidade governamental, terminando por fazer votos para que o Parlamento envrede por caminho mais digno e alevantado.

O sr. Mem Verdial, convencido de que interpreta os sentimentos populares, exteriorisa a sua confiança ao governo. Defendendo este seu criterio, diverso ao partido democratico, a que pertence, diz não conhecer o papa negro que excomungou e pergunta se estão ali os vendilhões do templo para escorraçar o cristo. Invocando a memoria dos que perderam a vida pela Republica, diz que esses mortos deveriam ser chamados á realidade da vida para com os seus ideaes, em decadencia, imprimirem fé na defeza dos principios republicanos.

Manda, por fim, para a mesa a seguinte moção:

«A camara dos deputados, atendendo a que o governo foi organisado de acordo com o preceituado no artigo 53.º da Constituição, e, considerando que em atenção á gravidade do momento actual, deve aguardar a obra economica e financeira do referido governo, passa á ordem do dia.»

Depois de falarem os sr. Augusto Dias da Silva e Bartolomeu Severino e por ultimo o sr. João Camoezas, não havendo mais ninguem inscripto o sr. presisente diz que vae proceder-se ás votações.

Sobre o modo de votar, o sr. Alvaro de Castro declara que o governo apenas aceita a moção do sr. Mem Verdial, rejeitando a do sr. João Camoezas por inconstuticional.

Faz largas considerações afirmando que o governo ficará com a sua consciencia tranquila qualquer que seja o resultado da solução.

No Senado

Preside o sr Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Dias Pereira, A' chamada respondem 27 senadores. Ata aprovada e expediente ao seu destino.

O sr. Julio Ribeiro ocupa-se largamente da escassez especulação do carvão, dizendo que na Boa-Hora existem duas acções de despejo por virtude de inquilinos queimarem as portas das janelas onde residiam. Não se pode continuar assim — termina — á merce de incompetentes e especuladores.

Na ordem do dia aprovam-se, sem discussão os projectos concedendo á camara municipal de Chaves o antigo forte de S. Neutel, a egreja, o antigo convento da Conceição, e os restos da respectiva cerca para melhoramentos da vila, e reintegrando no activo, no posto que tinha, o 1.º sargento Manoel Anacleto Pereira, do regimento de infantaria de resesva n.º 4.

O projecto legislando sobre partilhas de predios urbanos, foi retirado da discussão

NOTICIAS DA CAPITAL

O «alcance» na farmacia Barreto.—Como em tempos se noticiou, o então administrador da farmacia Barreto, da rua do Loreto, sr. Alberto Maria de Magalhães foi acusado pelo falecido proprietario desse estabelecimento de ter ali praticado um importante desfalque. Pois os autos foram mandados agora arquivar por não se haver apurado elemento algum para a pronuncia e por se haver provado que o arguido era incapaz de ter praticado o crime, antes dos autos apenas constam provas da honestidade do arguido.

A série diaria. — Foram presos: Alfredo Americo Ferreira, rua do Sol ao Rato, 197, e Artur Ferreira, rua dos Corvos, 3, 2.º, que foram apanhados em flagrante n'um carro electrico quando tentavam furtar carteiras aos passageiros; Adelaide Tavares, de Arganil, que estando a servir em casa de D. Mariana da Conceição, rua Sebastião Saraiva Lima, A. J. 1, ali furtou uma letra do valor de 600 escudos e a quantia de 200 escudos; José Francisco Machado, rua do Gremio Luzitano, 12, que estando como servente na repartição de Propriedade Industrial, subtraiu varios impressos, boletins, exemplares do «Diario do Governo».

—Alfredo José Fernandes, rua do Campo Grande, 96, queixou-se á policia de que a noite passado, na estrada de Telheiras de Baixo, foi assaltado por um grupo de individuos entre os quaes um conhecido pelo «Gazola», os quaes o agrediram e pretenderam roubal-o, o que não conseguiram, por ter gritado por socorro.

Os que se suicidam.—Manuel Barbosa, morador na rua do Telhal, 7, ao Poço do Bispo, suicidou-se por meio de enforcamento na sua residencia, sendo o cadaver removido para a Morgue.

Joaquim Manuel Arlindo da Costa Lamego, rua dos Anjos, 54, 2.º deu um tiro de revolver na cabeça.

Sendo conduzido ao hospital de S. José, quando ali chegou era cadaver, pelo que foi removido para a Morgue.

Captura d'um evadido. — Antonio José, sem residencia, foi preso por se tornar suspeito de se ter evadido de qualquer cadeia, em consequencia de trazer vestido um fardamento dos que usam os presos do forte de Monsanto.

POEIRA DA ARCADA

Cumprimentos

A oficialidade da marinha foi hoje cumprimentar o sr. ministro da marinha. Falou o sr. almirante Augusto Newparth que pronunciou, um discursa de saudação ao qual respondeu o sr. Julio Martins, agradecendo.

Ajuda do custo aos sargentos.

O deputado sr. Afonso de Macedo conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio e ministro interino da guerra, sobre a ajuda de custo aos sargentos do exercito que, tendo sido já votada no Parlamento, ainda não foi cumprida pela repartição administrativa da guerra.

Conferencia

O governador civil de Evora conferenciou hoje com o sr. ministro da instrução.

Conselho superior de higiene

O conselho superior de higiene relevou o capitão do vapor holandez *Ganimedes*, do pagamento da multa imposta pela estação de saude de Lisboa, por não ter apresentado, no acto da visita, carta de saude de Bordeus. Ao mesmo conselho foi presente o boletim de sanidade interna, da semana finda em 20 co corrente, durante a qual se manifestaram em Lisboa 11 casos de diteteria, 2 de febre tifoide, 1 de meningite e 1 de variola.

Educação fisica

O sr. Eduardo Napoleão Soares de Moura e Castro foi nomeado professor provisorio de educação fisica do liceu da Povoa do Varzim.

NA AMERICA

Os perigos da politica de isolamento

O sentimento da participação da America numa qualquer sociedade das nações, como por exemplo aquela que tem os seus representantes actualmente reunidos em Genebra, é tanto uma questão de politica interna americana com estrangeira, e generalisa-se cada vez mais em Washington.

As questões politicas isoladas, assim como a da queda de Venizelos, não inspiram grande interesse, mas ha numerosos indicios de que se sente, nos centros politicos, que a America compreende bem que não pode viver isolada.

Aqueles que ainda hontem eram os mais firmes partidarios do completo isolamento, mostram-se já menos inflexiveis. Por toda a porte os banqueiros declaram ser preciso que a America se recorde de que a Europa lhe deve quantias importantes e que, em virtude da maior parte da moeda do ouro estar na posse dos Estados Unidos, a Europa deve liquidar as suas dividas nesse paiz, enviando para lá mercadorias ou instigando os americanos a colocarem o seu ninheiro em companhias europeias.

Serviço telegrafico da tarde

Afonso XIII na America

SANTIAGO, 24.—O ministro de Hespanha declarou que é provavel que Afonso XIII visite a America em meados de 1921.—(*Americana*).

Cotação do café e cambial

RIO DE JANEIRO, 24.—Cotação do café, 11$000; combio sobre Londres, 11 1|16 e 11 3|16; valor do escudo portuguez. 840 réis.—(*Americana*).

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor»
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3708 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 26 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 | Preço, 5 centavos

Incoerencias

O sr. Alvaro de Castro disse hontem, na camara, e um antigo orgão do partido democratico desenvolveu hoje em artigo de fundo, que o que se passou na camara dos deputados fôra o espectaculo do numero vencendo a inteligencia, da arithmetica mais forte do que as «élites», outorgando-se assim a si proprio o governo que acaba de cair os privilegios d'uma intelectualidade sublimada, os foros d'um escol de espiritos desdenhosos e superiores ao vulgo.

Simplesmente, esse vulgo é a soberania nacional, esse vulgo é o paiz, esse vulgo é a democracia, esse vulgo é a Republica.

No funesto desvario de quem vê liquidar tristemente uma tentativa que a mais simples parcela de visão politica apontaria como um bêco sem saida, chega-se assim a renegar dos principios em que toda a consciencia republicana deve haurir a sua fé e a sua resistencia!

Porventura, esses jornaes que só querem fazer triunfar as suas paixões, esses estadistas que pensam em fazer vingar os seus caprichos, ignoram que as democracias são realmente o regimen do maior numero? Ignoram que nelas é o povo que decide, e que o povo é sempre o maior numero, sendo nas grandes massas nacionaes que todo o direito se encerra e a suprema, a autentica consciencia da patria se revela?

As «élites» governam nas democracias; nas governam só depois de conquistar a confiança da nação, e nos sistemas representativos a confiança da nação exprime-se pelo voto do parlamento.

Ignoram isto os orgãos que se fizeram em nome da democracia, os homens publicos que a opinião elevou a uma situação de destaque, porque os supôz absolutamente conscios dos principios que lhe eram caros? Mas n'esse caso poder-se-ia concluir que fazem democracia por palpite, que conhecem apenas a Republica como uma taboleta diversa da que designa os principios da monarquia.

Poderá dizer-se que os parlamentos por vezes não representam absolutamente o sentimento e a vontade da nação. Para se obviar a essa eventualidade é que se introduziu no estatuto fundamental da Republica Portugueza a faculdade da dissolução. Emquanto, porém o parlamento não é dissolvido por quem de direito as resoluções d'esse parlamento teem de ser respeitadas, e afrontal-o é afrontar a propria Republica.

E pode n'esta ocasião ser dissolvido o parlamento? Não póde, e não póde pela opinião terminantemente expressa do orgão na imprensa do partido reconstituinte, de que é chefe o sr. Alvaro de Castro, presidente do ministerio hontem derrubado por uma votação parlamentar.

Eis o que dizia, em artigo de fundo, a «Vitoria», no dia 19 do corrente, quer dizer ainda não ha oito dias:

«Até á hora a que escrevemos este artigo não está constituido o novo governo. Uma coisa ha, porém, certa: é que será um governo de concentração. As condições da nossa vida parlamentar não consentem outro e não nos parece que seja esta a ocasião oportuna nem de solicitar nem de conceder a dissolução. Os partidos devem ter a noção dos efeitos publicos e constitucionaes d'uma tal medida para que ousem pedil-a n'este momento. E de facto, sem que esteja devidamente regularisada a vida administrativa do paiz pela aprovação dos orçamentos, a dissolução é impossivel, porque, a dar-se, não mais se poderia praticar o mais simples acto de administração sem lançar mão de recursos dictatoriaes que não teriam a aprovação de nenhum republicano, cioso dos principios e da lei».

A que leva o despeito de certas decepções, correspondendo a esperanças que não podiam deixar de ser ilusorias porque estavam inteiramente fóra das realidades! Leva á contradição, leva á incoherencia, leva ao absurdo. Já hoje a dissolução se impõe, embora não esteja regularisada a vida administrativa do paiz, ao mesmo tempo que se apela para uma supremacia arbitraria dentro duma democracia, pondo-se a inteligencia do individuo acima da soberania nacional. Mas então com que direito teriam derrubado a monarquia, que se podia afirmar, com melhor autoridade, porque os seus principios lho consentiam, uma «élite» real e verdadeira! E com que direito se teria combatido Sidonio Paes, que tambem afirmava representar uma «élite», embora este reivindicasse ao mesmo tempo a força do numero! Este sentimento das «élites» estaria bem ao sr. Julio Dantas que hontem, como diz um jornal, se retirou visivelmente incomodado do parlamento, porque a arte não está sujeita senão ás inspirações do talento. Mas na politica duma Republica, que formidavel contra senso!

E' assim que se serve a Republica, que se defende a democracia, que são o nosso ideal e a nossa propria base, torcendo-as ao sabor das paixões de momento?

A "toilette" dos nossos homens de letras

Maria Fernanda de Quadros, uma encantadora rapariga de vinte e trez anos que escreve com a mesma deliciosa elegancia com que põe as suas joias ao espelho enche de flores todas as manhãs o seu «boudoir» — falou-nos hontem, no «Seculo» da noite dos nossos homens de letras.

Mas não suponham duas colunas de critica erudita e grave como um onego velho de Toledo. Não. Não foi M.me de Staël; foi quando muito Colette Willy.

Não a impressionou senão ao deleve a literatura deles; preocupou-a sobretudo a sua «toilette»: os nossos homens de letras elegantes. Evidentemente o nó duma gravata, ou a simples cór da luva, o corte do «frack» ou os botões do colete — não são por si só suficientes para poder reconstituir, com a sagacidade meticulosa dum Cuviera da psicologia masculina, o caracter, o sentimento, a ternura, a graça do homem que escreve. Mas são poderosos elementos. Pois não é verdade que Buffon — que era incapaz de escrever sem ter posto os seus punhos de renda — disse uma vez: «Le style c'est l'homme». Mas indiscutivelmente a toilette define — porque na literatura, como na politica, como na arte, como na vida, tudo é uma questão de guarda-roupa. A historia é um estudo de indumentaria. Os historiadores quasi que são «costumiers».

Imaginem v. ex.ª a que ficaria reduzido, por exemplo, o prestigio de Garrett — se não fossem a sua casaca de veludo e o seu colete bordado a perolas? Não ignoram, decerto, que uma grande parte da gloria de Herculano vem-lhe do terragoulo de saragoça e dos sapatões rudes de maltez? Lembram-se de Eça de Queiroz, da sua sobrecasaca preta, cingida ao corpo como uma batina? O que havia de comum entre ela e a prosa franciscana, sintilante, admiravel da «Reliquia»? O talbo ironico, sem duvida. E Ramalho, aqueles grandes «pannamás» de aba larga, aqueles «completos» inglezes, aquelas botas de duas solas que deram a volta á Europa — pois não é assim, não se harmonisam á maravilha com a sua literatura? Marcelino — ainda o estou a ver — aquele Marcelino impetuoso, fidalgo, ribatejano, uma especie de Marialva vestido por Pantoja de la Cruz, e que eu conheci uma tarde á porta da Havaneza seguindo as mulheres bonitas!

Aquelas capas á espanhola, aquela distinção «pannache» que se revelava no mais simples promenor do seu guarda-vestidos jogava na perfeição com os seus tipos literarios — o «Miguel» dos Peraltas, o «Conde Avranches» do Regento. E hoje? Julio Dantas? Ainda se lembram do tempo em que o autor da «Ceia dos Cardeaes» vestia todo de preto como Saramuco — ciosa elegante e «blazé»!

E Forjaz de Sampaio? Uma capa negra feita de trez folhos, muito menos irreverente, afinal, de que toda a gente julga e do que ele mesmo pensa. Foi embrulhado naquela capa negra como uma sombra que ele escreveu as «Palavras Cinicas». Conhecem os livros de Alfredo Pimenta? As suas ideas calçam pelas suas luvas da camurça branca. Maria Fernanda tem razão. Daria um estudo interessantissimo a «toilette» dos novos escritores. Esse estudo, porém, compete ás mulheres — e não serei eu tão formidavelmente indiscreto que ponha o meu monoculo, que esboce um sorriso, e que passo uma tarde, na «Portugal-Brazil», a ver chegar a «estirpe de Jupiter».

E muito boas noites, meus senhores.

Luiz d'Oliveira Guimarães

Segredos a toda a gente

Nota politica

O ministerio está em crise. Crise não apenas de hontem: crise desde a primeira hora. Quem o derrubou não foi uma moção de desconfiança: foi a formula contradiloria e inverosimil que presidiu á sua formação. Não foram os democraticos, não foram os liberaes, não foram os socialistas — foram as circunstancias. Quem lhe suceder? Não sei. A politica portugueza é uma verdadeira bolte á surprises. Ressente-se de todos os defeitos que caracterizam simultaneamente a nossa falta de educação moral e a nossa volubilidade de meridionaes. Entretanto é necessario que o governo se forme no menos tempo possivel — e todos nós não podemos deixar de fazer votos para que o novo ministerio nos dê pelo menos durante um momento a certeza de que vive cinco minutos...

Chuva

Choveu hoje todo o dia — e chuva — Deus lhe perdôe — é muito impertinente. A chuva, lembra-me, não sei porquê uma mulher velha que espirra — para a nossa cara. E as mulheres velhas são tão feias! Mas porque chove? Ah! Lembrei-me agora. Naturalmente para ser agradavel ao guarda-sol do senhor Teofilo Braga.

Luis d'Oliveira Guimarães

A eleição do juri comercial

Sr. director d'«A Capital» — Realisou-se hontem no Tribunal do Comercio de Lisboa a eleição dos jurados comerciaes para as duas varas comerciaes a servirem no proximo ano.

Como de costume o acto quasi se não poderia realizar por falta dos votantes tal é o desprezo que as classes que se dizem vivas do paiz so desinteressaram sempre por actos tão solenes como este e que mais lhe dizem respeito.

Os secretarios do Tribunal habituados a este procedimento tinham resolvido formar uma lista de pessoas idoneas entre as varias classes comercial e industrial, para assim os jurís terem de futuro representantes especialisados dos varios ramos de negocio, porém a Associação Comercial de Lisboa apresentou ao acto uma lista confeccionada exclusivamente por ela e crê-se mesmo que sem acôrdo da Associação dos Lojistas e da Industrial de Lisboa e cujos impressos ali mandou entregar por um empregado.

Os votantes reunidos foram 15 e quasi na maioria compareceram por sua espontanea vontade e convencidos dos deveres que lhes competia em tal solenidade.

Em face das duas listas, e pelo desprezo que ao acto as trez Associações demonstraram, pois que nem sequer um unico director das mesmas compareceu, resolveram os votantes preferir a lista apresentada pelo Tribunal do Comercio, desprezando assim as indicações da Associação Comercial.

Como fica dito apenas votaram os 16 comerciantes presentes e depois do escrutinio um d'eles, em nome de todos, o sr. J. Rodrigues Simões, comerciante da rua Augusta, mandou lavrar na acta um protesto censurando que as forças vivas da Nação representadas pelas 3 Associações se não dignassem comparecer ao mais solene acto das suas classes e que mais lhes dizem respeito.

Os comentarios continuaram de grande censura ás direcções d'aquelas 3 collectividades, mas muito principalmente á Associação Comercial que nem sequer se fez representar por um unico director.

Agradecendo a publicação, sou de v. etc. — *J. S.*

O final do discurso do sr. Alvaro de Castro

O extracto parlamentar do «Seculo» de hoje, refere assim o que se passou na camara dos deputados apoz a votação da moção de desconfiança ao governo:

«O sr. presidente do ministerio, depois de se ter feito um grande silencio, diz que a resolução da camara lhe causou a mais extraordinaria extranheza, por implicar a afirmação de que o parlamento não hesita em preferir governos que vivem ilegalmente, repudiando aqueles que desejam agir dentro da lei. Sobre o resultado do debate, vae informar o chefe do Estado e, como presidente do ministerio demissionario, dirá que as democracias se significam discutindo principios e não derrubando ministerios. No combate entre a força do numero e a força da inteligencia, venceu a primeira; no combate entre a legalidade e a imoralidade, venceu esta».

Infere-se d'aqui que para o parlamento portuguez, valem mais os conluios dos corredores do que as competencias.

(Manifestações a favor e contra, abandonando a sala os democraticos).

Mas não é só individual e partidario o seu protesto. Pela sua garganta falam todos os republicanos, insurgindo-se contra o que acaba de fazer-se.

O parlamento — acrescenta — lavrou a sua propria condenação».

Vê-se que o sr. Alvaro de Castro havia perdido as estribeiras.

Então o parlamento lavrou a sua propria condenação, repelindo um governo composto de retalhos discordantes dos partidos sem maior numero representados? Nunca o parlamento procedeu tão correcta e coerentemente e nós somos insuspeitos nesta afirmação, porque, livres de ligações partidarias e prestando sómente culto á verdade, já por vezes o temos aqui apreciado desfavoravelmente.

«As democracias significam-se discutindo principios e não derrubando ministerios...» Sim, sem duvida, Mas ali discutia-se o ministerio que se apresentava ao parlamento o qual não representava principio alguns mas sómente ambições, que, por sinal, tinham sido tão poderosas e tão mal refreadas que se manifestaram em ruidoso abandono dos seus partidos julgados meios pouco propicios á sua satisfação.

«No combate entre a força do numero e a da inteligencia venceu a primeira; no combate entre a legalidade e a imoralidade venceu esta».

Que confusão faz o sr. Alvaro de Castro. Nas democracias, nas tais que se significam discutindo principios, é o numero que prevalece.

Nas democracias não ha *élites* intelectuais a mandar, tem o numero. As *élites*, se quiserem mandar, teem que conquistar o numero.

Foi o que o sr. Alvaro de Castro não soube fazer.

Mas no caso sujeito não houve victoria do numero sobre a inteligencia. Venceu o numero, apoiando a inteligencia, contra o desnorteamento.

Venceu a ponderação que salvaguarda os interesses publicos contra o proposito do sr. Cunha Leal, de lançar, do alto da sua cadeira de ministro das finanças, o panico em todas as classes, sem nenhuma consideração por aqueles interesses.

Entre a legalidade e a imoralidade não venceu esta. Nem todas as faltas de legalidade são imoralidades. Casos ha em que são valiosos serviços prestados ao paiz. E assim é o caso a que o sr. Alvaro de Castro se queria referir.

A portaria surda, nem ela podia deixar de o ser, do sr. Antonio Maria da Silva, foi um revelantissimo serviço que aquele homem de Estado prestou ao paiz.

Por essa portaria evitou-se naquele angustioso momento a falencia, a bancarrota que as imprudentes declarações do sr. Cunha Leal poderiam ter provocado.

Abençoada imoralidade que nos poupou a falencia e maldita legalidade que poderia trazer-nos a bancarrota.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XXI — O «Tamisa»... por dentro

Este rio cinzento reflectindo o cinzento do ceu e o cinzento das casas, que corre sob as pontes cinzentas e junto aos Embankments cinzentos, é a alguns quilometros daqui, uma tacha esverdeada de agua limpida, sulcando um parque perpetuo, muito verde, atapetado, humido, que constitue os campos em volta de Londres. Em lado contrario ao da foz encontram-se os centros bucolicos e encantadores para onde os comoditas dos senhores inglezes veem passar as suas ferias semanaes. A fartura de pequenos vapores, de todas as especies que sulcam o Tamisa fazendo carreira entre estas povoações de nomes decorados e queridos por todas as raparigas, condiz com a profusão de outras especies de veiculos.

Ao domingo levam sempre a sua orquestra, organisando-se bailes nos tombadilhos, emquanto o barco desliza entre varios madeiros, espécados em cadeiras sobre minusculos botes parados a meio do rio e que ali passam o dia de cana no ar e anzol na agua, sem fazerem o minimo movimento.

Em tres domingos poderá sem enfado antes pelo contrario sempre com um delicioso agrado, fazer excursões pelo Tamisa.

Sahindo de Londres, como que sinta a prolongar a cidade, outras pequenas cidades, ruas largas, estabelecimentos grandiosos, «bus» fervilhando, comboios a carvão ou electricos por cima e por baixo, pontes sobre o Tamisa. Primeiro Fulham, depois Putney, com os seus teatros, as suas avenidas, a egreja pontesgada, depois o verde humido dos campos até Kew com os seus celebres «jardins botanicos», os seus palacios, as avenidas á beira do rio; ainda Richemon — «une ville coquette» — como lhe chamam os francezes, mas realmente uma aprazivel estancia, cheia de sombras e poesia triste, a poesia triste dos buxos, das relvas, do arvoredo muito viçoso, arvores que o sol nunca queimou e transpiram frescura, seiva, por todas as folhas. Ainda a seguir nas curvas surpreendentes de paisagem do Tamiso Hampton Court, e muito longe já Windsor.

*

Em Hampton Court, ao domingo, é um encanto de ociosidade; desenas, centenas talvez, de pequenos barcos esguios levam familias, atravez o rio; duas, tres raparigas, dum louro revolto, deitadas no fundo almofadado dos barcos escutam o gramofone que toca, ou leem de barriga para o ar «magazines»; casaes, ele a dormir, ela remando n'um movimento ritmico; velhotes passam, muito originaes, tambem no seu barquinho fazendo horas para o chá, que infalivel, das 4 ás 6, em todas estas embarcações se toma, numa preguiça, num bem estar, um prazer de vida que é invejavel. Gazolinas, confortaveis botes a vapor de gente rica passam pelo meio da miuçalha, emquanto apegados ás margens, fundeados junto ás ilhotas os «house-boats» dos lords e ricaços, pintados de branco, como verdadeiros chalets aquaticos, ostentam cadeiras de verga, ré los cristaes com senhoras e preguiçosos subditos de John Bull. Em vez de terem um chalet, vem para ali passar dois meses, nos «bangalos», casas flutuantes á beira do rio, com as suas salinhas, os seus quartos, tudo pequeno, mas confortavel, repleto de comodidades e preguiças...

A meio do rio, em Hampton Court, uma ilha muito verde com o «Karsinon», onde se toma chá e bolos, mil variados bolos que com a grande diversidade de dôces em todos os menus, me dão a certeza da gulodice desta nobre gente. Atravessa o rio uma barcaça de transbordo, preço 2 pence ida e volta, para cada pessôa; concertos de canto, variedades, «courts» de tennis fotografia «á la minute» tudo ali ha, no pequeno espaço que a ilhota ocupa.

No rio, ha comportas varias, para evitar os rapidos — dangerous! — as pequenas quedas de agua, e de outro ás portas de cujas eclusas os barquitos vão fazendo bicha para descerem ou subirem ao nivel do outro lado.

Hampton Court tem do lado de cá da ponte a sua vila e o seu Palacio real em tijolo, com muralhas e torreões ameados, tendo lá dentro um museu de pintura digno de ver-se, tão rico é em quadros de mestres italianos, mas que não é superior aos jardins, aos lagos que cá fóra rodeiam o palacio. Salas e corredores com recordações historicas, nomes conhecidos, medalhões de imperadores romanos, colunadas jonicas, escadarias de marmore.

Os jardins parecem recortados em papeis de côr, sem meios tons, apenas manchas duma tonalidade; os canteiros alinhados num rigor de linhas impecavel; o velho «tennis» da côrte, as «orangeries» e um pé de «vinha» que é uma celebridade, medido numa estufa para se conservar; visita-se o portento, plantado em 1768 e que tendo 1 metro de diametro no tronco, dá entre 1200 a 1300 cachos de uva, o suficiente para embebedar muitos dos nossos insurrectos aliados. O preço de entrada é «2 pence», o que faz com que o Estado que explora o negocio não tenha já ali um pé de vinha, mas um grande pé... de meia. Nos jardins o «Maze», isto é, um labirinto feito de buxo alto, onde uma pessoa se perde, tambem por «1 pence». Saindo pela sumptuosa porta dos leões está-se no «Bushy-Park», um exemplar completo dos parques inglezes; ao centro a fonte de Diana, e cada farta pelo parque. Um dia chega para... se ficar com vontade de lá voltar.

*

Windsor tem a sua importancia pelo castelo; o Tamisa tem ainda a mesma encantadora paisagem nesta região mas não é tão concorrido, por estar mais fóra de mão; contudo os «madeiros» que passam o dia a ver se o peixe papa a isca e se ri para eles, aqui permanecem de cana em riste. A vila é pequena e o castelo é grande; torreões varios, dos quaes a «Round Tower» é a mais importante, estendem uma vista explendida por 12 condados ao mesmo tempo. A visita que se faz mesmo ás varias gargetas e «sunhas» dá o mesmo frio e sonolento efeito nas almas, sequiosas de emoções: capelas ricas, pateos largos de areia fina e rangente, corredores escuros, sombras de reis e rainhas que passam, um tapete verde de relva macia, uma sentinela firme como um automato, maravilhas de ornamentação em pedra, quartos e antecamaras regias, a sala azulada do trôno, as cavalariças que no tempo antigo custaram 70 mil «pounds». Caminhos descobertos junto das muralhas, onde espreita ferrugem vegetal — (muito, bem dito) — terraços amplos e jardins imponentes, estendidos no após do monticulo onde se crava «Windsor Castle».

E, voltamos á vila, so «Home Park», com o «Adelaid Lodge», o infalivel mausoleu á rainha Victoria, o Grand Parc, ás longas avenidas frondosas.

Volte agora leitor de comboio. De 20 em 20 minutos parte um; tome a sua III classe, porque nem outra certamente anda, tão explendida a acha no estofo vermelho, so seu acolo higienico, escolhe o compartimento que diz «no smoking», se acaso não é fumador e em uma hora está em Londres, depois de ter passado as centenares de casas todas enfileiradas, eguaes, estendendo-se em longas ruas, iguaes nos telhados, nas chaminés paralelas, nos jardinitos á frente; depois de ter deslisado sobre pontes e viaductos, vendo Londres suburbana, caracteristica no seu repousado, repisado panorama sempre igual.

*

Reserve — como eu reservei — um dia para ir á Sydenham a visitar o Palacio de Christal, escolhendo de preferencia uma 5.ª feira, dia do fogo de vista deslumbrante que... me veiu demonstrar o atrazo dos pirotecnicos de Viana tão reclamados.

Em Waterloo Station, munido dum «returned ticket», tem na vasta gare, de cinco em cinco minutos, comboios para lá. A III custa qualquer coisa como um shelling, e é fôfa como o lombo dum contribuinte.

O palacio de Christal é mais um dos monstros que os inglezes fizeram para admirar o mundo. Num dia não se vê nada; o que vale é que se pode almoçar e jantar dentro do palacio, em qualquer dos restaurants; o «bicho» é só de vidro e ferro e exteriormente parece um caixão monstro com dois torreões nos extremos; na parte central, o diametro é duplo da grande cupula de S. Paulo e tem um orgão com 5 mil tubos e um anfiteatro para 4.000 pessoas, onde todas tres vezes ao dia uma grande orquestra.

Para se entrar, sobem-se vastas escadarias, com esfinges côr de tijolo, andam-se kilometros e tem-se o desgosto de não chegar o tempo para ver tudo.

Palacio para exposições, para divertimentos, tem diariamente bandas, concertos de orgão, canto por varios ocasionais, bufetes, como «casis» nesta imensidade. Agora o imperio colocou aqui o Imperial War Museum e Great Victory Exhibition, com socios militares, navaes tudo que se refere á guerra, e de que os mais excelentes documentos presentes são a maior canhão dum couraçado inglez, tres aeroplanos de diversos modelos, algumas duzias de navios em miniatura, bombas, minas, torpedos, modelos de trincheiras, os inventos secretos, os «tanks», as fotografias sensacionaes, os capacetes de todos os aliados — ahi portuguesinhos valentes que tambem lá figuram ao lado... dos annamitas — baionetas, sacos de terra, granadas e pequenas reliquias, a cirurgia na guerra, a obra da mulher. Mas principalmente o museu de pintura com quadros de todas as escolas e processos, perpetuando marchas de guerra, «tommies» enroupados nas noites de madrugadas tragicas «very-lights» e fogo de artificio da trincha.

Os jardins em frente sao uma especie de feira franca, com imensas diversões populares, carroussels, tiro ao alvo, montanhas russas, lagos navegaveis, tennis o diabo por um shelling que é quanto custa a entrada nessas regiões.

Armando Ferreira.

AUTENTICAS

Tenebroso amor!...

Faleu-se ali em doença suspeita; tanto bastou para que as autoridades sanitarias se puzessem em campo. Não faltaram desinfecções e os removidos para o hospital do Rego foram frequentes. Assim se debelou o terrivel mal, mas antes a epidemia alastrasse, sim, antes o morte distendesse as suas negras azas por cima de todos nós do que o misterio daquele amor soasse como hoje soou perante ouvidos profanos.

Por denuncia ou informação regular teve a policia sanitaria de ir a uma rua do Bairro Alto tratar da desinfecção de todo um predio após a remoção para o Rego dos seus habitantes.

Tudo partiu e a casa ficou deserta e limpa, naquela manhã de outono a poucos dias do dia de hoje.

Dentro porém de poucas horas, começou o telefone a trabalhar. Não parava; era preciso que fossem buscar um papagaio que ainda lá ficára. O animal podia ser vitima, transmissora da molestia; era necessario salval-o, levando-o ao Rego...

O dr. Agostinho Lucio não devia demorar as providencias; urgia acudir áquela ave eloquente com cuja palavra Cirano de Bergerac fez os advogados no Sol.

Tanto apertaram com as autoridades sanitarias, tão insistentes e repetidas foram as telefonemas do Rego que o bondoso sub-delegado de saude anuiu e se não correu a salvar o tagarela, ordenou a sua busca e deslocação.

Foram então á casa isolada, e percorreram-na na mais minuciosa busca. Tudo inutil; o papagaio não aparecia.

Desanimados pesquizaram um armario na cosinha e nada; foram finalmente á carvoeira e, — ó fatalidade! dentro da carvoeira, sentado, paciente e submisso um pobre ceguinho.

Um ceguinho!...

O que fazia ali o infeliz a quem sobrecarregavam as densas trevas da cegueira com a escuridão e o negrume das tabuas encarvoadas?

Eis o misterio; mas misterio que foi necessario desvendar, não fôsse a policia ver nele um caso de sequestro ou de carcere privado, com maus tratos ou coisa por ainda. Nada disso. Alguem o tinha ali por amor, amor cheio de recato e dedicado; mas amor sem crime, sem traição.

Ela gostava dele e protegia-o; ele, com aquela melopeia tão facil de sentir nos tristes sem luz, amava-a ponto de se deixar esconder naquele logar negro e vasio.

A falta de carvão inventára o esconderijo, e ele, ali, estava em logar proprio para combustiveis, ele cujo coração ardia com toda a luz interna e os seus olhos extintos.

Apavorado explicou tudo. O irmão dos seus amores não transigia com a dileção da sua querida; portanto para sempre que ele estava em casa, e depressa tinham combinado aquela reclusão.

Sahia o mano, o olhelico mano e o ceguinho respirava. Adormecia fragmentado algoz e o amantelico recluso dormia em leito.

Quando porem a sanidade publica surgira estava aquela figura torturante da familia a dentro das paredes augustas onde aquele amor sublime nascera e pode viver mercê da carvoeira, e dahi a invisibilidade do triste.

Leitor, inclinado á filosofia das coisas e dos acontecimentos aqui tens a razão dos telefonemas insistentes. O papagaio lá estava, mas estava fóra na parede exterior do predio, numa sacada. Assim foi visto só depois á saida dos agentes; foi visto, nao!... foi ouvido. Como o Mefistofeles, o pateta soltou uma gargalhada, quando a figura simpatica ali encontrada ia tambem a caminho do Rego.

Como episodio de cegueira do amor no coração dum cego eu não conheço nada mais enternecedor, e se já não simpatisava com papagaios d'hoje em diante, depois de conhecer esta historia, abomino-os.

A satanica gargalhada do monstro que não ouvi, retine nos meus timpanos como supremo ultraje aquele amor que nem uma carvoeira vasia amortecêu.

Estafermo do papagaio. Abelhuda sanidade publica.

D. Thomaz de Noronha.

Conselho de ministros

Os ministros demissionarios reuniram esta tarde, em conselho, na residencia do sr. Presidente da Republica.

Por motivo de doença não assistiu o sr. ministro da marinha.

Achado duma bomba

Matias Antunes Rebello, soldado n.º 234 da 2.ª companhia da guarda fiscal, entregou á policia uma bomba de rastilho que encontrou junto á Bolsa de Lisboa.

Até no governo civil...

Foi roubado no governo civil o quadro das campanhas electricas, que estava instalado em frente da secção da policia de segurança do Estado.

Pelo telegrafo

A situação na Grecia

ATENAS, 25. — Foi publicada uma ordem do prefeito, dizendo que as tropas que estão na frente de batalha devem continuar as operações e que o governo enviará um representante seu a fim de explicar a significação da mudança do governo. No caso que se efectue uma reunião dos chefes dos governos aliados para examinarem a questão do trono da Grecia, foi fixado o dia 8 de dezembro para a reunião da camara. — *(Havas).*

Duas bombas em Saragoça

SARAGOÇA, 25. — Esta madrugada rebentaram simultaneamente duas bombas, sendo uma destinada a destruir os cabos electricos subtaneos. Esta, ao que parece, propositadamente não deu o resultado que se esperava; a outra foi colocada á porta do pequeno quartel da guarda civil, junto do palacio arquiepiscopal. Não houve vitimas, mas os estragos foram grandes. — *(Havas).*

Os sovietes fazendo ameaças

VARSOVIA, 25. — Os representantes dos soviets russos em Kowno notificaram á Lituania que as tropas vermelhas se verão obrigadas muito em breve a ocupar novamente Vilna, fundando-se na falta de cumprimento do armisticio por parte das tropas polacas. — *(Havas).*

Planos terroristas dos sinn-feiners

LONDRES, 25. — Nas ultimas buscas aos domicilios dos «sinn-feiners» foi apreendido o plano da destruição das fabricas de electricidade de Manchester e do ancoradouro dos navios em Liverpool. — *(Havas).*

Pegar pé!

A queda do governo do sr. Alvaro de Castro fará regressar as coisas da politica ao seu logar. Nada de aventuras; entre-se definitivamente no regimen constitucional.

O ministerio Alvaro de Castro não tinha maioria na camara e a dissolução não lhe podia ser dada, visto que o seu ministerio, mesclado de conservador, radical e sidonista, não representava nenhuma corrente de opinião. Representava a loucura de um momento que levou ao poder, não ideas e principios, mas ambições. Todos os que compunham esse ministerio eram dissidentes. Essas dissidencias nunca foram nortadas por questões de principios, mas por antipatias, incompatibilidades ou ciumeiras de pessoas, ou ainda por ambições pessoaes mal refreadas. A prova está em que os dissidentes do partido democratico, tanto reconstituintes, como suplementistas, não perdem ocasião de incensar o seu antigo chefe sr. Afonso Costa.

Por exemplo, por ocasião da formação do ministerio Alvaro de Castro o sr. Melo Barreto, reconstituinte, deixar a pasta dos estrangeiros, enviou um telegrama de saudação áquele famoso politico e o sr. Jaime de Sousa facção Domingos Pereira, fez o mesmo, ao tomar conta da pasta das colonias. Ele a todos responde, para a direita e para a esquerda, quasi com os mesmos termos, com um Cesar divinisado e adorado por todos, gregos e troianos.

Parece, portanto, que, se ele regressasse á actividade politica, o part do democratico voltaria á sua antiga unidade. Logo, as dissidencias hoje existentes foram apenas determinadas pela ausencia do antigo chefe democratico que deu ocasião á ciumeira entre os que ficaram, e quasi, todavia, não despregam os olhos d'aquele vulto politico afastado, não vá ele voltar um dia.

Conselho de socorros á Europa

NOVA YORK, 25. — Foi fundado um conselho de socorros á Europa, com o capital de cêrca de 40 milhões de dollars com o fim de prestar auxilio de viveres e roupas aos famintos da Europa central. — *(Havas).*

Gréve no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 25. — A gréve geral anunciada pelos mineiros reduz-se nos comboios e fabricas de iluminação a gaz e electricidade. — *(Havas).*

Orçamento alemão para cumprir clausulas do tratado de Versailles

BERLIM, 25. — O Reichstag aprovou um orçamento especial a fim de se cumprirem certas clausulas do tratado de Versailles, elevando-se de 20 a 40 milhões e de 446 a 612 milhões de marcos as importancias a pagar com as despezas da alta comissão inter-aliada e com o alojamento das tropas de ocupação. — *(Havas).*

Theatros e Cinemas

Noticiario

Entre nós

Por iniciativa do distinto actor José Alves da Cunha vae realisar-se, em dezembro, no Ginasio, uma recita de homenagem ao grande actor Joaquim de Almeida, uma das glorias do nosso teatro e a quem os seus 82 anos de edade, e a doença impedem de sair de casa.

—E' a seguinte a distribuição da peça *A garra*, que na proxima semana sobe á scena no Ginasio:

«Maria Antonia», Berta Viana da Mota; «Ana Cortelon», Maria Isabel; «Madame Lecerf» e «Madame Doulcers», Isabel Berardi; «Virginia», Georgina Guimarães; «M.elle Lecerf», Laura Lino; «Um modelo», Isaura Rocha; «Aquiles Cortelon», José Alves da Cunha; «Julio Doulers», Otelo de Carvalho; «Vicente Leclerc», Joaquim de Oliveira; «Paulo Ignacio», Cunha Moreira; «Nataniel», Pestana d'Amorim; «Luiz Germains, Leroy», Armando Cruz; «Gerard», Julio Esteves; «Um comissario», «Policia», Tomé da Veiga; «Um continuo do ministerio», Antonio Guimarães; «Lecerf», Antonio Tavares; «Um criado», Carlos Deus.

Reclames

Reabre ámanhã o Coliseu dos Recreios com uma escolhida companhia de circo, da qual fazem parte afamados ginastas, barristas, acrobatas, saltadores comicos, palhaços, *clowns*, etc., muitos dos quaes se apresentam pela primeira vez ao publico de Lisboa.

«Cine Mundial»

Acha-se ha dias á venda o numero de novembro do «Cine Mundial», a melhor revista de cinematografia da America do Norte.

O sumario é explendido e a reportagem fotografica de primeira ordem. Entre os artigos temos a visita de «Gaona á America», um conto de Domitri Ivanovitch, uma novela de Blasco Ibanez, entrevistas com Walsh, Moda, secções humoristicas e longo noticiario do Brazil, Argentina, Mexico, Chile, Venezuela, etc.

Em paginas coloridas, quatro artistas de reputação mundial.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «Duqueza do Bal Tabarin».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A Exilada».—A'manhã, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá o Torradas».

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

Universidade Livre

Na séde d'esta agremiação de ensino, realisa-se depois de amanhã, ás 21 horas, a segunda conferencia do presente ano lectivo, em que será prelecionador o distinto facultativo sr. dr. João Evangelista Quintão, que dissertará sobre a tese «Escolas ao ar livre», fazendo a respectiva analise e demonstrando a vantagem que tal ensino terá sobre a mocidade portugueza.

Vida Sportiva

FOOT-BALL

Bemfica e Casa Pia contra o Porto

Como temos dito, efectua-se amanhã sabado, no belo campo de jogo de Palhavã, o mais proximo da baixa e o mais acessivel, um desafio de foot-ball entre o Foot-ball Club do Porto e Sport Lisboa e Bemfica, respectivamente campeões do Porto e de Lisboa, nas epocas ultimas. São dois grupos de muito valor que se encontram, pois que o do Porto tem sido já campeão em cinco epocas, e o de Lisboa em sete.

Alem d'isso teem ganho outras provas importantes; contando o do Porto no seu activo as Taças de Honra de tres epocas, a Taça União do Norte e outras, e ainda o titulo de campeão do norte em cinco epocas.

Na epoca passada conseguiu bater os afamados grupos de Lisboa, Sport Lisboa, Sporting, Belenenses e Imperio. Por esta mesma circumstancia o desafio de ámanhã tem para o Bemfica o caracter de um desafio-desforra. O desafio está marcado para as 15,30 horas.

O Foot-ball Club do Porto, joga no domingo e no mesmo campo contra o Casa Pia Atletico Club, um grupo que tem feito sensação no nosso meio porque desde a sua recente fundação ainda não experimentou uma derrota e ganhou a Taça Associação.

Os desafios estão marcados para as 14 horas, e serão seguidos de desafios em que um grupo inglez, de Liverpool, que está de passagem em Lisboa, jogará amanhã contra o Casa Pia e no domingo contra o Bemfica.

Serviço de passageiros para o Minho e Douro

O comboio rapido Lisboa-Porto, n.º 41 da C. P., que parte de Lisboa-Rocio ás 8 30, passou a ter ligação para o Minho e Douro, pelos comboios daqueles linhas, n.º 11 para as estações até Viana do Castelo, e n.º 111 para as estações até Regua, pelo que em Lisboa-Rocio já se vendem bilhetes directos para aquelas estações no referido comboio n.º 41.

O concerto Blanch de domingo

Dificilmente se reunem numa unica audição tantas obras notaveis como as que figuram no programa artisticamente organisado pelo maestro Pedro Blanch para o 1.º concerto de assinatura da «Orquestra Sinfonica Portugueza», que depois de amanhã, domingo, se realisa no teatro S. Luiz e que tão grande entusiasmo está despertando. Em 1.ª audição executa-se o celebre «Scherzo», de Glinka, o mais notavel compositor russo; a famosa «sinfonia Patetica», de Tschrikowszki; a extraordinaria «Suite», de Bach, com o «Preludio, Coral e Fuga»; a bela «ouverture» discritiva «Sakuntala», de Goldmarck, a «Dorabela», de Elgar; a brilhante «ouverture» dos «Maestros Cantores de Wagner», e outras obras dos grandes compositores classicos e modernos. Ponto de reunião das familias da sociedade, a tarde de domingo no São Luiz, vae ser de rara elegancia e de grande arte.

Movimento Associativo

Monte-pio do clero secular portuguez. — Está publicado o relatorio e contas do ano de 1919. Por ele se vê que a receita durante esse ano foi de 5.217$09,5 e a despeza de 4.826$66,5, ficando portanto um saldo de 390$43 para o ano corrente.

Ultima Hora

POLITICA

Os trabalhos parlamentares decorreram hoje sem interesse e pode bem dizer-se que com indiferença.

Nos Passos Perdidos não se via viv'alma e na sala não se notava a animação dos dias anteriores. As galerias estavam desertas.

A questão politica foi ainda hoje o assunto palpitante entre os deputados, alguns dos quaes ainda hoje pretenderam fazel-a reviver, protestando o sr. Ladislau Batalha contra tal orientação.

Na opinião da maioria dos parlamentares a solução da crise é dificil.

Parece que se organisará um governo constituido por liberaes democraticos e independentes, dada a impossibilidade de se constituir um governo de concentração com todos os partidos como desejavam as mais altas personalidades politicas.

Os grupos ou partidos que formavam o governo recusam-se a entrar em combinação para a formação d'um tal gabinete.

Os elementos que constituiram o governo demissionario pretendem agora combater todos os governos que venham a constituir-se e fazer vingar os projetos ou propostas do ministro das finanças demissionario, sr. Cunha Leal.

A unica solução viavel parece ser um ministerio de liberaes e democraticos, que terá maioria no parlamento. Estes deviam reunir-se hoje no parlamento, mas não o fizeram para evitar a falta de numero na Camara dos Deputados. Os Liberaes chegaram a trocar impressões numa reunião realisada na sala presidencia, tendo sido indicados os respectivos «leaders» srs. drs. Fernandes Costa e Celestino de Almeida, para junto manifestar ao Chefe do Estado a opinião daquele partido sobre a forma de se resolver a crise.

Os liberaes entendem que em face do que se passou com o governo demissionario, impossivel seria recolaborar a colaboração dos agrupamentos politicos que o formavam, devendo portanto formar-se um governo de liberaes-democraticos e independentes.

* *
*

O sr. Presidente da Republica só hoje pelas 16 horas iniciou as suas consultas, tendo recebido em sua casa os presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, e os «leaders» dos partidos, Democratico, Liberal, Reconstituinte, Catolico, Socialista e os srs. Vasco Borges pelos amigos do sr. Domingos Pereira e Dr. Mesquita de Carvalho pelos independentes.

As consultas devem prolongar-se até ás 20,30 e só depois o chefe do Estado escolherá quem ha-de organisar o novo gabinete.

O comicio no Teatro Nacional

Vota-se uma moção pedindo a conservação do actual governo

Enorme afluencia ao teatro Nacional, onde se realisou o anunciado comicio.

Antes de principiar, a comissão promotora mandou colocar sobre a mesa presidencial uma bandeira nacional, o que levantou protestos, sendo por fim essa bandeira posta no fundo do palco.

Ouviam-se de quando em quando calorosos vivas á Patria, á Republica e ao governo demissionario.

O sr. Mario de Barros, tomando a palavra, depois de fazer algumas considerações propõe para presidente o sr. Celestino Correia, o qual, assumindo o seu logar, diz que o que tem governado a nação é a politica e não o bom senso.

Convida a secretarial-o, os srs. João de Sousa Machado e João Moreira Lopes.

O sr. Jaime Ribeiro, usando da palavra em primeiro logar, diz que o governo era constituido por verdadeiras competencias e nessa qualidade se apresentou ao parlamento. Desconhece os novos da politica portugueza. Entre esses novos considera a maior revelação de estadista o sr. Cunha Leal e conhece melhor do que ninguem Alvaro de Castro, de quem foi companheiro de armas em Moçambique e cujo civico traça. Daqui a dois meses, diz o orador, não se sabe aonde chegaremos. Devem juntar-se todos em volta do governo e dar-lhe a força necessaria para poder governar.

Entre outros oradores, usou da palavra o sr. dr. Antonio Videira, que se confessa democratico, mas não concorda com o modo de proceder do grupo parlamentar democratico.

Não quer conluios com os liberaes. Expõe a gravidade da situação financeira.

Entre outros oradores, usou da palavra o sr. Afonso de Macedo que se insurge contra o ataque cerrado e a seu ver injustificado feito ao governo Alvaro de Castro.

A' hora a que fechamos estas notas, continua o comicio na melhor ordem, devendo ser apresentada a seguinte moção:

«O povo republicano, reunido em comicio publico no Teatro Nacional, resolve impetrar do venerando chefe do Estado a conservação do actual governo, da presidencia do sr. dr. Alvaro de Castro, e se concedam ao poder executivo os meios indispensaveis para a salvação da Patria e da Republica».

Será nomeada uma comissão que irá ao sr. presidente da Republica entregar a moção. Os assistentes do comicio dirigir-se-hão ao Terreiro do Paço, a cumprimentar o governo.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A's 14,30 faz-se a chamada.

Preside o sr. Abilio Marçal.

Aberta a sessão, leem-se a acta e a correspondencia.

O sr. Ladislau Batalha pergunta se as comissões deram parecer sobre o seu projecto que proibe a exportação da azeitona, respondendo o sr. presidente que não está na mesa.

Pergunta se ja não está em vigor o § 1.º do artigo 74 do regimento, ao que o sr. presidente declara que sim, dando explicações.

O sr. Plinio Silva, referindo-se ao discurso com que o sr. Alvaro de Castro sublinhou a votação do acto de desconfiança ao governo declara não deixar de registar com revolta algumas frases do chefe reconstituinte.

Extranha a incoerencia dos homens publicos que procedem diferentemente a dentro do governo ou nas cadeiras de deputados. Quando da queda do governo Granjo, os srs. Antonio da Fonseca e Cunha Leal protestaram contra as afirmações feitas em Santarem pelo então presidente do ministerio.

E, todavia, no governo do sr. Alvaro de Castro houve quem proferisse declarações que são bem dignas de reparos. Prestando as suas homenagens ao sr. Alvaro de Castro, declara não saber a que atribuir essas afirmações após a votação. Venceu o numero contra a inteligencia? Venceu a ilegalidade contra a imoralidade? Esta ultima afirmação não deve passar sem protesto.

(Das bancadas socialista e reconstituinte exclama-se que não se deve irritar a camara com o renascimento da questão politica).

O orador diz que termina as suas considerações, declarando que o sr. Alvaro de Castro foi violento no seu discurso.

O sr. presidente diz que no seu lugar não ouviu ao chefe do governo demissionario algumas frases que os jornais lhe atribuem. A' presidencia não chegou qualquer palavra que desse motivo á sua intervenção.

O sr. Plinio Silva declara não ter pretendido resurgir a questão politica e requer que se discuta na proxima segunda feira o seu projecto sobre descongestionamento do exercito.

O sr. Americo Olavo, diz que o sr. Alvaro de Castro não agravou o Parlamento nem pessoa alguma.

O sr. Ladislau Batalha entervem, estranhando que em vez de se revolverem coisas se não discutam coisas que, sendo proveitosas, dignifiquem a Republica.

Em contra-prova, vota-se o requerimento do sr. Plinio Silva sobre dispensas para o seu projecto.

O sr. Plinio Silva, volta ao assunto e o sr. Lucio de Azevedo declara que durante o discurso do sr. presidente do ministerio saiu da sala.

Entra-se depois na ordem do dia, com a discussão do projeto de lei que autorisa o governo a fazer imediatamente a publicação do Codigo do Registo Predial.

Falam sobre ele os srs. Silva Garcez, que envia para a meza uma proposta de emenda; João Camoezas, Carlos Olavo, Paiva Gomes, que propõe o regresso do projecto ás comissões, o que se resolve depois do sr. Godinho do Amaral ter feito diversas considerações.

O sr. Tavares Ferreira requer, aprovando-se, a imediata discussão do projecto que regula a situação dos professores contratados, projecto que se nota sem debate, entrando em discussão o projecto 147, suprimindo o 3.º oficio da comarca de Miranda do Douro e ainda o que se encontra vago na comarca de Vinhaes.

No Senado

O sr. Paes Gomes alude ao projecto relativo a partilhas de predios urbanos que, na preterita sessão, baixou á respectiva comissão, propondo que a mesma agregue os senadores que julgar conveniente para dar imediato parecer sobre o projeto. Aprovada.

O sr. Ernesto Navarro requer urgencia e dispensa do regimento, o que é concedido, para as votações dos seguintes projectos de lei: autorisando o governo a mandar cunhar 2,000 contos de moeda de 5 centavos em bronze; sobre a compra e venda de artigos de ouro e prata nas cidades do continente e ilhas adjacentes, em casas de penhores, papelarias e tabacarias, etc; estatabelecendo uma nova tabela de emolumentos de ensaios e marcas nas contrastarias do paiz. Aprovado.

O sr. Julio Ribeiro diz que recebeu um telegrama do recluso José João Alves, queixando-se de que está preso ga 22 mezes sem culpa formada. Protesta contra semelhante arbitrariedade.

O art. 47.º da constituição

No debate politico, aberto a proposito da apresentação do ministerio Alvaro de Castro, chegou-se a expender a peregrina doutrina de que um ministerio não precisa da maioria parlamentar para governar, pois basta que essa maioria se manifeste na ocasião em que for votar-se qualquer medida governamental.

Não se aprende bem a subtileza, visto que, não tendo o ministerio maioria, dificil seria que ela aparecesse quando se tratasse de qualquer votação.

Disse-se ainda que o sr. presidente da Republica estava no direito, em virtude do artigo 47.º da constituição, de nomear o governo que melhor lhe parecesse de acordo com os altos interesses do paiz.

Mas quem o contesta?

Nisso não ha duvida alguma. A questão está em que esse governo não pode de modo algum, prescindir de ter por si a maioria parlamentar, porque, doutra forma, não governará e não passaria dum mero executor das resoluções da maioria parlamentar que sendo-lhe contraria, poderia votar leis e moções em desacordo com a orientação do ministerio. Haveria algum governo que aceitasse tal situação?

Esfamos a ouvir a resposta: intervinha o chefe do poder executivo com a dissolução.

Sim, mas essa dissolução, em caso algum, poderia ser concedida a um ministerio composto de dissidentes conservadores, radicaes, suplementistas que, porisso mesmo, não representava nenhuma corrente de opinião definida. Isso representaria, de resto, a guerra aos grandes partidos organisados, o que só por demencia se poderia levar a efeito, visto que equivaleria a deixar a Republica sem defeza.

Noticias da Capital

A serie diaria.— Queixaram-se á policia: Francisco Celestino Pereira, rua Pascoal de Melo, 71, 2.º, de que num carro electrico lhe furtaram a corrente e relogio de ouro no valor de 150 escudos; Mario Bizarro, travessa do Meio do Forte, 12, 1.º, de que quando subia a calçada de S. Francisco, foi de subito atacado por tres individuos desconhecidos, os quaes lhe furtaram uma mala de mão que continha 1.160 escudos, isto depois o terem agarrado pelas costas e de lhe passarem uma rasteira que o fez cair, não tendo sido presos os assaltantes em virtude de se terem posto em fuga; Amelia do Jesus, rua da Fé, 26, de que pelo processo do «conto do vigario», foi burlada em 17 vigessimos; João Correia, da Centieira que tambem pelo mesmo processo, foi burlado em varios objectos de ouro e prata no valor de 115 escudos.

—Foram presos Raul Monteiro, beco das Beatas, 1, e João de Carvalho, rua da Cruz, 161, 1.º, por suspeitas de serem os autores de varios roubos pelo processo do *conto do vigario*, que ultimamente teem sido feitos no Terreiro do Paço e suas imediações. Antonio Bernardo, pateo do Carlos Dias, 6, por suspeita de ser o autor do furto de 2 pares de arreios no valor de 1.600 escudos a José Braz Silva, Avenida da Republica, 87, o Manoel Francisco Pessanha rua das Flores, ao Castelo, 9, por ter furtado um magneto no valor de 500 escudos no entreposto de Santos.

Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 25.—O governo do Estado de Minas Geraes adquiriu algumas herdades destinadas a fomentar a colonisação alemã.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 25.—Chegaram a esta capital o consul do Brasil no Havre, José Monteiro God y, e adido diplomatico Pedro Guimarães e o jornalista Magalhães Junior.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 25. O Supremo Tribunal Militar mandou á assinatura do presidente Epitacio o decreto que confere ao rei Alberto o posto de marechal dos exercitos brazileiros.—(*Americana*).

BRUXELAS, 25.—Está nesta cidade o capitão brazileiro Doltre, que veiu oferecer em nome do governo brazileiro aos reis belgas os dois cavalos que os soberanos montaram no Rio de Janeiro.—(*Americana*).

PARIS, 25.—No sabado, dia de festa da bandeira brazileira, houve reunião no consulado, saudando os membros da colonia as côres da patria.—(*Americana*).

PARIS, 25.—O coronel Quiroga, adido militar argentino em Paris, foi chamado á reunião da Liga das Nações em Genebra como conselheiro tecnico.—(*Americana*).

PARIS, 25.—O general brazileiro Tasso Fragoso visitou Reims e Verdun, seguindo para Bruges, acompanhado pelo coronel Leite Castro, afim de visitar o arsenal de guerra, tendo já visitado as fabricas de Ebecourt e Briey.—(*Americana*).

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscripção para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscripção terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscripção poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscripção serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições de mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3709 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 27 de Novembro de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

A solução da crise

A' hora a que escrevemos ainda não está constituido o novo governo.

O que dissemos ácerca do possimo efeito que estava produzindo o debate parlamentar, que incidiu sobre a formação do governo Alvaro de Castro, é o mesmo que se nos oferece dizer sobre a prolongação das negociações entaboladas para a constituição do novo governo.

O gabinete Alvaro de Castro não tinha condições de vida. Constituira um desafio ao parlamento. Ora se ha o direito de pensar que o parlamento deve ser substituido por outro, melhor organizado para o funcionamento politico do regimen, o que não ha é o direito de o desrespeitar emquanto elo legalmente funciona. Se um parlamento existe, é preciso governar com ele, e não governar contra ele.

Egualmente os partidos mais representados num parlamento, na sua propria qualidade de partidos, não podiam dar o seu apoio ao gabinete Alvaro de Castro. O partido liberal oferecera a sua cooperação no governo que o sr. Alvaro de Castro andava organizando, e viu que lhe era preferido o grupo liberal, constituido por varios elementos que se tinham afastado do antigo partido evolucionista, que no partido liberal se conglobou. O partido democratico via que se dava entrada no governo, como uma recompensa, a elementos que ainda na vespera estavam alistados nas suas fileiras.

O gabinete Alvaro de Castro caiu, e não podia deixar de cair, depois de ter levado os dois partidos liberal e democraticos a um entendimento inevitavel. Em taes condições a crise só tem duas soluções logicas. Ou o novo governo é formado por liberaes e democraticos, ou um d'esses partidos forma ministerio seu, com o apoio do outro.

Posta a questão n'estes termos, ha o direito de perguntar porque se está demorando a formação do gabinete.

Nem mesmo é admissivel, como uma hipotese, que dois partidos, que são os mais importantes do regimen não possuam homens competentes para a gerencia das diversas pastas. O que poderia ser dificil era o entendimento de dois partidos que eram tão antagonicos em ideas e processos. Mas desde que esse entendimento se operou, o resto não pode deixar de ser considerado secundario. Logo a constituição do novo ministerio não deve demorar-se mais.

E' isso que principalmente o paiz reclama, e ha que atender o paiz. A situação em que ele se encontra, a crise em que ele se debate, não se compadecem com hesitações e delongas. Pode um Estado como Portugal viver sem governo? Não pode. Que esse governo se constitua, e como será um governo com maioria parlamentar, que governe.

E' assim que a questão tem de ser posta e é assim que ela deve ser resolvida, a não ser que a logica e o patriotismo já não sejam entre nós senão expressões vasias de sentido.

Imprudencias

Como consequencia de palavras pronunciadas ha tempos no parlamento foram os depositos do dinheiro existentes nos Bancos portuguezes levantados e colocados nos Bancos estrangeiros que teem séde em Lisboa.

Em alguns destes Bancos ha arrecadados sem vencimento de juro, somas importantes que estão fazendo enorme falta ao comercio, á industria e á agricultura.

Para remediar em parte tão angustiosa situação lavrou o sr. Antonio Maria da Silva a já agora bem conhecida portaria surdo, prestando um relevantissimo serviço ao paiz que ha pouco lhe foi lançado em rosto como uma ilegalidade por quem tinha cometido a imprudencia que deu origem á crise tormentosa.

Por virtude dos efeitos dessa nunca assaz louvada portaria se vinha vivendo, até que, ha trez dias, o Banco de Portugal cessou, por ordem superior, os descontos.

O comercio e a industria teem-se ressentido imenso desta nova situação. A paralisação é quasi geral, sendo necessario acudir-lhe quanto antes.

A imprudencia passara do parlamento para o ministerio das finanças.

Louvor merecido

A repartição do gabinete da secretaria da guerra louvou, em circular, pela sua honestidade e grandeza de caracter, que manifestou no seu procedimento, o continuo do ministerio sr. Antonio de Melo, que, tendo achado, sem testemunhas, uma carteira com 550$, pertencente ao segundo sargento Carlos Pinto dos Santos, como verificou pelo respectivo bilhete de identidade, pronta e expontaneamente lh'a entregou.

Conferencia

O sr. Guedes de Oliveira, director da Escola de Belas Artes do Porto, realisa hoje com o sr. ministro da instrucção.

NA ASIA MENOR

As declarações de Mustapha Kemal

O fim do pachá rebelde é obter a revisão do tratado de Sèvres, que tirou Smyrna á Anatolia

O correspondente especial do «Excelsior» em Angora descreve do seguinte modo a entrevista que teve com Mustapha Kemal, o chefe dos rebeldes da Anatolia:

«Encontrando-se Mustapha Kemal pachá, nos primeiros tempos da minha estada em Angora, na inspecção das fronteiras, não consegui entrevista-lo senão quando ele regressou. Pedi-lhe para me conceder uma audiencia, no que foi atendido, e Redjeb bey, um dos ajudantes de campo do pachá, anunciou-me, nos corredores da Camara, que o seu chefe me convidava a ir jantar com ele em sua casa. Mustapha Kemal reside numa pequena propriedade que outr'ora ocupava, nos arredores da estação, o chefe da gare.

Altas arvores a cercam-na, e penetra-se na propriedade atravessando um gracil jardim de aleas cuidadosamente tratadas.

Uma escada leva os visitantes ao primeiro andar; todos os degraus são cobertos por uma tela encerada, e em toda a parte reina um asseio tanto mais notavel quanto as coisas aqui são mal cuidadas.

Eis-me numa sala de jantar mobilada com simplicidade e onde se encontra a meza já posta. Ao lado, um pequeno salão tendo o mobiliario forrado de tecido encarnado escuro, e um minusculo gabinete de trabalho. A meio da porta encontra-se Mustapha Kemal. Veste á paisana e fuma nervosamente uma cigarrilha. A um sinal seu penetro no seu gabinete, onde encontro o capitão Hayati bey, seu secretario particular. A secretária do pachá cabe-se pejada de telegramas em cifra e de jornaes estrangeiros entre os quaes vejo o «Excelsior».

Sentado em frente de Mustapha Kemal, preparo-me para iniciar a entrevista. O pachá fala correctamente o francez, pois que durante muito tempo residiu em Paris.

—Quando em 1914—disse-me Mustapha Kemal—a Alemanha violou o tratado que garantia a neutralidade da Belgica, a Inglaterra pegava solenemente em armas para defender a sua honra nacional ultrajada. O mundo inteiro estremeceu de indignação ante a violação da Belgica pelo kaiser. Cinco anos mais tarde, a assinatura do representante da Gran-Bretanha, o almirante Galthrope, no final das clausulas do armisticio de Moudros, era violada pelo ataque subito duma nação. O exercito helenico desembarcava sem motivo em Smyrna e ahi fazia massacres e provocava a sublevação de toda a Anatolia.

—Crê no exito final!

—Sem duvida alguma. Quando, ha perto de setenta e cinco anos, alguns centenas de «comitadjis» servios alcançaram as montanhas e lutavam contra exercitos inteiros turcos, enviados para a repressão dos rebeldes esses exercitos não conseguiram o seu fim, porque os servios lutaram pela sua independencia. A Bulgaria fez o mesmo, a Grecia egualmente.

«Hoje, soou a hora dos turcos todos tomarem as suas montanhas natais, pegarem em armas e levarem a bom termo uma guerra de francos atiradores.

«Quanto mais esta situação se prolongar tanto mais a aproveitaremos. Dia a dia alcançamos novos exitos. Dum lado somos apoiados pela Russia dos soviets e, pelo outro lado, pela Asia inteira, que segue com interesse a nossa luta suprema e nos ha de imitar num futuro proximo.

«O exercito helenico suportará todas essas campanhas? O soldado grego deixou á rectaguarda o seu lar, o seu negocio e só pensa em «salvar a pele» para poder trabalhar e manter a familia; emquanto que os voluntarios turcos, cujas aldeias foram destruidas, se empenham numa luta de vida ou de morte.

«Dum lado está um exercito de conquista; do outro um povo inteiro que defende o seu solo natal. Qual dos dois sairá vencedor? Hoje, na retaguarda do «front» grego, os nossos bandos pululam, e o soldado helenico é atingido a miude por balas na trente e nas costas.

«E eis que se aproxima o inverno, nosso aliado.

—O que pensa em relação á ofensiva dos helenicos?

—Essa ofensiva já fôra prevista por mim. O avanço dos gregos enfraqueceu-lhes a frente porque triplicou a extensão da sua linha de fogo. Uma prova esmagadora desse enfraquecimento foi a batalha de Deurirdji, a qual, se tivessemos mais cavalaria e tropas de reserva, teria sido um verdadeiro desastre para os helenicos. Só quiz tentar a experiencia duma brecha com forças muito menos numerosas do que disseram os comunicados gregos, tentativas de rutura que teve bom exito e que foi para o general Paraskevopoulos um revez importante. Amanhã, se a Hellade quizer sacrificar um exercito de 500.000 homens, conseguirá, talvez, mas dificilmente, ocupar Angora e até mesmo Konia. Mas, ao retirarmos para Sivas, a nossa guerra de francos atiradores redobrará e o nosso exercito poderá com maior facilidade abrir brecha num «front» que terá então mais de 1000 quilometros.

«O exercito grego acabará por ser obrigado a abandonar a Anatolia.

—A ofensiva dos turcos na Armenia é seria?

—Por emquanto está na sua primeira fase. Isso porá fim ás agressões continuas dos bandos armenios em territorio turco.

«Tenho confiança no sucesso final dessa ofensiva que nos abrirá uma comunicação mais directa com os «soviets» e com toda a Asia.

«A Armenia constituirá assim amanhã um penhor precioso nas nossas mãos, e serão os proprios delegados armenios que acabarão por intervir junto da Sociedade das nações para que se faça a revisão das clausulas do tratado de Sèvres, que arrancam Smyrna á nossa querida Anatolia.

—A imprensa diz que o senhor manobra contra o interesse do sultão.

—Os meus soldados e um povo inteiro que lutam contra o invasor morrem para defender o solo sagrado que nos foi legado pelos nossos velhos califas».

A questão politica

Ministerio morto, ministerio posto, deveria ser a norma seguida nas vicissitudes da politica. Não o teem compreendido assim os homens publicos da Republica e de cada vez que sobrevem uma crise ministerial, e tantas são infelizmente, a sucessão leva dias, e ás vezes semanas, a organisar.

Grande perigo correm as instituições, se se continuar assim.

Ocasiões ha na vida dos povos em que a salvação do Estado exige de quem o serve um espirito de sacrificio sublimado. Não é novidade para ninguem que atravessamos neste momento uma dessas ocasiões. Qual dos partidos está disposto a sacrificar-se pela salvação da Republica? Aquele que a isso se dispuzer terá naturalmente, como compensação no futuro a gratidão do paiz.

O parlamento precisa de mudar de feição. De feição, note-se bem; não de principios. Necessita de se converter numa assembléa que se dedique a auxiliar, com o seu estudo, qualquer governo saido duma combinação que reuna maioria de votos.

O espirito de sacrificio a que acima nos referimos, manifestar-se-ia já aqui não exigindo todos as partes componentes dessa maioria parlamentar representação no governo.

Esta obra de reeducação politica tem de ser feita pelos dois grandes partidos, democratico e liberal. Tem de se caminhar para a simplificação politica partidaria e ás hostilidades esboçadas, contra aqueles partidos, pela constituição do governo demissionario, deve responder a guerra ás dissidencias.

Estas não esmoreceram, ao que parece, com o cheque que sofreram, pois já tiveram o cuidado de anunciar que ficariam formando um bloco oposicionista para guerrear qualquer governo que venha a constituir-se e fazer aprovar as propostas de finanças do sr. Cunha Leal, que ninguem sabe o que são. Mas, ó terra de incoerencias e contradições, eles que não puderam entender-se com os seus partidos, com os quaes é de supôr, pelo menos, que tivessem um tal ou qual comunhão de ideas, imaginam entender-se uns com os outros, quando entre uns e outros não ha senão este ponto de contacto—o de serem todos dissidentes!

Um bloco formado por individuos conservadores, radicaes e suplementistas é um bloco a esboroar-se.

Mas quer formem esse anunciado bloco, quer tome cada grupo o seu rumo, aos grandes partidos impõe-se do mesmo modo a obra de simplificação. As dissidencias servem apenas para confundir e baralhar tudo. A sua razão de ser está quasi sempre na ambição desmedida de individuos que não querem ir tão longe quanto desejam, nos grandes partidos, e procuram as fracções onde logo ocupam, por falta de concorrentes idoneos, os logares primaciaes.

Para que a questão politica se resolva é necessario que elas desapareçam. E' ainda o que é urgentissimo solucionar a questão politica, porque só resolvida ela se poderá pensar a valor nos soluções a dar ás questões financeira e economica.

Não nos recorda agora quem dizia—dei-me boa politica que eu vos darei boas finanças,—mas era por força um grande espirito, tão justo se mostra em todos os tempos aquele conceito.

Boas finanças já nós não poderemos ter sem pesadissimos sacrificios para todo o paiz. Este, porém, exige que, por sua vez, os politicos façam o sacrificio das suas ambições em holocausto á ordem que é indispensavel que reine em todos os ramos de administração publica.

A primeira condição necessaria é formar-se quanto antes um governo que reuna maioria de votos no parlamento, a segunda é que este se disponha a trabalhar afincadamente, promulgando leis sabias e justas, dignificando-se inteligente e sobriamente.

Segredos a toda a gente

Os monarquicos

Um dos factos que caracterisaram a semana politica foi este: os monarquicos vão concorrer ás urnas. O campo de batalha vae ser trocado pelo campo legal. A' espada sucederá a lei. As incursões far-se-hão de futuro, como não pode deixar de ser—pelos Passos Perdidos. Evidentemente era este o caminho que deviam ter seguido sempre—com incontestaveis vantagens para eles e para o regimen. Resta-nos apenas esperar o seu orgão na imprensa que já se anuncia—aos jornaes da oposição. Mas afinal—aqui entre nós—não será menos perigoso uma batalha do que um artigo de fundo?

Guerra Junqueiro

Pensa-se numa homenagem nacional ao auctor da Morte de D. João. Sousa Costa, um dos nossos mais novos e mais scintilantes escritores, desejaria mesmo—ainda hontem nos afirmava—«que Junqueiro, como Hugo na França, assistisse á inauguração da sua propria estatua». Mas, em Portugal, poder-se-ha, de facto, fazer uma consagração que corresponda á obra eminente do poeta? Duvido. Ha que contar com a indiferença de uns—e com a reduzida cultura de outros. Depois a sua consagração não está feita—e de que forma assombrosa!—nas paginas doiradas dos seus versos? Uma glorificação nacional! Mas como?—se nós estamos em Portugal!

A Inglaterra

A Inglaterra declina. Chegou a sua vez. Entrou na decadencia inevitavel das grandes nacionalidades. As nações envelhecem e morrem como os homens. John Bull já não fuma tranquilamente o seu enorme cachimbo de barro. O orgulho inglez só comparavel á fanfarronada espanhola—sente a aniquilação, a subversão de si propria. A Inglaterra desagrega-se. A Irlanda! A India! Africa do Sul! A sua historia que parecia não ter limites—será amanhã uma pagina obscura. E amanhã—pois não é verdade?—mais do que nunca a Grã-Bretanha precisará da sua aliegria. Não sei quem disse que o bom-humor é a unica coisa que resta—áqueles que sofrem!

Luís d'Oliveira Guimarães.

Pelo Telegrafo

Premios a familias numerosas

PARIS, 26.—Sob a presidencia do sr. Raymond Poincaré, que fez o elogio da virtude, a Academia Franceza realisou a sua sessão publica anual e concedeu 90 premios de 25.000 francos, da doação Gognac, em favor das familias numerosas.—(Havas).

As declarações de Venizelos a proposito da mobilisação

PARIS, 26.—O antigo presidente do conselho helenico, sr. Venizelos, chegou na quinta feira a Nice. A imprensa franceza reproduz as declarações do sr. Venizelos, relativas ao prolongamento da mobilisação na Grecia. Com certeza que não ha em todo o mundo—disse ele—um povo que suportasse estar ainda mobilisado dois anos após a guerra.—(Havas).

As relações entre a França e o Vaticano

PARIS, 26.—A camara dos deputados ouviu na quinta feira trez oradores, sobre a questão da embaixada junto do Vaticano, um dos quaes declarou que viu em tal facto uma ameaça ás leis laicas da Republica. O relator do projecto, Sr. Colrant, deu pormenores acerca das cultuaes.—(Havas).

A celebração do «Dia do Comercio» em Paris

PARIS, 26.—Os estabelecimentos comerciaes parisienses corresponderam todos ao apelo que lhes foi dirigido. Muitas casas comerciaes apresentaram-se ornamentadas com bandeiras.

Nas grandes arterias do centro da cidade viam-se bandeiras estendidas de um ao outro lado dos passeios, as quaes recordavam ao publico que as receitas do dia eram destinadas ao novo emprestimo.

Durante todo o dia uma imensa multidão se acotovelava nos armazens. Para fechar o «Dia do Comercio», a Camara do Comercio de Paris deu na quinta feira á noite um banquete, no fim do qual o ministro das finanças fez uso da palavra.

Um dos elementos essenciaes para o levantamento da situação—disse o sr. François Marsal—é a manutenção de grandes creditos á industria e ao comercio; o ministro disse que os comerciantes poderiam encontrar de restabelecer a elasticidade dos seus creditos em certas medidas relativas ao emprestimo, como a renovação das rendas de guerra. Afirmou que é na volta progressiva á liberdade e no desenvolvimento da iniciativa individual que se devo encontrar a melhoria da situação economica.—(Havas).

A agricultura no Equador

QUITO, 26.—A Sociedade dos Agricultores convidou os representantes da Companhia Italiana, aqui chegados, a estudarem o estado da agricultura e as suas necessidades que se lhe devem dar para o contracto a seu respeito.—(Americana).

AUTENTICAS

Tentando fazer renascer uma campanha

Inspirados numa folha portugueza reapareceram em Inglaterra os ataques á nossa administração colonial. Simultaneamente a Alemanha lança de novo aos quatro ventos a idéa da divisão do continente africano pelas nações europêas, segundo a sua capacidade produtiva. E' o velho tema que ressurge.

Todos nós sabemos que na Inglaterra ha grandes amigos da Alemanha, ou gente que lucra em lhe fazer o jogo.

As manifestações de germanofilismo foram frequentes durante a guerra, e eu sei de alguns que ainda estão presos por delitos de caracter internacional,—vá lá o eufemismo.

Volta a Alemanha a tentar a preparação dos espiritos no intuito de... quando puder ser, arranjar um logar ao sol.

Na Inglaterra porém, vergonha é confessá-lo, não faltam folhas a fazer-lhe o jogo.

Ao mesmo tempo, como anuncio das pilulas Pink, o «Morning Post», o «Liverpool Post», o «Daily News» e o «Daily Herald», trouxeram locaes agressivas para o nosso bom nome de colonisadores.

Quem começou a campanha foi ha dias o «Espectator», velho e rancoroso inimigo dos portuguezes. Também não estranho o «Daily News», jornal do grande chocolateiro lord Cadbury, outro «cabrion» que nos não larga as canelas; mas o «Morning Post»!...

Como é possivel o «Morning Post» a empoleirar-se numa campanha germano-comunista com o «Daily Herald», porta-voz do bolchevismo estipendiado!

A berrata dessa gentalha surge a proposito dum memorial que a ridicula «Anti-Slavery and Aborigenes Protection Society» apresentou á assembléa da Liga das nações, em que aqueles pobres diabos da «Anti-Slavery» não como sempre a rebeque da gente paga para nos insultar, volta a acusar-nos de praticar a escravatura.

A «Anti-Slavery» é uma assembléa de velhos e velhas dementados e ridiculos que meia duzia de espertalhões exploram em proveito da velha ambição alemã; a Liga das nações é outra coisa patusca, visto que os Estados Unidos não entram, a Russia se acha como é sabido, e a Alemanha tambem lá não põe o pé.

Uma panacêa platonica, votando moções encantadoras que pela sorte que as espera até parecem leis cá da nossa terra.

A nenhuma «chance» na execução de taes moções, que ficarão no campo da idealidade dos maduros, agora reunidos em Genebra, o memorial duma outra assembléa de patêtas, terá feito rir o governo inglez que melhor do que eu pode dizer-lhes «je vous connais beaux masques», mas não deve deixar de constituir para nós um justo motivo de resentimento e um aviso salutar.

Lloyd George bem podia evitar essas vilezas de alguns subditos de S. M. Britanica; mas o primeiro ministro é liberal e deixa roncar os porcos. Não lhe devemos querer mal por isso.

Pobres imbecis! Sabe o leitor o que eles pedem? Um inquerito rigoroso em todo o sistema de trabalho portuguez na Africa ocidental!

Pois venha lá mais essa moção da assembléa da liga das nações para maravilha e edificação dos povos!

Que bem apanhados os tipos de «Anti-Slavery».

Vontade de morder não lhes falta, o peor é que a dentuça está podre ou é postiça.

D. Thomaz de Noronha.

Ordem de Aviz

A proposito das condecorações d'esta ordem militar ultimamente concedidas, afiançam-nos alguns oficiaes do exercito que tem todas as condições para lhes serem conferidas, possuindo alguns d'eles serviços revelantes á Patria e á Republica.

Pois, apezar de assim ser, não lhes foram agora concedidas, como era de toda a justiça, de modo que lavra um certo descontentamento.

O caso é grave e para ele chamamos a atenção do sr. ministro da guerra.

Sessão de propaganda cooperativista

A direcção da Federação Nacional das Cooperativas visita amanhã as sociedades cooperativas existentes no conselho de Almada, devendo chegar ahi pelas 11 horas.

As direcções das sociedades convidaram os seus associados a assistir á sessão de propaganda que pelas 15 horas se realisa no salão da Academia Almadense.

Malas postaes

Pelo vapor «Sacavem» são amanhã expedidas malas postaes para o Pará e Manaus, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

AOS SABADOS

A semana literaria

Ramo de louro, por *João do Rio* (Ed. Aillaud e Bertrand—Lisboa-Rio).—**Sol d'Outono**, por *Artur Inez* (Ed. Portugalia-Lisboa). **Fabulas**, por *Pedro Basto* (Ed. do autor).—**Quadros ribatejanos** por *Mota Cabral* (Ed. Classica Editora)—**Gomes Freire**, por *Antonio Ferrão* (Ed. Imprensa da Universidade).—**Os arquivos e as bibliotecas em Portugal**, por *Antonio Ferrão* (Ed. Imprensa da Universidade).—**O imperialismo britanico**, por *R. Gonçalves Pereira* (Ed. do autor).

O «Ramo de louro» é um volume constituido por um apanhado de artigos de critica—noticias em louvor,—critica superior do espirito altamente iluminado de João do Rio—a homens, a livros, a vidas artisticas.

«Se a critica não fôsse a prova inferior dos que não criam e a admiração não estivesse sempre abaixo daqueles a quem o destino torna possuidores do incentivo da Beleza»,—escreve João do Rio,—desdizendo-se por este punhado de fluentes analises ou á obra de Celso Vieira, ou a um livro de João de Barros, intercalando com artigos de saudações, evocadores de Augusto Rosa, e de Fialho d'Almeida, em que a sua prosa cheia de requintes literarios aliada ao seu grande espirito, fecundo em concepções vastas em profundos conceitos, e que mais uma vez vem pôr em destaque o nome sempre luminoso do grande amigo de Portugal.

Para o Brazil tem o «Ramo de louro» paginas sobre os poetas moços, sobre as energias novas que despontam, para a ascenção de outros. E lançando uma benção aqui, um sorriso para alem, dois elogios funebres sobre aquele, João do Rio, patriarca ainda vigoroso das letras lusas captiva-nos a todos com o perfume acre e doce do mesmo tempo do seu «Ramo de louro».

No prefacio, o sr. Artur Inez, pergunta á critica se está disposta a ser correcta imparcial, exigindo justiça sobre o seu primeiro volume de versos «Sol d'Outono».

Pois seja; nem outra coisa é costume cá na casa, motivo porque as palavras amargas sibilam aos ouvidos dos que não apresentam nada de valia.

Os versos do sr. Artur Inês são bem feitos, teem sentimento e harmonia; mas falta-lhe a grande concepção, os vôos largos, os temas que interessem a todos, e não sejam velhos como... a propria poesia; Artur Inês, estampando o seu retrato no frontespicio prova que não é um vencido, como diz no ultimo verso; um vencido com esta ancia de ser conhecido, espreitando á porta do primeiro livro é antes um convencido; um convencido de que ha de vir a ser alguem, continuando a trilhar a cultura do seu valor e dos seus sentimentos.

As poesias dolorosas sobre miserias sociaes, os sonetos do final, são estruturalmente perfeitos e belos; mas, a gente passa porque a voz do poeta ainda não tem a sonoridade suficiente para chamar a atenção do vulgo ingrato e fetil, mas que afinal é o unico que fez nomes e decora o nome dos verdadeiros poetas.

Na literatura interessante e dificil, parabolica quantas vezes, servindo-se da metafora ou da alegoria, das fabulas, publicou agora o sr. Pedro Basto, um folheto com 6 historietas rimadas contando o que já «La Fontaine» e Philéas Lebergne contaram, tendo trez da sua autoria.

Sentenças e conselhos sapientes depois dum paralelismo entre o animal e o homem, criticas aos defeitos humanos pela sua analise filosofica,... Um pouco de graça, loveza facil na forma de dizer. As ilustrações de Leal da Camara completam o efeito das fabulas pelas suas figuras incisivas e cheias de singeleza.

O sr. Mota Cabral publicou agora um pequeno volume de 16 folhas com sonetos sobre a terra alentejana, quadros rapidos de vigorosos traços, com luz e sol, campinas portuguezas, operações de ceifa, monda, debulha, as vindimas, que sendo tão belas e grandes na natureza, não podem sem desequilibrio e prejuizo, caber nos magros 14 versos dum soneto quando este ainda não é manejado por um mestre.

Comtudo é um pequeno opusculo que com agrado se lê.

Continua o sr. Antonio Ferrão, uma das raras pessoas que em Portugal trabalha—sem ser nos negocios altos de carvão e lenhas—sem se importar com o que se passa em redor. E' um exemplo de estudo e dedicação que não nos cançaremos de apontar. Os volumes que agora temos presentes, vem adicionar-se a tantas outras obras já do mesmo autor, e, comtudo, provam ainda o seu valor e a erudição estudiosa do sr. Antonio Ferrão. No primeiro titulo «Portuguezes ilustres», apresenta-nos «Gomes Freire», o grande liberal e patriota, na sua vida exemplar das virtudes da raça portugueza. Trabalho honesto de compilação enriquecido por notas ineditas sobre Gomes Freire, principalmente na parte referente á sua mocidade, e documentos tambem perdidos para olhar do vulgo, se uma creatura ilustrada e dedicada como o sr. Ferrão os não vae procurar ao sono tumular em que dormem.

O segundo volume publicado pelo mesmo senhor, trata dos «Arquivos e as Bibliotecas em Portugal»; e é uma valiosa obra que o autor define, «um balanço—posto que sumario—da situação em que se encontram os nossos mais importantes depositos de manuscritos e livros do Estado ou publicos.»

Obra que é um extenso relatorio de trabalhos efectuados, termina repetindo a frase de Washington,—«a instrução é a base mais solida da felicidade publica»—insistindo aos poderes superiores para que uma atenta dedicação, interesse seja concedida ao problema da instrução, para que a Republica—e talvez só assim—resulte mais soberba, mais perfeita e mais bela!

Em separata do «Economista Portuguez publicou o sr. Gonçalves Pereira o opusculo «O Imperialismo Britanico», dissertação que defendeu na Universidade de Lisboa.

E' um bom trabalho sobre o assunto que agradará sem reservas a quem se interessar.

A. F.

O 1.º de Dezembro

No grupo n.º 10 dos Adneiros de Portugal

N'es'e grupo, cuja séde é na rua Alexandre Herculano, 120, realisa-se no dia 1 de dezembro, uma festa comemorando a data historica da restauração de Portugal, e o 2.º aniversario da fundação do grupo e inauguração da nova séde. A festa terá inicio pelas 13 horas, e obedecerá ao seguinte programa:

1.ª parte.—sinfonia, continencia á bandeira, sessão solene, exercicios e jogos pelos adueiros, trechos de musica, um acto de variedades e abertura da quermesse.

2.ª parte.—ás 20 horas, sinfonia hino dos adueiros (côro pelos adueiros do grupo), continuação da quermesse e baile, até ás 0 horas.

Para a festa são convidados todos os socios do grupo, suas familias, e todos os adueiros e escoteiros de todos os grupos existentes em Lisboa.

Assistirão a Associação de bombeiros da Cruz Vermelha, da Cruz Verde e de Cruz Branca, assim como grupos de adueiros e escoteiros.

Reclamações do comercio africano

Foi hoje recebido o seguinte telegrama:

«BANANA, 19 ás 8,5.—O comercio de Santo Antonio do Zaire, deveras prejudicado pelo pessimo serviço de descargas e constantes roubos praticados nos volumes de carga conduzidos á Companhia Nacional de Navegação, «Grita: ó da guarda» e pede urgentes providencias. (a) Comercio».

Novo jornal

Informam-nos de que um grupo de socialistas, na sua maioria, das escolas secundarias e superiores, acaba de se constituir em grupo, no proposito de custear um novo semanario, destinado principalmente á vulgarisação das doutrinas socialistas modernas, ao culto da arte em todas as suas manifestações e tambem á analise metodica do movimento internacional contemporaneo, sob o ponto de vista da sistematisação filosofica dos seus ensinamentos, fundada na investigação das determinantes historicas dos factos, apreciação rigorosa e imparcial do meio em que se passam, e dedução das suas provaveis consequencias.

A comissão, ao que nos foi dito, acaba de procurar o nosso colaborador e amigo o deputado e prof. sr. Ladislau Batalha, a fim de o convidar a assumir o espinhoso cargo de director do novo semanario já em organisação.

Aceitou muito penhorado, tanto mais que disse poder contar com a colaboração de varios vultos da Europa e do Japão principalmente com os quaes se encontra em constante correspondencia.

Aguardam-s a nova publicação que virá preencher uma lacuna de ha muito sentida no nosso meio intelectual.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Como de costume, está amanhã aberto ao publico este museu, instalado no Campo Grande, lado Oriental, n.º 382, das 14 ás 17 horas.

O produto das entradas reverte a favor do Asilo de S. João

Theatros e Cinemas

Reclames

Começou já a procura de bilhetes no Politeama para a festa artistica de Adelina Abranches, que no proximo dia 2 de dezembro se realisa com a «premiére» da «Alegria de viver», esplendida comedia de Pierre Wolff em que a grande actriz, ao lado de sua filha Aura Abranches, tem um soberbo papel. O «Grande amor» repete-se hoje e despede-se na proxima 4.ª feira, continuando a obter entusiasticos enchentes.

—O Apolo todas as noites se enche do lés a lés. Está dando as suas ultimas representações, com todas as suas novidades e atractivos, a magnificente revista «Risos e Flores» com todos os seus esplendores de montagem, musica e desempenho.

—Como já dissemos, é hoje a inauguração da temporada de inverno no Coliseu dos Recreios com uma companhia de circo, que nos dizem ser magnifica.

O concerto Blanch d'amanhã

O grande acontecimento artistico e mundano da semana, que leva ao teatro São Luiz, na tarde de amanhã todo o mundo elegante e toda a Lisboa intelectual, é o 1.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portuguesa» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, com um soberbo programa que, mesmo nos grandes centros musicaes do estrangeiros, não é facil conseguir. Não admira pois o entusiasmo que está despertando.

Em 1.ª audição executa-se o celebre «Scherzo de Glinka, a extraordinaria «Sinfonia Fantastica», de Tchaikowzky, a famosa «Suite» em Bach, com o «Preludio», «Corall e Fuga», a «Dorabela» de Edgar, a «ouverture» descritiva «Sakuntala», de Goldmark, a brilhante ouverture dos «Mestres Cantores» de Wagner e outras obras. A tarde de amanhã no São Luiz será de completa enchente e de rara arte a suprema elegancia.

A margarina ingleza

Recebemos da Sociedade Continental de Alimentação a seguinte carta:

Lisboa, 26 de Novembro de 1920.—Ex.mo Sr. director de «A Capital», Lisboa.—Só hoje tive a honra de ler o artigo sob o titulo «No Paiz do Azeite» firmado pelo ilustre professor sr. D. Thomaz de Noronha, publicado no seu importante diario do 18 do corrente, que mão amiga me enviou, onde aquele senhor, falando da margarina, afirma que ela é fabricada com oleo de palma e de côco e pede muita cautela aos consumidores.

Embora tarde, na qualidade de um dos importadores desse genero, não posso deixar de dizer duas palavras sobre o assunto para que os leitores de «A Capital» não fiquem com a impressão de que ela é um veneno para o estomago.

Não se sabe ao certo as materias empregadas no fabrico de margarina e tanto assim é que um atestado de analise a que se procedeu nada diz de positivo a esse respeito, mas embora fosse fabricada com o oleo de palma e de côco, como o ilustre articulista afirma, não cremos que esses productos sejam nocivos á saude, pois que milhares de europeus que mourejam pelas Africas os consomem, sem que até hoje lhes tenha feito algum mal.

Além disso, entre os paizes que mais consomem a margarina, conta-se a Inglaterra, onde a manteiga atingiu um preço tão elevado que só os ricos a podem comprar, e não consta que ti vesse estragado o estomago a alguem.

Este facto ocorre-me perguntar ao sr. dr. Tomaz de Noronha qual é a diferença de pureza que ele encontra entre os oleos de palma e o coco e o azeite, porque eu julgo que este é tambem um oleo como aqueles em questão, qualquer deles vegetal.

Sem duvida que ha muita margarina nacional mal fabricada e é possivel que o ilustre articulista tivesse comidod essa, mas entre esta e aquela existe uma grande diferença, que é preciso ter em consideração, porque a margarina ingleza para que chegassa ao estado actual de perfeição foi preciso que os industriaes desse genero empregassem o melhor dos seus esforços.

Pedindo a publicação destas linhas para esclarecimento do respeitavel publico, subscrevo-me com a maxima consideração e estima.—De V. etc. Sociedade Continental de Alimentação (a) *D. Whiting*.

E' a sociedade a primeira a confessar que a margarina é um producto suspeito, pois que nem sequer se sabe «ao certo as materias empregadas no seu fabrico».

Querer por a pôr em pureza os oleos de palma, do côco e o azeite, por «qualquer d'eles» ser vegetal, é infantil. Tambem a beladona é vegetal e nós não aconselhamos a Sociedade de Alimentação a experimentar os seus efeitos n's seus clientes.

Os oleos de palma e coco não matam, mas não são bons. Em Africa só se usa o pretos.

Algum branco que os consome é só em ultimo caso, á falta de azeite.

A margarina sempre se considerou nociva á saude.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «A Leiteira de Entre-Arroios».

Nacional, ás 21,30, «Leonarda».

Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».

Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».

Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo».

Politeama, ás 21, «Grande amor».

Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».

Eden, ás 21, «Chá e Torradas».

Coliseu dos Recreios, ás 21, Companhia de circo, ginastico, acrobatica e comica.

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).

CENTRAL (Avenida da Liberdade).

OLYMPIA (Rua dos Condes).

CINEMA CONDES (Rua dos Condes).

CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).

SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).

CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

POLITICA

O general sr. Abel Hipolito prosegue nas suas «démarches» para constituir governo

Demissionario o governo Alvaro de Castro a primeira preocupação do chefe do Estado foi, conforme «A Capital» por varias vezes tem dito, organisar um ministerio de concentração republicana, como se impunha. As negociações n'esse sentido chegaram a efectuar-se e, embora so digá-se que está já posta de parte tal ideia facto é que ainda hojo se trabalhou n'esse sentido.

Para presidir ao governo que substituirá o actual pensou o sr. Presidente da Republica, no nome do sr. dr. Teixeira Gomes, a quem telegrafou n'esse sentido, declinando o nosso ministro em Londres o honroso convite que lhe fôra feito.

Entretanto reuniram-se os liberaes, que fazendo questão de pastas e de presidencia indicaram o nome do sr. Thomé de Barros Queiroz, o qual logo declinou tambem o encargo, afirmando desde o começo que ninguem conseguiria demovê-lo do seu proposito, porquanto tinha de olhar a serio pela sua casa comercial e ainda por outras emprezas a cuja gerencia está ligado.

Foi então escolhido o general sr. Alberto da Silveira, mas o governador do Campo entrincheirado não se mostrou inclinado a aceder ao convite, motivo porque o nome do general sr. Abel Hipolito foi apontado como sendo aquele que restava ao partido liberal, para presidir ao novo gabinete.

O ilustre senador foi de facto de madrugada incumbido de tal missão em que ainda se encontra empenhado a hora a escrevemos, embora haja quem afirme que S. Ex.ª não conseguir levar a bom termo o honroso encargo que lhe foi confiado, pela razão simples de pequenas dissenções com o almirante sr. Machado Santos, chefe da Federação Nacional Republicana.

Mas este ponto foi cautelosamente ponderado pelos que teem interess em encontrar uma solução para tale estado de coisas, não devendo ter sido estranha a taes «démarches» uma entrevista que o almirante Machado Santos, teve hoje de madrugada na avenida da Liberdade com uma individualidade em destaque no P. R. P.

E tudo se harmonisará certamente, porquanto um ministro machadista entrará para o governo, e o sr. dr. João Gonçalves, cujo nome é garantido para sobraçar a pasta da Agricultura ou Trabalho.

Até ás 17 horas o sr. Abel Hipolito ainda não tinha definitivamente constituido o novo ministerio, embora tivesse já ministros, procurando sómente colocal-os nas diversas pastas.

O ministerio mais provavel é o seguinte:

Presidencia e Interior—general Abel Hipolito, liberal.

Justiça—dr. Catanho de Menezes, democratico.

Finanças—Ferreira da Rocha, liberal.

Guerra—general Pedroso de Lima, independente.

Marinha—Mariano Martins, democratico.

Colonias—Ladislau Parreira liberal Estrangeiros—Melo Barreto, independente.

Procure-se com a entrada do sr. Melo Barreto neutralisar a pasta dos estrangeiros.

Instrucção—Alvaro dos Santos, liberal.

Trabalho—João Gonçalves, independente.

Agricultura—Plinio da Silva, democratico.

Comercio—Anibal Lucio d'Azevedo, democratico.

* *

No Centro Tomaz Cabreira, rua Eugenio dos Santos, realisa amanhã, ás 15 horas, o sr. João Camoezas uma conferencia politica, na qual desenvolverá o tema: «A ultima crise e os responsaveis da administração republicana desde Monsanto».

A greve dos alfaiates

Como suspeitos de implicados nos atentados dados ultimamente contra as alfaiatarias, e por não se provar da sua culpabilidade nesses actos foram hoje postos em liberdade Adriano de Carvalho, Artur Correia de Araujo, Abel de Sales, Manuel G. de Almeida, Celestino Afonso dos Santos e Antonio Simão Amaro.

Para acudir ao peso...

João Vieira Pimenta, travessa da Amorosa, 25, queixou-se á policia de que tendo comprado tres pães ao moço de padeiro João Caravelas, da padaria da rua dos Remedios, 147, encontrou dentro um deles um bocado de chumbo.

Grevistas municipaes presos

Antonio Ramos, trabalhador, morador na barraca do Pereira; Alfredo Pereira, calceteiro, rua das Escolas Geraes, 17, e Augusto Pereira, rua de Santo Antonio da Gloria, 64, foram presos por andarem na Avenida da Liberdade e suas imediações distribuindo manifestos de protesto contra a vereação municipal.

Os presos são operarios do municipio, grevistas, e foram entregues á policia de segurança do Estado, para averiguações.

Fugitivo que se entrega á prisão

Joaquim Cordeiro, trabalhador, sem residencia, entregou-se á prisão na esquadra do Rato, declarando ter-se evadido da cadeia de Odemira no dia 28 de abril findo.

O serviço de encomendas postaes

Só está suspenso para as linhas do Sul, devido á acumulação de remessas

As reclamações apresentadas a varios jornaes, e dos quaes eles se fizeram eco, contra o serviço das encomendas postaes, levaram-nos até ao edificio do antigo coliseu da rua da Palma, hoje transformado, e bem mal, n'essa repartição do Estado, devido não só a estar arredado do centro da cidade, mas ainda ás condições pouco proprias do edificio ao fim a que agora o destinaram. Mas vamos ao assunto que ali nos levou.

Do que vimos, podemos informar que a suspensão de que se fala não é verdadeira, pois que ali trabalha-se com toda a boa vontade de forma a que as encomendas sigam a seu destino sem grande demora.

O unico serviço que está suspenso e, a nosso ver, muito acertadamente, é o do Sul, devido a ainda não estarem os serviços d'aquela linha devidamente normalisados.

Logo que se anunciou que estava regularisado o serviço do Sul apareceram no primeiro dia 4000 encomendas e nos dois dias seguintes mais 2000. Ora como cada mala é ocupada em media por dez volumes, a direção daquele caminho de ferro não recebe mais de 40 malas para cada comboio, que, como se sabe, se realisam em dias alternados; portanto só ao fim de quasi um mez é que as ultimas malas das 6000 encomendas seguirão o seu destino. Não é portanto o mau serviço culpa do pessoal.

Como muitas encomendas são de facil deterioração, e algumas até devido á demora perdiam a oportunidade, entendeu o chefe daquele serviço, por esse motivo e ainda para evitar que pela administração geral tenham de ser pagas indemnisações aos remetentes por elas se terem deteriorado, suspender temporariamente a recepção de encomendas, unicamente para a linha do Sul, emquanto não estiver descongestionada a acumulação de encomendas, que devido ao que expomos não podem seguir.

Com referencia ás outras linhas, o serviço tanto nacional como estrangeiro está normalisado.

O serviço da provincia para Lisboa é que está muito atrazado, pois segundo consta, em muita estações das linhas do Norte estão acumuladas malas, sabendo-se até que em Gaia desde o dia 2 do corrente mez estão 700 malas, que não têm seguido a seu destino em virtude de quem ali dirige o serviço de Caminhos de Ferro não pôr á disposição do correio vagons para a sua condução.

Noticias da Capital

A serie diaria.—Queixaram-se á policia; Elvira Moreira, rua da Creche, 32, 1.º de que n'um carro electrico lhe furtaram um relogio de ouro de grande valor estimativo; Antonio Rodrigues Martins, quinta dos Côrtes aos Olivaes, de que os gatunos entraram ali e roubaram um motor electrico no valor de 5.000 escudos, que estava n'uma casa interior da referida quinta tendo a porta sido arrombada; a firma Castro & Duarte com estabelecimento de ferragens na rua do Anjos, 224, de que por meio de arrombamento lhe furtaram varios artigos, cujo valor ainda não apurou; Catarina Luzio, rua do D. Estefanio, 124, 2.º de que tendo dado a guardar uma mala com roupas no valor de 200 escudos a Ana Robalo, beco da India, 2, esta se recusar a entregal-a.

—Foram presos: Mario Lopes e Filipe José da Costa, ambos moradores na rua da Arrabida, 6, 1.º, por serem encontrados dentro da escada do predio n.º 43, na rua do Sol ao Rato, suspeitando-se que sejam os autores da tentativa de arrombamento da porta da loja de fazendas que deita para a referida escada pertencente a A. J. Silva, sendo-lhes apreendida uma chave que serve para a escada e um escopro; Joaquim Cristelo das Neves, rua do Sacco, 18, por ser encontrado oculto no quintal do predio das escadinhas do Monte, 9, com o fim de ali praticar algum furto, e Rosa dos Santos Pereira, beco dos Toucinheiros, por ter furtado a quantia de 180 escudos a Luiz Fortuna, Vila Dias, 45, 1.º.

—Os gatunos entraram por meio do arrombamento na fabrica de tinas na Calçada do Bom Hora, pertencente ao coronel sr. Miranda, furtando artigos no valor de 229 escudos.

Guarda nocturno que se defende a tiro.—João Gonçalves de Amorim, sem residencia, e João Pinto da Cruz, estrada de Chellas, 92, foram presos, por serem encontrados pelo guarda nocturno n.º 374 José Rodrigues dos Santos a arrombar a porta do estabelecimento de sapataria na rua do Registo Civil, 22, de Leandro Gomes. Tentaram agredir o guarda, pelo que este teve que se defender a tiro, sendo o Amorim atingido n'uma clavicula, tendo que ser conduzido ao hospital de S. José, onde ficou em tratamento.

Aos gatunos foi apreendido um pé de cabra.

Agredido por desconhecidos.—Alfredo Rodrigues da Silva, rua Antonio Pedro, 167, queixou-se á policia de que perto da sua residencia foi assaltado por um grupo de individuos desconhecidos, os quaes o agrediram ficando ferido no rosto, tendo que receber curativo no hospital de Estefania.

Feto abandonado.—O guarda 1407 encontrou na escada do predio n.º 76 do Regueirão dos Anjos, um feto do sexo feminino, que por ordem do subdelegado de saude, sr. dr. Tovar de Lemos, foi removido para a Morgue.

Serviço telegrafico da tarde

Uma homenagem a Jean-Jacques Rousseau

GENEBRA, 26.—Por unanimidade foi aprovada a proposta apresentada á reunião plenaria da Liga das Nações pela delegação do Brazil, composta dos srs. Rodrigo Octavio, Gastão da Cunha e Raul Fernandes, para que fosse deposta uma «corbeille» de flores e de louros na estatua de Jean-Jacques Rousseau, como tributo de homenagem á memoria do imortal auctor do «Contracto Social».—(*Americana*).

Cotações e valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 26.—Cotação do café, 11$200; cambio sobre Londres, 11 11|16 e 12; valor do escudo portuguez, 820 réis.—(*Americana*).

Desordens entre emigrantes portuguezes e hespanhoes

RIO DE JANEIRO, 26.—Na ultima viagem do «Garonne», aqui chegado no dia 18, durante a travessia de Espanha ao Rio deram-se graves desordens entre emigrantes portuguezes e espanhoes. Queixaram-se de que uns eram mais favorecidos de que outros na repartição da comida. O capitão viu-se obrigado a adoptar medidas rigorosas, afim de acalmar os exaltados.—(*Americana*).

Francisco Duarte

FALECEU

R. I. P.

Maria Joaquina Brito Duarte, Francisco Duarte Junior, sua mulher Annie Orterer Duarte e seus filhos, Maria Idalina Duarte Figueiredo seu marido Alfredo Futscher Figueiredo e seus filhos, José Duarte e sua mulher Maria Christina Brito Chaves Duarte, Maria Amalia Duarte Pimentel, seu filho, nora e neto, Eugenia Duarte Rego, seus filhos, noras e netas, Idalina Sampaio Duarte, sua filha, genro e neto, Amelia Duarte Sobral, seu marido e filhos, Hortense Duarte Farinha, seu marido e filho, João Duarte (ausente) sua mulher, filhos e nora, Elisa Valeriana Brito, seu filho, nora e netos, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações, o falecimento de seu querido marido, pae, sogro, avô, irmão, cunhado e tio, e que o seu funeral se realisa amanhã 28 do corrente pelas 11 horas, da sua residencia Avenida da Liberdade, 103 2.º para o cemiterio de Bemfica.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos teêm estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3719 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 28 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

A questão politica

Nota da Presidencia da Republica:

«Não tendo sido possivel ao sr. general Abel Hipolito organisar um gabinete democratico liberal com representação dos independentes, o sr. Presidente da Republica convidou o sr. Liberato Pinto a organisar um governo de concentração geral republicana».

E' dentro da normalidade o ultimo expediente a tentar, visto que não houve nas combinações anteriores o espirito de sacrificio necessario para facilitar a organisação do gabinete que se pretendia. Do que viér a suceder ninguem póde, pois, lançar sobre os outros a responsabilidade que é de todos, sem excepção, desde os dissidentes que precipitaram a quéda do ministerio Granjo para formarem um gabinete que de modo nenhum podia ter viabilidade, até aos grandes partidos que não compreenderam que havia soado a hora dos grandes sacrificios e que a eles, primeiro que a ninguem, incumbia inicial-os, enveredando finalmente por um caminho livre de ambições pessoais ou partidarias, com os olhos postos na Patria e na Republica, que a todo o custo é necessario salvar.

O sr. Liberato Pinto é talvez o unico politico que neste momento reune as condições necessarias para bem se desempenhar da espinhosa missão de que o encarregou o sr. presidente da Republica. A todos os partidos e grupos politicos corre o dever de o auxiliarem quanto em suas forças coubér para que rapidamente se organise um governo conforme aos desejos do Chefe do Estado e no interesse da segurança das instituições.

Lopes de Mendonça

O senhor ministro da instrução propoz que fosse elevado ao grau de grã-cruz de S. Tiago da Espada Henrique Lopes de Mendonça. O acto do sr. dr. Julio Dantas não representa apenas um acto de amabilidade; representa sobretudo, um acto de justiça. Lopes de Mendonça é um mestre de literatura. O seu triptico maravilhoso (Morta, Duque de Vizeu, Afonso d'Albuquerque)—dá-lhe honras de patriarca das letras. A sua obra é simultaneamente a rajada e a brisa.

Toda ela lateja, freme, vibra, ondula, incendeia, comove—é ao mesmo tempo o heroismo e a dôr, a beleza e a morte, o coração e a espada. O verso tem nas suas mãos a velha graça da ourivesaria. A proza ganha ao contacto do seu genio, ofuscante opulencia dos paramentos da egreja O sr. ministro da instrução honrou se pois a si proprio —honrando o poeta, o historiador do «Duque de Vizeu».

Politicos

Em Portugal a maior parte dos nossos homens publicos faz politica—por engano. Falta-lhe a quasi todos precisamente aquilo que José Luciano considerava essencial no estadista: a visão do futuro; sobra-lhes a quasi todos o maior defeito de todos os paizes cuja formação é estruturalmente comunitaria: a incompetencia. A politica tem sido entre nós, principalmente nos ultimos tempos, salvas apenas honrosas excepções,—o triunfo dos inuteis.

Os que faltam na arte, na literatura, na industria, na vida—vestem a casaca de seda de Mirabeau, que lhes fica horrivelmente, e entram, orgulhosos, na politica Falam de Dupuit, de Iezé, de Michoud—que nunca leram; querem calçar as luvas de Garrett—mas não lhes servem Os nossos politicos são assim: pequenos jongleurs das idéas dos outros, pequenos clowns que apenas sabem, como aquele alfaiate de Voltaire, virar pessimamente as casacas...

Domingo

Domingo é o dia da multidão. Da multidão que trabalha? Engano. Da multidão que descança? Ainda menos Apenas da multidão que se diverte. E' o dia das «hortas» e de Cintra, da «outra-banda», e do Jardim Zoologico.

Mas o domingo já não é como dantes—o dia do namoro da criada de servir e dos D. Juanes da guarda republicana. Não se iludam. Transformou-se. Cupido já não aparece transfigurado numa farda azul escura-como na velha guarda. E porquê? Falam os psicologos: é que as criadas não gostavam dos homens—gostavam apenas do vermelho das fardas.

Luis d'Oliveira Guimarães.

Ordem publica

Foram presos e entregues á policia da Segurança do Estado José Maria Gonçalves Zarco da Camara, estudante, de passagem em Lisboa, e José Bramão, comerciante, rua de S. José, 219, acusados de estaram implicados no «complot» dos jovens integralistas.

Hoje, na policia de Segurança do Estado, não se procedeu a qualquer diligencia, nem foram interrogados os individuos que se encontram detidos e estão entregues a essa policia

AUTENTICAS

Os eternos poetas

Integralismo republicano

Pelo relato da imprensa acabo de saber que está em via de formação mais um agrupamento politico, sem politica nem «gros-bonnets». Intitulou-se a «União Nacional», quando devera chamar-se «União de Poetas». Um punhado de ideologos, de homens de principios e outros no principio da vida com alguns naufragos politicos á mistura, iniciou os trabalhos da organisação. Ha por lá de tudo e até intelectuaes aparecem entre os iniciadores.

A que vem a «União Nacional»? A salubrificar os costumes publicos. O que se propõe executar? Pouca coisa: pôr isto tudo são como um pêro.

E' o espirito dos «endireitas» que refolge de novo em outras almas.

«Endireitas»!... Nas vascas da agonia do regimen deposto, quando tudo era torpeza e borracheira, tambem houve nervos sãos que pretenderam fazer reacionar este corpo social de que eu sou um átomo inspirado.

Eu era então uma pessoa como os da »União» d'agora. Ainda acreditava que o passado manda. Cria como descendente, que sou, na possibilidade do regresso, e apetecia-me uma nacionalidade constituida sobre o brio, a honestidade e a mais transcendental virtude. Por todos esses padrões das mais altas qualidades civicas almejava em todo o meu coração cego, apartado da realidade, deslizando a flux pela corrente caudalosa do tradicionalismo. Era a perfeição social, a intangibilidade dos velhos principios, nada menos, o que eu exigia. Como eu, os poetas de então vislumbraram tudo isso no primeiro gesto dos franquistas, os «endireitas» de então.

Um dia encontrei Fidelio de Freitas Branco; era homem de João Franco, e estava por governador civil de Evora.

Disse-lhe sucintamente:

—Então agora vae?—

Ele, homem doente e mais experimentado:

—Parece-te?

—Porque não? Vocês são homens serios e bem intencionados...

—Pois sim; mas a maioria do paiz não é isso que quer—apontou o bondoso homem de bem.

Estava certo. Não é o paiz o povo portuguez, honra lhe seja, mas são os que fervilham, os que se mexem, agitam e, portanto, os que imprimem cunho, força, feição á nossa vida nacional.

Como o franquismo descambou sabem-no todos, por isso é ocioso lembrar como os puritanos se adaptaram. Já depois, em plena republica, naquela hora forte do governo provisorio, ouvi a outro governador civil, no norte do paiz:

—Um horror! está tudo a fazer-se democratico»...—e sorria... entre desalentado e ironico:

Percebi o sorriso zombeteiro: o democratismo era o que então prometia... seria forte e populoso, como depois o foi; portanto...

E a Julio de Velhena, não chamaram um dia poeta?

Porque? Porque o sabio jurisconsulto, homem de Estado e homem de bem tinha uma concepção para as coisas publicas, irmã gémea dessa que ora bruxoleia no nucleo da «União».

Mas o franquismo e Julio de Vilhena foram lampejos, galvanisações de padrões extinctos.

Cada epoca historica tem a sua feição, o seu tipo, a sua moda, e, francamente, em que custe aos puritanos, aos paladinos duma moral quasi medieval, agora a moda é rir dos velhos principios.

A guerra e a revolução russa deveu um alto grão de sinceridade ás ambições humanas. Ninguem forte esconde hoje, senão acidentalmente, por oportuna conveniencia, para onde caminha. A hipocrisia das massas morreu. Hoje é-se brutalmente egoista, e quando os que não teem o talento de o ser e de vencerse juntam, organisa-se um nucleo de vencidos.

Hoje chama-se um barbaro a um homem de principios, porque representa uma epoca que passou.

Assim o belo gesto dos da «União» pode ter duas sortes: a eloquencia platonica dos visionarios ficar em sonho de perfeição abstracta, incoercivel—ou chegar a ter qualquer significação, e então os nucleos dos actuaes dos que teem os meios de beneficiar e prejudicar o esfacelarão. Ingenuo impulso! Que o seu sebastianismo seja potente para que um dia nos chegue a interessar o estudo do fossil social que um punhado de amigos pretende arrancar ás entranhas do tempo.

Mas nunca se deve esquecer de que fracos são aqueles que carecem de abstrações herdadas para levarem a sua avante. Para mim fortes são os que, sem as grande induções do passado, só firmados na sua acção e na sua defeza, entram no campo das realisações; fraco, é quem, para vencer, precisa de apoio, seja este a mão protectora de padrinhos solicitos, ou principios que não são nossos; porque se herdaram, porque outros os inventaram.

Sejam Lenines; peguem nos costumes, desregramentos, em vicios, em toda a monstruosidade de egoismos e falsidades, e construam com tudo isso uma sociedade; achem a formula que tudo isto equilibre e ponham a maquina em movimento. Talento e saber não lhes falta; o resto é tomar como loucura—o que é vida, vida cheia de toda a pujança dos nossos seres, irrepremivel, indisviavel no seu percurso, e tentar pôr-lhe um colete de forças, feito de um tecido tão velho como a civilisação que passou.

D. Thomaz de Noronha.

A união entre a Grecia e a Romenia

As esperanças do principe Jorge da Grecia

O enviado especial do «Excelsior» em Lucerna, Maxime Baze, enviou, em data de 21, a seguinte correspondencia:

«Era esperado o diadoque (principe real da Grecia) para celebrar em Lucerna os esponsaes do principe Carol e da filha mais velha do rei Constantino, a princeza Helena da Grecia.

O diadoque chegou no sabado de manhã. Voltava de Bucarest, onde, havia algumas semanas, o joven principe vivia sem complicações ao lado da sua noiva, a princeza Isabel da Romenia.

Streit, que tem sido o preceptor de todos os filhos do rei Constantino, informou o principe Jorge do desejo que tinhamos de conversar com ele.

O diadoque, apesar da fadiga duma viagem de mais de tres dias, pediu ao seu ajudante de campo, o coronel Levidis, que nos acompanhasse á sua presença.

*

Eis-nos no quarto de cama do principe. A cama está já aberta. O duque de Sparta não esperava pela noite para se deitar, emquanto nos aposentos contiguos, a princeza Helena, na companhia de sua irmã e do principe Paulo, recebe, no meio de risos e de danças, as felicitações da colonia grega em Lucerna.

—Ia descançar das fadigas da viagem,—declara-nos, ao receber-nos, o diadoque.— O sr. Streit disse-me que o senhor partia esta noite e quiz conversar comsigo antes da sua partida. Desculpe-me o recebel-o neste quarto. Os meus aposentos não estão ainda preparados.

—Pode fazer-nos uma declaração politica?

«E' evidente que os dois casamentos que levarão um dia ao trono helenico uma princeza romena e ao da Rome-

«Não posso... por dois motivos: só meu augusto pae tem o direito de se ocupar dos acontecimentos politicos da Grecia. E' ele o senhor das resoluções que se devem tomar e encontrará sempre na familia real da Grecia principes obedientes aos seus conselhos e submissos ás suas ordens.

—Fui recebido hontem á noite, por seu futuro cunhado — duplamente—o principe Carol da Romenia. O principe, herdeiro da corôa romena, traçou-nos as grandes linhas duma politica comercial que uniria ainda mais a Grecia e a Romenia.

nia minha irmã, a princeza Helena da Grecia, terão excelentes efeitos quanto aos resultados economicos da Grecia e da Romenia. Farei todos os esforços ao meu alcance para manter uma ligação muito intima entre a minha patria e da minha noiva... O rei, meu pae, na sua constante preocupação de trabalhar para a prosperidade da Grecia, nada poupará, tenho a certeza, para levantar economicamente a nossa querida patria...

O principe calou se. As suas palpebras, já semi-cerradas pela fadiga, fecharam-se ainda mais. Não insistimos.

*

Ao retirarmo-nos, cruzámo-nos novamente com os constantinianos nos salões. Encontramos o coronel Levides.

—Pode dizer-nos, coronel, o fim da visita do almirante Kerr ao rei?

—O almirante Kerr—respondeu-nos ele—não tem missão alguma junto de sua magestade...

—Julga que a Inglaterra favorecerá o regresso do rei Constantino?

—A Inglaterra tem demasiados interesses no Oriente para nos abandonar em frente do perigo turco... Com certeza que poderemos contar sempre com o auxilio britanico...

—E a França?

—A França será, infelizmente, a ultima a reconhecer a legitimado dos nossos desejos.

Os constantinianos, que esquecem com facilidade os incidentes de Atenas, os quaes custaram a vida a tantos dos nossos e que comprometeram os nossos exercitos na Macedonia, apresentam Constantino como um rei martir».

A guerra civil na Irlanda

O assassinio de 12 oficiaes inglezes em Dublin. — Um dia sangrento

O telegrafo referiu-se já, no seu laconismo, á série de assassinios perpetrados no dia 21, em Dublin, na pessoa de alguns oficiaes ingleses.

Vamos hoje dar alguns pormenores desses atentados.

Na tarde desse dia, um grupo composto de soldados e de policias dirigiu-se a Croke Park para assistir a um «match» de foot-ball. Acompanhava-os um camion automovel, armado de metralhadoras.

Ao aproximarem-se do campo do jogo foram alvejados por tiros de espingarda dos «sinn-feiners», que ali se encontravam.

Houve 10 mortos e 65 feridos, dos quaes 11 gravemente.

As autoridades crêem que os «sinn-feiners» que descarregaram as armas sobre os soldados e policias foram ao campo do foot-ball enviados simplesmente para os desnortear, havendo tiroteio de parte a parte.

Nessa manhã dera-se uma serie de morticinios pelas 9 horas. Houve ataques isolados ás casas habitadas pelos oficiaes que não pernoitavam nos quarteis. Os assassinios foram praticados simultaneamente, no espaço de meia hora, por pequenos grupos. Dois cadetes do Royl Irish Constabulary foram assassinados quando se dirigiam para as casernas. Quasi todos os oficiaes foram mortos na cama, sem possibilidade de se defenderem.

No hotel Gresham da rua Sackville, quinze homens entraram quando deram as 9 horas, obrigaram todo o pessoal a erguer os braços para o ar, sob a ameaça dos seus revolveres, e consultaram o registo dos hospedes.

Ameaçado de morte imediata, o porteiro foi obrigado a ir com dez dos homens ao quarto do capitão Mac Cormack, ficando outros de sentinela no hall. O capitão estáva sentado na cama a ler um jornal, quando os dez homens entraram e dispararam sobre ele.

O capitão Wild, morto noutro quarto, foi aparentemente ferido no momento em que, já levantado, se dirigia para a porta.

Nessa ocasião a policia ouviu uma mulher gritar de uma janela:

«Assassinaram um oficial!»

Em uma outra casa, os assassinos conseguiram entrar, a pretexto de ir buscar uma carta que pára ali tinha sido mandada por um oficial.

Nessa casa foram disparados tres ou quatro tiros que visaram uma das vitimas, que caiu fulminada. Um oficial subalterno conseguiu fugir.

Estava no quarto quando lhe bateram á porta. Presentindo uma cilada, abriu a porta, conseguindo, porém, dissimular-se.

Apenas a porta se abriu, resoou uma descarga de dez tiros.

Sem mesmo se importarem com o efeito da descarga, os agressores fugiram. A policia prendeu trez homens perto dessa casa; todos os trez iam armados.

Conta-se o caso do capitão Newheury, que foi morto por um tiro no quarto de dormir, na presença da esposa. Antes resistira com coragem, chegando a ferir um dos agressores, que depois foi capturado.

Entre os feridos ha dois coroneis.

Diz-se tambem que a policia tinha qualquer informação do que se planeava, mas que se conseguia desnortea-la enviando-a para o campo dos jogos, acompanhada por alguns reforços de tropas que trocaram com os «sinn-feiners» o tiroteio a que acima nos referimos.

As autoridades militares e a policia andaram fazendo pesquizas em toda a cidade, que estava num indescritivel terror com receio de represálias.

Nos hospitaes ha centenas de feridos. Ao certo não se sabe ainda o numero de mortos.

Durante os ultimos dias as autoridades de Dublin conseguiram reunir provas que serviram para levar a efeito a captura de muitos «sinn-feiners» extremistas. Estão iminentes mais prisões.

A avaliar pela forma por que os assaltantes revolveram os papeis que se encontravam nos quartos das vitimas, tem-se a certeza de que os agressores queriam fazer desaparecer as acusações que esses documentos encerravam.

PELO TELEGRAFO

Socorrendo os famintos de Cabo Verde

RIO DE JANEIRO, 27.—A colonia portugueza de Belem, Pará, enviará a bordo de «Lima», isentos de qualquer imposto, recursos materiaes para socorrer os famintos de Cabo Verde.—(*Americana*).

O governador do territorio

RIO DE JANEIRO, 27.—Partiu o primeiro governo que foi nomeado para o territorio do Acre, Epaminondes Jacome.—(*Americana*).

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XXII—*Made in London...*

«Aqui ha de tudo como na botica». E' o desejo que tenho de exclamar quando entro no «gomage» para comprar umas solas de borracha e saio de lá com uma garrafa de conservar o calor, umas polainas, e uma duzia de pequenos embrulhos pendurados de todos os dedos e capazes de todo o serviço.

Estes grandes estabelecimentos por dentro metem medo; são bazares de respeitaveis dózes de quarteirões, de que o Louvre de Paris é já um regular exemplar. Em Londres porém sucedem-se contiguamente os grandes caseirões, podendo realisar-se aquele caso duma pessôa entrar nu — se a policia deixar—e sair vestida, com a casa posta e até de automovel; apenas é necessario uma coisa: ao entrar, embora nú, trazer alguns pares de contos de réis na algibeira.

Aqui temos uma grande casa que anuncia brinquedos para creanças e fornece couraçados, tem lapiseiras e canhões de grosso calibre. Outra só de modas femininas aparenta nas suas 4 faces, em pedra e colunas jonicas, amplas vitrines em n.º de 30 cada fachada, com grupos de mulheres nos trajes ricos e decotados da moda.

Nesta «coindow» sobre Oxford Street trabalham algumas duzias de costureiras para mostrar o seu processo; além é outro estabelecimento ocupando predios dum lado e doutro da rua, utilisando uma meia duzia de elevadores e empregando quasi um milhar de empregados.

Tudo caro? Ha caro e barato; em Edgware Road, para lá de Marble Aich, ha um pequeno bazar, do tamanho, do Grandela cujo titulo diz tudo, «six pence bazar», o nosso velho bazar de 3 vintens, falido pelo descredito desta quantia, ou seja de toda a nossa moeda, O preço mais alto por que se compram coisas nesta entontecedora casa, é 6 pence; e tem de tudo sem ser fancaria; a quantidade de gente que lá formiga é logica. Musicas e canções explicadas, isto é cantadas pelos caixeiros ao som de piano, dôces, velas, tacões, malinhas, aneis, colares, perfumarias, papelaria, brinquedos, tudo que for preciso no pequeno «menage» ali se encontra, e até mesmo a propria deusa do «ménage», se se apreciar esta vendedoura aborrecida, sempre farta, que mal faz os embrulhos, a olhar descaradissimamente para o freguez que lá passa..

«Six pence...»

Não pense o viajante em encontrar delicadeza, aquela arteirice do comerciante francez ou da empregada dos «magazins»; aqui, tem o estrangeiro de se explicar muito bem para não ser convenientemente embaçado; a honestidade comercial é a mesma em toda a parte. Desfazer uma montra é coisa impossivel, mostrar o modelo que expõem—é o deixas—porque não é igual ao artigo que querem impingir. E quanto ao «ici on parle français», que nalgumas casas está afixado, é melhor nem falar nisso; nunca passa dum «truc» para chamar o estrangeiro que acaba por se explicar melhor no seu mau inglez do que o «gentleman» no francez do réclame.

No entanto o movimento do comercio inglez é enorme. Cuidados desvelados merece dos poderes publicos, que agora mesmo está construindo em Aldwich, num vasto terreno, no centro mais concorrido, um palacio de exposição permanente de pequenas industrias, onde todas as casas, todas as representações das colonias terão compartimentos para o seu mostruario, facilitando ao negociante estrangeiro o contacto com os artigos que desejar.

Camo estamos ao pé do Hyde Park, paremos junto ao gradeamento onde constantemente se acumulam grupos. Em trez molhos, com talvez trezentas pessoas cada, arengam duma cadeira dois homens e uma mulher; a distancia que os separa é pequena, e qualquer deles tem por traz em pano branco um distico.

A toda a hora do dia se encontram aqui estes propagandistas, não de elixires ou drops, mas de idéas, algumas bem subversivas. Ao lado um policia passeia indiferente. A ordem, o grande principio, domina ainda aqui; este é um ex-soldado que em nome dos cinco ou dez mil homens que se bateram na guerra e hoje pedem esmola exige do governo a satisfação dos seus compromissos. Aplausos e o policia como a dormir em pé.

Aquele é um socialista avançado, antevendo a ruina da Inglaterra pela luta cruel contra a Irlanda; aplausos, e o policia como a dormir em pé. Aquele prega a salvação do corpo e da alma, a abstinencia do alcool e a crença em Deus.

Aplausos e o policia como a dormir em pé! Simbolo da liberdade, esse agente da autoridade e esses comicios, ás vezes monstros que no Hyde Park se acoitam, uma liberdade que se diz absoluta mas termina por meter na cadeia os discolos que alteram a ordem; se uma avalanche de mineiros atravessa as ruas de bandeiras prégando a luta contra o governo, dando gritos subversivos, a policia incorpora-se para não permitir que a circulação seja impedida, nem que se afectem os interesses e a vida de quem passa e nada tem com os grevistas.

Esta feição de liberdade com responsabilidades é talvez filha do egoismo de S. Ex.ª John Bull. Tudo que perturbe dá incomodos, de forma que cada um trata de si e nem sequer olha para o seu semelhante desde que este não afecte a sua vida. Que maior liberdade a destas raparigas sempre sós, e que exemplo de liberdade não é o espectaculo que no domingo se observa num grande lago em Kersington Garden? O lago é enorme, e a agua fica ao mesmo nivel do térreno, como uma praia de beton. Rapazinhos, homens e velhos de cabelos brancos para ali vão com botes á vela, de grandes e pequenas dimensões, organisar corridas e fazer apostas de que resulta um espectaculo lindo. E' ver os velhos discutindo acaloradamente porque o barquito competidor se atravessou em frente; é ver o respeito, a naturalidade com que todos ali estão; para nós seria ridicula essa discussão, esse entretenimento, o rapazio apedrejaria, os grandes diriam chalaças. Onde a liberdade?

Todos são senhores das suas acções, contribuindo tambem para isso o automatismo de muitas coisas que libertam do favor ou da gorgeta; por exemplo os W. C. ou «Lavatories», subterraneos em quasi todas as esquinas, para homens e senhoras, e que se abrem por si com a introducção dum vintem (vintem é desconsideração; um penny ou sejam dois tostões); os bilhetes de tub ou de gare que se compram automaticamente, tudo que cria a independencia e a liberdade de acção pela supressão de muitas pequenas dependencias.

Creadas, raras casas teem; a vida faz-se na rua, nos «restaurants»; e é o que vale porque a crise é como a nossa; ainda na semana anterior, uma dama «yankee» andou por Londres angariando jovens, a seduzi-las até de escritorios e emprezas, para serem creadas de servir numa pensão de New-York. Ordenado, 20 libras por mez. «Tabl-au»! E lembrar-me eu que por um bocadinho estive para ser mulher!

*

Não deixaremos Londres, sem visitar os museus. Não, o museu de figuras de cêra de M.me Tussand, semelhante ao Grévin de Paris, e onde tive o prazer de ver o D. Manuelsinho em companhia de Franklin e Garibaldi, mas o grande «Britain museum», impressionante logo no exterior pela sua longa colunada, as suas escadarias, o seu enorme arcobouço de monstro. Quantos dias se podem ali passar dentro, não sei; é assim uma especie de grande arrecadação de tudo quanto os conquistadores, os colonisadores, os bemfeitores do progresso—os civilisadores numa palavra—conseguiram trazer de todos os cantos do mundo para ali; desde a bela colecção, a mais rica do mundo, de mumias e papiros coloridos pelos egipcios para os seus «Book of the Dead»—livro dos mortos,—estinges, colossaes estatuas de Deuses, até á missangada que se estende durante salas interminaveis, detestando as civilisações asiaticas e africanas; desde as grandes coleções de manuscritos e miniaturas, ás galerias de aguas fortes, aguarelas, numa diversidade de coisas, num ferro-velho artistico e grandioso que surpreende, encanta e arrepia; lá vi, meus amigos, os restos do «Portherion» d'Athenas, na sala «dElgin», e os restos duma das sete maravilhas, o monumento de Mausola em Halicarnasse; curvei a espinha em reverencia e apertei a carteira — a pobre—de encontro ao peito, duvidoso e timorato da segurança das pequenas coisas quando as grandes são transportadas tão habilmente de tão longe para aqui...

Apesar desta imensidade de casas, os objectos que de todo o mundo veem para aqui não cabem, e transbordam para outros museus. Em South Kensington, perto do museu de historia natural, estende-se o «Victoria and Albert Museum», onde se encontrarão tambem curiosas e entadonhas recordações do paciento, ridiculo e talvez heroico Passado: pequenas obras de arte, vestuarios de todas as epocas, mobiliario de todas as gerações, obras de Donatello e Luca della Robbia, ceramica e maquinas a vapor, desde as formas simples de James Watt. Tambem anexo um museu de pintura; porém para este efeito o mais belo é sem duvida a «National Gallery» em Trafalgar Square, com a sua galeria dos retratos noutro pavilhão.

Não quererá o leitor que lhe narre os dialogos que travei com algumas das obras que fui procurar, satisfeito de poder tomar conhecimento com elas pessoalmente; só lhe confessarei que não senti, como bom republicano alfacinha, comoção alguma entre a enorme coleção de magestades que teem servido para modelo de todos os pintores, e ante os quaes ha sempre subditos fieis admirando... não a pintura mas a evocação dum tempo melhor. Recomendo tambem as exposições dos «Painters in Wates Colours», com aguarelas manchadas, leves, originaes, processos varios de umaarteincontestavel, primaria e não secundaria.

*

No hotel faço as malas, e vejo com surpreza que de duas que levei trago já duas crias—4 volumes e tres chapeus. Deixo as contas para bordo e saboreio este raro prazer de mostrar ao indigena lisboeta as barbatanas, as presilhas e os rotulos onde se estampa o infalivel: «made in London». De que eu me esqueço, porém, é de que a maior parte dos artigos, são... americanos.

Armando Ferreira.

O conflito de hontem em Bemfica

O agente da policia de Segurança do Estado Antonio dos Santos Serra e o trabalhador Sabino dos Santos, protogonistas do lamentavel incidende ocorrido hontem á noite ás portas de Bemfica, continuam no mesmo estado grave na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José.

POLITICA

As dificuldades do sr. Abel Hipolito. O sr. Liberato Pinto encarregado de formar governo

O dia de hontem passou-se em diligencias empregadas por varios vultos dos partidos democratico e liberal para viabilisar a organisação d'um ministerio com representantes d'aqueles dois partidos e do grupo dos independentes.

Conferencias em barda, boatos numerosos e ministerios vários ao gosto de cada um.

O que nós hontem demos era o que ás 2 horas da tarde tinha maiores foros de autenticidade, mas falhou, como todos os outros, principalmente pela recusa obstinada que a maioria das personalidades apontadas e poz á aceitação das pastas que os respectivos partidos pretendiam leval-as a aceitar.

Nunca, como agora, se notou uma tão grande repugnancia por parte dos politicos em assumir as responsabilidades do governo. As circunstancias são na verdade dificeis, mas quem emaranhou de forma tão complicada a vida politica portugueza foram os proprios politicos que até hoje têm tratado mais de interesses pessoais e partidarios do que dos interesses do paiz.

Curioso é registar como os partidos são os primeiros a confessar-se impotentes para governar, pois nenhum quer para si só as agruras e as delicias do poder e todos reclamam a comparticipação nos outros. Não se fala senão em ministerios de conjunção ou concentração parcial ou geral, quando se sabe muito bem que gabinetes assim formados são organismos demasiadamente fracos, pois só vivem á custa de transigencias duns e doutros, mostrando-se inadaptados para solucionar os grandes problemas nacionaes.

Ninguem mostra o espirito de sacrificio necessario para apoiar, sem nada exigir, um ministerio formado por outro partido que não o seu, até chegar a ocasião favoravel de simplificar a vida politica nacional.

O sr. general Abel Hipolito chegou a ter a ilusão de que se desempenharia do encargo que lhe cometeu o sr. presidente da Republica, pois todos os jornaes da manhã publicaram de chapa um elenco ministerial com a nota de que tomaria posse ao meio dia.

Mas tambem esse se esvaiu como fumo, ao sopro das ambições desencontradas que teimam em ocupar o primeiro logar nas preocupações dos politicos.

Assim caminhamos mal. Já por vezes aqui o temos dito e repetil-o-hemos tantas vezes quantas forem necessarias.

Em vista do fracasso das diligencias do general sr. Abel Hipolito, o sr. Presidente da Republica encarregou o sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda nacional republicana, de organisar um gabinete com representação de todos os partidos e grupos politicos.

O sr. Liberato Pinto foi imediatamente conferenciar com o sr. Alvaro de Castro, chefe do governo demissionario, mas até á hora em que escrevemos nada ha ainda de definitivamente resolvido acêrca da solução da crise. O que viermos a saber será transmitido aos nossos leitores na nossa secção da ultima hora

Para hoje, ás 14 horas, estava marcado um comicio, que se devia realisar no Terreiro do Paço. A' hora em que se devia iniciar, compareceu ali o sr. capitão Albuquerque, da policia civica, que comunicou não se poder realisar o comicio por ordem do sr. governador civil.

As numerosas pessoas que ali já se encontravam foram-se retirando, tranquila e socegadamente.

Cruzador «Jeanne d'Arc»

Almoço oferecido ao seu comandante — Visita a bordo

No Avenida Palace realisou-se hoje um almoço intimo oferecido pelo Dr. Julio Martins, ministro demissionario da marinha, ao Comandante do «Jeane d'Arc,» assistindo, além do sr. Domingos Pereira, alguns oficiaes da nossa marinha e do cruzador francez.

Ao toast levantaram brindes os srs. drs. Julio Martins e Domingos Pereira e o comandante, a quem era oferecido o almoço.

O curso do 1.º ano do Instituto Superior do Comercio, acompanhado de professor da classe de francez, visitou hoje o cruzador, em missão de estudo, tendo sido conduzido a bordo em gazolinas gentilmente cedidos pelo sr. comandante.

A bordo foi o curso dividido em quatro grupos, que, acompanhados por oficiais da guarnição, visitaram o navio detidamente, recebendo explicações.

Agradavelmente impressionados, retiraram pelas 13 horas.

Theatros e Cinemas

Reclames

De dia para dia maior é o entusiasmo que está despertando, não só no nosso meio artistico, como no mundano, a inauguração da nova temporada lirica que está marcada para 18 do proximo mez de dezembro, com a opera de Saint-Saens «Sansão e Dalila».

Dentro de alguns dias começam os ensaios da orquestra que este ano se encontra muito melhorada e da qual fazem parte os nossos melhores elementos artisticos. Como regente apresenta-se pela primeira vez entre nós o brilhante maestro Gui Vittorio, que vem precedido do grande nome, o que decerto o confirmar em S. Carlos.

Os scenarios para a magnifica partitura do maestro Wagner «Parcifal» que se estreará em Portugal, estão sendo pintados nos «ateliers» do teatro por dois notaveis scenografos italianos, que a sociedade mandou vir expressamente para esse fim, bem como para pintar e restaurar outros scenarios das operas que fazem parte do brilhante repertorio.

Continua aberta nos escritorios a assinatura para cincoenta recitas, sendo dez extraordinarias e quarenta ordinarias.

Quem alvitra? Quem reclama?

Falta de pagamento a funcionarios

Dizem-nos do Porto que o pessoal em serviço na delegação de sanidade pecuaria daquela cidade ainda não recebeu até ao dia 26 do corrente as subvenções diferenciaes e ajudas de custo relativas aos mezes de setembro e outubro ultimos, apezar de quasi todas as repartições dos diversos ministerios naquela cidade já o terem recebido, e em Lisboa já ter sido pago ha mais de quinze dias a todos os funcionarios. Segundo nos informam ainda, parece que a culpa é exclusivamente da 12.ª repartição de contabilidade do ministerio da agricultura, que não mandou ainda as respectivas ordens de pagamento. Chamamos para o caso a atenção do respectivo ministro.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

No Estoril faleceu a menina Maria Celeste Pereira Lourenço, filha do sr. Manuel Gomes Lourenço.

Salão Central

Morto que resuscita

Duvida muita gente que este caso se dê, mas nós garantimos a sua veracidade.

Morto que resuscita é o titulo do 10.º episodio da explendorosa pelicula *O rasto do Gavião*, em que o seu protagonista, a cargo do notavel actor King Baggot, é precipitado de grande altura, mas... que volta a aparecer junto dos seus assassinos, momentos depois.

Não foge da morte, esta é que foge do famoso artista, apavorando uns e alegrando outros. Neste numero estão os numerosos «habitués» do Salão Central, que todos as noites se deliciam com as soberbas aventuras do *Rasto do Gavião*.

Amanhã, 2.ª feira, estreia de mais um episodio, *Passo em falso*, que dará mais duas belas enchentes ao lindo cinema.

Postos de socorros nocturnos

O movimento dos postos nocturnos continua demonstrando a sua utilidade e os bons serviços que estão prestando ao publico.

Noticias da Capital

A serie diaria.—Foram presos: José Falé, travessa de Santa Cruz, 20, 1.º, por juntamento com outros que se evadiram ter furtado uma saca com assucar no valor de 195 escudos na cooperativa de Carnide; Manuel da Silva, Vila Adelino, Miguel Toscano, rua Maria Pia, 134, e Antonio da Silva, rua dos Jeronimos, 23, por andarem promovendo a venda de varias peças de roupas, não declarando a sua proveniencia; Maria Ferreira rua Castello Branco Saraiva, 11, 1.º, por ter furtado um cordão de ouro no valor de 200 escudos a Augusto Garcia, rua José Fontana, 21, 1.º, Alberto Maria de Carvalho, rua Damasceno Monteiro, 12, 3.º, por ter entrado por meio de chave falsa na residencia de Francisco Boaventura Balbi, Vila Mariana, 10, onde subtraiu varios objectos de ouro e dinheiro, tudo no valor de 560 escudos.

Queixaram-se á policia: José Rodrigues, travessa das Atafonas, 16, 2.º de que na rua Presidente Arriaga foi assaltado por um individuo de nome Antonio, morador na rua do Olival, 37, furtando-lhe a carteira com 20 dolares e 27 escudos; Carlos Teixeira, rua de S. Paulo, 152, de que lhe subtrairam uma corrente de ouro e um relogio de prata no valor de 80 escudos.

A provincia n'A CAPITAL

MORTAGUA, 25.—Os industriaes de madeira deste conselho recusam-se a pagar o imposto advalorem que lhe foi lançado pela camara municipal e assim tem continuado a fazer as suas exposições, de dezenas de vagons por dia, sem pagar um centavo!

—Realizou-se hontem o casamento do sr. Antonio Francisco Cró com a sr.ª D. Jozida Maria de Gouveia.

—Pediu a sua exoneração de administrador deste conselho o sr. Manuel dos Santos Condeixa.

—Procede-se á apanha da azeitona sendo a produção muito escassa.

O azeite vende-se por 4$00 cada litro e ha muito pouco.

—O vinho vende-se por 70 e 80 centavos o litro.

Este ano houve muito pouco nesta região.

Toda a colheita não chegará para dois mezes de consumo.

—Causa grandes transtornos o facto da companhia na Beira Alta não fazer circular diariamente o comboio descendente das 8 horas.

Tambem ocasiona prejuizos não receberem na estação postal desta vila encomendas postaes ou registos para Lisboa ou Porto.

—Queixa-se o comercio de que as encomendas postaes entregues nas estações de Lisboa e Porto ha dois mezes ainda cá não chegaram.

Pedem-se providencias a quem competir.

—Apesar da abundancia da ultima colheita o milho vende-se a 5$00 e o trigo a 7$00 os 15 litros.

—Regressaram no 6 de dezembro ao Rio de Janeiro os srs. José Rodrigues dos Santos e Marcolino Rodrigues importantes comerciantes n'aquela cidade.—C.

Para o que lhes havia de dar...

Amadeu Gonçalves, morador no mercado de S. Bento, 8, e Antonio de Matos, do mesmo mercado, n.º 4, foram presos por estarem dentro da fabrica de estanho de Antonio da Costa Ivo, na rua de S. Bento, 224, disparando tiros, o primeiro de pistola e o segundo de espingarda, alarmando assim a vizinhança.

Tambem foi preso Joaquim Ferreira, travessa das Terras do Monte, 3, por ser encontrado na rua de S. Gens munido de uma pistola, não tendo licença de porte d'arma, a dar tiros para o ar e ameaçando varias pessoas de morte.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «A Leiteira de Entre-Arroios».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor»
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Companhia de circo, ginastica, acrobatica e comica.

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

NO CENTRO TOMAZ CABREIRA

A conferencia do sr. dr. João Camoezas

A's 15 horas de hoje efectuou-se, como estava anunciado, no Centro Tomaz Cabreira, cujas salas se encontravam á cunha, a conferencia do sr. dr. João Camoezas.

Depois de constituida a meza presidida pelo sr. Manuel Joaquim dos Santos e secretariada pelos srs. Conceição Leitão e Virgilio Lopes, fez a sua aparição na sala o ilustre conferente, recebido com retumbantes salvas de palmos que ele, logo que começou a falar, declarou agradecer mas que não era para receber palmas e conquistar uma facil popularidade que ali tinha ido.

O seu fim era analisar a presente situação politica portugueza que julga melindrosissima, e os politicos que quasi todos se revelam acessiveis á lisonja e sabendo manejar esplendidamente para os seus fins a hipocrisia e a mentira. Ele aborrece taes atributos e sempre o tem demonstrado. Ainda ha pouco, condenando a politica nefasta de Sidonio Paes, teve a hombridade de declarar que o julgou sempre um republicano, porque préza a verdade acima de tudo.

E é ainda em homenagem á verdade que ali declara bem alto que não acredita, como por ahi se propala em voz baixa, que o sr. Domingos Pereira tivesse comprado uma propriedade á custa do Estado. Essa atoarda não passa d'uma odiosa mentira, posta em circulação para atingir na sua honra um homem honesto.

Diz a seguir que a supressão do ministerio das subsistencias nenhuma vantagem trouxe ao paiz, pois que ficaram todos os empregados e n'essas condições preferivel era conserval-o. A administração portugueza, exclama o orador, tem sido um caos, desde Monsanto até hoje.

Declara não poder referir se ao coronel Baptista; a esse ilustre patriota e dedicado republicano, sem um arrepio de comoção e é com a mais viva saudade que d'ele se lembra e regista os esforços por ele empregados para sanear a administração publica.

Devo dizer, no entanto, que nenhuma responsabilidade cabe ao P. R. P. na desordem da politica portugueza.

O governo demissionario poz-se em conflito com os democraticos por pretender governar contra o parlamento.

Termina, declarando ter a convicção de que ainda ha-de falar muitas ao povo republicano, afirmando que, se ha traidores á Republica, nenhum tem o seu nome.

A assistencia prorompeu em calorosos vivas ao conferente, á Republica, e ao P. R. P.

O novo ministerio

O sr. Liberato Pinto continua nas suas diligencias, tendo conferenciado com elementos dos diversos partidos politicos mas até á hora de fecharmos o nosso jornal nada de positivo havia sobre a constituição do futuro ministerio.

Podemos afirmar, entretanto, que o sr. Liberato Pinto constituirá esta noite o novo governo.

Um desastre no Stadium

Nas corridas que hoje se efectuaram no Stadium de Lisboa, como tivesse faltado um dos corredores, o juri pediu ao «chauffeur», Joaquim Dias Maia, de 30 anos, morador na rua do Passadiço, n.º 106, 1.º, para o substituir, ao que ele acedeu.

Numa das curvas, a moto montada por esse «chauffeur» teve uma «derrapage», indo de encontro á grade por detraz da qual estava o juri, sendo colhido um dos seus membros, o industrial Henrique d'Oliveira, de 36 anos, morador na avenida Almirante Reis, 123, 4.º, o qual ficou com a perna esquerda fracturada.

Conduzido ao hospital de S. José, depois de pensado recolheu ao quarto particular n.º 6.

O «chauffeur» recebeu tambem curativo de algumas contusões que apresentava pelo corpo, seguindo depois para sua casa.

"O misterio da morte"

Um livro sensacional

Madame Frondone Lacombe espirito culto, grande critica musical, franceza de origem, mas portuguesa pelo coração, pois que vive entre nós, ha longos anos dedicou-se ao espiritismo ou sciencia de comunicar com os mortos...

Metodica e ponderadamente sem atacar principios nem hostilisar ninguem, ela compilou casos concretos, extraordinarios, não filhos da fantasia ou sugestão, mas autenticadas por pessoas da mais alta categoria social como o dr. Feijão.

O seu livro «Merveilleuse phénomènes de l'au—delá—» mostra á evidencia o desejo sincero da sua autora apresentar aos espiritos dos estudiosos dos investigadores do Além, meios seguros de seguirem nas suas descobertas.

As almas elevadas e superiormente belas duma estetica puramente moral, sentir-se-hão reconfortadas lendo as paginas sugestivas de verdade, narrando singelamente os fenómenos, sem comentarios, sem ambições de impôr idéas doutrinarias, mas, sòmente, apresentar factos, fenómenos admiraveis que arrebatam o espirito para regiões etéreas, fazendo-o olhar com desdém para as lutas sangrentas que avassalam a vida material.

Ha a maior oportunidade na propaganda de ideias generosas fundamentalmente belas, para atenuar ambições de luxo, de prazeres estonteantes fazendo-nos pensar no misterio do Alem...

Madame Frondoni Lacombe indiscutivelmente prestou um belo serviço á humanidade insaciavel de prazeres publicando o seu livro para elevar o espirito a regiões misteriosas alheias a todo o materialismo.

O afinco com que Edison trabalha para conseguir o seu novo aparelho de comunicão com o Além é por assim dizer a perspectiva longiqua mas não fantastica dos grandes segredos que nos serão revelados de futuro como o deixou antever o grande sabio e astrologo Camille Flamarion.

Amalia Luazes

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que esté registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso Brazileira-praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1676.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920.—O diretor geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3711 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 29 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

As trez forças

Depois da implantação da Republica têm-se formado tres organisações em Portugal.

A primeira foi a dos grandes partidos politicos.

Sem que queiramos agora discutir a vantagem ou desvantagem que houve em scindir, de facto, o antigo Partido Republicano Portuguez, que, precisamente porque continha as mais altas figuras da democracia portugueza, não tinha, nem podia ter um chefe supremo, facilmente sugestionavel para o arbitrio por um poder, na realidade supremo, à verdade é que passado muito pouco tempo da creação do novo regimen se contavam entre nós trez partidos da Republica, que ficaram sendo chamados os partidos constitucionaes. Um foi o democratico, que continuou com a denominação oficial do antigo partido, o que teve como chefe o sr. Afonso Costa; o segundo foi o evolucionista, que teve como chefe o sr. Antonio José de Almeida; o terceiro foi o unionista, que teve como chefe o sr. Brito Camacho.

Nenhum destes homens politicos está hoje á frente de nenhum partido. O evolucionista e o unionista fundiram-se numa nova organisação. Do partido democratico destacaram-se duas dissidencias, a reconstituinte e a dominguista. Outras dissidencias de varios grupos deram origem ao partido popular.

O resultado autentico destas desagregações foi o de se enfraquecerem ou desaparecerem os antigos partidos, sem se robustecerem as dissidencias que os debilitaram.

A organisação dos partidos está em crise, profunda e irremediavel crise para eles. A unica solução para o problema politico desta circunstancia resultante, afigura-se-nos ser uma nova remodelação dos quadros partidarios, creando-se dois partidos com caracteristicas differenciaes irrecusaveis. No tempo da monarquia, um dos parlamentares de maior valor que militaram nas suas fileiras, o sr. João Arroyo, disse um dia, na Camara dos pares, perante uma situação parecida, que a formula da salvação a adoptar era esta: «Baralhar e tornar a dar». E' possivel que só na adopção dessa formula pelos republicanos esteja o segredo do equilibrio politico do regimen.

A segunda organisação formada depois da Republica como garantia do funcionamento do regimen, é a guarda republicana. Quando dizemos a guarda republicana, tomamo-la apenas como a corporação tipo do exercito, que é todo ele o exercito da republica. A guarda republicana representa esse exercito, hoje inteiramente republicanisado, e por isso mesmo uma solida e indestrutivel garantia das instituições republicanas.

No descalabro dos partidos, esta força é aquela que é necessario preservar de todos os germens de divisões entre republicanos. É preciso que ela seja unica exclusivamente da Republica, e é preciso que se não fomente o seu desprestigio porque nas circunstancias actuaes, isso representaria o maior golpe que poderia ser vibrado não só contra a causa da democracia, mas contra os interesses da sociedade.

A terceira organisação é a operaria, sob a bandeira do sindicalismo, e ninguem ignora que até os autores dessa organisação temem desencadeala num movimento revolucionario, porque reconhecem que falta ás grandes massas um criterio que evite a irrupção simples e violenta dos instinctos, sem nada se criar de novo e benefico no ponto de vista social. Todavia é esta a ultima força organisada, e aqueles forem eliminando ou enfraquecendo estas forças não podem deixar de ter deante dos olhos como um espectro, o espectaculo previsto dos flagelos que esta ultima força desencadeada, sem ideas que realmente a norteiem, nem prestigios que a dirijam, pode lançar sobre a nossa patria, quebrando todos os laços sociaes na mais horrorosa guerra civil.

Eis a situação. Que pensem nela todos: governantes e governados, dirigentes e dirigidos, porque a sua realidade é insofismavel e a sua significação é tremenda.

Pobres de "A Capital"

Do anonimo J. B. F. recebemos a quantia de 50$00 para distribuir pelos pobres nossos protegidos.

Desde já, em nome dos que vão ser contemplados, os nossos agradecimentos ao generoso anonimo.

—Tambem do anonimo M. recebemos $50 para um dos nossos pobres. Muito agradecemos.

Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, a 17.ª conferencia sobre «As questões moraes e sociaes na literatura» pelo sr. Dr. Camara Reis que, a pedido, tratará novamente de Antero do Quental.

Brevemente começarão as novas series de conferencias marcadas para o corrente ano lectivo.

Segredos a toda a gente

Os partidos

O Parlamento portuguez está positivamente em crise. A instabilidade dos governos, mil vezes mais perigosa nas democracias do que a incompetencia dos ministros—é apenas entre nós, o reflexo imediato da crise parlamentar. Os velhos partidos, aqueles que representavam um principio, uma idéa, uma corrente de opinião—desagregaram-se. Chacun sa vie. *E o que vemos nós? Pequeninos grupos dissidentes agitando-se, como grandes creanças, em volta de meia duzia de figuras preponderantes. São elementos que discordam da* toilette *dos outros—por espirito de contradição. São excelentes creaturas que não discutem principios: discutem cabeças. Nestas condições não ha governos que vivam. Ha apenas ministerios—que morrem. A politica portugueza... Mas não falemos em coisas tristes.*

Ordem publica

Todos os dias em Lisboa se anuncia a alteração da ordem publica. E todos os dias tambem com a mesma pontualidade britanica como eu parto, todas as tardes, para a China—a alteração não se dá. Evidentemente isto não pode agradar—aos velhos amigos da tranquilidade. A desordem em Portugal não é apenas uma distracção para a guarda republicana;—é, além de tudo, uma escola de educação fisica para todos nós. A desordem impõe-se—para rejuvenescimento da raça; e além disso no dia em que desapareça a desordem—desaparece a policia, e no dia em que desapareça a policia—Nosso Senhor nos acuda—o que ha de ser dos gatunos?

Poetas

«Porque será que os poetas trazem sempre o cabelo tão comprido?»—perguntava-me hontem, á porta da Rosa d'Ouro, *uma rapariga bonita. E' facil. Uns—porque não teem dinheiro para o cortar; outros—porque os puxam nas furias da poesia; todos os outros porque trabalham tão pouco de cabeça que esta não tem remedio senão fazer-lhes crescer os cabelos—para se distrair...*

Luis d'Oliveira Guimarães.

Cooperativa militar

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. director d'«A Capital».—Chamo a atenção de v., se deseja brindar os seus numerosos leitores com noticias sensacionaes, para o que se está passando nas assembleias geraes que ha umas noites se vêem realisando na cooperativa militar. Não aconselho v. a mandar lá qualquer representante do seu muito acreditado jornal, para o não sujeitar ao vexame de ser posto na rua, como sucedeu aos enviados de alguns colegas de v., mas facilmente v. obterá informações fidedignas de qualquer socio que tenha assistido áquelas curiosas assembleias.

Debate-se nelas, nada mais nada menos, que a expulsão dos socios que possuam menos de cinco acções. A cooperativa precisa de dinheiro, diz a direcção, e, porisso, ou todos os socios compram o numero de acções necessarias para atingir o de cinco ou vão para a rua reembolsados do valor das acções que possuirem, não se sabendo se serão reembolsados da joia com que entraram.

Para aqueles agoloados senhores não existe o codigo comercial, nem o estatuto da cooperativa.

Ha só esta singular incoerencia: como a cooperativa precisa de dinheiro, começa-se por expulsar um certo numero de socios, reembolsando-os, isto é, começa-se por despender dinheiro.

Imagine V. que esta peregrina doutrina se aplicava aos Bancos e outras companhias!

Que pechincha para certos nababos da praça!

Agora estabeleceu a direção o limite minimo de cinco acções, dentro de pouco tempo o de dez, depois o de vinte, o de trinta, o de quarenta, o de cinquenta que é o numero maximo de acções que póde possuir um socio, e a cooperativa transformar-se-ha n'uma tenda de lucro certo e grosso para meia duzia de felizardos.

Será isto o que se pretende?

Eu sou dos socios condenadas a expulsão, porque possuo uma só acção e não estou disposto a comprar mais.

Mas se essa tremendissima ilegalidade fôr por diante e eu não fôr reembolsado do valor da acção, da joia e do mais a que o codigo comercial me dá incontestavel direito, desde já declaro que intentarei uma acção no tribunal respectivo contra tal extorsão. E os outros que façam outro tanto e veremos para onde vai parar a cooperativa militar.

Ainda ha felizmente juizes em Lisboa.

Desculpe-me, sr. director, o espaço que lhe tomo, pedindo-lhe a publicação desta carta.—De V. (a) *S. M.*

Ordem publica

Foi hoje enviado para o tribunal de Defeza Social o sindicalista Antonio Joaquim Pereira, autor do atentado contra o agente Antonio Maria, da policia de investigação.

Pereira recolheu á cadeia do Limoeiro, onde aguardará o dia do julgamento.

Foram postos em liberdade os srs. D. José Maria Gonçalves, largo da Camara e D. José Bramão, por não se provar que estivessem implicados em qualquer «complot».

Uma carta do sr. Machado Santos

Lisboa, 28 de Novembro de 1920. — Sr. Manuel Guimarães e meu particular amigo. — N'«A Capital» de hontem, na secção «Ultima Hora» e sob a epigrafe «Politica», a proposito da organisação do ministerio do sr. Hipolito, lia-se o seguinte:

«O ilustre senador foi de facto de madrugada incumbido de tal missão em que ainda se encontra empenhado á hora a que escrevemos, embora haja quem afirme que S. Ex.ª não conseguiu levar a bom termo o honroso encargo que lhe foi confiado, pela razão simples de pequenas dissenções com o almirante sr. Machado Santos, chefe da Federação Nacional Republicana.

Mas este ponto foi cautelosamente ponderado pelos que teem interesse em encontrar uma solução para tal estado de coisas, não devendo ter sido estranha a taes «démarches» uma entrevista que o almirante Machado Santos teve hoje de madrugada na avenida da Liberdade com uma individualidade em destaque no P. R. P.

E tudo se harmonisará certamente, porquanto um ministro machadista entrar ápara o governo, e o sr. dr. João Gonçalves, cujo nome é garantido para sobraçar a pasta da Agricultura ou Trabalho.»

Para que os seus leitores não laborem em erro, informo-o, meu caro Manuel Guimarães, que entre mim e o sr. Hipolito não ha pequenas nem grandes dissenções. Ha uma grande incompatibilidade de ordem moral de cujo valor v. ajuisará.

Quando no ano de 1916 me resolvi a intervir activamente na politica, de que estava alheado desde o «14 de maio», encontrei-me em presença d'uma vasta conspiração militar, pronta a fazer eclosão, que faria correr grave risco á Republica, se quem dirigisse o movimento não carasse de saber de regimens.

Quem organisou essa vasta conspiração, não sei. O que sei, ou, antes, o que soube, foi que no acampamento de Tancos, governo e presidente da Republica correram grave risco de serem aprisionados.

Quando me resolvi a chefiar o movimento que se ficou chamando «13 de dezembro» e que outros organisaram, fiquei sabendo que poucos eram os oficiaes superiores do nosso exercito que não estavam moralmente comprometidos nele.

Possuo sobre o caso uma larga documentação, que não é o momento oportuno de trazer a publico, pois que a firmam pessoas que estimo e que não estão livres de sofrerem amanhã uma perseguição politica.

Porque falhou o «13 de dezembro»? Porque uma nausea me assaltou no momento decisivo, levando me a mandar chamar ao quartel do 22, de que estava senhor, em Abrantes, o coronel Hipolito, governador militar da cidade e a constituir-me, «voluntariamente», seu prisioneiro.

Até aqui, meu caro Manuel Guimarães, tudo parece simples, banal. Pardos, amarelos, côr de barro quando foge, é materia corante e corrente no arco iris da nossa politica. Mas o que não foi simples, banal, foi a convenção militar que fiz em Abrantes com o sr. Hipolito, depois de ele me haver dito que tinha plenos poderes do governo para tratar comigo, convenção que se não cumpriu, sem que o sr. Hipolito esboçasse sequer um gesto de protesto.

Do não cumprimento dessa convenção, ajustada e aceite na presença dos majores Baptista Coelho de artilharia 8, Consolado de infantaria 22 e Teixeira de infantaria 15, ainda estão sofrendo as tristes consequencias alguns ilustres oficiaes do nosso exercito, sendo um deles até correligionario do sr. Hipolito, pois que é membro do directorio do partido liberal, o capitão Sabes Sá Melo que a celebrada lei 1040 expulsou das fileiras do exercito.

Não sei se houve ponderação na escolha do sr. Hipolito para a presidencia dum ministerio. O que sei é que não houve a tal conferencia na madrugada d'ontem, a que alude «A Capital», entre mim e um graduado do P. R. P. Nem tem que haver! A «Federação Nacional Republicana» a que presido não entra em conchavos ministeriaes com os partidos que levaram a Nação á ruina e estão enterrando num pantano a Republica que eu, com um punhado de bravos, implantei na manhã de «5 de outubro». Mas por não entrar nesses conchavos não quer dizer que levante dificuldades á organisação de qualquer ministerio. A' vontade! «E' fartar vilanagem», como repetiria o conde de Avranches, simbolo da honra nacional, se ressuscitasse agora. A «Federação Nacional Republicana», ha de fazer-se ouvir na hora propria, quando a consciencia popular despertar de novo e tiver um daqueles gestos leoninos que a nossa historia regista, mas que todos fingem ignorar no desvario do regabofe.

Agradecendo desde já a publicação desta carta, envio-vos um cordeal aperto de mão.

Machado Santos
Vice-Almirante

Nós e o sr. dr. Afonso Costa

«O Mundo» insere hoje uma nota, sob o titulo «A Capital e o sr. dr. Afonso Costa», a proposito d'umas considerações que aqui bordámos sobre uma troca de telegramas entre os srs. Melo Barreto e Jaime de Souza e o sr. dr. Afonso Costa.

O arrazoado do «Mundo» é tão sentido que logo se reconhece n'ele a p na d'um dos visados que na defeza do sr. dr. Afonso Costa, contra o qual, de resto, nada dissemos que precisasse de ser rebatido, desenvolve a mesma energia que no tempo da monarquia punha galhardamente ao serviço d'um chefe politico monarquico, seu particular amigo.

As nossas considerações pretendiam apenas provar que as dissidencias reconstituinte e suplementistas eram devidas sómente a questão de pessoas e não de principios, porisso que, sem que o partido democratico tivesse mudado de ideias, individuos militantes n'uma e n'outra dissidencia enviavam telegramas de saudação ao antigo chefe do partido de que se haviam separado. A conclusão a tirar é naturalmente a que deduzimos: se o sr. Afonso Costa voltasse, restabelecer-se-hia a unidade do partido democratico.

Logo, as dissidencias são determinadas apenas por ciumeiras de pessoas e ambições de chegar depressa aos mais altos cargos da politica, para o que, na realidade, não vale a pena tanto afan para lá estar tão pouco tempo.

Portanto não foi por entendermos ou deixarmos de entender que o sr. Afonso Costa seja merecedor das homenagens de alguem que nos referimos ao incidente dos telegramas trocados.

Não nos anima contra esse famoso politico nenhum odio, e, acerca de serviços que ele tenha prestado lá fóra ao seu paiz, não afirmamos, nem negamos, porque ele não se tem dignado dar satisfações algumas á nação do que anda por lá a fazer, dispondo d'isto como d'uma herdade sua. E contra esse procedimento protestamos e continuaremos a protestar, porque ao nosso feitio estruturalmente republicano, de todos os tempos, repugna o autoritarismo, não reconhecendo dônos em quem quer que seja e seja qual fôr a mascara afivelada, republicana ou monarquica.

Se, todavia, o sr. dr. Afonso Costa tivesse prestado ao paiz os altissimos serviços que a nota lhe atribue, ele não teria deixado de lhes fazer o devido reclame, fazendo businar todas as trombetas da fama. Como não o fez, podemos inferir, com mais certeza, que aquilo que o sr. Afonso Costa até agora lá por fóra tem feito, é gastar muito bem dinheiro ao paiz com a luzida embaixada de que é chefe, com adidos, secretarios, etc. Antes assim não fosse. Ninguem mais o estimaria do que nós mesmo.

A nota refere-se á queima que do nosso jornal fizeram n'um dos congressos democraticos. Já tinhamos esquecido esse incidente. São os percalços de quem timbra em dizer sempre a verdade sem preocupações de agradar ou desagradar a pessoas.

E nem á nota do *Mundo* nos refeririamos, se no seu final se não pretendesse insinuar contra nós a idéa de andarmos envolvidos em quaisquer negociatas e precisassemos, porisso, de lhe responder que houve flagrante engano na porta a que bateu, visto que não temos relações intimas com quaisquer casas fornecedoras, como, por exemplo, a casa Torlades e muito menos com casas armadoras de navios, como, por exemplo, a Furness.

Declaração

Declaro terminantemente que não se referem ao cidadão Germano Joaquim Gomes, que se diz solteiro, comerciante e residente em Paris, 51, Rue de La Chaussée d'Antin, as palavras «grande especialista em *chantages* que é tambem seu socio», insertas no meu escrito intitulado «Aviso aos incautos», que foi publicado no n.º 3571 d'este jornal — nem de modo algum podiam referir-se a esse cidadão, de cuja existencia n'este planeta o signatario nem sequer suspeitava.

Lisboa, 27 de novembro de 1920

Orlando de Mello do Rego

Por causa dos eletricos

Numa das ultimas reuniões parlamentares da vereação da Camara Municipal de Lisboa, para tratar da questão dos eletricos, entre os srs. vereadores Rodrigo Alvares Cabral e Augusto Cezar dos Santos trocaram-se violentas frases, do que resultou estar iminente uma pendencia, servindo de testemunhas, respectivamente, os srs. tenente coronel Couto e dr. Virgilio Saque, e Carlos Simas Torres e Eduardo Moreira.

Os padrinhos, reunindo, e depois de trocarem impressões sobre o motivo que deu causa ao incidente, foram de opinião de que não havia motivo para proseguimento do duelo sendo das reuniões elaboradas as respetivas actas.

Malas postais

São amanhã expedidas malas postaes pelo *Amiral Sallandrouse*, para Pernambuco e Bahia, pelo *Sacavem*, para o Pará e Manaus, e pelo *Canadá*, para os Açores e New-York. A ultima tiragem da caixa geral é ás 9 horas para os dois primeiros, e ás 11 para o ultimo.

AUTENTICAS

O cambio melhora

Já no tempo da monarquia assim era. Cahiam os governos, não havia meio de se formar outro; passavam-se 15, 20 dias sem se constituir ministerio e a libra baixava, descia o preço do franco, do marco... Quando comprei marcos mais baratos para as minhas idas á Alemanha, lembro-me que foi duma das vezes em que o sr. Campos Henriques ou o sr. Sebastião Teles levou 22 dias para arranjar 7 homens para 7 pastas.

Dizem-me que com este interregno governamental tambem o cambio está a melhorar sensivelmente; o oiro que ia recuando, bem como o mercurio dos termometros metidos em gêlo fundente, que já chegára a 7,5, ei-lo que estaciona, que se prepara para subir.

Pergunta-se a rasão, ninguem sabe; o que se sabe é que não ha governo, é que continua a não haver governo.

Dizia o meu tio Saldanha, o grande marechal, que o melhor governo era o que deixava correr tudo pelas direcções geraes. Era a segurança da estabilidade das coisas e o não receio de aventuras que entre meridionaes são muitas vezes capazes de até fazer oscilar os Jeronimos.

Portugal, que dá ás vezes a impressão dum laboratorio social, onde se teem ensaiado e podem continuar a tentar todas as formas de governo e administração publica, que se adaptou, sem saber lêr, ao constitucionalismo liberal, á Republica, vê-se que está já pronto para um regimen acefalo, isto é sem cabeça; bem forte e bem provido de munições de boca, com uma finura e scepticismo natural, de riso ao canto dos labios e olhar maroto, ponham-lhe ahi a mais estupenda organização social, não lhe deem mesmo organização alguma, e verão como o velhaco se aguenta e sorri.

E' que de facto nós somos estructuralmente uma familia etnica indissoluvel, insubmergivel e forte, que nada pode abalar nos seus alicerces.

Seja com que forma de governo, seja mesmo sem governo, isto caminha, e por mais que digam as más linguas, não vae peor do que lá por fóra.

Só ha uma diferença radical, é que os outros povos são incomensuravelmente menos filosofos, menos espertos e menos beneficiados pela natureza.

Deixemos pois que eles se demorem á vontade na organisação de outro ministerio, que o mesmo é que dizer: deixemos melhorar o cambio.

D. Thomaz de Noronha.

Pelo Telegrafo

O acordo franco-inglez na questão grega

LONDRES, 28.—A troca de vistas entre os governos britanico e francez proseguiu em Dovning Street, no sabado, de tarde, durante a sessão, 2 horas pouco mais ou menos. A continuação da sessão foi adiada para 2.ª feira, para permitir ao conde de Sforza o tomar parte na discussão.

Diz o «Figaro» que o espaço de tempo que decorre até á chegada do delegado italiano será aproveitado, tanto da parte dos francezes como dos inglezes, para estreitar ainda mais os dois pontos de vistas sobre os diferentes problemas postos pelas eleições gregas.

Tanto nos meios franceses como nos meios inglezes se manifesta uma certa satisfação pelos progressos feitos durante as trocas de vistas preliminares e ha a convicção de que a aproximação actual conduzirá certamente a uma situação difinitiva aceitavel para todos os interessados.—(*Americana*).

Chamada de reservistas argentinos

SANTIAGO, 28.—O jornal «La Nacion» diz que o governo resolveu chamar os reservistas para um periodo de instrução militar que durará seis dias.—(*Americana*)

Os que morrem

RIO DE JANEIRO, 28.—Numerosas personalidades assistiram aos magnificos funeraes feitos ao conselheiro Lucas Catta Preta.—(*Americana*).

BUENOS AIRES, 28.—Por intermedio do dr. Larrota, o comandante do paquete «Massilia» convidou diversas personalidades a visitar esse navio, que esteve neste porto.—(*Americana*).

Ministro da Polonia no Chili

RIO DE JANEIRO, 28.—O ministro da Polonia partiu para o Chili, afim de ahi apresentar as suas credenciais.—(*Americana*).

A fiscalisação do plebiscito de Vilna

PARIS, 28.—O destacamento internacional que deve fiscalisar o plebiscito em Vilna consta de uma companhia belga e uma secção de metralhadoras, duas companhias britanicas e uma secção de metralhadoras, duas companhias espanholas e uma secção de metralhadoras e duas companhias francezas e uma secção de metralhadoras. Espera-se a resposta dos governos escandinavos. Parece que o destacamento ficará ás ordens do coronel Chardigny.—(*Havas*).

A conferencia dos prejuizos

PARIS, 28.—Diz a imprensa franceza que a data em que deve reunir-se em Bruxellas a conferencia dos prejuizos, que deve inaugurar o procedimento adoptado para fixar as reparações, será sem duvida aprovado durante a reunião internacional de segunda-feira.—(*Havas*).

APÓS CINCO ANOS DE GUERRA

A Servia resurge e prepara o futuro

As declarações de madame Vesnitch, esposa do presidente do conselho servio

Huguete Garnier, redactor do «Excelsior», teve uma entrevista com M.me Vesnitch, esposa do presidente do conselho da Servia, de passagem em Paris após a sua chegada de Belgrado.

Foi esta a sua primeira pergunta a M.me Vesnitch:

—Que impressões traz do seu paiz, minha senhora?

O rosto de M.me Vesnitch iluminou-se e, com uma convicção ardente, replicou:

—Que impressão? Justamente a mais reconfortante, a melhor, a de que a Servia se está reabilitando e deseja ser no futuro, pelo seu labor e em virtude das suas novas fronteiras, um grande paiz. Estamos, creia-o bem, encantados com a assinatura da paz com a Italia. A minha viagem a essa admiravel região d'onde acabo de regressar, foi para mim um dos maiores encantos.

—A vida em Belgrado está em completa actividade?

—Ali trabalha-se, fazem-se esforços para um belo futuro.

—Não se está em periodo eleitoral?

—Está: as eleições realisar-se-hão no dia 28. Neste momento, principalmente, tudo se ocupa em fazer leis.

—As mulheres terão direito voto?

—Pediram para serem consideradas eleitoras e certamente o conseguirão. Para as proximas eleições é um caso prematuro, mas não será surpreza para nós se nas proximas eleições elas forem ás urnas.

Essa opinião é, sem duvida, a do presidente do conselho?

—Meu marido não é hostil ao voto femenino.

—E as suas compatriotas tomarão parte na vida publica?

—Não. Entre nós não ha mulheres funcionarias, ha poucas comerciantes e nenhumas empregadas. Segundo e sua condição social, as mulheres vão tratar dos campos ou do seu lar domestico. As unicas operarias que temos dedicam-se á confecção de tapetes e bordados, que já deve ter admirado. A' parte esses trabalhos, não exercem misteres manuaes. Ainda ha bem pouco tempo que as mulheres se dedicaram á dactilografia. A maquina de escrever é ainda uma novidade. No meu paiz poucas mulheres se dedicam a ser criadas de servir; como em França, segundo creio, ha muita dificuldade em obter mulheres que sirvam em casas particulares. Essa crise porém, atenua-se: as servas que se encontram para serviçaes são servias da Hungria, que de boa vontade se prestam a isso, em certas condições. Mas nós estamos agora atravessando uma crise mais grave ainda: a das casas. As habitações que foram destruidas não puderam ainda ser reconstruidas. Não ha em Belgrado uma unica casa devoluta. E' preciso procurar instalação fóra da cidade, em Semlin, por exemplo.

—E o comercio?

—Parece serem satisfatorias as suas condições. Porém, os nossos comerciantes estão anciosos por estreitarem relações comerciaes com os negociantes francezes. E' preciso que conste o quanto desejamos comprar-lhes tudo quanto antes da guerra comprávamos á Austria e á Alemanha. Os nossos exilados, que tão generosamente foram acolhidos em França, voltaram para o seu paiz natal cheios de amor pela sua patria. As senhoras servias adoram as suas modas. Um chapeu, um vestido, uma fita, um perfume que venha de Paris, logo as seduz. Só lhes agrada tudo quanto seja francez.

—A nossa lingua fala-se muito na Servia?

—Todos os nossos estudantes se exprimem em francez e o ensinam uns aos outros; são todos avidos da cultura franceza. No dia 11 do corrente, para solenisarem o armisticio, os servios representaram uma peça de Molière e foram comprehendidos por toda a gente.

«Temos mandado actualmente reabrir escolas e creado, graças aos americanos, que poderosamente nos teem auxiliado, institutos para os orfãos da guerra. A Servia reergue-se e tem confiança em si propria. A mortalidade nas creanças diminue, o numero de nascimentos aumenta.

Despedi-me. Emquanto M.me Vesnitch me acompanha, pergunto-lhe:

—O que se pensa, minha senhora, nessa Servia reconhecida, a respeito da volta do rei Constantino a Athenas?

A esposa do presidente do conselho fita-me um pouco antes de responder, e depois, num tom grave:

—Não quero crer no seu regresso! Constantino, no trono da Grecia, seria, para a Servia, uma grande fatalidade.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A's 14,40 faz-se a chamada, a que respondem 20 deputados.

Preside o sr. Abilio Marçal, que ás 14,50 declara aberta a sessão. Lê-se a acta e a correspondencia.

Galerias quasi desertas.

O sr. Alves dos Santos requer urgencia e dispensa de regimento para um projecto que autorisa a camara municipal de Coimbra a caucionar com as respectivas instalações um emprestimo de 1.500$000,00 para fazer as redes de iluminação electrica publica e particular e canalisação de aguas naquela cidade.

O sr. Antonio Mantas volta a tratar da situação dos mutilados da guerra, insistindo em que se lhes garanta colocação em serviços publicos. Envia para a mesa um projecto de lei nesse sentido, requerendo urgencia. Por ele é assegurado esse direito e estabelecido que os provimentos se façam em harmonia com as habilitações dos pretendentes, independentemente de concurso e desde que tenham a capacidade fisica suficiente, sendo-lhes reservados os logares de guardas, serventes e continuos de qualquer serviço publico mantido pelo governo ou pelos municipios.

Visto não haver mais nenhum orador inscrito, espera-se por numero que chegue para se entrar na ordem do dia.

Em certa altura, um dos espectadores da galeria publica central, levantando-se, diz de lá em voz sonora:

—«Meus senhores, estou de pé. Peço licença ao publico...»

Ao mesmo tempo que se nota grande espanto na sala, o sr. presidente agita a campainha e o homem cála-se, sentando-se de novo.

Dahi a pouco um continuo convida-o a retirar-se, o que faz sem reagir.

Parece tratar-se dum louco ou dum ebrio.

Passado o rapido incidente, volta a esperar-se, até que ás 16,10 se faz nova chamada.

Respondem 54 deputados, que não chegam para o «quorum», pelo que se encerram os trabalhos, marcando-se sessão para amanhã.

No Senado

Só ás 15,17 é que o sr. Correia Barreto manda proceder á chamada, que acusa a presença de 22 legisladores. Os srs. Ramos Pereira e Dias Pereira ocupam-se das leituras da acta e do expediente. Depois de se aguardar a chegada dos retardatarios, usa da palavra imediatamente o sr. Bernardino Machado, que rende a sua calorosa homenagem á memoria do Fernão Magalhães, o grande navegador portuguez. Termina enviando para a meza uma proposta de saudação ao parlamento chileno pela comemoração do 4.º centenario do grande portuguez.

A proposta é aprovada por aclamação, depois de a ela se terem associado todos os representantes dos partidos e o sr. Melo Barreto em seu nome pessoal.

Em seguida são encerrados os trabalhos e marcada sessão para amanhã, sem ordem do dia.

Professores dos liceus

Foram admitidos nos concursos para professores efectivos: do segundo grupo do liceu feminino do Porto, Margarida Duarte Costa; do quinto grupo dos de Aveiro e Faro, respectivamente, José Luiz Afonso e José Joaquim Simões; do 4.º grupo do da Guarda, Antonio Bandeira; do 7.º dos de Angra, Portalegre, Bragança, Beja e Chaves, respectivamente, Antonio Augusto Reley da Mota, Mario Goulart Barbosa, Francisco Serra Esteves de Oliveira, Antonio de Melo Ferraz e Artur d'Almeida Carvalho Junior. Existe uma vaga em cada um dos liceus.

As professoras agregadas Josefina Laura Lopes, Maria Luiza Palma Lami e Maria Sebastiana Picoito Quintanilha, foram colocadas, respectivamente, no 2.º 3.º e 8.º grupos do liceu feminino de Lisboa.

Resoluções do congresso postal universal

PARIS, 28.—O congresso postal universal, reunido em Madrid, aprovou com algumas modificações o projecto da comissão a respeito do serviço dos pacotes postaes, o qual estabelece um sistema de pezo muito vantajoso para o comercio e tarifas equitativas proporcionaes ao pezo.—(*Havas*).

O novo embaixador inglez em França

PARIS, 28.—Lord Harding, novo embaixador da Inglaterra, e sua filha chegaram a Paris esta tarde.—(*Havas*).

A ratificação do tratado de Rapallo

ROMA, 28.—A camara dos deputados italiana aprovou por 215 votos contra 15 o projecto de lei que ratifica o tratado de Rapalo.—(*Havas*).

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO S. LUIZ — A Leiteira d'Entre-Arroios, *opereta original de Penha Coutinho, inspirada num conto de Julio Diniz, musica do maestro Filipe Duarte* : : : : : : : : : : : : : : :

Peça

Julio Diniz, poeta bucolico deu-nos uma prosa cheia de observação, trechos na nossa paisagem e da nossa gente. Tudo é simples nele, mesmo os enredos e, certamente, nenhuma obra melhor do que a sua se presta para a adaptação a opereta de costumes exigindo musica regionalista.

O conto em que se inspira — diz o cartaz — a obra original de Penha Coutinho, não tem, pois, nem tramas complicados nem sequer maior enredo do que um simples amor sem ser contrariado, e vive entre figuras que no tempo de Julio Diniz ainda interessavam mas hoje já são banaes e muito vistas: o prior, o advogado, o medico ás turras, a sr.ª morgada, o filho que faz versos, um amigo da cidade — que por acaso nem sequer aqui vem fazer enredo algum — e uma camponeza. O jovem enamora-se e... casa. Aqui está a peça. Despida de fantasias, sem maiores complicações nem intrigas, optima para apresentação de musica.

Como teatralisou, em 3 partes, o novo autor, este simplorio enredo? Dando um primeiro ator razoavel para apresentação de personagens, um segundo fraquissimo e um terceiro complementar tambem sem varios interesses. Como teatro é mal constituida a peça: abuso de dialogos e scenas mortas no 1º acto; o conhecido terceto comico, infalivel em todas as peças do genero, e sem novidade de maior, só falando nos «pratos com chouriço» e nas ervilhas com paio da sra. morgada as velhas poesias em versos exdruxulos; o 2.º peca pela ingenuidade duma longa scena quasi ridicula, e por verdadeiros numeros de revista como «A noite» onde os versos começam por qualquer coisa como: «A noite, na sua negrura triste não resiste a uma lamparina». Tudo passa despercebido ao publico que aprecia a musica ante qualquer outra manifestação, podendo-se afirmar que foi ela quem valeu á peça.

Da inverosimilhança do 2.º acto os mais exigentes dirão e explicarão todos os altos fenomenos, deitando a contas naturalmente do cambio o passar-se em Coimbra e não em Paris, a educação do joven.

Em resumo: nós sômos dos que perpetuamente reclamo originaes portuguezes e não deixaremos de aplaudir a iniciativa da empreza; realmente a obra original de Penha Coutinho com frases e scenas inteiras de Julio Diniz ao 1.º acto, pode enfileirar sem grande destoar ao lado das insipidas e estapafurdias mercadorias estrangeiras.

Musica

A ganancia sempre crescente de que ainda ganham com o teatro, faz com que as orquestras, entre nós, se condensem em dois metros ou metro e meio duma tira ao pé do palco: Um fagote, tres violinos e logo que ha oportunidade põem-se so mais uns «fauteuils» suplementares, debruçados sobre os timbales. Sem recursos musicaes é um prodigio o que se faz na opereta e mesmo na revista; do compositor, a trabalhar para frouxos elementos, escrevendo musica para uma orquestração limitada, e do regente, conseguindo, como nesta peça o maestro Gomes consegue, um conjunto agradavel e um efeito final de incontestavel agrado.

Filipe Duarte, o mais popular e mais comprovado dos autores musicaes regionalistas, lutou e lutou arduamente para dar á partitura da nova opereta, o caracter portuguez, a graça e o encanto das canções nacionaes, fugindo aos «trucs» das baixas peças e ao mesmo tempo tendo de lembrar-se constantemente das necessidades de escrever para um publico de sensibilidade embotada por revistas, muitas revistas.

Assim, na opereta a musica é o que mais agrada; de verdadeira inspiração a canção das «Vacas» no ultimo acto, a melhor da opereta, algumas frases, repartidas como o «motivo» da opereta, e que se nos afiguram já estarem no ouvido — é este o encanto ou o deleito da musica popular — uma serenata que o publico faz bisar, um fado trivial, um dueto no primeiro acto com um «refrain» em que ha vislumbres de tango argentino, tercetos comicos, e uma sinfonia aprimorada, mas talvez pretenciosa na opereta ligeira, que é a «Leiteira de Entre Arroios».

Para Filipe Duarte, pois, as honras da noite. Mereceu as palmas do publico e até o beijinho quente e doce do tenor.

Os córos seguros pela mão do maestro, apenas hesitantes no final do 1.º acto.

Desempenho

Auzenda d'Oliveira teve malicia na sua camponeza e cantou a seu modo, com todos os dons da sua vocalisação; é de destacar tambem a fórma cheia de expressão com que cantou a canção das «Vacas».

Estando ainda muito fresca na ideia de todos os papeis ridiculos de Sofia Santos nas revistas, a sua «morgada» não tinha a linha necessaria. Mas, não destôa; pelo contrario, é uma artista de largos recursos, excepto o canto. Se se pudessem suprimir da sua personagem uma notas que tem de cantar, lucravam todos e até o publico.

Laura Costa pouco acrescenta ainda ao seu nome quasi desconhecido, visto que o unico da revista em que figura está ao alcance de qualquer discipula.

As restantes damas satisfazendo as exigencias do... Carnaval, em que o 2.º acto se passa; a «Zéla» com vontade de acertar.

Dos homens destaquemos e saudêmos o novo baritono Armando Saraiva; possuidor duma bem timbrada voz, sonorosa e subtil, toda sem artificios mas natural, saindo clara, conquistou o agrado geral pela sua simpatica figura e expressão inteligente, e contudo a sua declamação não estava, como é natural, isenta de hezitações, e a sua voz mal houve ocasião de ser apreciada, visto que «Julio» é um papel apagado, quasi um «canastrão». E', pois, um mais solido sucesso.

Henrique Alves, começando a regressar dos baixos da revista onde caiu á declamação onde deve estar, fez um papel episodico, carregado nas cores ridiculas, mas de regular aceitação: o publico riu com ele — porque na sua ancia de politica viu nele tipos de hoje, e não um velho tipo de hontem.

Sales Ribeiro — a quem pela primeira vez temos de nos referir — cantou toda a sua parte com a sua bela voz de tenorino, mas ainda afectando-a, como afecta o dizer, como afecta os agradecimentos; uma exuberancia de gestos, — manifestada até no beijo, inocente por certo a Filipe Duarte — uma comunicação quasi directa com o publico, que deve ter grande efeito no Brazil, mas entre nós já não levanta... plateias. Deve ainda não estender a cabeça para a frente e para baixo fazendo uma corcunda que lhe transtorna a figura e cuidar do seu personagem, equilibra-lo. Saberão ou lembrar-se-hão por acaso os nossos actores e atrizes de procurar as cores, os fatos, os trajes que convem ao seu fisico, para que os nutridos se adelgacem, e os magros não sejam ridiculos?

Do terceto comico, o mais probo foi Carlos Viana, na sua caracterisação de Zé Povinho; e Sebastião Ribeiro, num tipo a «matar» ao seu fisico, não demandou grande esforço para agradar. Correia, que é um velho «rata» do palco, abusou dos gestos largos, nada perdendo se suprimir o exagero de certas atitudes e cortezias que nele já são conhecidissimas; são são do tempo da «Viuva Alegre» Armando Baptista melhor no «Zé» que no «Mendonça...» e «tal que endoideceu».:.

O resto com agrado do publico.

Scenario. Mise-en-scène

As duas scenas do 1.º e 3.º acto são boas, cheias de cuidado e boas tonalidades do campo. O 2.º é banal, revisteiro, Pires, aparecendo coristas de «mallot», como se o carnaval em Coimbra em 1855 fosse qualquer coisa assim...

A ensecenação de Armando de Vasconcelos, elogiavel; que remédio senão por certas rodinhas, e bailaricos de revista, se o 2.º acto com aquela «noite» em camisa, não é outra coisa senão revista?! Mas, não ha duvida, bom arranjo no todo. O esforço, a ideia, a boa vontade, merece uma longa serie de recitas.

Armando Ferreira.

Amanhã publicaremos a *critica das criticas.*

Noticiario

Entre nós

No Politeama realisa na quinta feira a sua festa artistica a ilustre actriz Adelina Abranches com a «première» da comedia de Pierre Wolff «Alegria de viver».

Reclames

Tem sido tão extraordinario e unanimme o agrado da sensacional revista Risos e Flores, que persiste em não sair da scena do Apolo, onde se repetirá mais uma semana, a pedido dos retardatarios. E repetir-se-ha com todos os seus atrativos e novidades, que teem sido o grande segredo do seu brilhante exito.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «A Leiteira de Entre-Arroios».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A boneca misteriosa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor»
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores»
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Companhia de circo, ginastica, acrobatica e comica.

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).
CHANTECLER (P. dos Restauradores).

ULTIMA HORA

POLITICA

O sr. Liberato Pinto continua a empregar diligencias para organisar gabinete

Contra todas as esperanças, contra a geral espectativa, o sr. Liberato Pinto não póde ver durante a noite coroadas de exito as suas diligencias, apezar de nele se reunirem, neste momento, mais condições do que em qualquer outro homem publico, para levar a pesada cruz ao calvario.

Como de costume, surgiram dificuldades, melindres, amuos, como se o paiz pudesse estar a perder tempo com frioleiras.

Os politicos não teem emenda e não vêem, nas suas locubrações, senão o seu interesse pessoal ou de partido.

Em todo o caso esta tarde corria que o sr. Liberato Pinto tinha já quasi organisado o ministerio, apontando-se os srs. Alvaro de Castro, reconstituinte, para a pasta das colonias ou da guerra, Julio Martins, popular, para a marinha, Lopes Cardoso, reconstituinte, para a justiça, Cunha Leal, popular, para as finanças, Antonio da Fonseca, reconstituinte, para o comercio, Domingos Pereira, para os estrangeiros, José Domingues dos Santos, democratico, para o trabalho, Augusto Nobre, democratico, para a instrução e Tiago Sales, da Federação Nacional Republicana, para a agricultura.

O partido liberal persistiu na sua atitude de negar representantes seus no ministerio, não sendo este, portanto, de concentração geral republicana como eram os desejos do chefe do Estado.

De esperar é, porém, que não pretendam levantar dificuldades ao governo que vier a constituir-se. Assim lh'o ordena o patriotismo e a necessidade de não prejudicar mais as constituições do que até aqui se tem feito, e que é já demais.

Dá-se como certo que o sr. Liberato Pinto organisará hoje mesmo o gabinete, ficando ele com a pasta do interior e as outras distribuidas pouco mais ou menos como acima dizemos, faltando principalmente fixar quem ficará nas colonias e na guerra.

Os parlamentares reconstituintes estiveram hoje reunidos muito tempo no gabinete do sr. Alvaro de Castro onde este politico foi procurado pelo sr. Liberato Pinto e pelo sr. Julio Martins.

Os reconstituintes figuram em larga escala no novo ministerio ao qual de principio asseguraram o seu concurso, no que demonstraram possuir mais larga visão politica que os liberais. Não sabemos se mais demorada reflexão levará estes, finalmente, a colaborar no novo governo.

De estimar seria que assim sucedesse com o que o partido muito teria lucrar, ou antes, nada teria a perder.

Para fiscalisar a acção do ministerio bastariam os socialistas, catolicos e independentes.

Consta que o sr. ministro das Finanças autorisou o Banco de Portugal, nos termos do art.º 3.º da lei recentemente votada, a exceder a circulação em 15.000 contos, para o fim exclusivo de socorrer a agricultura, o comercio, a industria e as cooperativas de consumo.

O sr. Ministro das Finanças, ao que nos dizem, impoz apenas como condição aceitar, em principio, o Conselho Geral do Banco, o aumento da circulação fiduciaria votada pelo parlamento e a emissão imediata de 25.000 contos, uma parte dos quais se destina a pagamentos do Estado aos seus fornecedores, o que tratá vantagem para o credito do Estado e para a situação da praça.

NOTICIAS DA CAPITAL

Os suicidas. — N'um poço dos fornos da Republica, foi encontrado morto Armando Boto, de 21 anos, morador na travessa do Pardal, 21, tendo o cadaver sido tirado pelos bombeiros municipaes n.º 159 João Nunes de Carvalho e 259 José Ferreira.

Pelas averiguações a que a policia da esquadra da Ajuda procedeu, parece que o morto se precipitou ao poço d'uma pedreira da altura d'um 4.º andar, em virtude de ter ha muito a mania do suicidio, devido ao seu precario estado de saude e a não ganhar os meios suficientes para viver.

O cadaver foi removido para a Morgue por ordem do sub-delegado de saude, sr. dr. Martinho do Rosado.

A serie diaria. — Leandro Veloso foi preso, porque estando como caixeiro na taberna de Antonio Joaquim da Fonseca, rua 24 de Julho, 114, ali furtou a quantia de 175 escudos.

— José Patricio Nunes, rua Ponta Delgada, 47, queixou-se á policia de que lhe furtaram roupas no valor de 100 escudos.

Creança abandonada

Na escada n.º 20 da travessa da Cruz aos Anjos, foi encontrada abandonada uma creança que parece ter 4 mezes, do sexo masculino, a qual foi enviada para a misericordia.

Ha suspeitas de que foi abandonada por sua mãe Maria da Assunção, cuja morada se ignora, tendo sido essa declaração prestada á policia pela sua irmã Elisa d'Assunção, moradora no 2.º andar da escada onde foi encontrada a creança.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Em Penela da Beira faleceu o menino Rubens de Matos Moreira Ferreira, de 12 anos, filho do proprietario sr. João Antonio Ferreira e sobrinho dos srs. Octavio de Matos Moreira, capitão de fragata, e Mario de Matos Moreira, 3.º oficial do Ministerio do Comercio.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Defensores da Republica 10 de Janeiro. — Por ordem da mesa da assembléa geral, é esta convocada extraordinariamente a reunir na quinta feira, pelas 21 horas, na séde rua Marquez Ponte de Lima (Vila Almeida), n.º 4 sendo a ordem da noite: Orientação politica.

Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO

A partir do dia 25 do corrente, está aberta a inscrição para a admissão de pessoal de maquinas, nos termos seguintes:

Maquinistas; ordenados minimos, 75$00; subvenção, 45$00; total, 120$00.

Fogueiros: ordenados minimos, 55$00; subvenção, 45$00; total, 100$00.

Além destes abonos terão estes agentes direito a uma verba variavel referente a premio de economias, de percurso e deslocações, em harmonia com os respectivos regulamentos, e todas as regalias que destes constarem.

A inscrição terá logar nos escritorios dos Depositos e Reservas situados em: Lisboa (Santa Apolonia), Campolide, Entroncamento, Alfarelos e Gaia.

A inscrição poderá tambem fazer-se por meio de carta, dirigida ao Engenheiro em Chefe do Material e Tracção, na estação de Santa Apolonia, em Lisboa.

No acto da inscrição serão fornecidos os esclarecimentos precisos e detalhados sobre os documentos exigidos para a admissão e condições da mesma.

Lisboa, 22 de outubro de 1920 — O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOIT[E]

3712 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 30 de Novembro de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Pressões intoleraveis

Uma das noções que devem ficar deste momento grave, em que porventura não só os destinos do regimen, mas os da propria nacionalidade se jogam, é a da necessidade de acabar com este genero habitual de pressões politicas que se exercem, entre nós, por via de bandos que não podem, nem devem, nem nunca hão de representar o sentir da opinião publica, mas apenas o espirito frenetico e desvairado das facções.

Não somos, nem poderiamos ser, adversarios do direito de manifestação numa democracia. Mas esse direito de manifestação só deve exercer-se em conformidade com a lei e só pode ter valor pelo seu significado —pela sua importancia. Assim, entendemos que ha o direito de utilisar a imprensa para combater governos, instituições, partidos ou individuos, mas sem ser por meio das armas, vis e traiçoeiras como a navalha, do insulto, da calunia, da insinuação, da ameaça. Entendemos que ha o direito de utilisar a tribuna popular, para os mesmos fins, mas em condições identicas. Entendemos que ha o direito de vir para a rua manifestar opiniões, mas para que se repercuta na manifestação o eco da opinião publica é preciso que ela seja realisada por uma multidão onde se traduza a força e a vontade dum povo. Pasquins vomitando injurias, caluniadores incendiando ainda mais as paixões sectarias, bandos querendo usurpar os fóros de multidões conscientes e energicas, não representam, não podem representar nenhuma aspiração nacional, e as pressões que intentarem exercer teem de ser repelidas por todos os homens de bem, por todos os bons republicanos, como a consciencia publica as reprova e as repele.

Ha porventura o direito, por exemplo, de povoar as galerias do parlamento com algumas dozenas de creaturas que vão ali com o proposito de fazer pressão sobre a propria representação nacional?

Não ha; e quando taes factos ocorrem, os paizes onde eles sucedem deixam fatalmente de ser consideradas nações livres, civilisadas, progressivas. Tem-se a impressão da anarquia campeando numa tempestade de más paixões, que só pode conduzir ao descalabro final.

Não! A Republica Portugueza não pode continuar nesta situação. E' preciso que nos compenetremos de que isto é uma democracia, de que existe aqui um povo, de que estamos num Estado civilisado. Em taes casos as pressões dos bandos que as seitas exaltam são indomaveis, insuportaveis. Semelhante tirania de baixo é mais odiosa ainda do que a tirania de cima. A iniquidade de taes excessos leva ao crime, e com o crime não se pactua.

A Republica tem de viver dentro do respeito á lei e das garantias que ela assegura á liberdade coletiva e á honra individual.

1640

Faz amanhã precisamente duzentos e oitenta anos que Portugal sacudiu a fanfarronada espanhola. Uma manhã, meia duzia de conjurados entraram no Paço; mataram Miguel de Vasconcelos que se tinha escondido num armario; prenderam a duqueza de Mantua—e emquanto os galeões do rio se rendiam á voz duma galé de guarda-costas, o duque de Bragança vinha das suas terras de Vila-Viçosa a caminho de Lisboa, numa procissão triumfal, tomar conta do reino... E' curioso notar o que Oliveira Martins já notára na sua Historia de Portugal: o povo assistiu quasi com indiferença; a Espanha olhou o facto com desdem;—e apezar disso 1640 marca para nós a gloria e para a Espanha a decadencia.

Ao telefone

Está lá? Então como tem passado? Se vivo com gosto—pergunta você. Hoje não se vive, minha senhora: dura-se. Ah! sim. E' claro, é claro. Que dia horrivel que hoje esteve. Você saiu de casa? Saiu? Ah! sim! As mulheres podem sair: andam com as saias arregaçadas. De politica? Mas não sei nada. Sim creio que já ha ministerio. De confusão? Eu não disse confusão: disse concentração. Os telefones estão uma desgraça. Bom, adeus. Olhe lá? Você ainda pertence aos reconstituintes? Ah! não. Já está desligada?...

As luvas

Sabem quanto custa agora um par de luvas? Umas luvas vulgares de pelica cinzenta? Quinze escudos—em papel. Mas tem uma qualidade interessante que deve agradar aos novos-ricos: rompem-se á primeira vez que se calçam. Duram apenas o tempo das rosas. Em luvas hoje uma fortuna! E lembrarmo-nos nós que hoje ha tão poucos negocios—em que não entrem «luvas»?

Luis d'Oliveira Guimarães.

DOIDOS, ELES! EU.

Ontem falei dêles; hoje falarei de mim, já que a isto me forçam. Mostrei quem êles são; preciso de mostrar agora quem sou eu. Desagrada-me falar de mim proprio, mas a dignidade manda que eu responda desde já, como que preliminarmente, ao capitulo que no livro «Infeliz» tem a epigrafe de «Advogado «verdadeiro» e patrôno «desinteressado».

Quem êles visam (posso dizer «êles», porque escrito ou não por uma só pessoa, o livro «Infeliz» reflecte a alma pequenina de, mais dum quem pretendem atingir com a ironia dos adjectivos que ficam sublinhados naquela epigrafe, sou eu.

Pois eu não tenho mêdo dêles. Quiseram lançar poeira sôbre o meu nome e lançá-la tambem, aos olhos do publico. A poeira, todavia, não me enodoou; necessito apenas de me escovar; e êles, a seu turno, hão de apanhar uma escovadela. Quanto ao publico, porque lhes tinha virado as costas, a poeira não o cegou.

Eles é que ficaram sujos. Mãos a obra, portanto.

*

Começarei por aquilo que a primeira parte da epigrafe pretende significar. Como expliquei no folhêto, publicado com o titulo de «Felizmente oculta!», ergueram-se dificuldades serias contra a passagem da procuração da senhora D. Maria Adelaide. Não convinha ao sr. Dr. Cunha que a esposa se defendesse. A procuração, todavia, passou-se e os termos do seu contexto e legalização notarial são os seguintes:

«Eu, abaixo assinada, Maria Adelaide Coelho da Cunha, casada, actualmente internada, contra minha vontade, no Hospital do Conde de Ferreira, da cidade do Porto, confiro ao solicitador Antonio da Silva Carvalho, desta comarca, todos os poderes em direito necessario, incluindo os de substabelecer, para me representar, perante qualquer tribunal ou repartição publica; além dos poderes forenses geraes, confio-lhe especiaes poderes, para requerer o meu deposito judicial, bem como para requerer imposição de sêlos, arrolamentos, e arrestos, assinar os respectivos turnos de responsabilidade por perdas e danos e praticar tudo mais que seja a favor dos meus direitos. Porto, 29 de Maio de 1919. «Maria Adelaide Coelho da Cunha. Testemunha «Bernardo de Almeida Lucas. Testemunha «Augusto Dias de Menezes Vasconcelos. (Tem coladas e devidamente inutilizadas duas estampilhas fiscaes, do imposto do sêlo, sendo uma da taxa de 40 centavos e outra de cinco centavos).

«Reconheço a letra retro e as três assinaturas, tambem retro, feitas perante mim, o que certifico, tendo-me afirmado a testemunha assinada em ultimo logar (que é médico) que a mandante está nesta ocasião em seu perfeito juizo. Porto, rua Costa Cabral e Hospital do Conde de Ferreira, onde eu notário estava, por ter sido chamado, e onde já lavrei um termo de abertura de sinal, aos 29 de Maio de 1919. «Miguel Joaquim da S. Leal Junior». (Tem coladas e devidamente inutilizadas quatro estampilhas fiscaes, sendo duas de contribuição industrial da taxa de 3 centavos e 2 centavos e as outras duas de impôsto do sêlo, da taxa de 3 centavos cada uma.

No dia seguinte 30 de maio, foram-me substabelecidos, pelo solicitador sr. Antonio da Silva Carvalho, os poderes desta procuração.

*

¿Porque me não foi passada directamente a procuração e apareço eu a figurar nela como testemunha?

E' o que passo a explicar.

Suspeitando pelas informações que me deu o notario sr. Borges de Avelar, quando o convidei a ir ao Hospital do Conde de Ferreira, por causa da procuração da sr.ª D. Maria Adelaide (vid. «Felizmente oculta pag. 16 e seg.); que um «complot» se erguesse a impedir a passagem da mesma procuração, preveni-me de modo a inutilisar o ardil da parte contraria.

E' preciso dizer que os notários não podem realisar actos da sua profissão, quando tenham duvidas sôbre a integridade mental de alguma pessoa que nêles deva outorgar, salvo se um médico, que intervenha como testemunha, afirmar a sanidade de espírito dessa pessoa. E como o sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes, advogado do sr. Dr. Cunha, tinha o projecto de fazer com que os notários do Pôrto, que êle mandára prevenir, recusassem os seus serviços, ante a informação desfavoravel que a Direcção do Hospital do Conde de Ferreira daria sôbre a integridade mental da sr.ª D. Maria Adelaide, eu recorri a um notário de Vila Nova de Gaia, e a um médico estranho áquêle Hospital, que pudessem, sem opinião antecipada, apreciar se aquela senhora estava ou não em condições de conferir a procuração.

Ao que se passou entre mim e êles já aludi no «Felizmente oculta», mas ainda sôbre este ponto darei amanhã uns esclarecimentos.

Bernardo Lucas

P. S.— Amigo revisor: o senhor pregou-me uma partida, substituindo na minha carta a expressão «onde havia cinco palavras», por est'outra «onde haviam cinco palavras».

O senhor não sabe com quem estou metido?

Ainda ignora que o sr. Dr. Cunha conta as letras, as virgulas e os pontinhos?

Deixe lá estar o «havia», que não faz mal a ninguem. E' um idiotismo da lingua portugueza.

Ou o senhor imagina que o idiotismo só existe no caso de certas pessoas que eu conheço?

B. L.

"Doida não e não!"

Tendo o sr. dr. Bernardo Lucas, advogado da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, muito adeantados os trabalhos de impressão, em volume, das cartas que n'«A Capital» teem sido publicadas por essa senhora em sua defeza, para que não percam elas a oportunidade e como ainda não temos regularisado o nosso serviço de tipografia, disistimos de as reeditar, como prometeramos.

Terão, pois, os nossos leitores que pela leitura dessas cartas se interessam, brevemente ocasião de as adquirir, pois a edição será posta á venda simultaneamente nas livrarias de Lisboa e Porto.

Banquete de homenagem

No Avenida-Palace realisa-se hoje, pelas 20.30, um jantar oferecido pelo Nucleo do Resurgimento Nacional a um dos seus mais distintos membros, o sr. dr. Madureira e Castro, ha pouco nomeado nosso vice-consul em New-Belford e que amanhã parte para a America do Norte a ocupar esse posto.

Homenagem merecida a que vae ser prestada ao considerado clinico e para a qual a comissão organisadora teve a gentileza de nos convidar, convite que muito agradecemos.

O roubo nos Armazens do Chiado

Ha dias que o agente João Martins, da 1.ª secção da policia de investigação, estava encarregado pelo chefe Murtinheira de proceder a averiguações sobre um roubo importante, praticado em diversas secções dos Armazens do Chiado e principalmente de mercearia, d'onde vieram para fóra generos alimenticios no valor de milhares de escudos.

As diligencias deram bom resultado, pois que foram presos 7 homens e uma interessante rapariga, todos empregados n'esses armazens, e que estavam implicados nos furtos, pois que, em casa de alguns dos presos, tendo sido passadas buscas, foram apreendidos varios artigos e generos de primeira necessidade, que foram entregues á firma queixosa.

A pedido d'esta, todos os que haviam sido presos foram postos em liberdade, desistindo a firma roubada de qualquer procedimento judicial

PELO TELEGRAFO

LONDRES, 29.—A noite passada rebentaram ao mesmo tempo 18 grandes incendios nas docas de Liverpool e Bootle os quais se diz terem sido lançados pelos rebeldes irlandezes. Conseguiu-se felizmente limitar a extensão do sinistro. Diz-se que na Irlanda continuam as represalias.—*(Havas)*.

VIENA, 29.—Acabam de realisar-se as eleições para o *Bundesrat*. De 56 membros de que se compõe a assembleia, foram eleitos pelas provincias 22 cristãos sociaes, 21 socialistas e 3 pangermanistas. A imprensa franceza acentua que este resultado marca uma grande diminuição dos elementos pangermanistas em proveito dos socialistas.—*(Havas)*.

CONSTANTINOPLA, 29.—Assinala-se que a evacuação dos refugiados da Crimea se efectua progressivamente para Constantinopla, para Lemnos e para Galipoli. Espera-se que as providencias tomadas a estas dispersões afastem todo o perigo de epidemia.—*(Havas)*.

BELGRADO, 29.—Realisaram-se na mais perfeita ordem as eleições na Iugo-Slavia. Pelo que respeita a Belgrado, os resultados são os seguintes: radicaes, 4.305 votos; democratas, 3.195; comunistas, 4050; combatentes, 1.671; artistas, 313; e republicanos, 452

Segundo diz o «Temps», entre os eleitos contam-se o sr. Pachitch, chefe do partido democrata e o dr. Sim Markovitch, chefe do partido comunista.—*(Havas)*.

LONDRES, 29—O sr. Leygues recebeu na segunda feira, ás 10 horas da manhã, no seu hotel, o conde de Sforza com o qual conferenciou durante meia hora. A entrevista foi cheia de cordealidade. Segundo o «Temps», os pontos de vista francez e italiano, a respeito da questão grega, são muito aproximados.

Os centros oficiaes italianos não veriam inconveniente no regresso de Constantino ao trono, mas veriam favoravelmente a revisão de Sèvres, especialmente no que respeita á atribuição de Smirna e da Tracia.

As conversações vão continuar oficialmente entre os representantes francezes e italianos até ao regresso do sr. Leygues. Do lado da França tomam parte nestas conversações os srs. Berthelot e Cambon.—*(Havas)*.

O sr. Cunha Leal nas finanças

Faça-se justiça

Temos finalmente governo com representação de todos os partidos e dissidencias, excepção feita do partido liberal. Que tenha longa vida é o que sinceramente lhe desejamos, porque isso seria sinal certissimo da proficuidade da sua acção administrativa.

Entram nele algumas das principaes figuras do ultimo ministerio, da principal até, o sr. Cunha Leal, que continua sobraçando a pasta das finanças.

Foi este ruidoso politico que em qualquer dos seus frequentissimos discursos, não nos recorda se no Apolo se no parlamento, formulou contra a imprensa graves acusações.

Agora, pois, que se encontra alcandorado nos pinaculos da administração do Estado, é a ocasião de provar aquilo que avançou. Tem á sua disposição os meios necessarios para todas as investigações que lhe apraza fazer.

De tudo hoje pode dispôr; da policia, da guarda republicana, do exercito, etc., etc., e tudo pode aplicar á faina de tornar bem patentes aos olhos do publico as acusações com que brindou a imprensa.

Venha depressa esse sudario terrivel que nos ha de esmagar, surja, bem documentado, esse libelo que nos tornará objecto da execração publica.

Venha isso quanto antes para que nós, por nossa vez, não possamos acusar o sr. Cunha Leal, mas nós então com evidente fundamento, de leviandade, pelo menos.

Vamos ter, emfim, legalidade e moralidade?

Todos se lembram ainda do escrupulo e meticulosidade de que o sr. Cunha Leal deu provas nas ultimas sessões parlamentares em que ali figurou como ministro das finanças. Nem mais uma hora, nem mais um minuto, queria o sr. ministro das finanças viver no regimen de ilegalidade que lhe haviam deixado os seus antecessores. Era horrivel. Não tinha ainda pedido conciliar o sono. Encontrara uma portaria... surda, que horror, que aumentava por jactos curtos a circulação fiduciaria. Foi tal a impressão que isso produziu no sr. Cunha Leal que na camara deu ao caso as proporções d'um grave escandalo. No fim de contas representou-se mais uma vez o «Mons parturiens» de Esopo.

A portaria surda representava «apenas» um relevantissimo serviço prestado ao paiz n'uma ocasião dificil por um homem de Estado.

De tudo isso ficou, todavia, um traço caracteristico que é o escrupulo do sr. Cunha Leal tão meticuloso que até o levou a acoimar de escandalo um bom serviço.

Durmamos, pois, todos tranquilamente d'hoje em diante, que vamos ter contas direitas na administração do Estado.

Vamos saber finalmente em que estado se encontram as contas da «Furness». Se ela pagou ou não todo o montante do aluguer dos navios juntamente com os premios dos seguros dos que se perderam por motivo das hostilidades ou por desastre.

Vamos ficar edificados com a confusão das contas que nunca foi possivel apurar, d'aqueles oito mezes primeiros de exploração da frota maritima mercante e com as contas da gerencia dos T. M. E. O sr. Cunha Leal vae por certo dar publicidade a tudo isso, para não vivermos nem mais um minuto, nem mais um segundo, no regimen da confusão de contas que lavra n'aquele departamento do Estado.

Mais. O paiz vai conhecer finalmente qual o regimen do abastecimento do trigo em que até agora se têm vivido e a como tem a nação pago á casa Torlades o pão que todos comemos.

Vai tambem conhecer as razões pelas quais se julgou preferivel continuar no actual regimem do acaso a sancionar o contrato com a firma Napoles e Companhia.

Do mesmo modo vai ter conhecimento das razões que levaram os sabios politicos da nossa terra a persistir em pagar o carvão, e mau carvão, a poeira das minas da America, a peso de oiro e a registarem o contrato com a firma Napoles e Companhia que punha em Lisboa o carvão pelo preço dos mercados de origem acrescidos d'uma percentagem de 5 °/₀.

Nem mais uma hora, nem mais um minuto, n'este regimen de ignorancia do paiz do modo como são tratados os interesses publicos.

E vamos lá a saber quem são os vendidos.

As culpas da imprensa

Nós bem sabemos que a imprensa os incomoda, a eles, a certos politicos. Muitos politicos ha que afectam pela imprensa o desdem d'um espirito que se julga a si proprio superior.

E, todavia, se não fosse a imprensa a emprestar-lhes proporções que eles não atingem, apresentando-os como capazes de fazer qualquer coisa de beneficio na administração publica, quando a verdade é que apenas têm dado provas de desnorteamento e ignorancia, ninguem no paiz os conheceria, nem lhes ligaria a minima importancia.

Esse sim, esse tem sido o erro, a culpa, e grave, da imprensa.

Se aqui, por vezes, nós e os nossos colegas, não nos desfizessemos em frases elogiosas, e as mais das vezes imerecidas, á inteligencia e mais partos do Fulano ou do Beltrano, não passaria a maior parte dos politicos de uma prudente e salutar obscuridade.

E que merecidas fossem, não nos deveria isso importar. Na verdade, de que vale uma inteligencia luminosa no serviço duma notavel falta de senso?

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

XXIII—*Londres-Paris*

De Londres a Paris gastam-se duas horas. E' supremo; é ideal! A minha fantazia vôa já entre nuvens que lembram a cabeleira postiça, ridicula e empoada da minha avó, ou as nuvens dos charutos que não fumo, vendo lá em baixo um linguado estreito de agua espelhante, que na geografia dos pequenos se chama o mar da Mancha, e depois uma mancha castanha, com recortes de outras manchas escuras — os campos e as florestas, pequenissimos aglomerados de casas, minimos como celeiros de formigas, numa conformidade que só do alto, parece um plano relevo de invulgares proporções; a cabine que transporta dez pessoas, contando comigo, e as respectivas bagagens, é um corredor em chão oleadado, espelhos nos intervalos das grandes vidraças que defendem do frio, amplos «fauteuils» com mezinhas á frente. A' frente ou atraz—não consigo descobrir — ha qualquer coisa que ruge e sibila num barulho de engenho, mas não ha trepidação, e eu sinto-me bem, optimamente confortado nesta viagem aerea para Paris.

Mas, quando acordo, ainda no quarto do Waldorf, verifico com tristeza que a realidade difere apenas da minha vontade a modica quantia de 10 ou 12 libras.

Apeio-me do aeroplano da minha fantazia e compro em Vitoria Station uma primeira por Dieppe para Paris. Tenho pena de não voar, neste já banal meio de transporte que todos os dias em duas carreiras de ida e duas de volta une Londes (Croydon) com Paris (Buc). Já perdera a oportunidade de ir em 2 horas até Bruxelas, para atravessar os campos da guerra e agora é com pena que não faço a viajata aerea. Para tomar logar saio com uma hora de antecedencia e meto-me num taxi; triste idéa porque ia perdendo o comboio; quem quer andar depressa em Londres—ja o disse—tem de ir para baixo da terra. Ca por cima é um parar continuo de encontro a todas as costas de policias que mantêm a circulação, não havendo nada que nos valha.

Não volto pelo mesmo caminho, o infalivel Dover-Callais, porque transporto na minha bagagem intima a ancia de coisas novas e novas paisagens; dizem-me uns que é mais perto e mais curto o caminho por Newhaven—Dieppe, e egualmente a *South Eastern & Chatam Railway* faz esse reclamo nos seus cartazes; mas a travessia por mar leva 3 horas e por isso a maioria prefere Dover, onde o estreito de Callais, reduz a uma hora a passeata nautica,

Despeço-me de Londres com saudades. Afinal estive nesta terra original e grandiosa, 37 Libras pouco mais ou menos. Nem tinha tempo para mais; aprendi este sistema de contar o tempo com um compatriota cuja bitola era o preço que gastava:

—Então tenciona demorar-se?

—Uns 800 francos.

—E hotel? E' bom esse onde está.

—20 francos; gorgetas proibidas!

—E sua filha está muito crescida?

—3 metros e quarenta de fazenda e 15 escudos á professora de piano.

Não é preciso dizer mais. Tem a M.elle 15 anos.

Pois tambem eu terminei as minhas ferias em Londres onde me demorei 37 libras, num belo hotel, comendo em bons restaurantes, indo todas as noites a teatros, correndo de carros a meter o nariz em tudo que se mostra ao estrangeiro. Custou-me esta brincadeira 14 dias da minha vida.

*

Um silvo e ála. Velocidade que satisfaz; montanhas cinzentas, o mar por fim. Brighton, uma praia elegante que merece a visita, fica para a direita, e tomando um desvio em Lewes, estamos em Newhaven. O comboio pára ao lado quasi do vapor; entrega dos cartões de identidade devidamente preenchidos, e ahi estou de novo na coberta dum barco de canos amarelos, fumegando já, esticando as amarras, pelo balouçar alto do mar que já não tem a calmaria da trasvessia de Ostende a Dover.

O Newhaven leva já poucos inglezes; é curioso como as fronteiras dum paiz fazem esta filtragem de populações em curtos espaços de terreno e tempo; agora, a dois passos da costa ingleza são já raros os inglezes.

Gente bretã que mora aqui defronte, parisienses que regressam, alguns «touristes»—raros porque isto de viajar é agora grande luxo—as moedas francezas vão reaparecendo, isto é o papelinho seboso, variavel de municipio para municipio, que hoje substitue a generosa familia dos «sous».

São tres horas duma travessia ainda em mar não muito bravo, ao fim das quaes a costa franceza aparece, olhando-nos os faroes, as grandes torres vigilantes. O porto é muito curioso, ninguem dirá cá de fora a amplitude interior. Abordamos ao caes, onde somos recebidos pelo «Je sais tout, a lectures, La rampo,» uns quinze «magazines» que caracterizam a França superflua e literaria e a representam em todo o mundo. «Diepe» vista do comboio não tem interesse de maior; a linha ferrea passa na rua, pedregosa e mal tratada como uma rua da nossa baixa.

Carrocitas com cães, alguns provincianos de mãos nas algibeiras olhando o comboio, casas baixas, pobres, barcos nos canaes, um casino sobre a praia de banhos. Depois o campo, o campo francez, semelhante ao nosso, bois lavrando, alguns, raros, tipos de bretões nos seus trajes, mas na maioria vestidos... á paisana. Os tipos caracteristicos vão sendo absorvidos pelas civilisações, e já no Japão ha mangas de alpaca e figurinos bebidos no «Printemp»... ao domicilio.

Escurece; nuvens densas prometem chuva. Quando me aproximo de Paris, aos arredores, o comboio demora-se, e o «controleur» explica que é por causa nos choques e descarrilamentos que teem havido; o homenzinho parece inquieto e não garante a nossa segurança iudividual; os desastres teem-se sucedido e ninguem sabe explicar a que se devem verdadeiramente esses descarrilamentos sempre eminentes nas linhas francezas; se fosse em Italia, se fosse na Inglaterra... Mas a França é ainda a nação que está aguentando a Europa Ocidental.

Paris sob a chuva, de saias pelo joelho e oleados lustrosos sobre as eguas dos «taxis», esparrinhando agua de sob as rodas dos automoveis que fogem vertiginosamente, Paris de pernas elegantes em bicos de pés fugindo da lama, é ainda a cidade atrativa, a vila prazer, que respira este ar pecaminoso, impregnado de desejos, de cobiças, de pequenas vaidades; cafés e restaurants duvidosos, vermelhos reflexos na agua, casaes que entram fugitivos, e o arrepio sensual de Paris á volta com os meus nervos meridionaes. O que vale é que a viagem foi longa, e a Madame Pa yriés me acolhe risonha, mais os seus 60 hospedes, bulhentos e expansivos —espanhoes e luzitanos—e nos garante uma fôfa cama.

O dia seguinte passo-o em compras. Vou ao «Comptoir» levantar capitaes. Boa gente, a começar por estes porteiros condecorados, até aos empregados delicados, cortezes... francezes; pagaram-me sem que tivessem ainda recebido nota do Banco de Portugal, o que me fez espantar, e até tremer, mas que o simpatico «monsieur» explica complacente lembrando:

—Peut etre une revolution.

Eles lá nos sabem a mania. Fui a correr despedir-me da Venus de Milo, e subi a Montmartre; autentica romaria na «butte sacrée». O que aqui vae de gente a trepar até á basilica de «Sacré coeur», um torrão de açucar sobre um pão negro. O que me atrae até ao cimo, á cupula é a «vista» e não o religiosismo muito combalido em mim. A ancia de ver todos por baixo, o desejo de abranger com os olhos, gentes e terras, é aqui satisfeito a cada passo. Por toda a parte em Paris ha panorama a disfrutar, de cupulas e zimborios, de torres e arcos, sempre diferentes e sempre eguaes no seu todo cinzento, adormecido, acachapado. O sino grande «La savoyarde» não me apanha nem um centimo, nem o «crypta» porque para ver um grande sino ou para sentir a humidade dumas fundações, não seria necessario vir tão longe.

O resto da tarde passo-a no Louvre, nos «magazins», nesta babilonia imensa de artigos que é a terra prometida, a cidade encantada de todas as boas donas de casa. Como é diferente porém a forma de vender destas raparigas, todas com elegancia, com espirito, sabendo insinuar-se ao freguez, irresistiveis á compra, da forma aspera e seca dos empregados inglezes. Convencem-nos com uma tal sem cerimonia que eu ia jurar ter acreditado que uma saida ao teatro me fica a matar, e um chapeu com aigrete é o melhor para o meu tipo louro. Para não entrar em despezas, fujo, vagueio pelas inumeras dependencias, vejo imensa gente a roubar... A roubar, sim meu amigo; eu vi, nesse fervilhar de gente, nesse movimento epilético da multidão, que mexe, escolhe, apalpa, pergunta, gente que escondia coisas, retalhos que se escamoteiam, regalos que são sorvedouros, capas de borracha que são capas de ladrões, apezar duma legião de olhos vigias, mãos que guardam, fiscaes disfarçados correndo, acudindo, protegendo. Mas qual; é um vortice este surripiar de pequenos artigos que já Zola no «Paraizo das Damas» descreve; e é tão facil de ver, mas afinal ninguem vê...

Desta vez, é verdade, vou deixar Paris, e com saudades tambem. Deito contas aos fundos e resolvo-me a tomar o P. L. M. para Genéve; o comboio parte ás 9 da noite, e sigo entalado entre duas raparigas novas que se apossaram da janela, e um negociante de Nice que veio a Paris fazer fornecimentos.

E' possivel que a paisagem da França, até a fronteira da Suissa, seja bela; eu acho que está escuro como breu, mas prefiro deixar de ver a paisagem, a perder um dia no trajecto.

A's 7 horas da manhã ouvi da banda duns montes altos, tão altos que quasi chegavam ás nuvens, como que um côro unisono de

—Pst... pst,

Era a Suiça, aflicta, plethorica a chamar o *touriste* economico que lhe passa á porta, mas não se atreve a entrar com medo de sair de lá esfolado.

Armando Ferreira.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Hoje, ultima sessão da temporada parlamentar de 1919-1920, responderam á chamada regimental 20 deputados.

Na presidencia, o sr. Abilio Marçal.

Leem-se a acta e o expediente.

A's 15,20, estando 46 parlamentares, abre-se a inscrição para antes da ordem do dia.

O sr. Eduardo de Sousa pergunta se o governo se apresenta hoje no Parlamento. Em caso negativo, deseja saber se o sr. ministro das finanças, antigo ou actual, vem apresentar alguma proposta sobre deodecimos, visto acabar hoje o praso dos que foram autorisados.

O sr. presidente declara estar na mesa um oficio, acompanhando uma nova proposta de novo duodecimo e em que se pede que este seja votado.

O sr. João Aguas trata dos interesses do Algarve, especialmente de Faro, enviando para a mesa trez projectos de lei, para os quais requer urgencia.

O sr. Antonio Mantas requer dispensa do regimento para o seu projecto, que garante aos mutilados da guerra a preferencia de colocação nos serviços, publicos a cargo do Estado ou dos municipios. O orador requerera hontem a urgencia.

Lido o oficio do sr. ministro das finanças acêrca dos duodecimos, vota-se a urgencia e dispensa do regimento, sendo aprovado o do mez de dezembro.

No Senado

Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Dias Pereira, tendo respondido á chamada 25 senadores. Acta e expediente com as formalidades do estilo.

O sr. Herculano Galhardo requer urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei autorisando o governo a modificar a tabela do registo predial.

O sr. Constancio de Oliveira tambem requer urgencia e dispensa do regimento para a imediata discussão do projecto criando uma assembléa eleitoral no Dáfundo.

Concedidas as urgencias e aprovados os projectos sem discussão.

Seguidamente o sr. presidente interrompe a sessão até á chegada da proposta autorisando mais 1 duodecimo para satisfazer os encargos do tesouro publico.

Recomeçados os trabalhos, foram aprovados diversos projectos, assim como a proposta de lei autorisando um duodecimo para o mez de dezembro.

Por ser dia de feriado nacional, não se publica amanhã "A Capital", estando fechados os nossos escritorios.

Jornalistas parlamentares

Um almoço de homenagem aos presidentes das duas camaras

Os jornalistas que trabalham nas duas casas do Parlamento oferecem no proximo sabado, no bufete do Congresso, um almoço aos presidentes das duas Camaras por ter terminado uma sessão legislativa e como homenagem de reconhecimento pelas atenções dos mesmos recebidas. O almoço será presidido pelo sr. general Correia Barreto, presidente do Senado, que será ladeado pelos srs. dr. Abilio Marçal e dr. Mesquita de Carvalho, presidente e vice-presidente da Camara dos Deputados, em exercicio.

Inscreveram-se já, além dos jornalistas parlamentares, os seguintes senadores e deputados: dr. Antonio Granjo, dr. Eduardo de Sousa, José de Almeida, Carvalho Mourão, Francisco José Pereira, Marcos Leitão, Antonio Mantas, Jaime Coelho, Tavares de Carvalho, dr. João Gonçalves, Antonio José Pereira, Jorge Nunes, dr. Costa Junior, cap. Plinio Silva, Custodio de Paiva, dr. Sampaio Maia, Julio Cruz, Bartolomeu Severino, Domingos Cruz, dr. João Camoezas, dr. Ramos Pereira, Herculano Galhardo, Ernesto Navarro, Alvares Cabral, Melo Barreto.

A inscrição continua aberta no bufete do Congresso.

Arbitrariedades

Foi hontem mais uma vez ilegal e arbitrariamente apreendida a «Monarquia».

Malas postaes

São amanhã expedidas malas postaes pelo «Ardeola» para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, e pelo «Canadá» para os Açores e New York, sendo as ultimas tiragens da caixa geral, respectivamente ás 9 e 11 horas.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO S. LUIZ—A Leiteira d'Entre-Arroios, *opereta original de Penha Coutinho, inspirada num conto de Julio Diniz, musica do maestro Filipe Duarte*

A critica das criticas

E' ainda unanime a opinião da critica, essa coisa «desacreditada»... por autores e emprezarios que não conseguem que alguns jornalistas digam por palavras suas aquilo que depois aparece pago a um tanto a linha.

Sobre a peça ha, como sempre, os tolerantes e os azêdos: os primeiros deixando ler nas entrelinhas, os segundos apontando claramente os erros e defeitos.

Eduardo de Noronha, acha tudo bom, sempre bom, mesmo muito bom, porque lembra o seculo... de Farrobo.

O mesmo senhor diz:

«Desde a morte de Ciriaco Cardoso, que não se tornou a ouvir uma opereta portugueza, nestas condições e com este agrado. Filipe Duarte, que conta no seu reportorio composições de merito, pode acarinhar esta como a sua obra prima.»

«Les morts vont vite», como o outro que diz; o «Fado», o «Chico das Pôgas»... Mas, o sr. Eduardo Noronha lá sabe.

Sobre a peça acham maravilhosamente adaptada, a «Epoca», porque diz rescender á gente bôa de 1855, e a «Batalha» que assim se expressa:

«O tema foi bem aproveitado pelo autor, que conservou em todo o seu trabalho o leve fio de sentimentalidade que o novelista imprimiu a todas as suas obras. A meu ver, porém, alguns cortes deveriam ser feitos, sobretudo no 2.º acto, grande em demasia»

E' certo que o sr. Antero de Lima, confessa mais adeante que não está disposto neste dia a dizer coisas desagradaveis.

Mas, Acacio de Paiva no «Seculo» diz «apezar das incoerencias que a critica lhe notará» o Avelino d'Almeida aponta o fenomeno:

«O morgadinho de Entre-Arroios, em vez de seguir para o estrangeiro, vae para Coimbra, que é mais perto e mais acessivel a visitas, se bem que não possamos explicar-nos satisfatoriamente porque aparecem num baile de mascaras, que em certo domingo magro se realiza na cidade universitaria, o abade, o medico e o doutor em direito, encaraçados, o primeiro de Sancho Pança, o segundo de João Tenorio e o terceiro de D. Quixote, e todos trez com um «grão na aza», em dada altura».

Mais certeiro ainda Oortiz na Patria:

«Assim é que, passando-se a acção do primeiro e do terceiro actos em Entre-Arroios, «a meio caminho do Porto a Braga», porque não foram respeitadas as rubricas do conto? Que trajes vestem os homens e as mulheres (umas descalças e outras de meias brancas) no primeiro acto?

Porque falam como alfacinhas da Baixa? Porque aparecem algumas figurantes de cabelos caidos em tranças, e de lenços atados na cabeça, á laia de turbantes? Porque razão aparece Auzenda vestida de vianeza e as restantes vestindo não sei que exotico traje? E a indumentaria masculina? Quem diria que aqueles homens eram minhotos no falar e no vestir?

Qual o motivo porque Paulina (no conto a «leiteirinha de Cascaes») não aparece vestida segundo a rubrica, de saia de pano de preto, colete de festão azul escuro, lenço escarlate na cabeça e cruzado sôbre o peito, em vez daquele incaracteristico traje do primeiro acto, meio cigano, meio minhoto carnavalesco?

E os justilhos de veludilho de Tomás e Tulio, no primeiro acto, evocando a silhueta burlesca dos mercarendas e amoladores de tesouras?

O terceiro acto, longo, enfadonho e inferior como tecnica, é um enxerto infeliz».

No que—o calado é o melhor—Roldão coopera com as suas reticencias:

«Sobre o valor teatral da obra... o publico aplaudiu e se aplaudiu foi porque gostou».

Gustavo Sequeira disfarça habilmente o enfado com esta frase na «Manhã».

«Os dois primeiros actos são demasiadamente longos. Com alguns cortes de bom aviso tem a empreza do antigo Republica uma boa peça de cartaz, a avaliar pelo agrado da sua estreia.»

E Vasco Falcão na «Monarquia» põe neste pé o arranjo teatral:

«O segundo, do sr. Penha Coutinho, é explendido... como acto de revista... Como tal poder-se-ía intitular o «Salsifró da menina Pires»... uma menina que aparece com azas de morcego e um tanto malcreadinha.» Ha um monologo, «O que sim e o que não», dito por Henrique Alves, ha o terceto dos «tres ratas», uns fadinhos, varias piadas do genero daquela ao Antonio Zé... da Silva, etc., etc., etc...

«O terceiro volta ao conto mas é de tal forma arquitetado que se não fossem os numeros de canto tornar-se-ía uma autentica estopada! »

Sobre a muzica todos são unanimes no louvor, bem como no desempenho; para Ausenda aplausos com ligeiras restriçõ s, para Sales aplausos á voz e adjectivos mal soantes para a forma de dizer e de representar. Sofia Santos fez o que poude (opinião geral) e

«Correia, Sebastião Ribeiro e Viana fizeram tres figuras caricatas, como Penha Coutinho as imaginou e Julio Diniz as não pensou».

Diz o «Seculo» da manhã, com propriedade.

De boa boca e com adjectivos já muito em 2.ª mão o nosso prezadissimo colega a «Epoca»; é o que se chama uma tombola onde tudo tem premio:

«Ausenda mais uma vez afirmou as suas qualidades de cantora e de actriz.

Sofia Santos foi muito bem.

Henrique Alves no papel de «D. Sebastião», representou impagavelmente.

O tenor Sales Ribeiro houve-se com galhardia.

Estreou-se nesta peça, o baritono Saraiva, que agradou plenamente».

Em resumo bom ou mau, tudo indica que para a empreza seja... uma «leiteira».

O Gato Preto.

Vida Sportiva

As corridas de domingo ultimo no Stadium

A empreza do Stadium procurou, por todas as formas, levar a efeito no ultimo domingo mais uma festa. Para tal contou com o valioso auxilio das duas edições do «Seculo» e com a boa vontade dos representantes de duas maquinas e seus corredores.

Não conseguiu, porem, o seu fim a empreza do Stadium, porque o publico, tendo apreciado Spears, Ellegard, Bussat, Fuentes etc., corredores de valor sem duvida, sabia bem que só a passagem do electrico era demasiado cara para tal espectaculo.

Dahi resultou a casa estar fraca, ouvirem-se protestos constantemente e ainda—isto é o peor—dar-se um desastre que podia ter consequencias funestas, embora tivessem ficado bastante feridos o corredor Dias Maia e um membro do juri. Quaes as causas do desastre?

Quanto a nós, diremos que a empreza é a principal responsavel, porque tendo chovido durante toda a semana, foi fazer uma corrida com uma motocicleta de grande força, sem que reparasse convenientemente a pista, tanto nas rectas como nos «relevés», que mais pareciam uma estrada. E' certo que foi uma «derrapage» que motivou o desastre, mas segundo informou o nosso colega do «Diario de Noticias» o corredor Dias Maia sofreu aquela «derrapage» porque as pedras eram enormes em virtude da pista estar completamente descarnada.

Quanto á organisação, foi má, demorando as corridas muito tempo, dumas para outras, talvez por falta de elementos para elaborarem programa convenientemente.

O corredor Manuel Neves, que, segundo a empreza declarou estar inscrito para o «match» com Dias Maia, não compareceu, apresentando um atestado de doença, sendo resolvido por isso, para passar o tempo e justificar o dinheiro que já estava na bilheteira da empreza, estabelecer um «record» qualquer, embora os representantes da maquina não concordassem em absoluto...

Quanto a ciclismo, apenas uma corrida se disputou com algum interesse; a final do campeonato de Portugal, em que ganhou Soares Junior.

Tambem se fizeram uma «nacional» e um «handicap», corridas que o publico viu por ver, visto que nenhum entusiasmo lhe despertaram.

Perguntamos agora á empreza do Stadium: Ainda pensa em realisar mais corridas sem melhorar a pista?

Se tentar fazer corridas tem corredores?

AUTOMOBILISMO

Um ataque ás provas de «Os Sports» e ao Automovel Club de Portugal

Ainda não compreendemos o fim que o redactor sportivo das duas edições do «Seculo» tem em vista ao atacar nas colunas daqueles dois diarios, mas principalmente na edição da noite, o jornal «Os Sports», sobre a organisação das provas automobilistas que este jornal ultimamente levou a efeito, e que sem duvida possivel decorreram muito bem, não se tendo registado protestos nem coisa alguma que justificasse tal campanha.

O Automovel Club tambem está sendo alvo de ataques, cremos que pelo facto de não organisar provas de automoveis.

E' isto que dois diarios que podiam beneficiar extraordinariamente o meio sportivo se ocupam...

A. de C.

Escoteiros de Portugal

No salão nobre da Cruzada das Mulheres Portuguezas, calçada dos Caetanos, 48, realisa-se amanhã, ás 20,30, uma sessão solene para comemorar a posse do primeiro conselho geral e o 8.º aniversario do 2.º grupo de Escoteiros de Portugal.

Ultima Hora

POLITICA

Modificações da ultima hora—Juramento e posse do novo ministerio

Teve ainda á ultima hora de sofrer uma ligeira modificação o governo da presidencia do tenente coronel sr. Liberato Pinto. Devido á recusa do general sr. Bernardo Faria e do tenente coronel sr. Freitas Soares a sobraçarem a pasta da guerra, o chefe do governo teve de fazer nova combinação com o sr. Alvaro de Castro, que fôra colocado na pasta das colonias. O «leader» dos reconstituintes transitou para a guerra sendo escolhido para as colonias o sr. dr. Pereira Gomes, filiado no Partido Republicano Portuguez.

O novo governo compareceu, conforme a praxe, a prestar compromisso de honra no palacio de Belem, nas mãos do chefe do Estado, com excepção do sr. Ministro da Instrucção, que ainda não chegou do Porto. Egualmente os ministros cessantes estiveram á tarde a apresentar as suas despedidas ao sr. Presidente da Republica e, findas que foram taes cerimonias, os membros do novo gabinete seguiram uns para as suas secretarias a tomarem posse das suas pastas dirigindo-se outros para o Ministerio do Interior.

A posse do presidente do novo governo estava marcada para as 15,30, mas só uma hora depois se procedeu á cerimonia, que teve uma concorrencia extraordinaria e como até hoje nunca sucedeu. A antiga sala do conselho do Estado estava literalmente apinhada, estendendo-se ainda a assistencia pelos gabinetes proximos, corredores e escadaria.

A oficialidade da Guarda Republicana, tendo á frente o seu comandante, o general sr. Pedroso de Lima, fez-se representar «au grand complet», o mesmo tendo feito o elemento oficial.

Pelas 16,30 o sr. Alvaro de Castro, dando a direita ao sr. Liberato Pinto, que era seguido por alguns membros do novo gabinete, dava entrada na sala, entre estridentes vivas á Patria e á Republica, correspondidos com calor e entusiasmo.

O sr. Alvaro de Castro iniciou então a usual serie de discursos, começando por afirmar que era com o maior prazer que fazia entrega das funcções de presidente do ministerio ao seu sucessor, o tenente coronel sr. Liberato Pinto e fazia-o com tanta mais satisfação quanto o nome daquele distinto e brioso oficial era garantia absoluta de que a Republica séria defendida com carinho e dedicação. A acção do novo presidente do governo, far-se-ha sentir na Republica Portugueza, orgulhando-se de ver em redor do novo chefe as mais altas figuras do regimen, tendo para ele, orador, um grande significado a forma como o governo foi constituido. Quando ultimamente recebeu das mãos do sr. dr. Antonio Granjo a presidencia do governo teve ocasião de afirmar que o governo que então se constituiu devia ser util á Republica, vendo agora confirmadas as suas palavras, com o gesto do novo presidente que escolheu o nervo principal do governo anterior, ou sejam os mesmos homens desse governo para darem alento ao gabinete que acabava de formar-se.

Termina o sr. Alvaro de Castro rendendo homenagem ao sr. Liberato Pinto e augurando-lhe mil felicidades no espinhoso cargo que lhe foi confiado

Seguiu-se o general sr. Pedroso de Lima que, em seu nome pessoal e no dos oficiaes da guarda republicana, felicita o sr. Liberato Pinto a quem o ligam laços da mais estreita amizade. Sente-se feliz e satisfeito por ver no governo republicanos sinceros e patriotas verdadeiros. Isso lhe basta para garantia de que a Republica seguirá na sua marcha sem mais dificuldades ou atrictos.

A G. N. R. não tem politica e como politica não tem, ela hoje como hontem se limitará a defender a ordem e o regimen. Estará, como sempre esteve, ao lado de todos os governos legalmente constituidos e, como agora assim sucede, não pode deixar de se sentir feliz por ver á frente do ministerio republicanos ardentes de fé e patriotismo.

Estrugem na sala novos vivas, sendo o chefe do Estado, alvo tambem de uma imponente manifestação de carinho.

O sr. Vasco Borges, em nome dos parlamentares dissidentes, egualmente sauda o novo gabinete que traz hasteada na sua bandeira o lema «Ordem e Trabalho». Está absolutamente certo que esse lema será traduzido em factos, tanto mais que o sr. Liberato Pinto é uma garantia de que tal programa se cumprirá.

N'isso tem absoluta confiança e, assim é, não pode deixar, portanto, de apresentar ao novo governo, em nome dos dissidentes, as suas saudações que traduzem o apoio d'aquelo agrupamento politico, fazendo os mais ardentes votos pelas prosperidades do novo gabinete, o sr. Magalhães Ferraz apoz o qual o sr. Liberato Pinto agradece as saudações com que o sr. Alvaro de Castro o distinguiu, julgando-as imerecidas e afirmando que, como soldado disciplinado, ali se encontra a pedido, que mais não foi que uma ordem, do sr. Presidente da Republica.

Para o desempenho do cargo espinhoso que lhe foi confiado, conta com a cooperação e ajuda leal dos seus colaboradores no gabinete, os quaes, sem a menor sombra de duvida, são bons republicanos e patriotas.

Sobre a orientação politica do novo gabinete o sr. Alvaro de Castro conhece-a bem, pois que ele orador concorda em absoluto com o programa do «leader» dos Reconstituintes. [illegible] entrar nesse governo por [illegible] mas hoje que [illegible] só tem a lamentar [illegible] os partidos [illegible] o novo governo. Conta seguir o caminho que o sr. Alvaro de Castro soube iniciar e está absolutamente crente que os novos que entraram para o gabinete, os do seu partido e os independentes, que são auxiliares valiosos o ajudarão com o seu apoio.

Poderá haver nos homens que formam o novo governo, divergencias de opiniões, formas de pensar diferentes, mas republicanos sinceros, como todos são, obra util se fará a favor da Patria. Queria ligar em redor do si todos aqueles que teem por lema «Patria e Republica» juntar todos no mesmo calor e entusiasmo, mas fica com a alegria de pensar em que todos são sinceros.

Alvaro de Castro tinha á sua volta bons, dedicados e leaes republicanos, outros veem, e todos colaborarão para o bem da sua Patria.

O sr. Liberato Pinto agradece depois ao general, sr. Pedroso de Lima, as suas boas palavras e recorda que tudo o que é, o deve áquele brioso oficial. A ele deve o inicio da sua carreira militar e isso nunca o pode esquecer. Pode pois a G. N. R. contar com ele, ficando crente que aquela corporação, sem partidarismo politico jamais auxiliará quaesquer manejos que não sejam unica e simplesmente manter a ordem.

Dirigindo-se ao sr. Vasco Borgos, manifesta tambem a sua consideração pelos homens que constituem o grupo dissidente, afirmando que é com satisfação que vê ao seu lado colaborando no governo o sr. dr. Domingos Pereira, pois que o seu auxilio será sem duvida um dos melhores.

Agradece ainda o orador ao sr. Magalhaes Ferraz as suas saudações que lhe trazem no actual momento uma grande satisfação.

Por ultimo fala o sr. Rego Chaves que, em nome dos reconstituintes, declara apoiar o novo ministerio, pondo em destaque a figura prestigiosa do seu presidente.

A cerimonia terminou com estridentes vivas a Patria e á Republica correspondidos com o mais extraordinario entusiasmo.

No ministerio da guerra

No gabinete do sr. ministro da guerra foi pelo sr. Liberato Pinto dada a posse ao sr. dr. Alvaro de Castro do cargo de ministro da guerra.

O sr. Presidente do Ministerio, ao dar a posse, dirigiu algumas palavras ao novo ministro, dizendo que era com muito prazer que entregava nas mãos do sr. Alvaro de Castro aquele alto cargo.

Sente-se satisfeito por ter conseguido ligar varias correntes de oposição em bem da Patria e da Republica.

O sr. Alvaro de Castro agradece as palavras do sr. presidente do ministerio, dizendo que não aceitava aquele cargo por sacrificio porque não é sacrificio defender a Republica.

Conta com o auxilio de todos os que dentro daquele ministerio prestam serviços.

No ministerio das finanças

O sr. Liberato Pinto deu tambem posse do cargo do ministro das finanças ao sr. Cunha Leal, pronunciando palavras de louvor á acção do titular da pasta o qual agradeceu, enaltecendo as qualidades que ornam o sr. presidente d ministerio.

Assistiram á posse como representantes da Associação Comercial os srs. Albert Macieira e Mario de Carvalho.

Outras noticias

Alguem estranhou a falta dos «leaders» dos varios partidos na posse do novo ministerio.

Não ha motivo para estranhezas porque tal facto foi bem explicado por um dos oradores o sr. Rego Chaves: Os «leaders» não podiam hoje abandonar o parlamento onde se discutiu, conforme referimos em outro logar, a questão dos duodecimos.

Os srs. dr. Alvaro de Castro, Jaime de Sousa e José Maria Alvares, despediram-se respectivamente dos funcionarios dos ministerios do interior, colonias e agricultura.

Incendio em Alfama

Creança salva por populares

Hoje de manhã, pelas 8 horas, desenvolveu-se incendio com violencia no 1.º andar do predio n.º 21, porta F., da rua Guilherme Braga, em Alfama, residencia da vendedeira de «fava rica» Castanheira Dias, que ali habitava com seu marido, Antonio Dias Lobo, e uma filha de 9 anos de nome Alice.

O fogo começou na cosinha, atribuindo-se as causas a descuido da Castanheira que antes de ir para a venda, estivéra na chaminé fazendo a cosedura de favas.

Quando se deu pelo sinistro, já todo o andar estava envolvido em chamas, tendo sido devido á intervenção de populares que a pequena Alice conseguiu salvar-se, para o que um dos mais corajosos se dispoz a entrar na casa incendiada, trazendo a Alice para a rua e entregando-a a uma visinha.

No mesmo andar viviam em comum, varias familias, que ainda tiveram tempo para salvar todos os seus haveres.

No local compareceram os bombeiros, extinguindo o fogo com o emprego de uma agulheta.

Os prejuizos são e importantes cobertos pela companhia A Nacional.

Noticias da Capital

A série diaria.—Queixaram-se á policia: Manoel Pinto, empregado nos armazens da Sociedade Agricola da Granda, de que no largo 20 de Abril, foi assaltado por um desconhecido, que lhe furtou uma corrente e medalha de ouro no valor de 200 escudos; Manoel Martins da Silva, quinta do Tintim, aos Olivaes, de que os gatunos entraram ali, onde cortaram e furtaram oliveiras no valor de 200 escudos.

—Foram prezas: Inez Paixão Vilas Boas, rua Marquez de Ponte de Lima, 38, 3.º, por ter furtado roupas e outros objectos no valor de 1:000 escudos a Maria da Encarnação Fernandes, Costa do Castelo, 6, e Maria Josefa, sem residencia, por ter subtraido grande quantidade de objectos, cujo valor se ignora, a José Maria Vitorino, rua da Vinha, 75.

Serviço telegrafico da tarde

ROMA, 27.—Comunicam de Berlim que o partido socialista maioritario continua a trabalhar na organisação de uma nova internacional contando já com a adesão da importancia individualidades dos partidos socialistas estrangeiros, entre os quaes os srs. Longuet, Vandorveld, Huismens e Henderson.—(Havas).

PARIS, 30.—Regressou de Londres o chefe do governo sr. Leygues que vem excelentemente impressionada com o resultado das duas conferencias.—(Havas).

PARIS, 27|11.—O jornal «Homme Libre» assinala a extraordinaria importancia da proxima chegada á Europa do sr. Mac Cormick enviado do novo presidente dos Estados Unidos sr. Harding que vem encarregado de recolher junto dos diferentes governos as impressões com que seriam acolhidas algumas modificações no estatuto da Liga das Nações que permitissem a adesão dos Estados Unidos a essa Liga.—(Havas).

ATENAS, 29. — Chegou ao Pireu o cruzador couraçado «Waldeck Rousseau» que arvora o pavilhão de almirante.—*(Havas)*.

TURIN, 28.—Faleceu nesta cidade o sr. Bertolini, representante da Italia na comissão das reparações.—*(Havas)*.

Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

Concurso para admissão de dactilografas de 2.ª classe

AVISO

As candidatas abaixo indicadas deverão apresentar-se na séde da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em Lisboa, Rua do S. Mamede ao Caldas, 63, pelas 12 horas dos dias 6, 7 e 8 de Dezembro p. futuro, segundo os turnos adeante mencionados, afim de serem submetidas á inspecção médica dos mesmos Caminhos de Ferro, caso provem satisfazer ás restantes condições de admissão:

1.º Turno: — Elisa Pontes Santana, Cecilia Pestana Correia, Elvira Caldas, Luiza Ramos da Veiga, Rosa de Sousa, Julia Miranda, Lucilia de Figueiredo, Ester da Purificação Neves Machado de Moraes Trindade, Adosinda Loreti Vieira da Silva, Maria Berta Milne da Costa, Alice da Fonseca, Ana Rosa da Silva Andrade, Bebiana da Conceição Fereira e Elisa Alves Mota.

2.º Turno: — Emilia Elisabeth de Moraes Rego, Fernanda Honoria da Purificação Machado Trindade, Isabel Noio, Maria da Mata Catita, Tereza Mendes Correia, Julia Maria Rodrigues Pinho, Sara Rosa Barata, Virginia Rosa Barata, Werburges Alice Pessoa Nunes, Beatriz Ramos, Ermelinda Maria Bravo, Esperança da Conceição de Mendonça, Romana da Cruz Moreira Salsa e Alda Ramos Guerreiro.

3.º Turno:—Silvia Aurelia Ferreira da Silva Chaby, Julieta Adelaide Novais, Berta Margarida Bravo Rodrigues, Irene Colmeiro, Guilhermina Fragoso Pais, Rosa Gomes de Sousa Leite, Zulmira dos Anjos, Zulmira Nunes Fernandes, Izaura da Conceição Paulo, Joana da Conceição Silva, Teodora de Oliveira e Maria Lopes d'Azevedo.

As candidatas aprovadas na inspecção médica terão de comparecer novamente nos dias 9, 10, 11, 13, 14 e 15 pelas 11 horas, afim de, nos primeiros trez dias, e segundo indicado pelos mesmos turnos, prestarem provas escritas e nos trez ultimos, provas oraes de habilitação ao logar a que se propõem.

O programa das provas escritas e oraes encontra-se patente na séde da Direcção

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste aos 26 de Novembro de 1920.

O Chefe de Serviço de Secretaria
Vasco Lupi

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quinta-feira, 2 de Dezembro, ás 13 horas, no terreno da Exploração do Porto de Lisboa, junto ao deposito do Arsenal de Marinha, em Alcantara, proceder-se-ha á venda, por conta e risco de quem pertencer, de 4:000 toneladas de carvão de pedra com avaria, carga do vapor americano «Sueloo».

O carvão é vendido em lotes de 50 toneladas.

Alfandega de Lisboa, 26 de Novembro de 1920

O escrivão
Alfredo Marcelino de Almeida

Instrução militar preparatoria

Sociedade n.º 5—Reuniu extraordinariamente em sessão conjunta a direção e conselho tecnico desta corporação, sob a presidencia do coronel sr. Apolinario Chagas, secretariado pelo sr. João Ferreira Lemos, afim de se assentar na melhor forma de distribuição de cargos aos directores civis e militares, da seguinte forma:

Corpo de alunos, 1.ª companhia, comandante, alferes sr. Henrique Antonio Prazeres; 2.ª companhia, comandante, tenente sr. Francisco Elias; inspeção medica e serviço de saude, dr. Raul Camacho, capitão medico; secção administrativa: comissão de propaganda, presidente, Pedro Peixoto, secretario, Manuel Alves Casquilho, tesoureiro, Luiz Baldaque.

Foi resolvido tambem comemorar, segundo o costume dos anos anteriores, a historica data da Restauração de Portugal, hasteando ás 8 horas do dia 1.º de Dezembro, a bandeira nacional com as honras do estilo; ás 14 horas, a direção e conselho tecnico cumprimentarão a comissão central 1.º de Dezembro de 1640, no seu palacio do largo de S. Domingos; ás 18 horas, arrear da bandeira com as mesmas honras.

A direcção convida todos os srs. oficiaes e sargentos instructores a comparecerem a estes actos, assim como todos os alistados.

Concertos Blanch

O 2.º concerto de assinatura da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz, pelo seu extraordinario programa deve ser ainda um maior sucesso artistico do que o anterior. Pela 1.ª vez executa-se o celebre poema sinfonico «Don Guan», a mais notoria obra do grande compositor Ricardo Strauss, que ha muito havia o maior interesse em ouvir em Lisboa. Bastava este famoso numero do programa para o teatro se encher por completo e este concerto ficar memoravel, mas executar-se-há ainda a bela «Sinfonica Imcompleta», de Schbuert. «Os Proludios», poema sinfonico de Liszt; «En la Alhanbra» e «Polo Gitatano», das «scenas Andaluzas» de Tomás Breton, de «Parsifal, os «Encantos» da sexta feira santa», a ouverture do «Tannhauser» de Wagner e outras obras.

O cartaz de hoje

São Luiz, ás 21, «A Leiteira de Entre-Arroios».
Nacional, ás 21,30, «Leonarda».
Trindade, ás 21, «A Severa».
Ginasio, ás 21,15, «Os irmãos unidos».
Avenida, ás 21,15, «Amigo do seu amigo.»
Politeama, ás 21, «Grande amor».
Apolo, ás 21,15, «Risos e flores».
Eden, ás 21, «Chá e Torradas».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Companhia de circo, ginastica, acrobatica e comica.

ANIMATOGRAFOS

SALÃO FOZ (Calçada da Gloria).
CENTRAL (Avenida da Liberdade).
OLYMPIA (Rua dos Condes).
CINEMA CONDES (Rua dos Condes).
CHIADO TERRASSE Rua A. M. Cardoso).
SALÃO IDEAL (Rua do Loreto).